Rido Satis

Victor Mota

bubok
EDITORIAL

Ratio Satis

Consider-ações Milimétricas da Vontade

Victor Mota

Ao meu pai

Razão pela Razão

Aventuras do Conceito

ÍNDICE

Enxada Rasa: O Mito Socrático do Campo enquanto metodologia legitimadora de uma retórica parcial social ---------- 5

A Escrita e a Vida Social enquanto teoria metafísica: ensaio de uma afirmação definitiva da relação entre teoria e práxis, senso-comum popular social e saber académico ---------- 13

O SIGNO SIMBÓLICO e ECONOMIA CINÉTICA: LIBERTAÇÃO MORAL, PATHOS OU ESCRAVIDÃO METAFÍSICA? ---------- **23**

Entre Eros e Calíope: o Sujeito e a Razão enquanto poiesia, nos termos de uma eroti*cidade* das ilações ---------- 31

O Oráculo de Gutenberg: Teoria, prática discursiva, escrita e oralidade ----------40

Mindfullness no Retorno a Si: recomposição do sujeito ante a re-conciliação face ao Mundo ---------- 50

A DOCE CRUELDADE DO SORTILÉGIO HUMANO: QUANDO A VIDA SE PERDE E SE TRANSFORMA, ENTRE *DASEIN*, VÃO E VANIDADE DO QUE PODE SER RECUPERADO - ----------60

O QUE DEVE O HOMEM QUE PERDE A ESPERANÇA: MARCUSE, CAMUS, SARTRE E OS BIJAGÓS ---------- **72**

FILOSOFIA DA COMUNICAÇÃO EM QUE SENTIDO? POLÉMICAS SEMIOLÓGICAS NOS TERMOS DA CATARSE DO ESPAÇO PÚBLICO NO CONTEXTO DO ESTADO-NAÇÃO ---------- 84

CLAUSURA E CONTRATO SOCIAL:

De Como Nunca se Está Só ---------- *99*

Além do Corpo na Ciência: uma teoria social cristã -- ---116

O TEMPO TELEPORTADO:

IDENTIDADE VIRTUAL, FICCIONAL E REAL ----------129

O Esquecimento de Nietzsche: entre o Nada

e um objeto virtual ---------- 141

Do Sublime:

Experiências liminais e post-mortem ---------- 159

O Medo Cerimonial ---------- 169

O SIGNO SIMBÓLICO e ECONOMIA CINÉTICA: LIBERTAÇÃO MORAL, PATHOS OU ESCRAVIDÃO METAFÍSICA? ---------- 174

SÍNDROME NIHILISTA: É O SENTIDO DA PERFEIÇÃO

QUE FAZ O ARTISTA SOFRER? ----------183

ENXADA RASA:
O MITO SOCRÁTICO DO CAMPO
ENQUANTO METODOLOGIA LEGITIMADORA DE UMA
RETÓRICA PARCIAL SOCIAL

Teoria dos Campos Reflexivos

Poderemos fazer equivaler o adágio da *tabula rasa* socrática ao mito do trabalho de campo em antropologia, em etnografia?

O antropólogo procura no campo a comprovação da teoria, mas também a sua construção, procurando também uma sociedade além da sua, que passará em breve, caso ame a sua profissão, a ser o seu povo, a sua sociedade, o seu grupo de eleição, de adoção, digamos. Para o filósofo a tabula rasa pode ser a sua mente, mas também a sua herança, o seu coração, ou seja, ele não só quer deixar de Ser o Si-Mesmo em excesso, como faz do mundo a sua tela. O que de mais filosófico encontrei no meu curso de Antropologia Social foi algo que se denominava como "antropologia reflexiva". Fiquei atónito ao aprofundá-la, pois nada me dizia do que era a antropologia, não só a social, e o que era a filosofia. Assim, enquanto me parecia que esta era demasiado cerebral, centrada no sujeito (pensante, cartesiano), aquela era demasiado marxista, demasiado atreita ao Outro que não Eu. Malinowski, aos 42 anos, fundava o trabalho de campo etnográfico com o intuito de implementar uma visão laboratorial não só sobre a natureza humana, no contexto da afirmação académica da antropologia social, depois da sociologia de Comte e Durkheim, mas também afirmava que a filosofia se desencadeou como ciência através

dessa mesma antropologia, em primeiro lugar (pela física e quântica) e, depois, de uma antropologia social, elidindo a questão do porquê filosófico, da interrogação e fazendo da filosofia uma ciência. Aliás, no campo etnográfico (no trabalho dele mesmo ante o sujeito "culturalmente superior", colonizado) o que mais surgem são perguntas e, tirando à literatura um certo mérito do arfar do conhecimento, o grupo dá a ideia de como funciona uma parte da humanidade, da natureza humana, nela contida. A questão que vem imediatamente a seguir é: o que é a antropocena? Ela pode ser individual, logo freudiana, ou pode ser coletiva? Ou seja, o sujeito pode gerar a partir de si uma antropocena que faça reviver eventos i-memoriais, provavelmente da sua relação com Deus e os outros, os seus diversos alter-egos (Fernando Pessoa, na literatura e filosofia) ou a antropocena será imediatamente mortal para esse sujeito que gosta de viver só, no seu casulo, no seu saber hermético e hermenêutico? Não temos todos nós um pedaço de natureza humana, como diria António de Lisboa e Francisco de Assis? Portanto, o que distingue o homem dos outros seres? Não poderá ser a racionalidade, mas será certamente a representação, o lucro imediato ante si mesmo e o outro, a necessidade de se "desenrascar" ante a dificuldade. Então, a antropocena poderá ser algo de obsceno, diria, pornográfico? Se elidirmos esta hipótese, que quase nos atrai obsessivamente, num jogo de espelhos do Eu consigo mesmo e ante a probabilidade de "fazer sexo", teremos tudo o que não é obsceno, sem ser obrigatoriamente "puro", sagrado. Aqui entramos na relação entre profano e sagrado.

Elisões I-Mediatas e Imediatizadas

Então, poderemos interrogar-nos, como evolui o pensamento (Bergson)? Haverá algo nele contido que seja equivalente a um espermatozóide? Mas a mulher também tem vida, só que tem ovários! Portanto, o que define a vida? O que é a vida? Há outra vida para além ou para aquém do humano, ou seja, estamos sós no Universo? Só porque os outros não desenvolveram linguagem não quer dizer que não possam, um dia, ou uma noite, substituir-nos na dominância da antropocena "mundial"!...

Assim, tenho estudado a patologia psiquiátrica do Transtorno Obsessivo-Compulsivo e noto que a mente, nessa operação que ocorre várias vezes ao dia e mesmo durante o sono, mesmo quando a mente deve estar supostamente liberta, ou seja, em plena antropocena, há como que um varrimento equivalente ao processo filosófico da **tabula rasa**, ou seja, o sujeito sabe mas elide que sabe e torna a saber, repetidamente, reiterando a sua *non-sagesse* ou douta ignorância (F. Assis), o pensamento débil de Vattimo .... Assim, a mediatização do mundo concorre para a complexificação deste quadro e, por vezes, para o adensamento das perspetivas do sujeito ante o mundo, a consciência de Si, dos Outros, da própria relação com o divino. Mas, se o sujeito gera um tal esforço, que dispende aleatoriamente ao longo do dia, porque precisa de deus? Se a sua sabedoria é tanta e tão comprimida, porque precisa ele de uma outra identidade na sua vida, no seu quotidiano, na sua antropocena? Mistério dos mistérios que só a poesia, pela sua visão brandamente disruptiva, poderia explicar... No fundo, planteamos a mesma questão do universo anti-planetário da ***sagesse,*** ou seja, o sábio no seu canto (Maldoror), no seu cantinho, como se extraísse dessa ótica vesga um grito de humanidade, mesmo quando tem fome e precisa do Outro. Assim sendo,

podemos interrogar-nos do seguinte: o que é o facto em Filosofia? Poderá reiterar-se um discurso filosófico na pós-modernidade, no pós-humanismo, na análise da antropocena, sem ter em conta o facto e nomeadamente o facto social segundo Durkheim? Não será a filosofia, na sua *sagesse* de *non-sapere*, na sua vagueza, qualquer coisa que é já do domínio *campal* da metafísica? Não mostra este fenómeno do COVID-19 qualquer coisa que está além, o de quanto somos mimados enquanto povo, fazendo todas as loucuras possível, numa fuga para a frente e depois fazendo sinais de contrição quase patéticos? Sim, como povo ainda não estamos adultos, apesar da nossa história e digo isto enquanto antropólogo da filosofia, sem depreciar pessoas e bens. E não desenvolvo este aspeto, esta observação, porque muitos tentaram definir o que é ser-se português e ainda ninguém, nem José Gil, conseguiu definir, porque este autor está bastante fora do discurso da antropologia social...

3. O CONTATO OCULAR COMO SEGREDO METAFISICAL: O DESTINO DO HOMEM ENQUANTO ESTRUTURA E ROUPAGEM GEOMÉTRICA CÓSMICA

A esse propósito deveríamos procurar saber se a filosofia é especulação ou apenas reflexão, da do que não impõe nomes e datas, nesse sentido perguntar-nos-íamos se a especulação filosófica faz "deslocar" ou "descolar" o sujeito (pensante, enquanto actor social), do seu sentido do real, quando o real não se sabe bem o que será, talvez apenas os laços entre mentes, as mentes circunstanciais, ora falando do passo na Guerra de África ora dos tempos do *b atîment* em França... Então porque não criar um mecanismo mental que seja uma **tabula rasa** que progride, em vez de recuar? Porque estamos sempre apagando as imagens, que José Gil chama de ***pequenas percepções***, mesmo que não tenhamos um quadro de referência como uma obra de arte, porque

não tentar uma outra estratégia, ou seja, admitir a percepção, as percepções que não são “logolizadas” e andar adiante? Não fomos Descobridores, como o espanhóis e os franceses?

Quando o filósofo afirma tudo é Ser (no sentido de movimento), nós dizemos Ser o Quê? -no sentido do parecer. Ser, Estar, Parecer, pertencer, são, então, categorias próprias de uma só, ôntica e social, cultural, quando o húmus está entrosado numa certa forma de masculinidade. Uns, no cenário social, dizem, "reflete homem!" (o que diz a filosofia), outro diz, "sê homem, age" e o homem fica confusionado porque tem radicada a crença, bastante perigosa, de que o homem tem de agir, como se o movimento se processasse através d'Ele e não por ele, como se fosse o veículo de qualquer coisa que o transcende e da qual é absolutamente fiel, diria até, escravo, no sentido hegeliano do termo. Porque tardam, então, os filósofos portugueses, em reconhecer na ciência social qualquer coisa como uma simples legitimidade académica, ou seja, uma nova antropologia filosófica? Sim, porque a filosofia portuguesa já tem ligações a diversas outras áreas, tal como a medicina, a biologia. O leque da filosofia pode ser aumentado e enriquecido...

Há na filosofia um sentido da finitude e uma in-exactidão que se vêm através de uma carruagem de Metro e que ao mesmo tempo não se percebe e percebe-se, ou seja, entende-se com os olhos da alma, do espírito, do ***pneumatós***. Que pode ser sagrado no respeito da condição de cidadão citadino, onde tudo é fugaz e onde segurar a liberdade é uma tarefa bastante trabalhosa, como se vivêssemos obcecados com ela, como se não tivéssemos, bipolarmente, de ser in-felizes para ser felizes, lembrando Russel.

4. O HOMEM ENQUANTO EN-CADEAMENTO: PERSPETIVAS SOBRE A CONDIÇÃO SOCIAL QUOTIDIANA

Um dos maiores segredos inauditos e pouco conhecidos da filosofia é o tédio, o *embarrassment* kierkegaardiano e a náusea sartreana, o enfado, o absurdo camusiano. O *leitmotiv* psicológico principal da antropologia é "forçar" a boa disposição, tarefa de deve mais justamente assignada à filosofia. Assim, o homem entra em sobrelotação e descreve o seu estado, tal como uma canção, um quadro, uma poesia... E como é, deve ser encarada, a mentalidade do antropólogo, que estranha o universal e entranha o particular nas destilações da sua mente relacional, como se fosse um mocho de penas coloridas? Não será, em minha opinião, a filosofia a ciência (ou arte, melhor, técnica) da explicação das causas últimas, sendo por isso não mais do que uma metafísica (vide consequencialismo)? Assim, o segredo do homem (como em Chardin, de resto) é um cadeado **en-cadeado**, ou seja, o entre-laçamento dos seres conduz ao nosso entrelaçamento do Ser (Último), como que num demiurgo. Mas todo o cadeado tem forma de se abrir, tem uma combinação. Caixa de Pandora, o homem, de hoje e sempre? Não creio, a abertura ao mundo do Ser, social e ontológico despoleta um quebra das tensões, por um lado (de algumas) e o nascimento de outras, noutra esfera, na esfera simultaneamente pública e doméstica, veja-se a este propósito o fenómeno da violência doméstica. Assim, o **do ut des** romano, funciona hoje nos termos do défice de atenção da sociedade e do seu "preço" exponencial. Daí estarmos de uma ***sociedade do protocolo***, ou seja, tudo o que se sente e faz na esfera privada carece de uma autorização, de um protocolo, nem que seja simplesmente mediática. Mas eu falo em nome do contexto português e vagamente do francês e espanhol. No fundo, hoje em dia, há privacidade, uma

luta pela privacidade, mas há cada vez menos privacidade, pelo menos a privacidade sexual, para se fazer alguma coisa, não apenas estritamente sexual, tem de se pedir a opinião, a atenção, do Outro. Isto diz muito em termos de uma caracterização fenomenológica e pós-metafísica ou pós-humanista, mesmo em termos da antropocena, do que é a nossa sociedade, se quisermos o nosso contexto cultural.

5. CONCLUSÃO: A SOCIEDADE PROTOCOLAR: ESBOÇO DE ALGUMAS IDEIAS SOBRE O CONCEITO DE SOCIEDADE DO CONHECIMENTO BANAL QUOTIDIANO

Assim sendo, a saturação do homem moderno implica e convém um processo, ou seja, o fenómeno que se vai processando, mesmo nos termos de um trágico COVID-19, é estritamente estético, além de ser do sentido da biopolítica, porque cada um dos seres mais quer o poder, mesmo que se refreie. A saturação dos ecrãs (Baudrillard) é o espelho da saturação da mente humana, no fundo da falta das (boas) ligações ou o sentimento unamuniano da perda de sentido no convívio (Dante), daí o isolamento e a felicidade numa alma que tem corpo e que está, contrastadamente, isolada, sem Ser, despojada ontologicamente daquilo que é, daquilo que a define, até social e culturalmente…Assim, o filósofo hesita em registar os seus tempos apocalípticos e escolhe o uso, o quotidiano, mas é isso que o prende, fora da imortalidade, quando a imortalidade não é algo platónico mas uma certa relação entre uma felicidade que se esvai e a incerteza de que ela volte, no que é Ser-Se Humano (Teixeira de Pascoaes). Na verdade, com a globalização teconlógico e de uma certa noção de biopoder, todo o cidadão se acha no direito para dizer, dar opinião, sobre todo e qualquer tema. E isto é muito

culpa dos programadores dos canais de TV, junto dos mais velhos e a ideia do *éclatement* da noção de cinema, ou seja, qualquer pessoa, mesmo que tenha cinco anos, pode ter o seu canal de TV no Youtube.

Assim, uma ameaça global tem o condão de reunir e mobilizar o formigueiro humano, nos termos de uma etologia ou sociobiologia, que também se poderia agregar à filosofia (Bergson terá feito isso como poucos), fazendo unir antropologia social com filosofia vagamente teorética. Kant fez isso num pequeno ensaio e outros aparecera, desde Gehelen, Schütz e Simmel. Porquer não aprofundas essas afinidades, mas que eletivas, conatas da condição profissional tanto do filósofo quanto do artista, do psicólogo e do antropólogo social? Portanto, um fator biológico como uma epidemia de gripe veio alterar as relações sociais num curto espaço de tempo. Essa é uma primeira consequência, talvez algo dolorosa para os povos do sul da Europa, conhecidos como menos disciplinados e mais festeiros. Povos haverá (***etnonações***) que são tudo menos apaixonados nas relações. Também nisso, não digo que nos estamos tornando melhor, mas, sobretudo devido às trocas culturais e étnicas em Portugal, estamos evoluindo diferentemente no tempo e na geografia. Reitera-se uma política da relação entre identidade nacional e etnia, onde se jogam os conflitos das relações desiguais, não só no âmbito doméstico, mas desde já no plano desportivo, no plano da arena mediática, onde se travam guerras que só existem porque, simplesmente, a Síria ou o Ruanda ficam demasiado longe...

A ESCRITA E A VIDA SOCIAL ENQUANTO TEORIA METAFÍSICA: ENSAIO DE UMA AFIRMAÇÃO DEFINITIVA DA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁXIS, SENSO-COMUM POPULAR SOCIAL E SABER ERUDITO ACADÉMICO

"O Ser cessa quando
perde a consciência de Si"
Albert Camus

1. ANTROPOCENA CÉNICA: O ÉTICO, ENTRE O RACIONAL E O TÉCNICO

Como evoluíram as sociedades para a escrita? Está nela o segredo da depuração evolucionista da sociedade? Pierre Bourdieu dizia-se sociólogo, mas também filósofo, porque a filosofia é, numa certa tradição, extremamente erudita e diz respeito aos veios racionais da razão, desculpem-me o pleonasmo. Por outro lado, o Ser poderá ser social? Poderá ser, nos termos de uma antropocena, social? Portanto, se é pela técnica que o homem se aperfeiçoa, evolui num saber, toda a filosofia é vã, dispendiosa, eis o império do senso-comum, como se a orientação da sociedade fosse uma mão invisível que é qualquer coisa entre Deus e o Diabo, entre Mal e Bem...Portanto, é grande o desafio do homem Bom nos dias de hoje. Mas, para a técnica, em qualquer profissão ou fora dela, a dificuldade é fazer ***muito*** Bem e muito Mal... De resto, em termos de ciência (social, da matéria pensante) o que é a pós-metafísica senão o universal do social, portanto, das ligações? Que preço estipular ante uma qualquer filosofia, quando a sociedade está assente na pulsão da economia do lucro? O conhecimento provém da técnica, do adestramento do utensílio, do costume, do tempo no espaço e do espaço condicionado, territorial. A prática, é assim o domínio pleno do

eletrodoméstico sem instruções, aquele que se monta requerendo ao saber acumulado na mente intergeracional... Defendemos, assim, que o segredo para a compreensão da vida está no conhecimento naturalizado do homem, numa antropologia filosófica, numa combinação entre dos saberes, atividades, artes, uma que privilegia o que é inerente ao homem, o fato de Ser (Homem) e a filosofia, que se ocupa do saber e que interpretamos também como uma ciência...

2. A CRIAÇÃO COMO ATO DE SOBREVIVÊNCIA ESTÉTICA: O QUE SOFRE O ARTISTA É SOCIAL E INDIVIDUALMENTE ÚTIL?

Encaremos a vida como um ato criativo, como fruto ou usufruto de arte. Ela não está desligada do seu contexto, logo tudo e poderia reduzir ao contexto, ao mito do contexto. Mas, o que é o contextos e não o que a filosofia evita, ou seja, a noção de tempo combinada com a de espaço, própria das mais diversas ciências, incluindo a antropologia? E a solidão do filósofo é frutífera? É frutífero o exercício criativo do artista, subsumindo-se ao Tempo? A filosofia não é senão a instalação do medo na consciência do sujeito, ao mesmo tempo que dele exige mais e mais, até produzir uma obra para a eternidade. Nesse sentido, ele subtrai um pouco ou quase tudo da sua liberdade (até de expressão), para se platonicamente afirmar no firmamento das estrelas da escrita, da pintura, da música, da escultura. Porque o texto criativo é para celebrar, para partilhar... Assim, em *O Caminho da Floresta*, Heidegger aflora esta forma de entender o Ser e o Tempo, no Ser do Tempo, enquanto a domesticação dois preceitos culinários é contextualizada no âmbito de um pinhal à beira-mar plantado. Digamos que o artista, como na ópera de Grieg, subsume-se ao mundo para se instalar num domínio onde a ciência anda de

paz com a arte, a doença da criação, que convirá face às suas pretensões profissionais e à promessa do amor que, como Nietzsche, sempre persegue mas nunca consegue alcançar e esse afã é tanto resultado como a solução da vida nos termos da sua biografia.

3. O ESTADO DA ARTE, DA ILUSÃO CÉNICA E DO ENGANO: UMA VISÃO DUALISTA DA REALIDADE DO AUTOR-ATOR SOCIAL

Assim, a realidade confunde-nos, pensamos que ela é exterior a nós, quando nós somos ela, ou ela não existe, a realidade engana-nos e disfarça-se como se víssemos um lince e pensássemos que é um gato doméstico ou vice-versa. Assim, até a ciência é uma ficção, quando o filósofo acredita nas ciências naturais, o antropólogo acredita nas sociais, no Homem, personificação de uma fusão psicadélica entre Zeus e o Deus Cristão.

Entrevemos, assim, um dilema entre Bem e Mal, quando associados ao binómio ator-autor. Sociedade de fusão, de estratagema, num contexto de "eternidade do mundo" (Boécio de Dácia), onde a ética não faz sentido íntimo, senão para ser ultrapassada na carreira arbitrária à casca da noz. É comumente dito que a filosofia estuda o sentido da vida, nos termos de quem, por exemplo, olha um peixe num lado, num aquário, conforme seja mais ou menos doméstica essa nossa perceção. Mas, nós pensamos, quando pensamos no fenómeno morte, que a filosofia estuda algo mais e que a aproxima muito da antropologia em geral e do estudo dos mitos em particular: a filosofia estuda, a nosso, ver, os usos do tempo, com mais ou menos grau de domesticação, de domesticidade. Passamos a explicar melhor.

Assim como a doença alastra de mão para mão, de pequena perceção em pequena perceção, o uso do Tempo, o uso da vida ("language is a virus", diz a

canção de Laurie Anderson), há que distinguir a esfera do simbólico, semiológico, da esfera do real, onde o conta com a morte, que é muito mais do que "desligamento", está distribuída também por uma pulsão de status, de querer ganhar ao outro em termos de eticidade, que encontramos na volatilidade de uma possível ***Filosofia da Sexualidade Humana***. Então, o autor sofre pela obra e consegue salvar-se, porque este mundo "eterno" é fenomenológico, palco de outros mundos incomensuráveis que se disfarçam de real, de seguros, autênticos e, numa palavra, eternos. Por outro lado, temos o ator, que verte na tela do palco ou do écrã uma ***persona***, uma máscara a olho destapado, seja testa de ferro seja uma camponesa ternurenta. Assim, cria-se ficção e multiplica-se o real. É a condição do cidadão do mundo num caleidoscópio de relações e entrelaçamentos existenciais, como acontece no futebol, seja de salão seja de onze: há o banco (*banquear*, como se faz no jogo Monopólio), há o onze de base e as substituições.

Ao mesmo tempo, tanto o antropólogo quanto o filósofo não têm que pedir desculpas ao mundo por existirem, hoje, no século vinte e um, há uma coisa que se chama de democracia, Deus, livre arbítrio e liberdade de expressão, sendo que a democracia è o mais correto e complicado dos sistemas, porque na maior parte do tempo, se quisermos ser coerente e ter alguns princípios balizadores e "banalizadores" do quotidiano, temos que esperar, esperar com paciência, pela nossas vez, pois há sempre recurso (que se acabam, de resto), pelo que é melhor distribuí-los equitativamente, nem que fosse por meio de um Robin Wood ou Zé do Telhado... Por outro lado, o panorama do autor, hoje em dia, leva a que as pessoas se dediquem profissionalmente a atividades artísticas. Mas as pessoas estão cada vez mais sós, porque estão carentes e o

absurdo num contexto marcusiano, acaba por geral um rebelião das massas e dos grupos.

4. DE MARTE A SÍSIFO: PODER SIMBÓLICO VERSUS PODER EFECTIVO AINDA NUM CERTO CONTEXTO AUTORAL

O poder está por todo o lado mas não está em lugar algum. Nunca vemos senão a personificação do poder, que associamos ao poder do Mal, estejamos nós do ponto de vista da esquerda (europeia) ou do Bem, estejamos nós vendo do ponto de vista capitalista (Marcuse). Mas, na ânsia de todo o homem, de toda a mulher, está presente no âmago do seu Ser a sede de poder, a não ser que sejamos discípulos de Francisco. Assim, grande parte dos jovens, ao contrário de outros, arrisca bastante, outras arriscam menos, nós gostamos de arriscar, de desbravar caminhos, ir à frente ou como porta-bandeiras.

O homem desencadeia a guerra, o poder está no dinheiro, ainda que haja pessoas que queiram simplesmente, estar cientes da sua modesta missão na terra, alegre simplesmente, como que fazendo articular suas vidas quotidianas com outros tempos, ditados pela religião, pela música, pelo paganismo. Bem e Mal convivem no sujeito, tal como convivem nas sociedades, nos grupos, por isso adiantei o que costumo de chamar de sociedade bipolar, ou seja, anta-agonisticamente constituída por Bem e Mal, num contexto de uma cidadania multiétnica, para não dizer multicultural. Esta sede de poder faz os nossos jovens demasiado ambiciosos, mesmo os cientistas sociais e jovens filósofos, que nunca pegaram num tijolo ou puseram uma telha numa casa, que nunca visitaram um convento ou uma tipografia ou mesmo um hospital psiquiátrico, o que os ajudaria a enfrentar as contrariedades sem pedir ao mundo que se

vergue ante eles, habituados a seguir em frente de cabeça levantada logo que se registe uma queda.

Talvez a interioridade referenciada à infância e adolescência permitam entrever um futuro risonho nas relações humanas mais equilibradas, logo após esta crise mundial, em que um item da biologia e ciência médica veio alterar as relações humanas cremos que irremediavelmente. Creio que estaremos melhor nesses e noutros termos, depois da sua extinção, somos confiantes nisso. A imortalidade platónica da alma está, pois, circunscrita como numa medina argelina, tunisina ou marroquina, ou seja, não só a religião forja as regras de conduta como a Bíblia é um estudo antropológico da maior profundidade, seja porque nos ajuda a viver uma vida descomplicada, seja porque os psicanalistas não explicam tudo, por isso é preciso contextualizar qualquer afirmação a respeito das pessoas, coisa que um Shopenhauer ou um Kant nunca fizeram.

Trabalhei como jornalista da imprensa regional escrita e, depois de um tempo, como que se os meus tempos fossem demasiado abstratos, bem como as reportagens, mais ou menos fenomenológicas, o diretor disse-me: “Não te esqueças das pessoas, elas gostam do seu nome no jornal”. Na verdade, estou para a filosofia como um eterno sábio ignoto e descrente, quanto mais aprendo com ela abstratamente, intelectualizando, mais aprendo sobre o mundo real, fenomenológico, o que os meus críticos denominam de mundo real e tiro frutos tanto de um como de outro fazendo antropologia de um e filosofia de outro....

5. CONCLUSÃO

ENTRE EROS E CALÍOPE: ANÁLISE DA NOÇÃO DE EXUTÓRIO E DE ***VÃO EXISTENCIAL***

Assim, à economia política do signo é substituível a noção de economia cinética do signo, ou seja, uma economia de memes, imagens, volições e transliterações, num mundo cada vez mais "armado" de redes de complexidade como a do vírus COVID-19, para dar um exemplo bastante atual. Assim, o Ser não termina quando cessa a consciência do mundo físico, porque ele É a consciência do mundo físico, à laia de Husserl que falava numa condição de consciência interna do Tempo, ou seja, o Ser não é uma flor comum, mais ou menos nobre que seja, mas um cato do deserto num cenário de *Estrada Perdida*, de David Lynch ou de *Matrix*.

Todas as sociedades precisam de uma fuga, em quase todos os locais da atividade humana há fugas, quando uma mangueira se rompe, há fuga; na cozinha, há (quase sempre) uma panela de pressão que tem um pito-apito por onde sai o ar mais ou menos reguladamente. Algumas fugas são domésticas, outras são selvagens, como as dos miúdos a partir de casa, quando chegam aos 15 anos. O exutório, de que fala Pina-Cabral, é o defeito, na sociedade, que mais importância tem, ou seja, nas personalidades, como nos grupos, há sempre um elo mais fraco, mas ele é o mais importante, porque regula, tal qual xamã, os comportamentos dos outros. Todos olham para ele e o imitam. É sagrado, podemos dizer. O vão da existência é isso mesmo, um vão de escada por onde alguém sobe, percorrendo os degraus mais ou menos íngremes. É o lugar onde os rapazes escondem o tabaco, o lugar da dispensa, nas suas primeiras experiências de inserção no mundo (vide *Timeu*). O vão é o âmago do Ser, em vez da glândula pineal, ou seja, o sistema límbico, porque é emoção. Senão vejamos esta situação, plenamente sartreana ou sackiana: vou à sala e pego no licor, trago o corpo, estava para deitar no copo na sala, na mesa da sala, mas trago a garrafa até mim e, de facto, mesmo não sendo factual, eu estou a depositar o conteúdo da garrafa não no escritório, mas na sala, onde contava

fazê-lo primeiramente. O vão é tudo isso e, desde já, não apenas transcendência mas sobretudo metafísica, é a economia cinética de que falamos acima, ou seja, ao contrário de Damásio ,o cérebro humano não é um órgão, mas uma certa forma de mediunidade. Na verdade, o que é o sujeito? E com esta interrogação terminamos este nosso texto.

O SIGNO SIMBÓLICO e ECONOMIA CINÉTICA: LIBERTAÇÃO MORAL, PATHOS OU ESCRAVIDÃO METAFÍSICA?

"Quem ama cuida, não deixa morrer"

Nicholas Malebranche

1. A DOR DO ARTISTA DAS PALAVRAS: SOLIDÃO E MEMÓRIA SOCIAL À LUZ DE UMA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Ao mito da tartaruga de Zenão de Eleia contrapomos o do caranguejo da praia de São Pedro de Moel, que dá um passo através, em nome da sua ancestral legitimidade e dois à frente, pelo que progride sempre, pelo batida pela crítica dos Outros. Mas será que a filosofia é um caminho e um caminho só, numa estrada que não tem fim ou então seja um beco sem saída. Muitos professores, pela minha perspetiva, preferem os alunos não entendidos na sua teoria, mesmo a sua teoria pessoa, para escolherem os mais politicamente corretos face à sua bibliografia, ao seu currículo. Tudo depende da sua idiossincrasia. Então, a mais antiga universidade é a de Fez ou a Academia de Platão? Antes disso, temos os peripatéticos. E no império núbio terá havido, decerto, segundo julgo, uma universidade. E, então, o que nos dá a filosofia senão um monte de palavras, palavras e ,mais palavras, sem fundamento algum científico? É desesperante, porque a filosofia não resolve problemas, adia-os *sino tempore*. Para mais, quem não é filósofo admira-se do status existencial e circunstancial que a atividade confere, mas acha que também pode fazer filosofia de um dia para o outro, sem passar pelo crivo da reflexão, ou seja, a filosofia na verdade é para todos mas muitos tanto a admiram quanto estão sempre prestes a ridicularizá-la, por razões diversas que têm fundamentalmente a ver com o facto de que não a consideram enquanto ciência, ou seja, a ideia de que a filosofia carece de factos. Na maior parte dos

casos, é simples ignorância da história da filosofia ou a ideia de que ela foi "ultrapassada" pelas ciências sociais e humanas, pela literatura, no relato da experiência do humano ou da condição humana... De resto, quais as doenças próprias do filósofo, que se entrega voluntariosamente à floresta da especulação e reflexão? As doenças pulmonares? A solidão, a depressão, por ter descoberto o segredo da vida? E qual será esse segredo? Podes ter várias designações, desde já um que é religiosa, ou seja, o Santo Graal, mas há outros, desta vez não religiosos, como o segredo da e-terna juventude, o elixir que faz retroceder o tempo e a sua acção no sujeito. Uns, como outros, permitem intensifica (até ao desgaste do rebentamento interior) a experiência humana, permitem elidir da experiência humana essa mesma experiência que nos ensina que a felicidade está nas coisas simples, a ilusão de que da experiência humana é possível e passível erradicar a doença, a depressão, a esquizofrenia e a psicoti-cidade, não julgando que uma coisa leva à outra, que uma mão lava a outra, desde que haja um pouco de lavagem das mãos, ou seja, meditação e Pilates...

2. PESSIMISMO VERSUS SIMULACROS: A VANTAGEM DE CÁ

Roger Scruton falava, em "As Vantagens do Pessimismo", da ideia de que a melancolia e a negatividade nos podem conferir uma visão realista das coisas, pessoas, ideias e relações e, na conceção básica de que para haver otimismo é

necessário o pessimismo. Na verdade, seguindo outro autor, Jan Baudrillard, a vida, pelo menos nesse lado atlântico do globo, obedece cada vez mais a simulacros, ou seja, a própria teoria da vida é uma ilusão, uma narrativa, uma encenação em teatro nas vielas de uma cidade europeia ou mesmo na "abrasada" e derrotada Nova Orleães. Na minha experiência enquanto antropólogo aprendiz de filosofia tenho notado que toda a ação humana remete para a capacidade que temos ou não para aprender com os nossos erros no palco da nossa biografia, a tal "one shot opportunity" de que fala o cantos de rap Eminem, ou seja, a vida é uma corrida, uma tirada, uma bandeirada de táxi mais ou menos longa, mais ou menos consciente ou instrutiva. Nada mais, apenas um mais ou menos *dazzling glimpse* na poeira cósmica, no universo interestelar, por isso as variedades da experiência de que fala William James são oportunidade flagrante de nos acocorarmos sobre a nossa vida, como e o vento viesse detrás e nos tivéssemos de reconciliar connosco mesmos protegendo uma criança no colo numa tempestade de areia...

Na verdade, quando vês este mundo e o efeito que faz no teu mundo bem intencionado, intencionalmente percebes o efeito danoso de uma certa filosofia para ti e para os outros e interrogas-te, à maneira de Montaigne, de que vale a pena ser Bom se a sociedade não te concerta a ti e aos teus pensamentos? Optas então por ser paciente e perder de vista o longo prazo da filosofia e não te entregas tanto, como o fez Cristo; nem és tão filósofo assim nem tanto cientista social assado... É este o conselho (concerto) que eu tenho para os jovens que queira ser alguma coisa, um *glimpse*, do que eu fui e vou sendo.

3. QUANDO O BANAL É VITAL: PÓLIPOS DO SER E A PEDRA DA PERDA DA DIMENSÃO ESTÉTICA EM ESFERA E ESPERA COSMOPOLITA

Enquanto não percebemos os mecanismo da mente e da realidade, enquanto não somos antropólogos, somos filósofos ou sociólogos, ou seja, o tipo urbano-depressivo predomina em nós. E perde-se uma dimensão estética na técnica, no desenvolvimento humano, no Eros do banal...ideias que se notam antes num Benjamin do que num Baudrillard, ou seja, tanto a vitória como a derrota futebolística ou estatutária, mesmo a do casino, revertem para um certa arte do fazer que, enquanto muitos guardam para usar, outros desperdiçam porque o seu papel social está esgotado, talvez por abuso de um papel ficcional. Assim, podemos ver este surto de gripe COVID-19 como um fenómeno social total de carácter não agonístico, ou seja, é não-convencional, quase ocidental e não visa a celebração de nada a não ser dos médicos e serviços públicos que ora curam as pessoas ora se mobilizam para garantir serviços mínimos (transporte, saúde, alimentação) nas comunicações, nos hospitais, nos supermercados...Esta perspetiva é mais do que baudrillardiana ou camusiana, é mais digna de um sociólogo como Maffesoli, só para citarmos um nome.

Mas...será que o antropólogo é um novo Cristo? Será que ele está disposto a dar a vida pelos seus, pela comunidade que estuda? Enfim, qual a validade social de um antropólogo, de um filósofo, de um sociólogo. São questões importantes, estas. E, não será que o filósofo precisa de descer do seu pedestal conceptual, de enfrentar o Sinédrio, de falar aos doutores como Cristo, um

verdadeiro antropólogo, talvez o primeiro de todos, não contando com os gregos e alguns romanos? Não será socialmente útil, intervencionista, pôr estas ciências e a filosofia ao serviço do povo (Zambrano), sendo que tal não é uma ciência de esquerda nem de direita? Talvez, quanto um e quanto outro, estão demasiados interessar em agradar a todos, a gregos e troianos, a espanhóis e portugueses. Esta é a questão do ponto de vista moral, os aquarianos são assim, os Vítores são assim, tal como São Victor de Braga. É a tentação do todo, do fenómeno social total estudado por gerações e gerações de antropólogos. Ora, chegou a vez de tanto uns quanto outros tomarem partido, porque enquanto, pelo menos no contexto académico português, os filósofos são quase todos de direita (não só porque os monges, frades e padres sempre fizeram ora Teologia ora Filosofia) enquanto os antropólogos são quase todos de esquerda, e nem todos querem ou afirmam querer estar entre os mais desfavorecidos. Enfim, questões de carreira académica, quando a universidade da vida tem, para muitos, mais legitimidade do que a outra, no âmbito contextual de um registo mais ou menos jornalístico.

4. CINEMA ESPIRITUOSO: UM CAMINHO A PARTIR DO TÉDIO PELO REINO DO BANAL

Num certo sentido, estamos na presença de uma epidemia bastante pedagógica, que nos ensina a como lidar com o mundo que aumenta de complexidade, coisa que talvez aumente com o tempo. Ou será o contrário,

quando as viagens no tempo são possíveis e passíveis de serem feitas, não só através do cinema mas da espiritualidade, por exemplo? Portanto, como manter a sanidade mental e sentimental numa epidemia como esta, numa situação de emergência social, de estado de emergência? Usar o chico-espertismo a toda a hora? Isso desgasta. Como ir trabalhar, já que precisamos de o fazer para, legalmente, comprar comida? Porque são poucos os filósofos portugueses como Zizek, Baumann ou mesmo Sloterdjiyck, bem...talvez um Nuno Nabais, um José Gil, um Carrilho...um Quintais, que na verdade faz apenas antropologia, só que não é de campo, é de hospital. O homem errante, que conheceu como que por vislumbre o Deus na adolescência, levou-o consigo até às portas do marxismo, descobre, então novamente esse mesmo Deus, precisamente esse mesmo Deus na forma de Cristo já quase velho, porque precisa, a biografia é relativa mas esse sujeito não deixa de olhar para ela e para esse Deus que se descobre pela manhã em cada dia subsequente à sua dúvida e angústia existencial que carregou durante anos como um saco de pedras marinhas, como quem carrega o Diabo às costas...

5. O FRANCISCANISMO ENQUANTO FILOSOFIA ECOLOGISTA: RAZÃO E CORAÇÃO EM DUAS DIMENSÕES EXISTENCIAIS

O verdadeiro grande herói é, a meu ver, não aquele que faz filmes, que é actor, mas aquele que sabe ser actor social, ou seja, esotericamente planteando na esfera da vida social em comum um esforço que respeita o Outro (Goffman, Habermas, Ricoeur). Então, onde fica a arte? A arte é diáfana, não fica em

lugar algum senão fora do caixão do artista morto. Neste sentido, creio que o franciscanismo é a primeira filosofia ecológica de que há memória. Nas anteriores civilizações a nós não há memória de tal coisa, a não ser em alguns autores árabes. A concepção de harmonia com os animais e a natureza está na origem dos mais recentes partidos políticos de extrema esquerda e direita que promovem esses ideais, como o nosso PAN, só para dar um exemplo. E, enfim, o su-jeito (ao *seu-jeito*) passa a ouvir vozes dissonantes quando se detém entre àrvores frondosas e aquilíneas (Heidegger, "Caminhos da Floresta"; Escrivá de Balaguer, "Caminho") e abundam as referências a obras com o caminho por modelo, o mar por modelo, quando no fundo, **sub-jacente-mente** (sub-jactante), o que está em causa, ***pat-ente***, é o sentido nos termos de direcção, nem que partamos apenas das "Regras para a Direcção do Espírito". Por outras palavras, o que está subjacente é o que está debaixo daquele que jaz, ou mesmo ele mesmo, o que jaz, está subjacente à superfície, **sub-jaz**...

6. FORA DE ÂMBITO DE PERTINÊNCIA E PERTINÁCIA: O sujeito de *O Timeu* e *O Homem Revoltado*

Temos, então, a noção de Mundo e a noção de Homem. O Homem de hoje está revoltado, bem procura explicações para a sua revolta. Mas, a revolta tem de ser explicada? Ela não é manifestação animal, natural e pura da ***natura naturans***? Só mesmo a filosofia ocidental para a explicar racionalmente, porque Osho propõe outra solução, longe das teorias de Watslavick, ou ser: ser

testemunha, não intervir, o que vem de encontro à teoria da relação entre teoria e práxis. De resto, poderíamos pensar na sequência de Cícero e Epicuro: "porque é que as pessoas se agarram à vida?". Sim, porque se agarram, este mundo tem assim tão interesse? Além do mais, somos mortais, todos sabemos que um dia vamos morrer, que se vai operar um deslocamento do nosso espírito face ao corpo. Porventura, encontraremos outro corpo, móbil e veículo orgânico a que o espírito se acomode. Então, chegamos ao ponto principal da nossa argumentação: terá sido o vírus COVID-19 criado em laboratório? E com que fins? Para fazer enriquecer certas pessoas à custa da morte de outras? Não é a minha especialidade a teoria das conspiração, mas nem toda a gente consegue pensar e desenvolver esta hipótese.

Entre Eros e Calíope: o Sujeito e a Razão enquanto poiesia, nos termos de uma eroti*cidade* das lilações

Resumo: A nossa hipótese é que a densidade e intensidade das relações sociais pode gerar desrazão que se plasma numa eroticidade no contexto urbano, enquanto que no cenário campestre as doenças maníacas são menos verificáveis. Pretendemos analisar esta hipótese (mitológica) e provar que ela não corresponde à verdade e realidade, adiantando o quadro teórico de uma

nova disciplina, a Outrologia.

1. A Solidão, Humana e Animal: Fim ou Ponto de Partida?

O homem precisa de sentido na sua existência. A filosofia interroga a existência e, a meu ver, fornece também respostas, as respostas que não satisfazem com a ciência. Mas, mesmo assim, por ser e-ternamente insatisfeito, o homem logo fica em solidão triste e deprimido, mesmo com as respostas da filosofia, com as interrogações da filosofia. Terá esta de rever o seu projecto? Mas, o que é o sentido? Todos procuramos fazê-lo, sendo pelo senso-comum, sendo pela ciência, sem ele o homem não progride, pretende, por exemplo, compreender o fogo, como se fosse a sua alma, Espírito-Santo, refere a Igreja. Assim, a erosão da fé é também uma erosão de um certa maneira de ser, de fazer, de inspirar, ou seja, o homem, sobretudo à sua representação chamada tecnologia, está sendo cada vez mais secular, um Ser do século, i.e., do momento e não é só através da obsessão pelos bens materiais, é uma maneira de ser que se instala, quando por outro lado, as crenças espirituais se mantêm acesas, digamos, como forma de vida em prol da ***societas***. Se o homem ocidental crê que o corpo humano não é capaz de coisas espirituais, por um lado, acredita em robotizar, tornar manipulável, uma dádiva tão importante e divina como o corpo e com ele a sexualidade. Por isso, defendo que um dos métodos da filosofia seja o método da antropologia, a saber, o trabalho de campo etnográfico. Porque gera uma história, porque, na vida das pessoas, inspira o filósofo a dar valor às relações humanas enquanto *enchimento* da teoria filosófica.

2. O Poder da Filosofia Versus a Filosofia do Poder

O que terá mais valor, uma casa, construída com as próprias mãos, com projecto arquitetónico e civil, ou o projecto da filosofia? O projecto desta é o texto? Então não existe projecto, porque, meramente, o texto não existe, por si, sendo meramente algo mais do que algo obra do espírito (santo ou profano?). Então, se é que ele existe, onde reside o poder da filosofia? Reside no ardil especulativo e na inacessível postura da teoria filosófica face ao mundo da concreção? Quem faz a ponte entre teoria e prática? Que papel devemos dar, no âmbito de uma teoria filosófica, às relações humanas e sociais? Porque parece desprezar a mais recente filosofia a possibilidade de o sujeito construir e manter relações? A filosofia, então, é a ciência da iluminação, da solidão e da dor psíquica, reservada apenas a outros tantos *iluminati*? Não residirá o poder da filosofia na tarefa, apenas e tão somente, admiravelmente, do ensinar a viver, do *educare*? Assim, pode ser uma *paideia* . E como joga isto com a privacidade da tarefa do *educare*, onde está a linha entre público e privado, entre dominador e dominando. E porque quer, a propósito da violação de várias estátuas nas ruas das grandes cidades ocidentais, uma certa fatia da sociedade, "apagar" a história, em que muitos filósofos, a maior parte deles anarcas, não fazendo ideia alguma do que custa construir, seja uma casa seja uma sociedade, um edifício para todos viverem em paz, também se contam nessas fileiras, onde trabalham com jovens radicais de esquerda. Provavelmente são esses mesmos que querem seculizar as nações, num arremesso de super-homens onde o que mais importa é conquistar a sociedade aos homens do poder que controlam as massas pelo consumismo, seja poder mental (o da psiquiatria), seja espiritual (das Igrejas),

seja o poder económico (os grandes interesses económicos e bolsistas). Mesmo a ciência pedagógica sufoca os jovens, é bem que os prepara, mas sufoca-os e eles só querem jogar e acabam por se desviar ou então tornam-se meros drones ou fones do que os pais não foram... Por falar nas relações, no desespero mortal e no demasiado humano, não precisa o filósofo do afeto, do sexo frequente? Por isso a filosofia está próxima da interrogação, por demasiado sexo confunde e, de certa maneira, a especulação não se dá bem com o desejo, porque é desafio da mente e raiar da loucura, mesmo quando não se comem umas boas sardinhas assadas.

3. **A Antropologia é Corpo, a Filosofia Espírito**

O que pretendo afirmar é o seguinte: quando chegamos a um lócus filosófico não será tarde demais? O mito da concreção está enraizado na mente do homem, pelo menos no desenvolvido e ocidental. Nas sociedades primitivas há um grau de reflexão, diria filosófica, porque parte de uma certa ordem social que é eliadiana, não se altera e sempre regressa a si mesma quando se sente abandonada. Numa palavra, o poder da filosofia e da antropologia,

coloco as duas no mesmo prato da balança, é não ter poder e essa é a maior e melhor forma de poder. Por outro lado, a filosofia parece estar adstrita a um certo benefício histórico, ou seja, aconteceram os Descobrimentos, ou Encobrimentos, mas a filosofia lá está, para explicar tudo aconteceu, até a violência e pedir desculpa por isso. No fundo, é essa forma de atuar, um sintôma de um localismo histórico e uma certa ideia de Europa...

Ab contrario, temo a europa laica, liberal e que entende perfeitamente a lógica da sociedade, porque os grandes teóricos sociais eram, na sua maioria, burgueses e percebiam e explicavam a lógica do sobrenatural, por assim dizer, através do estudo das manifestações culturais humanas, nomeadamente do povos arcaicos, onde a natureza humana estava ainda em gérmen e melhores conclusões sobre ela se poderiam tomar. A filosofia será, então, classista, resultado de um fulgor burguês. Em certo sentido, acredito que sim, que não há tanto o estudo pelo objeto de estudo do que uma pulsão pela afirmação do filósofo ou do cientista social enquanto e tal e através da ciência a que servem sob um certo ponto de vista social, pessoa. Por isso, a filosofia não é nem nunca será um desporto coletivo...

4. O Mundo Social e a Densidade das Relações Intrafamiliares. Uma "Outrologia"

A responsabilidade do mundo familiar e as responsabilidades sociais. Há uma *mood* para fazer filosofia? Sofre o bom filósofo de *bullying*? E como é acerca da sua condição social e financeira? Não será melhor filósofo aquele que se apresenta à teoria como usufrutuário da psiquiatria e os consegui vencer, enquanto outro nunca conheceram quebra alguma e, em certa medida, nunca questionaram (a si próprios e ao mundo), como é a maior parte dos filósofos e cientistas sociais portugueses. Alguns houve que conheceram praticamente a

morte espiritual e se levantaram, para erguer edifícios teóricos extremamente admiráveis. Não os conhecemos, mas existem, de certo. Por isso, lembrando Foucault, não será a filosofia uma forma de biopoder, em vez de uma descrição, mais ou menos geográfica do mundo? Assim, adensam-se as relações familiares, no reino do parecer, são tensionais as relações entre familiares, mas só há isto, o que se passa na família, e o que se possa passar além dela. Escolhemos os amigos, não escolhemos a família, diz-se em conhecimento popular. E, mais ainda, santos da casa não fazem milagres. Quando os dois níveis de entendimento social estão em máxima tensão, o sujeito cede, daí a psiquiatria no âmbito das relações de poder, entre os nascidos e aqueles que vieram a aparecer por mor de contrato social, esticando-se, como se diz, querendo conquistar espaço. Se um não tem a coragem de ceder, a tensão é insuportável e gera uma certa forma de esquizofrenia social que só pode descambar na licienciosidade e desgarrada loucura, sobretudo senão há veículo de movimento para outro lugar, se não há fuga e mesmo que esse Ser ajude os outros, habitua-se para sobreviver, porque sempre esteve habituado ao mau tratamento. Assim, a filosofia torna-se terra de ninguém, completa anarquia, indo além disso, tal como meteoritos divagando no espaço e batendo uns contra os outros. É o fim da ciência social, porque os corpos encontram-se uns com os outros sem motivo algum, apenas pelo ardor do toque, do choque, do intercâmbio. Então, como numa bela história, o sujeito amargurado por ser objecto de *bulllying* e esquecimento, revolta-se e torna-se o mestre de tudo, não apenas da filosofia, mas do mundo, do seu mundo família e, depois de ser jogado do e pelo mundo, como no Timeu, funda cidades e entrepostos comerciais, volta a ser antropólogo porque o estado de produção em filosofia não pode jamais ser constante e obsessivo, diríamos até, demasiado produtivo, porque há ponto de ancoragem

que a antropologia, por conhecer o homem e saber que ele nada sabe, que precisa de ser instruído pelos deuses e os melhores dos humanos, eis então o mito do platónico do filósofo-rei materializado, tornado realidade e as sociedades pacificam-se e vivem sobrevivendo pelo diálogo (Paltão, de novo) e as forças humanas da terra subjugadas, submetidas e acumuladas durante anos, em que o antropofilósofo é mero **medium**, representante, suspeitoso, acabam por vir ao de cima e equilibra a vida social... Constatação preliminar: o mundo é importante, como o mundo familiar, mas não há um motivo válido para desistires, para abdicares de existir, no mundo, podes pegar num assunto como Camus e não há motivo para acabares com a (tua, note-se), vida, o que não quer deixar de dizer que o maior problema é o suicídio, mas há outros, desde já o nada sartreano, o Todo, a Totalidade de Hegel, a totalidade social, o fenómeno social total dos antroposociólogos, portanto o objetivo é resistir, vivemos numa época de muita informação e esclarecido, em que qualquer valor é logo mediunizado, mediatizado, por isso, se outros vivem e bem, também deves tu viver e bem. Sim, porque, finalmente, a filosofia clássica quase elidiu o Outro, estando em condição de amarrar para sempre o sujeito a ele mesmo. Daí derivam várias doenças e só com as Descobertas e consequente colonização, mesmo que haja aspetos positivos nesse ímpeto histórico, se não acontecesse, talvez não tivesse nascido a antropologia que, a meu ver, não existiu na Idade Clássica e foi precisamente António Vieira um dos mais poderosamente lúcidos filósofos que fundaram essa ***Outrologia***, ou seja, a ciência do Outro, que muito pode valer, a meu ver, a responder a muitos dos enigmas filosóficos da história da Filosofia, não apenas por simplificar conceptualmente, mas sobretudo por conferir matizes distintos ao Sujeito que ser quer conhecer e chegar a um certa forma de felicidade, mais ou menos duradoura e à realização de uma certa forma de felicidade e ideia de

sociedade...

5. DO PANTEÍSMO DO MAL AO JUÍZO FORMALMENTE ALEGÓRICO DO *THEATRUM I-- -- MUNDI*

Depois, acabas por resolver um dilema que tinha mais de trinta anos, ou seja, poder-se-á fazer filosofia sem amar (o mundo, uma pessoa ou mais, tanto em termos físicos como *conscienciais*)? Depois, surge o conceito de boa filosofia, aquela que ajuda os outros, próximos ou distantes, a levarem a vida para a frente e o essencial do trabalho de todo o filósofo, descobres, é encontrar esses motivos, mesmo que seja mais difícil e complicado do que a ilusão momentânea do senso-comum, como se as pessoas estivessem inutilmente drogadas e encontras no mundo simples, *ad nauseam*, razões

bonitas para fazer filosofia bonita, porque socorrida do mundo ao qual tu viras as costas quando queres entrar e não sair jamais do teu mundo. Daí o que a antropologia, nomeadamente a social, poderá aportar à reflexão filosófica...Mas, se caminhamos para um país secular, do momento presente-instante, isso não quer dizer que percamos os valores e não que os valores (o seu uso e usufruto) esteja apenas sujeito ao foro da Igreja, das igrejas. Foi por este motivo que decidi empreender duas obras, uma ***Crítica da Suspensão do Juízo*** e uma ***Nova Reforma do Entendimento***, que se debruça sobre temas vários, respetivamente, de Kant e de Espinosa, este último especialmente na sua noção de panteísmo, que pretende alumiar sobre a noção de que tudo é Deus, divindade e que esse Deus bom pode ser tão glutão que, antropomorficamente, engole o Mal do Mundo (como se fosse ele mesmo uma substância venenosa, profana), adstrito à fidelidade e aos impérios grego e romano, descrito por Schopenhauer num pequeno panfleto (*Sofrimento do Mundo*) sendo que a coisa do toda do que creio ser um fenómeno social total, esta Pandemia do COVID-19, explica muita coisa a respeito da questão dos valores que, julgo, só a filosofia pode cabalmente asseverar.

6. CONCLUSÃO: ENTRE "OUTROLOGIA" E FILOSOFIA, UM ETHOS VALORATIVO DA VERDADE SOBRE UM DESTINO PORTUGUÊS

Por exemplo, a obra de Jonh Gray "A Morte da Utopia" reaviva o mito do homem no exército, do homem-exército enquanto Deus ex-maquina, um Aquiles, um Leviatã, que se presta a defender os seus e valores, sejam seus sejam do Outro, comparando as formigas aos humanos, nos termos de um sociobiologia, de uma etologia em função ou comandada pela evolução, instrínseca ao homens e seus exércitos ou extrínseca, o seja, uma filosofia do

formigueiro, onde se notam vários tipos de comportamento político, contanto que uma formiga seja o equivalente a um sujeito humano. Quando vemos e sentimos a Verdade em nós mesmo (e não estou falando no sentido religioso mas filosófica, obviamente sob o que entendo ser a filosofia) e a filosofia é isso mesmo, não só busca da felicidade, mas da verdade e assustamo-nos, porque não estávamos habituados (Vide Scruton, *As Vantagens do Pessimismo*), pelo mais diversos motivos, de que deixo alguns, o salazarismo, o que eu penso ser uma cultura de altos e baixos, pouco mais dizia, não sei bem, quem sou eu para julgar a identidade de um povo, mas certamente terei mais vontade de vencer no quadro do que José Gil fala a respeito dos portugueses, que descarta a questão simplesmente dizendo que Portugal tem medo de existir. Eu não penso assim.

***O Oráculo de Gutenberg*:**
Teoria, prática discursiva,
escrita e oralidade

Resumo
Pretendo equacionar o fenómeno da escrita, não apenas tipográfico, como forma de perpetuar a relação do homem com o tempo, e de perpetuar relações sob a forma de uma intergeracionalidade, de celebrar a vida. Na relação entre escrita e oralidade haverá oposição? Ponderemos a relação entre teoria e prática: é a escrita um "meio" eminentemente teórico? A oralidade é meramente discursiva ou cria realidades? O que é a prática, a praticidade? Como se explica e identifica a passagem da prática à teoria e vice-versa? Quem, na história, faz a passagem do popular para o erudito, em termos de

ferramentas teóricas? Que faz a passagem é o discurso, a oralidade, seja popular seja erudita. O homem do século que só fala nos termos do presente da sua lógica, que não o é porque não é reflexiva, não põe em causa Deus, o Ego, o Mundo?

1. A ESCRITA COMO INSCRIÇÃO

A noção de que o discurso altera a realidade, a identidade. Isso tem de ser alterado? Por mor de quem? Do controle burocrático do destino e do quotidiano dos sujeitos? Controlar os dinheiros e as formas de o sujeito os obter é uma forma de condicionar a liberdade e a sua felicidade, pois só o dinheiro permite realizar objetivos e conferir felicidade. Contudo, o homem pode ser livre sem dinheiro, mas só depois de ter sido escravo. Muitos julgam-se livres mas estão escravizados ante a realidade virtual, essa felicidade é virtual. Sá a ideia do homem enquanto pesquisador, solto no mundo, lhe pode trazer felicidade, porque assume o risco e vê a vida como aventura, como qualquer coisa que não tem tento certo. O misto das duas é talvez qualquer coisa de novo no evoluir do homem no tempo. O meio discursivo altera a

realidade, o meio. Sim, o meio, a realidade, é apenas uma forma de lidar com qualquer coisa que é um pouco de nós, do que somos feito, e um pouco do que está para além de nós, para o qual em certa medida caminhamos, seja o transcendente seja o **tempo-aí**, na disposição de Ser disposicional, evolver na realidade, social ou ambiental. Defendo que não há diferença essencial entre o discurso e a ação, não só porque o discurso seja ação, mas porque a ação é também e sobremaneira discurso, ou seja, teatrealização da relação do homem com o mundo e com os outros. Podemos fazer equivaler teoria a discurso (pensar) e ação a prática? Dependa das culturas, depende dos grupos, depende dos sujeitos e nestes das épocas e ritmos biográficos. E quanto ao pensamento de Donald Davidson? A prática discursiva é produtora de sentido, mas será produtora de ação? O facto de o homem ser um ser discursivo define o seu sentido e posicionamento face à cultura em geral e à cultura do Outro, ao mesmo tempo que gera uma prática terapêutica, uma narrativa regeneradora que inclui o sentido sexual do social. A prática discursiva não cria e altera a realidade, mais do que a ação, mais do que o pensar e o imaginar? Quando chegamos ao fim da vida é que estamos aptos para viver? O saber tradicional toma a sexualidade como algo central, no âmbito da brejeirice, uma código que é conquistado pelo ator por forma a vingar no mundo social e afirmar a dualidade, a ambivalência, do seu comportamento. É no meio deste jogo que ele vai definindo as suas opções sexuais e tentando decidir se quer ou não casar. Um comportamento demasiado masculino pode comprometer, pelo que o sujeito vai estudando a forma de melhor se realizar social-sexualmente. De modo, a sexualidade é qualquer coisa que está para além do biológico, é sentimentalmente social, e o sujeito tenta precaver-se da invasão de privacidade que é a internet e tudo o mais. Essa violência simbólica de um mundo fragmentado entre na mente pelos olhos e a sociedade torna-se um

complexo de auto e alter vigilância perpétua, como um carrossel montado. A praticidade, por outro lado, tem que ver com qualquer coisa relacionado com responsabilidade social, obrigação? O teórico não é responsável socialmente?

2. A ESCRITA COMO REVOLTA

O escritor, normalmente está àparte da sociedade. Era assim na antiguidade clássica, assim na revolução francesa. É a escrita uma forma de se tornar eterno, como diria Grieg ("What price immortality")? Assim sendo, o escritor, a não ser que esteja comprometido com o regime vigente, é um (ser) pária, um revoltado camusiano contra a guerra, contra a ordem das coisas. Talvez porque a expressão escrita seja eminentemente revolucionária, antes de se tornar conjurativa de uma nova ordem social. Enquanto todos trabalham para prover o imediato, o escritor põe em jogo a sua saúde, passando fome, correndo o risco de enlouquecer, quer seja na sua filosofia ou na sua astronomia. Mas isso são ideias já balizadas, já aceites e conhecidas. O próprio ato da escrita é de libertação, de terapêutica e o será a escrita, por exemplo, etnográfica, filosófica? Não visará toda e qualquer escrita ser inspiradora, catártica, terapêutica? Como o teatro grego, na origem? O facto de uma

civilização ter deixado escrito o seu conhecimento não terá que ver com uma certa consciência do Eu (coletivo, antes de mais) e, por arrasto, do Outro? Não será toda a escrita, do poético ao filosófico, um tentâme de inscrição na sociedade, ou seja, de dizer "eu estou aqui, quero fazer parte"? Em vez de ser um esforço rebuscado que tem que ver com uma certa técnica, com uma certa herança, com um certa maneira intrínseca de ver as coisas e o mundo? Por outro lado, em termos do *dasein* banal do mundo do senso-comum, há quem aposte na erudição como forma de afirmação social, a fim de ganhar status e ser, de certa forma, um chefe, um demiurgo...Então, quais os objetivos da escrita? Vencer a práxis? Ser amigo dela, intérprete dela? Enquanto uns vêm a teórica e, logo a escrita, como um inimigo, porque ameaça o instante atual (prático), outros vêm nela uma aliada, não só porque a escrita eterniza o momento, eterniza o real, como garante a transmissão desse momento *ad generationem*...além do mero momento redentor da criação...

3. PARA UMA SINESTESIA E CONSENTANEIDADE DA ESCRITA E DA ORALIDADE

E o que precede (***pós-cede***) a ação humana, o que é humano, a práxis ou a escrita? Nos dias de hoje já não teríamos de colocar estas questões, pois o diferendo entre escrita e oralidade já não se põe, sendo que a escrita é exclusiva da reflexão, da habitação e habituação subjetiva de certos lugares, mais ou menos científicos, mais ou menos românticos e bucólicos... Por vezes parece que o discurso desencadeia a ação, que os seres humanos não agem sem necessariamente ter antes pensado, ou seja, formulado qualquer equação lógica de um saber misturado com a experiência, seja biográfica seja literária, seja por ver fazer no trabalho com os outros.... A nossa argumentação ficaria

logo por terra quando acreditássemos que a realidade atual, social, real (mesmo no sentido da *realpolitik*)é essencialmente guiada (guinada) por memes. Mas não, pertencemos à civilização da palavra e essa palavra descreve mil imagens, pois ainda nos julgamos homens racionais, mais do que racionalistas. Assim, toda a filosofia é possível, antes de mais porque é explicativa, ou seja, hermenêutica, mesmo que não diga lugar algum ou tempo algum, ou personagem alguma, isso fica para a Geografia Humana, para a Psicologia, para a Literatura... Mas... não é possível romper essas fronteiras, como se *inde*-terminássemos o muro de Berlim? Claro que sim. Então, avancemos... Para que a palavra possa ser expelida, mesmo em termos da Antiguidade Clássica, é preciso um sentido do outro, uma empatia, um discernimento de que o outro, senão nos ama, pelo menos está recetivo a nossas palavras. Porque enunciar é arriscar, é partilhar sentindo o sentido que damos ao mundo, é estar e ser em comunidade, seja na aldeia seja na cidade... A realidade, espartilhada hoje, é a realidade do ontem, porque simplesmente, segundo Bauman e outros, ela não existe, existe o que sempre existiu, a conceção do Eu ante a realidade, sendo que esta é o modo como o sujeito a vê, a perceciona, não podendo alienar-se de outras ideias que o cercam... Mas, não virá toda a pulsão da escrita de um reconhecimento do efémero, da finitude, como se se tirasse uma cerveja à pressão num bar do Bairro Alto nos anos 80?...Pressa de viver, segundo diversos autores, desde Duvignaud a Marcel Mauss, desde a festa à festa nela o homem social, o homem total ante o fenómeno social total. A escrita é também isso mesmo, totalidade enquanto criação, por isso enquanto uns se especializam em literatura, outros em ficção, sendo que outros em filosofia, sociologia, antropologia, uns mantendo-se na mesma linha de pensamento, outros andando aos ziguezagues, como se não partilhassem a mesma identidade de uns...Assim, a prática é uma certa forma

de teoria e vice-versa, ou seja, ambas pertencem ao domínio da interpretação (Ricoeur, Gadamer), ou seja, há um vaivém entre ambas que tem que ver com o posicionamento do sujeito ante o mundo e a relação que tem com outros sujeitos, conhecidos ou desconhecidos, nos termos de uma conceptualização dessa relação e partida para um concreção que não seja somente o texto.

4. TEORIA E PRÁXIS: FUSÃO OU CONTRADIÇÃO TÁCITA E TACITURNA

Um texto é eminentemente teórico? Não pode ser prático? Foi o antropólogo Jacques Goody quem estudou a diferença entre sociedades se escrita e as alfabetizadas, entre outros. De um lado, tínhamos sociedades primitivas (da atualidade) sem escrita, movidas pela transmissão oral (geracional) dos conhecimentos, gerais segundo a vivência no seu contextos e profissionais, caso se se mantivessem um certa forma de relação com o mundo do trabalho. Por outro lado, tínhamos as sociedades com escritas, literatas, talvez porque o desenvolvimento económico tivesse proporcionado tudo isso, um espaço para a reflexão e até a especulação, daí se gerando a dominância da ideia de intelectualidade, não só apenas em termos de seleção natural das mentes... Assim, a literatura, como (o texto em) ciência social, não é senão um produto extasiado do sujeito-actor social que é o cientista social, ou seja, também é ele, enquanto entidade e identidade subjetiva, um produto daquilo que provocou: factos sociais à-lá Comte e Durkheim. Essa cisão intelectual, académica, corresponde, de facto, à cisão entre atividades manuais e intelectuais dos tempos feudais, sendo que na civilização grega e romana não era tanto assim.

O fazer foi perdendo o seu efeito, por isso o homem moderno, pós-moderno, hipermoderno, está ansioso de mostrar, de provar, por meio da efetividade, que não é somente matemática, é sobretudo social e esta prova está intimamente ligada à "aquisição" de mulheres, no sentido lévi-straussiano e semiológico da coisa... Eu não preciso da teoria, preciso de demonstrar na prática que sou digno de esposar uma mulher, afirmando a minha masculinidade na arena virtual, antes de mais...Por isso, a mulher nunca desposará o intelectual, nem pouco mais ou menos, porque ela prefere aquele que não sabe e que é moldável (como barro bíblico) aos seus intentos para o futuro a dois...Porque há o mito de que o intelectual não é competente nos termos sexuais, o que nos leva para a ideais de que a mulher prefere o falo, mas o falo sem dono, do simples popular mecanicamente disponível, um boneco que não fala nem se excita com as diatribes, antes se ergue ante seu corpo que é nada senão objeto de desejo, como diria Baudrillard. É que o fazer, a praticidade, é antes de mais prova do Si-Mesmo ante o outro ou do Si-Mesmo que há no outro, sujeita a legitimação de modo a que o Eu (ou Ego), possa ser aceite nos termos de uma determinada ordem social mais ou menos compósita de sujeito alienados e criativos. Porque criativos, como Nietzsche, há poucos e aparecem de quando em vez na história das sociedades. Mas... estarão as pessoas cegas, imersas em determinismos socialmente condicionantes que não levam a lado algum? Não estamos do Século XXI? Se se discute quem quer casar com o agricultor, ou as oticamente efusivas incidências de um Big Brother, porque não se há-de discutir a liberdade e livre-iniciativa, para não falar já do livre-arbítrio?...

5. Conclusão

PONTO POR PONTO EM CONTRAPONTO LÓGICO

A atividade científica, sujeita a provas e verificação, deriva de uma tradição, de uma transmissão do saber, ponto por ponto, onde as teorias estão enlaçadas umas com as outras de forma a formar sistemas de pensamento. Na oralidade, seja ela campesina seja citadina, o sentido esvai-se nos vãos do pensamento, nas ruas estreitas e mal-cheirosas, palmilhadas por pensamentos estranhos, isto é, de outro lugar, enformando o que se chama de cosmopolitismo. Esta noção de vão, que tenho adiantado nos meus escritos, destina-se à manutenção de um lócus onde são permitidos pensamentos do inconsciente coletivo, por vezes animalescos, que não cabem na formalidade da cidade. São as coisas indizíveis que ao mesmo tempo fogem ao discurso formal e nele se inserem, ora por insistência, ora por pertinência conjuntural, seja por motivos económicos, seja por motivos existenciais ou linguísticos. Aliás, o que é o campesinato senão uma criação do romantismo e idealismo, poderia dizer, alemão do século dezanove? Mais tarde, Tagore escreveria "A Casa e o Mundo", numa ideia que tem muito que ver com a *in-alcançável* lonjura da casa, da necessidade de a deixar de quando em vez para melhor a amar, sendo ela quase equivalente, em termos psicanalíticos, à própria esposa.

Podemos, chegados aqui, falar do que eu costumo chamar de “esplendor da teoria”, ou seja, por mais que questionemos uma visão igualitária entre práxis (prática) e teoria, essa relação deriva de um contingente histórico ancorado num vão do passado e que continua a ferver por dentro, como um cozido à portuguesa. Esse esplendor e esse vão constituem duas forças, quase motrizes, da produção filosófica, desde os antigos, poder-se-ia dizer. Além disso, o filósofo vive da reminiscência desses momentos, seja da caverna de Platão, seja do glorioso idealismo alemão, com Nietzsche e Kant, cada um à sua maneira. Outrossim, o mito do filósofo sem visão, cego, que vive das reminiscências de um mundo pouco conhecido. Quando a filosofia é toda ela ***olhar***, que filosofia se fará quando o filósofo ficar cego? Uma filosofia em arrasto, em segundo grau, dependente ou não de imagens...

Mindfullness no Retorno a Si: recomposição do sujeito ante a re-conciliação face ao Mundo

1. Enchimento versus Esvaziamento: o perpétuo movimento da felicidade e da in-fertilidade

Um meme da internet atribuía infelicidade à *mindfullness* e felicidade ao seu contrário, o que quer dizer que a felicidade é uma forma de vaivém alegórica ao ato sexual do coito, ou seja, enchimento versus esvaziamento, o que retoma certas ideias de Deleuze e Foucault. Assim sendo, só este movimento de dupla manivela, o movimento mútuo de enchimento e esvaziamento mental, que tem como exemplo na natureza sexual dos humanos, produz tanto fertilidade quanto felicidade, ou seja, gozo mais ao menos extático, que permiti, tanto a melhor performance do sujeito, quanto do grupo e, num último caso, da sociedade por inteiro. Esta asserção tem tanto a ver com a hipótese da perda do sentido de comunidade, ou seja, o cosmopolitismo e a globalização poderão levar a uma megalópole de sentidos onde muito dificilmente -e duravelmente- o homem se pode encontrar, num certo localismo e contextualismo das emoções.... ideia corrente em vários filmes de Hollywood e pensadores vários, sobretudo numa tradição francesa,

de Henri-Lévi a Baudrillard e Bataille, quando já anteriormente falavam destas ideias Camus e Sartre, onde o *seeming* que propomos em nosso pensamento não estava ainda contemplado, ou seja, regista-se, em contexto vários, etnográficos ou sociais, uma volatilização da relação entre eu e ego, entre ego e Outro, sendo que regista também, no subconsciente coletivo, de uma substituição em "dupla hélice" daquilo que nos faz sonhar e realizar os nossos sonhos, o Ser e o parecer, e mesmo que realizemos esses sonhos, factual ou mentalmente, nada chega, nunca chega, e somos eternamente ora infelizes, por que o escolhemos ser, em favor do sucesso junto da societas, ora felizes, ainda que não por muito tempo, mas repetidamente, pois teremos encontrado forma (uma metodologia) a fim de o Ser...

2. Observação Versus Participação

Neste sentido, qual deverá ser a metodologia do cientista social? Observação, participando, ou apenas observar, sim, porque o filósofo não observa nem participa, que eu saiba e a sua metodologia (para quem fim?) é intrínseca à teoria. Indo mais fundo: como é lícito à filosofia fazer teoria porque não tem data (nem nome ou lugar?, ou seja, que espécie de construção é (ou parece) o empreendimento filosófico? Por outro lado, não será a premonição uma forma de **etho-logia**? Onde está, lembrando uma questão antiga e íntima à psiquiatria e ciências sociais, a fronteira, o afã e a bitola entre normal e normal, num regime de ab-normalidade etológica, comportamental? Uma outra grande questão, diria até mesmo filosófica, é "como deve a vida ser vivida" e isto, esta visão (ou adestramento da visão, mesmo que ela seja canhota) tem que ver com uma certa cientificidade de ler o quotidiano e o que

(nos) acontece. Além disso, que relação -e onde- existe entre antropologia e o pensamento autónomo kantiano? Não é ela mais suprema e válida forma de antropologia, de integração do Ser humano no meio físico e social? Não é o empreendimento tecnológico, que visa libertar, em primeira mão, o homem do trabalho, um movimento contra-natura, ainda que inerente ao homem, que visa elidir a agressividade animal dele mesmo e a sua espontaneidade, para o tornar num homem cada vez menos pensante, alienígena, programado, auto-programado para fazer isto e aquilo, por missão no seu desempenho societal cada vez mais performático, i.e., por um lado alguns são "extraexpontâneos", estão vivendo, sem qualquer teor reflexivo nas suas vidas, outros são ultra-racionais face ao económico, que pensam controlar a vida e o inconsciente humano colectivo, outro são hiper-reflexivos, a saber, os filósofos, numa tendência da divulgação e derivação dos caminhos d apegada humana neste planeta, pelo menos enquanto não nos mudamos para outro? Sendo assim, precisa a sociedade de Ser pensada? Ainda há lugar para as ciências sociais quando se vandalizam estátuas? E tal não será apenas sinal do irromper (incorreto, sob vários pontos de vista disciplinares) da geração mais nova, ou seja, de certa maneira nos termos tanto de uma sociobiologia quanto de uma etologia, uma luta pelo poder na esfera do social? E que lugar há para as reflexões do cardeal Tolentino de Almeida, nos termos de uma jesuitismo pala? E, ainda, por outro meio, nos termos de um franciscanismo que igual por baixo os seres humanos e até condiciona a reflexão filosófica sobre a democracia, a meritocracia (a haver), a justiça, toda ela social?

3. A-Parecimento e Perecimento do Homem e suas condicionantes existenciárias para um certa Forma de Inteligência mais ou menos Lógica e Circunstancial

Assim, além de uma antropologia que centrifuga o sentido e acaba por centripetar o próprio destino dele, reconhecemos, nesta via de pensamento, outras formas de inteligência que com ele se relaciona. A par disso, a sugestão televisiva que, ora permite o adormecimento dos "músculos da mente", ora transvasa para o anúncio de dias apocalípticos nos termos de um agravamento do COVID-19. Uma parte da sociedade mundial está apática, sendo dizimada, por esta e outras patologias, entre as quais a psiquiátrica é a mais sibila e nociva ao pensar de um destino do Homem, outra, mobilizada, mesmamente por via dos media e dos novos-media, em pânico, pior, transmitindo esse pânico. A par disso, uma nova epidemia: a do sexo, a desordem familiar pelo sexo, melhor, pelo mau uso deles, como se todos os corpos misturados (Serres) significassem, por inverso da tendência, o fim do homem (em Si Mesmo) pela negação da sua estrutura moral, dos princípios, não se o olhos desmazelado de certos filósofos e cientistas sociais, o que é justificável, porque os políticos, grande parte deles advogados, gestores ou geralmente homens de não-letras, não leêm os artigos em revistas dos sociólogos, no mínimo, dos antropólogos e filósofos, depois. Mas esta, a filosofia, quando mal feita, talvez contribua em grande parte para piorar o que é uma sociedade governada por materialistas,

pois transmite uma ideia de lassidão e deixar-estar, ou seja, uma ideia do humano (e do Ser-Humano), que nada tem de altruísta, ou seja, "fazes filosofia ***au-delá*** do mundo em que habitas"... Assim, o homem do senso-comum é aquele que interessa, como se pode ler numa estação do metropolitano de Lisboa, a vida é Fazer, porque o filosofia é sempre a partir do Nada, partindo do nada, do deserto, para um cenário de certo modo antro-topologicamente apocalíptico, ou seja, esse ponto onde nem sempre podemos mexer, pois é o nosso gérmen, a nossa essência e ir além (ou àquém) disso pode ser ora uma forma de escarificar o que entendemos por Ser, ao lado do Parecer, ao que nos ajudam aqui, em plena data de um suicídio de uma conhecido actor em Cascais, Camus e Sartre, entre outros, ou seja, o suicídio é cobardia ou um acto de derradeira coragem, sentido in-acabado de que nada mais há a Fazer? Como havemos de Viver? -leia-se o texto de Peter Singer? E havemos nós, perguntamos, de viver, alguma vez? Será que estamos sequer vivendo, antes do como? Entre reflexão e ímpeto, *sturm and drang* e não inscrição (Gil), "vai-se vivendo", diz o povo, invocando María Zambrano, "vai-se andando", como o homem que puxa o arado para que a **Natur** lhe dê o que ele quer e pensa (dar, oferecer), como nas festividades pagãs da Idade-Média nos termos de um *saltarello* de Orff... Somos, antes de atores sociais, meramente atores e devemos viver, havemos de viver, e viveremos decerto e com certeza, enquanto tal, i.e., enquanto atores aos papéis sociais) com questões e questiúnculas, vidinhas e vidonas, entre o mínimo matemático e o amplo geométrico, talvez cumprindo, enquanto insetos cósmicos, o papel que nos está na pela, ou seja, raça, religião, nacionalidade. Talvez tudo se resuma a essas três itens e não pode a reflexão filosófica elidi-los da sua reflexão, mas, ao mesmo tempo, será bastante irresponsável apagá-los da memória das gentes, dos povos, das populações, mais ou menos instruídas, ou seja, aquele

comendo que faleceu em treino forçado, gostava do que era (o socrático "Homem! Torna-te no que és"), simplesmente porque ele havia sonhado com isso, com essa vida e esse corpo (social, teatral) que se projeta diante de si enquanto ser-estar-aqui para um ser-estar-aí, ali, ou seja, porque não somos máquinas de coisas nenhuma, precisamos de sonhar, no que somos, em entretém, no que seremos. Mas...poderemos sonhar o que fomos? O que (quer que) parecemos? Freud e outros, mais psicanaliticamente ou mais junguianamente, o homem recompõe, pelo sonho e pelo sono vital, o passado com o presente, alimentando o futuro de uma expectativa de performance, de ir, de partir para a jornada, nem que seja para Santiago de Compostela... Assim, um dos grandes problemas do homem, antropologicamente falando, não é nem o Nada nem o suicídio, nem a antropocena, mas o ressentimento sobre o Outro, que move muitos sistemas políticos e de pensamento supraindividuais, ou seja, enquanto eu tiver ressentimento para comigo mesmo, não consigo ser quem sou e enquanto tiver ressentimento contra o Outro, ele não pode deixar-me ser quem eu sou, porque o que sou é qualquer coisa de simultaneamente belo e perigoso, ou seja, pode ser, a um tempo, dado a outrem e a outro dado em segredo a si mesmo. Porque a Mãe dá-se, a si mesmo e aos outros, os seus filhos, dá-de-si (num certo imaginário populares, dar de si significa ceder, noutros termos específicos "arrear", como quem arreia a bandeira, como se um destino ficasse em suspenso para a posteridade). Mãe que é mãe não abandona os filhos, é talvez o maior dos crimes instituídos na memória social, na memória do social. Porque ela é enquanto ***generatrix*** e a sua identidade pessoal parte disso, ou seja, é ela é mulher porque é mãe e quer ver os filhos "Bem"...

4. O Homem da Máscara, a Máscara enquanto Outro

Julgo que se impõem, nestes dias, algumas reflexões sobre o significado ora ontológico ora antropológico, da máscara, uma vez que todos andamos com ela por via do que nos acontece em termos de saúde pública, ou seja, o COVID-19. Claude Lévi-Strauss ajuda-nos a perceber o fenómeno quando assinala que a máscara é teatrealização ("A Via das Máscaras") e, medicalização, "Pareces um Doutor, com essa máscara", teria dito uma amiga a um colega meu, na minha aldeia. O que é então a máscara algo não mais do que via para uma outra dimensão, para os domínios do Parecer, mas também do Ser, ou seja, diria, "este é o meu rosto social", enquanto que o outro o guardo para mim e para o amor, no leito, com o meu amado, com a minha amada, no meu espaço doméstico, onde logo que entro tiro os sapatos (uma tradição hindu agora globalizada), depois de lavar as mãos. Mas...a máscara pode-se retirar sempre que queira, ninguém te proíbe, mas ela está reservada aos espaços publicamente fechados, a máscara pode ser (sempre) a mesma, por via de se lavar, se fôr de pano, pode ter vários motivos decorativos, étnicos, até, litúrgicos, decorativos em termos de uma imaginação mais ou menos volátil, pode-se descartar, em termos de unidade, como fazem os médicos nos hospitais, antes e depois de operar. A máscara é via de entrada do sujeito no mundo social sem que revele a sua identidade, é como que burca ("Só se vêm os olhos"...). Assim é com os Caretos de Trás-os-Montes (J.Paes de Brito), património da UNESCO. Talvez a interrogação essencial da filosofia seja essa mesma, responder "Pronto" àquelas ideias, àqueles itens que nos põem em sentido, ou seja, vergados ao dever e ao mesmo tempo devidamente

imaginativos para perceber o "rolo compressor" do Tempo, essa grande e enigmática dimensão (espacial?) da conjunção do Homem com o Si-Mesmo, para o Outro e o Outro além do Outro, que mesmo que não seja Nada (por enquanto), logo logo será mais alguma coisa, quando não apenas e tão admiravelmente o próprio Homem em Si (Mesmo)...

5. *Homo Centripetus vs. Homo Decrepitus*

Assim, face ao fenómeno cósmico (que somos), face à finitude, à ideia de morte enquanto forma artística, entrevemos outra noção que está já presente num autor medievo, Boécio de Dácia, que, no seu pequeno livrinho, como que inaugura a moderna ciência social, ou seja, a noção de eternidade do mundo remete mais ou menos automaticamente para a ideia de que o homem é, de certa maneira i-mortal enquanto se mantiver consigo Mesmo, atreito ao Ser ser social, ou seja, numa esforço de manutenção do social, muito além do fenómeno social total ou talvez apenas por isso, alturas em que Mauss e Durkheim mais são ***precisos*** à filosofia. Daí os termos de saída (em estado de emergência, como nos comboios, ou seja, porta para o exterior), a vida e a biográfica enquanto achatamento e ao mesmo tempo vasilhame, ou seja, dotada em sua natureza intrínseca mais ou menos inominável, de um início e de um fim, como um bom vinho numa garrafa, donde provém a noção de despejo, negativada porque não, precisamente, enchimento. E de tão cheio de Si está o Ser que acaba ou por rebentar (como um balão de ar, até Natalício), por uma via, ou, por outra, por se esvaziar, vazio de sentido (ermo, contingência e princípios), ajustando em termos teóricos a noção de enchimento versus esvaziamento que, no pulsar dos sujeitos, bombeia o

sangue para o cérebro que, em certo sentido seria a divindade, ela própria "produto humano", ou seja, o mundo é, apenas e tão somente, para usarmos uma figura, uma ampulheta, ora no deserto do Sahel, ora na floresta amazónica, plena de frutos e sons desgarrados. Quando o filósofo, e é essa a sua estratégia final, princípio metodológico final, a relação entre norma e desvio, muito mais do que o trabalho de campo etnográfico, que apenas permite conferir dados de observação a uma reflexão sobre o Homem-Homo. Afinal de contas, que é o real senão o homem, o aquém em vez do além, temas caros desde cedo a Descartes?...

Conclusão

Finalmente, nos meus dias, encontrei a jovem alemã que conhecera no Oráculo de Delfos, estava do outro lado do páteo, lendo filosofia, umas vezes fazendo-me inveja com o seu amado, outras tão profundamente ensimesmada na sua leitura, onde se parecia que se interessada em mim, quando apenas veio fumar um cigarro à varanda. No inverso, poderia dispôr-se um mundo de possibilidades, quando percebi que ela apenas quereria ser personagem dos meus livros, poderia até dar-se o caso de se invertir a situação e assim o bairro ficasse um pouco mais animado... Mas não, eu apenas a via tão categoricamente quanto possível, como a companheira, mais do que companhia, do jovem escritor com quem trocara impressões mais ou menos impessoais. Quanto fechar a janela de um lado e abrir do outro, ou outros fenómenos mais ou menos sociais que nos traziam àquele contexto onde a roupa oscilava nos varões, entre gritaria dos miúdos e troca de palavras entre velhotas, quando se tentavam retomar os grandes jogos de futebol e enfrentar

a ainda constante e chata pandemia de gripe.

A DOCE CRUELDADE DO SORTILÉGIO HUMANO: QUANDO A VIDA SE PERDE E SE TRANSFORMA, ENTRE *DASEIN*, VÃO E VANIDADE DO QUE PODE SER RECUPERADO

„C'est si beau une maman que le Bon Dieu,

Lui-Même, en a voulu une...“

Anónimo francês

O ARGUMENTO

Não se pode agradar a todos. Mas há quem procure agradar a gregos e a troianos, quer por personalidade e vocação, quer por a sua instituição a isso o obriga. Muitas vezes, a metáfora da guerra, sendo que a metáfora é a guerra e a guerra é a metáfora da não somente da antropocena, mas também da „cena“ humana que se desenha e espasma ante os sentidos de uma forma agressiva e cada vez mais desafiante, num contexto de uma antropologia radical e de uma filosofia não-extática nem extática, quando os pontos também se tocam numa perspetiva religiosa das relações entre os homens, onde está Deus.

A EXPLANAÇÃO DA TEORIA

A crença em algo de superior sempre „perseguiu“ o homem na sua existencialidade história. Tal equivale à crença num Deus? Terá de ser esse Deus obrigatoriamente superior ao homem? Lembremos o Zen e os escritos

de Nietzsche. De algum modo, esse Deus é Pai, pelo menos na tradição judaico-cristã e muçulmana. Mas, segundo o franciscanismo é Irmão, i.e., o Grande Irmão, o Big Brother. Enquanto o mundo se espartilha, entre real a virtual, só Deus, a ideia de Deus, parece persistir. Ainda assim, não agrada a tod@s.

Adiantei há tempos a noção de „vão“ para a filosofia. Dos lugares, amplos espaços abertos, à vanidade da vida, banalidade do normal e ao vão da escada onde escondíamos em pequenos os cigarros, à revelia do pai. Por vezes, aproximas-te do teu objetivo, seja o desvelamento dos mistérios da tua mente, sendo que ela representa tanto o Deus quanto a sociedade. Mas...a sociedade não é Deus?, ou seja, a complexidade do mundo desconhecido é digna de adoração e, nesse sentido, pode ser Deus. Alexandre Lacroix, filósofo francês, viu muito bem isto na sua obra „La Philo de l'Acte Sexuel“, ou seja, o saber ocidental precisa de se encontrar com o corpo, além do porno-freudiano, reencontrar o corpo na sua articulação, além do espírito, com a alma. Isso passa por fazer uma antropologia, não só do mundo, mas regressar ao ínfimo da mente, à terapia com elementos naturais. Mas, seja como fôr, um bom princípio será abordar a obra de João Pina-Cabral „World-An anthropological examination“(Hau Books). Sim, a questão do Homem passa por uma abcissa algures entre a Filosofia, a Antropologia, a Teologia. Mas há outras ciências a convocar neste problema, que não é só o problema de Deus, a saber, a sociobiologia, a etologia, a semiologia, as ciências exatas como a matemática e a física. Foi assim que empreendi um certo retorno ao corpo (enquanto sentido) na minha tese de doutoramento.

A história continua, o homem repete-se, ante os mesmos teoremas e equações: propriedade, território, contrato social, busca de status, não já para trocar mulheres, mas para orgulho pessoal, como se a vida (deles) fosse um filme de Hollywood, em que o grande problema é lidar com os egos dos atores.

Sim, a lógica camponesa repete-se e se perpetua, ser feliz num espaço que não é de viagem, permanecer dentro de um certo círculo de amigos com que se evita a solidão, evitar a cidade, porque é, sempre, cidade do pecado, pois ***pecus*** quer dizer trampa, porcaria. Logo, pecado. Como na religião, a prática religiosa que trata da manutenção de uma ordem que é, antes de mais, mental, para além de sentimental. Porque a cidade é estranha e cheia de perigos, mantenho-me num registo de Bem enquanto camponês, ao menos estou vivo, como se o objetivo da vida que me foi dada fosse, apenas, permanecer vivo. Porque se pode dar a volta a tudo, a qualquer ideia, a qualquer deceção, entre Bem e Mal, entre cristão e mouro, entre Norte e Sul.

O Deus, portanto, é o supremo Ser que se dá, que está aí, no mundo e define o que é Bom e Mau, Bem e Mal, o que está entre os homens, logo Deus é a sociedade, mas sobremaneira algo que está „acima“ dela e, no âmbito do indivíduo, acima dele, por isso mesmo Seu Caminho. Assim, proponho uma nova ciência nascida da fusão entre teologia, filosofia e antropologia, com alguns elementos de sociobiologia e etologia e de ciências exatas e naturais como matemática, lógica, química e astronomia, além de outras. Esta ciência baseia-se claro na relação da filosofia com o mundo social, da filosofia com a sociologia, obviamente. Mas não se fica por aí, na relação do sujeito com a divindade e com o Outro…vai além, muito além disso, para se instaurar como fenomenologia personalista, seguindo um pouco as propostas de Emmanuel Mounier e Sartre. Enquanto este diz que o Inferno são os outros (o Outro, no limite teórico da coisa), a teologia católica adianta que o Céu são os outros. De modo que tentamos conciliar essas duas posições enquanto proposições da relação do homem com o mundo, não só o homem davinciano, das artes e da criatividade, mas o homem da cidade, tenso e desenrascado, que vê na sexualidade uma forma de auto-superações competição, pelas mulheres e os

bens associados a elas, como diria Claude Lévi-Strauss...

Sim, quando encontramos a oração e o Cristo escondido na igreja, percebemos porque é que os punks não vão à igreja nem à Missa...

A NOÇÃO EXATA DA DOR, A PERDA NO DESVIO

O que é, então a dor senão um desvanecimento da vontade? Atentemos no que nos diz Schopenhauer a este respeito, em „O Sofrimento do Mundo“. Não são adiantados quaisquer pessoas nos eu texto, quaisquer noções de tempo, ou seja, contextualização temporal, espacial, histórica. Como compreender esta filosofia? Porque ela não é ciência, é códice, devaneio teórico para sofistas, pelo menos aquela que vou conhecendo, como se apenas restasse ao homem apenas um nome gravado numa lápide no cemitério de Paris...

A ver se nos entendemos: será o filósofo funcionário da humanidade ou apenas isso, um sofista, digamos um vendedor da banha da cobra? Não gosta de comer a beber bem como os outros? O que falta ao filósofo que ele não tem? E porquê Ter? Não basta Ser? Pertencer? Discuto tudo isto na minha obra „A Função Social do Filósofo“.

ALGUMAS RESPOSTAS

Adiantamos uma nova noção, a que chamamos de ***pecadillo***, pecado do dia,

tal como *bocadillo*, em espanhol, em vez de pecado „tout-court“, logro, em vez de êxito, porque o filósofo tem uma especial predileção ora pela derrota (no campo do prático, do senso-comum, porque analisa) e por uma vitória final. Sim, de derrota em derrota até à vitória final...

Então, em que consiste o ***pecadillo***? Está próximo do regadio, do fastio, daquilo que inseri como banalidade do banal no meu texto „Tratado do Entediamento“...

Sim, saturação do Ser, por isso mesmo Dasein, tendência para a aplicação e desdobramento do Eu na realidade social... na vida do mundo. Sim, em vez de ser o pecado de sempre, transcendentalmente, é o pecado do dia, do século, *a la mano*, como se diria numa versão espanhola de ***Ser e Tempo***.

Depois, a noção da paragem, ***para-aragem***, ou seja, colher no vento os frutos metafísicos de uma suposta solidão e fuga ao mundo, entre a América do homem funcional e a *serendipiti* do Convento da Arrábida ou do Varatojo...

De resto, o homem vê-se diante um dilema, não o filósofo, que resolve tudo, mas o homem do *common-sense*: não é a palavra, i.e.,o texto, uma forma de sedução? Sedução de Deus, dos anjos, dos santos e santas, sedução do Outro? Não hé, de facto, muito mais do que isto, por mais análises que possamos fazer, mesmo recorrendo a outras ciências, às artes as mais diversas. Porque perdeu o filósofo a noção de Deus, do Deus escondido na Igreja, do Deus do sacrário, da contemplação, do nada fazer, do nada-a-fazer, da fenomenologia contemplativa, do cultivo da Alma? Daí mesmo, a solução, não só para a felicidade, mas também para as mais variadas doenças psíquicas é não andares **pre-ocupado**, sendo que tal atitude não é má de toda, pois uma tarefa, uma procura, um caminho, como se **pre-parássemos** o Tempo, as noções tradicionais de sucesso pessoal e profissional, o respeito pelo o outro, a aritmética do desejo. É não controlar, ter a mente aberta. E isso é Deus, é

Estar-em-Deus.

A IN-SEGURANÇA DO CONHECIMENTO

A aragem incerta do tempo, a existência duvidosa, o lograr no erro como meio de subsistência, a subserviência enquanto estratégia de sobrevivência. Tudo isto é possível. Neste e noutro mundo, diríamos. Assim, aquilo que chamo de „medo cerimonial“ é o receio de desaparecer. Porque só conhecemos este mundo („Ninguém de lá voltou“, diz a sabedoria popular). E é no popular, não no erudito, que procuramos respostas, pois tem a ver com uma certa domesticação daquilo que é selvagem face o homem e seus princípios, ou seja, um adestramento de algo que também pode ser „sinistro“, ou seja, canhoto. No início do século 20, um teórico francês adiantou a obra „La Proéminence de la Main Droite“, uma obra bastante esquecida, no fulgor das notícias e das discussões televisivas em cima do joelho. Por isso, tanto o antropólogo, por saberem e serem em certo sentido xamãs, escondem-se e escondem o seu conhecimento, pois nada há de mais forte do que a palavra, escrita e falada, quando bem colocada, como a bola de um jogo de futebol. Seja como for, a boa-vontade não é automática, nem os desejos o são, depende de uma reflexão, de um método de contemplação, de uma idiossincrática fenomenologia do sujeito face ao mundo, ou vem, por outras palavras, do exterior, de Deus ou dos irmãos, se virmos o sujeito enquanto um bloco de vontade, uma mónada, um protão, uma célula da sociedade, numa perspectiva integradora. Porque, a sociedade rejeita o que não é conforme, só o aceita passado algum tempo, tal como a Igreja, em forma de inovação e com um invólucro contextual, culturalmente definido nos termos do costume (Kant).

Assim, o homem finta o tempo, procura a felicidade onde ela não está, ou seja está em Si e não tanto quanto no sacrário, mas o que está neste é algo que o transcende, uma experiência passional única reafirmada por séculos e séculos de devoção e misticismo e que funciona para o crente como o feixe de sentido de que ele precisa para dar sentido à sua vida, à sua existência. Vide a este propósito algumas passagens de Kierkegaard...

TERRENOS MAIS FIRMES

Preparo um disco de Ärvo Pärt e penso: „Como é parvo este mundo! Depois de tanto investir no sujeito, a sociedade ocidental acaba por deixá-lo ao abandono...“

Depois, ainda insistem no grupo, na sociedade, no contexto global. Há que regressar ao local, nesta sociedade bipolar (é a minha tese, a sociedade portuguesa é bipolar, como outras) e lembro-me de Margaret Mead e Ruth Benedict que, lá longe de nós, ocidentais, percebeu como é a relação entre sujeito e sociedade, grupo cultural, enquanto a industrialização, a militarização, o nuclear, grassavam por estes territórios. A guerra na Ucrânia nada mais é do que a história a repetir-se, abrindo mais um ciclo em que o Homem decide fazer uma guerra só porque não se reconciliou com a sua história, num ciclo de eterno retorno que não sei onde irá parar. Falta diálogo, poderá dizer o Secretário-Geral das Nações Unidas. O sortilégio de Babel? Refreio o meu gosto pelo caos, pela anarquia de pensamento e exatamente às quatro da tarde, depois de ter ouvido um pouco de música sacra, logo depois do almoço, coloco George Benson no gira-discos, na comporta dos cd's. „Four for an Afternoon"...

MUNDO: UM EXAME FILOSÓFICO

Entre normal e patológico, aí vou eu, em direção à teoria, folheando o livro de Pina Cabral, „World: An anthropological examination". Mas será preciso a

teoria etnográfica para construir a grande teoria? Decerto, o filósofo não pergunta a ninguém o que pensa dos cântaros tradicionais ou das ânforas fenícias...

Nem tão pouco o sociólogo o faz, pois tem já uma grelha pré-determinada, que se poderá alterar, obviamente. Mas...o filósofo não tem datas nem nomes na sua teoria, porque a filosofia **é** teoria, a teologia é teoria do sagrado, só a antropologia, na realidade, poderá chegar a uma ideia aproximada do que é o Homem, essa ideia prestes a ser peregrina, de que os cientistas sociais se deixaram de interessar, para se fixar noutros processos, noutros progressos. E, podemos fazer um exame filosófico do que é o mundo. Platão não falava nisto, desde o „início", no Timeu?

Como relacionar estas linhas, estas tradições conceptuais e como articular o corpo com o inconsciente colectivo, sendo que, de certa maneira, tudo isto, todos estes itens mais ou menos teóricos, são alinhados e ligados por um demiurgo a que muitos chamam de Deus e outros outra coisa qualquer...a saber, *status*, sucesso, amor, sexo, dinheiro? Então, o que é ser-se feliz senão cumprir metas, caminhos, cursos e percursos, até chegar à realização do sonho, à concretização de uma ideia pré-concebida? Ainda assim, há quem ande às apalpadelas, como se fosse cego e não quer chegar a ponto algum, pois o êxito nada mais lhes diz, querem é a felicidade, o Estar, o Ser, o Pertencer, do lado de cá da vida, como dizia eu mesmo num dos meus livros...

Sim, quando temos certezas, interiores e exteriores, é bem mais fácil conduzir a vida através dos dias. Mas...será? Não é a dúvida (Flusser) ela mesma uma forma de (ter) certeza? Como um barco em alto mar, uma barcaça em pleno oceano.

Sim, a vida é chata, a filosofia é chata, a antropologia sem o documentário até enfastia, tal como a sociologia sem a devida intervenção do Direito e o

também devido tempo de antena, mas, o mundo é feito dessas coisas e talvez, dizem os ecologistas, o homem que se preocupa devesse virar-se mais para o seu umbigo, para a terra, ver e constatar que tem um umbigo, em vez de olhar tanto para o espaço, esquecendo que tem não só um umbigo e como que fugindo dos problemas. Porque, na verdade, há homens e homens...

O homem e a humanidade parecem estar existencialmente „entupidos“, enquanto outros estou numa fase de existencialmente „estúpidos“, se olharmos para as desigualdades, a crónica fome em África e em certos países da Ásia, as guerras civis e raciais, o distinto acesso à educação, tantos e tantos problemas sociais que só dão razão a quem faz ciências sociais, pudessem os políticos ler mais ensaios para compreender o social, os problemas que ocupam os homens, pois é neles, a meu ver, que reside a chave, não propriamente nos teóricos de acesso às várias mundividências locais e regionais, contextuais...

CONCLUSÃO
O DEUS QUE HABITA O HOMEM

O filme „Contato“, quanto mais perto de Deus, mais perto do Homem, o contrário não creio que seja bem claro, mas posso admitir que seja, verdade, a verdade é esta a grande Verdade, independentemente da religião ou grupo

religioso, movimento, Ordem. Quanto mais o homem se conhece mais perto está do Criador, daí que o Homem seja também o criador e, segundo a antropologia, o Criador de Deus, ou seja, dele mesmo. Mas, nem tanto ao mar nem tanto à terra, nem muito „Deus“ nem muito Homem. Por isso se diz que Nietzsche buscava Deus, nas suas indagações e indignações filosóficas, tal como outros, Sócrates, Schopenhauer...

Deus não é uma ideia longínqua, Ele está entre nós, no Nós, ou seja, nos nós que se atam e desatam uns aos outros envolvidos nos humanos e naquilo que somos em conjunto. Porque Deus também pode sentir a solidão, a ***solitude*** de um grande Criador, quando tudo tolera e quando o Homem contra Ele se rebela, entre normas de desvio e delinquência que não lhe agradam nem um pouquinho, porque traem a razão da Criação, combinar perfeição existencial com imperfeição corporal, ou ser, ver beleza onde ela possa nem sequer existir. Daí que o destino e o sentido da vida humana seja procurar a felicidade, combinar a direção com o conteúdo ou seja, o exterior com o interior. Como um bom vinho amadurecido...

O QUE DEVE O HOMEM QUE PERDE A ESPERANÇA:
MARCUSE, CAMUS, SARTRE E OS BIJAGÓS

TEORIA

A antropologia é espaçamento, espaçamento, vive do desfasamento entre a realidade que analisa e a mente do observador, do analisador, sem nunca se psicanálise. Nessa medida, está limitada a isso. Por isso, vamos mais além. A antropologia tem que ver com as estruturas mentais que organizam e desorganizam os homens, enquanto a filosofia não, fica na expetativa a ver o que acontece. O que há em comum com elas é que ambas têm subvenções de impostos de gente trabalha na terra, só para dar um exemplo.

E planteiam uma simpatia, uma inocência culpada, como se se importassem realmente com as pessoas. O problema é que os psicólogos e psiquiatras também não se importam. Por isso, faz falta uma nova ciência, que desaloje do poder académico um conjunto de senhores que perpetuam os seus vícios mentais de um lado para o outro e não compreendem o homem da rua, apenas fazem da academia carreira e não serviço público. Não admira que os políticos não leiam ciência social nem filosofia para aplicar à sua práxis política, porque uns e outros são frouxos, nada têm da tradição francesa de Rousseau do cidadão livre e da livre expressão e da tradição americana do bem comum, de Bentham a Ryle. Ambos não estão preocupados com a ciência social, mas com as benesses que ela pode trazer. Este é o argumento.

Explanação da Teoria

Conflitos pessoas, coligações mais ou menos democráticas, sempre os houve, sempre os haverá. Até na Antiga Roma. Liberdade e felicidade são “coisas” que estão mais à frente no tempo do tempo presente. A felicidade genuína tem que ver com o sentido da satisfação no presente e com a

perspetiva de ela se estender no tempo futuro. E a moral? Pode ser um travão à liberdade, à realização profissional? Ou pode ser sua causa, seu "suplemento"? A teoria principal das teorias que tenho apresentado no meu percurso mais ou menos académico, mas também com mergulhos no senso-comum, é que a realidade é disposicional. Que quero dizer com isso? O que é o mistério do sujeito? Por outras palavras, como é que a ideia de América pode ser tão atraente para certos espíritos como o nosso, o de Baudrillard, o de Marcuse? Partindo destes três autores, citados no nosso título, pretendemos defender uma antropologia da robótica, ou uma robótica da antropologia, ou seja, equacionar o corpo com a mente, sem deixar esquecer alma e espírito. Mas, podemos equacionar, como só há uma categoria para a "matéria humana", o organismo, quando há três para o que está acima, lembrando a expressão de Claude Lévi-Strauss e Henry Lévi-Bruhl? Na verdade, o corpo tem muitas formas e muitos nomes, como o Diabo...

O filósofo, seguindo as ideias de Mounier, é um funcionário da humanidade, mas também o é o antropólogo, talvez ainda mais, sendo o filósofo mais um funcionário, da verdade, do sentido (da vida), do significado oculto das coisas que a Teologia revela, desvela, de outra forma. Além. Essa realidade está, então, disposicional, à mercê (do sujeito), a la mano, como diz Heidegger em *O Ser e o Tempo*... E, se essa realidade, sendo disposicional, estando à mercê do sujeito, pode ser por ele alterada, mas suspeitamos que o sujeito faz parte da realidade, pelos sentidos e, logo, uma alteração no magma dessa mesma realidade, a la mano, pode implicar alterações no sujeito. Mas que tinha de alterações? Disposicionais? Também, mas essencialmente ao nível do halo e do holo dos seres humanos. È a eterna dualidade entre ***natura*** humana e ***natura naturans***. Podíamos aqui seguir Espinosa e dizer que o sujeito segue, prossegue, um itinerário determinístico, em certo sentido fático, fatídico (de

Fado) e ele acaba sempre, por necessidade ou impulso, por alterar a realidade. Mas, para além deste binómio, o que existe? Nada mais do que o Nada na sua relação com o Todo, o espaço sideral, os elementos da ***anima mundi***... Assim, além do darwinismo social presente no princípio que o mais apto é aquele que copula mais (e mais vezes), está escondido na América algo mais, além dos filmes, uma realidade interior, secreta, indizível, que nos alimente, como um fio invisível de uma certa forma de inteligência e, nela, de sentido, como um fado cantado ao fim da tarde no largo do São Carlos, quando o tom predominante é o *bordeaux*...

SENTIDO QUE DANÇA

Na verdade, como dizia um sábio albanês, há três tipos de pessoas: aquelas que se ocupam de coisas, depois aquelas que se ocupam das pessoas, mais adiante aquelas que se ocupam das ideias. Mas, podemos fazer várias combinações: aquelas que se ocupam dos três níveis de conhecimentos são as mais dotadas, pois saber relacionar, fazer pontes. O filósofo ocupa-se das ideias, o antropólogo da relação do homem com as coisas, como entende o

mundo através das coisas...mas também das ideias que ele forma no entabulamento da sua relação com as coisas, a saber o mundo. Sob o ponto de vista moral, as que se ocupam de coisas são materialistas, as outras idealistas e os outros sociólogos. Daí surgiu a antropologia social. Daí surgiu a haologia, que estuda os halos e holos da humana condição...

Sim, se o segundo cérebro no causa repulsa, também nos causa indignação quase metafísica, nos termos de uma antropologia radical. Ou seja, se essa antropologia radical versa sobre o segundo cérebro é logicamente imanente e deixa espaço a que o "verdadeiro" cérebro seja não o habitual, mas o estômago, a não ser que ambos estejam ligados, de alguma maneira conetados nas suas funções de relação com o meio ambiente social.

Há um dito português que diz "isto está tudo ligado", ou seja, nem precisa de uma divindade para fazer a ligação, pois essa divindade tem mais que fazer, recuperar alcoólicos, pederastas, toxicodependentes, etc, só porque é fácil ir na onda da festa, na voga, para cumpri certas vidinhas que precisam de ser resolvidas. Porque, afinal, aquele que vai em primeiro na corrida e ganha, aquele que marca golo no último minuto, talvez seja apenas aquele que está pelos outros, num mundo capitalista de tática e calculismo. O capitalismo a isso conduz e a panaceia é o sexo sem limites. Marcuse não se espantaria com tudo isto, o mundo tomou o desenvolvimento das suas teorias, bem como Sartre e suas "situações"... Nem tão pouco Baudrillard se espantaria, ou mesmo Bataille, este mundo está prenhe de dados que poderiam ser delícia e prazer da sua análise intelectual.

Assim, a antropologia radical, se tudo está ligado, terá certamente que ver uma certa efabulação intelectual de quem fuma cigarros ou droga, ou seja, aquele dito de que "vou produzir um escrito memorável que me perpetuará como autor, chegando assim à imortalidade". Nada mais falso. Onde está a

tecné de que falam alguns filósofos? Sim, a sua ligação ao mundo é ténue e o génio, que todos adoram, o santo, bem pode ser um delinquente mental, ou seja, a sua ligação com o mundo pode muito bem nem sequer existir. Mas...quem poderá aferir tudo isso, dessa ausência de ligação? O médico, o terapeuta? O médico não estudo ciências humanas e vê o paciente como um organismo, pior, com uma máquina, além do seu lastro existencial, ou seja, além daquilo que ele real-mente É!...

NOS PASSOS DE VELHOS FANTASMAS

Os media ajudaram a libertar certos fantasmas antigos da humanidade, como a pederastia, o abuso das mulheres, o lenocínio, o tráfico de seres humanos. mas também parece que essa lente de aumento ajudou a fixar muitos outros, ajudou a que proliferassem, sobretudo no mundo ocidental. É como se eu tapo a cabeça, os pés ficam descobertos.

Na verdade, o que é do domínio público, parece que tudo está invertido,

esventra-se o sujeito em telenovelas, em canais de notícias sensacionalistas e nem aparece um cientista social, porque o homem e a mulher, obviamente, vivem numa solidão atroz, numa ilusão atroz de felicidade que na maior parte dos casos é flácida, é uma falácia, porque assenta em pressupostos errados. Claro que a formação, a educação tem um papel, mas a TV só apresenta aquilo que o espetador quer ver, nomeadamente escarafunchar na ferida do outro, esquecendo-se que o Eu é o Outro em mim...

Depois, a ideia de uma sexualidade dominante, mais, de uma masculinidade dominante, que se está reservando para um *guetto*, para se tornar incrivelmente perigosa. São estes, entre outros, os velhos fantasmas da humanidade.

É como se a nossa mãe ainda nos ligasse ao ventre materno pelo cordão umbilical e, logo, ao mundo, um mundo interior, secreto mas que a medicina tenta revelar. Assim é a ciência do espírito, a psiquiatria, a oncologia. Ainda assim, entre ciência e consciência, lá vai avançando o homem, com ou sem muletas conceptuais. E, nisto, a religião pode em si ajudar, porque aquilata da qualidade das descobertas das ciências do espírito...

O CÁLCULO INFINITESIMAL

Todo o homem faz cálculo, mesmo aquele que está no convento, no sentido em que é egoísta, oportunista face às situações que fazem perigar a sua intimidade, intensidade, sobrevivência. Porque o homem está relacionado com o Outro, esse cálculo reveste-se por vezes de parasitismo e oportunismo e isto não tem nada que ver com teorias darwinistas, o homem é mesmo assim, desde a aurora dos tempos, porque essencialmente, procura construir para

preservar, procura recolher para consumir, como se a economia fosse apenas uma questão de escolha, opção face às situações. Mas não é, a religião pôe cobro a tudo isto ao se debruçar sobre as situações mais ou menos humanas que se deparam ao homem e é cada vez mais especialista em situações limite, espiritualmente limite, naquelas em que a mente precisa de descansar, mas aí o homem escondido j à lá não está e passa a ser inexistente face ao Outro, na sua sede de egoísmo e falta de solidariedade, numa solidariedade que nada tem que ver com compadrio, "mafiosisse" e, diria até, com religião. A Teologia pode bem ser uma técnica de sobrevivência do espírito, nadar no reino aquoso da alma em paz com os anjos e consigo mesmo. Mas também pode ser uma armadilha, essencialmente quando é preciso ir trabalhar para comer e sustentar os vícios de que todos gostamos. Porque ninguém é integralmente íntimo. Veja-se a Bíblia, só por acaso. Tem o *Cântico dos Cânticos*, mas nada tem de humorístico e isto é sintomático do teor da mensagem bíblica, de Cristo. Ele queria, na verdade, fundar uma nova sociedade, com novos princípios, com novos argumentos. Por isso digo que Cristo foi o primeiro grande cientista social, sim, porque ele procura transformar a sociedade, de modo a que ela se revigore e esqueça os velhos hábitos, os velhos fantasmas que fundaram o nascimento do Homem...

Assim, o homem calcula, sobretudo em termos de economia libidinal, ou seja, o segredo da sua imortalidade é a reprodução e a *jouissance* funciona como motor de um interesse pela vida (humana), mesmo no sentido do seu planteamento na esfera do quotidiano... Portanto, nada de muito estranho há na natureza humana, ela é o reflexo, o espelho da ***natura naturans*** no seu desenvolvimento e articulação para com o mundo, que é ele mesmo também o sujeito quando evolve no mundo social, entre esperas e desesperação, entre

desilusões e êxitos. Também o filósofo tem estes achaques e, porventura, de um modo mais duro do que o homem do senso-comum, mas não é tão fatal porque o filósofo tem cuidado com o que diz e o que faz, bem, pelo menos alguns deles, porque a sua grande parte apenas reproduz a verborreia dos clássicos e assim se perpetua em universidades e mais universidades. São os sofismas com sofisma.

O pior que pode acontecer, se não vês sentido de comunidade à tua volta, é acreditares que há um sentido de comunidade. No entanto, essa ideia, essa ficção, isso que pões em causa porque não sentes o mesmo que sentiste em criança e entre os religiosos, pode ser visto de outra maneira. A solidariedade, em contraposição à mecânica versus orgânicas sugerida por Durkheim, é ocasional, sazonal, ou seja, também ela ***disposicional***, como a realidade. E, neste ponto, poderíamos dizer que a comunidade é só uma, a humanidade, mas isso não nos ajuda a diferenciar nada nem a ter proveito, nem que seja apenas para comer duas refeições por dia. Ou seja, o sentido é que a comunidade é algo que está à mercê, por um certo preço, como no supermercado, porque é um bem escasso e há que doseá-lo bastante parcimoniosamente para que dure e se intensifique no tempo, o tempo das biografias, as trajetórias das histórias de vida.

CONCLUSÃO

Por isso, o mundo não vai mudar tão cedo, do Afeganistão à Ucrânia, porque o homem faz cálculo e muito por culpa dos políticos, que não lêm ciência social e acham que o mundo é uma imbricação infinita de leis e regulamentos. São os chamados eurocratas, a corrupção é quase legal, falta apenas regulamentar, é

como a prostituição. De algum modo, aquele que produz a ciência social tem a cabeça cheia de sistemas, daí o seu propósito ser diferente do filósofo, enquanto um nega o real, o outro alimenta-se dele...

Enquanto aluno de Antropologia Social, aprendi dos professores que a guerra "faz parte", é próprio do que é ser humano. Na verdade, os refugiados apenas querem deixar de ouvir bombas, de levar uma vida em paz, independentemente do credo religioso e da orientação política e sexual. Apenas querem viver, *tout-court,* esquecer o seu país para voltar um dia, quem sabe, sob outras condições. É esse fundo de humanidade que anima os homens, a ideia de que vale a pena lutar porque há lugar para todos e mesmo que o Vaticano cheire a mofo de tanta paz e abusos, há que acreditar nalguma coisa.

Portanto, não podemos, como se diz em Portugal, apenas "sacudir a água do capote" ou assobiar para o lado, o mundo é global e aí está o cálculo que devemos fazer: para um mundo mais justo, alegre e equitativo.

Os sentimentos estão interconetados, nem que seja pelas redes virtuais, porque há mundo tempo que existem redes sociais, nós é que não as sabíamos ver e representar num écrã. Assim, o ser humano procura a "exatidão" de que falava Pessoa, exatidão dos sentimentos, para se sentir em calma, no refúgio, fora e dentro da caixa. Ser humano é, então, não só ***sentir-se em casa***, mas perceber que a ela pode voltar depois da voragem dos dias, da caça que é o mundo do trabalho da sociedade capitalista. E que o Eros velará por ele, não importa o que aconteça...

A obsessão das limpezas surge porque se considera sagrado o mundo, o acto sexual, as relações. Daí a ligação à religião e a aceitação dos seus princípios, enquanto percebemos o mundo pelo profano, porque a técnica (individual) é profana, enquanto o compromisso é do âmbito do sagrado...

Daí, aceitas com certa consideração os teus pensamentos e segues, ainda que com sofrimento, na esfera elíptica do mundo social, ora batendo com um ou com o outro e encarando com diversas portas fechadas, porque não gostam do que tu és, ora conseguindo, aqui e ali, muitas histórias de vitórias... Porque a mente da maior parte das mulheres é machistas, mas o mundo está mudando. A mulher vai adquirindo o poder que nunca teve e isso deve-se em grande parte à democracia e à morte de muita gente na guerra inefável do quotidiano.

E perguntas a ti mesmo "Quando é que isto termina" sabendo que não irá terminar o mundo, que tudo faz parte, por assim dizer, entre crimes, honoríficos tachos, como se diz em Portugal, vaidades e patologias a rodos e de arrasto, num mundo que é cada vez mais desafio aos cientistas sociais, filósofos, filólogos e até poetas. Multiplicam-se o sentidos e a filosofia ganha pertinência, embora nem todos tenham a coragem de ficar só, como funcionários do mundo, da humanidade, de um mero líquido que se verteu fora do copo. Sim, ainda há zonas de ferrugem, áreas em que é preciso colocar uma pinguinha de óleo para alavancar movimento, nesta físico-química do social, fazer com que a geringonça se decida a tomar mais velocidade, porque o que a sociedade ocidental revelou, de Portugal aos EUA é que o cálculo é infinitesimal e sempre estará ao dispor do homem, por isso é disposicional ele também, entre a dominância do macho alfa (que só faz sexo) e a ilusão virtual dessa tendência que sempre acompanhou a humanidade, enquanto que o outro macho vai fazendo o seu cálculo. Não quero cruelmente reduzir esta consideração de ideias a uma fatalidade, um sortilégio, como lhe costumo chamar. Há lugar para tudo, como num filme, para a raiva o desespero e a entrega dos corpos, entre Bataille e Baudrillard, terminando em Marcus(e) e nos outros dois autores que propus para análise.

Na verdade, quando a unidade (sagrada) entre corpo e mente é ameaçada,

tudo vai mal, o homem aliena-se, confunde-se, porque no uso exagerado do corpo, dos vícios, perdeu a alma e ela está presa a um lugar, a uma ideia, a um hábito ou circunstância onde se gerou ódio e raiva. Daí o humano também não existir, ser na verdade, uma ficção, como uma telenovela. “Captitude” é o termo: o homem pode voltar, na selva urbana, a caçar, como fazia outrora nos tempos primitivos. E como ainda alguns fazem...

FILOSOFIA DA COMUNICAÇÃO EM QUE SENTIDO?
POLÉMICAS SEMIOLÓGICAS NOS TERMOS DA CATARSE
DO ESPAÇO PÚBLICO NO CONTEXTO DO ESTADO-NAÇÃO

A Problemática

A História é antiga. Serão as nações entidades supraindividuais para legitimar identidades coletivas e pessoais com o fim de se sobreporem a outras nações?

E que lóbis ou identidades grupais se albergam ante essa configuração identitária do estado-nação?

É esta temática que pretendemos abordar neste ensaio.

Desenvolvimento

E o papel da religião em tudo isto, ou seja, não é a Igreja um mundo dentro de outro mundo mais amplo? Ou coincidem as suas fronteiras teóricas com as do mundo, o conhecido e desconhecido? Para a Igreja, a religião define a cultura enquanto que, para o antropólogo, a religião é um traço da cultura. Tive acesas discussões com um meu amigo engenheiro de telecomunicações sobre este tópico, ao lado da acústica e da filosofia das coisas, as elétricas e as orgânicas. Ele acreditava, talvez mais do que eu, numa metafísica útil, acessível, que contasse com os dados, que desse das pessoas, dos tempos, dos compassos e lugares de habitação e habituação dessas mesmas pessoas.

Religião é crescimento, não é abuso nem violência nem tão pouco abuso pela violência, é locus de inquirição diria até filosófica do que está no e para lá do mistério do Cristo na cruz. É vida e bastante sentido da vida. Desde criança que queria conhecer o mundo, esperei o tempo certo até me decidir pela antropologia, por isso me sinto realizado, mas queria mais e a filosofia foi dando respostas, o que quis propôr com a haologia foi esse arremesso, esse alcance, como a funda de David contra Golias, aplacar e compreender os meus fantasmas enquanto ator social numa cidade e sociedade de estado-nação onde a identidade preponderante fazia sentir algum conforto, mesmo sendo eu um sujeito algo quezilento, com aliás, todos os habitantes de Moscat, o meu último e definitivo campo de terreno, onde produzi mais do que em todos os

anos anteriores, resta saber com que qualidade.

Sim, e porque a Igreja anda tão devagar em assuntos como a sexualidade? Talvez porque os padres não possam casar, acabando por se tornarem pederastas ou eunucos, uma das duas coisas que um homem comprometido com o social e o tempo não quer. Sobre muitos assuntos a Igreja não tem respostas prontas. Os católicos apenas querem viver, talvez por isso nunca neguem a vida, como outros fazem a propósito do abordo ou da eutanásia.

A identidade é mais do que fio da existência, é persistência, risco e dor. É o que tu és a todo o momento, ainda que por vezes isso esteja escondido atrás da tua simpatia, numa sociedade de agressão mútua, sádica, que não defende a vida, mas se perpetua em lógicas de morte que, por exemplo, a Igreja bem denuncia. Mas esta, por vezes, acha que o homem, o sujeito, se deve defender, como no caso dos abusos por parte do clero a crianças ou jovens. Mas...se os padres (católicos) se pudessem casar, seria melhor? Se as monjas se pudessem ordenar, celebrar os sacramentos, seria melhor? Diz-se do padre que aceita o celibato que está assim mais disponível para os irmãos, sejam os paroquianos sejam os irmãos do convento. Em que sentido isto se poderá equacionar cientificamente? Teologicamente, pode ser equacionável, com certeza. Mas, é a Teologia uma ciência, a ciência de Deus? Não será antes uma escatologia, ou seja, mais profundamente, uma metafísica? Ou, mesmo, a metafísica? Porque o sujeito, no templo, está despido de mal, mesmo que o tenha praticado e encontra-se diante do Bom Deus que é a sua própria consciência, no desdobramento do Ego e do Alter Ego. Como, então, fazer a psicanálise da oração, coisa tão simples e ao mesmo tempo tão poderosa?

Assim, para compreendermos o mundo, temos de abdicar do nosso Ego, por

vezes, e de um modo radical, para conhecermos Deus verdadeiramente, temos de abdicar de nós mesmos num sentido radicalmente oposto ao que o capitalismo tem enunciado e anunciado, ou seja, temos de perceber que o chapéu da fé pode por vezes estar roto de tanto uso, de tanto desgaste e temos de ser nós mesmos a repará-lo com a ajuda daquele que tudo pode. O mais problemático, na verdade, é: como compreender Deus através dos sentidos? Não é Ele plena identidade e satisfação? Porque há um outro sentido no mundo, nas coisas, nas pessoas e nas relações entre eles e tal sentido não cabe na ciência e na filosófica, além do mais tem o dom da gratuitidade e oferece-se a quem se saiba render ao infinito. Então, pode o cristão lutar, defender-se, competir? Bem, veja-se a fé do futebolista polaco Lewandowski...

Para mim, a Igreja, estar em Igreja, próximo do Bom Deus, é como estar no Santuário da Senhora do Cabo, é estar no limite de nós mesmos e de nossas forças e ainda assim sermos míticos, místicos, ou seja, ultrapassar a morte, a nossa e a dos nossos familiares, ainda em vida, encarar um desaparecimento do sentido da existência como apenas um luz que fechou numa divisão da casa e que outra se há-de acender noutra divisão mais adiante nesta casa (causa) comum.

Ainda a lógica do senhor-escravo na obra de Hegel. Porque devo adorar esse Senhor? Por interesse? Porque quero ficar vivo? Para memória futura? Escrevo isto enquanto comecei de novo a ir à Eucaristia da Igreja. Tendo eu passado o que passei às mãos da Igreja, tenho de ser eu o primeiro a dialogar, só porque sou antropólogo? Não posso ser eu mesmo (também) senhor? Das

minhas coisas, dos meus amores e desejos. Porque deus não não é somente Senhor, mas é também irmão, como no-lo lembrou Francisco de Assis. É nesta lógica que tudo se concerta, conserta e evolve na fenomenologia da vida social. Assim vai o indivíduo (na Floresta de Símbolos, de que falava Victor Turner), com o rosto vergastado pelos ramos das árvores rentes ao chão, à altura dos joelhos com que adora o seu Senhor...

UM CAMINHO MÍSTICO

Na Igreja não há reflexão, pelo menos filosófica. Então, porque vou à Igreja? Porque me sinto bem, gosto de ser submisso a esse Deus que se manifesta intermitentemente? E, se a filosofia gera mais perguntas do que respostas, pelo menos cabais, porque investir nelas meu tempo, meus esforços? Não seria melhor a antropologia, a sociologia, a psicologia social, essas têm respostas. É aqui que reside o nervo da problemática: é na interdisciplinariedade que reside o sucesso de Deus, Ele manifesta-se quando menos espera, quando tu menos esperas e por vezes, pede licença para entrar no teu mundo, que edificaste a tanto custo (Ele sabe disso), para entrar na tua mente, no teu coração. Portanto, há um certo domínio emocional na aderência

a Deus, é como se saltássemos para um desfiladeiro e fôssemos recuperados na queda e voltássemos não só a voar, bem como a pisar terra firme. É o halo, numa palavra, o traço deixado aos outros (porque há sempre os outros e o Outro, que é o Grande Deus), para cá da nossa exalação anímica.

Assim, também existe um princípio de realidade que é o fazer, que muitas vezes se encontra dissociado de outro, o pensar. Quando aprendemos a combinar os dois (registos, m.o.'s), conhecemo-nos a nós mesmos e ao bom Deus. Na antiga Grécia havia mais do que um Deus e isso é, de certa maneira, bastante falocêntrico, diríamos, não defende os direitos da mulheres...mas há também os santos e eles fazem, de certa maneira, o papel de deuses da antiga Grécia e Roma, Ao enunciar estes princípios, no âmbito de uma teoria sistemática da sociedade, mesmo abarcando o Direito, que ir além da binómica relação (e ralação) entre o sujeito e a sociedade...um caminho mais além, difícil de ser percorrido, mas que decerto nos trará a salvação que a Igreja vem anunciando, de um modo para o outro, dentro ou fora do espaço sagrado, mesmo até no espaço público dos media, dos novos media, onde a religião, tirando a matreirice do padre, se mantém como um pilar da sociedade, embora havendo no nosso contexto uma separação entre os dois domínios de atuação humana. Tudo responde pela questão adiantada por mim de „luta pelo status", seja para conquistar mulheres, seja pelo poder mais ou menos místico de ter poder no âmbito de um certo grupo. Nem todos abdicam facilmente do poder conquistado e isso é lógico, humano, quando não cheira mal...

Então, será preciso ir à igreja se o teu corpo é um templo? Deus está em todo o lado, dizem os teólogos, disse-o Espinosa. Assim, as noções de Tudo e Nada podem-se unir no Cristo crucificado, tudo se consuma, a união da morte com a vida, ou seja, revolução, Vida e mais Vida, transformação

evolucionária...

Quando ouvia o tema *Two Tribes*, dos Frankie Goes to Hollywood, eu percebi que, na minha vida, apenas procurava o caminho, queria fazer sentido, como aliás mais ou menos toda a gente quer, trilhar um passeio com estilo pela vida, à luz dos meus heróis. Cristo era um deles. E não me desviei muito, fiquei ali bem perto, na antropologia, na filosofia, afinal são vizinhos dos Teólogos. Não me dei por satisfeito, queria mais e mais respostas, pelo que empreendi o estudo da Escritura e da Teologia (não é, decerto, uma e a mesma coisa) a título autodidata. E não me tenho dado mal, entre o sentido que uns e outros dão à Vida, a vida que nos está pela frente e aquela que nos precede. Note-se que Paul Connerton foi cientista social e apenas escreveu dois livros...Talvez porque há no não-dizer do que no enunciar para trás e para a frente uma certa verborreia que só acaba com a morte do autor, do actor...

No fundo, a função do cientista social, como será de resto a do filósofo, como é a do médico, nem que seja médico „apenas“ da cultura, é tranquilizar as pessoas em função de uma certa ideia de Bem que temos como semente dentro de nós mesmos, no nosso ADN. E é sobretudo essa a função do padre, por isso deve permanecer celibatário.

A psicanálise também é uma forma de ver o mundo, o mundo que habita a nossa sala de estar em casa ou de um passeio com caca de cão na rua, duvidando do Deus que é sempre a nossa reserva de confiança para um escape. Essa é a economia religiosa do desejo, como diria Iturra.

Há uma relação sequencial no tempo entre fadiga e exaltação, entre tempos mortos e vivos no organismo social, como no organismo individual, fazendo a devida analogia. Mas, o que „está a dar“ são os grupos. Grupos que se reúnem ocasionalmente em nome de causas que têm tudo que ver com a satisfação do sujeito e uma certa industrialização da urgência, para que o Ego fique sossegado de tanto estar em consciência, porque também a consciência cansa...

Na verdade, o que é o produzir senão uma relação entre o pensar e o mundo, entre o pensar e o fazer, na devida articulação do equilíbrio emocional entre razão e coração, entre sentimento e cientismo, entre letra e espírito da letra? Na verdade, é também uma ralação e nem sempre estamos esclarecidos sobre o caminho a seguir e Deus não pode fazer tudo, a geringonça do pensar tem de se alimentar de muito mais coisas, ideias, pessoas, pedras...

A clássica analogia entre corpo social e corpo individual vê-se claramente na matança do porco, em Portugal, como se vê nos Dinka do Sul do Sudão ou em certas regiões de França. Esta analogia clássica foi sugerida sistematicamente pelos primeiros antropólogos e é bastante notória em África. Na verdade, ela se planteia nos mais diversos termos. Por exemplo, como mostrou Luc de Heusch, o bode expiatório é ainda uma figura reinante na maior parte das nações africanas. O sujeito é abatido para melhor funcionamento de um certo e determinado *status quo*, de uma certa sociedade ou grupo. Mesmo na Europa, está em vigor, de tão profunda que é essa figura nos primórdios da humana condição. E, podemos sugerir, não foi Cristo um verdadeiro bode expiatório? Para que pudéssemos viver sob a sua condição, foi necessário Ele ter morrido. Não se suicidou, embora muitos agnósticos o queiram fazer crer. Morreu para nos salvar. E ressuscitou para que acreditássemos na vida eterna. Se a Igreja nos propõe tal possibilidade, como de resto a maioria dos hindus, porque não aproveitá-la? Por isso, não tenhamos pressa..

O CAMINHO FAZ-SE CAMINHANDO

A Igreja promete-nos um caminho, dá a segurança se rezarmos, vai dar e ficar tudo bem. Mas, se o caminho faz-se caminhando em religião, em filosofia talvez seja um pouco diferente, a procura faz-se não por ela mesma, mas indagando, só assim se poderá chegar a algum lugar, esse mesmo lugar que a psicanálise se propõe esclarecer, em função da integralidade metapsíquica e existencial do sujeito. Se o sujeito está doente, o corpo social também o está. Tanto queremos bem estar, tanto conquistamos felicidade, para depois ela se logo ir embora por uma janela batida pelo vento ou entre os pingos da chuva...

Queres prescindir de Deus, fazes tudo para ficares, só tu, com os louros, e quando a coisa corre mal vais logo rogar por Ele, e se a coisa corre bem é o mesmo, como que ficas órfão de ti próprio e d'Ele...

Por outro lado, o dilema entre sujo/limpo e puro/impuro, têm que ver com uma certa ideia de ciência, de corpo, uma certa maneira de pensar que não se restringe à cultura, é um caminho que está além e ao mesmo tempo áquem dela...como se regressássemos a tempos primitivos, desenvolvendo a nossa idiossincrática natureza e nos dirigíssemos para o futuro, como o homem, ao longo do areal da praia, que corre para a frente com a cabeça virada para trás. Não há nenhum mito grego para esta figura...

O homem evolve no corpo social como se limpasse as feridas do caminho, aquelas que sofre e aquelas que causa, a pleno sentido de se tornar um autómato, de se render à mera matemática do 1/0 e, de algum modo, sem „limpar" da cultura, da sua herança histórica e civilizacional. Com tudo isto, ficará a terra no mesmo lugar? Não será tirado do seu lugar e posta a orbitar noutra galáxia? A crença de que o Outro, o ET, é Deus embica na ideia de que o Alien é o próprio homem...mas não haverá um caminho mais linear e progressivo? Quantos outros falta por descobrir? Não serão eles os animais domésticos, proponho algures nos meus escritos? Não serão eles os herdeiros da humanidade, tornando-se eles humanos, mas de outra forma e modalidade? O tempo corre a seu favor. Quanto a nós, já não podemos dizer o mesmo, e isto a propósito da violência racial nos mais diversos países, de situações várias de guerra civil em vários lugares do globo, a propósito das alterações climáticas, da fome, da violência doméstica, da questão das armas nos EUA...

Sim, o caminho faz-se caminhando, mas também desbravando mato com

uma catana ou um machete, como fizeram os espanhóis e portugueses na América latina, porque no Norte a vegetação era diferente, provavelmente mais seca e árida.

O meu ponto principal em termos argumentativos é que a solução para Deus está no Homem e a solução para o Homem está ao mesmo tempo dentro e fora deste, ou seja, o homem tem de procurar qualquer coisa para satisfazer o seu Ego, por isso cria deuses. Mas como foi criado este Grande Deus? Será Ele um anjo caído, o resultado, uma reificação do excesso do homem sobre si mesmo em momentos de efervescência social e comunitária? Como se forma os símbolos religiosos de uma nação? Poderá o homem ver-se na contingência de estar prisioneiro da sua identidade pessoal, grupal, nacional?

Quando procuramos o sentimento da „casa comum“ e não o encontramos, continuamos a procurar e descobrimos que ele já estava em nós, dentro de nós, só que nós, no nosso afã de progresso moral, não o tínhamos encontrado para fazer uso dele, sendo isso o que nos dá felicidade, porque aquilo que não é felicidade não merece ser transmitido, ou merece? Depois, o mito do herói prático, atreito ao domínio do „fazer“, fazer de certa maneira, ao lado do mito do herói teórico-discursivo, de que a aldeia guarda memória na figura do padre no sermão do Senhor dos Passos e a cidade na figura do intelectual republicano. Ambos não podem viver nem coexistir um sem o homem, de tão ligados que estão, um à realidade do quotidiano e à oralidade, o outro ao saber letrado. Esta questão foi desenvolvida serenamente por Raúl Iturra em grande parte dos seus escritos, aliás, sempre foi esta a sua tese, esta relação entre oralidade e escrita na aprendizagem da relação com o mundo.

CONCLUSÃO

O velho hábito de cuspir para o chão. Grande parte das pessoas não reflete, não se atreve a pensar, a questionar, porque vive a cadeado, com chavões e pensamentos presos em cadeira de modo a reiterar essas seguranças, essa pequeninas violências internas, o taticismo na vida social, o afã de ganhar dinheiro e subir à custa dos outros. Mas também há pessoas boas nesta vida, como alguns políticos, em todas as profissões há pessoas boas e pessoas más, diz-se. Até mesmo há padres bons e padres maus, uns sem vocação, outros com, que abdicam de uma vida social para serem preenchidos pela luz da Batalha pelo Bem, um esforço que o homem faz para ser aperfeiçoar e tornar melhor, definitivamente Bom.

Mas há um dado que queria adiantar antes de rematar este ensaio. Há uma ilusão muito americana que é a ilusão do Outro, que funciona nos dois sentidos, ou seja, eu tenho a ilusão de respeitar o outro, mas ele tem a ilusão de mim, de me enganar, de me iludir. Isto dá-se conta na cinematografia norte-americana que tenho visto ultimamente, onde se repetem várias receitas: a da história em torno de um trio amoroso, o livro de viagem, os efeitos especiais. Em todos se patenteia essa não só ilusão do Outro, mas a ilusão de iludir o Outro...

A vida, hoje em dia, nas cidades, é muito marcusiana, tudo se resume ao consumo e ao simulacro da morte mimética, como diria Baudrillard. Ao lado do interesse pelo lucro, está esse destino do homem darwiniano, que evolve e se desenrasca sem dar conta a ninguém do que faz e do que fez, como de a vida, a biografia, fosse uma espécie de *vendetta*, uma questão de honra ante a violência imposta pelo outro que me desrespeita. Devemos, neste assunto, dar a outra face, como Jesus Cristo disse? Boa questão, que se abaliza nos fundamentos da moralidade e da agressividade latente ao que é humano. Por outro lado, os hospitais psiquiátricos têm cada vez mais pacientes, doentes, enfermos, clientes, como se lhes queira chamar e a psiquiatria, ao lado da cirurgia plástica, é um negócio em crescendo. Mas a religião está a recuperar o seu lugar enquanto último reduto de uma consciência mais limpa do homem social e mesmo do homem íntimo; abriram novos conventos porque a mensagem continua a passar, a do Cristo, que nos traz felicidade e serenidade em tempos de aflição e ardor.

Ao lado disto, temos o aumento da escolarização e as pessoas perdem um certo saber existencial que rende bastante felicidade e até prazer da alma, o segredo de manter o foco na sua existência. Sim, há um regresso do existencialismo, com Sartre, Kierkegaard e Camus.

Será preciso, por outro lado, descobrir novas formas de organização social, mais perfeitas, que promovam o bem estar e a qualidade de vida ambiental, social? Qual o papel real dos cientistas sociais no mundo de hoje? Apenas restringidos às universidades? O imerso no caos social que vai tornando o mundo um lugar complicado para se viver, num cenário de Blade Runner cada vez mais próximo? Há sempre soluções para certos problemas, problemas que podem ser estudados cientificamente e Deus, a ideia de Deus enquanto

demiurgo, inteligência ordenadora, desempenha aqui um papel essencial, pivotal. Se aumenta a competição, os homens acotovelam-se uns contra os outros, muitas vezes pela simples agressividade, espetáculo ou adrenalina. Aumentaram os combates de MMA, o Wrestling expandiu-se a todo o mundo, mas por outro lado, o Snooker também é mais famoso, não vale a pena ter o mesmo pessimismo como a maior parte dos autores que tenho lido nestes últimos anos...

A globalização, por outro lado, moldou um novo tipo de homem, o homem davinciano, o homem do Vitrúvio. Mas, podemos perguntar-nos, antes da globalização não havia, para dar um exemplo, doenças mentais? Claro, só que estavam mais ligadas ao controle religioso dos seres por parte da Igreja, para dar o exemplo da Europa. Mas se tudo „isto“ partir da Europa, porque é que as doenças mentais voltaram, porque não vamos todos para África? Foi aí que tudo começou, e é aí que acredito que está a solução. Por isso, defendo que o homem está geograficamente enganado, a felicidade está no ventre da terra e ele está situado no pé, ou no cocuruto da cabeça...

Assim, a mentalidade humana foi mudando e isso não é nada de extraordinário, chega até a ser vulgar observar isso, não há nada de extraordinário nessa contestação, aliás, Iturra e outros falam disto mesmo num livrinho denominado „Recuperar o espanto“, aquele mesmo espanto dos Descobridores ante os índios e os esquimós, de um lado, ou entre os aborígenes e timorenses, do outro. Reenvangelizar, recolonizar, fazer uma série de envios para que o primitivo, o selvagem, possa ser como eu sou...mas há aqueles que não querem ser, porque o conceito de qualidade de vida é absolutamente relativo, meu irmão...

Assim sendo, podemos certamente perguntar: qual as leis da entrega e da

união dos corpos? Quais as leis da troca de culturas? É isso que os antropólogos tentam fazer e vêm nisso uma tarefa tão ou mais meritória do que o „pensar“ da filosofia. Mas uma e outra têm muito a aprender com a seguinte, como têm a aprender da sociologia, da etologia, da psicologia social, vendo e encarando o mundo como um ecossistema ambiental onde o homem é apenas uma peça, encarar o homem apenas como parte desse vasto grandioso ecossistema, entre animais, vegetais, o magma da terra e, finalmente, o magma humano. Por isso defendo também que a atitude filosófica, porque eticamente imparcial, é o caminho que se faz caminhando, correndo umas vezes, pensando outras, na verdade, não se pode parar de pensar nem restringir a vida aos meros sentidos que, na maior parte das vezes nos enganam...

CLAUSURA E CONTRATO SOCIAL:

De Como Nunca se Está Só

Objetivos

Podemos pensar na prisão e no convento enquanto enclaustramento. O que leva uma pessoa a ir para o convento? Poderão ser opções de grupo, ou seja o que parece uma necessidade de estar só é uma necessidade de viver em comunidade, mas viver desapegado deste mundo, o mundo dos media e da rua. Assim, os níveis de obediência também se verificam de modos distintos: enquanto no convento há umas regras, na prisão outras, a lei criminal, nas ruas há uma lei própria, vagamente aceite por todos. Mas, mesmo assim, tanto nos conventos quanto nas prisões (e não queremos dizer que umas se equivalem a outros no sentido ético), há canais de comunicação; uma prisão não está isolada do mundo, tal como um convento não o está.

Desenvolvimento

1. O DESERTO DO SER

Sem amor não é possível um compromisso com a vida. Mas...o que é o amor? E temos necessidade de compromissos com a vida? Não é a ideia de finitude,

de morte, de acabamento do sujeito, que guia as nossas opções mais ou menos estruturadas, tanto a nossa vontade quanto a nossa necessidade de contrato?

Eu saio da barriga da minha mãe e faço logo um contrato com a sociedade em que vivo e desenvolvo o meu Ser. Ninguém é uma ilha. Então, qual a razão da clausura? Porque procuras o Deus Vivo no lugar onde menos o esperas encontrar? Charles de Foucauld, por exemplo, foi, por respeito às religião, para o deserto, talvez mais para se encontrar a ele mesmo por via de uma vida abnegada de trapista...

Quais, então, as verdadeiras razões para um homem ou uma mulher, embarcar na vida religiosa, será por fuga a uma vida social, sexual, plena de compromisso, de contrato? Será por desprendimento dos bens ou por opção pelo valor intrínseco da vida religiosa, monástica, para abraçar e abarcar um ideal que não pode ter mais lugar senão ali, no lugar sagrado do convento e no lugar sagrado do seu coração orientado para Cristo?

Tenho defendido a tese de que a vida religiosa é um regresso a um estado de primitivismo, de ingenuidade, face a um mundo complexo, de violência gratuita e argumentação. Ou seja, no contexto da cidade, a maior parte derrime argumentos, como no estilo rap, para argumentar em favor da sua casa, mas a hermenêutica teológica é menos elaborada do que a filosófica, todos sabemos disso e, em certo sentido, nalgum lugar, a filosofia mistura-se com a teologia, sendo que esta se veio a debruçar sobre itens distintos dos tradicionais, quer de si mesma, quer daquela. Porque, antes de mais, o convento é um lugar de poesia, entregue a Deus, o Ser está em ***dasein*** místico, entregue ao transcendente e mesmo a carne, do lugar, ali se prostra, carregada do cansaço do excesso do ruído e das relações mais ou menos problemáticas, diria até, psicóticas, da cidade, do contexto urbano. Diria até mais: a aldeia é um convento a céu aberto.

Mas há um elemento estranho a tudo isto, a todas estas considerações, se a vida contemplativa existe por si, no convento, qual a razão de um elemento estranho que se intromete na paz que queremos atingir em vida, no seu ascetismo e silêncio da alma? O que pode perturbar uma relação íntima com Deus? Talvez uma relação ínfima e, como de costume, a carne, o desejo, os sentido, este é o dilema de todo o homem, de toda a mulher, o dilema carne-espírito. Mas, qual a raiz filosófica de tal conflito? O porque ele se planteia obrigatoriamente na vida religiosa? Tudo tem que ver com opções de vida, com a diversidade das vidas que a vida religiosa adota...

Tudo porque o sujeito tem consigo uma grelha de análise anterior à vida que vive no presente, e é por isso que vive a vida do presente, a via do momento, tem portanto também uma greta por onde se esvai o seu Ser, quando, em termos sartreanos, precisa de fugir, de fazer esvair o seu desejo para um beco, para a imensidão de uma cama desfeita...

Ainda assim, o íntimo do homem, seja em português seja em francês, vive da obscenidade, de um segundo plano no panorama do corpo, dos estudos sobre o corpo e é assim, pois, que sobrevive, porque assoberbado de desejo, mesmo no contexto da contemplação. Por isso, a religião não é acto, ou seja, não é função do corpo e a santidade é negação da imanência, do desejo, e esvaziamento do Ser e da intenção, para outro lugar, para outras instâncias, ainda assim, para o Outro. Se eu não desejo, tu desejas, pode dizer-se acerca da vida no convento, desprezo o meu corpo e os meus sentidos para uma devida função, reprodutiva ou de "jouissance", porque ele pertence a Deus, logo a todos...Mas, nem todos são Deus e, na verdade, que pessoa é essa Deus?!...

Pede-se, por isso, uma religião além do desejo, além do excesso, um Deus como o de Camus, em pleno deserto argelino, que dê uma resposta ao homem para além do seu desnorte, como Moisés, além mesmo da sua dúvida, da sua

dívida...

2. O MANANCIAL DO SER

Equacionamos, então, vida laica, mundana, sem bem que a laica pode bem ser sagrada, e vida consagrada, contemplativa, oferta a Deus.

Um dos outros dilemas da vida religiosa é o amor a Deus. Na vida das famílias, nenhum homem gosta de ser deixado para atrás; ou seja, se a mulher diz que gosta mais de Deus do que do seu marido, isso fere a masculinidade do homem e fere o seu respeito humano. Não se pode amar o Homem através de Deus? Ou será deus através do Homem? Não é a religião uma resposta, mais ou menos cabal, para as angústias humanas? E, no entanto, isso não invalida a ontologia da vida religiosa, consagrada, o seu valor metafísico, tático, prático... Em Braga, conheci dois santos, um dos quais pouco falava, o Frei Marinho, que tinha reputação de santo em Braga, o outro, o Frei Guimarães, expansivo, comunicador emotivo, espontâneo, ambos serviçais. Sim, poderia ter continuado, podia ter lá ficado, era Deus que estava comigo e, naquele lugar, deixou de estar para mim e passou a estar para os Outros...

Então? O que procura o homem? Nem todos procuram a submissão a uma ordem que a Igreja confere, muitos desenvolvem espírito crítico acerca das coisas, estaremos todos doentes à procura de uma muleta para arrepiar caminho? Ora, Deus não pode ser muleta, Ele é o nosso interior, és Tu e Eu, no âmbito não tanto do Ser, porque o Ser não sai do lugar e quando sai só causa estragos os mais diversos de âmbito escolástico, mas o Pertencer, estar em

conjunto, que tem de ser progressivo, de ser mediado, medido, articulado no quotidiano. Porque não podes pertencer demasiado, vais para o convento. Muitos pensam que desististe da vida social, dos favores e das corrutivas atitudes mais ou menos facilitadoras de uma vida social mais ou menos estável, ainda que tensional. Deixas tudo porque queres ser livre, deixas tudo porque queres viver, entre três registos, o do senso-comum, o da especulativa solidão e o da solidariedade monástica...

3. O PERTENCER

Mais, diremos, em vez do Ser, o Pertencer.

E pode haver um contrato social com Deus? Tudo desemboca no utilitarismo, a vida do homem é feita disso, de praticidade, das concreções, como diz João Nabais, da luta pela comida e pelas mulheres, o dote, a boa condição económica, a luta pelo status. Se não tens isso, tens o quê? Um Deus aleatoriamente vago que te dá tanto consolo quanto a filosofia? E se fôssemos todos filósofos? Seria o caos...

De algum modo, temos um Deus stressado, deprimido, que não pode mais com esta globalização que vai reafirmando o mundo como lugar de conflito, enquanto os religiosos pregam a paz, outros desfazem o seu intento e ações e acabam por deitar abaixo uma obra de decénios, de séculos, como está a acontecer na Ucrânia e nos EUA a propósito do aborto...

Para além dos fundamentalismo, enquanto uns se desenrascam pela autonomia de uma certa razão utilitária, outros acentuam a bondade de coração, ora porque têm problemas, ora porque também estão stressados, pois nunca viste um rico, um milionário, pedir ajuda a Deus e mesmo a Igreja

precisa de dinheiro para continuar a disseminar a sua mensagem, é a lei do mercado civil...

Então, porquê continuar a aposta no Ser? Porque não apostar no Pertencer? Porque muitas pessoas têm demasiados fantasmas e preferem estar sós pois lhes move uma revolta, uma sede de vingança face ao Outro, ao Mundo. Pessoas essas mal resolvidas, mesquinhas, num universo social de chico-espertismo que não leva a lado nenhum.

Diremos por outro lado: a razão é inimiga da fé? Já Teillard de Chardin se colocava esta questão? Não há um certo sentido de matreirice mesmo no âmbito da fé, da adesão radical a Deus? Claro que há, uma oportunidade, um situacionismo, que os filósofos colocam no âmbito da causalidade e do determinismo e os antropólogos no âmbito do relativismo, do papel social que eu preciso de cumprir para me sentir bem, para conquistar e garantir o meu lugar ao sol... Não será esta questão uma forma mais ou menos subliminar de oportunismo social, diríamos até, de evolucionismo? A América vive disso, respira esse sentimento através da sua cinematografia, da sua arte, da sua ânsia de liberdade individual *au-delá* de uma certa antropologia social que é meramente britânica...

Então, porquê insistir no Pertencer, quando todos querem Ser? Ser em ***dasein,*** ser para o Outro, para o Deus, afirmar-se em função não só de um desiderato, mas da aplicabilidade de um desejo, de uma emoção, de um tempo e momento que há-de vir? Neste sentido, não poderá a felicidade ser o que já é, em vez de ser o que não é?

4. A ALEGORIA DOS SENTIDOS

Se há um certo delírio nos sentidos e sua satisfação, também o há na sua negação. Veja-se Santa Teresa de Ávila, *As Moradas*, ela, ao negando as paixões, reafirmou-as, sublimou-as em favor tanto de um Deus quanto de uma biografia, de um modo de estar, de pertencer. O que te mais surpreende na vida social é que há sempre um aspeto de taticidade e tenacidade no sujeito, ou seja, o homem é além de um ser social, sociável, um homem utilitária, económico, que tem que ver com a sua sobrevivência enquanto ser social. É claro que muitas vocações religiosas têm que ver com cansaço e até com inaptidão para a vida social, laica, profana. O transcendente é a melhor defesa de que quer ficar sozinho, como o Conde de Monte Cristo no seu cárcere, congeminando vingança...

Portanto, há um certo cálculo tanto no âmbito libidinal, quanto no âmbito místico, sobrenatural, tal é inato ao homem, calcular as suas energias (***energeia***) em função de um resultado que quer obter, de um objetivo, de um desafio...

Então, face à sublimação do Ser, temos a sublimação dos sentidos, como se eles, como tatuagem, nos firmassem a um lugar aqui, de identidade, de pertença, de nacionalidade, como se o ser português fosse uma forma de afirmação do Ser, por relativo ao Ser espanhol, ao Ser francês... Uma sublimação dos sentido e, no convento, uma negação dos sentido, pelo menos pela regre, pois há muitos que escapam a tudo isso e se servem da regra para

afirmar suas parafilias, sua doença e docência do habitar humano, além do simples desejo do Estar, em consonância, em relatividade...

Então temos: os sentidos/negação dos sentidos. Então os prazeres da vida monástica? Um bom vinho, ou licor, como por exemplo de Singeverga, os doces conventuais, numa des-localização do desejo própria de quem precisa de afirmar a sua transcendentalidade em função da negação da genitalidade, como diria Iturra.

Assim, a religião surge enquanto território, a defender, do sagrado, obviamente, como se do outro mundo viessem cavaleiros Cruzados aptos a defender uma mensagem, um ideal, enquanto outros fundam novas igrejas e conhecem e propalam novos ideais, a Igreja permanece firma, correndo até o risco, perante a opinião pública, de parecer desatualizada face à voragem do mundo, quando, afinal, é isso o que a conserva intacta e credível face às coisas do mundo que se desenrolam diante dos nossos olhos mais ou menos criveis, mais ou menos pagãos ou até descrentes, ignotos de que há um mundo no convento que tem que ver com felicidade, pois o convento não é negação de nada, muito menos de uma vida social, que se teve ou que nunca se teve, é por Si Mesmo Pertencer a algo, a Deus, a qualquer coisa que está em construção, em desenvolvimento, em afirmação. Daí o lugar da oração, quando outros preferem lutar MMA ou fazer assassinatos nas escolas com armas do exército. Mesmo os filmes americanos deixaram de ter interesse, por a fórmula é quase sempre a mesma e o final feliz não passa de uma ficção utópica, de ilusão em ilusão até ao final de um mundo e de uma conceção do homem pouco transformadora, pouco feliz, pois joga com a desordem dos instintos que é, antes de mais, a agressão do Outro... E isso deixa lugar a uma Igreja pouco credível, envolta em nevoeiro e mistério, apologética de razões e soluções cada vez mais intrincadas, onde o Ser flui por lugares e concatenações existenciais

que tem que ver com um desespero do viver...

Que lugar existe então para o padre nos dias de hoje, um lugar que não seja nem antropólogo nem assistente social? Um lugar de ***rea-firmação*** do sagrado onde ele menos se espera, (encontrar, difundir), um lugar onde Deus aparece quando o homem falha, quando soçobra a sua ânsia de vitória e egoísmo, no esforça para trazer comida para a mesa, no âmbito de uma pastoral da família? Eis aqui o momento para salientar o trabalho das religiosas nos mais vários âmbitos da vida social, pelo menos em Portugal e o papel da Igreja em termos sociais no nosso contexto social, nacional, identitário. É que, suspeito, ao fim de tanto tempo, ainda há muitos, ou pelo menos alguns, que vêm qualquer coisa de mal na Igreja, que vêm mal onde ele não há, espíritos sem dúvida desequilibrados e púberes, pouco desenvolvidos para compreender que a vida social tanto tem de bom quanto de mal e se acentuarmos a nossa atenção no âmbito do mal, do mau, estaremos até negando-nos a nós próprios, pelo que há que ser positivos, porque Cristo, apenas de ter tido a pior das mortes, sempre permaneceu positivos, como os santos e tal não tem que ver com masoquismo ou outra qualquer parafilia ou patologia, Ele sabia o que estava a fazer, por isso é eminentemente prática, afirmativa, a sua mensagem pelos séculos dos séculos.

5. UM MUNDO DE PATENTE REQUERIDA

O Mundo está aí, então patente, podemos escolher entre a vida monástica, contemplativa e a vida profana, social, mesmo que possamos ir à Missa, à Sagrada Eucaristia, todos os dias ou, pelo menos, todos os Domingo, participar de qualquer coisa de importante que não tem que ver com as luzes da ribalta dos atores e atrizes dos vários géneros cinematográficos e que tem que ver antes com uma necessidade intrínseca de paz e de respeito por nós-mesmos e pelo que nos rodeia, porque a religião é regra e com ela, antes de mais, respeito pelo corpo. Muitos santos passaram da obscenidade para a santidade, sendo que, em princípio, a religião não se dá bem com os instintos, com a sexualidade, pelo menos a católica, aprendemos com o tempo a dar tempo aos prazeres do corpo e a tentar, intentar, outro tipo de felicidade, a do espírito, quando para os hindus o sexo é sagrado. Teremos feito algo de errado e com isso muitos filósofos, em separar a mente do corpo? Parece que andamos para a frente, sem dúvida que andamos, como tanto progresso, dinheiro, fama, poder, sexo, mas com a cabeça virada para trás e isso é próprio de um jumento civilizacional...

É triste observar como estas coisas estão tão divididas, como o desejo floresce sob a angústia (Kierkegaard), como o corpo está separado da mente, que foge para cima, como o olhar do asceta que, por tanto desejar o corpo, acaba por negá-lo, por transfigurar a sua ausência metodológica. Porque, afina, desejar é não-desejar, é ignorar, só possui (um corpo) que o nega na sua integralidade, quem, na verdade, não o quer...

Que segredo haverá em tudo isto, porque é que as freiras não têm vida social,

sexual e porque é que o corriqueiro cidadão do dia—a-dia não pode ser um asceta, um místico? E porquê a insistência da Igreja nas relações assexuadas, ou seja, não será este pressuposto católico, cristão, religiosa, negar a verdadeira felicidade ao homem? Sim, a verdadeira felicidade? Porque, antes de mais, somos todos diversos e tudo se encaixa mais ou menos bem um certo âmbito na esfera da ação. Porque Deus, o nosso Deus, é um demiurgo, uma inteligência ordenadora, há que confiar nisso, ou seja, Ele faz acontecer no deserto, onde não há nada, o Nada, onde nunca houve nada, o Nada...porque há diversidade, imensa diversidade, no existir, no acreditar, no Pertencer e não temos obrigatoriamente de pertencer (todo o tempo), todos precisamos de uma pausa, de pensar, do Pensar...

E porque, também, o êxito é inimigo do trabalho, do êxito propriamente dito, do génio, do reconhecimento, porque quando obtemos este, pensamos que está tudo feito, que não temos mais caminho por onde andar, quando sabemos que o caminho se faz caminhando, fazendo sempre qualquer coisa, estando sempre ocupado com uma tarefa ou outra como Jesus, que era carpinteiro e projetou muito tratados teologias, muitos da patrística, como São Boaventura, São Bernardo do Claraval, São Tomás de Aquino...

Mas, quereis maior argumento que a bondade, a bondade do coração e da razão, entre a relação por vezes difícil entre sujeito, indivíduo, e corpo social, em termos orgânico ou mecânicos, como terá dito Émile Durkheim? Assim sendo, o mundo dá, o mundo tira, umas vez nos sentimos felizes, estando apaixonados ora pela realidade ora por uma pessoa em contexto, ora por um ambiente, uma passagem da Bíblia que faz sentido eminentemente casuístico, ora nos sentimos em baixo, deprimidos, pouco preenchidos.

Vidro e água, são ambos “transparecentes” (ou transparentes, claro), ambos refletem o que está além deles. Assim é a vida cristã, transparente, plena de

valores, símbolos e significados, enquanto outros não querem saber, vão para a praia onde estão dezenas de dias e voltam a encher chouriços todo o anos, numa corrida de tanto afã tanto pelo prazer quanto pela realização num determinado âmbito profano, como se a vida fosse uma corrida, uma prova, um teste, como se não pudesse haver lugar ao pensar, porque hoje em dia ninguém quer pensar, mesmo aqueles que estão dentro das universidades, pois estas tornaram-se um negócio, mesmo em ciências humanas. Mais uma vez, para encher chouriços.

Então, como havemos de viver a vida, seguindo a ideia de Peter Singer? Será melhor uma vida conventual ou uma vida social, sabendo nós que também a conventual é social, talvez até mais intensa do que a vida cá de fora, da rua, do café, das vozes que te criticam e condenam, ou porque não fazes as coisas bem ora porque não agradas a todos, ora porque as pessoas têm sempre alguma coisa a dizer, sobretudo as menos instruídas. Qual, na verdade, o sentido da vida, além ou aquém destas duas modalidades sociais? Como havemos de viver? Sim, como havemos de viver, quando muitos nem sequer se preocupam com isso, com essa questão na sua vida, enquanto outros passam a vida a pensar, a escrever, a falar, no âmbito de uma civilização ocidental que despreza o passado e o futuro e pouco respeito tem pela reflexão e pelo pensar, vive o momento, pela testosterona, pelas hormonas ou ate por outra coisa, pela maldade e pela doidice.

Seja como for, o sonho dos filósofos e cientistas sociais não se pode realizar, ou seja, o seu alvo está em constante movimento, a verdade, o sentido da vida, as pessoas, estão sempre se alterando, adaptando, evoluíndo, podemos dizer em termos darwinistas, mesmo aquele que lhe deu Teillard de Chardin. As pessoas, nomeadamente, são um „alvo“ em movimento, ou seja, mesmo no Orwell ***1984*** têm qualquer coisa de insondável, qualquer coisa que escapa ao

cientista, ao analista...sobretudo porque Deus não está com ele, porque ele está por si mesmo, pela sua universidade, carreira e prestígio. Só o homem estilo Columbo pode vencer, fora e dentro da criminologia, o homem que vai por si, porventura já aposentado, que nada tem a perder, que vai para a realidade dos factos sociais como se nada adiantasse ao mundo aquele que ele tem a descobrir, pelo menos ao presente que ele também vive intensamente...

Por outro lado, se o homem é um animal intrinsecamente social, também é um animal intrinsecamente espiritual e todos precisamos de uma maneira ou de outra, dos nossos deuses, do nosso Deus, monoteístico ou não, para sobrevivermos. Daí sermos intrinsecamente espirituais, como se precissássemos de comida. Só quem nunca sentiu fome de Deus nunca percebeu o quão Ele é importante nas nossas vidas e enquanto uns vão a correr para a Igreja, como Maria que „saiu apressadamente e pôs-se a correr“, outros não põem lá os pés ou porque se sentem demasiado culpados, ou porque têm desvelo em se sentirem inferiores aos olhos de Deus, em se submeterem ao seu poder beneplácito e ao seu jugo. Ainda assim, Deus não submete ninguém, não humilha ninguém e tudo compreende, especialmente o homem aflito, porque, afinal, ajudar o homem a olhar para dentro de si mesmo, no seu mistério, na sua consagração, na sua união salvífica. Portanto, Deus não nos faz altivos, não é o caso, acreditar em deus é, antes de mais, acreditar em nós mesmos, nos nossos sonhos, nos nossos desideratos, Ele ajuda, mesmo que não percebamos imediatamente essa acção sobre nós, de tão cegos que estamos com o mundo da rua, da TV, das “promenades” e das corridas, andando de um lado para o outro como diabos loucos em procura de Nada, ao invés do Nada. Então, porque não abraçar, abarcar, o Todo. Sim, o Todo de Espinosa, a Totalidade de Lévinas?

Dei a este escrito o título „De Como Nunca se Está Só“. Sim, nunca se está só e o suicídio advém tanto do crime, da agressividade, do distúrbio, quanto da solidão. Num mundo conturbado pelas defeituosas más relações familiares, só os psicólogos parecem ter uma vida perfeita. Só Ronaldo. No entanto, nem todos, muito menos os jovens filósofos, têm medo de Ronaldo ou querem ser Ronaldo... Nem todos, portanto, querem vencer, porque o sujeito que vence, na maior parte dos casos, vence pelos seus, pelo grupo a que pertence e depois recolhe os dividendos disso, dessa aventura e consagração. Eu, podes pensar, sou do clube de Deus, venço por mim mesmo, pelo meu grupo e por Deus. É Deus quem me faz vencer, porque, em certa medida, Ele sou Eu e Eu sou Ele também.

Então, que fazer da solidão, quando percebes que ele é absolutamente social, avassaladora? Talvez pensar na transitoriedade da vida, da tua existência, perceberes que não estarás por aqui muito tempo. Aí, então, percebes que Ele está contigo, que vela por ti, nem que seja para te dar uma boa morte, se é isso que mais temes, porque fizeste de tudo na vida para Ser (especial), para pertencer (a um grupo, a uma sociedade). Aí, começas a viver, de uma forma ou de outro, percebendo que a fome é temporária, que a sede se mata com água da torneira, que precisas de passar fome em nome do teu Deus, porque a tua vida melhorou com a assistência Dele e que para tudo é preciso esforço e abnegação, isto se queres realmente vencer, fazer jus ao teu nome...

Portanto, mesmo que a ajuda do teu Deus esteja longe, acredita que Deus é Pai e um pai preocupa-se com o bem-estar do seu filho, ainda que por vezes prescinda do seu auxílio porque quer que o passarinho voe por si mesmo para fora do nicho, mesmo que tu gostes de estar debaixo das saias da mãe e protelar uma carreira de sucesso e realização, de afirmação do teu Ego, mesmo

e antes de mais em termos psicanalíticos. Sim, porque a rosa do deserto é a mais forte, nem sempre é preciso regar a planta, ela procura desenvolver, na sua vida vegetativa, mecanismo de sobrevivência que tu também vais conhecendo e desenvolvendo quanto estás só e cansado e ainda que desorientado pela luta, arvorado em super-herói, em Deus. E como se fazem os deuses, perguntas tu? Com humanidade, muita humanidade, porque estamos longe (ou talvez não) dos deuses gregos e latinos ou do Deus do Antigo testamento, irascíveis, irado, pretensiosos e pouco tolerantes.

CONCLUSÃO

Portanto, como escolher entre vida religiosa e vida da rua, do mundo? Não devemos pôr as questões nesses termos. A vida consagrada é, à sua maneira, um contrato social, como o casamento e tudo está encerrado entre as quatro paredes dos conventos e Goffman discriminou esta atitude, colocando-a ao lado da vida nas prisões e nos manicómios, a meu ver erradamente. Há uma dimensão da vida consagrada que é sobremaneira escatológica, absolutamente humana. Por isso, ao mesmo tempo, divina, como se a freira ou o monge anunciassem uma outra vida, uma nova vida, uma promessa de futuro, de um mundo que há-de vir, tal como o filósofo afirma a metafísica no seu sentido moral. E a moralidade tem tudo que ver com o Outro e a sociedade, tem tudo que ver com respeito e, apesar de tudo, com a forma como lidamos com o nosso corpo, não fazendo dele um uso mecânico em favor das pulsões mais violentas e loucas, mais doentias e esquizofrénicas, só porque se instalou uma liberdade na liberalidade e no liberalismo de que tudo se posso fazer, constituindo-se como crime a atitude de respeito pelo Outro. Portanto, nunca se está só, digo enquanto antropólogo, tudo leva um tempo, a criação de

relações, a fermentação na ausência de sentido, a procura, porque é preciso ter confiança em si mesmo e no mundo (Emerson, Sócrates), porque é preciso continua, a corrida, a caminhada, o jogo de xadrez, seja o que for nesta estadia breve que não sabemos se se repete uma ou outra vez, alguma vez...

David Gilbert (***A Paciência de Ser***) falava nestas instâncias da alma inquieta, que não descansa enquanto não conseguir o seu objetivo, mais ou menos metafísico, de se inserir num determinado contexto, de que falava Geertz e ainda João Pina-Cabral. Ou seja, o Ser disfarça-se (socialmente, intimamente), de não-ser, de não-saber, para se metamorfosear em algo que lhe garante gozo extático e sobrevivência, como se fosse um camaleão ou um mutante. Ele precisa de se disfarça, nas suas instâncias sobrenaturais e na sua forma de afirmação enquanto ser que partilha do divino, do sobrenatural, porque Deus assim o quer, porque não é agressivo, violento e ainda que o seja, Deus, ironicamente, poderá estar sempre com ele, a seu lado, caminhando na praia, lado a lado e pegando-o ao colo quando este não aguentar mais a passada, para efeitos menos minorativos da existência e do sortilégio do humano.

Assim também, o sujeito faz um corte epistemológico com o mundo, um corte provisório, quando abraça a vida religiosa, porque o contrato social é ao mesmo tempo compromisso e desprendimento, união, fixação e alheamento, o sujeito tanto está cá quanto está lá. Dependendo das personalidade, ele foge a um mundo de stress, de seres desalentados consigo próprios, demasiado atento ao que o outro faz ou deixa de fazer, de seres bastante perturbado, que vêm, por sua vez, a vida religiosa e de entrega a Deus, como um sinal de fraqueza e debilidade, quando é exatamente o contrário: eu sou forte porque estou com deus, estou acompanhando e não só, estou sujeito à sua força que

por sua vez é a minha força. Ele é a minha força.

Assim, o homem que crê, que acredita em si acreditando em Deus, fez já como que um enxerto metafísico, ele substituiu o regime do profano e da dúvida pelo regime da fé e da certeza. E isso dá-lhe conforto, mais fé para continuar. Não que a dúvida não seja admitida pela fé, aliás, ela até a fortalece, pois o humano, por si só, claudica em várias fases da sua existência, é normal duvidar, até os santos duvidaram. Mas, fazer da dúvida um modo de vida só se fôr para te sentires verdadeiramente só e enquanto ouves essa palavras, verdadeiro, percebes que, como nos passos na praia, Ele está sempre contigo, porque é carácter do Deus em que acreditas cuidar do homem, do seu objeto da criação, ampará-lo como um pai ampara o seu filho, sem muito sentimentalismo mas também sem muita dureza, porque o outro trabalho advém de Maria, que quer o bem do filho e sofre quando ele cai por si mesmo, na estrada do pecado, envolto em corpos desregrados, em corrupções económico-financeiras, no escândalo de um circo onde o que o povo quer mais é festa, mais e mais festa, mais e mais diversão, talvez para esquecer ou pelo menos mascarar, uma vida vazia de sentido...

Argumento

Fazer dialogar antropologia cristã e antropologia social,
além do debate secularismo/religião. Seguimos de perto
a obra „A Teologia do Corpo“, de São João Paulo II

Desenvolvimento

1. UMA METAFÍSICA DO CORPO

Haverá qualquer coisa de errado na nossa civilização quando separamos, medicamente, o corpo da mente? Deve o sexo ser sublimado? No limite, é possível uma metafísica do corpo? A consciência do corpo traz a mente perturbada, contudo, ela não é nada sem ele, porque está provado em termos de uma antropologia social, empírica, que o homem pensa com o corpo, não só através do aparelho sexual, mas dos outros, o nervoso, o digestivo. Se o homem pensa com o corpo, provado cientificamente em instância neutras, ou seja, não morais e muito menos religiosas, ou seja, isentas de um juízo histórico, como poderá desligar-se a mente do corpo? Depois, há os três níveis de uma superioridade do homem face ao animal e aos outros reinos, a saber, o espírito, a mente, a alma. Enquanto a mente tem a ver com uma tradição mais ou menos laica, secular, da visão do homem, o espírito tem que ver com as mais diversas tradições filosóficas, desde as Luzes até ao colonialismo, e a descoberta de outras culturas pelos antropólogos, de mãos nem sempre dadas com os missionários, mas muitos, incluindo sacerdotes como Teillard de

Chardin, foram as duas coisas. Depois, segundo a biologia humana, o corpo não é só carne, mesmo no sentido espiritual, ele é também mineral, vegetal. Ou seja, este compósito que é o corpo humano, muitas vezes entra em conflito com a mente, mesmo que haja harmonia espiritual e anímica, mas estas três formas de manifestação do espírito estão, em essência, em algumas culturas, estreitamente relacionadas entre si. É como se fosse uma orquestra com vários instrumentos de ordem diversa, para haver harmonia, todos eles têm de ser respeitar. Mas qual o fim do bom funcionamento do homem? Não é um funcionalismo qualquer, mas uma meta da ordem da felicidade, é isso que o homem procurar, estar-sendo bem, sem grandes preocupações mentais, porque tudo o que é mental tem as suas ratoeiras...

Portanto, se o mundo não é apenas mental, também o não é o homem. Nos meus tempos de postulantado franciscano, que terminei, juntamente com o Ano O dos estudos teológicos, apareceu-me nas mãos um livrinho com o título „Pílulas de Otimismo“. Nunca mais me esqueci. Assim também, aprendi que, depois de ter estado tanto tempo afastado da religião, devo tomar a religião, inseri-la na minha alma, a pouco e pouco, como um comprimido que todas de manhã, ao acordar, a fim de teres um bom e bem-disposto dia. Porque há um conflito em mim que tem que ver não só com a identidade sexual, mas também com os usos do corpo do Outro, ou seja, nos termos de uma separação entre *jouissance* e reprodução planteia-se um problema altamente filosófico, que é formulado pela pergunta, se gostares de sexo, será que as mais bonitas vão à Igreja? E, se és amante dos prazeres sexuais, tens de ver algo de perfeitamente “mundado”, profano, banal, na mulher, porque, a meu ver, o corpo não é um templo, mas uma forma física de usufruto, nomeadamente para resolver certas tensões interiores, já formuladas por Freud e, no limite, o problema da violência primordial. Mais uma vez, será possível uma teologia do

corpo? O corpo é algo de material, físico, mas também é sobrenatural, instrumento de amor. E, podemos indagar, o sexo não é, não pode ser, algo de sagrado, se nos desperta tão boas sensações? Porque os teólogos, como os filósofos, a não ser os hedonistas, têm como que horror a tudo o que é prazeroso, como se quisessem vincar qualquer coisa de metafísico na sua ação, como se fosse pecado ter e dar prazer... como se o homem apenas „prestasse“ para se reproduzir e não pudesse, tanto em termos vaginais como anais, ter prazer a partir desse mais belo instrumento que é o corpo...

2. O SUJO E O LIMPO

Ligado a esta ideia está estoutra de que o sexo, nomeadamente o anal, é qualquer coisa de sujo, mas há que lembrar, não nos rimos quando alguém, ou mesmo nós mesmos, dá um pum? É qualquer coisa que sai, ora de sólido, ora de vaporoso e que nos faz rir, como se fosse o resultado, o excedente, de algo que se insere „por cima“, sim, a comida. Por isso, também o ânus é locus de vergonha e a vergonha começa precisamente por aí, quando se fala no Parlamento do ónus da prova, pela sensação, a impressão, a obsessão de estar sujo, de ter de limpar essa região do corpo a todo o instante, como se a vida social a isso se referisse unicamente, como se estivéssemos („à porta“) a preparar a entrada de algo ou de alguém. Por isso, nos apetece tomar banho uma e outra vez por dia, mesmo no inverno. Por isso, uma coisa é descrever uma situação, um estado de espírito e outra é apontar soluções para que a nossa vida passe, de certo modo, a ser normal, sendo que o conceito de normalidade é muito relativo e o aloquemos quase exclusivamente à psiquiatria, quando alguém está mal, mentalmente, vai ao psiquiatra, quando tem pruridos religiosos e está mal da alma, vai ao padre ou ao psiquiatra, se

acreditar em Deus ou ao invés no Homem, quando está mal espiritualmente, vai ao padre, se acreditar nalguma coisa do que ouve na missa. Estes pensamentos foram-me transmitidos em casa e na igreja da minha paróquia, onde deixei de ir para escrever este texto.

Isto tudo, esta problemática, também tem que ver com o que se encara de sujo e de limpo e as outras categorias branco/preto e tem muito que ver com a cor da pele, da raça, da ideia de que há uma raça superior a todas as outras, sendo que esse sentimento é identitariamente comum a todas as raças, a todas as etnias, ou seja, o que faz uma raça persistir em termos socio-identitarios, é não só o sentimento de homogeneidade enquanto grupo (social, nacional), mas a afirmação de uma certa superioridade rácica que de uma forma ou de outra todos colhemos, pois na verdade, há que dizê-lo, há etnias, origens, mais permeáveis do que as outras, tanto em termos de uniões matrimoniais como de mera relações sociais, comerciais, no sentido utilitário. Depois, também esta problemática tem que ver com os usos da água, ou seja, considera-se a água „limpa“ porque transcendente, embora também haja o conceito de „àgua suja“, como aquela dos garimpeiros na Amazónia... Adiantei há tempos o conceito de „medo cerimonial“, ou seja, preciso de estar limpo para lidar de perto com o meu Deus e tal nada tem de estranho, desde que não seja doentio, repetitivo, mas a questão põe-se noutros aspetos da vida social, como o trabalho, o descanso, as pessoas tomam banho antes de se irem deitar porque precisam de se sentir ***inconscientemente limpas***, ou pela manhã, para estarem na rua limpos...

A antropóloga Maria Manuel, minha colega no ISCTE estudou estes usos da água a propósito das Termas e mesmo Rosa Perez, minha professora, introduziu o sabão no estado do Gujarat, na Índia, depois de um trabalho de campo de vários anos e que resultou na sua tese de doutoramento e outros

vários livros.

Depois, Jesus surge como o verdadeiro taumaturgo da humanidade e, podemos dizer, porque não acreditar nisso? Porque não acreditar que n'Ele e para além da medicina, da psiquiatria, há espaço para fé, que é o conhecimento do religioso, daquilo que não só nos faz sentir integrados, em companhia de Alguém, tudo menos sós, ainda que fisicamente isolados, restringidos daquilo que nos faz sentir em Paz com o Mundo. Claro que o caminho de fé não é um caminho fácil, a dureza por vezes faz-nos tremer as pernas e perder o tino, mas aí temos de ser fortes e confiar cegamente n'Ele, porque, em certo sentido, é não apenas uma forma de salvação, mas atreveria a dizer, a única salvação. Mas...a pergunta persiste, as mulheres bonitas vão à Igreja, como se eu quisesse simultaneamente uma mulher bonita, inteligente e fisicamente voluptuosa...ou seja, o melhor de dois Mundos, o de Deus e o do Amor...quando Deus é tudo isso, é amor e daí também o sexo, por ser amor, é transcendente, divino. Mas, porém, tornou-se uma mercadoria, como todas as coisas no âmbito das sociedades democráticas capitalistas, portanto, o corpo democratizou-se como palco de saber e até de desvario, usado para todos os efeitos nas mais diversas parafilias, porque aquele que atina com o resto da sociedade, que é modelo de comportamento, é uma pessoa cumpridora, exemplar, comedida, que não comete exageros, nem sequer com as mulheres...

3. NOVA ESPERANÇA

Ora, a meu ver, Cristo foi uma grande cientista social. Para implementar o que seria a Sua Igreja, ele teve de sacrificar a sua vida, com a ínclita idade de 33 anos. Ele resolveu o enigma entre teoria e prática no âmbito de um contexto

histórico colocando-o em termos irremediavelmente morais, implacavelmente pervasivos através dos séculos, e depois aproveitou a boleia do Império Romano para fundar uma estética no âmbito de uma antropologia da crença que sobrevive através dos séculos na memória coletiva de quase toda a humanidade. Então, haveis de perguntar, que é feito das outras religiões? Não estarão também certas, não terão também o seu quinhão de razão? Bem, hoje em dia um pequeno grupo pode fundar um Igreja... O Estado permite isso. Mas, tudo tem que ver, acho, com peso histórico, com tradição, com *sentir-se parte de*...

Ou seja, o grande profeta da sociedade perfeita é Cristo. Pode haver que não acredite, que acredite noutras coisas, noutros deuses, como a socialite, a fama, o dinheiro, o sexo desvairado, as festas, as drogas, o álcool, mas quando o Ser se revolve encontrar consigo mesmo em Cristo, no crisol do Deus que tudo pode, esse Ser é imensamente feliz e ainda que seja apenas por um par de horas, já valeu a pena viver para sentir essa experiência.

Portanto, o corpo oficiante, como na Missa, é o corpo limpo, enquanto o corpo do erotismo e do trabalho é o corpo sujo, ou seja, para fins recreativos a preocupação é menor, mas quando se lida com o sagrado, a preocupação (o medo cerimonial) é maior, como exemplificou Jean Duvignaud a propósito das festas pagãs, daí que a antropologia não é tão limpa quanto a filosofia e a teologia, porque tem que ver mais com o profano do que estas duas...Creio que podemos pôr a questão nestes termos.

O que nos espanta é a renovação do espanto (Iturra), ou seja, a mudança do mundo, o devir do Tempo, o acontecimento de sempre qualquer coisa de novo no mundo social. Sim, porque o mundo é natural, sobrenatural, mas também é social. Depois, há qualquer coisa de errado numa certa psicologia social, de

raiz puramente psicológica, para não dizer psiquiátrica, foucaultiana: as sociedades não são pessoas e a ideia de que uma sociedade é a soma dos indivíduos, á maneira de resto durkheimiana, está hoje mais do que ultrapassada. Eis o erro também de alguns antropólogos e da maior parte dos sociólogos actuais, quando vêm o sujeito apenas como uma peça de uma grande engrenagem mecânica, sob o fito de analisar e transformar a sociedade. Enquanto isso, o antropólogo deixa-se estar, ele não quer transformar a sociedade, não tem o sentido marxista-leninista, ideólogo, do sociólogo, do psicólogo social, ele quer também resolver problemas com o seu dedo como este... Só que, enquanto uns tomam a dianteira sem grande fundamento, quer teórico quer empírico, outros descansam na retaguarda, talvez por saber de antemão o que a casa gasta...

Assim, a esperança cristológica não tem somente que ver com uma das formas de ligar com o corpo, o individual e o social, mas com um novo projeto e que tem por base uma determinada teoria social assegurada por um documento, um livro, a Bíblia. Aqui se planteiam regras de conduta e princípios filosóficos, mas também formas de amor e formas de amar, maneiras de levar uma conduta ética, primeiro mais radical com a Torá e depois mais complacente, humana, com o Novo Testamento. E se era revolucionária essa teoria, apesar do marxismo como concorrente, naquele tempo, ainda o é hoje, pelo aperfeiçoamento (A Roca e o Fuso seria um bom título para esta ideia) da fé de pastoral, direcionada para um mundo que sempre precisa de mais e mais, de respostas, que obviamente o cristianismo confere de uma forma cabal, a meu ver.

Muitas vezes, mesmo dentro da igreja enquanto edifício de arquitetura, duvidamos da nossa fé, porque não queremos uma fé cega, fanática, apesar de muitos nos odiarem, mas o que o cristianismo e a Igreja têm de mais redondamente humano é a sua historia. Claro que, a Igreja, sendo tangível, do mundo, tem os seus problemas, as suas questões (pedofilia, sacerdócio das mulheres, o relativo atraso em tomar certas medidas face à voragem do mundo), mas isso fica para as ciências sociais, que não têm a pretensão de ser moralmente respeitáveis, antes pelo contrário. Portanto, em todo o caso, é possível e passível de ser empreendida uma teoria social do cristianismo, pelo que a Igreja tem de fenómeno social total, antes de mais e também com a sua tradição de viagens, ligada à expansão da fé, ao colonialismo europeu, à história dos povos na sua „condição mais humana do que divina“, para lembrar Malraux.

Uma via de diálogo com a sociedade civil é aquela Igreja que se vê como património da humanidade, como desenho na história da humanidade, muito para além do esboço das inúmeras catedrais por esse mundo fora. A arte sacra, por exemplo, os ex-votos, as peregrinações a Fátima ou a Compostela, as inúmeras manifestações religiosas de um país como nosso, onde há liberdade religiosa, se bem que com alguma colaboração com o aspeto financeiro da questão...

Portanto, não só a Bíblia é um tratado de sociologia, como a própria Igreja é uma instituição total, com troca de bens e oferendas com o devido beneplácito do Espírito Santo, ou seja, se a sociedade é passível de ser tratada como objeto de estudo (para melhoramento dessa mesma sociedade), também a Igreja é uma instituição total, dentro desse todo maior que é a sociedade, ou seja, como

diria um amigo meu engenheiro, a religião define a sociedade (para o leigo) mas , por outro lado, para o cientista social, é um traço da sociedade, enquanto que para o asceta É a sociedade...

Ora, como o corpo convive com estes mistérios, segredos, ascetismos? O corpo ressente-se, é veículo, mesmo que não pratiques a sociedade. Já repararam que certas freiras estão tão bem conservadas, com uma espantosa jovialidade? Sim, que parece sobrenatural. Será por não se entregarem, como outras mulheres, aos prazeres do sexo, do corpo? Lembro Teresa de Ávila, cujo erotismo ascético converteu muitas mulheres a, simplesmente, uma vida melhor, mais digna, mais sagrada. Do outro lado, fica o profano e, diríamos como Séneca, ***satis***, tudo na sua medida...

Portanto, as razões da história da Igreja legitimam a sua mensagem, que vem de longe, da aurora dos tempos e que o cristão primitivo aperfeiçoou a fim de a transmitir como testemunho dessa corrida em que Deus corre por nós. Mas...estaremos invocando o nome de Deus em vão? Que quinhão de parte, de trabalho da fé, deve o homem respeitar? Precisamente essa relação simultaneamente vertical e horizontal, com os irmãos e Aquele que habita no Alto, em género de sinal da cruz...

Há ideais e ideias bastante polémicas no espectro político-ideológico dos países europeus, nomeadamente nos latinos, mediterrânicos, do sul da Europa, os sacerdotes não podem casar e a cúria faz finca pé disso e talvez tenhamos de dar razão a Max Weber a este propósito, ou seja, foi a moral protestante de certos países, contextos culturais, que permitiu um certo desenvolvimento económico, que ficou em estado quase larvar em países como Portugal, cuja experiência industrial ainda se está a fazer, ou seja, a Igreja tem certa dificuldade em lidar com as questões do prazer sexual e não é somente por os padres não poderem casar, mas porque o seu império de fé fez-

se a custo desse sacrifício, do retraimento de muitos homens ao longo da história. Poderei perguntar, então porque não são ordenadas mulheres? Porque há questões de poder de que a Igreja não pode abdicar, como a vertente patriarcal da sua herança e mensagem, da sua teologia e poderemos mesmo dizer que, um dia, face a tanta gente a bater à porta de Deus para fazer parte da sua Igreja de modo mais ativo, dinâmico, completo, Ele vai ceder. O Papa Francisco já deu alguns sinais, mostrando que não é essa a questão mais importante, ou seja, ser padre é uma opção que tem que ver também com uma disposição física, diríamos até do âmbito da sexualidade, porque o padre não faz para estar mais disponível para os irmãos e é essa disponibilidade que é a sua alegria enquanto sacerdote, ver os outros felizes, espalhar a fé, dinamizar o seu pequeno mundo que é a paróquia ou a diocese, no caso de ser bispo...

Portanto, Deus é também Corpo, Ele está no sacrário porque pode, simplesmente, afirmar essa mensagem, porque É Possível, é passível de constituir uma forma humana que condiz com o corpo de cada um dos seus fiéis, em todos os seus desenhos, recantos e perfeitas imperfeições. A Igreja foi, assim, arranjando maneira de dialogar com dois mundos, o tangível e o sagrado, o sobrenatural, o intangível, aquele que satisfaz espiritualmente o homem e lhe dá o afã de se lança com paz e serenidade (*serendipiti*) num mundo que, à partida, desconhece. Portanto, o palmilhar deste mundo é ponto de partida do reconhecimento num outro mundo, numa eterna forma de ser feliz e quanto mais Deus está comigo mais feliz sou aqui e agora. O hindu tem uma conceção distinta da nossa, por exemplo, para eles o acto sexual é sagrado, por isso talvez não o banalizaram tanto e, por outro, proclamam abertamente a reencarnação, uma segunda vida na forma de outro ser. Eu acho que, como cristão, deveríamos estar mais abertos a outras religiões, a outras formas de entender o sagrado e o espiritual, exceto, claro está, evitar

fundamentalismos. Mas, aí, se joga um problema fulcral não só para o cristão, mas para todo o homem, que é o da violência, ou seja, portanto quem me agride, verbalmente ou fisicamente, devo, como Cristo, de dar a outra face? Há quem diga que não, há quem diga que sim. Mas há maneiras e maneiras de fazer as coisa, de se relacionar...

Mas, vejamos, é a violência, física, psicológica, que funda impérios (o Romano, a Inquisição), territórios, nações. Não admira que o Vaticano seja o mais pequeno estado do Mundo; o seu reino não é deste mundo...

CONCLUSÃO

Há muito que defendo que a Bíblia é como o homem pensa. É o reflexo de um estado de alta da humanidade, mas também de uma revelação que se perpetua todos os dias na vida de quem acreditar, é um manual de como fazer sentido. Ao lado disso, sempre defendi que os computadores refletem uma forma de pensar, o binarismo e étecétera, outras formas de equacionar a realidade, ou seja, estejamos ou não em risco de ser robôs, o mito do homem eficiente também tem que ver com o cristão, que procura melhorar a sua vida do ponto de vista espiritual pela oração e leitura e reflexão das sagradas escrituras. Na Bíblia há batalhas, traições, mortes, de tudo um pouco e até erotismo, no Cântico dos Cânticos. A humanidade não caminha de modo progressivo e se o faz, poderá alguém argumentar, irá embater contra uma grande parede, uma muralha, que a fará, mais tarde ou mais cedo, fazer regressar a um estado de pureza que o virtual feriu e que nós estamos tentando, de uma maneira ou de outra, consertar, nem que seja pelos mais pequenos, para terem um futuro melhor, pelo menos melhor do que o nosso. Assim, é possível uma teoria social

cristã, não falta histórias, estórias, narrativas, argumentos e argumentações, a Bíblia está plana disso, mas serão os cristãos fundamentalistas ao ponto de apenas olhar para o Livro e não fazer comentários? Não creio, o homem cristão tem um sentido crítico e uma vontade de ética apurados. Ora, é fácil concluirmos, se Cristo foi, de algum modo, filósofo, não creio que não possa ser também considerado como cientista social. Na sua história de vida há de tudo e ainda mais e sobretudo o poder mágico de convencer, de sugestionar, de criar ilusão, como dizem os espanhóis, porque, afinal, a Igreja tem a sua história feita por homens, imperfeitos como todos os que não são cristão e de mortes, com certeza, talvez porque uma instituição tem de se adaptar à voragem dos tempos, do tempo, tem de se adaptar e não pode ficar atreita ao poder, tem de saber relacionar os homens entre si e com Deus, como ela bem propõe. Portanto, o corpo de Cristo é o meu corpo, é o corpo da Igreja da qual faço parte, é o corpo da mulher que amo, é o corpo que está no sacrário para que eu o possa contemplar em toda a sua beleza e significação, como se de um belo rosto de mulher se se tratasse, no metro ou num quadro de Vermeer...

O TEMPO TELEPORTADO:
IDENTIDADE VIRTUAL, FICCIONAL E REAL

Argumento

A falência do real ou a sua substituição pelo Tempo? O que é mais importante, é o Homem ou o Tempo? O homem não se pode domesticar a

Si-Mesmo enquanto usufrutuário do Tempo?

Desenvolvimento

1. O TEMPO APRISIONADO

A exatidão impede o desenvolvimento do génio. O génio tem mais que ver com um impulso de vida do que uma tensão mortal. Lembremos a cena célebre do filme A Mosca, em que o protagonista é teleportado para uma cápsula juntamente com uma mosca, que inadvertidamente entre dentro da cápsula-mãe. Ele acaba por participar das qualidades intrínsecas da mosca face à natureza e torna-se ele mesmo numa mosca gigante. Ora, quando o corpo é teleportado, também a substância sai do seu lugar e como que subverte uma ordem mais ou menos aristotélica...Mas bem, o que faz o tempo, uma das suas qualidades, é o devir, o facto de não ser algo de imutável e que participa justamente das qualidades da mudança, do ***Estar-aqui***, num momento, num tempo, e o estar ali, acolá, como se diz hoje *lá está*...

A portada do Tempo é, então, a porta do Éden, da felicidade e há que fazer uma boa gestão do tempo, na casa, domesticando o Tempo, como na Medina muçulmana, como vou demonstrar a seguir. Porque também há quem não se preocupe com essas dimensões, uns vivem no interior do tempo, outro fora dele, talvez num outro tempo e como se pode avalizar o que é do Tempo e o que não o é? É o Direito que vai dizer isso, a biologia, a psiquiatria?

Tudo está patente, entre o real e o virtual, o tempo recuperado (Savater) é o tempo aprisionado, amassado, como quem faz uma bôla de pão...

Depois, a psicologia do vencedor, a psicologia da verdade; desejas

ardentemente, desalmadamente, a vitória, mas quando a alcanças, preferes não erguer o troféu, porque tens pena do adversário ter perdido a teu favor, por isso eriges-te e ti mesmo enquanto filósofo, leitor dos tempos, do tempo enclausurado em favor da eterna juventude de ti mesmo e do Outro, enquanto o Deus é velho, tu permaneces jovem porque de certa maneira te sabes abstrair, sem que no entanto percas a vontade de vencer, nem que seja pela vingança doce de provares que és melhor do que os outros, de que és os melhor na tua área, obviamente, porque nem toda a gente sabe assim tão bem conciliar teoria com prática, aliás, a maior parte dos nossos filósofos está e vive numa espécie de limbo, de zimbro, como aliás a grande parte dos sociólogos e antropólogos, nunca tiveram uma quebra, nunca correram um risco, nunca caíram nem foram derrotados, são os maiores e tudo e à luz de todos, vão à TV, vão a todo o lado, resta saber se irão ao céu...

"Não congelarás o Tempo", dizia um texto de Iturra que tenho algures no meu baú de preciosidades. Que quer isto dizer? Que vai vale ir, ser conduzido, pela lógica do senso-comum e não teorizar? Dizia Drummond de Andrade, "a ode cristalina é a que se faz sem poeta"...

2. O TEMPO DOMESTICADO

Assim, de uma maneira ou de outra, o homem considera o processo do tempo calcinado ao tempo caucionado, ou seja, é aprisionado, congelado e depois libertado, sob a condição da regra social, mais amplamente do contrato social, o que levanta desde já uma série de questões éticas e ontológicas, a saber a consideração do homem enquanto ser social, que tem de se adequar ao seu tempo, ou seja, o cientista social é um homem do seu tempo, um homem do meio, enquanto o filósofo vive alojado noutras instâncias e esferas do Ser

(em relação íntima com o Tempo), projetado, dissimulado e arrebatado pelo Tempo e sua ação. Porque o Tempo é invisível, ou nem sequer É, apenas vemos, na aceção de Baudrillard, um tempo enquanto simulacro, pois relacionado com o objeto corpo e, na sua contemplação, com o sujeito-espírito. Paulo Valverde, nas suas aulas de Antropologia da Performance, falava muito neste conceito, pivotal, charneira, fundamental para a sua argumentação antropológica, ou seja, a domesticação do Tempo, expressão desde já profundamente antropológica mas não exclusiva de que se debruça sobre o fenómeno do humano, da casa, da habituação (do tempo), da habituação à casa, estar na caixa e ao mesmo fora dela por via de mecanismos complexos de ligação telemática ao real, o exterior. Assim, encaminhamo-nos para a consideração do tempo esticado e plasmado numa tela, num ecrã, como na pintura e no cinema. É o território da arte, do Tempo congelado, fixado através da contaminação da contemplação, que faz com que vivamos mais e mais esteticamente, fartos do afã do homem prático e praxísticos e apenas quer mais e mais encher chouriços.

Assim, a filosofia é terra de risco, de insegurança, mas também de segredo, o segredo de que falava Derrida e, por sua via, Fernanda Bernardo, ou seja, enquanto a antropologia favorece a certeza (sobre o homem), o terreno da filosofia é, pelo menos a meu ver, um terreno de risco, por isso falo que a metodologia da filosofia deveria ser o trabalho de campo etnográfico, ouvir o que diz o Outro, o seu discurso e considerações várias sobre a sua relação com o Outro e o Mundo (*Timeu*). Portanto, o Tempo é um animal de que deve ser domesticado, domado, como uma fera, pois entre real e virtual, ele está desvirtuado, porque se perdeu a raiz aristotélica do modo como lidamos com ele e, em certa medida, o Tempo aproxima-se da noção de Deus, com quem brincamos no quotidiano pois a maior parte das vezes está alheio aos nossos

esforços de sobrevivência, à nossa necessidade e premência até de acreditar n'Ele…

3. SOLTURA DO TEMPO

Por outro lado, temos o tempo armadilhado, por isso, de tanta pressão face à coesão social, em que muitos abdicam dos seus direitos mais fundamentais em favor do bem como (como em democracia, por exemplo, veja-se a obra de Michel Foucault "É Preciso defender a sociedade"), pelo que neste capítulo, a psiquiatria vai pelas forças de conservação, sendo impossível qualquer projeto de arte quando não está ligada a uma certa rebeldia e até marginalidade, a que esta é avessa, pois tem, em geral, uma perspetiva integradora, por vezes mais até do que a própria Igreja… De tão pressionado e comprimido o tempo, que se solta e entra em desvario, embatendo contra os corpos que se debatem em vagões de comboio, em carruagens de metro ou mesmo autocarros pelas ruas enviesadas da cidade das sete colinas.

Assim, a angústia apodera-se do filósofo que solta o tempo, porque se sente órfão e carente de qualquer coisa que ele não sabe o que é, mas desconfia que é tanto afeto quanto reconhecimento dos seus pares. Enquanto uns vão navegando nesse mais de tempo mais ou menos anódino, abastados, afastados de uma ideia de gratuitidade do pensamento, coniventes, corrompidos, permissivos, insensíveis a um certo tipo de sofrimento, mormente psíquico, outro preocupam-se realmente e acabam por ser estes que mais em paz consigo mesmos e com os outros estão, porque para teres paz tens de ceder um bocadinho, não muito, para que tenhas paz para fazer a tua tarefa, a tua oração…

Mais uma e outra vezes, aprisionas o tempo, comprime-lo, para o

domesticar, quando a sua ação só entra a teu favor quando o soltas, quando existes para além do mexerico, numa vida plena e plana, ignota dos sentimentos e acidentes que a tua própria biografia ilustra.

Deste modo, estás numa existência vã, no vão da existência e aí perduras porque preferes a nuvem do não-saber à pornográfica democracia do saber que explica tudo mas que na verdade nada vale, para ti e para os teus.

4. O TEMPO ESTICADO

O tempo esticado é o do cinema, ou seja, da tela que pode ser transmitida ao outro, em que o transmissor é o autor. Nada de muito importante há nisto, aliás, a psiquiatria defende a arte mas não é uma saber, é um saber do confortável, da conformidade com a ordem social. O mesmo para a antropologia, a sociologia, a filosofia. Não passam disso, a repetirem-se a si mesmas, a venerar-se a si mesmas, ou seja, um verbo de encher como dizia a minha mãe. E encher o quê? Chouriços, Senhor...

O tempo é, assim, na tela, esticado e pouco tem isso que ver com eterna juventude ou imortalidade, tal coisa não existe, ou seja, alguém que é lembrado, por uma secção da população, acaba esquecido quando lhe dá jeito, ou seja, quando perder o valor, os valores. Então, o homem esquecido resolve-se estivar o tempo, depois de domado, de aprisionado e de solto para a realidade social da vida de todos os dias, resolve não se importar, porque o mundo está mais cheio de pessoas que se importam do que de pessoas que não se importam e a preocupação é mais maligna do que o desvelo, porque incluir um tentâme de modificar o Ouro, o Mundo e ele mesmo, além e para além do dado, fazendo do adquirido uma forma de vida, devida.

Porque o homem do século, secular, pensa domar o tempo, quando o homem do sagrado, o ***homo sacer***, conhece uma via para a felicidade, para outra via, delega no Deus a forma como estica o tempo para, no mínimo, sentir a felicidade de pertencer, de fazer parte...

Isto no âmbito de um mundo binário, porque há outras opções de vida, outras formas da realidade, além do direito, obviamente com uma antropologia ampla, que não seja apenas social, mas também cristã, solidária, aberta ao Outro e mesmo a filosofia tem muito que aprender com aquela, pois o seu discurso, demasiado racionalista, acabar por cansar a mente do analista, do pensador, porque a sua atitude é forçada e forçosamente dispensável, porque o homem de hoje que divertimento, escape a tarefas sociais que por vezes são tão ridículas que acabam por escapar à ação de uma qualquer fada da felicidade, ou seja, o homem de hoje é bom a encher chouriços, nesta sociedade pós-industrial, quer o seu carro, o seu emprego, a sua mulher, mulheres, pois a sociedade está feita para ele assim dessa maneira, para encher chouriços...o pior é quando o filósofo partilha desses mesmos ideais...

Sendo que, obviamente, ao nível da Igreja, quanto mais se faz pior é, quanto mais genial tu és, mais marginalizado acabas por ser, quer seja por seres um Nerd, quer seja por já não teres o corpo perfeito. Com as mulheres, elas gostam de tipos tôlos, sem grandes pruridos intelectuais. Isto pode parecer óbvio, pouco filosófico, mas espelha a realidade em que vivemos. Basta estar dois minutos fazendo zapping à televisão...

De uma maneira ou de outra, acabas por ser marcado e o muito êxito que tens só discrimina, só te discrimina e em Portugal, infelizmente, o talento nem sempre é recompensado, tens de andar anos e anos trabalhando fora do

sistema para conseguires implantar o teu sistema.

5. EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

Procuramos recuperar o tempo perdido ou a infância (Savater), olhando mais ao conteúdo do que à forma, porque a forma escraviza e se perde tempo, vai-se perdendo o tempo e a oportunidade de viver num regime do "não quero saber", como diz o meu sobrinho a propósito de muita coisa. Porque foste cumprindo e sendo alinhado e acabaste um revolucionário teórico, foste calmo enquanto jovem, demasiado calmo, na tua conchinha e agora queres-te divertir, soltar o tempo ao vento, não que busques qualquer "aplacamento" de algo que nunca foi, que não aconteceu, mas porque tens necessidade de te sentires bem contigo mesmo, entre filosofia e ciência social, entre poesia e literatura no estilo narrativa...Assim, mesmo assim, assumes que queres, mais do que partir em busca do tempo perdido, viver um tempo do que se faz aqui e agora, em função de um tempo reencontrado...

Assim, enquanto alguns intelectuais portugueses se vangloriam a si mesmos por ter chegado a algum lugar, eu desloco-me à Igreja quando não está lá ninguém, quando não há celebrações, para agradecer ao meu Deus a inspiração que me dá para fazer filosofia, antropologia, literatura. E isto é também uma forma de viver o tempo, de surfar no tempo, desportivamente, sem grandes complexos ou estranhas probabilísticas possibilidades, porque é bastante simples quando acreditas e perceber que é apenas um torrão de terra neste universo, uma partícula de areia na praia onde Ele caminha a teu lado. Sim, converti-me de novo, mas ainda assim, vou acreditando aos poucos e mais e mais, à medida que mais acredito nas minhas relativas possibilidades

do sentir, o transcendente e o imanente, pois que nenhum sobrevive sem o Outro. É este tempo perdido que procuro recuperar o tempo em que sublimei o desejo indo para o seminário, os bons momentos que por lá passei, não sem maus, obviamente, o tempo que esperei para ter a minha primeira aventura sexual, no final do tempo de faculdade, num ambiente tanto elitista quanto inóspito, quando eu vinha, de um modo experimental, para perceber a sociedade que, afinal, não existe.

6. O TEMPO REENCONTRADO

Porque a realidade tem uma regra essencial: se a desafias demasiado, ela acaba por se virar contra ti e por mais mérito académico que tenha, invocando a tua teoria ou as teorias dos outros, ela acaba por se virar contra ti. Portanto, eis aqui o pleno sentido da nuvem do não-saber, que alguns cultivam e assim conhecem um sentimento de uma felicidade inaudita, não alcançável a quem tem demasiados bens, porque, afinal, passa o tempo todo ocupado em os manter ou ampliar e não se preocupa com o fundamental, que é o Ser. Para além do Pertencer, claro está. Também o Tempo tem que ver com isto e não é só devido ao aspeto moral, como mostrou Santo Agostinho, mas devido também ao aspeto cósmico, cosmológico, da inserção do nosso Ser num âmbito mais vasto do que a mera sociedade, o grupo ou até a família, podemos arriscar a dizer.

Podias, obviamente, ter feito trabalho de campo nas mais diversas latitudes,

perceber de geografia e de demografia, ir à TV como especialista, mas..deixas-te andar, entre a tua aldeia e a tua cidade, que é cada vez mais a tua aldeia, só que de um modo impessoal, porque estás singrando e muita inveja se levanta, talvez faças mais do que muito doutores, professores doutores ou engenheiros, arquitetos, advogados e sem grande afago de mulher continuas fazendo teoria, tentando viver de memórias de infância e adolescência que disparam na tua menta como balas, não só em casa como também na rua, em qualquer lugar, palavras que estão tatuadas no teu corpo e que não são tatuagens, tatuadas na tua alma, porque as palavras não te deixam, não te abandonam, porque vais fazendo sentido filosófico de tudo isso, porque sabes que, de certo modo, foste um pioneiro, começaste muita coisa e pagaste, vais pagando, caro, o preço de ter sido e de Ser diferente, ainda que Sendo, ainda que Pertencendo, a ti mesmo e a alguns dos Outros, como ao Cristo...

E neste enlevo científico te conduzes, ao mesmo tempo que és conduzido, por Ele e pelos demais, e tens o que escolheste afinal, portanto foste livre nas tuas escolhas e isso é uma forma de te reconciliares com o teu passado e encarares o devir, o futuro do Tempo que vem aí, daí, em diante, com orgulho e cabeça levantada.

Por isso, também aprendes a respeitar, o teu corpo, o teu espírito e embora estejas profundamente cansado pela falta de resultados, persistes, continuas, não sabendo o que para aí vem, o que se passará depois de deixares de estar aqui e esqueces aquele ensaio sobre Nietzsche pois já estás bastante baralhado e o teu forte não é Nietzsche, pois nem sequer tens formação inicial em Filosofia. A vida do tempo faz-se disso, de opções, de um vagão (vagar) chamado Carruagem 19, onde circula o *Passageiro 19*...

Pela minha experiência enquanto antropólogo, de trabalho de terreno em diversos locais no território português, percebi que há mais quem destrua do

que quem construa, tal como meu velhote construiu casas e casas na aldeia e fora dela, até. Esse é o mal do mundo de hoje, entre real e virtual, as pessoas estão com a mente descontextualizada e, pasme-se, a grande parte delas sente-se desconfortável, porque falta fé, despeito, respeito, para as coisas que são fundamentais. Foi assim que a América se tornou num país estranho, inconcebível, semiologicamente elementar, porque animal, atreito ao instinto e à cobiça, serão estas considerações demasiado filosóficas para um antropólogo, habituado a ser permissivo, mas que o é até um certo ponto e numa certa medida, porque tem uma ética, um estatuto, o desígnio, se quiseres, diferente do de outras profissões, mais práticas, mais imediatistas...

CONCLUSÃO

Vivemos na era do plástico, os mares então cheios de plástico, o dinheiro é de plástico, a comida é de plástico. O homem manietou a natureza mas não consegue iludir o tempo (que passa) e por mais que o queira fazer, apenas o consegue amassar, como ao pão num forno a lenha. Sim, é isso: agora já não há fornos a lenha, tudo é rápido e o tempo, mesmo cosmo-logicamente, esgotou-se, vivemos sobre a pressa da urgência. Os tempos são outros dizem, não há (mais) tempo, para nada e para coisa nenhuma...

Então, o que é o Tempo senão um fenómeno tanto físico quanto espiritual? Nas farmácias não se vende Tempo em Garrafa, mas há já cápsulas do tempo e a literatura está cheia de exemplo de como o homem tentou iludir o que é tanto uma ficção quanto uma certeza, sim, o tempo que tudo faz e desfaz e no fundo não vale nada, como diz a canção...

Assim, faço referência a um escrito de minha autoria, "A Função Social do Filósofo", que não pretende catalogar o filósofo mas, de um modo positivo e

otimista, perceber que há um campo aberto e largo de compreensão e de atuação do filósofo na vida das cidades e, porque não, das aldeias, aliás, cada vez mais, ao lado do antropólogo, do sociólogo, do historiador, do geógrafo, do arqueólogo, do sociólogo, pois tudo se resume, afinal, à aceção de que tudo se reduz ao social, ou seja, ao que é partilhado, na esfera pública como na doméstica e, em certa medida, finalizando, o tempo é, não apenas como o próprio homem, mas também ele social, ou seja, é um fenómeno que escapa, por entre os dedos como areia ou terra arável, é qualquer coisa que envolve, que evolve, que está tanto além quando aquém, que tanto precede quanto é consequência, estando além até da própria vida individual e da social, que nós não conseguimos ainda antever enquanto espécie que já começa a estar em perigo...

Pulsão de vida e pulsão de morte convivem num espaço diminuto, positivo e negativo, um e zero, analógico e digita, amigo e inimigo e por aí além, sístole e diástole, dar e receber, cima e baixo, direita e esquerda, fora e dentro, é isso que a antropologia estuda, a relação do homem com a natureza e os deuses, mas a filosofia e a sociologia também, a relação entre os seres numa determinada esfera do tempo, o tempo que se escapa e que no final é tão fatal e cruel quanto o destino, ou seja, confunde-se, a alguns olhos, com o próprio Deus...

O tempo é, assim, juntamente com o espaço, uma categoria essencial para compreender o homem, o ator social enquanto designio e desenho de mistério, na sua relação com Deus e com os outros seres e, num sentido artístico, o tempo é o que fazemos com ele no confinamento ou abertura da nossa existência, o tempo é, por isso, mais abertura do que confinamento, porque confinado, o homem que concebe o tempo acaba por fenecer e com ele a sua visão do tempo, sendo que, absolutamente dizendo, o tempo é o próprio

Homem projetado no infinito, na sua contingência, naquilo que tem de mais absoluto e escatológico na sua tendência para novas possibilidades de sentir e existir.

~

O Esquecimento de Nietzsche:
entre o Nada e um objeto virtual

Argument:
I discuss here the “end of Nothingness” and the return of God as a solution for intimacy and body politic issues. The body is more and more political, biopolitical, not so anatomical, and the body of God is our body, in some sense.

1.

Nietzsche não consegui matar a divindade porque a Divindade nunca teve planos para matar o homem, só que ele se rebelou, tentando tornar-se Deus, muito numa índole lévi-straussiana para ficar com as mulheres-mercadoria e acabou refém do seu próprio poder temporal. Consequência? Não são os deuses que estão loucos, mas o homem e a mulher também. O poder medieval, da Igreja e dos Nobres, dos Reis e Conquistadores, que se encontravam cristalizado nas instituições e nas pessoas, por via delas, acabou por se espartilhar recentemente com o advento da realidade virtual. Assim, também a noção heideggeriana de objeto fica em causa, porque a realidade passa a ser objetal e qualquer filosofia só é possível através da religião, só que esta não se apercebe do Deus que tem em mãos, que é Outro. Enquanto a fé da Europa é cega, a da América é sinuosa e isso tem que vem com realidades sociais bem diferentes, espelhadas na cinematografia. O sobrenatural é, então, qualquer coisa saído do corpo de Deus e porque não do corpo do homem, continuamente, através dos dias? A noção de Deus acaba por desaparecer devido ao objeto virtual, que para a mente se torna real e se esse fenómeno é da ordem da volição, Deus torna a aparecer nos termos de um freudismo que tem a ver com a resolução do desejo, numa ética capitalista que remete para o

corpo o beneplácito de uma certa paz perpétua. o mundo do banal, do quotidiano é o verdadeiro mundo, um mundo desconcertado pela violência dos gangs e dos ***guettos***, pela indiferença dos intelectuais e inexatidão e sensacionalismo da TV, mas o objeto virtual passa por isso, pelas vezes da realidade e influencia sobretudo as mentes das pessoas, entre a ortodoxia e o laxismo, entre o dever e o ser, quase plástico, tendo sob fundo a grande interrogação de "como deve a vida ser vivida", mais do que o medo da morte, pois como diz o povo, ele é mais do que certa, provavelmente a coisa mais certa nesta vida e aquilo que a todos nos une.

Curiosamente, quando há um intermediário como um antropólogo entre as populações, as coisas ficam mais pacíficas, as pessoas revelam os seus verdadeiros medo e anseios, os ciganos ficam mais calmos e atentos, os africanos ficam mais interessados e mostram o seu verdadeiro valor numa sociedade de "brancos costumes". Assim, a mulher reconhece cada vez mais valor ao seu corpo, mas sobretudo à sua mente, à sua livre-iniciativa, com os conhecidos desequilíbrios nos EUA, juntamente com a violência. Os povos do norte da Europa vêm em Portugal e Espanha um cenário idílico para recuperar das suas stressadas vidas de brancos, cheios de estratagemas para sobreviver e defender a sua cultura e modo de vida, de um modo como nós por cá não fazemos tão bem, muito menos os americanos. Assim, o objecto virtual é também ele volátil como o desejo, as uniões são cada vez mais públicas, enquanto outras permanecem secretas, demasiado secretas, porque a imprensa e os media não privilegia a formação, mas a informação, grande parte dos casos bastante danosa. Mas também nem todos querem aprender, formar-se, porque têm de vencer diariamente a frustração de se ser normal e a falta de excitação que, no fundo, todos buscam, em privado ou publicamente.

2.

O Nada, portanto, é um excesso do próprio Nada, como de todo o homem fosse criador de qualquer coisa, à semelhança do Deus que criou o Homem... Assim, não é o Homem que nada num mar de Nada, é o próprio Nada que, anulando-se a si mesmo, na mente do Homem se reconstrói para criar qualquer coisa como um artefacto da verdade, um utensílio da sua sobrevivência física, para que depois, de barriga cheia, possa fazer alguma filosofia, daí se entendendo a questão do segundo cérebro. Só que o homem, dada a sua infinitude e medo da morte, e necessidade de preservar o seu modo de vida, tem necessidade quase física, vital, de efabular, criar mitos, na verdade, esta pulsão atravessa todos os tempos e espaços da geografia dos sentimentos e da memória humana, é comum a todos os povos. Mas...será o Deus Cristão um Mito? Não foi precisamente isso que Nietzsche quis dizer?

3.

O mito do super-homem, o Nada nietzscheano, a tragédia, não foram uma forma de ele mesmo se perpetuar como autor e, de algum modo, representar um papel, central sem dúvida, na história do pensamento? Como a religião cristã, não foi tudo somente uma encenação? Onde está o conteúdo de tudo isso, da cerimónia, do crer, duvidar, deixar de crer e voltar a crer, não são estas as voltas do mito do eterno retorno? Por isso, os limites da expressão podem ser revistos, porque a expressão desproporcionada é maluquice para o outro. Ainda hoje Nietzsche é tido como louco, quando provavelmente ele tinha mais razão, se é caso disso, do que Hegel, São Tomás ou Marx. Porque o mecanismo humano de negar a razão a quem a tem, a quem não a tem, é primordial no

registo das relações, ou seja, eu apoio-me no erro do outro para me afirmar, em vez de construir a minha própria argumentação. É com tristeza que vejo um Portugal maluco para umas coisas e pouco maluco para outras. Nas relações, a suspeita aumenta, as pessoas já não falam espontaneamente nos transportes, talvez porque não sejam verdadeiramente felizes. Nem procuram, estão com as pessoas erradas e são demasiado moralistas ou judiciosas. Talvez porque seja seguro e hipócrita ao mesmo tempo estar sentado vendo o mundo desenrolar-se diante de um ecrã. Perdeu-se a cultura do jogo, lia num jornal o que dizia um nosso pedagogo...

Como disse há poucos dias um conceituado comentador da nossa praça, "ao lado dos asiáticos, parecemos uns labregos". Isto regista-se desde o futebol à política, estendendo-se para a gastronomia e, lamento dizê-lo, para a cultura. Os portugueses podem ter muitos defeitos, mas não noto nele o "medo de existir" de que falava há anos José Gil. Noto outras coisas, antigos defeitos de dizer mal de tudo e de todos quando se andou na guerra em África e parece que o facto de não ter estudado habilita-a dizer mal de tudo, culpa dois académicos, enclausurados em suas capelinhas, com intervenções totalmente descontextualizadas nos media, que por sua vez, não promovem a educação das pessoas. Há uma cultura de rua, de praça pública, de desconfiança e vergonha, como já vira em tempos também para o sul de Espanha Lisón-Tolosana.

4.

Mas, se o homem se apoia no Nada para saltar para a sua ambição de status, poder, consignação, tortura, Nietzsche está, mais uma vez, atual, diria até, na berra. São as pulsões primordiais que emergem quer em guettos quer em zonas residenciais ricas, onde há boa educação, mas prolifera uma cultura da

salvaguarda da privacidade e, logo, do crime. Crime, que é na maior parte dos casos, passional, económicos e Hollywood promoveu isso ao longo dos anos, o bom bandido, o golpe perfeito, fugir para o México ou para as Bahamas em vez de ser ou tentar ser um *working class hero*. Por isso se crê que os americanos, do sul e do norte, são mais emocionais e afetivos do que os europeus. E, na verdade, tudo tem que ver com o controlo do capital e o holocausto tem tudo que ver com isso, mais do que uma radicada "banalidade do mal".

5.

Mas foi o homem europeu que promoveu essa imagem, o português desenrascado, o espanhol com salero, o italiano, que provém já do império romano, antes do grego. Não faço nenhum juízo de moral sobre isso. Foram tempos. Por exemplo, o salto dos emigrantes para França e Alemanha, nos anos sessenta, muitos deles para fugir às guerras de África. Tudo isso, e a formação da América, tem que ver com ideais, liberdade e livre-iniciativa. Mas...não foram estas sociedades construídas sobre a violência e a escravatura, nomeadamente dos negros e ameríndios? Antes, já a Europa havia sido palco de intestinas lutas tribais entre nações, grupos, mais ou menos militares, mais ou menos religiosos. Mas, qual a motivação de tudo isto? A necessidade? Leis evolucionistas? Uma qualquer forma de destino, de eugenismo? Não há, no inconsciente coletivo, desde o desporto ao cinema, uma reiteração da imagem do Super Homem anunciado por Nietzsche? Então, porquê Deus? E qual o Seu papel? Terapêutico? Na verdade, Deus chega onde ninguém mais chega, por mais que a Igreja parece retrógrada em algumas questões. E a ciência vai chegando, vai tentando... Quando os dois se juntam, a

mistura é apocaliticamente explosiva, surpreendente, cosmicamente inaudita...

6.

Talvez uma solução antropológica para o problema filosófico da violência, seja a sua contextualização, como o boxe, por exemplo, o MMA. As sociedades aprenderam a lidar com a violência de uma certa forma tradicional, através de normas e de ritos. Hoje, por qualquer coisa, chamamos a polícia, talvez por medo do Outro, por ódio puro do Outro ou porque não temos mão em certas situações. Como disse há pouco na TV um psicólogo da nossa praça, a propósito da pulseira eletrónica no âmbito da violência doméstica, os profissionais da justiça não têm formação em psicologia e ciências humanas. Embora venham das humanidades. Mais, os antropólogos e sociólogos não têm formação em psicologia...pelo menos entre nós.

7.

Então a que corresponde exatamente esse objeto virtual, se o virtual é tudo menos objeto? Esquecemos que é ideia, sim, ideia e simulacro, ou seja, potência de ação, logo de volição e instinto, competição, desejo de status e posse do corpo do outro. Vejamos a este propósito os abusos no seio da Igreja Católica. Esta Igreja, no seio da qual grande parte de nós fomos criados, mantém uma ideia de transcendência que, na verdade, ajuda a resolver muitos problemas concretos. Mas, é com a reprodução e a incessante que a Igreja tem um problema, ou seja, está em conflito aberto com a psicologia das coisas afetivas e a psicanálise do sentido do sujeito no tempo. Diria, até, que o seu discurso para o povo é recorrente, fechado, eivado de chavões. Mas o da psicologia também o é, sendo tudo menos evolutivo, progressivo. A resposta

está, algures, na filosofia, mais numa filosofia moral, numa metafísica. Só que o homem de negócios não quer saber disso, muito menos o governante... dada uma certa ideia de progresso que está colidindo com as alterações climáticas... Na verdade, a antropologia explicou muito bem a relação entre sagrado e profano, como a história também o fez, mesmo em termos morais. Só que há fenómenos sociais que persistem, incluindo a libido do cientista...

8.

Mas, podemos transpor o caráter dos povos para o dos indivíduo? Margaret Mead, há longo tempo, ensaiou isso, ao falar de povos apolíneos e dionisíacos, e tudo isso vinha de Nietzsche. Porque há, efetivamente, uma ligação entre social e individual. A psiquiatria social põe acento nisso e tirar o peso dos ombros do sujeito, em vez de aumentar a culpa, muito judaico-cristão, acaba por diluía-la no seio da sociedade. Mas, Foucault diz que é preciso defender a sociedade. Então, o que mais importa no devir social, mesmo em termos de mudança (social), é o sujeito ou o grupo? Assim também, à medida que reitera uma masculinidade dominante, a sociedade alerta para as minorias em termos de orientação sexual. Mesmo no aspeto cultural é assim, reitera-se o poder que pertence aos brancos enquanto se dá uma migalha às minorias desde que elas adotem o nosso estilo de vida, porque não podem ser eles mesmos. Isso é dominação cultural, que dura há séculos e não vai acabar tão cedo. Podemos muito bem perguntarmo-nos tal como a propósito da violência, poderá o homens viver sem poder, o mesmo é dizer sem violência? Ou, por outra via, o poder é inerente à vida em sociedade? E o que é, afinal, o poder? O que é a sociedade senão um simulacro onírico, uma convenção de que a alma humana se serve para sonhar e, logo, sobreviver.

9.

Ou seja, tudo se resume a um simples determinismo da atitude dual ação-reação. Não estamos mais animais do que os simples animais? Para quê tanta euforia, celebração, sendo que o nada está à nossa frente, ameaçador? Não serve somente a psicologia para explicar a violência, mesmo a das massas. É preciso ir à raiz do problema, perceber que, se o homem é eminentemente social, produto e produtor de cultura, é também um animal violento. E tudo se resume à posse das mulheres, para impressionar as mulheres? Temos entre nós um padrão de comportamento, o homem para ser considerado macho tem de ter um certo e determinado perfil, não pode chorar, ter dúvidas e hesitações. E tudo gira à volta de uma simbólica do sexual...

10.

A interrogação persiste: como, num mundo hostil ao sujeito, fazer amigos, amizade, construir pontes? Um homem não é uma ilha, mas o homem em grupo faz qualquer coisa para manter a afinidade a esse grupo, no fundo defende o seu modo de vida. Há sempre quem te queira controlar, a ti e ao teu pensamento, ao teu comportamento e a liberdade é, antes de mais liberdade de pensar, ousar uma fenomenologia da interrogação, porque a maioria está agarrada às suas certezas e não quer abdicar delas, sejam religiosas, políticas ou sexuais. Porque toda a gente gosta de estar na zona de conforto e não quer abdicar dela por tuta e meia, a não ser que isso lhe traga evidentes benefícios, ou seja, fundar uma outra zona de conforto, mais além na geografia. A filosofia tem esse pode, o poder de pensar livremente, ainda que agarrado ao corpo e se há quem te admire, também há quem te odeie, porque estamos na civilização do acto, do fazer, da demonstração da prova. Porque há o mito de que o filósofo sabe tudo, de resto, o mesmo funciona para as ciências sociais em geral e os

antropólogos em particular, ainda que a maior parte dos sociólogos esteja, pelo menos em Portugal, conivente com o poder, pelo menos não intervém porque simplesmente as pessoas das tvs ora são medíocres ou têm pouca formação em humanidades e ciências sociais. Há muitas pessoas que são tão estúpidas que não querem que as ensinem a pescar, querem antes o peixe e nada tem que ver com a escolaridade ou a frequência de certos ambientes culturais ou intelectuais. Mais, muita gente não quer ser ajudada, quer simplesmente morrer ou desaparecer e isso nada tem que ver com a honra, mas com a formação da pessoa, muito mais do que com os genes.

11.

Grande parte das pessoas está mais preocupada com intrigas e pormenores da vida uns e de outros, num regime de corpos misturados que Dante bem ilustrou na Divina Comédia. Muitos, no estertor do seu entusiasmo, busca excitação e adrenalina e todo o preço, custe o que custar, só para se sentirem vivos, andam às cavalitas uns dos outros, alabarados, sôfregos por conquistar o seu lugar ao sol, numa luta de status a que me referi num dos meus escritos. Mas bom, o filósofo vêm isso como uma manifestação da natureza e sua alma sorri por dentro. É aí que passa a bola ao sacerdote, porque muitas pessoas precisam de ser iluminadas, acreditar em algo, nelas mesmas e o segredo está sempre no Outro...

12.

Esse objeto virtual é o homem projetado diante de si, para o exterior do de si, do seu desejo e capacidade volitiva para transformar o mundo, num sentido meramente marxista. É a "coisa" heideggeriana, no amestramento da realidade que é o sujeito e que conhece reiteração na remissão à existência, a si

mesmo, à biografia, como se se tratasse de um malabarismo circense. O antropólogo sente isto particularmente e em geral o cientista social, ou seja, ele é o objeto, antes do Outro, porque o mundo se reflete nele mesmo enquanto observador-participante. E quando temos alguma psicologia, eis a capacidade de influenciar os outros, nomeadamente os mais novos, em termos de caminho, se quisermos, numa linguagem pedagógica, em termos de orientação vocacional. Sim, o antropólogo e o filósofo, tornam-se médiuns, a dor diz-lhes respeito, o seu corpo é corpo de delito, social, faz parte do corpo social como o de toda a gente. O filósofo não pode retorquir a uma crítica por ser funcionário da humanidade? Pode e deve, mas isso desvia-o da sua pura tarefa de entender o homem, o homem da antropologia, ou seja, a origem, distribuição e explicação das minorias, de todo o género e aí então partir para a mudança do mundo. Ou simples observação. Para que alguém se dê conta de qualquer coisa, porque onde o filósofo reflete, a populaça festeja e ri-se, estando alheios, de certo modo, ao seu destino. A explicação da violência tem tudo a ver com isto, com o riso, o teatral da condição humana, objetal, projeto e objeto que se propala diante do sujeito. Assim, é grande o desafio para aquele que faz filosofia das relações sociais.

13.

Temos sorte em viver na sociedade em que vivemos e de usar e abusar de uma certa liberdade, de movimentos, de pensamento. Mas, por vezes, a democracia tem defeitos, sendo que se fala demais e se faz de menos. Os países europeus, na sua maioria, conheceram grande ditaduras. É preciso entender a história, reescrever a história, sendo que a Europa é o lugar mundial privilegiado do diálogo. Quando o homem tem medo, reage violentamente, portanto é preciso acabar com o medo na história, na dos três tempos,

passado, presente e futuro. Para construir um mundo melhor, obviamente e nisso as ciências sociais e a filosofia podem ajudar. Porque pensar o mundo e o homem é já transformá-lo, como se cada homem fosse um filósofo e tivesse dois cérebros, aquele que pensa e aquele que vai e se prolonga no domínio da ação.

14.

O Nada, a tragédia, o SuperHomem, eis os conceitos adiantados por Nietzsche, o homem do Vitrúvio que se crê dono do seu destino, além do efeito transcendental da religião que, no entanto, pelo menos em potência, tudo liga... Portanto, o homem liga horizontalmente, e Deus verticalmente, logo, decretamos o fim do nada nietzscheano e inauguramos um reino misto, composto de conceito e palavras bem novos, resultado de uma maior e mais distanciada compreensão da história, em termos sociais e antropológicos, na relação e dimensão espacio-temporal em que os grupos e o indivíduo são analisados.

Depois, uma nova noção a juntar à de "vão", a noção de **vinco**, o seja, uma marca, uma tatuagem, na roupa e na pele, tentando vencer o mundo que é adverso, sobretudo nas grandes cidades. E temos a solução para um outro dilema, ou seja, aquele que nos interrogava onde se vive melhor, se no campo se na cidade, ou seja, a cidade é campo para sociabilidades mínimas, e o mundo de hoje está todo resumido a isso, poucas relações ou, no extremo, a orgia das experiências eróticas virtuais. O grande refúgio para o sujeito atormentado pela vida moderna, passageiro num canto de uma carruagem de metro ao final da tarde, é a religião. Mas esta lida mal com o corpo, a volição, atribuindo-lhe culpa, ao sujeito que apenas quer desejar e realizar o seu desejo. Depois, há um erotismo educado, polido, meigo, remanescente do

romantismo de uma música de Schubert, de uns escritos de Montesquieu. No campo, melhor, na aldeia, as relações são mais genuínas, diz-se, mas a intriga persiste, talvez mais cruel do que o atento esquecimento da vida na cidade. Assim sendo, nos dois lugares pode-se viver bem, ou mal, conforme os casos, por isso certos sujeitos, almas pensantes e até penantes, penitentes, mentes circunstanciais, andam em trânsito, dentro dos seus veículos privados ou nos autocarros em plena luz luminosa do sol...

15.

Se falamos em fim do Nada, é porque o homem moderno está saturado de referências, há indivíduos que têm a cabeça cheia de fórmulas, equações, conceitos e preceitos e que não são felizes. Outros que o são, na verdade a psicologia procura há longas décadas uma definição de felicidade e eu diria que ela tem que vez não somente com a paz de espírito mas com a qualidade de vida, assim como a Geografia Humana a procura explicar. Há uma tendência para copiar modelos de desenvolvimento, social e pessoal de um país para outro, em vez de dar e conferir riqueza endógena a uma riqueza que já existe, já é endógena e o caso de África neste aspeto é bastante exemplificativo, sobretudo em termos antropológicos.

16.

Diz-se do filósofo que "não faz nada" O mesmo se diz do antropólogo, que mormente não intervém na realidade em cima do joelho, como fazem a maior parte dos político e derivados. Não que a atividade política não seja meritória e aqui ergue-se mais uma vez uma proposta, que é haver interdisciplinariedade. Mas vamos ver outro caso: os psiquiatras não estudavam antropologia, ou sociologia, também porque estas disciplinas estão mal representadas no

ensino médio. Por isso, a noção de **vinco** é esse incómodo social, essa dor por si-mesmo e pelo outro e tem muito de cristão nela, pelo menos como eu a entendo. Uma vez mais, nasce uma filosofia a martelo, com as risadas de mulheres ridículas, sem sentido algum, se bem que Bergson terá explicado isto em "O Riso". Mas não lhe deu o toque cultura devido à questão, ou seja, o riso varia de cultura para cultura e nós ainda estamos, mesmo depois das descobertas, bastante atreitos à nossa cultura, ao nosso Ocidente. Veja-se a este propósito alguns poemas de Cesário Verde e Antero de Quental.

17.

Uma outra noção que seria cara a Derrida é a noção que este trouxe da sua leitura do próprio Nietzsche, ou seja, a noção de ***decapante***, de carraça arrancada ao pêlo e pele de um cão. Aqui se explica porque é que o homem mordeu o cão, ou seja, há uma noção de mundo às avessas, como fala Paulo Borges, impregnada no nosso inconsciente coletivo desde há milénios e as festas ajudam a amenizar isso, como mostrou Jean Duvignaud, sendo que também a violência pode ser amenizada, quanto mais não seja por palavras, como fazem os bons polícias, os bons professores, os bons psiquiatras.

18.

Poderá, assim, haver um misticismo sem religião? Um deus sem Deus? Um Homem sem o homem? Pode, incluindo as mulheres e aquilo que é considerado como *deviância* à equação da norma, que se reitera obsessivamente em diferentes sociedades.

19.

Lembremos a este propósito Onfray, Bataille (via Sade) e Safo, não esquecendo também o nosso Bocage, que muito tem de filosófico, o jogo que se desenrola em aceitação da evidência do pensamento projetado na mente e que opera por constantes envios e referenciação ao sujeito. Tiremos, portanto, a culpa do sujeito, ainda que ela a alguns faça bastante jeito material, para mostrar ao mundo ou simplesmente ao vizinho, que são melhores uns e outros são os piores. Devemos, então, permitir a infração da lei? A progressão do sujeito no âmbito do social também se faz pela transgressão, como a sexualidade. Mas...aí está o desafio, é nos estritos termos da lei que o sujeito é feliz, é feliz por cumprir a lei e ainda por cima ter azo para se divertir um pouco, um autêntico *working class hero*, como dizia a canção de Bob Dylon.

20.

Todo o homem diz Eu Sou, Eu Sou, nunca diz Eu não Sou, Eu não Sou, porque assim perde vantagem diante das mulheres, sendo que grande parte delas gostam de heróis, numa lógica bastante levi-straussiana, para não dizer maussiana. Porque o homem gosta de viver sob certezas. "É preciso defender a sociedade"- diz Foucault, o indivíduo pouco importa, daí a falência dos sistemas de saúde e até dos sistemas de pensamento, porque ambos se baseiam na heroicidade da coisa e nisto Nietzsche não tinha razão, ou seja, o homem não tem de ser SuperHomem, até porque tem um problema bastante importante e significativo para resolver, ou seja, a eternidade. É aí que se vira para Deus. E compreende...

21.

À noção de *vinco* corresponde um pensamento incómodo, desconcertante, que se monta e desmonta numa fração de segundos, entre um café e um cigarro. Porque o mundo é inseguro, logo volátil, por isso a tua felicidade é intermitente, dura pouco, porque afinal o objetivo do homem não é ser feliz (mas o que é isto?), mas reproduzir-se...

22.

Porque o corpo é biológico e a roupa cultural, ou seja, o desejo sexual tem mais que vez com um impulso para nos reproduzirmos e jogarmos com isso do que propriamente para satisfazer a sociedade, nos termos de um contrato social. Sexo e amor, sexo ou amor, eis o dilema, sendo que o amor e a falta dele deixam marcas, vincos e nos tornam instáveis, enquanto a roupagem da cultura, o amor romântico, tornam-nos bastante felizes, de certo modo mais próximos de Deus, podendo deixar marcas na nossa memória social e individual, ou seja, vincos, que conta a história de um risco, de uma roupa mal passada, veja-se o ensaio de Simmel sobre a moda. Porque quando isto tudo tiver passado já não estaremos aqui, mas noutra dimensão, no cosmos, no espaço sideral a que chamamos de céu ou Éden e pouco terá importado o que estamos fazendo, dada a nossa pequenez diante do universo. Por isso, vivamos o presente, marquemos qualquer coisa a giz no espaço e no tempo, pois só assim terá valido a pena. Para nós e para os outros.

Do Sublime:

Experiências liminais e post-mortem

Objeto do Texto

O que é, então, o sublime? O que é sublime, ele pode habitar este mundo? E se habita outro, poderá ser apenas uma plena replicação no terreno *terreno*. A arte contemporânea, por outro lado, reflete o quê? Como interpretá-la se na relação com o mundo ela se defende que representa, ou seja, é espelho, desse mesmo mundo? Por outro lado, a arte surge neste universo social globalizado, como uma panaceia, com o instinto de curar os males do mundo que, a meu ver, são essencialmente males do coração, como dizem muitos filósofos, ou seja, da relação das pessoas entre si e do universo amplo de realização do Homem enquanto ser (individual, em certo sentido) que pensa.

Desenvolvimento

A ciência social (dos humanos) parece fraquejar, por um lado, por outro abundam os técnicos da sociedade, sejam, antropólogos sociais, sociólogos, psicólogos sociais, assistentes sociais. Lewis Mumford analisou a relação entre arte e técnica e nesse sentido, a arte tem uma técnica e refiro-me em particular à pintura. Sem técnica, porém, um quadro pode ser sublime. *A Origem do Mundo* pode ser sublime enquanto é projeção à experiência do outro e enquanto, como aconteceu com Nietzsche, o filósofo não agrada de todo aos seus contemporâneos, aqueles que virão depois de si o considerarão como um

génio que se projeta na infinidade dos tempos de gerações vindas e vindouras. Na antiguidade, o sublime era associado à arte e vice-versa, mas com a morte de Deus acabou-se por perder essa ligação. Hoje em dia, no universo da arte importa a performance, o desempenho e a própria arte se tornou sublime. Podemos pensar que, essencialmente, o sublime clássico se encontrava patenteado na arte e a reflexão filosófica está, de uma certa maneira, pela tradição que vem de longe, associada à escultura, pintura, e a reflexão filosófica produzida nesses tempos reflete isso mesmo. Ora, neste sentido, podemos inferir que a reflexão filosófica esteja apta a partir de um determinado contexto histórico, cultural, contextual, digamos. É o espelho da história, em certo sentido, e sua "vítima" intelectual, como diria Ortega y Gasset. Hoje em dia, na contemporaneidade, a ideia de sublime está deveras presente na reflexão filosófica, porque, antes de mais, o mundo e o sujeito são sublimes a toda a hora, pelo menos em termos de busca, no sentido em que o homem procura a vida enquanto pescadinha de rabo na boca, digamos, o sublime da arte contemporânea e, digamos, da reflexão filosófica, é uma busca do sentido da vida na própria vida, ou seja, na caixa, fora da caixa mas sendo portador ou apóstolo da caixa em Si ou, o que mais fascina a reflexão filosófica contemporânea será a questão do devir e da finitude, a meu ver, porque o mundo e seus componentes está cada vez mais ligado, ou apenas ligado de outra forma, com menos ecos, com mais ou menos violência não sabemos, de todo. Podíamos dizer, como os jornalistas, que se transmite, que a arte e logo a reflexão filosófica apenas reflete a realidade (social, mental). Ora, a realidade é construída de raiz pelo homem, a realidade É o Homem. O filósofo prepara a sua atividade reflexiva porque se prepara para a morte, na verdade, nada de mais misterioso e pleno de segredos que a finitude, que é simples medicinal falência dos sistemas vitais. Neste sentido, foi sendo dito na sociedade e nos

media que este é o último dos tabus, por isso todo o homem é, pouco, mais ou menos, filósofo, mas ele mesmo explica, no fim das suas dissertações, que a morte física é apenas o princípio, hoje em dia quase toda a medicina (da parapsicologia à medicina forense, desde já com as ciências sociais, que sempre afirmar que não existe morte individual, ou seja, as sociedades têm memória) tende a afirmar que a alma individual não perece, apenas se transforma, se transmuta, como a crisálida. Será isto um truísmo ou sou eu mesmo, enquanto cientista social, que estou precisamente arranjando explicações para tudo? O filósofo também o faz, prescindindo de um tempo e de um espaço de habitação, de habituação. No fundo, ambos estão mais próximos do que se julga e desde já diferem, a meu ver, apenas nesse aspeto, se excetuarmos o relativo divórcio entre teorias interpretativas e representações coletivas por parte do antropólogo...mas a morte projecta de certa maneira o sujeito para outra condição, a de ente, pleno o transitório, sendo que o senso-comum não joga deveras com a possibilidade de Ser, que antes de mais o poderia tornar armadura caritativa e bem-fazeja, mas o que é na verdade o Bem, o que é, no fundo o Mal?, senão formas diferentes de agir e pensar e diversos momentos e oportunidades? O senso-comum preocupa-se mais com a economia, antes mais do seu núcleo doméstico e de amigos, do que propriamente do final de uma existência mais ou menos realidade, um final que na verdade não existe. A meu ver, a morte não existe, por isso é sublime, nem sequer a Vida existe, o que nos percorre as veias é de outra ordem, coisa que vou explicar mais adiante. A morte, coletiva (Auschwitz, Darfur) é o pleno terror desordenado, a ausência de valores, o obsceno do ato racista, a experiência dos lugares onde pode chegar a alma humana (Jung), a morte é sublime, é por excelência e definição o Sublime, por isso ela interessa tanto à reflexão filosófica contemporânea, dado que o seu discurso é, em meu sentido,

não feminino nem masculino, não positivo nem negativo (em termos de um certo maniqueísmo intelectual bem pensante ou apenas agregado ao discurso do senso-comum), mas neutro, ou seja, plenamente objetivo, preciso conceptualmente, ao mesmo tempo que outras disciplinas se arrogam dos instrumentos conceptuais mais diversos para analisar a realidade. Portanto, a melhor maneira que o homem encontrou para lidar com a morte foi, diz-nos a antropologia, melhor, as sociedades primitivas, foi dissimulá-la, ou seja, aplicar-lhe uma máscara para lhe retirar-lhe o peso existencial, metafísico, moral, física, químico, sobrenatural até...ou seja, por último, aplicar-lhe uma máscara (Lévi-Strauus et al), dar à sociedade a vida que parte, num duplo sentido de retorno, talvez devolvendo a vida que (se) deixa de existir, à geração mais nova, que observa o velho moribundo e ouve os seus últimos conselhos, admoestações, confissão de técnicas de sobrevivência, exalações do seu espírito experiente e sabedor. Talvez seja essa a única coisa que resta como consolo enquanto parte: ver os outros sem máscara a partir do detrás da sua máscara, entre biombos ou numa casa antiga, frente a uma TV que nunca deixou de ter emissão. A morte é, assim, o grande enigma, o desafio, como a vida, recreativa ou reprodutiva que corre no corpo do homem e se colhe no da mulher, a última fronteira, ou seja, o princípio da partida para descobrir o que haverá, para o sujeito e depois, em termos de aprendizagem e memória, para o grupo, que ele seja um Mozart sepultado apenas com a presença do seu cão, quer seja o político eminente como Churchill, ou então um mero camponês que, em favor da questão da verdade, apenas fez parte, parte da realidade, da paisagem e, parafraseando Drummond de Andrade, talvez seja essa a via mais correta, mesmo no sentido ético, o homem faz parte de um cenário, é ato e reprodutor de um guião muitas vezes repetitivo, encontrando nessa reiteração

a felicidade, como um verídico *ritornello* de Carl Orff[1]. Como a morte não existe, ela é símbolo, ficção, tal como o racismo, para o homem se aventurar na vida social, ou seja, o que é a verdade? O que é verdade para mim pode não o ser para outra pessoa...O que é Bem e Mal? Teríamos, sempre, de ver o Todo, como Marcel Mauss e os seus fenómenos sociais totais. Na verdade, na sociedade, o Bem e o Mal andam constantemente ligado, quase se colam por vezes, toda a pessoa tem o seu sentido de Bem e Mal, sim, na verdade o que é a paternidade senão um encargo? Porque têm os filósofo, normalmente, menos filhos do que outros homens ou mulheres de outras profissões? Talvez, simplesmente, porque são pensadores, *pensarilhos*, sábios, porque pensam como profissão, porque queiram conhecer ou conheçam de antemão, a realidade, a social e da natureza humana. Neste sentido, justifica-se uma antropologia filosófica, ou seja, um estudo da natureza humana relativa ao seu pensar e princípios no curso e contexto do viver em sociedade, não só nos termos da reflexão, mas também da ação na esfera do espaço doméstico e do espaço público. Eu defendo esta conjunção de ideias, de saberes e disciplinas, quer sejam elas sociológicas, antropológicas (sociais e culturais), quer seja filosóficas e teológicas, por fim. Por isso defendo uma filosofia positiva, construtiva, que possa fazer degladiar entre si os mais diversos sistemas de pensamento e, dizendo isto, sei dizer que a filosofia é, por definição e tradição, uma atividade que visa "construir" qualquer coisa, seja um edifício seja uma habitação qualquer numa falésia de mármore, uma habitação do ronronar do pensar, da casa da zona de conforto, pois dela nasceu a vida de que somos portadores e a ela há-de regressar...E digo casa porque é esse o fito da

1 Na verdade, também penso no meu pai, na minha mãe também, evidentemente, e no ato, social e individual, de lhe suceder, talvez por ausência de filhos, mas penso também noutros espaços para além dos que habito que me possam projetar a mim e aos meus para um lugar que seja parecido com a casa da família, onde não há, à partida, máscaras nenhumas...

economia, ou seja, a ideia de que ninguém gosta de estar fora da zona de conforto, mesmo sabendo que o conforto a mais pode gerar significativa discórdia. Enquanto a antropologia se ocupa da tradição e da reprodução, a psicologia ocupa-se da sexualidade, enquanto os outros psis dos mecanismos, traumas e danos do abuso nas relações, que se tornam *ralações*, que em pouco tempo se tornam "ralações", veja-se o fenómeno da violência doméstica e a proliferação explosiva das representatividades mediática e funcionais do corpo, da relação entre os corpos, enquanto, lateralmente, mais se estuda sobre o intrincado e intermanifestamente interpenetrante mundo da vida erótica das plantas, o que podia deitar por ter qualquer argumento moral e ético face à prática desordenada e disseminada do sexo animal...

Em nossa opinião, o sublime não está relacionado com a experiência do transcendente, com a biografia ancorada num contexto social e cultural restrito onde se filosofa, a verdadeira experiência do sublime é redundamente e redondamente humana, ou seja, maneja a antropologia e a filosofia, tendo de permeio a sociólogo, melhor, é uma experiência de viagem, talvez literária, de descoberta do Outro, da Índia e sua espiritualidade, por exemplo, do Tai Chi, que nos permite encaixar a dualidade relacional corpo-espírito nessa outra incompreensível espaço-mundo, a espiritualidade tanto do Tao como do índio da Amazónia, melhor ainda, a descoberta da humanidade fora de nós e que sempre esteve em nós e se preenche pela descoberta dos costumes, do sentires e das acreditações as mais diversas do planeta, isso faz filosofar sobremaneira não só sobre o Homem para do seu sentido (de essência e existência), ou seja, há um dado comum de que se parte para refletir abundantemente a propósito dos mais variados tópicos filosóficos. Mas entendo e consumo temporalmente o sublime de um concerto de Brandeburgo, sob a mais variadas formas e intérpretes, de uma variação de Bach por Glen Gould...sempre quis, mas

sempre tive de premir no autómato que sou o botão da praxis, da efetividade, do valor. Enquanto o sublime chegou, depois de ardorosa procura, pela via do franciscanismo, a pulsão para viver em sociedade levou à ciência social e à obsessão de que a experiência biográfica vital pode ser não somente tematizada como matematizada...erro meu, procuro então o sublime num cãozinho que se chega a mim, numa criança nórdica que se ri para mim no metro de Lisboa...

Noutro sentido, podemos articular diametralmente uma antropologia radical da filosofia, no sentido de que a especulação filosófica, a reflexão filosófica terá, para alguns seus praticantes, a ver essencialmente pelo que chamei noutro lugar de "pensamento dos fundilhos", relacionado com o que se chama de patologia em psiquiatria e em antropologia da raiz cultural disso mesmo nos termos de uma oposição sujo/limpo quanto aos usos e apresentações sociais (ou íntimas) do corpo. Para a maior parte daqueles que acreditam no desejo e na sua realização ("sublimemente") através do corpo, o sublime tem a ver com a prática sexual, pelo que ela poderá representar de entrega ao Outro, em certos termos ou, no limiar, de autêntica sujeição da corporalidade no universo do social e seus compósitos individuais ou grupais. Nesse aspeto, o êxtase do ato sexual pode ser considerado, em sim, enquanto unidade de comunicação, como uma certa experiência do sublime. Digamos de outro modo que a ideia de sublime sofreu interferências, o conceito sofreu invasões irreversíveis que têm essencialmente a ver com um trabalho ao nível do in-consciente coletivo. O sublime de hoje e que o império americano contaminou pelo mundo é o do caos, ainda que muitos procurem não só sentido no seu mundo e neste mundo, alheados do Outro, do Outro mundo, do Mundo do Outro. O sublime está em Platoon, *Os Bravos do Pelotão*, que

aplicou a cena de Kypling, o sublime é a filosofia cinematográfica por exemplo de um Henry-Lévi, sobre a guerra da antiga Jugoslávia, o sublime está no intento da mente do Homem que procura sentido sempre (chamam-no constantemente na rua de logo, logo todo o filósofo será logo? Não é sua tarefa, como a do antropólogo, criar sentido ligando as coisas, o caos, as coisas do caos? Não estará o sublime, a sublimidade do Mundo essencialmente no "facto", na ideia de ser caótico, ou seja, de ser "deslargado" até ao momento, ou espaço, ou ideia, em que se volta a ligar, a fazer sentido? Não estará mais do que certa a filosofia eliadiana, que refere as coisas do mundo em termos de uma eternidade que se prescreve, repete, eterniza, tal como A Eternidade do Mundo, de Boécio? Não estamos no meio de uma Idade-Média ao contrário, poderiam dizer Zizek ou Sloterdjyck, ou mesmo Baumman, que ao voz e os diálogos se cruzam, entrecortam, interpenetram, tal como os corpos videográficos, as searas onde cultiva produtos ecológicos quem quis abandonar o *city light* que oprimia as suas consciências como um martelo nietzscheano aturdido e estridente? O que mais sublime do que a angústia das mentes circunstancialmente angustiadas no Metro? Quando se sonha com uma metrópole que nos diga como é "viver" ou o que fazer nas mais diversas situações, habituamo-nos a ver qualquer coisa de maravilhoso, religioso, sublime diria até, na circularidade de um pensamento pós-moderno onde se perpetua uma rotina como um *saltarello*, uma *pasachailla*, onde até a depressão tem sempre um grão (de areia, de piri-piri) de esperança e chispe de novo para a hiper-realidade para onde o nosso espírito é enviado. Assim, os corpos (e os copos, por vezes) do Metro, são corpos translúcidos, na verdade não se enxerga nem o corpo nem a mente, enxerga-se um feixe de sentido do caótico que esconde a agressividade do Eros, e seu trabalho num contexto espacial determinado, que ora se limpa ora se mantém sujo ao sabor das mais

variadas disposições do espírito dos espíritos. Veja-se a este propósito um Marcuse ou mesmo um ensaio de Freud “Mal-Estar na Civilização”.

CONCLUSÃO

Podemos propor como teoria a ideia de que, desde que nasce, o homem tende a morrer, ou seja, há toda uma reflexão sobre a morte que a filosofia e a antropologia têm feito, com dados ou especulações, mas que convém fazer de modo mais premente e acintoso, pois parece-me que muitos sujeitos não se dão conta que, efetivamente, mais tarde ou mais cedo, vão “morrer”, ou seja, esse corpo físico que habitamos, de que são donos, ou não, vai cessar de existir, pelo menos sob aquela forma que é conhecida no presente. Ou seja, o homem sábio é aquele que reflete sobre a morte, sobre o sim fim, e assim desenha a finalidade da sua praxis e do seu pensamento.

O MEDO CERIMONIAL

O medo é inato ao Homem. Contudo, é também uma construção social, psicológica, ideológica. O medo pode ter, no entanto, uma faceta patológica, quando as estruturas democráticas falham, pelas frestas do controlo e da ação política. Com medo, o homem perde a sua identidade, política, social, territorial, identitária. Antes de mais, o medo físico, depois o psíquico. Nos países mais seguros da Europa, sente-se medo. E porquê? Sente-se medo porque o homem não está realizado, ou seja, tem medo do que tem e de perder o que tem, antes de mais os bens materiais que lhe dão ilusão de felicidade. O homem, antes de mais, tem medo da felicidade, além de uma ideia errada de felicidade. E tudo advém, não dos genes, mas da educação. O homem tem medo porque perdeu a religião, o seu mal é espiritual, ou seja, dantes Deus o protegia de tudo, hoje em dia ser crente é desafiar forças estranhas e inauditas. O homem, por fim, tem medo de morrer, porque não quer perder a felicidade que realizou e pensa que tudo acabará com a morte individual, que há-de acontecer um dia, mais cedo ou mais tarde ao virar da esquina.

Na sociedade democrática ocidental, o medo tomou a forma de partidos políticos de extrema esquerda e de extrema direita, que instilam esse sentimento de medo e perigo face ao Outro, e a uma estranha forma de mobilização que mais parece uma luta pela vida, contra a morte. Perdeu-se o sentido do equilíbrio e o próprio voto, ferramenta de legitimação democrática, é objeto desse medo cerimonial, que passou das igrejas para a praça pública. Assim, há como que uma osmose entre o individual, subjetivo, e o social, objetivo. E tudo passa a ser subjetividade, mesmo o social, o espaço público é espaço privado, tal como o corpo que é violado, esventrado, virado do avesso,

desde o interior para o exterior. Tudo isto com base na crença de que a libido é pública. Daí o medo, perdi a minha interioridade projetando-a no social e não mais a posso recuperar, por mais que tente.

Assim, adianto dois conceitos novos: o voto como tatuagem no corpo social e, além disso, no espaço público. De facto, o voto tem tanto poder de transformar a sociedade que pode ser o último recurso da sociedade democrática, isto se aceitarmos a legitimidade do governo enquanto forma de liderar a organização social. O, porque é que o cidadão tem medo? Não é apenas pelo VOX, pelo CHEGA ou por Le Pen, é porque a judicialização da sociedade tornou as pessoas judiciosas, quase kantianas... Todos julgam que têm uma palavra a dizer, mas a maioria devia estar calada, alguém disse, porque na verdade, a sociedade democrática é apenas um estádio da sociedade totalitária. Porque, para meia injustiça, injustiça e meia. Porque o povo, quando tem liberdade, abusa. Eis o estado a que chegou a América, por exemplo, um pais de extremos. Se não termos liberdade social, resta-nos a liberdade individual. E o sujeito retorna a Si Mesmo, ao seu íntimo, à religião, onde é verdadeiramente democrático.

Falava de judicialização da sociedade, porque os políticos, na sua maioria, são burocratas, ou seja, executam segundo certos princípios, as leis. Só quando se diversificar a formação dos deputados e políticos haverá, como dizer, mais justiça social, mais representatividade e poder-se-ão evitar os extremismos, os totalitarismos, que são bem mais danosos do que a democracia representativa, pois são puramente ideológicos. Assim como se extirpou a sociedade da religião, também se dele extirpar dela a ideologia. No entanto, o povo é puramente ideológico e sempre que ela é abafada, volta sempre mais uma vez. Portanto, o voto como tatuagem no corpo social, a arma de transformação da sociedade, será por eleições seja por referendo. Portanto, a política do

politicamente correto, dos amigos, quando ninguém se entende em democracia porque as vozes dissonantes não se entendem e só aumentam o medo. Em totalitarismo, há uma voz; em democracia são inúmeras a vozes. O medo, na maior parte dos casos, vem da ameaça à vida privada, da sujeição ao Big Brother, ou seja, a canibalização introspectiva do sujeito no âmbito de uma sociedade que quer saber como eu penso, o que eu penso, o que deixo ou não deixo de pensar. É pura retórica, mas também malignidade nas relações sociais. Os cientistas sociais tudo querem saber mas raramente vão aos media dar informação, ou seja por culpa dos programadores televisivos ou das pessoas, que andam atrás do prazer desmesurado e da fama. Portanto, há uma reprodução social do ofício d e político, normalmente são "apenas" advogados que nunca tiveram jeito para a matemática, quando há um ênfase na investigação, que, depois, não é tornada pública. Podem passar-se meses sem que algum cientista social vá à televisão, porque o homem comum quer é diversão e esquecer que vive neste planeta. Assim como é possível uma economia do temporal, é imprescindível uma economia do transcendental. Para uma sociedade melhor.

Porque, há em curso uma transformação radical da sociedade assente na tecnologia, enquanto alguns fogem para o campo, das radiações do Ser cultural encostado à cultura, à sua cultura. Regista-se uma sinalética da transformação social pela anomia, pequena instilação no cérebro social das pequenas perceções que perturbam o sujeito moderno. O multiculturalismo não é inato, eu defendo o meu grupo, seja branco ou preto, mas a religião ensina-me a respeitar todas as raças, o multiculturalismo provém da economia, tem-se medo daquilo que não se conhece, depois de se conhecer aceita-se e negocia-se com o Outro. Eis, pois, a religião nos limites do interesse.

Depois, queria adiantar mais algumas noções: a noção de transformação da sociedade pelo voto, dada a sua importância na gestão do espaço público e privado, veja-se o tema da violência doméstica. E retorno ao tema da dissonância das vozes em democracia, que faz por vezes perigar, pela falta de diálogo (veja-se a constante vontade de dialogar de António Guterres na ONU) e resvalar a sociedade para os totalitarismos onde o mal é banal, o controle das consciências é o instrumento de manipulação dos corpos e das mentes face a um destino distópico (veja-se Puttin e a invasão da Ucrânia).

Quanto ainda ao multiculturalismo, o que está em causa é uma economia do contexto, daí que a gestão das diferenças seja contextual, ou seja, a distribuição das vontades num determinado plano espacial. Daí se torna relativamente difícil dispor as culturas num dado espaço, pois elas estão eivadas de sua própria cultura. Mas, não há outro caminho, temos de admitir. E aí a religião ajuda, só que a religião é tradicionalmente de direita e a extrema esquerda é vista como mais tolerante num âmbito da culturalidade. Como proceder? Através do diálogo, fazer intervir os cientistas sociais na discussão pública destes assuntos na TV, por exemplo. Assim, a gestão e administração dos recurso num contexto territorial pode fazer libertar as virtudes do ser social tolerante, do político que tem umas luzes de antropologia, de filosofia, de sociologia e a religião pode ajudar na manifestação desse sentimento de plural identidade. Tudo num contexto de globalização. Portanto, voltemos à questão do medo: se o medo é a ignorância, o conhecimento pode ser uma arma, que pode matar se não estiver em boas mãos. Mantém-se uma lógica psicótica de punição que se pode ver em canais americanos e até no cinema de Hollywood, para não dizer na proliferação das parafilias associadas ao sexo. O totalitarismo, em Espanha, França, Portugal, nasce de uma certa forma de injustiça sentida pelos atores sociais e o que o regime democrático deve fazer é

fazer proliferar o diálogo, assente em princípios diversos, já estabelecidos no Direito e na Constituição desses países, mas a realidade está sempre em adaptação, tal como a letra de lei. O diálogo pode ser uma solução, uma retórica "evasiva", distratória, da paz, enquanto se aplicam as políticas e se faz um certo trabalho social de sensibilização. Por isso se diz que a democracia é o melhor dos piores regimes. Porque tens de te esforçar, mas só no seio dele se consegue alguma sanidade do espírito do social...

O SIGNO SIMBÓLICO e ECONOMIA CINÉTICA: LIBERTAÇÃO MORAL, PATHOS OU ESCRAVIDÃO METAFÍSICA?

"Quem ama cuida, não deixa morrer"

Nicholas Malebranche

1. A DOR DO ARTISTA DAS PALAVRAS: SOLIDÃO E MEMÓRIA SOCIAL À LUZ DE UMA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Ao mito da tartaruga de Zenão de Eleia contrapomos o do caranguejo da praia de São Pedro de Moel, que dá um passo através, em nome da sua ancestral legitimidade e dois à frente, pelo que progride sempre, pelo batida das ondas e pelas crítica dos Outros. Mas será que a filosofia é um caminho e um caminho só, numa estrada que não tem fim ou então seja um beco sem saída. Muitos professores, pela minha perspetiva, preferem os alunos não entendidos na sua teoria, mesmo a sua teoria pessoa, para escolherem os mais politicamente corretos face à sua bibliografia, ao seu currículo. Tudo depende da sua idiossincrasia. Então, a mais antiga universidade é a de Fez ou a Academia de Platão? Antes disso, temos os peripatéticos. E no império núbio terá havido, decerto, segundo julgo, uma universidade. E, então, o que nos dá a filosofia senão um monte de palavras, palavras e ,mais palavras, sem fundamento algum científico? É desesperante, porque a filosofia não resolve problemas, adia-os *sino tempore*. Para mais, quem não é filósofo admira-se do status existencial e circunstancial que a atividade confere, mas acha que também pode fazer filosofia de um dia para o outro, sem passar pelo crivo da

reflexão, ou seja, a filosofia na verdade é para todos mas muitos tanto a admiram quanto estão sempre prestes a ridicularizá-la, por razões diversas que têm fundamentalmente a ver com o facto de que não a consideram enquanto ciência, ou seja, a ideia de que a filosofia carece de factos. Na maior parte dos casos, é simples ignorância da história da filosofia ou a ideia de que ela foi "ultrapassada" pelas ciências sociais e humanas, pela literatura, no relato da experiência do humano ou da condição humana... De resto, quais as doenças próprias do filósofo, que se entrega voluntariosamente à floresta da especulação e reflexão? As doenças pulmonares? A solidão, a depressão, por ter descoberto o segredo da vida? E qual será esse segredo? Podes ter várias designações, desde já um que é religiosa, ou seja, o Santo Graal, mas há outros, desta vez não religiosos, como o segredo da e-terna juventude, o elixir que faz retroceder o tempo e a sua ação no sujeito. Uns, como outros, permitem intensifica (até ao desgaste do rebentamento interior) a experiência humana, permitem elidir da experiência humana essa mesma experiência que nos ensina que a felicidade está nas coisas simples, a ilusão de que da experiência humana é possível e passível erradicar a doença, a depressão, a esquizofrenia e a psicoti-cidade, não julgando que uma coisa leva à outra, que uma mão lava a outra, desde que haja um pouco de lavagem das mãos, ou seja, meditação e Pilates...

2. PESSIMISMO VERSUS SIMULACROS: A VANTAGEM DE CÁ

Roger Scruton falava, em "As Vantagens do Pessimismo", da ideia de que a melancolia e a negatividade nos podem conferir uma visão realista das coisas, pessoas, ideias e relações e, na conceção básica de que para haver otimismo é necessário o pessimismo. Na verdade, seguindo outro autor, Jan Baudrillard, a vida, pelo menos nesse lado atlântico do globo, obedece cada vez mais a simulacros, ou seja, a própria teoria da vida é uma ilusão, uma narrativa, uma encenação em teatro nas vielas de uma cidade europeia ou mesmo na "abrasada" e derrotada Nova Orleães. Na minha experiência enquanto antropólogo aprendiz de filosofia tenho notado que toda ação humana remete para a capacidade que temos ou não para aprender com os nossos erros no palco da nossa biografia, a tal "one shot opportunity" de que fala o cantos de rap Eminem, ou seja, a vida é uma corrida, uma tirada, uma bandeirada de táxi mais ou menos longa, mais ou menos consciente ou instrutiva. Nada mais, apenas um mais ou menos *dazzling glimpse* na poeira cósmica, no universo interestelar, por isso as variedades da experiência de que fala William James são oportunidade flagrante de nos acocorarmos sobre a nossa vida, como e o vento viesse detrás e nos tivéssemos de reconciliar connosco mesmos protegendo uma criança no colo numa tempestade de areia...

Na verdade, quando vês este mundo e o efeito que faz no teu mundo bem intencionado, intencionalmente percebes o efeito danoso de uma certa filosofia para ti e para os outros e interrogas-te, à maneira de Montaigne, de que vale a pena ser Bom se a sociedade não te concerta a ti e aos teus pensamentos? Optas então por ser paciente e perder de vista o longo prazo da filosofia e não te entregas tanto, como o fez Cristo; nem és tão filósofo assim nem tanto cientista social assado... É este o conselho (concerto) que eu tenho

para os jovens que queira ser alguma coisa, um *glimpse*, do que eu fui e vou sendo.

3. QUANDO O BANAL É VITAL: PÓLIPOS DO SER E A PERDA DA DIMENSÃO ESTÉTICA NUMA ESFERA COSMOPOLITA OCULTA

Enquanto não percebemos os mecanismo da mente e da realidade, enquanto não somos antropólogos, somos filósofos ou sociólogos, ou seja, o tipo urbano-depressivo predomina em nós. E perde-se uma dimensão estética na técnica, no desenvolvimento humano, no eros do banal...ideias que se notam antes num Benjamin do que num Baudrillard, ou seja, tanto a vitória como a derrota futebolística ou estatutária, mesmo a do casino, revertem para um certa arte do fazer que, enquanto muitos guardam para usar, outros desperdiçam porque o seu papel social está esgotado, talvez por abuso de um papel ficcional. Assim, podemos ver este surto de gripe COVID-19 como um fenómeno social total de carácter não agonístico, ou seja, é não-convencional, quase ocidental e não visa a celebração de nada a não ser dos médicos e serviços públicos que ora curam as pessoas ora se mobilizam para garantir serviços mínimos (transporte, saúde, alimentação) nas comunicações, nos hospitais, nos supermercados...Esta perspetiva é mais do que baudrillardina ou camusiana, é mais digna de um sociólogo como Maffesoli, só para citarmos um nome.

Mas...será que o antropólogo é um novo Cristo? Será que ele está disposto a dar a vida pelos seus, pela comunidade que estuda? Enfim, qual a validade social de um antropólogo, de um filósofo, de um sociólogo. São questões importantes, estas. E, não será que o filósofo precisa de descer do seu pedestal conceptual, de enfrentar o sinédrio, de falar aos doutores como Cristo, um verdadeiro antropólogo, talvez o primeiro de todos, não contando com os gregos e alguns romanos? Não será socialmente útil, intervencionista, pôr estas ciências e a filosofia ao serviço do povo (Zambrano), sendo que tal não é uma ciência de esquerda nem de direita? Talvez, quanto um e quanto outro, estão demasiados interessar em agradar a todos, a gregos e troianos, a espanhóis e portugueses. Esta é a questão do ponto de vista moral, os aquarianos são assim, os Vítores são assim, tal como São Victor de Braga. É a tentação do todo, do fenómeno social total estudado por gerações e gerações de antropólogos. Ora, chegou a vez de tanto uns quanto outros tomarem partido, porque enquanto, pelo menos no contexto académico português, os filósofos são quase todos de direita (não só porque os monges, frades e padres sempre fizeram ora Teologia ora Filosofia) enquanto os antropólogos são quase todos de esquerda, e nem todos querem ou afirmam querer estar entre os mais desfavorecidos. Enfim, questões de carreira académica, quando a universidade da vida tem, para muitos, mais legitimidade do que a outra, no âmbito contextual de um registo mais ou menos jornalístico.

4. CINEMA ESPIRITUOSO: UM CAMINHO A PARTIR DO TÉDIO PELO REINO DO BANAL

Num certo sentido, estamos na presença de uma epidemia bastante pedagógica, que nos ensina a como lidar com o mundo que aumenta de complexidade, coisa que talvez aumente com o tempo. Ou será o contrário, quando as viagens no tempo são possíveis e passíveis de serem feitas, não só através do cinema mas da espiritualidade, por exemplo? Portanto, como manter a sanidade mental e sentimental numa epidemia como esta, numa situação de emergência social, de estado de emergência? Usar o chico-espertismo a toda a hora? Isso desgasta. Como ir trabalhar, já que precisamos de o fazer para, legalmente, comprar comida? Porque são poucos os filósofos portugueses como Zizek, Baumann ou mesmo Sloterjick, bem...talvez um Nuno Nabais, um José Gil, um Carrilho...um Quintais, que na verdade faz apenas antropologia, só que não é de campo, é de hospital. O homem errante, que conheceu como que por vislumbre o Deus na adolescência, levou-o consigo até às portas do marxismo, descobre, então novamente esse mesmo Deus, precisamente esse mesmo Deus na forma de Cristo já quase velho, porque precisa, a biografia é relativa mas esse sujeito não deixa de olhar para ela e para esse Deus que se descobre pela manhã em cada dia subsequente à sua dúvida e angústia existencial que carregou durante anos como um saco de pedras marinhas, como quem carrega o Diabo às costas...

5. O FRANCISCANISMO ENQUANTO FILOSOFIA ECOLOGISTA:. RAZÃO E CORAÇÃO EM DUAS DIMENSÕES EXISTENCIAIS

O verdadeiro grande herói é, a meu ver, não aquele que faz filmes, que é ator, mas aquele que sabe ser ator social, ou seja, esotericamente planteando na esfera da vida social em comum um esforço que respeita o Outro (Goffman, Habermas, Ricoeur). Então, onde fica a arte? A arte é diáfana, não fica em lugar algum senão fora do caixão do artista morto. Neste sentido, creio que o franciscanismo é a primeira filosofia ecológica de que há memória. Nas anteriores civilizações a nós não há memória de tal coisa, a não ser em alguns autores árabes. A conceção de harmonia com os animais e a natureza está na origem dos mais recentes partidos políticos de extrema esquerda e direita que promovem esses ideais, como o nosso PAN, só para dr um exemplo. E, enfim, o su-jeito (ao *seu-jeito*) passa a ouvir vozes dissonantes quando se detém entre àrvores frondosas e aquilíneas (Heidegger, "Caminhos da Floresta"; Escrivá de Balaguer, "Caminho") e abundam as referências a obras com o caminho por modelo, o mar por modelo, quando no fundo, **sub-jacente-mente** (sub-jatante), o que está em causa, ***pat-ente***, é o sentido nos termos de direção, nem que partamos apenas das "Regras para a Direção do Espírito". Por outras palavras, o que está subjacente é o que está debaixo daquele que jaz, ou mesmo ele mesmo, o que jaz, está subjacente à superfície, **sub-jaz**...

6. FORA DE ÂMBITO DE PERTINÊNCIA E PERTINÁCIA: O sujeito de *O Timeu* e *O Homem Revoltado*

Temos, então, a noção de Mundo e a noção de Homem. O Homem de hoje está revoltado, bem procura explicações para a sua revolta. Mas, a revolta tem de ser explicada? Ela não é manifestação animal, natural e pura da ***natura naturans***? Só mesmo a filosofia ocidental para a explicar racionalmente, porque Osho propõe outra solução, longe das teorias de Watslavick, ou ser: ser testemunha, não intervir, o que vem de encontro à teoria da relação entre teoria e práxis. De resto, poderíamos pensar na sequência de Cícero e Epicuro: "porque é que as pessoas se agarram à vida?". Sim, porque se agarram, este mundo tem assim tão interesse? Além do mais, somos mortais, todos sabemos que um dia vamos morrer, que se vai operar um deslocamento do nosso espírito face ao corpo. Porventura, encontraremos outro corpo, móbil e veículo orgânico a que o espírito se acomode. Então, chegamos ao ponto principal da nossa argumentação: terá sido o vírus COVID-19 criado em laboratório? E com que fins? Para fazer enriquecer certas pessoas à custa da morte de outras? Não é a minha especialidade a teoria das conspiração, mas nem toda a gente consegue pensar e desenvolver esta hipótese.

SÍNDROME NIHILISTA: É O SENTIDO DA PERFEIÇÃO QUE FAZ O ARTISTA SOFRER?

1. O TEMPOR VERGADO

Se eu, no meu atelier, tiver dois dispositivos radiofónicos, um a cada canto, o som não é simultâneo, há sempre um deles que se atrasa. São dois dispositivos. Se fosse um dispositivo com duas colunas, em vez de dois dispositivos, os som seria simultâneo de um canto para o outro. Isto demonstra a complexidade da nossa vida atual. A complexidade como que atrasa a nossa perceção do tempo, por isso andamos emaranhados em dispositivos, para
não dizer na internet, onde tudo parece mais perfeito, entre o analógico e o digital. Isto afeta a nossa noção do tempo, pois estava como que debruçados e ao mesmo tempo vergados pelo tempo e escravos dele, da noção que temos ou não temos dele, confundindo-o até com a divindade ou as nossas divindades "locais". Será que, noutro sentido, o nihilismo do artista o faz proporcionar ser artista, ou seja, criador? Será que o Deus que conhecemos não é senão um artista, seja escritor seja pintor, escultor ou músico, no sentido em que cria constantemente e assim se eleva à imortalidade? Compreendamos esse mecanismo. Assim como Deus criou do barro, podemos dizer, a partir da Bíblia, que Deus seria um artista ceramista. Mas também calceteiro, pois nesta atividade há toda uma arte e não será que o homem cumpridor socialmente seja também artista, ou seja, a arte de viver e conviver bem, diante dos ditâmes de uma sociedade que é preciso defender (Foucault, *É preciso defender a Sociedade*)?

Assim, há no artista, nomeadamente no pintor, uma vontade de catarse, de conserto e concerto do Mundo (*Timeu,* o homem que é jogado fora e a partir do mundo), do seu e do dos outros, ou seja, a criação de um mundo consertado e concertado, como se as pequenas perceções permitisse e impedissem tal. Por vezes, diz-me, mesmo no desporto, que os pormenores são tudo, assim a mania da perfeição de certas patologias cria a necessidade de as legitimar, não as elidindo, fazendo com que elas façam parte do quadro pictórico e do quadro da vida social. Uma visão *etic* e *emic* mais ou menos mecanicista da sociedade enquanto organismo vivo, que se conceitua na combinação entre imperfeição e perfectibilidade.

Ora, se a perfeição faz o artista sofrer, podemos pensar que o sofrimento é inerente à criação artística, logo à criação do mundo, permita-se-nos a analogia um pouco excessiva, alargada, então, se fizermos equivaler o Criador ao artista, sofrer faz parte do processo criativo e se a Criação (do humano) é um processo criativo, como ter filhos se pode conceber enquanto tal, logo o sofrimento, como a catarse, faz não só parte do processo criativo e do mundo enquanto tal, logo é preciso sofrer para sentir a felicidade do Estar e, mais a catarse, como se fosse um alívio de um ***pathos*** indescritível, mental e físico, psíquico…Podemos, então, plantear diversas figuras, digamos, logísticas: o ator, o ator social, o autor, o autor social, o artista. Suponhamos que aquilo que realiza, entre o Ser e o Parecer, o sujeito, é ter um papel social. Mas eu pode ser autor….escolher ser ator, daí o seu papel será fictício, quando pode ter ou ser diversos papéis sociais. Assim se estende a sociologia do sujeito; nos vários papéis de que dispõe e que assume, quer querendo quer não, em termos de identidade.

3. PATHOS e PAPÉIS SOCIAIS: O PRINCÍPIO DA EQUIVALÊNCIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO SUJEITO

Assim, o que mais nos custa é tanto a extrema solidão quanto a extrema fama e sucesso (social, contextual), de modo que, até segundo as personalidades, pois nem todos são moderados (Cícero), temos de regular constantemente o nosso discurso e nosso comportamento, práxis, de modo a, numa perspetiva ética, dar conta da forma como evoluímos no tecido ("entre-tecido") da realidade social Portanto, se causa dor a solidão (física), a fama e o sucesso sociais também causa delírios destravados, ou seja, em ambas as situações há dor e sofrimento, mas também o há quando cumprimos determinado papel enquanto atores sociais, durante muito tempo, daí o *pathos*, a *phronesis* e a sublimação, ou seja, a medida de exceder e até revelar como incessante um determinado papel social, nomeadamente em termos de ***festa*** (Jean Duvignaud).Vejamos, por exemplo, uma criança, que é já bastante atreita a comunicar com o mundo visível. O melhor que podemos fazer a uma criança para mesmo evitar depressões ou doenças psíquicas é dar-lhe uma pequena responsabilidade, para que se sinta útil. Falo disto enquanto antropólogo, pois o senti durante bastante tempo e embora a responsabilidade seja um "enchimento" do Ego e do Tempo do Ego (Será que o Tempo pertence a alguém, ou eu pertenço a mim mesmo e ao meu tempo, adestramento dele também?) em termos de stresse mental, mas tudo isso se pode gerir, como por exemplo, numa equipa de futebol, em que a tensão do treinador passa a certos jogadores para o campo mais em termos de "distribuidores de jogos", como se diz em vernáculo futebolístico, expressão que vem diretamente do andebol. Depois, que relação haverá entre o problema dos refugiados na Europa e este vírus? Falo de Itália, da Grécia, da Espanha obviamente, mas também de

Portugal.

4. O USO E O USUFRUTO, O CONCEITO DE BESUGO: UMA TEÓRICA RELAÇÃO ENTRE MIGRAÇÕES,ETNICIDADE E ESPAÇO

Grande parte, porém, dos sujeitos que se julgam criadores, julgam ser grandes artistas e esquecem-se do mundo e, na sua ambição pela fama, produzem obras de arte que duram pouco tempo, ou são tão boas que chegam a um pico, como a doença e depois esquecem-se de viver (Ricoeur, *Vivant jusqu'a la Mort*). Portanto, o besugo, personagem filosófica, não é humano, é como uma bolota de qualquer coisa que se transmite e entra no nosso corpo e se instala, tal como um vírus, ou uma coisa boa. Partimos do princípio de que o vírus provém do Mal, porque causa morte. Mas qual será, exatamente, a ideia do vírus? Não é um ser humano, não pensa. Mas qual será a sua lógica última? Bem, para já alterou as relações humanas radicalmente. Mas será que estas voltarão a ser as mesmas? Dizem que este vírus não é novo, que é uma mutação, talvez certas medidas de políticas de legitimação da esquerda e da direita tenham feito com que o nosso território se torne num espaço de fácil conquista para ele. A solução, pelo menos para os pontos de vista psicológico e emocional, seria prepara as pessoas para viver em sociedade, porque muitas não sabem, efetivamente, conviver com os outros, diria a maior parte dos jovens e dos mais velhos sem instrução, talvez fosse melhor do que isolar o vírus e acantonar as pessoas em casa, bem algumas até aproveitam para tirar umas férias e estar com os filhos, fazerem com eles o que não fazem o resto do tempo, devido às suas ambições de carreira... Mas façamos conta de que o vírus é o besugo, ideia que provem da ideia de uso, usufruto.

O sociólogo António Barreto ,ideólogo de uma certa forma de se ser português, diz que "deveríamos já estar preparados para esta epidemia". Talvez queira dizer que deveríamos de deixar de ser tão calorosos como identitária e historicamente somos. Não o vamos deixar de ser tão cedo e não será apenas por causa do tempo. O besugo vai andar ainda por aí durante muito tempo, no uso que fazemos das coisas, dos sentimentos e das ideias. O que é certo é que o vírus alterou as nossas relações humanas e sociais. Não sabemos ainda em que medida, mas em breve saberemos. O homem não se define pela sua essência, porque a sua essência é definida pela relação com os outros. O homem define-se, essencialmente, pela forma como lida com o Outro, este o grande ensinamento mundialmente amplo de toda e qualquer antropologia.

5. GRÃOS DE AREIA DE POUCO DESERTO: O SUJEITO ENQUANTO FENÓMENO SOCIAL TOTAL

Será, em certos termos, possível ser autor, ator (*strictu senso*) e ator social, não em termos do sujeito, mas do que os antropólogos dizem ser um "fenómeno social total", tal como acontece com a dádiva entre os kwakiutl, descrita por Marcel Mauss, o lídimo sobrinho de Émile Durkheim? Ou seja, o sujeito funde-se em qualquer coisa que é mais do que social, é excrescência dele mesmo e do seu grupo, numa palavra, o transcendente, eis o que Nietzsche quereria dizer com Zaratustra e o mito do super-homem, de que o jogador de futebol total que é Cristiano Ronaldo atesta.

Pelo que eu vejo, esta doença, este vírus cosmopolita, apenas nos pede que sejamos mais racionais nas relações, o que creio não ser, de todo, um princípio negativo. Digamos que enquanto o filósofo concentra tudo na sua cabeça, na sua imagem de sujeito, sem nomear, sem dar categoria de espaço ou de tempo

a qualquer coisa por uma questão de liberdade, já não digo de democracia, mas o antropólogo precisa disso porque a sua ciência é precisa e precisa dos factos para os relacionar em prol de uma propedêutica e apocalíptica da sociedade, confundido então nas babélicas significações e significados de signos e símbolos, como Victor Turner em África ("The Forrest of Symbols"). Assim,a nosso ver, o sujeito passa a ser fenómeno social total quando a sua perceção está aguda, mas também quando está a dormir, fisicamente, ou ***surprendidos*** (a expressão é de Paulo Valverde) no sono dogmático, vejam-se obras como as de Gèzá Róheim ou Carl Jung, para não falar de Piaget e Bachelard.

6. A DISTÂNCIA, DO (MEIO) MEDO AO CONHECIMENTO QUE NÃO PRECISA DE SER CIÊNCIA: LOCALIDADE, CONTEXTO E HERMETISMO UNIVERSAL EM CERTAS FORMAS DO SER

Portanto, ainda seguindo um pouco o pensamento de Paulo Valverde, um dos melhores cultores de Wittgenstein entre nós, conceitos como territorialização, mito da vagina dentada, colonialismo, são devidos aos seus anos de apurado estudo, cortados com uma doença no mato, como se resto aconteceu com outros, como acontece connosco com a gripe. Portanto, o sujeito conquista terreno, quer em termos teóricos quanto físicos, espaciais, especiais, em termos literários, com um texto e em termos fáticos, pois meio da guerra, uma progressão física na esfera da dominância do outro. Todo o colonialismo é isso, roubo (José Carlos Gomes da Silva, *L'Identité Volée*), ocupação de um espaço que é do uso do outro, e quanto mais tempo passa maior é o uso e o usufruto, sendo por isso há diferentes formas de agir, de pensar e de sentir conforme

sejamos portugueses, franceses ou italianos. Mas nem tudo é ditado pela geografia. Há maneiras de ser locais, outras cosmopolitas. E, num certo sentido, é tido como útil o conhecimento do antropólogo, primeiro, do filósofo, depois, em termos mais amplos, envolvendo questões mais universais. Sim, é fundamentalmente a universalidade que une antropologia social à filosofia, pelo que o discurso sobre o homem nos termos de uma antropologia filosófica pode continuar...

7.A INSTRUÇÃO COLÉRICA E A GUERRA MEDIÁTICA: USOS DA PALAVRA E DO ÓDIO EM CONTEXTOS

Poderíamos falar em termos literários, da biografia de um jovem candidato a cientista social que acabou com a filosofia, não sem antes ter acabado com o convento e a antropologia social. E que, afinal apenas é um escritor que ama a vida, nesse sentido é filosófico. Era poderia ser a história do sujeito. Mas é mais, um mergulho metafísico no universos dos filósofos clássicos e os mais disruptivos e atuais, os americanos,. Porque o mundo há tempo bastante deixou de ser monolítico, por isso prezamos o jovens, pois a juventude é a melhor época da bio-grafia para estudar filosofia, é nesse lócus ontológico que s e forjem os grandes teóricos da vida, essa coisa que insiste ao nosso recuo ante a verdade do Eu.

Consentaneidade de conteúdos, de signos de mensagem, o rebentamento e consentimento da televisão, a proliferação dos sentidos na internet, de cujo poder alguns se querem aproveitar enquanto outro querem apenas o canhão da Nazaré. Esta doença da sociedade no voyeurismo criminal, do outro morto ou padecente está muito enraizada numa forma de Ser das sociedades primitivas, um espanto, um pasmo ante a tragédia do outro, em vez de uma

capacitação para ao ajudar ou ajudar-se a si mesmo. Por exemplo, nestes nosso dias de chão e práticos, não há outras doenças a matar? Não há acidentes da estrado. Falta critério nos programadores televisivos e falta, a bem dizer, em consciência, perspetiva pedagógica, quando muitos professores gostariam de dar aulas...

Bibliografia Básica

SERRES, Michel. „Variations sur le Corps“

VALE DE ALMEIDA, Miguel (org.), „Corpo Presente:

Treze Reflexões Antropológicas sobre o Corpo“

JOÃO PAULO II, „Teologia do Corpo“

BATAILLE, GEORGES, „O Erotismo“

ALBERONI, Francesco„O Erotismo“

SIMMEL, GEORG, „Philosophie de l’Amour“

GIRARD, René, „La Violence et le Sacré“

DE HEUSH, Luc, „Le Bouc Émissaire“

LEIRIS, Michel, „L’Afrique Fantôme“

BAYARD, Jean-François, „Létat en Afrique-La Politique du Ventre“

LIENHARDT, Godfrey, „Divinity and Experience-The Religion of the Dinka”“

LE NOIR, Jacques, „Cristo Filósofo“

LÉVINAS, Emmanuel, „Totalidade e Infinito“

MAUSS, Marcel, „Ensaio sobre a Dádiva“

Flores de Mar: desracionalizando, pistas e hipóteses

Ensaios de Filosofia da Antropologia

Instinto, Paixão e Competição

De como o homem torna a ser o que é

Argumento

A competição sempre fez parte da história do homem, nos mais diversos contextos da sua aplicação. Devemos tentar saber como o homem era violento em tempos primitivos e o torna a ser nos tempos modernos, ora por estar desfasado de uma domesticação do lugar que lhe traz conforto mental, ora por lutar por recursos e prestígio social. É isso que tentaremos abordar neste ensaio. No fundo, resta saber e equacionar quem e como exerce o poder, se as instituições, se este ainda pertence ao cidadão nos termos de um regime democrático, seja socialista, seja liberal.

Exploração

1.

O que faz um cientista social numa escola primária? Para ser antropólogo, prosseguiu e cumpri diversos ritos de passagem, quer académicos que para entrar na vida adulta em sociedade, aquela em que vive, aquela que analisa. Em Portugal, em 2022 há apenas duas escolas em que se ensina antropologia no ensino secundário, isto quer dizer que há apenas duas quatro dezenas de alunos que estão suficientemente maduros para compreenderem o funcionamento da sociedade, do cosmos. Em todo o lado, a diferença está presente, a competição, é rara a fraternidade e mesmo esta tem um preço. Porque os meninos da cidade, pretos ou brancos, são uns tristes, diz o povo, porque não conhecem a simplicidade do contato com a natureza. Ação-reação. Ou revolução? Porque a competição enerva, causa nervos, stress, mas também a fraternidade, que dá mais trabalho construir. E tem o antropólogo de compreender o todo, dando até oportunidade a outros para serem felizes. Por isso ele é uma aproximação de/a Deus, ao Deus, todo ciente e zeloso da sua tarefa magnânima.

2.

Dizemos tudo isto sem grande pressão, sem grande stress, espontaneamente. Por isso é brilhante o que escrevemos nestes tempos, ainda confiando no efeito regenerador da literatura na sociedade atual. Sim, porque os mais novos são arrivistas, têm a pretensão de compreender alguma coisa, quando há outro que pacientemente vão

aprendendo, porque sabem que as coisas sociais estão ligadas e que o tempo trará o reconhecimento. São aqueles que, discretamente, cumprem e realizam o seu papel na sociedade.

3.

Então, porquê a competição? Eticamente, filosoficamente, teremos de pisar o Outro para o poder ultrapassar, para poder ir adiante no nosso ansioso caminho? A competição existe nos animais, e sempre existirá entre os homens, quanto mais não seja pelo jogo da sedução, o mito do herói civilizador, a conquista das mulheres. Imaginamos Nova Iorque. É bom viver lá, mas as patologias abundam, digamos que é uma sociedade de luta, competição, seleção, sob a lei de Darwin. Há povos a nações apolíneas, outras dionisíacas, não temos de estar sempre bem dispostos, há pessoas boas no campo e na cidade, afinal de contas o que é a normalidade? Essa é a luta de todo o homem, converter a sua loucura interior numa "apresentável" normalidade. O actor faz isso, mas nem todo o actor. O actor social também o faz...

4.

Na verdade, o que há entre o Eu e o Mundo? Uma verdade, uma justiça, um esquecimento. A sociedade, por vezes, exige demais de ti, mais do que podes dar, em nome dos outros, do Outro? Mas, o que é a sociedade? Não somos todos nós em nossa humana desumanidade? Então, onde está a ordem, a justiça, a lei? Qual o critério, único, para tudo correr bem? Cada pessoa tem o seu critério num regime de livre-arbítrio? E o crime, a violação, o abuso? Como, de resto, ser-se criativo e manter, ao mesmo tempo, a saúde e a integridade, a física e a psíquica? Alguns dão respostas, no âmbito de um regime científico, para produzir homens-máquina, outros preferem olhar para o lado, outros para baixo, outros para cima e outro ainda se metem enroscados consigo mesmo no âmbito das suas coisas.

5.

Sim, não é somente na cidade, no campo também há competição, seleção natural, ou ***seleção cultural***. E a relação entre normal e patológico? Não pode haver outra saída, outra saúde, ou seja, ser um louco normal, um louco feliz? E se o homem da cidade entende um gesto de bondade como uma doença, uma provocação, uma ofensa? É porque qualquer coisa há de anormal, muito para além da moral e dos bons costumes. Eu diria que tudo tem que ver com a relação entre profano e sagrado, sendo que este vai estando arredado das sociedades actuais e do seu núcleo de vontades...O sagrado pode ser sinal de loucura e vice-versa, enquanto o profano é sinal de imanência e fecundidade...

6.

É possível, é bom que aconteça o sonho, mas muitas vezes ele é uma desilusão vinda das nuvens. E o homem fecha-se, administrando uma réstia de felicidade que lhe resta. Muitos de nós sonhamos bastante, acho que todo o homem e mulher tem esse íntimo bom de que a coisa corra melhor para o Outro, porque quanto mais não seja porque todos já fomos crianças.

7.

De resto, onde radica o egoísmo senão no darwinismo social? Todos querem ser heróis, alguns pelo desporto, outros pela ciência, outros ainda pela disseminação do sagrado.

8.

A verdade sobre os homens e as coisa nunca é cómoda, a verdade é, na maior parte das vezes, bastante cruel, horrífica, desagradável. Terá o homem ainda ânimo para fazer e pensar o mesmo que o herói de Rousseau?

9. Por vezes andamos para trás e a carroça pára, o jumento ou cavalo já não pode mais, de outra maneira é o dono que está com dores ou, pior ainda, as rodas estão demasiado gastas ou a carga é demasiada para a mesma carroça…

Para quem sofre de OCD, o sofrimento é grande, mas se é e desenvolve o seu lado criativo, pode ser reconhecido pela sua arte, pela sua literatura, escultura, filosofia, arquitectura, olaria, decoração, moda, surf, etc. Mas, enfim, todo o criador sofre, e são dores de parto, o filósofo também sofre, quer a todo o momento amar e por vezes só consegue adiar porque algures, na sua vida, foi uma criança assustada, com medo dos outros, cheia de pudor e manias e sempre quis ser reconhecido. No fundo, o *bullying* é isso mesmo.

10.

Por outro lado, as leis da imitação sempre funcionaram e sempre, creio, funcionarão, porque nem todo o sujeito, actor, actor social, é integralmente original (deixemos isso à criação de Deus), o seja, os bons e maus exemplos propagam-se igualmente por forças incríveis que atravessam a menta das pessoas segundo os mais diversos contextos culturais. Por isso falei em *seleção cultural*, ou seja, é a cultura que comanda tudo, a biologia, a antropologia das coisas. Por isso é tão pobre, porque é universal, como a mensagem de Assis… O que mais acho estranho são os resquícios de mitologia nos países subdesenvolvido, sendo tão ricos, relativamente a grande parte deles. A fome e a subnutrição continuam a fazer mortes, entre crianças e mulheres. A violência doméstica continua a matar, bem como os acidentes rodoviários. Uma explicação? A

desrazão, o abuso da normalidade, quando não se consegue encontrar um refúgio de calma, serenidade, paz, tranquilidade…

11.

A vida, pessoal e coletiva, é feita disso mesmo, tentativa, erro, erro mais erro, mais tentativa, é assim que o mundo "pula e avança", como diz a canção. Pouco nos é garantido e a aprendizagem está sempre ao dispor, umas vezes temos isenção de propinas, outras vezes temos de sustentar os padres, mas são eles os que nos dão maior conforto, são especialistas nisso, em ajudar as pessoas a sentirem-se bem consigo mesmas, sem grandes alaridos ou pruridos.

12.

Quando fiz a minha tese de doutoramento, percebi isso mesmo e não muito tarde, espero. O homem (como a mulher), pensa com o corpo, porque é a imanência que está mais próxima, impregnada no seu espírito. Mas o espírito não se vê, mas precisa de um corpo para falar, logo a transcendência tem uma imanência a ela adstrita, uma raiz de pensamento, por isso dizer, como dizia um jovem historiador conterrâneo. A mulher, quando está grávida, também pensa com o corpo e, digamos, pensa duplamente, em função de si e do ser que tem dentro de si (da sua alma? Do seu corpo?). Por isso mesmo, vejo mais vantagem em pensar no Outro e ser feliz por ele, do que egoisticamente lugar apenas por nós mesmos, porque o Bem tem retorno e o Mal seca mais adiante depois de se fazer (sentir).

13.

Digamos que estamos numa era de ***estilhaçamento dos critérios***, ou seja, hoje em dia todos são profissionais a agarram-se a essa certeza como se fossem desesperadamente morrer, a doutrina da Igreja continua retrógrada porque a Igreja, digamos assim, não é deste mundo, puxa tanto para cima que estica as barbas do homem até doer bastante, sem sentido, com mais ou manos fanatismo e sem colher grande coisa do pensamento intelectual de esquerda. É a (continuação da) globalização, o que podemos fazer? Travá-la? Não! A vida não se pode travar, porque jorra sempre, mais tarde ou mais cedo, até nos terrenos mais inóspitos.

14.

Há muito tempo que o Ocidente vive sob o signo do que poderia designar de *pulsão pragmática da prova*, ou seja, ter de demonstrar cientificamente e até filosoficamente, tudo e mais alguma coisa. O Ocidente é uma fábrica de heróis, para além do Sandokan. Isso gera stress, o poder e o dinheiro geram stress, ora porque nos preocupamos logo

em gastá-lo, ora porque temos dificuldade em gerir. A questão judaica poder-se-á resumir a isto, ao dinheiro. Mas não é tudo, o corpo é o transmissor de uma alma doente, as escolas de todo o mundo estão doentes, dizia um filósofo do jornal Público de há dias. Como provei anteriormente, em Portugal não há "medo de existir", como sugeriu José Gil há anos, talvez influenciado pelas altas esferas de filósofos altamente abstratos de Paris. E as escolas não estão doentes, tende-se, tende o homem ocidental, em ver tudo como doença, o desvio, etc, quando a doença é apenas a consequência de um ator de coragem e de heroicidade mal gerido socialmente por parte do sujeito e até da sociedade, do grupo, digamos assim. E, afinal, o que é ter sucesso? É ser uma estrela, ir atrás dos outros, ser mais rico, chegar primeiro? Os primeiros serão os últimos, diz a Igreja.

15.

Quando fazemos as coisas sob pressão, estamos a ir contra a nossa vontade e natureza. Mas, na verdade, para vivermos em sociedade estamos num regime de compromisso, de entendimento das coisas sociais e, logo, não podemos ser totalmente livres. Mas, lá está, isso é também uma forma de liberdade, ou seja, cumprir as regras. Uma forma de realização do Ser. Por vezes, o Ter atropela o Ser e este vai-se esquecendo do Pertencer, do Viver e da poesia que há olhar pela janela de casa para a rua onde passa gente e carros…

16.

Há depois outra ideia que eu denomino de *pruridos da situação mental*, representações amontoadas no nosso cérebro ou que ele vai produzindo, tal qual *tweets* sucessivos que se desdobram e replicam antes e depois de um certo estado de pensamento, como se o cérebro se extasiasse com a falta de movimento, interior e exterior, da realidade. Depois, o problema duro da realidade… Porque a realidade mental, por mais perfeita que seja, não iguala a realidade além do olhar, dos sentidos, quando a nossa civilização está influenciada pelo olhar desde cedo. Sim, somos uma ***civilização do olhar***.

17.

A grande inovação da minha tese foi dar à filosofia o que era da antropologia social, ou seja, o método, a metodologia. Mas também enriquecer a própria antropologia, no âmbito de uma filosofia das relações sociais e humanas. Mas há mais pontos, que irei desenvolver um pouco um destes dias quando se aprouver a ocasião.

18.

Terá, então, a competição, que ver com os ambientes urbanos? Hollywood demonstra isso à saciedade, é na competição que o homem se realiza, antes de mais porque ela é relação, relatividade, seja na conquista das mulheres seja dos bens, status, prestígio. A etologia ensina-nos como isso também se aplica ao contexto humano-social, ou seja, aos animais apenas lhes falta a linguagem, mas, como nós, em agem com o corpo, diria mais, pensam com o corpo. Por isso se diz que a pornografia é animal (e não vegetal), é profana, obscena, porque a seguir à libertação que ela provoca, instala-se um grande vazio. Mas…as relação, no aspecto não-romântico não são, elas, também isso mesmo? O que é romântico é, digamos, o projecto de vida, de uma vida a dois, em que o sexo deixa de ser o foco da atenção, mais ou menos neurótica ou obsessiva, para ser compromisso, dependência no bom sentido da palavra.

19.

A pornografia pode formar, informar, mas alguns insistem que é apenas um pretexto para abusar de mulheres e homens, para entrar num papel de predador, sob a justificação de que ela é arte. A meu ver, não é, é apenas técnica, técnica que muitos dispensam porque preferem a metafísica e ocupar o tempo com muito mais coisa úteis, agradáveis, ante a espera, refrear o desejo para ele ser, digamos, mais potente adiante, de certo modo para aplicar no cenário da vida social.

20.

Assim, a solidariedade na cidade, tem que ver com papéis, num regime de *roleplay*, de fenomenologia e evento, ou seja, o acontecimento e a antropologia da crença é aí mais rápido e imediato, onde os valores têm o mesmo valor do que, digamos no campo, mas se aplicam física e fiscalmente de modo diverso, planteando um cenário de permissividade e de cumprimento da lei sobreposto a uma certa ilegalidade dos sentimentos. Mesmo assim, a desonestidade morre na esquina, não é tão descarada, porque há câmaras e polícia…política!

21.

A evidência é perigosa tanto para o actor artístico quanto para o actor social, se tiver pressa do intercurso ou desconhecer as regras do contexto sócio-cultural onde a sua ação se desempenha, se desenrola. Porque, ante a necessidade, certo indivíduo não está apto para o cálculo, ou seja, usa mais o coração do que o cérebro, não sabendo que eles os dois estão ligados um ao outro, concorrendo para uma ação social satisfatória, não ofensiva (a ética do cuidado de que fala Hans Jonas) e prefigurando-se como um trapalhão nas relações, ou seja, daria perfeitamente para uma comédia teatral, como aliás, de resto, é toda a vida humana, tem os mais diversos condimentos para ser

apreciada, depressão, excitação, euforia e depois descanso, tal como num jogo de futebol entre duas grandes equipas e não precisam de ser profissionais.

22.

Por isso, talvez o verdadeiro filósofo seja o herói do *Cândido* de Voltaire, tal como no filme *Mustang*, do cavalo cruzado que vence todos os outros depois de apanhar pancada de um lado e do outro. É, de resto, essa a ideia do luso-tripocalismo e de Gilberto Freire ou Guimarães Rosa...

23.

E, perguntamo-nos, estará a antropologia na marginalidade? Ou será ela o cerne de tudo isto, ao lado da lei (o direito) e a teologia? Um pouco de tudo, cada macaco no seu galho, eu não posso, não devo, chatear o meu vizinho, mas posso emprestar-lhe coisas, oferecer-lhe um bolo pelo seu aniversário, étecétera, coisa e tal. Na vida, uma das questões centrais é a aprendizagem e mesmo no mundo da rua, essa aprendizagem é mais rápida e mais rapidamente transmitida, ao teu grupo, à tua família. Goody e Iturra falam disto. Ricardo Vieira, entre outros, apenas continuo esse pensamento. Eu sinto orgulho por ter sido seu aluno e muito do meu pensamento antropológico tem de ver com isso, com a troca, o símbolo, a metodologia certa para chegar a rebater hipóteses mais ou menos desafiantes.

24.

Ressentimento, ofensa, indiferença. O atento esquecimento da cidade, nomeadamente no metro, é quase criminoso, não há empatia, apenas fantoches que desenrolam seus papéis sociais ou individuais num determinado cenário de céu aberto, pensando que podem fazer o que querem só porque estão na cidade, o mesmo serve para o campo e para os terrenos mistos. Portugal está a perder a espontaneidade das relações e está a enlouquecer lentamente, tal como já está louca a França e a Espanha, pude comprovar em algumas viagens etnográficas recentes.

25.

Loucura coletiva, loucura individual, qual a relação, é preciso ir à raiz dos problemas, as pessoas descartaram a antropologia porque preferem o cinema, um mundo de ilusão e crime, porque já não estão satisfeitas com elas próprias por mais que tenha, êxito, prestígio, mulheres e homens, status, imagem, media.

26.

O corpo saudável, o corpo viciado, a mente saudável e a mente viciada, saciada, numa projeção da morte que há-de acontecer antes das mortes pequenas e num regímen de gestão da energia, vá-se lá saber porquê, apenas para viver e gozar a vida, o tempo, a margem, a passagem…

27.

Mesmo em termos políticos, o país encaminha-se para mais uma crise, virá fome, muita fome e miséria, porque a direita terá o poder de dispor-se a fazer o que a esquerda, moderada ou não, não ousou fazer. Depois, há o fenómeno do Chega e o risco dos extremismos, num país dependente dos outros em vários sectores económicos e essencialmente dependente do turismo, o que aumenta a sua visibilidade ante aqueles que o podem manipular, que podem querer manter os preços baixos da restauração, do lazer e das dormidas, para não falar de outras coisas menos aconselháveis: os turistas, precisamente.

28.

Sim, Portugal é um país emocional-dependente, aceita tudo o que vem de fora e quando se lembra que está mal, torna-se xenófobo, eis o perfil económico do Chega. Uma higienização da porcaria e dos cães de rua, quando quem paga é o homem do lixo, que se calhar conhece melhor a vida dos nacionais (pelo lixo) do que muitos académicos que se sentam em cátedras de ciências exatas ou mesmo das humanidades e afins. E ainda se discute o classicismo, enquanto a maioria da população não lê porque tem de trabalhar para pagar os medicamentos ou a escola, muitos panoveiam-se infinitamente nas universidades e os alunos sorvem alarvamente esses tiques, esses costumes mais ou menos brandos, brancos. Sim, porque tudo anda aos magotes e ninguém quer, desde já, morrer socialmente, perder o seu grupo, os seus amigos e nunca, são mais piegas, ou beatos, como dizia alguém, do que aqueles que estiveram no convento.

29.

Um país lascivo, liberal em algumas coisas, extremamente conservador em outras, aberto para umas coisas, extremamente fechado para outras, porque não são os homens os maiores culpados da violência doméstica e afins, mas as mulheres, que se enredam em romantismos provincianos, em cosmopolitismos bacocos e, no fundo, sem estudarem os costumes dos povos, ou seja, é a lei do desenrasque, interessa-me ser amigo de todos mas só quando eu estou bem, porque quando estou mal quero que me ajudem e sejam meus amigos. Hum?!

30.

Ou seja, eu não chateio ninguém, faço a minha filosofia e ainda que só e carente, porque é esse o preço de toda a literatura, tenho ainda por cima de agradecer e se for preciso tenho de baixar as calças ao serviço dos outros. O sistema de ensino, desde as praxes às avaliações, está marcado por isto, esta pobreza de espírito que permeia alunos oportunistas porque já os seus pais o eram, a lei tudo explica, tudo condiciona e os jornalistas apenas têm de informar, de escarificar o momento da ferida da opinião pública face àquele que trinca uma pêra Rocha na rua mais acima...

31.

Sim, há uma luta entre o parisiense e o lisboeta, ou alfacinha, talvez sejam ambos racistas, talvez não, mas entre um e outro são-no de certeza. Enquanto um é direto e frontal, o outro anda na revienga todo o tempo, inventa, dá voltas e mais voltas e é psique, ou seja, leva tudo a peito. Daí a competição (de galos). Mas, de resto, entre o norte e o sul, a contenda é também a mesma, ou seja, no futebol pode ver-se esta luta e se um homem como Pinto da Costa tem tocado nesse ponto sensível através dos anos, pela afirmação do seu clube, é porque o lisboeta sente isso, esta diferença entre norte e sul, que também se desenha e articula de modo particularmente acintoso na política, onde a maioria dos eleitores do PSD são do centro e norte do país, os do PS do centro e sul...

Hipótese/Argumento

Quando ficas sozinho na teia e selva do social, acabas por fazer uma remissão à existência, ou seja, não apenas em termos psicológicos, mas antropológicos, referenciar a tua acção a um registo biográfico que confere alguma ética e coerência aos teus dias e alguma paz de espírito, fazendo da tua vida uma obra de arte. Assim o homem se salva, todos os dias

Desenvolvimento

1.

Tudo começa com uma pulsão para ser escravo de uma ideia inata, primeira, primária, porque a ânsia territorial e felina do homem o leva a ser agressivo para com o outro, fisicamente, sexualmente, porque não há uma boa gestão de emoções, dependendo esta obviamente do contexto cultural, nacional, existencial. Não é problema nem pecado sentir essa pulsão, ela leva-te para a frente, aprender, apreender, tal como um conquistador de outras terras. A etologia ensina-nos que os animais é que a levam à certa: só lhes falta falar, sentem o mesmo que nós e em resposta a qualquer agressão à sua integridade, reagem quase automaticamente, até são brincalhões.

2.

Deixei de me concentrar, de me focar, no sentido da visão. Ainda via, mas era como se tivesse cego e mesmo sem ver, via mais do que todos os outros. Por isso fui, pelas mãos, apreciando o sentido do tato e no banho deixei de lavar os fundilhos. Podia ser uma pestilência, mas eu sabia que, enquanto antropólogo, isso iria ter um certo efeito nas pessoas que me rodeavam e sabia que esse efeito seria bastante positivo.

3.

Depois, no meu trabalho de terreno, percebi como é que o gestor do supermercado ganhava dinheiro, com a margem entre o preço na prateleira e o da caixa. Muitos supermercados faziam isso, outros não. Entretanto, a loja dos chineses estavam em obras, um velho chamava-me de amaricado enquanto um local do bairro, um tipo acintoso de cabelo mal amanhã, levantava a crista para mim enquanto coçava a garganta. Eis alguns dos episódios do meu dia a dia naquele bairro, já lá vai cinco anos. Estava bem e estava mal, as pessoas eram quezilentas e estranhavam um forasteiro como eu, que vinha da aldeia de Paris, para um bairro lisboeta cosmopolita, cheio de ucranianos, nepaleses e chineses. O que se estranha entranha-se e eu não contava sair dali tão cedo. Conseguia agora em Lisboa uma certa paz que me permitia ler, investigar,

produzir textos, mesmo não dando tantas voltas, como antes, no Alto de São João e no Parque das Nações…

4.

Sim, sugeri o trabalho de campo etnográfico como a "melhor" metodologia para fazer filosofia, pelo menos para mim, para melhor poder compreender o homem. Mas também me ocupava de outros itens da filosofia. Quase que havia conseguido um lugar de professor numa escola. Os meus inimigos não me podiam fazer mais mal do que haviam feito e eu continuava, lembrava-me do Professor Vale de Almeida e do trabalho que havia tido para fazer reconhecer o casamento LGBT em Portugal, as ofensas que pendiam sobre as suas costas ("vai levar no cú") pendiam também agora, um pouco, sobre mim. Tinha imensa consciência de que era, ainda, hetero, mas podia bem ser que a minha imagem sexual social fosse mais da ordem do gay do que do bi… O meu pai? Os amigos gozavam-no por causa disso, mas eu sei que ele me amava e que me compreendia e eu não forçava, ligava para casa, pois a minha mãe ainda me compreendia…

5.

Mais uma vez, eu tinha de me haver com os *galos* do bairro e até de outros bairros, quando nem sequer havia estado com mulher local alguma… Sabia que eram eles que controlavam a rua e eu optei por uma nova estratégia para evitar o confronto: desviar-me das suas atenções, passar discretamente por eles sem me submeter a coisa alguma, sem entrar em confronto por razão alguma. Nesses dias, lembrava-me de Pina-Cabral e do Paulo Valverde, que não era minimamente agressivo com ninguém…

6.

No supermercado, pagava exageradamente, embora as coisas fossem baratas, mas sabia que tinha crédito, por cinco cêntimos em falta podia levar um produto ou outro e pagar o restante no dia seguinte. A população era diversa e multifacetada e até havia pessoas de bem, como se diz por aqui, pessoas com uma certa nobreza e estatuto. Estava a construir-se um Continente, um hipermercado de grandes dimensões, mesmo à porta de minha casa e vários outros prédios surgiam, a pouco e pouco. A prostituição era rara, que eu sabia, por outros tempos, apenas havia duas casas, que se mantinham e que eu nunca mais visitara, pois deixara de frequentar prostitutas, de todo…

7.

Eu sabia que estava a enveredar por um caminho diferente, novo, original, que se podia chamar de pós-metafísica. Não sabia se o termo já existia, mas fui pesquisar…Eles observaram o meu comportamento, sabiam do que eu estava a passar, não por mim,

mas pela minha família, pela minha mãe e nada faziam, os de Moscat e os de Lisboa, inclusive gente da rádio e da televisão. Se não soubesse manobrar as coisas, já me teria queixado às autoridades, mas não, eu não tinha segurança, polícia como confidente, advogado e até para arranjar médico de família me via grego.

8.

Sim, talvez estivesse a tocar no nervo ótico de certas pessoas, nos seus interesses, a descobrir certas coisas, por isso, até sem ganhar monetariamente nada com a coisa, era tanto amado como odiado, passava o meu humor do oito para o oitenta de um dia para o outro.

9.

Corria o risco de ser como que um "objeto-sujeito estranho" no bairro, um apêndice de quem ninguém quer saber, mas que está lá e sem ele as coisas não podem funcionar devidamente. Eu tinha consciência disso, da antipatia das pessoas e sabia que não era o único, havia pessoas e pessoas, mas a minha paciência estava chegando ao fim. E eu ia aguentando, ao mesmo tempo que deva força à minha mãe, que era para ter vindo nesse fim de semana e que, por motivos de saúde, não o fez.

10.

A normalidade tem que ver com uma coisa simples: fazer parte do rebanho, pois quando és a ovelha negra e contrarias o pensamento e comportamento da população, do rebanho, és ostracizado, posto de lado. Aí, só te resta fundar um clube de ostracizados. As regras da convivência humana resumem-se a isso, na caça às bruxas, na declaração de maluquice que se faz ao outro, no fundo, singrar apoiando-me no Outro. Este é um problema que vem do fundo dos tempos, dos primórdios da humanidade e só recentemente se contrariou, se identificou, a fim de fazer nascer a fraternidade, a solidariedade.

11.

Aí estava eu, no meu apartamento e sentia-me na pele daquele negro que haviam morto a tiro duas ruas abaixo da minha casa. Sim, sentia-me discriminado e muitas vezes tinha medo de sair de casa, que me dessem uma tareia, que me aviassem numa esquina, que me despachassem o coiro. Podia pensar de outra maneira, mas o facto de estar em solidão levava-me a ser pessimista. Eu era antropólogo mas evitava de o ser porque isso traz muitos problemas. Traz muitas coisas boas, mas problemas também. Bem como a filosofia, admiram-te mas não te cumprimentam nem perguntam como estás. Estava, enfim, refém do meu pensamento e da opinião dos outros, era

discriminado à toa, por este a aquele que opinava negativamente sobre mim, mesmo debaixo das minhas barbas, desde garotos de rua a senhores doutores.

12.

A crueldade e indiferença grassavam. Sob o rótulo da liberdade, da democracia e do 25 de Abril, batia-se nas mulheres, e matava-se por um mero fósforo de cigarro. Mas a situação não se restringia a Portugal, ia desde aqui até à Ucrânia, apanhando norte e sul da Europa. Teria sido a globalização? Estava definhando o espírito humano?, deslizando da civilização para a barbárie?, e se é de pensar que o homem evolui para melhor, estaria desinvoluindo? Enquanto isso, alguns refugiavam-se na religião e o papa chamava a atenção para o que chamava de "cientistas do apostolado"...

13.

Sim, talvez fosse todo este atraso, retrocesso, uma consequência do multimédia, da tecnologia, da ideia de que o homem podia interferir na natureza, controlar tudo, até o seu próprio destino, não estando dependente de nenhum Deus. Consequência da ideia de que, seguindo Nietzsche, o Homem se matou a ele próprio depois de se tornar Deus, depois de ter morto Deus...

14.

O Homem, fica, então sozinho, depois da sesta, depois da festa, na ressaca de qualquer coisa que bateu num muro ou contra um pinheiro, foi o seu carro, ele serve-se da categoria pensar para voltar atrás e pensar, digamos, no seu passado, nos dias que antecederam um momento presente, um dado estado de coisas. Dessa solidão, terá de se salvar. Não é forçoso que aconteça, nem é preciso forçar para se salvar, apenas se deixa ir no barco, sentindo a sua pulsação, a sua respiração...

15.

Foi passando mal, aqui e ali, mas tirou sempre algum registo de tudo isso, quanto mais não fosse para memória futura, para ilustração dos outros. Até a sua doença era útil aos outros...

16.

Assim, o sujeito continua sozinho, mas já no âmbito de uma pós-metafísica, ou seja, entregue a ele próprio, onde deverá acontecer o encontro com o Outro, pois é sempre isso que acontece, tal como Ronaldo marca mais um golo ou assina mais um contrato com um novo clube, mesmo aos 37 anos. No dia anterior a certos acontecimentos, à sua

disposição e suposição, à indisposição do sujeito, as coisas estavam bem, gostavas da casa, entendias-te com o teu animal doméstico. Depois, não conseguias dormir, não querias entrar nesse domínio, para fizeste-o, por tua própria mão, numa outra dimensão, desta vez eflúvea, atarantadora do teu corpo e ameaçadora do teu espírito, que nem sempre está forte. Por isso, entraste nesse domínio por uns minutos, breves minutos, em transe e procuras voltar a um estado inicial (de pureza), é como Adão, que depois do pecado gera a culpa que corrói o seu ser e procura sempre voltar a um estado anterior, não conseguindo, porém, fazê-lo. Assim é a remissão à existência, perguntas-te se valeu a pena, olhas para um ponto ou outro e procuras apoio para o teu estado actual, porque queres que a tua existência seja única, uma estrela única brilhando no firmamento...

17.

Sim, a vida é uma luta e talvez os mais agressivos sejam mais humanos, porque, afinal, apenas querem defender o seu território. Eis o condicionamento da violência, nos termos de uma ciência social e psicológica. Todos procuram a certeza, enquanto o filósofo vai, de dúvida em dúvida, de interrogação em interrogação, procurando chegar à verdade. Que pode não ser uma certeza, mas algo mais surpreendente, revelador...

18.

Mas, como pode o homem avançar olhando para trás? Corre o risco de tropeçar e cair no precipício. Dá a sensação que caminha para diante com a cabeça virada para trás...

19.

Mas o filósofo também procura certezas, como que procura validar o seu passado, legitimá-lo socialmente, nos termos de um reconhecimento face à comunidade a que pertence. Eis o ponto morto, é preciso continuar, engatar uma nova mudança ou apenas, só apenas, reparar a corrente ou um pneu ou dar mais combustível ao motor...

20.

Assim, o homem está preso, é preso do seu passado, dos passou que deu e não deu, das hipóteses, goradas ou conseguidas e, para salvar a pela, para sobreviver (e esperar uma nova saída para a mente e o corpo), deixa-se estar no seu compartimento, na sua cela, como o monge, aliado à sua comunidade. Não avança, deixa-se estar, permanece, o seu espírito está longe, mas ele está ali, preso, enlouquecendo, preso ao seu passado que o atormento, porque no final de contas todos procuramos ser normais, nós mesmos, e acabamos por não o fazer, não se sabe bem porquê, acabamos por fugir de nós mesmos e andarmos fugidos, refugiados de nós e dos Outros, das nossas raízes, ainda que confinados, não se sabe bem porquê e como. E acabamos assim, sendo mentes

circunstanciais e da loucura e desrazão fazemos felicidade e bem-estar, pela engeniosidade do homem, pelo sentido de desprendimento e surpresa, pela vontade criativa e pela solidariedade que encontramos numa rua esquinada desesperadamente no dia seguinte com alguém...

21.

O corpo vai, através do tempo, fazendo sobreviver o espírito. Ou será o contrário? Não é o espírito que comanda o corpo, o espírito de mim e de ti, de nós, desde o zen ao tão, desde Cristo a Krishna? O homem, é assim, um conjunto, um *ensamble*, se assim não fosse seria um bicho, viveria atormentado e tolhido pelos seus medos, por isso a filosofia é tão necessária à existência humana, como a antropologia, a sociologia, a psicologia, não me canso de bater nesta tecla, mesmo que não seja académico nem seja, de todo, um homem do senso-comum... Se o homem perde esse sentido de equilíbrio, essa compensação, acaba por fazer, como se diz antes dos espetáculos de teatro, merda e merda da grossa...Mas também o excreta faz parte desta condição do humano viver, se assim não fosse, viveríamos a pilhas e faríamos sexo por dispositivos mais ou menos metálicos, mais ou menos aritméticos, além da arte, aquém e além da natureza humana.

22.

Portanto, será o eugenismo liberal da moral apenas uma das mais diversas formas de o homem se superar, persistir, ir adiante em termos de raça humana? E passará isso pela robotização do pensamento, onde poderia estar incluída a anulação do sofrimento? Talvez isso implicasse a anulação da frustração e, logo, do riso, da alegria, da euforia, a anulação das emoções. Por isso, acredito que o homem é essencialmente um Ser emotivo, são as emoções, ritmadas ou não, como diria Vale de Almeida, que ditam o avanço, o não olhar para trás, para as experiências que foram negativas e não perder de referência o outro, pelo que ele vale de positivo porque é, afinal, espelho de nós mesmos num regime de partilhada humanidade, humildade.

23.

Há, então, uma cedência da mente face à realidade, porque a realidade está na mente e essa inversão da vontade face ao passado, não é somente auto referenciação, mas lótus de compreensão de uma experiência pela qual se aprende a ser perfeito. Ser perfeito! Eis o destino de todo o homem, porque ser humano é ser perfeito, mas também, em termos mais ou menos fenomenológicos, ser imperfeitos, ou seja, ver perfeição no inacabamento, num registo inacabado, na imperfeição e ver imperfeição no que é perfeito porque é inacabado. Por isso, o Homem dispensa Deus, porque faz o Seu papel, cria, desenvolve, arquiteta, porque se assim não fosse, não passaria de um verme

(imundo, irascível, odiento) e, afinal, a perfeição está na obra feita ao canto sujo que ninguém dá importância, não tanto nas cadeiras azuis e higiénicas do Parlamento Europeu.

24.

Porque, neste sentido, a vida passada, experienciada, é *ritornello*, repetição, segundo Deleuze e outros, é norma e desvio, é ânsia da alma que se vai encontrando consigo mesma no desespero e se elevando a si mesma na soberba e no orgulho, no tédio e fastio de um Strogonoff de Frango. Mas também é o decapante que costumávamos aplicar para limpar as grades e aplicar, primeiro, o zarcão, depois, a verdadeira tinta, preta ou cinzenta, sendo que o zarcão era por norma cor de laranja.

25.

Então, uma remissão à existência, uma missão de compreender o tempo que já percorreu e nele a experiência que tivemos desse tempo, é uma das formas de o homem se salvar, ou seja, não apenas no sentido cristão, salvar a sua alma, mas perceber porque é que deseja tanto e tão profanamente, porque um e outro registo estão compreendidos numa forma e relação binária com a realidade, mas a realidade nem sequer existe, é a mente e a mente nem sequer existe, portanto, todo o existencialismo, ou seja, reconhecimento do real, é ilusório, in-verdadeiro, porque a nossa marca no tempo apaga por se apagar, como uma pegada na beira do mar de areia que as ondas vêm a visitar.

26.

Portanto, a cópula é simulacro de poder, de posse, de apropriação do corpo do outro, enquanto a masturbação, na sociedade industrial, industrializada, é vista como desnecessária, porém, acessória, porque ninguém se pode realmente divertir, entrar no jogo simbólico do desejo, porque tem de se produzir, investir, destruir o planeta. Porque, além do mais, a sociedade ocidental é ostentatória, de uma forma diferente das primitivas, das tradicionais, mas uma coisa leva a outra e, em certo sentido, há uma espécie de unanimidade de sentido na compreensão do humano em termos antropológicos e de sistema de valores.

27.

Porque, aliás, o matrimónio é coisa bruta, de concreção, política, porque é compromisso com o todo da sociedade, podendo por isso, seguindo Marcel Mauss, ser considerado, hoje em dia, um fenómeno social total, de tão difícil é de manter, de fazer

persistir através dos dias e anos de outras interpelações face aos sentidos e vontade volitiva, tanto em termos de compromisso quanto de coisas fáceis...

28.

Porque, além do mais, essa re-missão à existência é um desafio e desafio que está e se planteia ao Ser e ao Mundo como acontecimento inaugurador de outras coisas, de outros tempos, de outros momentos, ordinários ou extraordinários. Portanto, o que se passa com o capitalismo ocidental e, de resto, como todo o ocidente, é que o pormenor passa a ser pormaior, ou seja, todos procuram a reiteração do real, num regime mais ou menos imaginários, mais ou menos praxístico, concrecional, mas nem todos lá chegam e aqueles que chegam, ou usam uma arma, acabam por se deter num pormenor determinado nos termos das pequenas percepções de que falava José Gil, ou seja, vale mais Estar e Pertencer do que ganhar e perder. Porque o perder é relativo, o ganhar também o é, todos procuram ganhar, ninguém se quer dar por fraco, em nenhuma condição ou estado, por isso procura, não apenas para agradar às mulheres (mas a toda a sociedade), ser o melhor, o mais rápido, o mais inteligente, o mais insistente, quando temos, ao lado disso, o lado contemplativo da existência, face ao passado e ao que vai acontecendo, numa tela ou num texto dactilografado de Paulo Valverde sobre os missionários em África...

29.

Portanto, registo passado nunca está colado da mente, temos de resto uma herança genética que vai, no desenho do quotidiano, condicionando a nossa acção, o nosso discurso, o nosso pensamento mais ou menos tático. Portanto, a experiência tanto pode ser o passado quanto o que dele aprendemos em termos de inteligência do social para chegar a atingir os nosso objetivos de vida, os nossos propósitos, digamos, de existência, seja ela banal seja ela extraordinária, seja ela quotidiana ou celebrativa. Sim, a experiência de vida tem que ver com um registo laboral, com uma escola profissional, com um saber que se transmite geracionalmente, mas também com uma certa metafísica do sujeito em empreendimento objetal, ou seja, em entendimento e "estendimento" da realidade ante de si e antes de si, ou seja, usando a visão, no plano do que é visível e do que é (ou deixa de ser) invisível (Merleau-Ponty).

30.

Então, temos, uma meia rota, colada, descolada, o sujeito deslocado de si mesmo e de sua consciência, alienado por razões que têm que ver com a exogamia, ou seja, ser um herói civilizador, numa aldeia vizinha, num contexto mediterrânico, ou num outro país, numa Polónia, numa América, porque a remissão à existência tem que ver com a segurança e a honestidade com que amamos o mundo e a nós mesmos enquanto

membros dele, pois, psicanaliticamente, o homem e a mulher reprodutivos, pós-capitalistas, estão habituados a vencer. Não tenhamos, pois, medo de vencer, pois já estudámos as táticas durante tempo bastante para arregimentar a a força e a técnica necessárias para conseguirmos chegar à final, ao final de qualquer coisa e depois, além disso, no *estendimento* da razão prática, tática, pragmática, tirar conclusões e servirmos o prato principal àqueles que vêm depois de nós em termos de tempo, de momento, de sentimento e força de vencer...

31.

Depois, percamos o medo, sim, o medo de existir, se é que alguma vez o houve fazendo parte dos nossos planos. Porque além fronteiras, há sempre alguém que gosta de nós, todos temos dois braços e duas pernas, uma cabeça (bem, nem todos, mas a intenção está lá, está cá).

32.

Portanto, o homem contemporâneo está iludido com as vistas, demasiado ocupado com o sentido da visão, talvez porque não compreenda os animais e aqui faz sentido uma certa não só ontologia mas etologia da razão, ou seja, fechar os olhos e ouvirmo-nos a nós mesmos e à voz da nossa consciência. A pulsão de mostrar, demonstrar, andar para a frente, é grande e de certa maneira conforme à unidade e projeção dos povos, poderia dizer Rousseau ou Montesquieu, uns mostram em certo tempo, outros em outro, sendo que o sujeito se aliena por vezes para se vir a identificar com o Outro enquanto si mesmo, mas também enquanto Outro relativo à ponderação de si mesmo, o que não quer dizer que esteja alienado. Mas sim, o homem de hoje vai-se alienando, tanto pela tecnologia quanto por uma mau entendimento da afetividade, o que gera violência e desrazão, perda de sentido que a Igreja não sabe preencher porque lhe falta um certo cientismo de apostolado...

O Sexo dos Anjos: o dilema carne-espírito revisitado

Argumento

Podemos interrogar-nos, porque é que o problema carne-espírito ou corpo-mente tem de ser um dilema? Não o podemos ver como uma unidade? Pretendemos abordar a questão no concurso da racionalidade ocidental e socorrendo-nos de registos antropológicos, para aferir como as mais diversas culturas que não a nossa relacionam corpo e mente, entre si e com o mundo, o social, o natural, o cultural, onde se inclui a religião, naturalmente.

Desenvolvimento

1.

Portanto, uma metodologia a usar na abordagem do dilema ou problema corpo-mente seria antes de mais ver e conferir como as mais diversas culturas mundiais jogam com essa relação, se há um unidade entre elas, se estão separadas e porquê, ao mesmo tempo que a banda sonora deste filme é um jogo de futebol onde intervém a equipa que recentemente goleou o campeão português. Antes de mais, não sexualizemos a questão, porque nem tudo o que carne, corpo, é sexo ou sexualidade. Mas há um mito, um mitema, de que o corpo deve ser sexualizado, instaurado na sociedade ocidental de forma profunda e por vezes até, em certos registos, bastante acintosa. O Ocidente é uma cultura do exagero, do apuramento (da verdade?), a vários títulos, sob as mais diversas formas de expressão. Uma cultura da explicação em devaneio até ao enjoo, pois tudo tem de ser explicado, analisado, apurado e muitas vezes não em nome da verdade, mas de simples hormonas.

O povo português habituou-se a esperar, à espera do acontecer, mas agora, que o mundo mudou, não quer perder o andamento da carruagem, nem tão pouco pode ou deve ou é possível saltar de um comboio já em andamento. Não é tempo de mudar, a mudança já começou, é tempo de se sentar confortavelmente no comboio que o levará ao futuro. Devem perguntar-se onde quero chegar. Pois, à conclusão de que a raiz do dilema carne-espírito está assente na moralidade (Frankl) e que radica essencialmente por uma razão que tem que ver com a religião, mas que também é operativamente antropológica, ou seja, tem a ver com o tempo e o costume e do uso ou abuso que o homem deles faz ou fez.

2.

Antes de mais, atentemos nos vários temas, desde já, para a "parte superior" da questão, ou seja, aquilo que consideramos, de uma forma ou de outra, mais elevado. Chamamos mente a uma entidade (em termos heideggerianos) que pensa, que se conhece, que, de certa maneira, exerce controlo sobre o corpo. Chamamos, depois, espírito, a qualquer coisa que é do âmbito do filosófico (do indagar, advindo das Luzes e da civilização grega) e chamamos alma a qualquer coisa de religioso. Depois, chamamos carne a qualquer coisa, uma substância ou conjunto de músculos, vasos sanguíneos e ossos, que é do âmbito do imanente, do funcional, do reprodutivo. Mas a mente também reproduzir, digamos assim. Diz o povo, "quem escreve um livro, faz um filho"...

3.

Eu, por exemplo, escrevo estas coisas que penso porque me dá prazer e absolutamente com um sentido altruísta de partilhar um certo conhecimento do mundo e da minha mente, poderíamos dizer em termos cartesianos. Portanto, continuemos a nossa abordagem exploratória, a ver se chegamos a válidas conclusões. _Se a carne é uma coisa, o que dizer do corpo? Também é uma coisa, obviamente, um organismo, algo que mexe. Por isso, todos os animais têm corpo e também se fala em corpúsculos no âmbito da biologia. Desde já, podemos observar que, na civilização indiana, o espírito não está desligado do corpo, estamos perante uma divisão de certo modo apenas externa, enquanto no ocidente, essa divisão é interna, ou seja, o que o ocidente fez foi mandar o corpo mandar na mente ("age com o corpo", diz a citação de um recente livro de uma autora americana que folheei numa biblioteca da cidade de Lisboa...), isto essencialmente tem que ver com o mito do herói civilizador, que os americanos, seja do norte seja do sul, adotaram, sendo que no norte este mitema está mais ativo e planteia-se, espraia-se bastante notoriamente na arte, literatura e cinema, seja de Hollywood, seja independente.

4.

Ora vejamos. Enquanto na Índia, só para dar um exemplo etnográfico, o sexo é sagrado, tal como as vacas, no ocidente ele é qualquer coisa de pecaminoso e a sexualidade é encarada como ou transgressão ou reprodução, sendo por essa via trazida ao convívio da sociedade "central", normal. Ora, terá sido a religião, ou o poder que a cultura lhe foi dando, a operar essa separação, que funciona como um boneco articulado, cheio de fios que ligam as várias partes do corpo do boneco. A Mente mandou ao corpo que dela se separasse por razões obviamente evolucionistas, que têm de resto a ver com um certo eugenismo moral e até liberal.

5.

Além do mais, a questão do corpo tem que ver com a relação entre sagrado e profano, entre secular e religioso, entre análise e prova (numa referência à tradição empírica inglesa) e tem que ver, por último e essencialmente, com a relação (ou ausência de relação) entre secular e religioso), ou seja, com o funcionamento da sociedade como um Todo, como sistema, polvilhada de fenómenos sociais totais, como identificou Marcel Mauss. E tem, obviamente, que ver com a divisão do trabalho social identificada por Émile Durkheim, onde seria interessante observar e acompanhar o papel da mulher nos mais diversos contextos etnográficos, culturais, cultuais…

6.

O homem, portanto, é uma "coisa que pensa" recheada, arregimentada de carne, de músculo e só recentemente descobrimos isso, pois o desenvolvimento da tecnologia e da economia isso mesmo permitiu, ou seja, o homem foi procurando recurso e foi-se habituando à ideia de que podia viver melhor, rentabilizar melhor a sua vida, ter qualidade de vida e que isso podia dar melhor imagem e segurança de futuro às gerações futuras. Pensam alguns, ainda, em termos de reprodução, enquanto outros pensam em termos de *jouissance*, enquanto o restante pensa nas duas coisas. Portanto, eu tenho um corpo (que é meu, se não acredito no que a Igreja diz) e faço uso dele, vendendo a alma ao Diabo. Ou sou (se for mulher) um Ser emancipado e faço de mim mesmo uma mercadoria, um produto cultural… Mas, digamos, o ideal seria unir uma coisa à outra, mas a mente ocidental não admite o conjunto (que lhe traria felicidade), porque teria de se alienar noutra cultura e, de certo modo, fazer desse *ensemble* (*set*, no sentido de "disposição) o que o corpo é, um produto, uma mercadoria (Bataille, Baudrillard).

Portanto, manter a tristeza das pessoas, dá lucro e a economia comanda tudo, desde o gás da Ucrânia ao petróleo do Médio oriente, portanto, pensemos em termos geográficos, geológicos, se ainda não se tratou fazer da África um continente próspero é porque os ricos tiram apenas aos pobres e distribuem entre si a riqueza que lhes pertence…

7.

O arrebatamento de Santa Teresa de Ávila e de alguma arte sacra indicia, por exemplo, entre outras coisas, o corpo que se quer elevar aos céus, o corpo do Cristo que ressuscitou do mundo dos mortos, se levantou, numa palavra, venceu a morte, veio do outro lado para este mundo, novamente, provando que a imortalidade pejada nos deuses gregos existe. Nisto acredita a religião, que investe mais na outra vida, nessa possibilidade para uns e certeza para outros, enquanto outros não acreditam numa vida no além (ou nem sequer na reencarnação, como os hindus, o nosso exemplo etnográfico) e acabam por refinar a sua existência enquanto é tempo…Na verdade, a

Igreja não entende o corpo, melhor, não entende o desejo, mas de certo modo, não é essa a sua função social, digamos assim, a arte também arrebata e nem tudo o que é arte é arte, ou seja, o corpo sacralizado é o que se chama em antropologia, um fenómeno das culturas primitivas, ou seja, dominante ainda em termos globais. Depois, há outro fenómeno no ocidente, o da mente sacralizada, ou seja, pela religião (o desejo que se aperta) ou pela psicanálise, psicologia, psiquiatria, embora a segunda exerça, dado o seu teor e função intermédia, uma certa forma de ligação entre os dois âmbitos em nome de uma pretensa perfectibilidade da vida social e individual, do mito também do homem perfeito.

8.

Como tive oportunidade de mostrar na minha tese de doutoramento, o sentimento do bom selvagem da beira sabe lidar com a sexualidade sob uma forma bem mais educativa e doce do que em contextos urbanos, onde impera a estratégia e o jogo simbólico do caçador e da presa. O rapaz da aldeia é bastante mais romântico e percebe que o sal da vida é o sexo, por isso, investe desde cedo na possibilidade de ter uma mulher "só para si", quando for adulto, por meio do casamento, por isso trabalha a terra para ver o que ela lhe dá, trabalha nas obras para um dia construir a sua própria casa ("Quem casa quer casa"). Isto é antropologia, mas também filosofia, ou seja, eu penso e o corpo obedece, mas também em certo sentido manda ele porque ele me dá prazer e me "faz pensar" (Lévi-Strauss).

9.

Portanto, a alma é aquilo que é romântico e me faz sonhar e ser feliz ao pé de alguém ou comigo mesmo, pela fantasia e sexualização da existência, pois a sexualidade é, creio na minha vida individual e social, a maior força do universo. Mas o amor também é força maior e o porno é ôco, funcional, chato, repetitivo e é sob essa repetição que se alicerça a mente do ocidental, com algumas exceções dependendo dos contextos e dos sujeitos-atores sociais em causa. O porno educa, na aldeia, mas também me pode dar um AVC ou ataque cardíaco se exagero, ou seja, "coisas que se devem ver ao longe", como diz a canção dos Heróis do Mar ou "coisas do mundo", demasiado obscenas, porque essa é a verdadeira antropocena, ver humanos copulado nas mais diversas formas, repetitivamente, em termos exaustivos, saturantes. Por isso certa televisão, como a nossa CMTV, é obscena, pornográfica, porque mostra as coisas demasiado perto, em termos visuais e morais, pois a moral ensina-me a ter uma só mulher e até lhe vou bater um dia destes porque tenho ciúmes ou me anda a trair, quando eu tenho uma ou duas amantes, se for preciso. Seria preciso, para continuar este estudo (que nunca se completa), ir mais além em termos etnográficos (de exemplos de várias partes do globo), mas também em termos filosóficos, aprofundar esta prenhe relação entre

antropologia e filosofia. Portanto, a sexualidade e o sexo estão lá, estão aí, patentes, disponíveis, quando o verdadeiro homem e a verdadeira mulher, por medo da morte, procura o parceiro perfeito, o amplexo que o irá satisfazer e repete uma e mais vezes, ora com a mesma, ora com outros. Na verdade, como pensam alguns, o verdadeiro sexo e divina sexualidade estão no cérebro, que entende o corpo que tem e ora lhe faz a vontade ora nele manda...

10.

Na verdade, podemos dizer, o que há para além do binómio reprodução-*jouissance*? A produção? Ela torna o homem num objecto, pior, a mulher num objecto. Mas...não é que o homem gosta? De usar e ser usado, profanar e ser profanado, tocar essa música a duas vozes que lhe fazem sentir-se vivo. É a experiência do mundo, o milagre dos sentidos, o melhor de dois mundos, o sagrado e o profano. Portanto, o corpo pode ser um produto, cheio de tripas e secreções internas, um corpo que se quer atrativo (a moda), funcional (o trabalho) e saudável. Na verdade, se não o for, não vale a pena preocupar-se com sexo, pois ele já há muito deixou o corpo, como se fosse uma luz que o iluminava face ao Outro e o abandonou. Portanto, o sexo profano é animal, o sexo cristão é razão de sentido. E a razão, de que ainda não falámos, não será ela a comandar tudo, o corpo, a mente, o espírito, a carne, a alma? Que razão ocidental ou industrial é essa que foram e patenteia as mais diversas formas de amor, de mecânica dos sentido, de estética?

11.

O dinheiro pode comprar o sexo, o corpo do Outro, mas...o que é o amor? Porque permanecemos teimosamente românticos (o papel do inconsciente coletivo, analisa por Jung), por mais tragédias que tenhamos de enfrentar em termos sociais, ou seja, porque ainda investimos em educação quando, na maior parte dos casos é deseducação, ou seja, forma os sujeitos-alunos para lhes dar a ideia de que têm de trabalhar estudando, serem jovens aptos, logo, o papel do herói civilizador, mesmo na sociedade moderna...

12.

Depois, o papel do dinheiro, embrulhado nos papéis sociais e artísticos mais diversos, como em As Três Irmãs, de Tchekov. Sim, eu posso comprar um corpo por alguns momentos, minutos, mas fico desejando logo após um tempo, à mesmas e nunca estou satisfeito, portanto mais vale "servir-me" do Contrato Social e ter um corpo (social, de delito) só para mim, aproveitando para ter algum prestígio social se cunhar esse sexo através da Igreja... Mas, hoje em dia, quem se preocupa com o prestígio ou honra social, com imagem? Toda a gente, todos estão preocupados com aquilo que os outros vão

pensar (se fizer isto ou aquilo), ou seja, é esse o motor de dupla hélice do funcionamento da sociedade.

13.

Assim, tu vês a sociedade de uma certa maneira, segundo uma determinada cosmovisão que pode ser, apenas e tão somente, o teu bairro, a tua cidade e vai moldando essa visão à medida que progrides geograficamente, e aprendes que a vida adulta não é assim tão divertida, pode ser até bastante chata, aborrecida, ou até trágica e horrenda, mas continuas, acreditando em ti e na sociedade, que é, para ti, o teu grupo de amigos e chagas lá, não pensando muito no fim, mas sim na finalidade. De outro modo (moto), o dinheiro é o combustível da sociedade, o verdadeiro combustível social, que faz girar e desenvolver as economias, mas há quem acredite que é a agricultura ou a ecologia, por isso muitos refletem a partir dela, da sua prática e teórica. Se formos a ver, há sociedades onde o dinheiro não existe, tudo é muito mais direto, do âmbito da troca e, como diria Filipe Verde, "o homem selvagem é o homem feliz", ao perceber na Amazónia que em certas tribos há (ainda) um saber não somente social mas também médico, de como viver e sobreviver, de como sonhar a liberdade em liberdade, a liberdade livre, como também adiantou Carlos Castañeda a propósito do uso das drogas para vários fins, entre os quais o terapêutico, não apenas para a *jouissance* da "coisa", do Ser eivado de potência para estar em paz consigo mesmo, com os outros e com o Mundo, sorvendo, absorvendo e dando informação semiótica a todo o momento. É o momento da comunicação global e o sexo é isso mesmo, comunicação total, entendimento com o cosmo através do corpo e nunca como no intercurso a razão se aplica tanto, desde o desinteresse à obsessão...

14.

Não queremos esgotar, nem seria de todo possível, esta questão neste ensaio, mas tão somente entrever o que se passa com tantos ocidentais infelizes, irados, mesmo que ricos e bem sucedidos e porque é que o homem primitivo, mesmo sendo feliz não sabendo, anseia por ser ocidental. O que haverá de tão atrativo nessa atitude, nesse desiderato? Porque, na realidade, a macieira do meu vizinho é sempre melhor do que a minha, ou seja, como mostrou a antropologia social por meio, por exemplo, de David Pocock, a vida social gere-se e gera-se (a si mesma na sua dimensão mais estrambólica) por referência ao outros umas vezes, por deferência ao Outro, outras vezes, ou seja, por referenciação, tentativa de ligação, comunicação, imitação (De Tarde)... É vendo o outro, a outra mónada, que eu me construo a mim mesmo na esfera tanto do social, da vida pública, do espaço público, mas também na reflexão ou, ainda, por choque, se pensarmos no exemplo das mónadas de Leibniz.

15.

Depois, vendo a coisa por outro lado, eu aprendo a fazer sexo com outra pessoa, mas também há quem o faça em grupo e isso será, para mim uma forma de comunicação desvairada, excessiva, doentia, o que não me permite nem de perto nem de longe, pensar em termos religioso, porque a religião foi ensinando o homem a condicionar o seu desejo, a sua libido, usá-la para um determinado fim (que não é a dado à partida), para bem da sociedade (Foucault), da minha sanidade e da de todo o corpo social. Mas, na verdade, se a internet, através das suas redes sociais, é uma réplica da sociedade, esta parece não existir na realidade jamais, é mera ficção conservadora e romântica, pois o pensamento do adolescente projecta-se mais para o fim do que para o processo, mais para a síntese (a conclusão), do que para a análise. Eis-nos, portanto, no reino da comunicação global, da aldeia global que McLuhan propôs no século passado e Orwell revisitou, entre outros registos, fílmicos ou literários.

16.

Portanto, podemos pôr a seguinte hipótese: a dualidade deve manter-se? Devemos manter a mente "fora" das coisas do corpo? Não é a mente "quem" deseja, mas o corpo, o homem, desde cedo, numa perspetiva marxista, evolucionista, pensa com o corpo. Então porquê a psiquiatria e porquê esse espírito muito americano, diria até, muito inglês, de que o sexo, o amor, são terapêuticos? Porque, antes de mais, nenhuma mónada é feliz sozinha (a não ser que seja eremita, mas mesmos e assim fosse teria as plantas e os bicharocos da natureza), o homem tende para o Outro (daí a legitimidade de toda e qualquer antropologia, seja ela filosófica, cultural, social). Podemos dizer que, assim como a cabeça está unida ao corpo por meio do pescoço, também o homem é uno, é um todo, é uma analogia, uma representação do corpo social, daí que individual e social estão ligados desde cedo, desde sempre. Mas...a mente está na cabeça? No interior do crânio ou na ponta dos cabelos? E os pés? Não pensam também? Das duas cabeças, qual pensa melhor? Na verdade, a questão é de ambiente, relativa ao ambiente, ou seja, o homem não está separado do ambiente, o meio ambiente e foi Kant que desenhou, desde cedo, essa separação, identificando-a obviamente na sua "Antropologia Social", mas estava errado, a razão funciona em relação, não pode ser separada do corpo, porque é o corpo que pensa e não o cérebro, este apenas representa e apresenta estímulos nervosos ao resto do edifício, do organismo, para ele não colapsar, para se adaptar (a esse ambiente)...

17.

Na verdade, adiantando a nossa análise, tanto a psiquiatria quanto as medicinais tradicionais têm a solução, elas são o todo que o homem precisa para se regenerar, para tornar a ser o que é, ou seja, para descansar quando "deve" descansar, para trabalhar quando o deve fazer, sendo que o trabalho poderá, um dia ser abolido ou terá outra forma, outra representação, sob as mais diversas funções e ocupações, misturando-se com a ideia do lazer. E o que dizer da prostituição, deve ser legalizada (falo do contexto português) ou se deve manter como está? Vejamos o exemplo americano, que varia segundo os estados e vejamos os mais variados exemplos europeus... o problema, na verdade, é quase na sua integralidade, ocidental, na ideia que o homem faz do corpo enquanto "território" a conquistar e, daí em diante, a gerir, a manter...mas a mulher vai dizendo ser dona do seu corpo e o machismo agrava-se em certos sectores da sociedade, e sociedades perfeitas não existem, existem momentos, alguns dias, em que se sonha com essa ideia, esse complexo de relações societais, porque, afinal, quando desejamos a felicidade dos outros em termos teóricos, podemos ser retribuídos em termos teóricos e, até em termos práticos, se eu não achar que a Igreja distribui mal os bens espirituais. Mas, por exemplo, a espiritualidade tem que ver com a ideia de espírito: há bons espíritos e espíritos errantes, há religião e há bruxaria e feitiçaria (entre os Azande, por exemplo), tudo se entrecruza (e *intercruza*) nesse corpo que é o homem, tudo se relaciona, umas vezes de modo nocivo, outras de modo salutarmente absoluto, porque tanto é prenhe a matéria quanto o espírito e quando as duas dimensões da expressão do real se combinam perfeitamente, o mundo pode finalmente mudar.

18.

A estratégia do sexo (bem feito) reside em ser egoísta, mas também em ser altruísta. E no amor é assim também, não posso dar a todo o momento, tenho também de receber, portanto, o que está desligado pode ligar-se e voltar-se a desligar, pois nem tudo é volátil, aéreo, desproporcionado e desapropriado, o tempo cinge esse cinto de castidade mas também liberta o desejo segundo as temperaturas e as estações, como falava Michel Serres na sua *Filosofia dos Corpos Misturados*.

Se o sonho de todo o homem é casar, ou pelo menos, ter uma relação estável durante longo tempo, isso exige tempo, dedicação e religião...Exige confiar no corpo do outro enquanto representação, obviamente, do corpo social. È a sociedade que me entrega aquele corpo para dele cuidar e o seu espírito, a sua alma, a sua mente, para a acarinhar e levar à felicidade através de um certo grau de felicidade, coletiva e individual, porque as ideias, tanto quanto as substâncias, propagam-se, reproduzem-se e por vezes faz faísca, mas é dai que nasce a Luz, logo, a Vida...

Depois, o sexo não é uma falta que se preenche, não há uma lacuna, nem tão pouco um complemento, creio que nem sequer é a cereja no topo do bolo, ele é, quando combinado com o amor, a verdadeira forma de resolver conflitos, entre os quais está, por outro lado, a violência, que deve ser condicionada (domesticada, diria), para se circunscrever e dominar…O sexo, como o amor, é comunicação e nesta aldeia global, entre realidade (a social e o outra, a cruel e violenta realidade) e virtual, há que, por vezes, decidir optar pela negação, pelo silêncio, pelo não envolvimento, quanto mais não seja porque fomos depressa demais, entusiasmámo-nos, foi a emoção de comunicar que tornou o mundo num local perigoso para se viver, tomou o amor de assalto e libertou o coração, por isso o homem está projectando a sua vontade e devir para outros planetas (ou apenas "no ar") e ele procura desesperadamente o equilíbrio perdido, entre guerra e crime ecológicos, entre farsa e verdades quase verdadeiras, entre moral e condicionamento dos corpos, entre Deus e o Diabo, entre preto e branco e, dali a pouco, todas as outras cores…

19.

Portanto, por outro lado, seguindo a sugestão de um filósofo francês, pode haver uma sexualidade sem penetração? Ou seja, a penetração é ***apenas*** reprodução? Não é gozo também? Não simula esta o momento original da cópula mítica, diria até, mística, ou seja, a união do céu e da terra, dos contrários, do Yin e do Yang? Por isso, será o sexo apenas *jouissance*, não é ele ânsia e vontade de romper o mundo e ver além dele uma possibilidade de vida, de existência, para fora dele, de mim mesmo, ou seja, ser eu mesmo o Outro, outra pessoa? Não é, por outro lado, o corpo uma súmula da própria natureza, não é o corpo a própria natureza que embrulha a alma que levanta as mãos a Deus quando nada mais é possível pensar, existir, além da ciência positivista, não será, em termos de uma antropologia da crença, a fé em deus, no Bem que custa tanto a praticar, a única forma de salvar o mundo da sua doença (que também, quando é útil, não mata, pois "o que não nos mata torna-nos mais fortes", diz a canção…). Não será, por outro lado, o desejo, uma combinação entre esforço e dom, dávida, oferta de sentido e pura generosidade? Não será tudo uma e a mesma coisa, num mundo múltiplo e uno ao mesmo tempo, repleto de desdobramentos e dobradiças, de fugas e tubos, de escapes e concatenações, de Luz e Sombra, sendo que uma pode queimar e a outra fazer-nos tremer de frio…

Diz-me com quem andas:
o idioma da inveja que se faz mentira social

Argumento

Grandes diatribes fiz com o meu irmão, que considero tanto filósofo quanto eu, embora não tenha frequentado a academia. Ele concluiu que eu tenho dupla personalidade, ou seja, tanto estou bem quanto estou mal. Por isso, analiso a dimensão ética do sujeito no palco societal, suas interligações, cisões, polémicas e aplicabilidades, defendendo a ideia, não nova, de que é o meio social que molda a personalidade, a identidade do sujeito.

Desenvolvimento
(Exploração)

1.

Porquê e como o sujeito vai ficando só, apesar da globalização e democratização dos meios de convívio e reunião, proporcionados pela tecnologia? Porque é que mais a e mais pessoas se suicidam, pelo motivos vários, quando têm tudo? Será porque não estão habituadas a viver com pouco? Porque será? Assim como falámos anteriormente no dilema carne-espírito, falamos agora do boato e da inveja como motores da das novas sociabilidades, sem fazer grande alarido nem juízo de valor, nem tão pouco considerarmos a nossa personalidade enquanto analista, e comentador e investigador.

Na sociedade, em sociedade, enquanto uns perdem tempo com o boato e a conspiração, há quem procure o Bem e tente planear a sua ação com o mínimo de interferência, porque isso lhe dá gozo e competência, satisfação e até merecimento, sentido e realização. Chega a ser absurda a elaboração e efabulação que por vezes tanto a sociedade quanto o grupo faz acerca do sentido da sua ação, das palavras que diz. Só que pouco se entregam à reflexão porque têm medo da solidão, de se perder em si-mesmo, quando, na verdade, não há melhor coisa no mundo do que isso mesmo, perder-se em si, na imensa imensidão da reiteração de verdades sobre o Ego e as mais variegadas facetas que planteia, ante o crisol de opiniões mais ou menos reflexas e amorais que a sociedade proporciona. Portanto, o que é verdade sobre o sujeito pode não ser a sua verdade, ou imagem, em termos sociais, mas hoje em dia, até ao sujeito é complicado preservar a sua intimidade, não apenas em termos morais ou comportamentais, porque se sabe de tudo e vai-se a ver a nossa imagem social tanto pode ser negativa quanto positiva, mas, enfim, é a luta pela verdade sobre si mesmo e

sobre o grupo, que forja mecanismos ora de aceitação ora de rejeição face àquilo que o sujeito dele reflecte no seu íntimo.

2.

Seguimos, neste ensaio, de perto algumas ideias de Simmel e Goffman, bem como de outros autores que vamos enumerando, para pôr a cabeça a trabalhar e perceber como se forma o boato e como a inveja, no âmbito da bruxaria, pode funcionar como destruidora de sujeitos, de Ego, tanto num contexto de dupla personalidade por parte do sujeito, quanto acerca das dimensões mais ou menos éticas da propagação do que poderemos chamar de ***Mal Social***.

Portanto, como se gera o boato, essa mentira social? O conceito de mentira social é retirado de Iturra e pretende equacionar o desfasamento entre a identidade singular do sujeito e a sua imagem social, pública. Assim sendo, a inveja, conceito antropológico desenvolvido entre nós por Oneto, impregna-se na vida social, faz dela uma teia de ligações e interligações e cumpre a ideia muito aristotélica de que o sujeito é um ser social, ou seja, a sua identidade social é a sua identidade individual e vice-versa. Assim, vamos equacionar e relacionar inveja, boato, verdade, imagem e mentira social, pública, ou seja, desdobramento de reflexos e anti-reflexos (opacidades) sob a maior consideração de estar diante de um palco mais ou menos frágil ou de umas determinadas areias movediças que acabam por fazer mexer esse grande Adamastor que é a sociedade. Noutro ponto, diríamos que ela, em verdade e conclusivamente, não existe, existe sim o grupo, ligando indivíduos, atores sociais, por afinidades mais ou menos eletivas e desenvolvendo na tela do social os matizes e odores de personalidades mora mais ocas ora mais repletas moralmente. Mas, afinal, a moralidade advém de onde? Da religião? Não somente, advém essencialmente do costume. Assim, temos, no plano moral, a influência da religião, da Igreja, para o Bem, entre opacidade e plenitude do Ser e temos o plano do costume, daquilo que vai sendo no tempo, itens culturais, símbolos, que vão sendo domesticados pelo homem e articulados com ideias mais ou menos prósperas sobre o como se deve fazer em sociedade, o que se pode e não pode dizer e fazer...

3.

O que é, então o boato? O sujeito analise, fica ferido ante as mais diversas críticas, seja observador ou mero ator social sem formação em ciências sociais. Há sujeitos que vivem do boato e, enfim, o jornalismo hoje em dia faz-se apesar de tudo através do boato, que se desenvolve, de uma meia verdade a partir da qual se especula, criando um facto social, mais ou menos verdadeiro. O boato, pois, é como uma beata que se atira para o chão e acaba por não ser nada, apesar do efeito devastador que tem sobre a vida e integridade do sujeito. Ele fere muitas vezes muito mais do que um murro no estômago.

4.

Assim, o sujeito encontra-se, dá-se, agrilhoado por normas sociais e anseia por libertação e por vezes essa ânsia de libertação gera a mentira social e a injustiça, ou seja, a imagem do que o sujeito é, na verdade, em termos metafísicos, não corresponde à sua imagem pública, que pode ter duas facetas, uma boa e uma má, tal como o dinheiro metálico.

Mas, vamos a ver, poderá, num plano social, o sujeito ser moralmente neutro? Por outro lado, a metodologia de alguns dos nossos escritos seria aplicar porno sobre um plano de fundo moral, ou seja, gerar um choque de certo modo elétrico, sistémico, na mente do analista, impedindo-o de ver a sua própria imagem, a sua verdade social, não enquanto mentira, mas enquanto verdade social, pois se todos convivemos nos emaranhados da nossa teia de sentimentos e pensamentos, também gostamos de ir um pouco à beira-mar respirar mais alto, gorgulhar a água salgada e ficar, ocupando espaço na praia, porque é isso que o homem, no sentido territorial, animal territorial, gosta de fazer, ocupar espaço, preencher o ar que o rodeia...

—

5.

Quando ligo à minha mãe, logo pergunto: "Marcha ou quê?", para a animar, ou seja, marcha a carroça neste mundo de jumentos e falsos sábios ou até no sentido militar, estamos todos em marcha para algum lugar que não sabemos onde fica, eis planteado o apotegma da salvação eterna.

De modo que, por estratégia, para não aceitar a verdade nem ter que conviver com ela, o sujeito entra em negação e armadilha o coração de preceitos e trejeitos mais ou menos profanos, sendo que mais tarde se dá conta de que mais vale viver na verdade e o efeito que o virtual trouxe ao mundo de hoje (entre outras coisas muito boas que se podem aproveitar) foi a valorização do real, social, anatómico.

6.

Porém, a soberba não tem limites e muitos gostam de se pavonear, do seu status, representações, emoções sociais do sentir, experiências, mulher e daí em diante. É isso que o antropólogo estuda, a ostentação, enquanto a teologia estuda a pobreza e simplicidade feliz do Ser... Então, podemos perguntar-nos este contexto, o que ser? Sim, e para que efeito? Para ser feliz? Como havemos então de viver, diria Marc Augé e Peter Singer? Seria uma ***vita nuova*** ou apenas um eterno *ritornello*, paradigma repetitivo, escanção dos goles de vinho uns atrás dos outros, uns antes e depois dos outros, ou seja, o sujeito, no jogo do social, fala do que conhece, do que ouviu falar, e isso é boato, quer seja sobre a tendência sexual de um e de outro, de uma e de outra, quer seja pelas falcatruas económicas que vai fazendo ao Estado das coisas...

7.

Devemos também perguntar-nos: pode o homem criar sob condições adversas, ou seja, com o coração apertado, em plena necessidade de mostrar a alguém alguma coisa como "estou Vivo!", "Existo!"? O que é então a verdade para o sujeito? Será certamente a verdade social, porque ele vive em função do Outro, mas também pode viver em função de si mesmo e nem sequer ter imagem, essa imagem é um simulacro, não existe, por isso o sujeito vai gozando de uma certa liberdade para criticar, dizer mal ou bem, dizer, fazer, questionar... Na verdade, todo o artista gosta de miminhos e, por vezes, demais é de menos...

8.

Assim, entre verdade e mentira social, lá vamos andando no cenário mecanográfico das reproduções do comportamento, de que as telenovelas mostram o novelo, ou seja, o emaranhado da teia de relativas ligações face ao desejo do sujeito se libertar das amarras da sociedade, porque ele não se sente livre e quando se liberta de tudo, sente-se imediatamente prisioneiro. Não há conselhos nem fórmulas, a vida não tem critério, não tem a união que a antropologia lhe quer fazer crer, mesmo academicamente, teoreticamente, pois o homem contemporâneo está saturado e vive sem medo da morte, pretensioso, orgulhoso do que conseguir ou apenas quezilento e provocador, como "Eu sou o maior" ou "Eu sou maior, melhor, do que tu". É a luta dos galos revisitada e muitas falam de garganta e nem sequer se esforçam porque não perderam tempo a estudar e vivem da experiência e do que ela lhes dá, confiança e repetição, exaustividade que bem descreveu Deleuze.

9.

Mesmo assim, entre concreção do acessório jocoso e do reprodutivo que dá responsabilidade e prestígio, o homem vive numa mentira, talvez porque se entregou à vida religiosa e dela não sai porque é seu sustento simbólico, seja porque entrou na luta e vê o mundo social como uma luta e o seu nome enquanto consequência dos seus actos. Mas há mais, muito mais...

10.

Mas, na verdade, o boato não se gera porque o sujeito tem um in-devido comportamento? Não é ele gerado por um outro sujeito que pretende os eu mal? Pode haver, por outro lado, boatos positivos, como alguma mulher que está grávida ou alguém que arranjou um emprego importante ou concluiu os seus estudos, não importa qual a área de estudo. É do âmbito da sociologia perceber, portanto, todos os mecanismos do boato. Nós, ficamos pela relação entre imagem de si do sujeito e imagem pública, que ele demonstra e aplica, que ele cultiva ou vai gerindo. Na realidade, o sujeito evolve no tecido social não somente por ***alter-referenciação***, a remissão ao

Outro, à imagem do Outro, mas também por ***auto-referenciação***, ou seja, a remissão aos seus próprios princípios morais e de existência, circunstanciais ou especiais, em termos de festividade, trabalho, comemoração e prémio do que tem conseguido.

11.

Mas, por outro lado, se formos bem a ver, o boato não terá, digamos, uma origem verídica? E o que é, na realidade, a verdade social, a verdade do social? Porque distinguirmos entre Bem e Mal, fazer juízos acerca de tudo e todos, seguindo uma tradição judaico-cristã? Não é ela um certo princípio ordenador do real, um demiurgo sob a figura do padre que diz a Missa ao Domingo? Sim, precisamos da religião para nos sentirmos felizes, mais, integrados, mesmo que ela não nos mande usar o corpo senão para reprodução, pois o amor, cem como a totalidade, tem várias formas e princípios e não percamos de vista a ideia de fenomenologia de Espinosa…

12.

Então, como poderemos combater a corrupção (não somente moral) da sociedade humana atual e, em termos etnográficos, de Lisboa, sociedade onde nós mesmos, enquanto observadores participantes, vivemos, lugar onde fazemos alguma tese, síntese e poesia, alguma problemática, alguma telemática…

13.

Assim, enquanto a mulher religiosa está em transe do que é a sociedade (perfeita, feliz, magnânima) na sua mente, o ladrão sente o profano e a corrupção que lhe entra nas veias e droga-se para ir mais além, para atingir determinada meta, tal como Armstrong na Volta à França. Sim, a vida é uma maratona, somos emotivos porque também somos fátuos, fatídicos, melancolicamente saudosistas de um estado de perfeição e resolução social que em certo sentido dava alegria e sentido à nossa existência…

14.

O síndrome do sucesso costuma ser a celebração, não tanto a tristeza, porque estás só, ou seja, nenhuma vitória faz sentido quando estamos sós. Mas…e os alpinistas, os homens que andam sozinho em pequenos barcos em alto-mar? Na verdade, há uma *gape* entre o individual e o social, o sujeito não pode ser a sociedade, tem de haver esse hiato, essa solidão momentânea, esse perder para ganhar…

15.

O homem neutral moral é o analista, o cientista social, porque o sujeito actor social esvaziado de sentido acaba, por inveja, por se referenciar ao Outro, necessariamente, porque só o analista consegue ser imparcial, porque observa e daí tira conclusões, enquanto o sujeito social vive e desenvolve a sua ação por meio de instinto e pulsões as mais diversas de vida e de morte. Chegamos, assim, a algumas conclusões: o homem é eminente mente egoísta, quanto mais não seja porque sente que tem algo a provar para, de certo modo se sentir integrado, fazer parte ou para aceder ao prestígio ou às mulheres, como diria Lévi-Strauss e tal como se verifica nos Big-Men da Melanésia documentados por Bronislaw Malinowski.

16.

Boato, inveja, mentira social, eis os nossos principais itens neste ensaio, enquanto uns se preocupam com grandes coisas, outros vão ao pormenor, porque ora porque já têm a totalidade devidamente fixada ou porque são artistas, desenham o mundo num cisco insignificante, numa réstia de cinza do cigarro que vai ardendo e que é, ao mesmo tempo, a representação social da temporalidade na contingência do arfar quotidiano antes do descanso noturno...

17.

No teatro do mundo há de tudo, por isso não percamos o ânimo de viver, mesmo que nos critiquem, por vezes até faz bem, acerta-nos os acintoso passo e leva-nos a outras dimensões na realização completa do Ser. Se não fosse assim, positivo, estaríamos todos na Cartuxa de Évora, entre as freirinhas de Cister que lá se instalaram há pouco tempo. O homem não pode ser a mesma coisa toda a vida, ele vai-se adaptando, como um camaleão mutante, andando de um lado para o outro, procurando dosear e gerir a sua agressividade animalesca e, na maior parte das vezes, está ressentido para com muita gente, mas continua porque sente e luta por ganhar e, de alguma maneira, é vitorioso não antes, mas depois, sendo que a sua experiência traz, antes de mais, consequência e ensino para os mais novos. Daqui se prevê que a vida não é assim tão complicada quanto alguns (até filósofos) querem fazer crer, ela é bastante simples, resume-se a três, quatro itens, ideias, conceitos ou princípios, e a coisa segue no seu espírito, na sua vontade (e ***motu proprio***) de evolução, de evolvimento no tecido por vezes sedoso do corpo social.

18.

Portanto, o objetivo e intenção do homem, do que é feito e da sua mente, tem que ver, mesmo a felicidade o tem, com o cumprimento de uma ideia inata, de um desejo inicial, que, se tivermos paciência e tento, se soubermos gerir as expectativas, pode fazer-nos (ainda e sobretudo) bastante felizes. Muitos vivem felizes com a infelicidade dos outros. Há alguma coisa de amoral nisso? Eu não posso sentir-me feliz coma felicidade dos outros? Porque tenho de ser feliz todo o tempo? Só sou feliz quando verdadeiramente deixo de ser infeliz e isso não é todos o tempo, tem tento, as pulsações, batimentos cardíacos, também andam de alto a baixo aos saltos, tal como a geometria das emoções desejantes. Não somos máquinas, ainda, mas não tarda iremos ser, andróides, cyborgues, robôs e oxalá possamos perceber então, num âmbito futuro, o quão éramos felizes, ou seja, éramos felizes e não sabíamos...

19.

O sucesso, o dinheiro e a fama, sempre vêm e ilustram isso e muito mais, que a vida, a biografia, a remissão ao existente, não é plana nem achatada, nem tão pouco é uma nuvem lá no alto do céu, tem altos e baixos; embora muitos dediquem a vida inteira a construir fortuna para ter uma velhice descansada, realizada, outros querem ter tudo isso de um momento para o outro, por isso vão em descaminhos de antanho, em razões e reverberações de si mesmos e animosidade para com os outros. Quando a inteira felicidade é do âmbito do pensar, eles não compreendem, eis a culpa da América, levar tudo a fundo, provocar, procurar, pesquisar, em vez de Estar (deitando ou sentado no sofá), sendo apenas testemunha, comungando do corpo do mundo, como do corpo do deus que se manifesta em qualquer lugar, inauditamente, quando menos se espera, de um momento para o outro ou no final de uma vida de sofrimento e necessidade...

In Vino Veritas: uma nova forma de entender a embriaguês do saber

Argumento

Por vezes, quanto mais se faz, pior é. Há aqueles que não bebem e são pretensiosos, aqueles que bebem e o são e aqueles que bebem e não o são. Então, qual a verdadeira virtude da embriaguês do saber? Diz-se que na embriagues chegam as maiores verdade e elas não são nem pragmáticas nem ostentatórias, mas modestamente incisivas.

Desenvolvimento

1.
Diz-se da maçã podre que tem de ir embora, ser tirada do conjunto em que apodreceu, ser comida lá fora, fora do âmbito de um determinado grupo de mónadas ou rebanho onde, de resto, também se comem todos uns aos outros. Daí a embriagues, lida à natureza e a natureza das coisas, deste mundo e do outro.

2. Queremos, então, obter a vitória para tornar nos tornarmos dignos de admiração e honrar os nossos, mas não só, pelo gosto da vitória em si, pois nunca como hoje, nesta sociedade pós-metafísica, se teve tanta oportunidade de ganhar, em várias áreas, sendo que também, aumentaram as probabilidades de o sujeito claudicar, tal como uma medicação com efeitos secundários. Aliás, a própria bebedeira do mundo, leva o sujeito a fazer certas coisas, a pensar certas coisa que nunca pensaria se estivesse sóbrio, num registo de toca-e-foge ou de fuga para a frente…

3.

A embriagues de saber é, portanto gémea da fertilidade que gera um outro ser e envolve mais do que um sujeito, vai além da mera contemplação do mundo, pois só se pode contemplar só. Portanto, não estamos somente diante de uma luta de galos, uma luta de status, mas diante relações que na maior parte das vezes são o que se costuma chamar recentemente de "tóxicas". Mas, será a culpa, toda a culpa, da internet, do objecto virtual, das redes sociais? Não estará o próprio homem modificando a sua inteligência emocional?

4.

Temos, portanto, também, uma ***cultura da elisão do facto***, social ou essencial, existencial, ou seja, se aconteceu, podia estar bem ou estar mal, se não tivesse acontecido, podia estar bem ou estar mal, portanto, uma tentativa de reescrever o

passado através do futuro, de uma nova forma de entender o Tempo, a mudança, o sentido da vida, desconjuntando o Ser das suas mais influenciáveis variantes e dotando-o de uma nova potenciação face ao Devir.

5.

Portanto, a saúde de uns é extremamente boa e a de outros extremamente má, talvez devido à ausência de uma cabeça política forte, o poder está distribuído, mal ou bem, está disseminado, é partilhado e não há uma só voz social, portanto, a saúde pública não é homogénea e o conceito de estado-nação é meramente indicativo na economia simbólica do Ser.

6.

Portanto, o homem percebe que pode andar como nunca em busca dos seus objectivos, a salvação é individual, fora os estádios de futebol, em que é conjunta, a proliferação do coletivo, da ideia de grupo ajuda como nunca o sujeito a sentir-se realizado. Mas nunca como agora se sentiu tanta angústia existencial, talvez ainda pela existência de muitos que não estão verdadeiramente alegres, verdadeiramente felizes e enquanto uns têm uma felicidade real, assente na qualidade de vida e exploração desse conceito, outros têm de inventar a alegria…Ou não será apenas uma ficção, a ficção da felicidade, criada pelos noticiários e telenovelas, onde abunda a ideia muito americana de intriga policial, só para tornar a vida interessante porque excitante?

7.

Por outro lado, a ideia de domesti-cidade aumenta, procura-se estar confortável em termos de equilíbrio pessoa e coletivo, estar em casa e, por outro lado, estar além do Ser, num outro nível, noutros termos, "fora da caixa". Disso é indício o florescimento do universo da criminologia, do policial, da intriga de espionagem (aumentada pela difusão das redes sociais e virtuais) e a implantação da psicologia, generalizada até pela TV clássica, estatal, como ponta de panaceia para os males do homem moderno, onde se procura estar sempre bem e, por outro lado, onde a psicose tem a sua explicação e legitimidade societal, porque tudo se explica, tudo se compreende e, em última instância, a pena de morte não faz sentido…

8.

Por outro lado, a apropriação de sentido torna-se, mais do que presente na nossa sociedade, ***legal***, como se o magma do vulcão coletivo se expandisse pela terra, por cima de casas, em direção ao mar…

9.

A consciência coletiva torna-se circular, vítrea, científica e tudo é apreciado como se fosse uma iguaria, qualquer um pode ser rei, desde já porque tem um acesso ao mundo virtual, face ao empobrecimento do real, da existência, da contingência de estar alojado num compartimento de cimento, como vários filmes americanos demonstram...

10.

Face a uma certa distribuição anódina do amor, o homem experimenta um sentimento de liberdade como nunca antes sentido, pois tudo se proporciona e tudo se pode sentir, até ir contra o muro da morte e voltar. Portanto, há uma certa interdisciplinariedade do mal, do desejo, da morte e se ela deixa de existir momentaneamente é porque não existe nunca, sendo que paira, pela guerra, o pior dos medos da humanidade, a elisão global, o desaparecimento do grupo a que o sujeito pertence, coisa pior não pode haver nem se sentir... Por isso o homem se torna violento, abusa da sorte, tenta tudo e mais alguma coisa para se mostrar, demonstra, um cidadão válido, popular, famoso.

11.

Tudo se analisa, o homem é que se analisa a si próprio e aumentam as especialidades médicas, muitas assentes no segundo cérebro, que se soma à dupla personalidade do sujeito...

12.

Por isso aumentam as extremas-direitas na Europa, antes de mais pela noção de que o branco precisa de se defender mediante a ameaça de uma globalização desenfreada e até uma política da tolerância é eminentemente política...

13.

Além do mais, mesmo em termos académicos, não há novas teorias, há teorias dentro de teorias, como as Matrioskas, ou seja, o mundo está parado, pior, em desinvolução e qualquer desenvolvimento até da qualidade de vida, é puramente ficcional, não existe, embora seja registado, documentado. O próprio cinema reflete esse tema mais do que clássico do *self-made man* que luta sozinho contra a injustiça perpetrada por um grupo, o seu grupo de pertença ou aquele que lhe infligiu mal de alguma forma.

14.

A realidade é ora dócil ora violenta, mas seguros os passos do sujeito no campo do desejo, mas pode ter muitos alçapões, ou seja, quando estamos demasiado em casa, podemos cair no alçapão, ou seja, enterrarmo-nos muito mais, enquanto o espaço público nada traz de novo e mais vale estarmos em casa desejando não estar, do que não estar e desejando estar...

15.

Há, portanto, uma nova procura da felicidade, uma redefinição do que é ser feliz, ser bem sucedido, sem sem-abrigo, ser humano…além de Nietzsche e dos fascismos…

16.

A filosofia vulgarizou-se, esvaziou-se e teme-se falar de qualquer antropologia devido ao receio face ao placebo da antropocena, ou seja, a filosofia encerrou-se numa dança dentro de casa, num ritornello infinito e repetitivo, numa oscilação entre *fade-in* e *fade-out*…

17.

A realidade tem agora uma cópia, o mundo virtual, uma cópia a cores a partir da qual várias outras cópias podem ser tiradas, ante o prestígio do cidadão que se especializou num determinado do saber e do fazer, como na época medieval os monges e frades nos conventos…

18.

Sim, há a concorrência do lógico face ao onírico e filosófico, a ideia de que eu tenho de provar até o bem pelo mal para não me sentir marginalizado, para não entre no poço da solidão que me faria desaparecer, nem eu desejando a morte, porque, afinal, prefiro surfar na vida enquanto ela dura e ***extrair*** dela o máximo possível, prazer, realização, comunhão… Sendo que extrair significa tanto "tirar para fora" quanto "trair o ex", a ex…

19.

Ou seja, como já falei algures, o sujeito reproduz a corrida em direção ao útero da mãe enquanto era espermatozóide, ouve vozes, críticas, aplausos e até os papéis sexuais se redefinem porque a realidade biológica se pode redefinir, ou seja, o homem analisa-se a si mesmo e aos outros animais, que come, de uma forma, com a significativa influência da tecnologia e dos computadores, que são a mera replicação da sua forma de pensamento, que não é fixa, mas conjuntoral, quando as estruturas começam a cair, ela é antes de mais, evolutiva, adaptativa…

20.

Não queres saber a verdade, porque a verdade mata e tu não queres morrer, mesmo que tenhas morrido já para alguns. Por isso, vives na ilusão do saber qualquer coisa que é quase verdadeiro, por um lado, e que vai além da verdade por outro lado, sem lhe tocar, sem libertar o que está nessa Caixa de Pandora, quando isso já aconteceu em

alguém lugar e de certa maneira a tua praxis teve a ver com isso, mesmo tu aqui e ao mesmo tempo estando ali, além...

21.

Mas...será que todo o sujeito é cientista social, como pode parecer virtualmente? Na verdade, todos o podem ser, mas não são, efetivamente, tal como todos pode ser psicólogos, mas não o são, ainda que o possam ser, em regime autodidata, quanto mais não seja pelos conselhos que prestam em determinadas circunstâncias. E, se o conhecimento é perigoso, quando vai para às mãos de outros que não o seu autor, quando pouco tem, também a metafísica é perigosa, no bom sentido, para o sujeito e para o mundo que o rodeia, porque inunda de verdade o ecossistema, é localizável, traçável, detetável como uma rede pública virtual...

22.

Portanto, a noção de vão volta à baila, quanto mais não seja pelo vazio de existência que assiste ao quotidiano de um sujeito à deriva, que toca em pontos de apoio aqui e ali, como na escalada, mas cujo sentimento de grupo é puramente funcional, abstrato.

23.

Sim, a realidade é perigosa e quanto mais sabemos mais perigo corremos, ou menos, por outro lado, porque o Outro vai fugindo de nós e nós mesmos damos lugar a um Outro Outro, ao Outro que há em nós, ante o deslocamento de sentido para um lugar além, alguém, num canto de esquina, nem beco de uma cidade do leste da Europa, que ninguém olha nem contempla como arte, ficando nós, apenas com uma reprodução dela mesmo ou de coisa parecida e com a possibilidade de ser a nossa arte, a pictória, a multimédia, a cinéfila, quando todos podem ser artistas, nem que seja da sua própria biografia e existência...

24.

Daí o desejo mórbido de pensar o perigo, o abuso, o porno, a morte, o excreta, ou seja, preciso de alguma coisa que me faz sentir vivo e a realidade legal, legalizável, não me proporciona essa excitação, essa transgressão primordial que é ser o Outro permanecendo, em termos sobrepostos, Eu-Mesmo...

25.

Eis, então o patente, o batente, da noção do mundo às avessas, ou seja, o sujeito tem o seu mundo às avessas, enquanto o domínio público permanece na ordem, pacífico, quase dormente e é este desfasamento que explica a violência doméstica, por exemplo, há um desfasamento entre domínio público e domínio privado, ou seja, a busca da excitação deslocou-se do mundo íntimo para o mundo social e é neste entretém, neste entretenimento, que todos, mais uns que outros, mas todos, vivemos...

26.

O espírito português, portanto, está se apropriando de outras características e qualidades de outros povos, de outras nações, enquanto outros também se apropriam de nossos itens culturais, quanto mais não seja a melancolia, a paixão, o deixar-andar. Na verdade, é isso o que todo o turista procura entre nós, para alem da boa comida. E se o ser português é o nosso pano de fundo teórico, estamos no domínio não só de uma antropologia social, mas de uma etiologia praxística do povo que somos. A este propósito, cito um dos primeiros livros de Quintais "Melancolia Imprecisa" e o nosso "Curvas Apertadas", que descrevem esta oscilação do ser coletivo ante o tempo (que) passa, o sentido de rodoviária, ou seja o caótico do espírito errante de vendedores como o meu tio Mar, por este país, de alto a baixo, do interior para o litoral, que é nuclear não tendo nenhuma central, ou seja, é e desenvolve-se "em movência" (Prista), em alteração, "modificação" (Simmons).

27.

Eis, então, a vida como "bordel", como diz a minha tia-avó Florinda, como "negócio", como dizem os brasileiros, ou seja, qualquer coisa que é conceptualmente arrancada da mente humana coletiva, extraído, subsumido, para que se possa desenvolver autonomamente enquanto produção do espírito, logo replicação da existência e sua complexificação para que estrategicamente quer ela quer o sujeito possa sobrevir, sobreviver, amassar e replicar o tempo.

28.

Sim, a existência é qualquer coisa de movente e o homem precisa de se embriagar da felicidade, da realidade, porque perdeu a noção rousseauniana do bom selvagem, que por ora adota outras roupagens, como o camaleão, não é só um, mas muitos, entre Mal e Bem, quando é fácil ser-se mau, basta Ser, enquanto para se Ser Bom é mais complicado, tens de sofrer, sendo que no final, o Bom é redimido e o Mau condenado ao sofrimento eterno das brasas de Santelmo...

29.

Portanto, ainda sobre a Função Social do Filósofo, este, pelo brilhantismo da sua teoria, quer-se sentir superior, quer inclusive ser rei, governar, nem que seja de uma cidade apenas, como na Itália do renascimento, mas as tarefas são repartidas e, para poder, como o antropólogo, continuar a sua teoria, opta por uma conduta modesta para, aliás, não condicionar nem "destruir" o seu objeto de estudo, ou seja, o ***bicho*** humano...

30.

O filósofo adota, então, uma postura anímica, animal, ou seja, como na antropologia biológica e na etologia, se dizia de certos animas, protegendo quer as suas crias quer o seu território, seja, para anuência da elisão da sua doença mental, da sua neurose e psicose, o regresso a uma vida natural, uma nova forma de ser selvagem e ao mesmo tempo real e bom (selvagem), adaptando-se, confundindo-se com os outros animais, explorando as características e talento que o real lhe proporciona para que a cosia ande para a frente.

31.

Para ilustração da via académica, podemos dizer que o segredo do filósofo é rebater as críticas de que é alvo (ou que inventa), pela moral cristão, ou seja, "tu me ofendes, sob vários pontos de vista, e eu te perdoo", porque (vou) em direção a um Bem Maior, ou seja, a i-mortalidade, o prazer de estar vivo, a relação e ralação com os meus, o retorno ao sangue (Real), ouvindo a voz do sangue e descartando-me das ofensas no caminho como de escamas ou pústulas, no caminho, portanto, deixando de ser peixe para ser carne, deixando de estar dentro de água, onde sou frequentemente pescado, para reaparecer o meu Eu mais adiante, assumindo como Sou no âmbito da selva urbana de cimento... Portanto, opto por ser simpático, político, diplomático, porque quero que (o meu objeto de estudo) não desapareça...mesmo através da metafísica que se (me) desenha no horizonte...

Do Ut Des: Da Gratuitidade da Bem-Aventurança na sociedade liberal do capital

Argumento

A Igreja defende a bem-aventurança da gratuitidade, enquanto a economia se desenrola, entre penúria e abundância, sob a mão-invisível de Deus.

Desenvolvimento

1.

Portanto, temos desde já dois registos diferentes no âmbito da nossa argumentação: a Igreja, que defende a gratuitidade, a falta de atenção aos dinheiros, à economia, em termos gerais (porque tudo se há-de compor) e a teoria marxista antropológica, que defende uma intervenção, mais, uma compreensão da realidade do homem (porque Deus não existe, mas o Homem).

A mão invisível Deus: bela expressão para começar este ensaio de antropologia mais do que económica, metafísica. Na verdade, vou andando neste ensaio, sob a tentação de ver televisão no quarto e de desliga o jogo da Bulgária na TV da sala, ante a verborreia dos filósofos, tentando "dar um tempo" que o antropólogo social usa para se expressar.

2.

Precisa, então, o sujeito, da parcimónia, virtude mais ou menos teologal, para se sentir feliz, porque existe e se desenrola no quotidiano como homem moderna, enquanto outros vão fazendo suas falcatruas no âmbito de uma luta de galos do status ou qualquer outro motivo menos percebível, idiossincrático.

3.

O mérito, então, do sujeito empreendedor, e de resto de qualquer autor, é sobreviver às críticas e aos achaques do quotidiano, ou seja, ele pode apagar-se ao longo do caminho, mas a consciência de si reaparece mais adiante e ele almeja que ela seja forte e clara ao cortar a meta do conhecimento. Então, ele doseia, faz medições, faz até um cálculo da sua substância moral e de como a pode ir dispensando no caminho.

4.

Para os católicos, tudo é gratuito sob a égide de Deus, mas o padre precisa do seu salário, assim o decreta o Estado, laico, republicano, gerido sob as instâncias da economia de mercado, onde se dá para receber, em termos fiscais, em termos da economia doméstica. Mas, no caso português, parecem funcionar os dois sistemas, pois a Igreja está integrada tanto na vida social como na imagem que se dá ao exterior.

5.

Assim é o caso dos vírus, o Covid-19 e os vírus informáticos. Alguns organismos e dispositivos sabem conviver com ele, outro não. E qual o vírus do mundo actual? Não é decerto o vírus da filosofia, no entanto todos a admiram, mas ela é pobre, por isso alguns a odeiam e foge a qualquer voz para a reflexão que, sempre, a vida precisa.

6.

Assim, temos, de um lado, o homem social, do outro o homem existencial. Enquanto um procura o lucro a todo o custo, satisfazendo-se pelo bem-estar económico e normalmente seja iletrado (ou quase) em todos casos, havendo excepções, do outro temos aquele que se procura inserir no meio ambiente não pela via económica mas pela da idiossincrasia e integridade do espírito, o que não que dizer que não possam conviver os dois registo e, enfim, esse será o homem digno, formador, prestigiante para a sociedade, pois enquanto a Igreja prega a parcimónia, muitas bocas há para alimentar e aquele que sabe lidar com o dinheiro, ou seja, não o desbaratando totalmente em termos egoístas, está mais próximo ser santo. Mas…pode um rico ser santo? E um sem-abrigo ser, santo ou outra coisa com utilidade social para a comunidade? Ambos se perderam, o rico e o sem-abrigo, porque, de certo modo, ficou sua mente emaranhada no tecido do social, um só sabe fazer dinheiro, o outro não o pode ver…

7.

O sujeito, bloqueado que está, procura continuar no trilho, uma transvia, ou seja, uma forma de prosseguir a sua existência mais ou menos atribulada, sem recorrer demasiado aos outros, sem grande alarido, mantendo o génio da escrita escondido numa pequena caixa com notas e moedas, para dar sorte, para que a sua escrita possa um dia ser reconhecida, aquém e além fronteiras, sendo que "santos da casa não fazem milagres". Na verdade, segundo o pensamento tradicional português, "santos da casa não fazem milagres", portanto há uma exogamia de grupo mesmo ao nível do saber técnico, social e sexual…

8.

Então, porque é que o grande autor é normalmente pobre e tem uma vida quase miserável, não vivendo da sua escrita, não dando aulas numa grande universidade, não tendo grande vida familiar? Os exemplos são mais do que muitos, mas muitos têm uma vida boémia, até, e não se importam de gastar suas fortunas em pouco tempo em mulheres, vinho, drogas. O mistério permanece e não somos nós que vamos dar respostas, entre um monte da Oliveiras e o Rimbaud ou Rilke, há de tudo neste cardápio onde se consomem as mais variadas iguarias. E, porquê, mesmo no hagiológico, poucos santos são-no durante uma vida longa e a maior parte ou faleceu em criança ou jovem ou

passou de um lado para o outro da barricada em metade da sua vida, como Santo Agostinho?

9.

A vida é, então, vista como um combate, aquilo que cumpre o destino e a existência é o corpo, mais, a união do corpo com o espírito, no âmbito de uma determinada especialização (do saber, das modalidades desportivas como o MMA). Essa união reaviva a luta antiga das cavernas, das pradarias, da estepe, a cavalo ou a pé, quando o homem caçava mamutes e leões, enquanto hoje em dia há reservas para tudo, para o comportamento e o discurso, para os índios americanos, seja do norte sejam do sul, para o lince ibérico, para as abelhas e as formigas...

10.

Assim, o filósofo vive e sobrevive frustrado, imerso nas suas questões e na sua frustração, mas talvez mais feliz do que o futebolista do Manchester City, que nunca deu a volta, que sempre fez aquilo, que não conheceu grandes doenças nem desafios mentais ou sentimentais. O corpo do poeta e do autor é um corpo orgânico, não mecânico, assim como há, como dizia Durkheim, sociedade de solidariedade orgânica e solidariedade mecânica, sendo umas mais complexas e as outras mais simples, mais funcionais, enquanto as outras são mais competitivas e talvez até menos ostentatórias. Porque o poeta vive exilado, ele precisa da melancolia, da tristeza, para produzir os seus versos, ele vive da sebe do fado, de um destino mais ou menos traçado que lhe dá o sentido de finalidade, de certeza, de que precisa, porque todos, um dia, vamos morrer. A morte coletiva antecipa-se na sua mente, é a sociedade que morre, para ele, enquanto ele morre para a sociedade, não sem um sentido de regeneração salvífica, de ressurreição, como Cristo anunciou...

11.

O homem do senso comum anda, portanto, entretido e imerso no seu mundo no seu universo que é a língua e conhece pouca complexidade teoria, melhor, não relaciona a complexidade teórica com a técnica, o conhecimento do mundo, a não ser algumas exceções com certos artistas. Para ele, a vida é a vida de todos os dias, o passar dos dias, sem se preocupando com grandes conceitos e condições filosóficas, como a morte, o suicídio e outros itens que se ensinam nas escolas. Enquanto isso, o filósofo faz de tudo interrogação as suas interrogações são tanto radicais quanto a sua situação económica piora, ou seja, quando tem dinheiro, normalmente não o sabe gerir. Eis a condição de um e de outro, pois um e outro existem e nunca deixarão de existir, enquanto houver, no âmbito societal, uma separação clara entre técnica e ideologia. Mas, em tudo isto, os meios de massas têm o seu quinhão de responsabilidade, porque forma, digamos, de uma maneira pouco académica, privilegiam o resultado e não o processo, pois hoje em

dia o sujeito não se oferece gratuitamente a esforços intelectuais. Muitos chegam ao fim da vida arrependidos de não terem feito certas coisas, mas não lhes ocorre, em tantos anos, o prazer de pensar, enquanto a pulsão de fazer, de ter, de amealhar, lhes persiste na personalidade e nos dias. Talvez obedeçam a velhos ditâmes da razão costumeira, da hereditariedade ou da cultura e é isso também o objeto da antropologia social.

12.

Sim, o homem de hoje é o homem prático, descomplexado, económico, verdadeira fera do palco da vida, porque essencialmente o cinema norte-americano propulsionou isso e há ainda quem diga que o império americano está em declínio, nós achamos que o império pode estar em declínio, mas a sua cultura continua a expandir-se, apesar da China, do Japão e do poder militar do provocador da atual guerra da Ucrânia que, curiosamente, não tem nome...podia até ser, para darmos um exemplo à socapa, *O Murro de Berlim...*

13.

Vivemos na sociedade da participação, entre os direitos humanos defendidos pela esquerda e pela Igreja e a acumulação de riqueza no norte, que deu origem a Hollywood, não tanto um princípio moral ou uma norma mais ou menos estática desenvolvida por um grupo de autores, porque, enfim, os atores não fazem filmes gratuitamente, têm a sua dose de esforço artístico e, de certo modo, o seu papel social, numa sociedade onde o social não é organizado da mesmo forma do que, por exemplo, na Europa ou em África.

14.

O homem está, portanto, preso, não dentro de uma cadeia, mas dentro de um apartamento, preso nos seus pensamento, bloqueado porque não consegue avançar para o pensamento seguinte e por vezes passa algum tempo até que consiga sair de casa ou ir mais longe. Daí que o homem preso, não por um delito qualquer, mas porque é um vencedor e tem receio de ser famoso, é o ***homo economicus***, muito depois de ter sido o *homo sacer*...

15.

Portanto, fazer reflexão no momento, em cima do joelho, pode revelar-se bastante frustrante, fonte de grande desalento, pelo impacto de que a certeza ou, por outro lado, a dúvida, se instala na mente do autor. Porque se faz história não acerca do momento presente, do instante atual, mas depois do momento.

16.

Daí que a moeda atual seja o desejo, moeda de dupla face, que tem dois lado e eis que se desenrolam também assim as relações, tem duas fases, a festa (enquanto dura o namoro e os primeiros anos do casamento) e a desilusão e o esforço por manter a fachada social. Mas há amores que duram para sempre, mesmo os monogâmicos, enquanto outros dois ou três dias, enquanto outros, finalmente, nem chegam a ver a luz do dia e mantêm-se nas recônditas reentrâncias do ser errante e peregrino, próximo ou afastado de Deus. Por isso, o amor perene é o amor a Deus, o amor de Deus, o amor vertical, e quando a minha amada está à minha frente e o seu olhar foge para cima, como diz a canção da banda GNR...

17.

Então, porquê uma tradição italiana nos EUA? O país não estava pejado de ingleses, brancos, e africanos, quando se diz que a colonização britânica não teve escravos e foi mais violenta do que a portuguesa e, por exemplo a espanhola? Hollywood documenta tudo isso em vários filmes, veja-se *A Cor Púrpura*, *Amistad*, *Out of Africa* e tudo o mais.

18.

Por vezes, na realidade, a vontade embate em determinados princípios ético-estéticos, ficando por ali, no desvio do Ser, ou, se esta for perfurada como um coador de cozinha, pode atravessá-la e ir mais além, são estes os regimes de ser, entre lucro e prejuízo, numa economia onde o homem de certo modo abrandou na sua vontade de ser andróide, ciborgue e voltou à sua humanidade, humildade, ainda que desvairado pela tecnologia que propulsiona o desejo de **estar onde não se está**, como diz a canção.

19.

Há, portanto, como na moda feminina, um espírito descritivo da realidade, optativo, selecionando o que é e não é bom, o que é cara e o que é coroa, o que é positivo e o que é negativo, sendo que a moeda é o melhor de dois mundos e, de certo modo, a moeda, mesmo sob a forma de nota, papel (trabalhado, prensado, como num remate à baliza, ou seja, é a hóstia da economia...entre religião, obviamente, e mundo real, do crime, da violência a vários níveis, do abuso, no final, da falta de ética.

20.

Na verdade, o que motivou tudo isto não foi tanto o estado de separação entre secularismo, laicismo, e religião, Igreja, mas um movimento interno na mente do homem que o conduz a agir de determinada maneira, não se sabe bem como nem

porquê, mas cujos os resultados são vistos, só para citar um exemplo, na TV, com um sentido apocalíptico que o antropólogo partilha e até, em certo sentido, propulsiona, favorece, defende, porque a maioria da antropologia é marxista, seja, não promove a ideia de Deus tal como Spinoza ou Emmanuel Mounier o fez...

21.

E hoje, além da economia, do comunitarismo, da cidadania e do PIB interno pessoa, a NASA ensaio o primeiro teste de defesa interplanetária, o que pode ser sinal de que o homem precisa de se defender e aquilo que foi construindo ao longo dos anos. Pode também querer dizer que uns vão fugir e talvez vivam para sempre, sob a égide o elixir da eterna juventude, por isso eu prefiro morrer, como as plantas e os bichos, mesmo que não haja continuidade, como as estrelas, que brilham no firmamento e logo logo se apagam e desaparecem, em vão, de *fade in*, desaparecendo sob a escuridão na explosão de si mesmas. Como o estrume que acaba por fazer nascer novas semente, a terra vai andando no seu caminho, localizada em si mesma, envolta num desejo terno de vida eterna, na proliferação das imagens saturadas e repetitivas, sob lógicas diversas, sob os passos de alguém na areia do deserto...

22.

Assim sendo, o homem que progride identifica-se a si mesmo não tanto na economia de esforço, como os jogadores Insúa e Suárez, mas na gestão da criação, do suor, como numa quinta, portanto, na gestão daquilo que tem e do que não tem, sendo que há como certa uma economia da ausência, ou seja, uma especulação a partir do nada que vale pelo esforço e que, quando injetada com algum montante, pode desenvolver grandemente, ou seja, eu tenho o meu grupo e participo dele, dou para que dês, dou para receber ou, envolto num regime de gratuitidade cristã, ofereço a minha irmão sem esperar nada em troca (as bulas e indulgência), dou para pertencer (ao grupo, à associação, veja-se as quotas de associado), portanto, o jogo do grupo tem que vem com um certo sentido de substituição, de mãe invisível que está ora patente ora escondida...

23.

O homem atual não pode estar parado, tem de andar sempre a girar, como diz a canção de Alyson Moyet (*Move Out*) ou dos Jungle (*Keep Moovin'*). É o tempo dos grandes festivais e da manifestação de um novo romantismo, o das canções pimba que denunciam uma selvagem orgia de corpos que se roçam uns aos outros, enquanto certa música defende a identidade pessoa e a sua independência circunstancial (não fatal) face ao grupo de pertença, ao grupo de momentânea associação. E, curiosamente, talvez pela recente morte do DJ Avicii, as raves deixaram de estar presentes na TV, a não

ser por um canal exclusivo da TV por Cabo, enquanto os conventos e a vida religiosa (das ordens), conhecem um novo alento um novo refluxo de vida como as ondas de um mar revolto...

24.

O meu gatinho Farp, nestes dias felizes de produtivos, vai de quando em vez à mesa do Atelier Rose e com a patinha deita os lápis de cor que aí estão para o chão. Talvez me esteja indicando "não faças isso", seja, não desenhes (mais), não insistas, tenta outra coisa. É uma verificação, enquanto adiou para talvez nunca mais a possibilidade de ser professor de Filosofia, pois o que faço com a cabeça, com a minha mente, não é senão outra filosofia, uma alternativa à eterna necessidade de citar certos e determinados autores (sempre os autores...), é talvez uma indicação para fazer outra coisa, evitar *merdas*, digamos assim, para ser direto, e ir direto ao assunto, oscilar e viver sob a égide da moeda, da gratuitidade e do lucro, já é tempo de fazer lucro, de ter proveito, pois por vezes não sabemos (e não é bloqueio), o que escrevemos e porque escrevemos...

25.

Portanto, relaciono os registo biográfico, geográfico na geologia e genealogia da moral, para identificar camadas do real, como se ele fosse constituído também, como as escamas de um peixe, pela possibilidade de dedilhar politicamente a hipótese de sonhar com outros lugares estando aqui, de salta da antropologia para a filosofia e permanecendo nessa instância do saber até que um dia vá habitar a habituação de uma nossa casa, de um novo Ser de cimento associado a mim...

***Salvifici Dolores*: Que religião é esta que glorifica o sofrimento?**

Argumento

A religião, melhor, a Igreja Católica, ou cristã, em sentido lato, confere ao sofrimento, físico, e psíquico, uma valor que não se encontra fora dela, em outros registos societais. Mais, a religião faz do sofrimento algo com sentido, ou seja, fora do âmbito daquilo que a tradição pagã chamou, através dos tempos, de masoquismo ou sadismo. A dor, realmente, salva o corpo para outro lugar que ainda existe noutro mundo, antes do Juízo Final que o e-levará para sempre ao Céu. Este é o nosso argumento.

Desenvolvimento

1.

A razão peregrina anda de um lado para o Outro, o sujeito não sabe bem o quer, mas umas vezes insiste outras desiste, não de todo, porque tem confiança numa força exterior a si, para a qual caminha e sobre a qual faz sentido pensar, meditar, rezar, agir. O sofrimento tem sentido e só percebemos isso quando ele se foi embora, está fora de nós, no universo de outra pessoa, ora pairando no ar, hora caindo no chão de terra como gota de sangue.

2.

Então, como entender o fenómeno do sofrimento humano fora da teologia cristã? Que correntes percebem este fenómeno, quer sob o ponto de vista da psicologia quer da espiritualidade, porque há uma espiritualidade sem Deus, ligada à natureza (das coisas e das pessoas) e ao cultivo do Eu no sentido radial da sua influência recíproca com o meio, o meio ambiente e o meio social.

3.

Se por vezes o sofrimento é inelutável e atroz, talvez seja porque não confiamos em Deus, essa entidade que nos faz sentir menos o corpo e para a qual projetamos a nossa agonia e estertor, a nossa bílis. E porque não o fazemos quando estamos irados, em vez de chatear o vizinho, em vez de procurar um bode expiatório? Porque somos fracos e mesquinhos, simplesmente humanos que fazem o papel de Deus, esse Deus que é todo o mundo, todas as pessoas, mónadas, e mais alguma coisa, que resulta de estarem juntas, mesmo que algumas não acreditem. Que seria do mundo se todos acreditassem e com igual grau de intensidade? Seia, talvez, qualquer coisa de bom ou qualquer coisa de mau, pois Ícaro tanto se aproximou do sol que acabou por se queixar, portanto mais vale

estarmos entretido no afã do nosso dia a dia e visitar a ideia de Deus de quando em vez, para não inflamar-mos demasiado os ânimos e nos deixarmos ir no meio termo, sem grande confusões e excitações porque, aliás, toda a festa tem a sua ressaca e a qualquer droga ou rave segue-se a ressaca, procurando o homem a todo o momento estar em casa, estar equilibrado, compensado, feliz no que tem que fazer.

4

Cristo sofre, os mártires e outros santos sofreram. É porque, então, há um certo sentido no sofrimento, pelo menos para os cristãos. E para os outros, aqueles que não acreditam na sua mensagem? Aqueles que preferem morrer a sofrer? Tudo depende também dos avanços médicos, da evolução da medicina, então, Deus caminha lado a lado aos cientistas na descoberta de uma vida melhor, é a conclusão que podemos tirar deste teorema, desta equação.

5.

Podemos, então comparar o sofrimento ao desejo? É tido que quem tem menos prazer tem menos sofrimento, quem tem mais prazer, acaba por sofrer mais, porque busca a excitação e se vai tentando equilibrar entre excessos e defeitos na experimentação e prova do mundo.

6.

Poderemos, nesta ordem de ideias, comparar as cores aos matizes dos sentimentos e das emoções que a psicologia estuda? Aparentemente sim, o preto e o branco são emoções extremas e nem sempre sofremos integralmente, por inteiro, com a alma e o espírito, há uma mistura por vezes entre dor e prazer como quando, por exemplo, choramos a rir...

7.

Nós mesmos experimentámos um sofrimento extremo, da ordem do psiquiátrico, por meio de diversos fármacos e sentimos dores que não sabíamos existir, só para condicionar o nosso discurso e comportamento, só para voltar à normalidade, portanto, quando o sofrimento é desumano, inumano, deixa o homem de acreditar em Deus, pois vive na constante nostalgia de uma felicidade perene...

8.

Numa partida de futebol, a tática nem sempre é a mesma, defesa baixa, linhas abertas ou fechadas, sair a jogar, são algumas das mais comuns expressões. Por vezes, a equipa que ganha precisa de recuar no terreno, queimar tempo por meio de falta, "saber sofrer", como se diz. Por isso, poderá a ciência moderna acabar com o sofrimento? Ele não está intimamente ligado ao prazer, o anal, o psíquico, não ouvimos já alguém cujo

riso para choro, que varia de um lado para o outro, como os bebés, quando não sabemos se está a chorar se está a rir, como dissemos anteriormente. Portanto, tentar elidir o sofrimento seria elidir o ser-se humano, sendo que devemos ser masoquistas? Como se mede a dor? E o prazer? Pelo movimento e ausência dele?

9.

A dor, o sofrimento, podem não ter uma origem no sujeito, depende também do Outro, ou seja, pode ser o resultado da quebra de uma relação com alguém, um amigo que se vai, um pai que está prestes a partir, ou seja, é difícil agarrarmo-nos à vida quando sentimos que até a nossa partida está próxima. Mas…não é para isso que serve a antropologia, a filosofia, a religião? São áreas que tratam dos sentimentos, mais ou menos profundos e não lhe podemos pedir que defendam à força o Kamasutra, nós é que, por vezes, não conseguimos fazer "as ligações" (M.Tavares).

10.

Sim, até na sexualidade, como nas relações humanas, a dor se confunde com o prazer, quando sexo em excesso também faz mal e desequilibra, mas nós não, temos pressa, entramos numa vida de excessos e não sabemos para, porque todos se queres mostrar, que estão vivemos e que estão fazendo alguma coisa, nem que seja sofrer à brava…

11.

A grandeza do Homem reside não na sua suposta divindade, mas na sua grande e humilde humanidade, ele, apesar de sofrer absurdamente, em termos psíquicos sobretudo, mas também em termos físicos, continua a acreditar num Deus que fala através das suas coisas e cuja língua e linguagem temos de aprender a ouvir. Por isso, tratemos Deus também não como um Pai distante e absoluto, mas como um Irmão, como Cristo foi, saibamos falar com ele intimamente quando o nosso corpo repousa sobre a cama, à espera de sítio mental e sentimental para dormir, olhando um pouco para o passado, revendo o nosso dia, rezando talvez um pouco, perdoando àqueles que nos ofendem, claro que custa, custa bastante, ser humilde e outra coisas, cristãs e budistas, mas se não custasse não valeria a pena, daí o sentido, todo o sentido, da ***coisa*** do sofrimento cristão humano…

12.

Adiantámos então algumas ideias basilares da nossa argumentação sob o pano de fundo o conceito de que o sofrimento "faz parte", é cristão, depende da nossa fé se o suportamos ou não, mas depende de nós também, se temos ou não adesão ao sobrenatural que há em nós, transmitido pela via do sangue desde tempos imemoriais, mas que também se distribui, como um ***vírus***, num vão de escada da escola, num parque

infantil, de pais para filhos, numa corrida, entre quem por nós passa, no metro, entre quem se senta ou fica em pé, no simples exercício de uma caminhada no bosque mais próximo. Independentemente do lugar, deus manifesta-se, portanto, quando menos se espera, quando o procuramos obsessivamente Ele esquiva-se e só aparece quando estamos absolutamente desesperado e mesmo assim pode não aparece, mas está lá, como nós estamos, cá.

13.

Em outro tempo, quando andava nas obras com o meu pai, custava bastante a levantar, a preparar o espírito para a carga de trabalhos nas mais de dez horas que estávamos na obra, mas sabia bem a cervejinha à hora intermédia, sabia bem o regresso na parte de trás da Mitsubishi e sabia bem o ordenado ao fim do mês, e depois o estudo até corria melhor e acabávamos exaustos na cama depois de ver alguma TV à noite...

14.

Por vezes esforças-te demais, continuas trabalhando, bolando alguma coisa, como diz o brasileiro, insistes e continuas, como que fazendo minagem ou garimpagem em busca de um metal precioso, como os alquimistas, para te dar alegria, ou então fazes o que os alquimistas faziam, estudas a vida (e a morte), para encontra um quinto elemento, o Santo Graal, o código da vida, falando de etologia, de substâncias que estão na terra e são transformadas, falando de halo e haologia, uma ciência que descobriste e que pretende unir o halo ao holograma, ou seja, dar uma boa imagem do que é ser-se homem, ser-se espírito, espiritual, ser honesto para ti mesmo e para com Deus, para com os homens, mesmo que alguns se aproveitem disso, quero dizer, da tua ingenuidade que, no entanto, tudo resolve porque é feliz e se estamos felizes, logo com saúde, nenhuma crítica nem nenhum adversário nos poderão vergar...

15.

Portanto, se o sofrimento é invisível, ou seja, não se pode vencer uma poção de sofrimento na farmácia, os seus efeitos são visíveis, ou seja, por exemplo, a depressão não se vê mas ela instala-se sorrateiramente no nosso espírito, como um vírus, um veneno, que ameaça matar-nos lentamente. A maior parte das psicoses e neuroses envolve outro tipo de sofrimento, mais crónico e como que nos tira do mundo e nos joga para uma dimensão (do EU, da relação com os outros) que pode acabar por nos isolar do mundo em instâncias próprias onde o sujeito se devolve à sua trama psicológica. O grande tabu, pois, dos nossos tempos, não é tanto o cancro ou outras patologias, mas a doença mental. Ninguém quer ser tomado como louco e mesmo o TOC se desenha, dia após dia, nessa luta, pois é qualquer coisa, uma forma de pensar ou de fazer, que invade o espírito e o toca ou, por outro lado, como as doenças físicas, um objeto estranho que se

alude ao corpo e o degenera. Daí o sofrimento. Mas...ah! E o sofrimento do coração? Faz-nos sentir vivos, até quando deixamos de ouvir as nossas músicas prediletas...

Quando somos jovens, tudo é mais intenso, até os exo, quando amadurecemos vamos pensando noutras coisas, em outras prioridade e vamos apreciando a vida, os dias, o caminho, à medida que caminhamos, nãos e sabe bem para onde, mas há ideia comum, muito ocidental, de que o caminho é em linha reta e tem um fim...Hellás! Para outras formas de acreditar, o caminho é às voltas e não tem fim, não se esgota no desaparecimento físico, sim, mesmo entre nós há quem a credite nisso, nessa descontinuidade entre a vida e a morte, entre o fim e o princípio, o Alfa e o Oméga, o Bem e o Mal...

16.

Assim, temos os registos temporais mais diversos, desde a hora ao dia, desde o momento à década, ao século, instâncias com que marcamos o tempo, para que ele nos favoreça ora com chuva ora com sol, a bem da cultura das coisas que se comem, a bem de nós mesmos ante a mesquinhez que vamos sendo e pela falta de enxerga de certas coisas que sempre tiveram ao nosso alcance e que só agora, ainda que ainda estando sós, descobrimos e cultivamos, como um bonsai, um animal doméstico, um novo amor que esperamos acontece, mesmos sem sexo, sem contacto, sem contiguidade corporal.

17.

O mais incrível é que Deus não procura as ligações óbvias, podemos estar num bosque a céu aberto e não detectar a sua presença. Podemos até estar dentro de uma Igreja e não o Sentir, mesmo que o sacrário ateste a Sua presença no templo, podemos, por outro lado, estar dentro de uma caixa, que é a nossa casa, uma caixa de cimento, e Ele fazer-se sentir, não imediatamente, mas resultado de um trabalho e, quando estamos perto de soçobrar, Ele está connosco, e está mesmo que partamos, de um momento para o Outro, porque, podia, como se diz, sem bem pior, e ainda que o seja, Ele está lá, se não dentro de nós, cerca, bem perto, ao redor ou apenas vendo as nossas ações e vigiando os nossos pensamentos, telepaticamente, ao longe...

18.

Uma vez, Lily chorou à minha frente. O pai tinha-a posto fora de casa e eu fiz-me namorado dela. Estava descomposta, rendida à sua trágica condição. Por vezes, todos estamos assim, apetece-nos desistir, deitar a toalha ao chão. Olhamos em redor, como a capota do toureiro, para baixo, circularmente e depois para cima, sem levantar a cabeça. O movimento, além de nós, existe, faz-se proporcionar, proporcionado, torna-se testemunha. Nada mais somos do que gatos ou cães ou até crianças, só que com uma grande dose de loucura e malignidade. Sejamos testemunhas da nossa própria vida e tudo vai correr melhor. Reflitamos, olhemos para nós, olhemos por nós enquanto é

tempo e façamos algo de Bom, antes de mais para connosco próprios, sejamos testemunhas do nosso pensamento do nosso agir. Porque, um dia, poderá ser tarde demais...

O gatinho está comigo, olha para mim fixamente. Pode não parecer, mas ele, na sua animalidade, pode compreender Deus melhor do que eu, Ele pode estar com ele, dentro dele e eu não estar a apanhar um cavaco, não estar, na minha soberba, a perceber patavina do que se passa. E a música recorta o ar em volta e tudo continua, ora como antes, ora como depois, conforme ou não com o que vai acontecendo...

Multitudine Virtutis Dilectio:

De como a virtude se desfaz com as massas

Argumento

Há sentimentos que nunca recuperaremos, que carregamos sem dele nos apercebermos e que condicionam a nossa ação. Outros sentimentos são predominantes. Pretendo defender a ideia de que a sabedoria e a virtude são qualquer coisa do âmbito do individual e que na selva o homem se desvia de um caminho que lhe poderá estar traçado à nascença…

Desenvolvimento

1.

Na nossa asserção de que a multidão subverte o desígnio individual, não pretendemos dizer que o homem deva ficar só, que a sua vontade é traída pelo jogo social. Pretendemos dizer que o homem é um ser social, mas que perde a sua vontade individual quando arrastado pelo magma da populaça em desordem, ou seja, há o sujeito que sem mistura com o grupo, que vai atrás de todos os outros e há a ovelha negra, aquele que pensa por si mesmo e cujo desígnio é pautar a sua atitude e comportamento por meios próprios, *au-delá* do que pensa o grupo. De resto, é este todo o princípio de qualquer sociologia e antropologia, até de qualquer política mais ou menos metafísica.

2.

Então, o que deve fazer o sujeito, ser a ovelha negra ou misturar-se no rebanho? Se fores filósofo, decerto que ficar a maior parte do tempo sozinho, se fores outra coisa sem pensamento autónomo, decerto que andas no meio da rebanhada. EU próprio, no meu percurso de vida, andei no rebanho da Igreja e não me senti mal, ainda cultivo uma certa religiosidade que me faz sentir parte de, pertencer. Mas tenho vida própria, luz própria. Em tempos, aderia ao partido Bloco de Esquerda, tendo sido candidato numa das listas, nessa altura, este partido era tudo menos poder e rebanhada, antes pelo contrário, estava cheio de gente que pensava autonomamente, que tinha uma ideia própria e autonomia de pensamento sobre o que deveria ser a sociedade…

3.

Neste preciso momento, sinto-me só, mas não me apetece sair para ir até à cidade, uma cidade em que tenho mais conhecidos, gente de circunstância, do que amigos verdadeiros. Aliás, também na aldeia não os tenho. Então, porque fiquei sem amigos? Não sei explicar, talvez esteja há demasiado tempo nos mesmos lugares, ligados pela via

férrea, talvez seja demasiado conhecido por certas coisas e esquecido por outras, ostracizado. Mas continuo a lutar, como estou fazendo com este escrito.

4.

Aliás, o risco de ficar sozinho aumenta à medida que pensamos pela nossa própria cabeça. E a solidão aumente, instala-se e depois nos corrói por dentro, como um cancro, até um dia... .quem sabe?...

5.

Diz o ministro da Economia que nos esquecemos do motor da economia, o turismo. Ainda bem, digo eu, o país precisa de tomar outra direção porque o turismo não é sinal de país desenvolvido, como a indústria e o comércio. Ainda assim, Portugal tem turismo, mas por outro lado, a sua agricultura também é fraca, enquanto o artesanato é abundante.

6.

Estamos, então, como defendia na minha tese, entre o Estar e o Ser, entre o Andar e o Parecer, quando procuramos também a todo o momento o Pertencer, ou seja, fazer relação, ralação, mas queremos ficar originalmente só porque há uma tentação obsessiva de vencer sozinho, até para que o grupo (ou a corrente filosófica), nos adote. Isto acontece, de certo modo generalizado entre os animais, diz-nos a teologia: o sujeito faz tudo e mais alguma coisa para ser aceite e, a meu ver, é isto que acontece com o escrito, esse processo, essa tentativa, ele escreve para ser reconhecido pelo grupo. Mas que grupo? Não tem já família? O grupo de amigos, um grupo profissional, uma associação? Ou a sociedade no seu todo? É isto ser-se famoso, figura pública, estrela?

7.

Portanto, um dos princípios por mim descobertos da vida social tem que ver com o desânimo após o êxito, como se fôssemos mais amigos dos outros na tragédia, e isto é decerto verdade, enquanto alguns andam de celebração em celebração, à procura de satisfação contínua ou explorando uma certa obscenidade que nada tem de puro, de prazer em prazer, de mulher em mulher, sem fim, sem freio. Mas, mais uma vez, quem sou eu para condenar isso?...

8.

Então, a tragédia abate-se sobre o filósofo, que tem por cariz ser um ser solitário, envolto desde a manhã até à noite nos seus pensamentos especulativos e por vezes até obscuros. Mas toda a gente tem isso, só que não o desenvolve porque quer mostrar (a todo o momento) que pertence à sociedade, que tem o totem, que é capaz. É esta diferença entre reflexão e demonstração, entre teoria e prova, que julgo ser um mal que se deve reparar, porque gera uma cultura do oito ou oitenta, ou seja, o filósofo fecha-se

sobre si mesmo, parecendo autista, enquanto o homem do senso-comum é ele mesmo um representante de um espaço público aberto, onde por vezes não há limites ao pudor e aos bons costumes. Mas, não pode ser o filósofo ou o cientista social, licencioso? Pode, na verdade, ele tem mais vontade de o ser, de ver o mundo às avessas, quando os outros estão envoltos na própria substância de magma em que a sociedade vai evoluindo, umas vezes aos repelões e esticões, outras lentamente, progressivamente e de acordo com uma série séria de ideias...

9.

Na verdade, o conceito de todo deixou de fazer sentido desde que se descobriu que o universo é aberto, infinito e não fechado, através não só da matemática, como da astronomia, ou seja, teoricamente somos infinitos, mesmo como raça humana, porque somos nós mesmos que conduzimos a nossa inteligência, ainda que por vezes com a indispensável falta de discernimento...

10.

A sociedade deixou de ser vista como um todo fechado, enclausurado sobre si mesmo, pelo menos para os cientistas sociais, porque aumentou o conhecimento, o que não quer dizer que não existam sociedades fechadas, onde porém deve haver sem dúvida algum tipo de fuga que, pelo menos, as faz comparar com outras, sendo que a mais avançada é aquela que tem maior abertura de costumes, por meio da proliferação da indústria cinematográfica, por exemplo, detendo também o poderio económico, para não falar já do militar. A ânsia de conquista, como podemos ver na atual guerra, pode tornar-se mundial, a Rússia não está disposta a ceder e quer anexar parte da Ucrânia, a China torna-se seu aliado e os EUA como que ficam sós, pois a Europa está entorpecida há bastantes décadas.

11.

É, portanto, entre a raiz filosófica das coisas e o boato político que nos movemos, enquanto o nosso Presidente visita a Califórnia. Devemos dar também importância aos êxitos desportivos na mobilização de alguma vontade de mudar, de transformar Portugal num país moderno, onde seja ainda mais agradável de viver, os jovens precisam disso, desse incentivo, dessa vontade, desse trabalho e mesmo precisam também os emigrantes, que volta no verão e que, alguns deles, voltam de vez, para ficar.

Diz-se das vitórias do Benfica, que dão ânimo a muita gente e é bem verdade, cada jogador joga por si mas também pelo grupo e este é um exemplo de uma contradição no nosso pressuposto, o homem deve poder misturar-se com a turba, nem que seja por motivos desportivos e, logo, motivacionais para o seu estado de espírito.

12.

Depois, a noção de ***poço***, que surge à mente do filósofo quando este se encontra em regime depressivo, mesmo depois da vitória do texto, do êxito autoral, porque também ele mais e mais. Portanto, ele cai no poço que ele próprio construiu, ou seja, das terras que cavou, que destruiu, que extraiu do solo, para, lá no fundo, ser acompanhado de lama e moscas, como os sapos e as cobras, bem como alguns peixes, de houver nível de água...

13.

Esta noção de **poço** que pouco que ver com a de vão mas, noutro sentido, é-lhe familiar, pois também o vão é um espaço de vazio (por preencher, encher, de pessoa ou de água). Portanto, é preciso saber ver como se sai desse poço, por meio de uma corda lançada lá de cima, a partir da superfície, por alguém que possa ouvir o nosso grito desesperado por ajuda, ou temos de tentar por nossos próprios meios uma escalada em direção ao exterior...

14.

Ocorre-me o livro de David Gilbert, ***Paciência de Ser***. Mas ser o quê? Futebolista? Claro que não, ser eu mesmo, como diria Sócrates? Ser alguém diante de Deus? Não sabia bem, naquela altura, o que ser, preferia estar enquanto o meu ser se desenvolvia e encontrava-me ainda no fundo do poço, sentado, sem comida nem refúgio, desejando estar em casa, na cama, com o meu gatinho Silvestre dos desenhos animados...

15.

Há que acreditar que é possível, que podem acontecer êxitos coletivos entre nós, em Portugal, não só porque a maioria das pessoas merece, pois são bastantes aqueles que andam em depressão, em tratamento psiquiátrico, merecendo por isso grandes alegrias. E pode começar, desde já, com o aumento do salário mínimo, que se vem a juntar a este "extra" que o governo deu aos pensionistas e desempregados e pode culminar com o Benfica campeão e a vitória final de Portugal, no Mundial de Futebol. É possível, por isso, pode muito bem acontecer...

16.

Todo o cientista social não é nem pode ser indiferente a este sofrimento coletivo, se é coletivo pode também ser individual, se calhou aos outros, pode muito bem calhar-te a ti, não conhecemos ainda, grande parte das *Sistema de Regras Sociais* (Tom Burns & Helena Flam). Por isso,, até porque a vida acaba de um dia para o outro, basta fazeres-te à estrada da vida, sê Bom, sê solidário, sê Cristo!...

17.

Noutro sentido, noutra forma e noutro contexto, iremos elogiar e descrever as vantagens de se estar vivo, do virtual, do progresso, da mecanização da vida coletiva que liberta o homem para o lazer e o empenho em estudar (livros, ideias) e fazer aquilo que mais gosta: cultivar o espírito, com ou sem Deus, sendo que Ele virá, mesmo não sendo convidado e sem necessidade de agradecer, um dia mais à frente, numa circunstância aflitiva como esta, para nós, em termos sociais e individuais...

18.

A calçada portuguesa. Os cocós dos cães. Que tem isso que ver com a globalização? Tudo, ela joga-se mesmo no bairro mais ínfimo de Bagdad e porque não Lisboa, cidade aberta à inovação e à criatividade. Em França, nos anos sessenta, nos *bidonvilles*, era a mesma coisa. Eis, então, um trabalho prático para os políticos, mais mercado de trabalho, a higiene da sociedade (sem ser higienização), para que todos possam conviver em paz e mais confortavelmente num contexto cosmopolita do fado...

19.

Por isso, há aquilo que chamo de cosmologia de um jogo, ou seja, é na actividade desportiva que o homem não só revive uma sã convivência milenar, como se projeta enquanto espécie que se adaptou e vingou num planeta quase esgotado, quase saturado de sua exploração, que precisa urgentemente de carinho e benfeitoria. Também a Igreja precisa de atenção, pois no seu caminho muitos obstáculos teve à propagação da fé, desde a Inquisição à Perseguição das Ordens religiosas e a própria história de Cristo é tudo menos consensual, pelo contrário, é trágica e horrífica, mete medo, como é que um tipo judeu se deixa crucificar em nome de uma mensagem filosófica que perdura através de séculos e mais séculos. Sim, para nós estarmos bem confortáveis a ver um jogo de futebol de Portugal com a Espanha, ao fim da tarde, oscilando entre tomar ou não tomar banho para ir à Missa, é porque há qualquer de bastante forte nela, na tradição que não nos atraiçoa, no Deus que lá está, sempre presente, seja no ar que respiramos, seja no sacrário, por meio da hóstia...

20.

Ainda assim, para que vivamos em paz neste reino à beira-mar plantado, quase na paz dos anjos, porque há a CM TV e todos os crimes de violência, de rua e doméstica, que se vão praticando, foi preciso a acção dos militares. E o que é feito daqueles que andaram em África defendendo o nosso país? Porque estão amarrados em cama em hospitais psiquiátricos, cegos de loucura, à espera de Deus, à espera dos Homens?...

21.

Não pretendo comover, com estas palavras, ou pretendo, mas as pessoas certas, para que tomem sensibilidade do estudo da sociedade sob a forma da sociologia e sua bastante utilidade pública, governativa até. Um país avançado é um país que dá importância às ciências sociais, mas que não esquçe a fé, a fé de uma Igreja que lhe pertence e faz parte da sua identidade, assim é a vida social, o uso do costume, a contumaz conclusão de que estamos aqui todos para o mesmo, para sermos felizes e nos realizarmos enquanto seres humanos, podem parecer piegas estas palavras, mas eu prefiro assim, pois faz-me sentir bem, feliz, integrado, parte de, em vez de uma ovelha negra que berra, berra e nunca tem razão e que no fundo o que quer, desde o seu íntimo, é ser Rei, liderar, dar Luz às pessoas e já agora alimento também, espiritual e concreto...

22.

"Ele é doido!" -dizem as pessoas, não sei se por bom sentido ou com má intenção e não perco a referência desta, que me orienta na vida social.

Respondo: "Sim, sou doido por uma mulher que ainda não apareceu! , Porque não consigo ser outra coisa senão hetero"...

Eis a minha posição, apesar das voltas de Paris...

Mas será doido todo aquele que é maluco? Ou seja, isso é um cumprimento, um elogia, ou uma ofensa? Não sei bem. Não quero saber. Não têm o poder para me marginalizar, o governo não o conseguiu fazer, quanto mais um simples individuo isoladamente, às turras apanhando vieiras...

23.

Portanto, o êxito tem que ver com um certo grau de assumção de erros e fracassos mas também de vitórias, chegar-se à frente, não tendo medo de existir, de desistir, sem que a não-existência também pode ser uma forma de vida na cloaca das rãs num charco, sendo também fértil, porque o sucesso contínuo e até inesperado conduz a grandes maleitas e cansa o espírito, impede de ser feliz e dá a ideia de que a sociedade não existe, ela existe sim, e tem leis bem precisas, a sociedade portuguesa, a sociedade beirã, transmontana, algarvia, a sociedade francesa, mais refinada e chique, mais pensante e menos movente, ou seja, instalada e instilada num determinado lugar da memória daquele que fez o salto em vez de ir para África viver sob o âmbito de escravos na sanzala...

24.

Na verdade, o que faz um antropólogo durante mais de seis anos numa mesma localidade? É um antropólogo global ou local? Se calhar já é mais filósofo, entretido e entretecido nas reflexões filosofias do seu cantinho de poeta. Dizem que se reformou. No entanto, continua a trabalhar, em ideias, em projectos, em Diálogo, como Platão.

Na verdade, o antropólogo, mesmo em perda, é um pára-raios social, depois, não aguenta mais e vai em procura de reconhecimento, de satisfação intelectual e refugia-se na filosofia, que nem todos personificam, porque afinal, o seu âmbito teórico é o de uma sociedade a vários níveis, o local (duplamente, se lhe juntarmos Riachos), o regional (o centro, a Grande Lisboa), o nacional (pela TV e pela rua), o internacional, nas suas idas frequentes ao aeroporto e à Baixa, para se misturar com os turistas, que tanto adora, e captar uma certa dose de ideias…

O antropólogo não precisa de andar sem fugido da realidade, ele aprecia um bom fado assim como aprecia um bom vinho, uma boa mulher, se podemos dizer. Quando não tem eles pequenos vícios, a sua esperança começa a perder-se, começa a abandoná-lo. Por isso se refugia nos livros, na música sacra, na música dos anos 80 que lhe faz lembrar os tempo sna aldeia, entre amigos que eram e são tudo menos circunstanciais, são figadais, do útero, das vísceras, porque para muitos lisboetas, ele não será o francês ou o espanhol, mas o tipo que vai e vem de comboio todos os quinze dias, como fazia Paulo Valverde, no comboio regional, umas vezes com *headphones* outras lendo e folheando o Tal & Qual ou simplesmente tomando notas nas secas do entroncamento, onde liga à mãe para lhe guardar o almoço…

25. A realidade não vai fugir, ela está aqui, o sucesso, como diria Lily, acontecerá, mais tarde ou mais cedo, porque tens trabalhado para isso, tens dado espaços, passos, sentidos, tens tentado rematar, arrematar, arremessar e se a Igreja não julga, quem és tu para julgar?…

26.

Porque, em certa medida, se a lei, que é cumprida, que se fará com a filosofia? Muitos não percebem a liberdade que ela proporciona, respeitando ao mesmo tempo a lei. É quando sentimos a liberdade do Outro que sentimos, por contágio, a liberdade em nós mesmo, porque queremos sempre ser como o Outro, pelas leis do contágio social, difusionismo e devocionismo, pela mera imitação dos trejeitos do macaco homem que por ora tenta conviver com os outros na selva urbana…

O Senso da Razão

As Idades: quem é mais velho, quem é mais novo, o carrossel da existência

Argumento

A ideia de liberdade anda de para com a ideia de juventude, de idade, então. Mas que é mais livre? Quem é mais jovem, mais velho? A liberdade surge com o passar da idade ou vai-se sendo mais livre à medida que nos livramos do "jugo" da carne? Entre espírito e carne, eis a batalha, numa nova conceção de liberdade, mais responsável, que tenha em conta o Outro.

Desenvolvimento

1.

Não estaremos diante da civilização de muita coisa, entre as quais a da idade, da eterna juventude, relacionado com a liberdade e a imagem? Quando vês o tempo a passar, a idade, olhas para ti e estás quase velho, olhas para a tua mãe e ela está pequenina, quase mirrada, eis o tempo a passar e tu não podes fazer nada ou podes fazer muita coisa, viver da melhor maneira, dando atendimento aos mais novos, ajudá-los a crescer e dado também atenção aos mais velhos, irás passar por eles daqui a um tempo.

2.

Diz-se dos jovens que são demasiado jovens, demasiado adulto, que não ligam a ninguém, ocupados com o Tic-Toc e o Instagram. Mas há jovens e jovens, nem todos são assim tão superficiais. Há quem espere, desespere por dentro e aguente, o passar o tempo, a oportunidade para se afirmarem, ente o vazio da moda e dos artistas da TV, um mundo de sonhos que se desmorona de um momento para o outro, mesmo que custasse a construir... A felicidade também é isso, esses momentos de pura descontração ante a tecnologia, como se fôssemos todos telecomandados. Na verdade, com a idade vais aprendendo a situar-te no teu lugar na sociedade, na esfera pública, e isso é uma aprendizagem que se vai fazendo, assimilando, a sabedoria vem à superfície e já não te ocupas de coisas tão superficiais, apreciar o momento, fazes um café ao fim da manhã depois de uma boa noite de sonho e sentes que a tempestade já passou...

3.

Assim, o único modo de parar o tempo, de o congelar, é viver o tempo da cultura, do costume, mas também, na tua cabeça, a reflexão filosófica, aprender a apreciar o tempo como um bom vinho velho alentejano ou minhoto...

4.

Também a visão dos animais é plenamente utilitária, quando passo a mão pelo pêlo do meu gato ele pensa que o estou a lavar, que sou a mãe dele, mas também reconhece o

carinho e o afeto, ou seja, a necessidade (evolutiva) está de mãos dadas com o afeto e vice-versa...

5.

Não é raro os jovens arvorarem-se em grande campeões e acharam que os velhotes devem ser dispensados, que não sabem nada, mas a culpa é desses mesmos velhotes, que acham que só eles é que passaram mal, que noutro tempo é que era bom, grandes sacrifícios. Estamos diante de um conflito de gerações que acontece na maior parte das famílias do mundo ocidental. Longe de dar uma solução para o caso, vamos analisar a questão do ponto de vista filosófico.

6.

O modo como eu lido com a minha vida, a minha existência e o tempo, mudou bastante desde há alguns anos. O país está a envelhecer, menos gente e cada vez mais gente de idade. O país está envelhecido. Depois, vêm os migrantes para compor a coisa. Na escola, este conflito vê-se claramente, os jovens desrespeitam os mais velhos talvez, em primeiro lugar, porque estes lhes dão, recentemente, bastante atenção, porque lhes dizem que o futuro é deles e são eles que têm de pagar nisto, o que é uma pura mentira, todos se têm de envolver, velhos e jovens. Os ditos bem sucedidos deixam os seus pais em lares e enquanto são conhecidos como famosos e até conhecidos academicamente, digamos, os seus pais vivem ao abandono em lares ou em suas casas, dependendo dos vizinhos, ou seja, uns dos outros. Geram-se então novas redes de solidariedade entre aqueles que, de certo modo, ficaram para trás. É preciso dizer aos jovens que um dia também serão velhos, isto se não ficarem pelo caminho...

7.

Seja como for, há um aspeto de competição e desarranjamento em tudo isto, ou seja, por mais que o sujeito tente fazer bem, acaba sempre por ser um desastre total, por não se coaduna na vida social, isto porque as sociedades mudaram drasticamente com a tecnologia. De um momento para o outro ou progressivamente, cada pessoa tem o mundo nas mãos, basta uma ligação à internet, eis o sonho da Matrix...

8.

Mas, digamos, a idade não depende do espírito? Ou seja, muitos jovens parecem velhos e há idosos que mantêm o espírito jovem positivo até ao fim. Depende do quê essa alegria de viver? Talvez dependa da sabedoria e das experiências que vamos tendo, a vida não é pré-determinada, nós podemos alterar o curso da existência, a vida não é um fado, uma fatalidade, não está consignada e adstrita a determinadas condições à partida. Mas muitos acham que sim, por isso deixam-se andar e não se preocupam.

9.

O gatinho está no seu canto, junto à janela, que divide o mundo exterior do mundo interior, também ele tem um mundo interior e um mundo exterior. O mundo exterior dele é o meu mundo interior, a casa, o acolhimento o bem estar. Ele, de certa maneira, é a melhor definição de liberdade: respeita as regras, obedece ao seu dono que trata dele e sabe que se assim fizer terá uma vida descansada, folgada até, será livre. Também é assim com os humanos, a fórmula da ***liberdade livre*** não funciona, a verdadeira liberdade está no respeito mais ou menos estrito de regras de convivência, é isso que nos faz livres e felizes, é isso que diz respeito à jovialidade de espírito, à juventude da foram de Ser...

10.

Também eu gostaria de sair, andar pelas ruas, mas tenho de estar aqui fazendo este ensaio e mais outro, até que terminar, até que chegue a meia centena e, depois então, poderia usar da minha liberdade, enquanto envelheço por aqui, pelo tempo que passa...

11.

Também o escritor não é uma máquina de cuspir palavras, o filósofo não é uma máquina de pensar e muitos se aproveitam das suas ideias em seus tópicos de vida, quando ele mal tem para comer e como que presta um certo juramento à humanidade, é na verdade, um funcionário da humanidade. E como está mal pago o seu salário! Mas muitos são sofistas, ou seja, querem que os seus pensamentos valham dinheiro, quando não é esse o caminho, porque o excesso de dinheiro vicia, olha certos casos de empresas, de milionários pederastas, de sujeitos que não foram felizes na infância...

12.

O que acontece, por outro lado, a quem escreve muito? Acaba por ficar famosamente esquecido, ou seja, é uma pessoa que tem o seu valor, mas esse valor é coloquial, anda no meio e através dos transeuntes e de certa maneira não é perturbado, lá vai uma crítica ou outra, mas bem, deixam-no andar, como se não tivesse uma vida social. Na verdade ele é um intocável, ou seja, não pode ser tocado... Que infelicidade esta a de estar entre humanos e não o ser!...

13.

Certas pessoas parecem ter mais idade do que outra, certas pessoas aparentam ter mais idade do que aquela que realmente têm, biologicamente. É aqui que eu quero chegar. A mim bastou-me ficar com o cabelo branco para parecer velho, mais velho do que realmente sou. E quanto tenho, na verdade, 52, aparento ter quase setenta, talvez terá sido de me desgastar bastante. E ainda dizem que não trabalho...

14.

Há pessoas que nunca se deslocam mentalmente daquilo que pensam, o que são é aquilo que pensam e são pessoas verdadeiramente desinteressantes. Mas o homem da cultura também pode ser chato, ter o seu desinteresse. Só uma *démarche* relativamente ousada faz mudar as coisas, uma alavancagem relativamente corajosa, como se diz hoje em dia.

15.

E o sujeito anda nisto, como o cãozinho, dando três voltas ao lugar onde se vai deixar, o gato até faz coisa parecida, porque não somos máquinas, todos nós temos os nossos medos, a nossa idiossincrasia pessoa e, em certa medida até, alguns são, como dizia a escritora, etnólogos de si-mesmos…

16.

Na verdade, como antropólogo, quase sempre me senti sozinho, ou seja, não tenho o apoio de grande parte das pessoas onde vivo, como se fosse uma aldeia africana, ou seja, o meu coração não está com a maioria de todos, deles todos, mas continuo, pois sei que Roma e Pavia não se fizeram num dia e que ninguém é perfeito, enquanto sujeito cristão, perdoou a maior parte do mal que me vão fazendo, um deles é o esquecimento, que aconteceu também ao Senhor Amadeu Ruas, aconteceu, faz parte, eles estão num registo diferente do meu, por isso deixa-os andar que a heroicidade final fica para mim…Esta é a minha idade…

17.

Tenho andado nestes dias e ler a obra de Deleuze "Espinosa e o Problema da Expressão" e também, considerando *O Problema da Habitação* (obra escrita por um professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que não me lembro agora o nome, enfim, este ensaio não é uma espécie de inquisição à minha pessoa…) que eu tomo nos termos de habituação, porque estar em casa é antes de mais a reiteração do costume, daquilo que é acrescentado à natureza. E a expressão resume-se a isso, à vida social, a teres e sentires vida logo que sais porta fora de tua casa, a "ouver" (ouvir e ver, ao mesmo tempo), por mais contraditórios e masoquista que possa parecer, as ambulâncias ou os crimes na CM TV…

18.

Habituação, habituação, expressão.

Quando sais de casa é porque precisas de conviver, mesmo deixando o gatinho em casa com comida para o dia inteiro. Por isso, todos precisamos de nos expressarmos, é natural ao ser humano tal como a comida e isso deveria ser considerado, reconsiderado.

A vários níveis, antes de mais ao nível estético, depois ao nível ético, do comportamento e das atitudes. Eu faço habitação porque preciso de estar em algum lugar, sou sedentário e não nómada, não sou um sem-abrigo nem pensionista quanto mais por invalidez, consegui dar a volta e ser uma pessoa normal face ao Estado e isso me orgulha bastante, porque sinto que estou de volta à vida. O sujeito não sou eu, é tu e eu, são eles, aqueles, os jovens que precisam de um pequeno toque para andarem certos, os miúd@s da escola que ainda têm muito tempo para perfazer, caminhar e é bom que alguém lhes diga para não terem pressa, pois essa é a melhor idade das suas vidas, a adolescência, altura em que se problematiza tudo, até o tempo, e se põe em jogo o que deve ser e o que quer ser face ao que há-de ser, ou seja, é aí que o homem se projeta filosoficamente no Mundo, além da caverna e da caixinha confortável…

19.

Encetando a nossa equação, podemos dizer que a melhor definição de felicidade será esta: ser jovem é ser feliz, sobretudo não no corpo, porque o envelhecimento é inevitável, mas no espírito. É isto que queremos dizer, a felicidade não depende do ter mas do Ser, sendo que o ter ajuda muito, nem todos somos capazes de ir para um mosteiro e despojarmo-nos dos nossos pretensos bens, jurar obediência e castidade…

20.

Se o homem não pode evitar o envelhecimento, para no tempo, sendo que essa paragem arrastaria um movimento estátua, ou seja, também uma paragens dos órgão vitais, o homem pode adiar a passagem do tempo, nele e à sua volta, pelas impressões sobre si… Eis o ***botox*** e as diferentes técnicas de rejuvenescimento, enfim, todo esse processo da estética em que principalmente as mulheres vão ficando mais atraentes e quando se trata de mamas, vão ficando mais apelativas, embora pareçam bastante desgastadas no fim da vida por uma vida de excesso de sexo e outras coisas, outras substâncias que não vêm aqui agora à baila.

21.

Desde tempos imemoriais, o homem procura o elixir da vida e a tentativa de ficar imortal, isto tem tudo a ver com o assunto que aqui nos traz. Desde sempre se preocupou em igualar os deuses, quando os deuses nasceram dentro de si. Mesmo a própria imagem de Cristo é a de um homem relativamente novo, que se entregou à morte pela ressurreição, como outros mártires, como os Três Pastorinhos. Há em Hollywood a ideia de morrer jovem, só para dar boa impressão ou por teimosia e mania do actor? As duas coisas, obviamente.

22.

Estas técnicas de anti-envelhecimento negam a vida, são tanto negação da vida quanto a eutanásia, ou seja, o homem, normalmente ocidental e a mulher, querem ficar a agarrados a vida porque talvez não acreditem numa outra para além deste, tenham pouco fé e pouca frequência religiosa, sendo que por exemplo na América, há poucos crentes, mas aqueles que o são, são de verdadeiro coração, quase ao limite da sanidade, nomeadamente afro-americanos que misturaram as suas crenças animistas arcaicas com o cristianismo e eu não acho isso mal, de forma alguma.

23.

Encantamento da vida, encantamento da sedução, ninguém quer parecer velho, pois que perderá o valor nos termos de uma economia da sedução, ou seja, para estares activo e reconhecido tens de parecer jovem, senão, dedica-te à literatura e ao consolo da filosofia, que parece mais preocupar-se com um registo anal do que fálico, se quisermos usar alguns termos do jargão psicanalítico.É o pensamento dos fundilhos, vindo desde a Idade-Média para os dias de hoje, pois muitos parecem, mesmo na Igreja Católica, viver ainda na Idade-Média, apesar das atualizações num certo vector ou outro da doutrina cristã. EM muitas celebrações, o padre parece ainda estar de costas...

24.

Por exemplo, o meu vizinho chama-me de bicho, outros me chamam de monstro e eu não vou bem me importando com isso, porque sei que, de um momento para o outro, posso estar, de um dia para o outro, em Hong-Kong, na Patagónia (lembrando Bruce Chatwin, recentemente desaparecido), hoje o tempo tem várias formas e várias matizes e uma reflexão sobre o envelhecimento, a velhice, a invalidez permanente, é uma reflexão sobre um Tempo que parou, que está estacado na história, que pegou de estada, mas por outro lado é a reflexão de um tempo que passou, que não volta mais, que é cruel como as pombas que já não existem no Central Park...

25.

Sim, já não sou inválido. Deixei de o ser -penso eu- ainda encerrado em casa, com imensa vontade de me meter no Metro e ir até à Baixa, fazendo não sei o quê, talvez apenas procurando um corpo, um corpo de espassamento, algo gasto e esquecido, como o meu, pelas agruras da cidade, do tempo, da cidade...

26.

Sim, recuperei, sobrevim, sobrevivi. Agora, cada um dia é mais um dia, após outro. Isto tem a ver com o assunto que aqui nos traz, o envelhecimento, afinal, a velhice, os tempos mais felizes segundo alguns, porque quando se é jovem não se pensa no que se

faz, são as hormonas, é o instinto, nem todos os tiros pode ser do centro do alvo, pois então, ora essa…

27.

"Então, vira o teu semblante. Porque não escreves precisamente sobre isso?". Foi o que eu fiz, cara amiga, fui usando a teoria até chegar a um ponto, a esse ponto de não retorno que te leva a ir longe, mais longe, mais além do que nunca ninguém foi em todas as direções, como se tivesses uma arma que não fere mas converte os corações num espetáculo de êxtase e harmonia benfazeja…

28.

" De outro modo que ser" (Lévinas). Os filmes americanos podiam ser de outro modo, é a emoção de estar do outro lado do atlântico, da Atlântida, a água não acalma os seus espíritos porque vivem sob o signo de uma emoção metálica, que não tem limites, enquanto o europeu pensa, a partir do *terroir*, a sua condição, vinícula ou estelar…

29.

Eis o homem (e a mulheres e derivados) que envelhece. O tempo passa. Não é o homem que envelhece, é o Tempo que passa…

30.

O tempo passa por ti, no Rossio ou encalacrado na Rua da Betesga e tu aflito com isso. Deixa estar, acredita que há um Outro lado, porque nós o construímos a partir daqui, deste reduto e condição, projetando o nosso Ser num lugar que nem sequer existe…

Como posso ter razão sem usar de violência?

Argumento

A agressividade e violência é uma forma de ter razão? De manifestar força com sentido? Esse instinto básico pode ser condicionado, domesticado, mas o discurso e psicanálise salvam o agressor. Este é o nosso argumento.

Desenvolvimento

1.

O que nos podemos interrogar é se há sentido na força, no uso da força, teremos, então de analisar as raízes filosóficas da violência. Na verdade, ter razão com violência não é ter razão, a não ser que seja entre militares ou lutadores de MMA...geralmente, em termos do senso comum, não usa violência para ter razão, pois a perdes ao usar violência. Mas, em que radica a violência primária da nossa sociedade, da humanidade em geral, da civilização, do homem? Sim, qual a sua explicação primeira, primordial. Teremos de erradicá-la? De explicá-la para a extrair do homem ou no mínimo a domesticar?

2.

Em certo sentido, o uso condicionado da violência é mais honesto do que certo discurso intelectual atreito a uma classe, a um grupo de interesse. No boxe, por exemplo, há regras e a violência, com regras, faz parte do jogo. A rua também é um jogo e aí de formam os grupos de interesse, como analisou a sociologia, a antropologia, a psicologia social. Interessa não desanimarmos, não chorar sobre leite derramado, não perder o interesse... Mas não podemos estar todo o tempo dependentes de estímulos externos, a força tem de vir de dentro, senão nunca será genuína e, logo, pouco efectiva...

3.

Por vezes, a violência da TV é maior do que aquilo a que chamo de "violência pessoal", ou seja, a violência física, porque aquela usa de violência psíquica para manter as massas drogadas face à realidade sobre uma falsa aparência da realidade, nunca indo ao fundo da questão, salvo honrosas exceções como alguma TV2.

4.

Desde cedo percebi que nunca seria jornalista e acho ainda que bem, antes um razoável antropólogo e um filósofo amador do que um mau jornalista, embarcaria numa barca que não interessava nem a mim nem aos outros, era como mexer numa lixeira e isso já o fiz em criança, tendo lá encontrado, na lixeira de Fatiz, vários itens de interesse que de resto levei para casa, entre livros e engenhos diversos. Na verdade, era bastante

engenhoso em pequeno e estava previsto ser ou advogado ou engenheiro, mas fui sendo antropólogo ao longo disso tudo, da infância, da adolescência e, à medida que fui descobrindo o mundo que me rodeava, percebi que era as ciências sociais que tinha de seguir, eivadas de uma certa filosofia e literatura, o que lhe daria um certo tom mais ou menos lírico, indagativo, exato...

5.

Não tanto a religião mas só a arte poderá resolver este problema da violência, como já referi em anteriores escritos, não só porque a sua linguagem é simbólica, mas por tem uma semente de verdade pessoa na sua mensagem.

6.

Neste capítulo, filosofia e antropologia são importantes, mesmo no meio do contexto do espaço público, jornalístico, em jornais como o Público, o Expresso, o Sol, para uma sociedade intoxicada pelos assuntos políticos, desportivos e económicos, onde a cultura é uma espécie de apêndice da vida social, um passatempo de elites ricas, para sua ilustração egoísta e pavoneante.

7.

Sim, ando com a antropologia às costas há algumas décadas, sempre produzindo e ainda tenho de pagar a estada no apartamento de um primo onde estive durante a licenciatura, depois comprei casa e fui sofrendo, sei mais de psiquiatria do que muitos médicos, que não têm formação em ciências sociais e humanidades. Mas não me gabo disso e até evito de falar sobre mim próprio, para bem do acontecimento das coisas...

8.

Depois, um problema do Ensino da filosofia e da Geografia: há alguns anos, os antropólogos podiam lecionar no ensino secundário a Geografia; isso alterou-se. Muito bem. Então porque não podem também ensinar Filosofia, entre outras, Sociologia e Psicologia? E um doutorado em Filosofia não pode lecionar no ensino secundário, se não tiver a via de ensino na área a que vai candidatar-se, por exemplo, a Filosofia.. isto demonstra o estado do ensino em Portugal, entre outras coisas que fui observando quando procurava voltar a dar aulas no ensino secundário...

9.

As pessoas que me acusam de ter ido a prostitutas não vão à Missa como eu vou nem se arriscaram a entra num convento aos 17 anos de idades. Ou se calhar foram mesmo religiosos e são-no, o que é pior indício da sua miopia intelectual. Deus já me perdoou, como eu perdoei a mim próprio, par poder seguir o caminho em frente.

10.

Falo assim da minha vida, porque assim resolvi o (meu) problema com a violência e não fiz grande e figadais inimigos em toda a minha vida, porque rezo e faço exame de consciência todos os dias, quero chegar ou trilhar um caminho de perfeição relativamente independente mas sem fundar coisa nenhuma, a não ser o IESL. Para tudo há solução, para a morte é que não há, mesmo assim ainda tenho esperança que haja, segundo a minha crença e várias tradições filosóficas e religiosas, veja-se um dos mais bonitos livros sobre educação e teologia, " A Essência do Cristianismo", que bem se lê como deste tempo e neste tempo podia ter sido escrito, de tão atual que é.

11.

Depois, criei um litígio que digo ser imanente com a filosofia, que não cita nomes no corpo do seu texto, nem datas, nem acontecimentos, nem lugares. Fiz uma quebra de contrato com essa filosofia...

12.

E, antes que fizessem alguma coisa por mim, fiz eu, alguma coisa por mim...

13.

Neste caminho, em que apresentei teorias próprias, obviamente coadjuvado pelos mais diversos autores de várias disciplinas, o caminho não foi fácil. Ainda estou nesse caminho. Não gosto particularmente de perder, mas por vezes desistir não é uma forma de perder, mais vale fazer o que se gosta do estar insistindo por caminhos que só nos isolam. Assim, nunca conheci grande solidariedade por parte da Igreja, desde que fui abusado numa sua instituição. O padre que o fez continua a celebrar missa, a mesma missa a que eu vou, não celebrada por ele, obviamente. Mas a mesma missa. Depois, na antropologia, um curso de elite, não conheci grande solidariedade, fui sendo antropólogo como podia, podia ter sido um grande antropólogo português, talvez o antropólogo, mas não estive nada mal ter chegado onde cheguei. Por isso me considero um razoável antropólogo, ainda no ativo.

—

14.

O homem é por natureza violento, tudo depende se tem um território e uma mulher para defender e nisto sou muito evolucionista, como Teillard de Chardin ou Arthur C. Clarke, ou seja, quando vê ameaçado o seu modo de vê, ele retalia, defende-se, torna-se agressivo. Com as mulheres também acontece o mesmo, mas de uma forma diferente. Hoje em dia ainda é assim, até em Nova Iorque. Sobretudo em Nova Iorque...

15.

Um livrinho que eu já citei algures, foi-me muito importante para compreender o fenómeno da violência sob o ponto de vista filosófico (não behaviorista, *Las Raíces Filosóficas de la Violência*, de Sergio Cotta. Outro também foi importante, ainda do ponto de vista filosófico: *A Violência Totalitária*, de Maffesolli.

16.

Percebi que o homem, até do ponto de vista da antropologia, age em conformidade com o seu grupo (*inmates*, no jargão antropológico), ou seja, por vezes sacrifica a sua liberdade individual em favor do grupo e isso parece-me bastante lógico. O que não me parece lógico, antes de mais do ponto de vista filosófico, é que ele aja com violência contra o outro no seio do seu grupo, a não ser que esse grupo faça da violência um ***habitus*** (no sentido que Pierre Bourdieu lhe dá), logo, ele tem de sair desse grupo e associar-se a outro, se for um Ser pacífico. Mas também pode fundar um novo grupo, assente em novos e diferentes ideais, ou até frequentar uma igreja...

17.

De certo modo, um sujeito que andou em seminários, nunca se adapta à vida "cá fora", porque não é só na rua nem na TV, não há leis, veja-se a internet, como ela está caótica, diria até, anárquica, ninguém regulamente coisa nenhum, são raros os exemplos onde isso aconteça, podemos ter acesso a tudo desde mulheres a bombas de matar ou veneno, basta ter dinheiro e, já agora, um cartão de crédito.

18.

Competição, status, tudo se liga e desliga como se fosse um interruptor, um clique de PC, na verdade o homem de hoje procura o Todo, só que não sabe, esse Todo pode ser deus ou diversas experiências, sensoriais, intelectuais, e Deus pode ser, em última instância a derradeira experiência, uma experiência espiritual do caminho mais longo e menos percorrido...

19.

Portanto, há várias formas de violência legítima; a da polícia, por exemplo, a retaliação de uma nação face a uma agressão, nem que seja em território próprio, como faz a Ucrânia e não creio que esta dispare mísseis contra território russo...

20.

É claro que não queremos esgotar o tema, não é essa a nossa intenção, mas tão somente adiantar alguns tópicos e algumas reflexões em torno do tema, sob o ponto de vista metodológico e filosófico, como nos chega ao olhar em termos de fenomenologia

corporal e discursiva…mesmo que o agressor seja mudo, ele é objecto de análise da antropologia…

21.

Mesmo que nos cuspam em cima, porque já vários cuspiram para o chão à nossa passagem, continuaremos o nosso trabalho, não repisando demasiado certos temas que são óbvios, nem abordando questões que são mais complicadas e do foro íntimo de certas disciplinas, mas vamos a muitos temas e damos consideráveis tópicos para que outros possam continuar, de modo mais ou menos científico, mais ou menos artísticos, a escrever e descrever sobre estes temas…

22.

Percorremos então, um caminho real através de uma selva de símbolos (Victor Turner), de uma feitura de fenómenos sociais, uns totais outros bastante banais, para analisar, um pouco à moda de Sedas Nunes e Ferreira de Almeida, o que vai acontecendo, o que nos vai acontecendo, não esquecendo João leal, pães de Brito, Iturra, João de Pina-Cabral, José Fialho, António Medeiros, Filipe Verde, Freitas Branco, o saudoso Paulo Valverde, falecido em 1997, creio, entre outros. É nosso propósito dar uma ponte a partir da antropologia para a filosofia, ou vice versa, sugerindo uma metodologia própria e temas os mais diversos sobre a apresentação e representação do eu (***Na Vida de Todos os Dias***, diria Goffman) para um total e cabal compreensão do homem, à consideração destas ciências (ou artes, mais ou menos líricas) da psicologia, da psiquiatria, da geografia, do serviço social, enfim, uma série de talentos que poderão ser desenvolvidos e amadurecidos com a nossa modesta ajuda…

23.

Falando um pouco de violência doméstica, podemos, claro que podemos, dar a nossa visão e argumentação, sem que tal nos traga vantagem alguma ("Que fiz eu para merecer isto" ou "O que é que isso contribui para a minha felicidade?", em várias obras que estão presentes na minha biblioteca particular, que talvez um dia seja doada a uma universidade ou escola secundário, pode ser um politécnico), se eu continuar a minha obra e, claro, tiver êxito, um êxito público que tanto desejo e para o qual tanto trabalhei…

Digamos que, neste sul da Europa, vivemos ainda sob o signo da Honra e Vergonha (Lisón Tolosana). Neste contexto, a Igreja Católica teve, desde a falência do Império Romana, um papel central. Os nobres quase não mandaram nas sociedades durante quase dois milénios. Mas isso começou a mudar, hoje em dia a Igreja é muito mais espiritual, diria até, sobrenatural (***sobrenatura***, em vez de anti-natura, encarando o homem como um ser eminentemente espiritual, vejas em várias obras de Jean Guitton,

só para dar um exemplo), do que o era naquele tempo. Mas ainda restam as catedrais, os castelos, a memória de muita coisa que foi feita e não foi feita, sobretudo, porque a ilustração e literacia daqueles povo era escassa. Mesmo assim, ainda que o conhecimento quase todo esteja disponível na rede, por vezes o nosso índice e volume de violência é superior ao de outras eras, veja nas diversas obras de Hobbsbawm (" A Era do Capital", e o já citado "A Era das Revoluções").

24.

Queres viver uma boa vida? Sem remorsos nem medo de morte, de ser morto à pancada num estádio no Bairro Alto? Escolhe o caminho do meio, o da moderação, é fácil deixar-se ir pelas emoções, às vezes até é bom, mais genuíno, porque é verdadeiro. ***Ridendo castigat Mores*** e ***In Vino Veritas...***

25.

Por vezes, há pensamentos que entopem o fluir do sangue ao cérebro, que entopem o pensamento, para não falar do vinho, do uisqui, das drogas, sendo que aqui o tabaco é tolerado. E já viram como aumentou o número de fumadores em Portugal? O espírito vai quase em roda livre, perdem-se os sentidos, ganham-se noutro lado, perdem-se os princípios, ganham-se noutro lado...

26.

Por vezes, o sociólogo não consegue explicar os fenómenos e muito menos um antropólogo na cidade, como disse o deputado do Partido Socialista na Gulbenkian enquanto apreciava alguns quadros franceses...É então que ele tem de voltar para os seus pares, procurar falar com alguém, para deixar de fazer pião num solipsismo que pode ser encantador do ponto de vista filosófico, psicológico, mas não o é certamente do ponto de vista antropológico...

27.

E, perguntamo-nos, como pode um filósofo resolver o problema da violência, do ponto de vista filosófico, obviamente. Nem mais e precisamente, porque ele não é violento. A Não ser que seja louco e eis aí o estatuto social do filósofo, o seu papel e função sociais... Que precisam de um *refresh*, tal como o ensino, que está cheio de pessoas que se eternizam nos seus cargos, mas a culpa é do ministério, que afunila os candidatos ao ponto de eles não poderem prosseguir seu caminho como professores, sendo que a profissão é pouco atraente porque é mal paga, falta paixão de ensinar a muito e muitos já se cansaram dos mesmos temas, dos mesmos programas, sobretudo nas áreas que eu posso lecionar posso asseverar...

28. Mas...eu já perdoei aos meus inimigos, ao mesmo tempo que me "vingo" deles fazendo coisas e mais coisas no meu dia a dia, a maior parte do tempo adstrito às lides domésticas, para manter acesa a chama de aparecer por cá alguma visita, de preferência feminina...

29.

O fato de haver poucos licenciados em antropologia em cargos políticos diz muito sobre a formação antropológica de quem faz as leis e defende pessoas sob a base do Direito, mas diz muito mais dos antropólogos e da relação teórica entre Antropologia e Direito. Não há qualquer ligação, que eu saiba. É uma conversa de surdos que nem sequer existe, tanto porque os antropólogos não se interessam pela sociedade civil de um país, imersos nas suas atividades académicas "paralamentar" quanto os juristas tratam o costume apenas como um item mais do Código Civel, demasiado insignificante, pequeno, para ser tomado em conta nas esfera da comunicação pública e mediática, sobretudo porque custa identificar os problemas e resolvê-los cabalmente. E isso os antropólogos podem fazê-lo...

30.

Depois, os antropólogos poderiam começar a entrar nas escolas secundária, notadamente nos projetos parecidos com o que se chamava antigamente de Área-Escola. Neste aspeto, o antropólogo, como o sociólogos, estão mais habilitados do que os psicólogos, de longe, penso eu, mas poderia funcionar em estrita colaboração, pois da Antropologia à Psicologia não vai uma distância assim tão longa, tão inultrapassável, clara...

Entre Normal e Patológico: algumas falácias da psiquiatria

Argumento

Procuramos neste ensaio demonstra que ser louco pode ser uma forma de ser normal. Pois, quem decide o que é normal e o que é patológico?

Desenvolvimento

Não pretendemos neste ensaio por em causa a psiquiatria e seu poder curativo, mas tão somente levantar algumas questões que têm a ver com os itens sociais "normal" e "patológico". O que, na realidade, o normal? E o patológico? Tem que ver, certamente com uma certa desordem do pensamento, mas também física, pois o que é cerebral acerta no que é físico. Não fora a psicologia que aprendemos no seminário, estaríamos totalmente em branco, a somar à frequência da psiquiatria, onde se passou de tudo um pouco, desde 1995 até hoje...

Mesmo assim, como a antropologia tem interesse por tudo, avançamos, no dealbar de um novo século, de um novo milénio entre profecias e pensamentos insistentes, entre a filosofia hindi do meu bairro e a missa de sábado na Igreja Católica.

1.

O recesso aproxima-nos mais da realidade do que o êxito, se não for embandeirado em arco...eis o que nos conta a nossa experiência, é preciso um inêxito para chegar ao êxito, como se tivéssemos de dar um passo atrás para dar dois em frente. Mesmo assim, avançámos um passo, se é que se trata de avançar (Veja-se o movimento "Les empêcheurs de penser en ronde", de uma universidades francesa, que também é editora de livros).

2.

Se, nos tempos anteriores à Internet, à TV, a interação social era de certo modo livre e gratuita, salvo raras exceções, hoje em dia paga-se para ter interação, aumentando a estratégia para o fazer, para se não sentir só e quando se sente é sempre culpa do Outro e não do Mesmo, do idêntico.

3.

O patológico é um desvio discurso e comportamental, um estado mais ou menos determinado, mais ou menos definitivo de estar em dissonância com a sociedade ou algum grupo. É o contrário da alienação, que resulta da máxima atenção e concentração de um grupo, como acontece com as claques do futebol.

3.

O homem não é um ser autónomo, ele procede por assimilação dos elementos do meio ambiente físico e social, a não ser que esteja desarranjado psicologicamente e seja insensível aos estímulos do exterior, da sua unidade físico-psíquica, físico-química (veja a este propósito "O Fenómeno Humano", de Teillard de Chardin).

4.

Então o que é o normal, sociologicamente? É o grupo, porque a sociedade contém desvios. É a norma, por mais desfasada que esteja da realidade e hoje em dia a norma é o desvio, enquanto o desvio, o patológico, é que aguenta com a norma. Mas...será a norma o senso-comum?...

5.

Loucura é a solidão da alma e não falta por aí quem não queira estar a sós consigo mesmo, mas está, por consequência ou causa de alguma coisa. E que dizer do poder psiquiátrico? A religião substitui, de alguma forma, a psiquiatria ou apenas a precede, é uma forma mais de se ser louco?

6.

Não será a loucura uma reação orgânica a qualquer coisa do meio físico e social, psíquico, como diria Teillard de Chardin em "Le Phénoméne Humain"?, a resposta endémica a uma reação, a uma invasão?

7.

Depois, a questão dos medicamentos. Será apenas por questão química? O psíquico tem que ver com o químico? Depois, os interesses das indústrias farmacêuticas, que se alimentam de pessoas doentes...ou talvez não...

8.

Há uma vida científica e essa é a da psiquiatria? E qual o papel das ciências sociais, elas não postulam também uma vida científica?

9.

Diz o Nobel da Literatura deste ano que "o mundo está a derivar para tornar o inaceitável a norma". É esta luta entre norma e desvio, em termos comportamentais, que importa tanto ao cientista social quanto ao psiquiatra, mas interessa o que é que a mente pensa, se a mente é o que (se) pensa...

10.

A isto se junta o que a psicologia chama de pudor sexual, ou seja, o sangue na zona anal, o sangue menstrual, porque todo o corpo é motivo de desejo, logo, tem de estar apto, o mais limpo possível, mais branco possível, para a vida social industrial. Daí o contraste entre branco e preto, ou seja, o escravo é considerado escuro, preto, logo, culpado e carregado de pecado.

11.

É claro que a solidão pode distorcer a nossa visão do que é a norma, socialmente. Mas também o casamento o faz, aprisiona dois corpos e duas almas que, de outro modo, podiam viver em liberdade. Mas o social funciona por laços, isso nos diz a sociologia.

12.

Mas, não está também apto para a liberdade também o autor, o artista, quando cria laços com as suas ideias? Debaixo de tanta inspiração está um ser psiquicamente frágil e atormentado...

13.

E, neste sentido, não será de considerar que a frequência por parte do utente, do cidadão "normal" da psiquiatria gera marginalização, mesmo no mercado de emprego, sendo a saúde mental, o parente pobre da saúde, o grande tabu da sociedade, a par da sexualidade, assim também como a cultura o é do orçamento de estado?

14.

"Deténs-te no momento /e não consegues sair dele", diz a canção do U2, cheio de obsessões, que sucedem umas às outras, pensamentos ou ideias que não existem. Mas, se são pensadas, existem, nos termos de um panteísmo, nos termos de uma psiquiatria dos escolhos mentais...

15.

Nos TOC's é a desarrumação que torna tudo mais complicado e incomoda, a sexualidade, que é voraz, a limpeza do corpo e do espaço em redor, enquanto noutras patologias assiste-se sobretudo, a uma quebra de ligação com a realidade, como se a mente do sujeito (e o que é a mente, na verdade, senão os seus produtos?) estivesse independentemente da realidade costumeira. Eu defendo que tudo isso, quase todas as patologias, têm que ver com um medo primordial da morte.

16.

Nem todo o mal psíquico é obrigatoriamente psíquico, químico, psiquiátrico em si. O que está no fundo do mal psíquico é o mal moral, ou seja, a assimetria entre o Eu e o Mundo, ou seja, entre Deus e entre os irmãos, quebras e falhas nas relações (amorosas, eventuais), carência económica, falta de qualidade de vida. Mas nem só, muitos atores se sentem infelizes e se suicidam. Aparentemente têm tudo, além da fama e do sucesso social. Mas, não será isso artificial? Ou seja, não teremos de voltar às velhas comunidade tradicionais onde tudo se vence e se sabe uns dos outros e isso de alguma maneira não é um desafio maior para o Big Brother?

17.

Afinal, de quem é a culpa? Sim, a culpa das doenças, dos diversos estados, de um mau orçamento de estado, do mal no mundo, da guerra? É dos homens e do deus que eles criaram, se o Homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, o inverso também é certo, mais que certo. E a culpa, a culpa moral de tantos pensamentos, um rol deles, e tantas e tantas doenças, quando não se sabe ao certo quais as piores, a psíquicas ou as físicas…

18.

Será culpa da tradição judaico-cristã, o povo eleito sente-se culpado e de quê? De não ter o seu deus consigo a todos os momentos? O panteísmo sempre nos pareceu uma ideia perigosa, politicamente perigosa, porque há sempre lutas e desavenças e sempre haverá, a paz perpétua de Kant não passa de um vislumbre de filósofo, bem como os sonhos de Francisco de Assis…

19.

Por outro lado, não advém a sujidade pública de um desleixo nos costumes, do "deixa-andar", da falta de higiene nas ruas e nos caixotes do lixo? Isso é cíclico e depende do rendimento obviamente, porque o pobre não tem desculpa para ser limpo como o rico tem. Depois, o papel da religião e dos políticos a darem exemplo, por vezes mau exemplo, todos puxam para cima, para a santidade, quando se esquecem que "cá em baixo" há muita coisa para fazer, ou seja, mesmo os EUA continuam a fazer esforços para que haja vida em Marte e esquece os problemas verdadeiramente terrenos que ainda existem. Desde que a economia vá funcionando, está tudo bem. Portanto, há em certas doenças psíquicas benignas um sentido de perfeição e moralidade verdadeiramente agudos e tudo tem que ver, a meu ver, não só com a genética, mas com o meio ambiente físico e social, ou seja, é o ambiente, não somente os medicamentos, que podem curar o doente psiquiátrico[2]…

2 Estas nossas ideias vão colher, vão de encontro a certas teses de Max Weber, nomeadamente "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", mas também às de Goffman, "Prisões, Manicómios e

20.

Em certo sentido, os males do corpo são também males psíquicos, veja-se a obesidade mórbida ou a anorexia, veja-se as doenças dos olhos, que moldam não só uma personalidade, à medida que evolve no tecido do social, mas a sua representação face ao Outro, o Outro que pode estar apenas no outro lado da rua ou no Metro, simplesmente.

21.

De qualquer modo, mesmo numa equipa de futebol, o psíquico é o motor tanto do sujeito quanto da sociedade e, em certo sentido, em mais ou menos todas as actividades humanas, ele está intimamente ligado ao físico, ou seja, é o velho ditado ***mens sana in corpore sano*** [3] .

22.

Portanto, o normal é qualquer coisa da ordem do arbitrário, ou seja, em tenho de ter uma família onde tudo corre bem e um comportamento mais ou menos previsível, isto de acordo com a minha profissão, no âmbito de uma certa divisão social do trabalho (Durkheim). Se me desvio desse comportamento, ou de um discurso normal, estou obrigatoriamente doente e acabo internado, memos que não tenha ferido ninguém. Tudo depende se levo a sério ou não a minha maluquice e tudo depende da coesão e dinamismo social da sociedade, do meu grupo...

23.

A pergunta persiste, o que é normal? O que é patológico. Este é o que se desvia da norma, seja em termos de delinquência, seja no âmbito mediático do espaço público... Só quem está algum tempo do "outro lado", como certos artistas (Van Gogh ou Dali, por exemplo), percebem que não há grande diferente entre um estado e o outro e entre a loucura e desrazão e a normalidade é conhecida uma fronteira cozida a linhas muito fina...

24.

Porque, essencialmente, o povo, como o sujeito, precisa de memória, de se sentir agarrado a este mundo, acreditando ou não no Outro (Mundo e Outro-Pessoa), precisa de estar sempre reiterando a sua presença na terra, talvez porque não seja (pelo menos inteiramente), daqui.

Conventos" " A Apresentação do Eu na vida de todos os dias".

3 "Mente sã em corpo são", um grande e significativo ideal dos gregos.

25.

Culpa, remissão, indulgência-perdão, eis o eterno ciclo retorno da personalidade mística, sendo Deus um mito, não se podendo dizer mal d'Ele de modo algum, temos de nos submeter a uma ***persona*** que não é inteiramente humana, nem inteiramente divina, o Cristo, o Ungido de deus. Contudo, consegue-se um certo conforto na Igreja, nas Igrejas, face aos desafios psíquicos em contexto cosmopolita, impessoal despersonalizado nas relações, quando há sempre uma vaga daqueles, mormente os que vêm da aldeia, que puxam para o lado da solidariedade, desfazendo a anemia própria de certas sociedades ou grupos.

26.

Dizia Raúl Iturra que o antropólogo, pela exigência da sua profissão, está tanto atreito à super inteligência quanto à esquizofrenia, no conjunto de uma profissão bastante desgastante, porque tens de pensar o Todo e a Parte, o ínfimo, microscópico (onde haja vida humana) e a totalidade dos fenómenos humanos que, pró certas ocasiões, são fenómenos sociais totais…

Neste sentido, como o médico (psiquiatra), o sociólogo (embora menos, pois este estuda mais a "normalidade"), o psicólogo e, finalmente o antropólogo (ainda que sobrando por vezes para o geógrafo) e o assistente social, diria até o teólogo, ocupam-se de fenómenos humanos totais, que é a relação entre os homens (entre si) e a relação com o Todo, seja o Mundo, seja, em certo sentido, a divindade…

27.

Não procures incoerências. Vive com o que te é dado, com o que conquistaste. Ele está ao teu redor e traz-te saúde, mesmo que sejas teimoso e queiras fazer o Seu trabalho. Assim, tens de te submeter, pois é peso demais para uma só pessoa. Aceita, dói menos…

28.

Cada vez mais se desenvolvem disciplinas apaixonante, como a etnopsiquiatria (com Georges Devereux à cabeça, já desde algumas décadas), ou seja a loucura não só é um negócio quanto uma coisa interessante, para quem vê de fora, obviamente, porque o doente, por vezes, está tão imerso no seu mundo, como o universo autista, que não se apercebe que não é normal, ou seja, não é social, o seu pensamento, o seu comportamento. Não é, numa palavra, adequado, funcional Evans-Pritchard, "Estrutura e Função das Sociedades Primitivas")…

29.

Há portanto, uma certa relatividade em psiquiatria, como a há em antropologia, nomeadamente na antropologia social, ou seja, dependendo do contexto, as variações são as mais diversas, até dos sintomas e aquilo a que cheguei de economia da libido noutro escrito tem muito que ver com a sexualidade como forma de afirmação/libertação mas também como método para marcar terreno, território.

30.

Portanto, a nossa argumentação passa essencialmente pela sexualidade, ela pode curar, como cura a Igreja, mas pode também perverter, viciar, entre os dois, os três, os quatro, se bem nos entendemos. Mas, será sexualidade e o sexo um elemento passível de ser considerado antropocena? Eu defendo que sim, não com desprimor de outras abordagens. Porque o sujeito fantasia sobre isso durante várias horas ao longo do dia, porque é das experiências mais extraordinárias que um ser humano pode ter, para se sentir completo e realizado...

31.

A antropologia, por vezes é tão vaga que assusta, será possível um inventário de todas as atividade humanas e teorizar sobre isso com a ajuda de Deus? Concerteza que sim. A psiquiatria também assusta, porque a mente está politicamente aberta e não há limites ao pensamento. Depois, há o efeito retemperador da literatura que nos traz, dia após dia, para a realidade de todos os dias e, enfim, para a normalidade...

UMA INCIDÊNCIA CIRCUNSTANCIAL:
CERTEZA, DÚVIDA E EXISTÊNCIA

Argumento

A realidade pode ser um cisco insignificante, pode ser uma dúvida infinita a propósito de qualquer propósito num pano de fundo que é a existência, pode ser apenas as pequenas perceções por um tempo, até fazer sentido do todo que é a pessoa.

Desenvolvimento

1.

Fazer sentido desde o pormenor, para chegar ao "pormaior", por método indutivo e também usando o cartesiano método dedutivo, plasmado *em As regras do Método*. Estamos diante de nenhum tema, de nenhum assunto, mas de um conjunto de impressões mentais, fenomenologicamente falando. A filosofia costuma ser avessa a isso, de tão retórico que é o seu discurso, a sua narrativa.

2.

Não há nada demais além do que se não conhece, vai-se conhecendo, vai-se avançando, e já é bem bom, porque até aqui as desilusões foram muitas, passámos todo o tempo a esperar que os frutos das sementes que semeámos viessem a dar fruto, mas nem por isso, resta-nos contentarmo-nos por não ter corrido pior. Este é um caminho, um itinerário, filosófico. Nem mais, nem poético nem literário, no âmbito da prosa, é filosófico, talvez além do *Cândido* de Voltaire, tal é o nosso desgaste e cansaço...

3.

A dissonância das vozes por entre as paredes, atravessando os ouvidos, o inferno são os outros, que não te dão conta de nada, como o teu pai, e que ainda por cima dizem mal, não sabendo o que custa criar, acham que é coisa como fazer amor com uma mulher e já está, tira-se o preservativo e deita-se fora, até parece mal num discurso filosófico, mas a realidade é mesmo assim, tarda incluir datas e nomes de pessoas, de lugares, no corpo do texto filosófico, enquanto assim não for, a filosofia permanecerá para sempre aflitiva no século das Luzes ou na Idade Grega do descobrimento do saber ocidental.

4.

Pensa: terás construído uma obra digna do teu nome e sem grandes sarilhos, tirando a tese, que te levou ao hospital dos malucos, nunca lá devias ter entrado, devias ter-te defendido, mas entraste, que vai agora fazer? Construir uma narrativa do Outro? Ou a narrativa das vozes, do Outro em Ti, quando tens o ego escondido num pequeno apartamento de Moscat?...

5.

A filosofia é, assim, como que um vírus de terror que evita guerras, que põem toda a gente a falar entre si sobre o espanto do mundo e os distrai de se matarem uns aos outros, porque pela palavra, pela complicação teórica, vai-se disfarçando a coisa.

6.

A luz incide sobre a janela, é o sol a fazer das suas. Os tipos da contabilidade voltaram a abrir o escritório, é a crise financeira dos mercados, enquanto o talho e a cabeleireira estão fechados, estranho, a meio da tarde. A tipa das jóias voltou, tem estado no seu lugar uma negra bem atraente. Pouca gente me cumprimenta, a não ser um ou outro velhote. Continuo á espera que se discuta a minha tese. Isto é filosofia? Claro que é, é circunstância, vida, existência, o banal no seu melhor e que melhor matéria par a filosofia, se é que ela precisa de algum ponto de apoio imanente, do que o banal? "É daí que surge a verborreia"- dizia o Victor.

7.

Sim, a literatura é a arte da sabotagem, porque os outros não sabem nada de ti, sabem a sua versão de ti, que pode ou não ser maligna, enquanto tu contas aos outros, para regime oficial, aquilo que queres que saibam, como um epitáfio.

8.

Não, não tenho amigos. Mas isto, é tudo o que eu tenho, por isso vou a partir disto construir qualquer coisa, com calma e paciência, embora a grande parte ande numa correria doida por não sei quê, corpos, dinheiro, fama, imagem, muito se estatelam contra a parede, outros permanecem vivos e atuantes, muitos estão mais para lá do que para cá, outros continuam em suas safadezas, porque algum dia foram feridos…

9.

Sim, teu Ego está entre quatro paredes, à espera de ser libertado, de se soltar pelos campos da tua infância, onde andavas nos palheiros com a Isaura, o Charréu e o Grilo. É assim na cidade, "alguns já estão engavetados", como diz o teu irmão.

10.

A vingança, a remissão à existência, faz viver, mantém-te vivo. Mas…com que qualidade? Não viverás por isso bastante mais angustiado se te entregasses ao Senhor teu Deus?

11.

Cargos há muitos e tu temes não estar à altura, muitos são os candidatos, alguns piores, alguns melhores do que tu, mas não temas pela saúde, vai, sibilino, traçando o teu caminho numa floresta de enganos e desenganos, com Frei Manuel Bernardes nos "Caminhos da Floresta".

12.

E trago à baila a obra de Gadamer, *O Mistério da Saúde*, a propósito de compósitos desejos de perdurar nesta vida, ao mesmo tempo que te tornar um autor de renome internacional, além do nacional, do social, do eventual. Só basta um clique societal...

13.

Estás, portanto, entre várias categorias, o teu Ego pode estar queimado, mas continuas, muitos sistemas filosóficos há que descobrir e explanar nas academias, sem fim, o teu será um deles, se a cada pessoa cabe um só sistema, já parece a China, um país dois sistemas.

14.

Vejo no meu irmão e noutros tipos a ilusão de prova que a maior parte dos académicos têm. Mas isso é culpa dos filósofos, que mais cedo admitem um engenheiro ou arquiteto para fazer filosofia do que uma pessoas das ciências sociais. Há aí um conflito de interesses bastante grave e significativo, que demonstra como a sociedade pensa...

15.

Mas também é culpa dos antropólogos, que se fecham em copas em nichos nas mais diversas universidades portuguesas (e são duas ou três), não se abrindo à sociedade civil, sendo uma espécie de clube quer produz em série coisas sobre o mundo em que vivem, uma espécie de *illuminatti* alimentados até pela própria sociedade pelos seus privilégios, com um ar confrangedor de simplicidade, descrentes de qualquer coisa de transcendente, como se fossem uma Igreja à parte em autocombustão, ou seja, produz os seus artífices e o estado alimenta todo este estado de coisas. No fundo, é a regra milenar: se discordas de mim, não fazes parte do clube...

16.

No fundo, todos procuram a fuga, atrapalhados, quando isto é uma manta de retalhos, bem curta para a cama em causa, ou seja, quando se tapa a cabeça destapam-se os pés e não falta que sacuda a água do capote.

17.

Mas...é assim que se constituem os grupos, remam todos para o mesmo sentido, pensam todos o mesmo, tem interesses em comum, reverberam a reiteração do mesmo até à exaustão, porque não são cosmopolitas e quem o é arrisca-se a maiores riscos...

18.

Sabotagem, interesse, o filósofo é culpado de todos, todos o perseguem, todos o acusam, porque na verdade têm inveja do seu dom, lá diz a antropologia, enquanto outros procuram os bens terrenos, o filósofo contenta-se com pouco, pouca televisão e alguns livros, muitos livros. Pena é daqueles que vêm na filosofia um modo de vida, de ganhar dinheiro...E vai além do teu tempo e dos homens do teu tempo, presos à imanência como o cão ao seu osso...

19.

Para evitar que a cidade continue matando, é preciso regressar a uma vida simples, porventura aos conventos e mosteiros, sendo que aí tudo de novo recomeça, os abusos de crianças, a violência doméstica, a lassidão de algumas almas que só conhecem a quentura dos trópicos, tudo isso associado à economia, o poderia inglês e americano, que é apenas quase somente simbólico, pois quem verdadeiramente manda é a China e o Japão, os diferentes, afinal...

20.

Acusam-nos de não ter amigos, e não se apercebem de como é a vida na cidade, de como preciso de estar só para escrever, de como tive de optar por certas ideias contrárias ao senso comum para afirmar as minhas, a minha liberdade...

21.

Andamos nisto há muito tempo, numa troca de acusações que não tem fim, tudo tendo advindo da infância, onde se forjaram grandes amigos mas também grandes inimigos e a remissão à existência tem os seus limites, poucos fizeram filosofia com pouco dinheiro e ainda assim, sou funcionário da humanidade, quando muitos do meu tempo vivem noutro tempo, o tempo do banal senso comum e disso se rezará um dia, no epitáfio ou na glória.

22.

O ser humano está cheio de incoerências e ninguém quer fazer má figura, diante de Deus, da sociedade, todos pensam que têm alguma forma de razão, em vez dos arrependidos, daqueles que estão condoídos com a sua própria existência e os seus erros, entre psiquiatria e religião, entre economia e astronomia...quando a felicidade é tácita e a competição é feroz, porque o país está entregue à bicharada.

23.

Para captares as mais diversas dimensões da realidade, além do mesmo, precisas de estar atento, esperar um tempo até que a diástole faça o seu trabalho e percebas como o mundo é muito mais do que Tu mesmo…

24.

Há-de sempre haver quem diga mal de ti, do que fazes, que não reconheça o teu valor e entre os familiares há alguns que pensam assim, por vezes até a tua mãe te desconsidera, porque não tens jeito para ganhar dinheiro, porque não casaste e até porque não tens namorada, trabalho. Há sempre quem critique, como tu criticas alguns, mas encontra o Paulo na rua e vês a esperança, essa esperança que dás aos outros sem que te peçam, essa alegria, que não é estar todo o tempo dentro da Igreja, embora isso te agrade sobremaneira. E passa o tempo, nenhuma mulher se aproxima e tu notas que não és gay, nem bicha, somente que não chegou o teu tempo, logo, tornas-te especialista em esperar, não procrastinar, mas esperar e aí tornas-te o verdadeiro escritor, cujas palavras saem do âmago do teu Ser…

25.

Eis a incidência circunstancial, uma fresta da realidade que está além de ti, ao passo dos teus olhos, quando deixas de ouvir e tatear e acabas por ver ainda, mesmo que cego a certas coisas. E exploras o teu ser como nunca ninguém o fez, como nunca antropólogo algum o fez e precisas da filosofia para isso, quando estarás no âmbito da psicanálise há algum tempo e tens de te haver com isso, porque com as tuas escolhas não há amigos com palmadinhas nas costas e esse tempo não tem reverso mas inverso.

26.

Tu olhas pela grelha da ciência social, porque assim foste formado, para além da religião, que te faz falta para te sentires bem, e mais do que nunca precisas dessas referências, dessa estruturas porque estás só fazendo tudo isto e até a literatura se tornou numa arte de enganar, de se desenrascar, ou seja, até no Tolentino de Mendonça vês isso, essa esperteza saloia de dizer não o que penas a partira da reflexão, mas o que de bom todos os outros pensam. E isso é, de certa maneira injusto. Então, que espécie de ciência social tu fazes? A tua, de ti mesmo…

27.

E ainda por cima te chamam de Judas e tu pões-te a pensar," Judas do Quê?, Traí alguém? Cristo?" - É isto que pensas no vinco do tempo, mais um conceito que adiantaste em favor da compreensão do social para bem de toda a gente…

28.

E notas que o mundo não é perfeito e esperas, desesperas, esperas de novo mais uma vez, não sabes a que propósito, e deixas-te ir pelo instinto, como os gatos, quando se alojam no motor dos carros, quando a curiosidade os mata e assim, como o cantor Alexander Search, prossegues o teu caminho, pois não sabes de que outra maneira pode ser, que outros argumentos possas levantar, fora da academia, julgando que tens poucos amigos, tens mais do que aqueles que pensas e a realidade é assim, evolve, desenvolve-se no ar, na água e todos se querem, mais ou menos, aproveitar-se dela para benefício próprio, numa sociedade em que o ter é mais importante Ser, daí o ***vinco***...

29.

Sim, prova, demonstração, eis a sociedade ocidental, prova pela mulher que comi para me afirmar macho, prova da TV ou do jornal onde apareci só para tomar a camponesa, de certo modo, enganá-la, não lhe dar tempo, porque o meu tempo é muito mais importante do que o dela e, na verdade, ainda que não tenha tempo, devo aproveitá-lo ao máximo dos máximos, com ou sem sentido...

30.

Não pensarias, quando foste para o convento, que a maioria das pessoas é louca, mesmo sem ter ido parar a hospital psiquiátrico algum. Pois...são loucos, consideras tu que já lá estiveste, ao menos não ficaste por lá, como alguns queriam, despachar daqui para fora desta tourada de maluquice estrada fora, onde se finge ser amigo e se é cobra...

31.

Afinal, os intelectuais estão todos fugindo para a religião, à medida que o normal e estranho se torna progressivamente normal, muito por culpa não diria dos media, dos novos media, mas essencialmente da televisão, mais concretamente dos programadores de TV que têm apenas formação de jornalistas e uma ou duas vivendas em Cascais...Mas, enfim quem vai julgar essas pessoas? Quem vai julgar o Pinto Balsemão? Estão todos agarrados à árvore e a maior parte dos jornais tem uma ótica deturpada...

32.

Assim, promove-se a estupidez e os verdadeiros artistas, que têm uma visão nova e inaudita ao mundo, deixam para a posteridade a sua afirmação, talvez para depois desta vida, talvez não, talvez nunca nada se saiba ou nada se tenha sabido, porque antes de mais é preciso viver, viver loucamente.

Quando a Realidade é pouco Democrática: um mundo conspirativo à casca da noz

"A única coisa de que podemos ter certeza é a incerteza"

Zygmunt Bauman

Argumento

O filósofo continua a escrever, a filosofar e pode fazer isso porque tem o salário garantido ao fim do mês por isso está nessa bolha *ad aeternum*, ao passo que aquele que corre por fora tem de pedinchar à família dinheiro para comer, fumar, fazer filosofia, que a todos beneficia. Portugal bem pode ser o mais injusto dos países, esta é a minha tese.

Desenvolvimento

1.

Por vezes, tudo parece conspirar para ti, no bom ou no mau sentido, no bom ou no mau momento. Há muitas vantagens no pessimismo (Scruton), mas também há desvantagens, como diria Cícero, é bom manter no meio termo, dosear as emoções, ser moderado em tudo, como disse no final do meu primeiro livros, *As Curvas Apertadas*.

Mas é impossível, porque na corrida, que é quase sempre de obstáculos, na corrida da vida, há sempre de permeio um certo pessimismo e a alma ou está eufórica ora depressiva, faz parte, desde que contagiemos apenas o otimismo para os outros e nos aguentemos à brava com o nosso pessimismo.

2.

Mesmo assim, és mal entendido, as pessoas estão agarradas às suas pequenas questões e não entender o teu comportamento, o teu entendimento e tu, delicadamente, não insistes, se querem persistir no erro, o problema é deles, Cristo só houve um. Mas há santos que o seguiram, felizmente...

3.

Muita coisa, muita merda, como se diz antes de entrar em cena, antes de discutir uma tese, está a vir à superfície da Igreja, que não entende o corpo, eu digo mais, não entende o Diabo e a separação que é devida entre sagrado e profano num contexto societal, eclesial...

4.

Depois, olhas para ti e vês do que gostas, melhor, gostas do que vês, um tipo que está ultrapassando muitos, alguns, traumas, de infância mas talvez de adolescência, um tipo que se mantém ativo sexualmente e atraente para as mulheres, pois é o sexo que preferes, nem que sejas gay ou bicharoco, que não é o caso, mas há sempre abébias a dar. Será isto Filosofia» Sim, de certo modo, entre o vão, o vinco e o vime da vinha de onde se vai buscar as uvas e o vinho, seja tinto seja branco. Sentes, portanto, à distância, o teu pai numa canção de que não te lembras, sentes o coração da tua mãe, batendo em ti, dentro de ti, por ti porventura, ouvindo "Mama", do Phil Collins, de pois de "I'm Alive" de Celine Dion.

5.

A mente é como um motor, tem injeção e piston, admite gasóleo ou gasolina, conforme o caso e há que aquilo que uma canção dos Queen sugere, "torn between the levels"... Pode parecer descarada a nossa intervenção, mas é por bem, da escrita e de outras coisas, não vale tanto a pena andares preocupada com o dinheiro, ele há-de vir, assim como a tua amada, basta esperares, bem sei que custa, cede que dói menos, aceita, se não custasse não valia a pena, arranja por isso um bom passatempo nem que seja o Tetris ou o Xadrez, que abandonaste há algum tempo...

6.

Lembra-te do que disseste em tempos no Metro a duas inglesas, "is not so important" e como elas não tivessem ouvido, repetiste, mas de outra maneira, ou seja, "I'm not so important"... elas riram-se de alívio, como se a Inglaterra fosse Portugal e vice-versa, dois países um sistema e ainda à baila vêm os francesas, deixa lá ver, que os espanhóis vão para o mesmo, até nos imitam em certas coisas...

7.

Sentes que estás desligado da comunidade antropológica, mas não é preciso estares ligados, nunca deixarás de ser antropólogo, está-te no sangue e além disso és também filósofo e escritor, nada demais para descrever uma sociedade que vai mundo, sujeitos que, ao invés do mundo moral, vão evoluindo na escala do social e que tu vais vendo, vais assinalando...

8.

Quando te consegues ver a ti mesmo, estás no bom caminho, arranjas até motivo de risota, para além da crítica dos outros, em certo sentido, eles não te podem ferir mais, porque tens uma cama de antireflexo, e mesmo que elas entres, as críticas, és uma esponja e quando apertada, sai tudo...em nome da escrita, da filosofia, do pensamento livre e da livre associação, diurna ou noturna...

9.

Ainda assim, na tua filosofia altruísta, tens tempo de ouvir programas religiosos, quando a TV fica sem som, por defeito técnico, por oscilação das vontade e produzes, produzes muito, sem saber que um dia virarás célebre, ainda que nenhuma dama te visite, é uma forma de expressão, por isso continua, numa metafísica do aquém e além Tejo…

10.

É isto Filosofia? Não sei, não estou numa academia, mas acho que é, sem sombra de dúvida, filosofia, porque chego sempre a uma conclusão mais ou menos metafísica acerca do comportamento e do discurso e, depois de uma quase vida escrevendo as mais diversas coisa, continuo, ainda sem o jogging, insistindo na escrita, quando já precisa de um terapeuta que me orientasse nos alvores do poder social… Mas duvido que o psico terapêutica tivesse mais poder do que eu…

11.

O sujeito debate-se então, com os mais diversos desejos, entre pensamentos intrusivos e dupla personalidade, mas faz parte, é preciso tudo relativizar, entre sístole e diástole, porque não foi preciso cirurgia, e isso até nos tornaria num superhomem, personagens que tu és para alguns dos teus alunos e a culpa é do Nietzsche, vá-se lá saber porquê, alguém explique isto em Portugal, que é o teu contexto metodológico…

12.

E preocupam-te as imagens mínimas, porque tens um problema com a realidade, terás também com a verdade, no entanto prossegues a tua caminhada e quando baixas a cabeça, te aparecem várias perceções do mínimo, como se fosses chinês ou japonês, em troca do bem-estar psíquico individual…Porque quem comanda qualquer coisa, também tem a sua doença, nem que seja a mania de mandar nos outros, coisa que eu não sou grande especialista a fazer, tomara eu mandar em mim próprio, no eu dos Outros, nos Outros em Mim.

13.

Mas Nietzsche não sentia culpa, ele grassava na religião como sendo algo pouco honesto, sincero, um pouco com a hipocrisia de alguns psiquiatras de hoje, em que a mente está em céu aberto, em autópsia mútua, como diria Nélia Dias…

14.

E eis que acordo de manhã, custando-me a levantar, com uma grande erecção, a glande quase de cola à barriga, estranho isto, apenas estou em privação em memória de outros tempos em que fazia as coisas em cima do joelho, digamos, partia logo para a parte física, quando na adolescência e juventude não era assim, tinha cabeça, até no ISCTE e na Nova, ou seja, procuro um certo equilíbrio que foi perdido algures nos 35 anos, um pouco antes deste segundo milénio…

15.

E tudo isto é Filosofia…que o diga Fernando Pessoa, tenho a ideia de que percorro alguns dos seus passos, na subido iluminada para o Chiado, bem como Teófilo Braga, nas etnografias da antropologia, Fernando Namora, Alberto e os mais antigos Cesário Verde e e Sebastião da Gama, para não falar de Alexandre Herculano e Mário Viegas…

16.

Pois, decidi não pedira nada, mais nada, não reclamar, apenas quero o meu dia a dia de volta, ainda que só, ainda que custe, ainda que não tenha cobertura e palmadinhas nas costas. Porque isto é Filosofia…

17.

Há uma espécie de felicidade incompleta em tudo isto, em ver o gatinho recebendo o vento da rua pela janela. Sim, mais, há qualquer coisa de americano em tudo isto, mesmo no sofrimento, na vontade animal de copular de varais maneiras, como se o francês soubesse esperar, como se desse valor a tudo, mesmo a uma calçada limpa e lisa, a calçada portuguesa, pois então.

18.

Será isto Filosofia? Não será aquilo, antes e depois dos desejos e dos sentidos satisfeitos, entre sonhos e dificuldade em levantar da gama, como se fosse preciso um guindaste? E é este o fio da nossa prosa, filosófica, pois então…

19.

Encontras-te nessa situação social, podias, através da reflexão ou da mera imitação, estar noutra, bem mais vantajosa, porque, afinal, sabes dar valor à tua circunstância, acidental ou provocada, transformando-a em ouro que te faz feliz…

20.

A meio do caminho, ficas extremamente cansado, com fortes dores de cabeça, mas continuas, não volta a dar, é um beco sem saída e ainda que tenhas de voltar para trás, fazes isso porque, afinal, não deves nada a ninguém e tens ainda o teu caminho a

percorrer, talvez em nome de uma filosofia, de uma antropologia, que ninguém fala porque cansa, a verdade cansa e não é dada a um só de uma vez, mas desigualmente distribuída a todos…

21.

Se tens oportunidade de ser feliz, não deixes escapar essa possibilidade, ainda que sejas engenheiro ou arquiteto, a felicidade advém essencialmente da realização profissional, pouco mais, a vida é uma passagem, não uma instância de poder, ainda que muitos (não são poucos), achem o contrário, que se deve amealhar o mais dinheiro possível, sem viver a vida, sem ter um acto de generosidade sem fazer um juízo moral…

22.

E, então, vais criando habituação à habitação, gostas de estar em casa, podias estar no meio de uma tribo timorense, mas está aqui, no meio das tribos urbanas e decerto não te dás assim tão mal, porque muitos te respeitam porque também os respeitas…

23.

Então, nesse sentido, o que é o mecanismo do interesse, o que nos liga ao mundo? Não será que estamos já ligados, antes da concepção até, inclusive? Porque há qualquer coisa de meio ambiente e meio físico e social, também em nós, nos nossos neurónios, neurónios…

24.

Então, sobrevém o cansaço, não é fácil acreditar e ser-se bom, é bem mais difícil do que ser mau e entre essas duas formas de discurso, de entendimento das coisas e de comportamento, anda o homem, atarefado por ser pai e nós respeitamos isso porque também o quisemos ser um dia e esse elo quebrado está algures no passado, aonde não queremos regressar.

25.

Sonhar não é assim tão impossível, nem tão fora da caixa quanto possa parecer, vais insistindo com a tua técnica do crisol dos entendimentos e diálogo do quotidiano e esperas pela felicidade que virá, a rodos, de uma só vez, de enxurrada, que te irá culminar e contemplar de Bem e alegria, porque a vida presta-se a isso, fazes uma remissão à existência e consideras-te feliz embora cansado, é normal, é o peso da responsabilidade pelas coisas que tens feito e desfeito…

26.

O cansaço mental sobrevém, a filosofia dá para isso, sentir-se cansado, estirado, contemplado com as dores do mundo em nome da literatura, da nomenclatura, da democracia e mais sinais exteriores de que é capaz ainda de trabalhar, agora que deixaste de ser reformado por invalidez. Digamos que, tirando umas pequenas dívidas, tens a ficha limpa…

27.

E estás, assim, afoito ao passar do Tempo, àquilo a que muitos chamam de envelhecimento, é o Tempo passando por ti no Rossio ou metido contigo na Rua da Betesga. De uma maneira ou de outra, continuas, porque como diz o povo, "parar é morrer", mesmo depois de teres sonhado com a pequena Baía de São Pedro de Muel, enquanto os Muse tocavam, sendo que a primeira parte desde concerto foi dos Gift, onde ouviste o tema "Um Verão".

28.

E as tuas reivindicações teóricas caem por terra, deixas de ser alarve em relação com a realidade, ou seja, querer tudo, muitas e coisa e até a atenção que muitos não têm. Daí a pressão, a tensão, no Metro, em casa até, porque procuras sempre alguma coisa e deixaste de beber café, sendo que o tabaco está evidentemente racionado, quando a bebida ainda entra alguma.

29.

Por vezes não aguentas, tanto esforço, tanta entrega e não estás sendo reconhecido como um grande escritor, porque achas que merecias, que seria um desdobramento lógico da tua produção. Mas deixa estar nem sempre se fazem as coisas com sentido e intenção particular, peculiar, Deus tudo trará a seu tempo, bem como Amor, estás um pouco desatento a isso e nesse dia, no Metro, podias ter conquistado uma miúda que te mirava interessada à espera do teu sim e voltaste para casa, porque querias fazer e terminar o presente ensaio… ora bem, estás quase conseguindo…

30.

E continuas a descortinar **déjá-vus** e a perceber onde erraste podias ter-te entregue a alguém, da do a alguém e esse alguém teria sido a Catarina, que tu bem a quiseste, ou a Susana, de que guardas memória mais cara e até a tens procurado online e por todo o lado que é possível, teria sido a tua mulher, sendo que terás tido outras, como Magdalena ou Lily, que muito bem te fizeras, mas escaparam não sabes como e ao fim de todo este tempo ainda esperar pela Cinderela e isso te dá, essa busca, saúde e bem-estar…

31.

Já abordei em outros lugares, a existência enquanto circo, *ritornelo*, repetição, ritual incessante face ao sagrado e ao profano, quando se confundem os dois conceitos, gera-se qualquer coisa de estranho e ao mesmo tempo maravilhoso, porque a natureza pagã do homem faz com que ele faça coisa, monumentos, edifícios, estradas e lembramo-nos dos 40 dias de Jeshua no deserto e o modo como foi tentando pelo Demónio...

32.

A neurose morde o espírito, pensamento após pensamento, fracção de pensamento, particularidade do real e impressão cerebral, em vez de digital... deixas marca em todo o lado e, como Pessoa, o teu Ser cola-se a tudo o que é mundo, do Mundo, sendo que estás além desse toque porque foste tu que compraste a cola acolá.

33.

O Tempo persegue-se, estás enredado em ti, importas-te umas vezes, no sentido de fazer bem depressa qualquer coisa, construir obra, escrever e pensar, resolver problemas, outras vezes pouco te importas porque achas que já fizeste que chegue, mas isso acontece por pouco tempo, essa preocupação, essa presa, como Maria, de te levantares e ires porta fora, apressadamente. Está, portanto, embrulhado em ti, enquanto pegas numa funda, como David contra Sansão e jogas o tempo para a frente de ti, além do banal, para te projetares também a ti além dele e ele caminhar à tua frente, como se fora teu escravo...

34.

O segredo de uma vida longa e realizada talvez seja lutar por fazer aquilo que nos dá gosto, gozo e como custa isso a conseguir! Muitos entram em competição desenfreada, talvez por imitação do modelo americano. Mas...há outros modelos, como o Suíço, o francês, o norueguês, igualmente passíveis de serem adotados em regime de economia social pessoa. E, depois há o modelo português, daquele que faz melhor e deixa tudo para a última, que sabe enfim gozar o sol e a gastronomia deste canto da Europa. Os brasileiros reconhecem isso, um certo valor no solo que corre nas veias da gente daqui...

35.

Há quem goste da zona de conforto para produzir (textos, símbolos, manufatura), mas há quem goste do risco de estar fora da caixa, quando nesta modalidade o regresso a casa é bem mais feliz do que estar como ratinho na sua caixa todo o tempo. Porque o tempo, o vento e o movimento podem mudar e é preciso ir no ar das correntes, das vogas (do Bogas), ir atrás e por outro lado À frente ao mesmo tempo de qualquer coisa de interessante...

36.

Depois, vais descobrindo que, finalmente, após tanta luta e recesso, estás dentro daquilo a que se configurou chamar de "inconsciente coletivo" e deixas-te estar, quieto, como se fosse uma viagem de avião, porque, afinal, queres chegar ao fim de qualquer coisa e, como diz a médica de família, "não estás a fazer mal a ninguém...

37.

Sim, ainda há diante dos teus olhos, algo que te impede de ver claramente, nitidamente, como se fosse um véu, um leite, uma catarata que se vai atravessando na tua vista e continuas a lutar, a debater-te com ideias e palavras, sendo que cego também farias uma certa coisa, uma certa filosofia ou hermenêutica.

38.

E, depois, como que voltas ao ventre da tua mãe, às costas do teu avô, àquele lugar pequeno agora, mas imenso durante a infância, onde brincaste com outros e tiveste os teus amigos. Agora, tudo se perde (e se transforma), viés só e vai tendo por companhia as palavras, "as palavras não sabem amar", diz a canção dos Silence 4 e tu acreditas nisso como se nunca tivesses tido fé e tivesses voltado a ter, quanto mais não seja em ti mesmo e no Deus que te acalenta o espírito e a carne e te vai conservando "deste lado" da vida.

39.

Porque tu acreditas na sinceridade, na honestidade, finalmente e a filosofia, de alguma maneira, não é assim tão assertiva e tirou-te do sério, como que te amordaçou, entre a razão e a desrazão, a loucura e a normalidade, a força e a fraqueza sabias que tinhas de abrandar um deste dias, porque queres viver, mais e mais, não em termos absolutos, mas para fazer certas coisas que gostas de fazer e vai então criando calo e vendo as coisas do mundo com mais prudência, até para não te queimares nos olhos.

40.

Sim, a filosofia é como um cancro, tanto nos pode matar quanto nos pode trazer uma nova e segunda vida, mesmo que sejas hedonista não eras nunca tão perverso e tarado como te sentes em algumas alturas do teu dia, como se essa perversidade e taradice se constitui como entretém, como motivo de interesse pelo movimento extático da mente e da perceção, muito por culpa da tua educação e do meio onde se desenvolveste em criança, até chegar à adolescência, altura em que trancaste a tua sexualidade a chaves de um baú de um sótão qualquer do mundo, de um mundo qualquer e assim descobrir o fio de Ariadne em tudo isso e voltar a estar jovem e realizado, embora com cabelo branco e o corpo cansado, mas ainda com vigor para muito amor, se o amor for coisa do corpo e não da mente...

41.

E assim estás, entre o sagrado e a casa, os pensamentos permitidos, uns que têm a ver, outros que nada têm a ver com o real, mas se não têm é porque também, por oposição, têm também a ver. Voltamos ao espinosismo como panaceia da dúvida, como elixir da inteligência humana, quantas vezes armadilhada pela ciência umas vezes e pela religião outras, porque não andam sempre ambas entrelaçadas uma na outra, mesmo que uma certa realidade social mostre o contrário...

A CRÍTICA E A CONVICÇÃO:
Absorver ou Replicar?

Argumento

Defendemos a seguinte tese: o sujeito precisa de um ***refletor social***, ou seja, de uma impermeabilização da crítica por parte de Outrem, pelo menos enquanto não tem lastro para absorver e replicar. E, quanto à crítica, é evitável replicar?...

Desenvolvimento

1.

O sujeito que foge ora se destaca ora aparece, conforme o camaleão, *O Desgosto do Camaleão*, da autoria de Francisco Rebelo sobre as aventuras e desventuras de um escritor em África... Enquanto te manténs em guerra com algumas pessoas, sujeitos, actores sociais, está como que em paz contigo mesmo, com a tua natureza guerreira que te conserva e faz sentir mais vivo do que a moderna da rotina de todos os dias (Raymond Carver, "Telefona se Precisares de Mim").

2.

Por vezes, temos receio de admitir a verdade e estamos ali, atravancados, fora de nós mesmo, dentro de nós mesmo, com um nó na garganta e no estômago, não sabendo o que fazer, não avançando nem recuando, talvez devêssemos ter ficado no passado, ao menos não haveria equívocos nem problemas, com nós mesmos e com os outros...

3.

Será que o santo é santo por fazer a vontade de Deus e dos Outros? Eles ficam-se a rir, "como é parvo este gajo", porque têm o fito não na eternidade, no Deus Puro e Santo, mas na temporalidade, no imediato, na imanência, no *manducare*... Mas o profeta persiste, tal como Locke em "Perdidos", porque anda um Perdido por Lisboa afora e a torção do mundo, a voragem dos dias, continua operando nas consciências, a uns que vão muito à frente, usando ou não drogas e estatelam-se mais adiante no muro e a outros que de tão devagar vão que ficam pelo caminho, talvez à espera que uma ambulância com a mangueira de bombeiro mal posta, os ajude...

4.

O objetivo do escrito, portanto, não é ser visto nem apercebido, é trabalhar secretamente em favor do mundo e, claro, de si mesmo, em função da sua visão do mundo, abrir caminho para que outros, os seus e os seus amigos, possam percorrer os eu próprio caminho, dar indicações, favorecer, sugerir, preparar terreno...Porque

alguém tem de ir à frente. Nesse caminho encontra muitas necessidades insatisfeitas, mas é isso, essa dor, essa falta, que lhe dá ânimo, porque ele poupa as suas energias, inclusive as sexuais e sociais, para ser porventura redimido um dia. Nisto tudo há um cálculo e a crítica até funciona como incentivo, *ab contrario*, que fere o seu Ego e desse sangue saído o leva mais adiante, para uma outra vida, como Cristo na Cruz.

5.

Portanto, ante a crítica não serve a mera impermeabilização, sob os fantasmas do adormecer, do levantar pela aurora, quando a luz do dia vai subindo na janela, tem de arranjar outra forma, que é neutralizar, de outro modo (*autrement*), as críticas, a crítica.

6.

Um dia vai acontecer, é sob esse signo que vive o autor, faz e executa a sua obra escultórica, para que aconteça qualquer coisa, e não quer apenas a promoção do seu nome, a fama, o sucesso, o êxito, como lhe quisermos chamar, mas apenas a continuação, em melhores condições, do seu trabalho, enquanto artista e autor pois lhe dá mais gozo fazê-lo do que colher os louros, sem grandes trapaceirices…

7.

Num mercado aberto, onde há muitas oportunidades, custa a reconhecer a derrota, mas esse é o jogo democrático, de derrota em derrota até à vitória final. Pensa assim: mais valia estares no Afeganistão, onde nem sequer podes saciar os teus sentidos, pois que as mulheres andam tapadas. Seria melhor para ti? Não sejas lorpa, não vás com muita sede ao pote, como te diz o povo…

8.

É dando que se recebe, diz a doutrina católica. E se eu nada tenho para dar? Daí recorro a Nietzsche que, mesmo ele, diz que há sempre coisa para dar, daí os extremos se unirem, o espírito do ateísmo e a alma católica. Preferes sofrer e vais andando, até que nada te perturbe e voltas as costas à turba, porque estás em regime de escrita, de autoria, concentrado na tua tarefa de antropólogo…

9.

Depois, uma reflexão que está por fazer sobre o cinema e não é só o americano, é o português e o francês, o alemão, as novas séries que andam por aí que dão muito lucro ao Netflix…Mas nós não estamos oficialmente ligados a nenhuma universidade, por isso

não temos que responder por isso, de certa maneira é, para nós, seara alheia e eles continuam a estatelar-se no ecrã...

10.

Tudo em nome da liberdade de expressão, precise o sujeito na vida social, no evolvimento fenomenológico dos dias de rotina, de ter um reflector às críticas? Assim, tendo, não ouve o que os outros pensam, porque nem tudo é crítica, umas vezes é, outras não, é elogia, basta estar atento.

11.

Assim, todos temos a aprender com os atores, talvez mais do que com os autores, num registo que remete para a seminalidade da questão da criatividade, enquanto o registo da vida é cada vez mais esparso, mais difícil de compreender aos antigos, mais desafiante de pôr por palavras aos miúdos que queiram compreender...

12.

O nomadismo tem tudo que ver com isso, com o sentir, muito mais do que a teoria, ou até o rebatimento e aprovação da teoria por outros termos, outra via...

13.

Assim, como diria o Tiago, estudante de Doutoramento em estudos Portugueses, tudo se resume ao *void*, ao vazio que é preenchido ocasionalmente, dependendo da união mais ou menos oficial, contratual, dos dois seres, seja eles iguais sejam idênticos .Assim é com o corpo da fêmea, precisa e anseia por ser preenchida e ainda que se tenha tocado, espera pelo macho certo, que a realizará, numa erótica espiritualidade que lhe fará sentir todo o calor do que é ser(-se) humano...

14.

Então, eis de novo a questão: absorver ou refletir? Depende do encargo que tenhas, depende da tua condição, da tua orientação, mais ou menos religiosa ou até metafísica, como Bach no "Cravo Bem Temperado".

15.

A expressão "éramos felizes e não sabíamos" explica melhor o que quero dizer, ou seja, a felicidade estás sempre adiante de nós, caminhamos para ela e também está atrás de nós, neste caminho, nesta via mais ou menos estreita que é a existência individual. Se o sujeito for cientista social, as dívidas e dúvidas pouco importam, além do mais, ele é funcionário da humanidade, nem sequer é tanto um professor, mas poderá sê-lo, como Camané ou Nuno Bragança...

16.

Portanto, não se pode usar, para o sujeito comum, um mero refletor, pois nos abstrairia dos encantos e misérias do mundo com que o vamos percebendo e realizando o nosso caminho, que é sempre para adiante, como numa peregrinação a Fátima ou a Compostela. Devemos então absorver tudo? Quem nos protege? Deus? É estas questões que eu levanto e às quais procuro dar resposta...

17.

Por vezes esta tarefa pode parecer desmoralizante, porque quanto mais só está o sujeito, mais se sente angustiado, mas tudo bem, entre vida social e doméstica andamos nós, algum dia há-de acontecer e acredito que Portugal é um país onde alguma coisa acontece, mais tarde ou mais cedo...

18.

Absorver, refletir, ripostar. Será isto uma guerra, onde estão então os Condestáveis, aqueles que acreditam no Outro e não querem a sua aniquilação, que acreditam neles tanto quanto em si mesmos? Entretanto, a guerra continua, contínua, incessante, não olhando a alvos, sejam eles mulheres, idosos, crianças, falo da Guerra da Ucrânia e de outras, haverá uma fórmula secreta e exclusiva para debelar tais conflitos? Ou a guerra é intrínseca, porque tem a ver com poder, território, economia...

19.

Ripostar com flores, eis a solução. Como a Rainha Santa Isabel, o povo tem razão. Com oração, talvez, sendo que a via estreita nem sempre traz os mesmos resultados do que a via larga, no âmbito do poder (temporal), a porta grande, ninguém quer ser bode expiatório, ainda que seja bufo mais do que uma vez, em várias circunstâncias...onde está então a ética de tudo isto, na norma que impede o professor de dar aulas; retardando o seu trabalho, para o qual investiu a sua vida e que é a sua vida?

20.

Depois do filme À Espera de um Milagre, fiquei a perceber bastantes coisas, mesmo com bofetadas de orgulho de algumas pessoas que apenas querem subir a escada do poder, por vezes para conquistar certas mulheres que querem um bom partido, o sexo pelo sexo não está bem, todos se julgam donos de uma certa verdade e a pior delas é precisamente não tanto religiosa quanto filosófica, embora haja na religião bastante pretensiosismo, que nada tem a ver com os copos e os corpos da Festa do Avante!

21.

Depois, a noção de uso, que te persegue e atordoa, enquanto alguns fazem disso uma empresa de telecomunicação, lado a lado com outras, na transição de um Ser mais ou menos bem disposto, parecido consigo próprio e com o mesmo, ante a reiteração da adoração ao grande outro, ao pequeno outro por via de uma solidariedade que funciona em estratos sócias desfavorecido, vá-se lá saber os planos que os ricos fazem para se manterem nas suas condições, sendo que nem toda a gente que tem formação é boa, muitos não têm formação e são-no, enquanto outros não têm medo da morte, não ligam à sua condição de finitude, com isso nos enganam a maior parte dos filmes de Hollywood, essa dureza própria de que tem o capital, a vários níveis, e antes de mais simbólico e que o não quer perder a todo o custo, porque se vão aproveitando enquanto cá estão, comendo e fornicando até mais não, até rebentar de prazer e ociosidade, é assim que se apanham muitos ratos, nem todos podem ter consideração (uns pelos outros). Daí a noção e o sentimento de vão que muitos sentem, de vazio, porque não querem parar e aquelas que param nunca mais entram na mecânica industrial do desejo, na articulação da libido com o caminho a seguir. Por isso estão paradas a rezar num nicho que apareceu a maior do caminho...

22.

Assim, progrides socialmente com um desejo irreprimível de tudo explicar, é a tentação da prova e vais andando com isso, com esse ardor quase seráfico de que o mundo, na sua manifestação e fenomenologia é, mais do que positivo, santo, nem que seja por um dia, à base de esforço, desforço e inspiração. Eis então o teu itinerário, não te cabe a ti replicar, ainda que o teu Ego diga que sim, porque se fizeres bem ao mundo, ele bem te fará, ou seja, eis o velho ditado, "assim como fizeres, assim acharás"...

23.

Para refletires precisas de ter um refletor, como aqueles que usam os peregrinos que vão a Fátima na Estrada Nacional 1. Senão, és uma esponja que precisa de ser espremida e, normal é apenas essa a tua tarefa, não capitalizar, em nome de um Deus que te dará algo de puro um dia. E continuas à espera, sempre ativo, fazendo sempre alguma coisa, levantando-te todos os dias, com boa ou má disposição, para mais dias de trabalho, pois já dizia São Bento, "ora et labora" e, à entrada do campo de Auschwitz, a citação do filósofo "O trabalho dignifica o homem", não sei porque me ocorre esta citação, mas talvez seja pelo valor que dou a quem trabalha, sendo que a escrita, muitas das vezes, é realmente um disfarce para nada fazer, para fazer coisa nenhuma, o que de resto, no fundo, não está assim tão mal, já que se discute no norte da Europa o Rendimento Básico Incondicional a que certamente Vale e Azevedo se irá candidatar, mesmo vivendo ignoto algures em Londres...

24.

Sim, é preciso um recesso para que ganhes alguma vez alguma coisa, sendo que há aqueles que ganham alguma coisa e outros que vão ganhando, pois não se pode ganhar sempre nem sempre perder, digamos assim, basta olhares para o futebol, quando um clube está sempre a perder, mais vale extinguir-se, de tão morto que está, coitado do moribundo.

25.

Talvez porque tenhas o teu espírito demasiado apegado ao passado, como andares para a frente com a cabeça virada para trás, ainda vem além que só pela impressão que lhe dá, ainda te parte o pescoço (como diz a canção do filho de Paulo de Carvalho) ao tentar virar o rosto para diante. Formigas!...

26.

Às vezes, a única coisa que te resta é pôr uma chupeta na boca e mudar a fralda, ou seja, muita teoria já chegou à luz do dia, muita outra vira com os dias subsequentes, basta que saibas mergulhar devidamente protegido, no magma social da concreção, do real esguiado pelo fino fio da teoria, como se fosse uma linha de pesca com que apanhas peixe na Ribeira do Cabrunca, quando, em tempos idos, Jeshua ajudou Pedro e seus companheiros a pescar pela barca uma certa quantidade de peixe que nunca mais chegava...

27.

E vais andando, pela via humilde, não precisas de refletor nem ser esponja, porque sabes que toda gente tem dois braços e duas pernas (bem...quase toda a gente) e se a justiça é cega, Deus não o é e entregas-te a ele com paixão e até com um certo nervosismo, porque a coisa sai-te devidamente do coração e é tua fonte de inspiração, de respiração.

28.

E, então, lembras-te do seguinte ponto, se tivesses casado não tinhas tanto tempo para toda a gente, como tens, como se fosses um padre que espalha charme e boa vontade aos irmãos de toda a gente e talvez por isso seja considerado, por uns, de bobo e básico, para outros de génio e de louco (todos temos um pouco, diz o povo). E esse ponto está em ti, atrás de ti, á superfície da tua pele com que fazem operações plásticas, mas tu não as tens, apesar de precisares disso e de cortar as unhas dos pés, como As Meninas do Sado e Apita o Comboio, sim, mais abaixo, onde não queres que ninguém chegue, nem precisas, pois podias vaze-lo e é uma tua opção não o fazeres, pois não percebes o ponto (da questão) e ainda assim o toleras, pelo passado num determinado ano, sendo que

mesmo que desapareça, está lá na mesma, não sabes bem porquê, por isso tens de o carregar, pois é o ponto de vista do Outro...

29.

Dar a outra face ou replicar, refletir, não em termos de reflexão, mas de resposta, reatividade, ou seja, ter orgulho em si, amor-próprio e sentido de sobrevivência, porque todos temos de nos alimentar, sendo que estamos mais ou menos dependentes uns dos outros.

30. Não encontras o comando porque o espírito do comando está dentro de ti, portanto mantém o silêncio e vais sofrendo a bem sofrer, apenas para dar testemunho de um ideal, seja a pátria, seja a solidariedade, a família, o ministério de que foste incutido e embutido. Antes de mais porque muitos sofreram mais, na carne e do espírito, do que tu, e muitos continuam sofrendo, não tendo quem lhes ajude e tu não queres somente cultivar a imagem de um país perfeito, como queres dar impressão, boa impressão de ti mesmo, porque essa boa impressão pode não ser apenas exterior, em termos de caracteres tipográficos os mais diversos, mas pode bem ser muita mais coisa, interior, do fundo de ti mesmo e do teu contexto cultural de origem e adoção...

31.

Porque lá, onde falta esperança, estás tu para ajudar o Outro, abatido pelas suas dores, o seu pecado e ignomínia, pela sua dor e culpa, que dá a volta, todos sentimos um dia. Mas...será que todos a sentimos? Não sentirão outros mais do que alguns? Ou seja, o Bem e o Mal da sociedade americana e europeia, da civilização mundial, bem pode ter mediações, medições e cores as mais diversas, para não andáramos toda a vida entre oito e oitenta...eis, então, como corolário do nosso ensaio, o papel primordial da reflexão filosófica...

O QUE ENTRA SAI: UMA REFLEXÃO SOBRE SEXUALIDADE NO ÂMBITO DA RELAÇÃO MENTE-CORPO

Argumento

Explicar antropologicamente o problema filosófico da homossexualidade, já que a opinião pública se preocupa com isso, porque, afinal, o sexo é importante, pois é afetividade e realização de anseios. A vagina enquanto boca do corpo, o ânus enquanto exutório (Pina-Cabral), o que entra sai e nada é mais motivo de riso do que isso. As diferenças, as tolerâncias, o riso, o pudor, vergonha, pecado, como já expliquei, o ânus não está ligado à reprodução mas à *jouissance*, a um prazer primordial, primitivo e se soubermos compreender até psicanaliticamente esta questão, não apenas antropologicamente, perceberemos melhor a relação corpo-mente, um grande avanço será dado para compreender certos aspetos do homem e da sua cultura, movimento, sociabilidade, sexualidade.

Exploração

1.

Não desistas de ser calmo, delicado, compassivo, especialmente para com a tua mulher. A sociedade deu-ta em contrato social, foi uma dádiva, ela é uma flor, que para brilhar precisa de ser bem tratada, bem regada. Se tens outra? Problema teu, talvez ela também tenha outro e daí não vai grande mal ao mundo, ainda que a Igreja defenda a monogamia, portanto, tenta conciliar as duas coisas, os dois registos e vive, com paixão, não tanto assolapada mas serena, calma, com princípio de vida e de viver, com estímulo e resposta, o ser humano é maravilhoso, mas quando sob stress, pode-se tornar violento por razões as mais arbitrárias à casca da noz...

2.

Quando te tratam mal, é complicado fazer teoria, mas também não se faz grande teoria fora do conforto, isso é bem certo, especialmente num dia chuvoso, em que nos apetece estar ao borralho ou alimentar o esquentador a óleo, entrecortado com umas batatas fritas e com bom livros, um dónute, e esqueces o chavalo espanhol que se riu de ti na rua mais abaixo, porque eles não te conhecem, embora julguem conhecer, mas de resto é culpa tua, quem te manda escrever livros que nem esses tipos lêem. Sim, porque não estás vendido, nem vendendo. De resto, esquece os monhés que nem sequer passam fatura e que te viram a cara para o lado quando és o seu melhor cliente, se calhar andam no chamôn e têm inveja de ti, não voltes lá mais, espera que o supermercado se mantenha aberto e vai lá, fazer a tua teoria, andar de uma lado para o outro como os peripatéticos, porque lá só param malucos e há muito que abandonaste o hospital, ardeu, de resto sabes como as pessoas são, quando te vêem muitas vezes acabam por se fartar. E eu venho da Livração...

3.

Mas…o que nos leva aqui, anda tudo preocupado com os fundilhos, essa agora, eles e elas…onde está a filosofia de tudo isto? Porque ela está fazendo um caminho que a antropologia já fez, mais secular e marxista, portanto, a filosofia é, como de resto a Teologia, machista e patriarcal, pena é que muitas mulheres idosas se arrastem ainda nas Igrejas, a coisa vai mal, pode ver-se com a forma como lidam com o corpo, como se fosse um Templo, tipo sexo sagrado, até mete medo, eu não vejo antropologia nem filosofia em tudo isto, estas incoerências que vou absorvendo, observando e descrevendo…

4.

Para o místico, a realidade é bem evidente, no convento ou mosteiro, reza pelos pecados do mundo e os pecadores, porque vê a coisa mal parada e por fim nada mais interessa senão interceder por essas almas mal-paradas que não têm orientação nenhuma e são apanhadas do clima, que abusam de crianças e batem em mulheres. Numa Flor!?… E entre eles, contam-se todos os estratos sociais, sujeitos que não conseguem libertar-se do vício do sexo e confundem as coisas dos mundo, seja, percebem mal a relação entre carne e espírito, dilema que eu ando a resolver há alguns anos e que estou conseguindo deslindar para bem do mundo que deixo atrás e deixar algumas estrelitas nos olhos dos jovens, que pensam que têm o rei na barriga, muitos deles estão pululando nas escolas deste país, esses são os piores, porque os outros, mais adiante, estatelam-se contra um mudo, fora e dentro de um carro, ou mesmo num interior de casa bastante viciado em drogas, leves ou duras. Pensem! Dediquem-se à filosofia!… Não é fácil, pois não? E quem disse que o seria? Não conseguem fazer nada sem a ligação ao mundo pela internet…

5.

Depois, em estudante fui aprendendo a distinguir, pela mão de Paulo Valverde, a escrita de emoção e a escrita de razão, ou seja, a maior parte da literatura e a maior parte da etnografia. O antropólogo tem de se distanciar, como Lévi-Strauss, seja de um espanhol, seja de um monhé, para evitar de dar um murro na cabeça a um, primeiro, pode ser com a esquerda e um outro murro a outro, pode ser com a direita, que é a que tem mais força e alcança maiores latitudes…

6.

Claro que todo o homem gosta de ter razão. Assim nascem os ditadores, como por exemplo em Roma, mesmo que se tivessem seguido aos gregos, que eram bem mais democrático, mas bem, à sua maneira, digamos assim. Que não gosta de ter razão? Quem não pensa, porque aceita, em forma de submissão que lhe é atroz, tudo o que o

senhor diz, lembremos a este propósito a Introdução à ***Fenomenologia do Espírito***, onde se fala na dualidade escravo, senhor, bem parecida ou mal orientada como a de Cervantes…

7.

Muitos aproveitam-se da filosofia para darem ares de importantes em termos intelectuais, não como nós, que evitámos a filosofia por amor à antropologia e nunca mais de lá saímos e ainda bem, porque para nós aquela é apenas mais uma janela do nosso espírito.

8.

Porque a maioria dos ocidentais estão habituados ao cálculo, a ser racionalistas e está nos seus genes espalhar a fé quando pouco pagaram seu futuro em nome da fé, ainda assim, a dor de alguns é a felicidade de outras, eis o sortilégio humano do devir, num país onde há muita reiteração de si mesmo e falta de democracia, essencialmente porque se debate pouca coisa, ou seja, não se debate o que se deveria debater, mas enfim, nem todos podem ser antropólogos, é preciso um dever de resistência e um amor à humanidade que pouco têm, procuram, constroem, porque a maioria quer impressionar pelo físico, logo são seres mais do que ôcos…

9.

Um padrão no *Aparecimento do Homem* (Richard Leakey) tem a ver com a ideia seguinte, ou seja, por casa recesso num lugar, há um sucesso noutro lugar, imediatamente e passado algum tempo, um novo sucesso no mesmo lugar. Temos de saber compreender o tempo, domesticá-lo e é isso, essencialmente, o que o homem tem feito ao longo da sua história, uma história de relação com o tempo, o que inclui a sua ausência, como aconteceu na aristotélica Idade-Média, mas há quem diga que as Luzes começaram mesmo aí…

10.

A esta hora da noite deixou de chover. A chuva faz bem á agricultura, aos terrenos, à alma também e especialmente para quem a tem suja, pobre homem este do século XXI, anda de um lado para o outro, pensando, repisando a memória, sem saber o que fazer da sua vida. Depois, mete-se em trabalhos, porque não reflete, porque talvez seja esse o grande tabu, parar para refletir, nem toda a gente convém, meditar e rezar são outros desafios, para que tem mentes mais complicadas do que minha…

11.

Mas…ao admitir uma ponte entre antropologia e filosofia, estarei eu exagerando? Inventando ligações que não existem? Não creio, mas sei que não vou ficar por muito

tempo nesta tarefa, até porque da parte da comunidade filosófica e da comunidade antropológica, não recebi nenhum feedback, apenas um silêncio surdo e mudo, ou seja, estou sem sinal de vida para continuar e prossigo à deriva num pequeno bote no meio desta oceano do saber.

12.

Posso ir embora daqui a um tempo, mas ninguém me vai tirar a felicidade, a licença, de ter sido feliz. E durante muito mais tempo do que eu esperava, entre vitórias e recessos. No fundo, sempre fui filósofo, mesmo quando estudava antropologia comprava livros de filosofia, parecia que estava no curso errado, mas não estava, em estava estudando o homem, saqueando os seus mistérios, envolvendo-me numa aventura que não tem á vista o seu fim, porque é o Mistério do Homem feito Cristo. Daí a sempre e pertinência de uma Teologia...

13.

Que dizer da pobreza da TV? Sempre o horror, o acontecimento, o horror do conhecimento, enquanto os académicos da minha área estão em silêncio, *blockout*, parece, nos seus nichos, sempre nos mesmos corredores sujos, como o canto do Metro, junto à porta, de um lado e de outro.

14.

"Confiança no Mundo", dizia o livro de José Sócrates. E que isto tem que ver com filosofia? Ele lê e estuda filosofia, a da política, para a qual não estou especialmente vocacionado. Vejo a política pelo lado de Marc Augé e Marc Abélés e está quase tudo dito...

15.

Aliás, o problema mente-corpo pode ser visto de outra forma desde já sinteticamente: não é a arte que domestica a agressividade primária inata ao homem, sobretudo o moderno, mas o amor, mesmo no âmbito da sexualidade. Se tens qualidade de vida, melhor é o teu sexo, porém os africanos fazem-nos, na sua maioria, dentro de uma cabana de palha e sentem-se bem, não vai daí mal ao mundo, enquanto que a maioria da população europeia e americana tem todo um conjunto de artifícios para chegar, digamos, a um lugar de prazer, prazeroso, como se diz.

16.

A afetividade pode ter um caráter mais ou menos espiritual, como entre os hindus e aqui sigo Marcuse em *Eros e Civilização*, ou seja, é a industriosidade, mais do que a troca comercial, que funda a exploração do sexo, dos sexos.

17.

Mas, hoje em dia, como é difícil manter esse equilíbrio corpo-mente! O homem hodierno tem exigências a preencher, nem que seja, se tivesse chegado a um lugar de poder, a responsabilidade de uma equipa, como um treinador de futebol, só para dar um exemplo, ou mesmo diretores de empresas, gestores, CEO's, ou seja, mesmo os políticos, precisam de vez em quando de esvaziar a mente, sentir a brisa da metafísica junto à praia, porque tabus todos os têm e o sexo para muitos o é, na medida em que é uma força que funciona nos subterrâneos da mente, para além do disparos constantes do cinema, da TV, da internet, a dizerem-nos para reagir ou então para ceder, consultar um médico e, por falta de orientação, lá vai o psiquiatra enriquecer com os seus clientes, que, na verdade, não têm tino e tento, olham mais para a realização pessoa, que é importante. Do que para a realização espiritual (Veja-se a este propósito vários títulos de Michel Onfray). O que é engraçado notar, na sociedade moderna, é que o sexo foi elevado a luxo e divertimento, negócio e até arte, do fazer, do ver, do saber fazer...

18.

Mas, o que comanda o corpo? A mente? O corpo comanda-se a si mesmo, ou o corpo comanda a mente? Remeto o leitor para o meu escrito O Dilema Carne-Espírito, donde tirei algumas ideias, na verdade são ideias que ainda estão na minha cabeça e que vão dentro dela fazendo eco, entre tabus e preconceitos, entre xamanismos e bruxarias diversas, ocidentais e orientais...

19.

Eu creio, aliás, que o homem é um eterno insatisfeito e defendo que é essa insatisfação, esse vão, que o leva mais adiante. Talvez só se sinta plenamente satisfeito numa outra vida, neste ou noutro planeta, a haver. Portanto, tudo o que podemos fazer por enquanto é viver, rezar um pouco, meditar e trabalhar, trabalhar muito nas mais diversas áreas de atuação da sociedade civil, da arte, da ciência, da educação, da cultura. Indico a este propósito a obra do filósofo coreano Byung-Chul Han, *A Sociedade da Transparência*, que vou lendo nestes dias.

20.

Na verdade, a pequena perceção persegue-me e habituei-me a pensar como os hindus e os orientais, chineses, japoneses e a resistir, atacar quando tem de ser, quando o meu modo de vida está ameaçado. Na verdade, como disse a médica de família, não estou ofendendo ninguém. Talvez a mim próprio, um antropólogo não tem necessidades como os outros? Esta é a minha, encontrar a mulher perfeita que perdi na adolescência, na escola e, mais tarde, outra, na universidade. No fundo, tive eu mesmo muita culpa porque antes de mais não soube arriscar, não soube comprometer-me, mas não é tarde, amanhã saio de casa e entro de novo na cidade, sou EU e mais eu e mais ninguém, mas

sou, portanto, também, como Theroux, nunca jamais moderno, como a prémio Nobel deste ano, etnólogo de mim-mesmo, porque analiso e recebo as influências do meu próprio interior, uma viscosidade aqui, um líquido a escorrer dali, e o meu corpo verga-se a isso, por isso tenho tanto barriga quanto uma ligeira corcunda...

21.

O que é, então, a essência da vida (humana, desde já), o halo, o espírito, o sopro de Iavé, a essência dos cristianismo (Fuerbach) é a relação interior-exterior, sendo que achamos que a alma, o conteúdo, é interior e o corpo exterior, ou seja, o invólucro que permeia as fissuras existenciais referentes a algo que se move, em várias direcções, obviamente dentro de uma caixa de ressonância e que, à medida que envelhecemos, acaba por se tornar obsoleta, sendo que certos espíritos têm o dom de compreender melhor, de aprender e por isso permanecem mais astutos e vivos. Veja-se a este propósito uma ou outra obra de Alain Kardec, o fundador do espiritismo, com grande audiência no Brasil. Mas tudo pode soçobrar de uma momento para o outro e, ao lado disso, como em África, pequenos milagres vão acontecendo, um miúdo que vem para a Europa estudar, pessoas que se matam entre outras que acabam de nascer, é assim o sortilégio invariado do mundo de hoje, cada vez mais milagroso, cada vez mais perigoso e preguiçoso...como eu...

22.

Se a mente, que não se vê, mente, é a tua ilusão privada, o corpo não mente, porque é visível, salta à vista. Mas...dirá ele alguma coisa da pessoa? Pouco dirá, julgamos, pois o espírito é o mais importante e não é antagónico ao corpo, são um complemento e razão do outro, porque é na concreção daquele, na sua imanência, que o homem se imortaliza, como se tivesse a todo o momento de regular esse difícil equilíbrio que ora faz ora desfaz as expectativas de felicidade. Portanto, a felicidade é esse equilíbrio, na relação mais ampla dos homens entre si, ou seja, na relação do ator com o ambiente e, no fundo, o Outro.

23.

Passa o tempo, a reflexão não vem o pânico instala-se nas hostes, leio um pouco de *A Ilíada* e também *O Fenómeno Humano*, de Teillard de Chardin. Tudo faz sentido, chove lá fora. No entanto, daqui a dois segundos, tudo fará pouco ou nenhum sentido, quando me abstiver dos sonhos que tenho tido, porque me falta alma-gémea. Um homem sonha, vê e confessa ter estado apenas com uma mulher, uma vez, durante este ano, isto dava um verdadeiro estudo sobre sexualidade digno do grande cultor norte-americano...

24.

"O que entra, sai," – dizíamos no título deste ensaio. Essa abertura e fechamento é muito própria das abordagens de Claude Lévi-Strauss, que soube compreender a busca do índio da Amazónia pelo equilíbrio, que se apresenta de diversas formas tendo em causa o contexto cultural que só um trabalho de campo pode revelar, mas a busca não é cega, bom para o jovem antropólogo que pode viajar. Quanto a nós, ficamo-nos com as nossas teorias, porque já o fizemos em outro tempo, neste contexto português. Se foi bom, ou mau, não sabemos, não podemos dizer ou afirmá-lo peremptoriamente, dado que tudo depende, hoje em dia, de muitas variáveis, mas experimentamos um sentimento de abandono por parte da comunidade antropológica e filosófica, também, pelo que a vida continua que nós continuamos também, ainda que à nossa maneira, entre os nossos, ainda visitando a pequena aldeia que foi centro da nossa tese e a cidade à qual estamos habituados e da qual somos cidadão-pessoa. Porque há muitos sujeitos que pouco param por cá, deve ser da mentalidade moura que ainda nos está no sangue, quando não é fácil um parisiense adaptar-se, nos vários sentidos, quanto mais arranjar mulher, seja do bairro seja da periferia, portanto andamos de praia em praia, de seio em seio, como se fossem colinas (Fausto, Janita Salomé) na busca de um corpo onde possa descansar o nosso desejo, caindo aqui e ali, mas sempre levantando a moral quando assim tem de ser e reconhecer o nosso erro a nós próprios, além da meditação, oração diária e exame de consciência antes de dormir, sobretudo se nos posicionarmos de barriga para cima...

25.

Sim, o antropólogo procura (melhor, encontra) soluções para problemas humanos, distintos dos do psicólogo, psiquiatra ou do sociólogo, mas os campos estão cada vez mais interdependentes e não somente através da proliferação de revistas interdisciplinares (ou transdisciplinares), mas também de outras que efectuam um transvase interno dos conteúdos de cada um dos ramos do saber, no âmbito das ciências sociais, como a Economia, a Geografia, a História, que cada vez mais equacionam esse eixo de ação que é a interdependência do sujeito com o mundo social, o grupo e a relação pivotal com a ideia de Deus, obviamente. Veja-se a este propósito o livro de Viktor Frankl, Os Fundamentos da Moralidade, porque os *moeurs* são os costumes, ou o costume, como dizia Kant e dizem os juristas, quando uma antropologia do direito faz cada vez mais sentido...

26.

Claro que todo o homem quer ser bem sucedido, ser protagonista de uma história importante, todos os seres humanos sentem isso, muitos esvaziam a sua consciência num ou noutro pormenor e não saem disso, como aqueles que sofre de TOC (ou POC ou OCD; em inglês). Há que ver que esta doença pode ter uma vantagem, para o sujeito e a

própria sociedade, ele, sobretudo se for antropólogo, pode contribuir decisivamente na resolução de casos de criminologia. Mas pode também ser um grande artista pictórico, ou até digital, um gráfico de multimédia, portanto, há que ver esta e outras doenças relacionadas como não uma muleta, mas como uma alavanca. E, como é fácil fazer acelerar o Tempo? Como nós não o compreendemos! Ele devia ser o nosso Deus. Ele é, na verdade, o nosso Deus, o Deus da Igreja Católica e de outras confissões que vão pelo caminho.

27.

Quando eles estão distraídos, os teus inimigos, quando tu estás mesmo tu distraído de ti mesmo, Deus começa a trabalhar, para preparar e preparares o terreno para seres feliz, como diz a canção, Deus é para ti uma mulher, e não um homem, é a Santa Madre Igreja de todos os santos, a dona de toda a vida, aquela que garante que continues a tua caminha por essa Lisboa antiga e saudosa, onde se canta o fado não porque se gosta de sofrer, mas porque é tão somente uma forma de vida e porventura das mais elevadas…

28.

Na verdade, o homem de hoje está preocupado pela sua reputação, é o efeito em reverso do que vai fazendo no quotidiano, dos seus planos, da sua educação, quando vês um americano sem-abrigo no aeroporto alimentando-se de restos…

29.

Num próximo escrito equaciono a racionalidade ocidental, ao jeito de Raul Iturra, ou seja, são as ideias que fabricamos acerca da realidade que nos fazem prosseguir na tela do social e tudo depende, neste caso, da escola, ou seja, é na escola que os meninos aprendem a ser homens, só mais tarde decide se querem ser religiosos ou militares, ou aguentar mais uns anos e tirar uma licenciatura, embora com bastante sacrifício, porque hoje em dia, pelo menos em Portugal, as universidades são verdadeiras empresas. Mudança para bem ou para mal? Há um misto, pessoas, uma zona intermédia onde a universidade livre e aberta está bem viva, bem como em certos setores da sociedade, como os professores.

30.

E que dizer sobre a guerra? Toda a filosofia explode quando a ela relacionada, melhor, implode por si mesma, sem necessidade de ser artilhada ou armadilhada, cai por ela mesma mas o milagroso e mais notável é que se volta a erguer, como de resto a própria antropologia que a ela se relaciona…

31.

A memória de um tempo imediato, de uma ideia inata, de um tempo apriori, junta-se a uma outra em que o tempo esboroou o Ser, desgastou a mente e assim a miúda fica mais longe, afastada, recolhida em si mesma na sua mente e na sua TV, já que está a descansar, também estuda Filosofia e de quando em vez precisa de visitas para não se isolar do mundo. Manterás, assim, amanhã e depois, essa mania do status? Toda a gente gosta de se tornar importante, mas importante em quê? A que propósito, eis mais um desafio do humano entre si...

32.

Portanto, o debate entre mente e corpo pode também ser atravessado pela moral e pelo costume, ou seja, é na fração de um tempo alargado, de longo termo, que o homem se reconhece a si mesmo como homem, mas também pelos flashes dos media que lhe vão incutindo na mente que precisa de reagir, tornar-se representativo socialmente, porque as sociedades não podem morrer, tal como as pessoas não podem morrer, a não ser que sejam eliminadas pelos mais diversos motivos que não somente a côr da pele, ou seja, a sociedade não pode morrer (Foucault), porque o grande fantasma é a morte do grupo, porque ele se identifica necessariamente, conaturalmente, com o grupo. Esse é um dos maiores medos do Homem, acabar com tudo isto.

33.

Na verdade, a bebida mais democrática é o café, muito apreciado em Hollywood e peça fundamental de muitos dos seus filmes. O café é mais convivialidade do que o vinho, que também o é mas de um modo mais rústico, que tem quer ver com *o terroir* da coisa. Depois, há o champanhe e a cerveja, muito apreciada na Alemanha mas também em Angola. Mas, lembro-me claramente do A. Imbombo, um jovem seminarista guineense que, vim a saber pela internet, já é padre ali mesmo na Guiné-Bissau, porque a quebra, nem que seja do tabu, faz-nos mais humanos, mais inocentes, ao invés do que acarretando a culpa do não-fazer, do deixar como está, do desculpar-se com os outros, quando o poder do indivíduo não reside no grupo, já que está só e lhe custa tremendamente levantar pela manhã, mas nele mesmo, diria até n'Ele Mesmo...

34.

Cada macaco no seu galho e que fazer acerca da criminalidade informática, que aumenta a olhos visto? Quando pensas que estás a ver uma coisa, alguém do outro lado, mesmo na Indonésia, pode estar sabotando toda a tua estrutura financeira. Por isso, deixas-te estar, nem tanto ao mar nem tanto à terra e optas por continuar a fazer o que estavas fazendo antes de chegar aqui, a estas palavras e conceitos, porque a algum lugar hás-de chegar, mesmo que seja a lugar algum, como diria Martin Heidegger...

CULPA O FILÓSOFO: COMO FAZER FILOSOFIA NO INCÓMODO EXISTENCIAL

Teoria

E-motion, **eletrónica movência**. Pretendemos sugerir que muito se espera do filósofo, que solucione os mais intrincados dilemas até da vida social, mas a moeda em um reverso, ou seja, o filósofo pode ser tido socialmente como uma bode expiatório de quem se quer livrar dessas situações. Se se pôs a jeito, não sabemos. Mas a sua acção tem esse duplo efeito, pela frente o Bem, por detrás o Mal.

Desenvolvimento

1.

O lócus existencial do filósofo é um lugar desagradável, cheio de fissuras e figuras assustados, pequenas perceções encravadas na memória e que geram um grande incómodo. Para ele, a vida é sempre desagradável, porque nada o contenta, muito menos a performance. Muito se espera dele, mas não se lhe dá grande atenção, portanto ela acaba por ser o bode expiatório de qualquer coisa da ordem do bizarro e até do patológico. Tudo corre bem por uns dias, quando almeja conhecer uma moça que o liberte da sua escravidão mental, mas, depois, acaba por projectar o seu olhar por imagens desagradáveis na internet. Bem, ao princípio são agradáveis, só que a culpa remói a sua alma e anda dias e dias até se consertam, até se contentar de novo com a vida e poder andar normalmente, igual aos seus semelhantes.

2.

Ele, o filósofo, julga estar perto de qualquer coisa após a abstinência, qualquer coisa que se vai acumulando na memória do mundo, mas logo, ante o acto, tudo se desfaz e altera, tudo se desmorona ele passa de santo a Diabo num piscar de olhos. E assim vai, procurando não erra de todo e lá cai mais uma vez no vão triste da existência e da comiseração, como se o mundo dele tivesse caído de um precipício...

3.

Sim, o seu mundo eivado de angústia acaba por influenciar os outros e vê-se sem-abrigo antes do tempo, por causa de um desejo mal intencionado, de um desejo transviado e pária da sociedade, ouvindo vozes e tudo e mais alguma coisa na caixa de ressonância que é o seu cérebro. Tudo isso o confunde, porque ele é puro e quer levar a sua vida por meio de certos princípios, mas por outra não consegue, ou por falta de apoio ou por ter um pensamento débil (Vattimo).

4.

Por vezes certas pessoas não percebem que a brejeirice, um pouco de sexo, é bastante saudável, estarão entretidos com carreiras, almejando o poder, enredados nos outros ou neles mesmos. De qualquer maneira, há um sentido de entretém ao longo dos dias que nos retira do extraordinário stress que temos sentido nos últimos anos. Estar ocupado, fazer alguma coisa, em vez de procrastinar. Como se o pensar fosse um sacrifício, por vezes e tivéssemos de dar à frente um espaço para se recriar fora de uma qualquer forma de moralidade.

5.

Por outro lado, a felicidade não tem de ser uma obrigação, porque senão torna-se oca, ela tem de ser resultado de um trabalho, de um investimento do espírito. Então, porquê a angústia das imagens pequenas perceções? É a nível neuronal que observamos os movimentos e as impressões da mente e ser filósofo ajuda-nos porque o bom filósofo policia a mente...

6.

Depois, o mito do eremita da Idade Média estudando filosofia na sua caverna, eivado de transcendência pouco preocupado com os pecados do corpo. Hoje em dia, o filósofo é diferente. Tem libido, aquela mesma libido do cientista de que falava Max Weber. E o que ele na caverna, o que produz no final da sua vida? Decerto preceitos de como a viveu, para que outros possam aprender um caminho diferente e obter respostas, nomeadamente os mais jovens.

7.

"O Homem sonha, a obra nasce"-dizia Fernando Pessoa. E quando ficamos sem sonhos? Ficamos ocos, vazios e, além disso, temos de suportá-los, alimentá-los, gerí-los, o que não é de todo fácil numa realidade que nos vem puxando para baixo e é complicado inventar, construir.

8.

O homem precisa de liberdade, de se libertar dos tabus, numa sociedade de sinais contrários face aos momentos da tua vida e de que forma a deves levar, conduzir, orientar. Não é fácil descortinar o que está bem e o que está errado, eticamente, sendo que se pode ser eticamente correto mesmo usufruindo das paixões, digamos entre uma esquerda cada vez mais radical e ecológica e uma direita cada vez mais fascista, eis o pêndulo que vai de um lado para o outro em termos das vontades políticas da nação.

9.

Mas há qualquer coisa que ainda não percebi realmente, ou seja, como podem a filosofia e a religião coadunar-se com os desejos, as paixões? Há certamente uma parte animal que nos leva de encontro ao outro, ao corpo do outro, mas a filosofia parece negar isso e, muito mais, a religião, ou seres, os prazeres animalescos do corpo. Mas…o espírito não está lá? Ou será um espírito selvagem? O filósofo dá-se conta de tudo isto e oscile a sua vontade, entre um e outro registo, não descansando enquanto não descobrir a verdade sobre este dilema, ou seja, será o seu próprio corpo enquanto bode expiatório que vai provar qualquer coisa em que o espírito duvida, está dividido…

10.

Portanto, se o espírito é o corpo, admitamos em termos de hipótese que o é, ele desmonta-se quando a moral está em baixo (literalmente) e tem de se reconstruir porque a moral tem que ver com o outro, mesmo na sua relação jocosa e de brejeirice. O que eu chamo de brejeirice vem do uso que lhe dava um colega que já faleceu, o Victor Domingues, ou seja, é uma forma de brincar sobre o sexo, as posições, as relações, as sexuais e as sociais e tenho-o empregado em vários dos meus escritos, de uma forma ou de outra. Portanto, as relações são, para sugerir um outro termo, também ralações, temos de cuidar dos outros para que cuidem de nós, para que não se apague da sua memória a nossa presença. È precisamente isso que o sexo desbragado faz, não a brejeirice, deixa-nos em baixo, sendo que é o Tempo que nos levanta, uma e outra vez mais…

12.

Aí, nesse ***memento***, entra a noção de vão da existência, ou seja, o sujeito admite que está no vão de uma escada que os outros sobem e descem sucessivamente e está lá preso, como na caverna de Platão, num v (vê) invertido, que ele não vê, mas sente, ou seja, os seus sentidos estão além do que é equacionável, desfasados, gastos, macerados, como um computador velho ("a dar o berro") que sabe se vai desligar um dia para sempre. Nada mais restará dele senão algumas memórias neste mundo, algumas lembranças junto daqueles que terá deixado para trás, o que é sinal de que está fazendo caminho, um outro caminho, simultaneamente numa fisicalidade transcendental e na memória de nós mesmos, porque em sorte também nos vai calhar o mesmo um destes dias…

13.

Terá sido Bell a inventar o interruptor, não, foi Bird, diz-me agora a Wikipédia. Na verdade, o lastro existencial do tem que ver com um interruptor que se vai desligando a ponto e pouco, talvez associado a um temporizador, em que Deus traça aquilo que acontece, vai acontecendo nos nossos corpos e a ciência estuda e dissemina para uma audiência mais vasta, mais esclarecido, que se projeta mais nesta vida do que na outra,

por ser laica, mas não só por isso, porque a ciência ajuda-nos a continuar o caminho, porque explica, dá razões, persiste e investiga e o ser humano precisa disso, de respostas, de expressões afirmativas da sua vontade de viver, porque vai sempre mais além, a caminho das estrelas onde decerto encontrará o próprio Deus que o criou.

14.

Por vezes estamos na mó de baixo e tudo nos parece desnecessário, inconsequente, incoerente, por isso temos a tendência para exagerar quando estamos mais bem dispostos, como se procurássemos um equilíbrio que teima em chegar, na verdade esse é um dos grandes desafios do ser espiritual, equilibrar as emoções e a razão na sua vida e talvez devêssemos ser, como povo, um pouco menos emocionais e algo mais racionais, não exagerando, claro, mas isso vai com o tempo e os intercâmbios de gente que sai, de gente que nos vem visitar, como os turistas, só para dar um exemplo.

15.

Um dia tudo vai abaixo, há dias assim, gostas de ver mulheres nuas em entrecurso, apanhando a carreira para uma boa disposição e depois arrependes-te porque és um tipo religioso, ainda para mais filósofo, mas tens as tuas necessidades e continuas a tentar encontrar a chave de tudo isso, permitindo-te não pôr esse peso em cima das costas de nenhuma mulher. Assim, aprendes umas coisas mínimas que são máximas com o Silvestre, não o dos desenhos animados, mas aquele gatinho que te faz companhia neste Inverno que está já a começar, porque vai chovendo bastante.

16.

A liberdade é o desejo íntimo mais próprio do homem, um homem preso, como um animal, enlouquece, precisa de conhecer novos ares, descobrir mundo, conquistar novos territórios e não estar preso entre quatro paredes, a custo da comida e do carinho do dono que, muitas vezes o maltrata, são vítimas silenciadas, silenciosas, numa violência talvez equivalente à que se faz e pratica para com mulheres vítimas de violência doméstica.

17.

O que há de comum, então, entre Kierkegaard e Marshal Sahlins? A economia do desejo, que conduz à economia do pensamento, ou seja, a maneira como o sujeito se entrecruza com outros atores sociais no âmbito da tela, do ecrã, do palco da vida social. Por isso sempre admirei a sociologia e podia ter sido sociólogo, mas tinha feito teologia e a antropologia estava mais perto desta do que daquela, mas a filosofia sempre me acompanhou e fui tendo bastante peso em cima das costas, quer enquanto antropólogo como filósofo, alguma frustração, é certo, devido a várias coisa, fundamentalmente por não ter uma vida como a dos outros, que todos consideram normal e eu acho banal, pois

prefeito as letras e estudar, levar o meu caminho e ter, como Kant disse, um pensamento autónomo face à realidade social…

18.

E o que há de comum entre Sartre e Franz Boas? Talvez no valor conferido ao objeto exterior ao sujeito, porque também há o objeto interior, esse incómodo mental, seja atrás seja à frente do peito humano, numa parangona estelar de órbitas visuais dourado pelo ouro de um atleta como Lénine ou pimenta nos Olímpicos e aí reside a diferença, o diferente é tomado como idêntico porque, precisamente, nunca foi idêntico em sim para em função do Outro, ***para*** o Outro.

19.

Mas. vamos a ver, como, antes de mais, cria o homem necessidades? Parece que é equivalente a vida moderna à arcaica, ou seja, dantes, nos primórdios do aparecimento do Homem, as necessidades eram básica, porque o conjunto da vida, o *ensemble*, o contexto era outro e tinha as suas especificidades. Foi o desenvolvimento da inteligência, articulada com objetos de uso, que levou o homem mais adiante, criando sempre novas necessidades, a de conforto, qualidade de vida, status, competição cada vez mais feroz, etc, etc. mas, neste sentido, os contrários unem-se, o Homem mudou, mas no fundo da cultura, da sua cultura evolutiva no tempo, é o mesmo. Por isso a pertinência não só de uma filosofia, mas também de uma etologia ou antropologia biológica que não vai nada contra a social.

20.

Na nossa sociedade, o *gossip* abunda, ou seja, vem e pára na bunda, quem dá sinal de si e fala outro é motivo de troça. Mesmo eu, enquanto antropólogo, neste terreno eventual que é a cidade de Lisboa, tenho tido grandes desilusões, têm-me chamado de tudo, desde chulo a emplastro, passando por preguiçoso e tarado. Mas vai-se aguentando, faz parte, costuma dizer o meu irmão. E eu aceito tudo isso, mesmo que pareça violento quando chegas a casa e só te encontrar contigo mesmo…o que não é, bem vistas as coisa sob um certo aspecto fenomenológico, assim tão mau, como diz a canção…

21.

Tirar os auscultadores e ouvir os sons do Metro, os movimentos da gente indiferente à tua presença, mesmo que ainda sejas um homem bonito e ao contrário de Sartre, não usas de muito palavreado porque, afinal, não te pediram para falares e das últimas vezes que o fizeste, foste mal entendido. Por isso, esperas pacientemente a tua vez e dás graças ao tipo lá do Céu por estares vivo e ainda fazeres parte de algo, que não sabes bem

o que é, mas que se vai definindo na tua mente, em poucos dias saberás o que é na verdade essa coisa, se é uma ideia, um conceito, ou se ao contrário, é uma pessoa...

22.

Estás agora dentro do filme de Jack Ersgard, *Risco*, já lá estiveste antes, mas voltaste hoje para lá. Entras na cidade e lembras-te de Lévi-Bruhl ("A Mão") e também da música do Afonso Luxúria Canibal, dos "Mão Morta", se não tivesses dedos, escreverias com os pés, com a testa, como Stephen Hawking? E o Super Homem, não ficou paraplégico? Ao mesmo não andas de carro e de *Dune* até *Estrada Perdida* e *Mulohland Drive* vai um bom caminho, por isso não tomas as coisas como garantidas nem as deixas escapar, agarra-las com as duas mãos como se fosse uma taça do teu sangue, como se estivesses à beira mal curando as tuas maleitas do espírito, agregado a uma certa maneira de ver como a de Pedro Abrunhosa...

23.

Assim, seguindo Hans Jonas, podemos dizer que o Outro é o respeito, a moralidade, a liberdade, onde acaba a minha começa a do outro e é nesse entrelaçamento que se desenvolvem e articulam as mónadas que podem ser os seres humanos, não sei bem até que ponto Leibniz tinha noção disso.

24.

Mas, quem será, na verdade, o filósofo? Apenas um homem? Isso é bastante vago... Será apenas e só apenas um racionalista inveterado, sobretudo se for europeu, por exemplo, alemão? Não tem sensações como os outros? Não há muito lixo e perversão no seu pensamento, como no de outros? Porquê tanto espanto com o filósofo e ao mesmo tempo tanta discriminação? Aliás, direi mais, porque o deixam só, se tanto o admiram? Ele ainda é novo para fazer um testamento, seja legal ou filosófico. Mas...já o fez, seguindo Jean Guitton...

25.

Estás aqui, não és quem pensas, pelo menos para os outros. Não te conheces assim tão bem, senão não estarias só. Mas...estarás só, não apenas em termos de pensamento? As tuas imagens mentais (imago) vão-se sucedendo no palco que é a tua mente. E, de resto, como definirias a mente, a tua mente, sabes que os outros também têm uma, ou se calhar, às tantas, não têm mente, será que ela mente a todo o momento no passar da passagem do tempo, numa estação de Metro onde não há ninguém senão tu e apenas o maquinista das várias composições? Não terás, já há muito tempo, algures durante a tua breve existência, apanhado o comboio errado? Não terias d éter esperado por aquele

que vinha à hora certa, à hora programadas? Não apanhaste comboio a mais? E, depois, em que estação de devias ter apeado? Naquela onde decorria o concerto dos Jungle?…

26.

Procuras uma palavra chave para que possas continuar a tua argumentação, sobre o peso que o filósofo tem ás costas que, de tanto amar esta vida, não se quer despegar dela, por isso a pensa com o seu cérebro, andando de um lado para o outro Rousseau, (*As Insónias do Pensador Solitário*). Sim,estás à espera de uma correspondência (da realidade) e encontraste-a (*we have a match*), é no vagar do tempo que descobres o teu medo, o teu máximo medo face à vida e seus próximos temas, ou seja, antes de mais, o teu medo terrífico de te comprometeres com alguma coisa, mesmo com as mulheres. E que fazes a partir daí, com isso? Bebes, fumas, vês filmes. Mas odeias telenovelas. É estranho e entranhas tudo isso, poluindo o teu cérebro de imagens desvairadas, animalescas, calcinadas pelo peso da moralidade atávica que ainda te habita…

27.

És, portanto, da direita e da esquerda e quando às pessoas, admiram-te tanto que só falta cuspirem em cima de ti quer porque não tens o que eles têm, porque não és o que eles querem que tu sejas, isto pode parecer patológico, mas não é apenas a tua mãe e o teu pai, mas as pessoas, são as pessoas que ao mesmo tempo em que te intrigam, te apaixona, porque tentas agradar, porque és um funcionário tanto da humanidade quanto da comunidade. Veja-se a este propósito, a obra de Zygmunt Bauman, precisamente "Comunidade" que, de resto, está mencionado como sociólogo, portanto, mais algum motivo para fazer sociologia, nem que seja sociobiologia…

28.

Mas, então, o que move o homem de hoje, não será o mesmo, as mesmas coisa, que o moviam na antiguidade grega? Na verdade, estamos em democracia…mas temos os media bastante mais desenvolvidos e a este propósito tanto cabe chamar, convocar, Mircea Eliade como Edgar Morin, ou seja, há um eterno retorno do mesmo que afeta o homem moderno, mas isso já Nietzsche o previa, assim, como Margaret Mead depois de trabalho de campo na Polinésia Francesa, ou seja, somos ora apolíneos ora dionisíacos, mas somo mais, somos narcísicos e isso foi-nos dado pelo desenvolvimento industrial, primeiro e, depois, com a explosão da tecnologia na mente do homem do século XX. Andamos em terno retorno, damos voltas e mais voltas, como o cãozinho na sua casota, em cima da manta, antes de nos sentarmos realmente sobre aquilo que somos em essência…

29.

E repetimos isso vezes sem contas, sem parar, como num *ritornello*, como já disse antes, como uma rotina, sai de casa, trabalho, entra em casa, vai dormir depois de cuidar das crianças, volta a casa, vai dormir de novo... na verdade, não há saía, nem sequer para as necessidades, somos feitos à pressão e, por estranho que possa parecer, é a rotina que é causa de nossa episódica felicidade, que perseguimos dias e dias vezes sem conta, a todo o momento, respirando, sufocando, esganando a nossa própria liberdade, até um dia em que ora explodimos ora implodimos, daí o binómio da tragédia que Nietzsche analisou, ou seja, o oposto dos contrário, a tragédia e a comédia. Ficou tudo dito na antiguidade grega e nós, sobretudo o Nós-América, reproduz essa matriz tipográfica inicial, ideal...

30.

É agreste a vida do filósofo nestes tempos conturbados, pós-Covid, com a guerra da Ucrânia e mais uma crise económica a caminho. Quando estará perfeito o mundo, ao invés de apenas no Norte da Europa, porque os EUA já não contam (sobretudo face ao novo poderio da China), há algures no âmago do Homem essa fórmula da uma hipotética Perfeição do Mundo? Ou estamos num caminho de autodestruição, com cada vez mais ameaças de bomba atómica, como é o caso da Coreia do Norte?

31.

Para onde caminha, realmente o homem? Porque há vários sentidos, várias posições no âmbito de uma atitude existencial, virada para a vida em termos tendencialmente fatalistas, com tudo isto do fado, do ideal português esquecido de alastrar a fé e o império, que não era somente o nosso império, mas o império de toda a cristandade...

32.

Na verdade, creio que Anselm Jappe (Teoria do Valor) terá sugestionado em mim uma certa ideia de valor que, tem, desde Frankl, absolutamente que ver com a moral, a ética, o costume, não uma coisa cinzenta, mas colorida, como um arco-íris que precisa de sol e chuva para aparecer, portanto, dois elementos tão antigos quanto o Homem...

33.

A solidão em que o homem está, mesmo Pensador, tem que ver com a doença. O homem de hoje está doente, seja por excesso de coisas, seja por defeito de coisas, ou seja, ele se preocupa mais com o ter do que com o ser, operou-se na verdade em termos civilizacionais o seguinte processo: o conceito de ter sobrepôs-se ao conceito de Ser, portanto o Homem está à deriva, deriva de sentimentos, de razões mais ou menos enamoradas, deriva do corpo que se despedaça no excesso do desejo e da posse do Outro, antes de mais o corpo do Outro, que é território que eu devo conquistar,

primeiro, guardar e proteger depois, por isso ele está à minha mercê, o que equivale a dizer que é, numa palavra, tráfico humano, perda total da liberdade por parte das mulheres, que embarcaram de olhos vendados numa relação contratual e dela precisam devido a uma certa imagem e atitude física e social de altruísmo (*O Altruísmo e a Moral*, de Alberoni), de posse que me põe louco, dessa necessidade de mostrar que posso ser pai e e pai de família, tal como os Big Men, ter e tirar prestígio e representação social a partir desses dados (factos sociais, segundo Durkheim) e dessas condições, que são as condições em que vivo…

34.

O destino do Homem, cruza-se, antes de mais, com o destino da relação entre sujeito e grupo, entre Eu e Mundo, mas nem sempre foi assim, as coisas estão a clarificar-se mais à medida que a ciência (a social também), avança no conhecimento do homem e das sociedades, dos contextos, por mais ínfimos que seja, pode ser até o meu trabalho em fazer um café á mão porque as cápsulas para o de máquina ainda estão caras. Portanto, tudo indica que é o consumidor, o que chamamos de populaça, que tudo decido, ("O Preço Certo") e que os intelectuais venham cada vez mais a ter menos poder, ou seja, é o magma social anódino e não o crítico que processas as mudanças na mente do homem, não tanto o iluminado ou eremita, que apenas quer estar em paz consigo mesmo, vivendo das memórias de um tempo estelar…

-

Quem nasce torto: de como fanatismo não é argumento

1. ENTRETIEN

Na verdade, interrogarmo-nos com o que é certo, direito, e o que é torto, errado, tal como nos interrogamos com o que é Bem/Bom, Errado/Mau. No meu trânsito mental, nunca mais esqueci as botas da psiquiatra, na consulta que acabou por me deixar quase inanimado no Lorval e percebi também, porque, apesar da minha tragédia pessoal, a televisão continuava acesa, como uma cidade que nunca dorme. Aprendi a dar pouca importância a mim mesmo e a certos pensamentos e proliferações da mente, porque afinal a mente também mente, é preciso trabalhá-la bem por baixo, como a uma mulher. Pouca importância não é indignidade e o sexo nada retira a isso, é um divertimento, um *entretien*, como dizem os franceses, algo que nos faz viver a vida da melhor maneira, pegar pelo lado luminoso a vida, já que ela é tão curta.

O que é religioso é certo? Para um anarca comunista não o é, embora respeite a religião. Para este, o homem substitui Deus, mas não o religioso, pois pode ser espiritual, um Ser que adivinha nas estrelas a sua sorte. Para muitos, ficar na aldeia ou na cidade de origem pode ser ocasião de prestígio social, ligado a uma certa "imanência do ***terroir***", pode dizer-se. Para outros, viajar é o supremo bem e têm horror à "terra", à localização e deambulação do desejo... Terra, como se o espaço de fora da cidade fosse aquático, mais, aéreo...

2. O MUNDO COMO DOENÇA MENTAL

A nossa percepção do mundo é enviesada como a de um gato que troca a vista, pois sabes que aqueles heterónimos ortodoxos acabam por se estatelar contra uma parede ou na estrada. Mas não nos desviemos do objetivo deste artigo...

Depois, vais fazendo escolhas: ver a América uma vez, para ir, voltar e contar, ou ver a realidade, que é tua, sucessivas vezes e ousar seres feliz... Digamos que a filosofia pode explicar bem o conflito entre o desvio e a norma, ou seja, o que é certo e o que é errado, muitos andam obcecados, quase religiosamente, pelo certo, enquanto outros persistem teimosamente no errado, tudo dependendo do contexto e da veiculação de sentido, o que é certo durante muito tempo pode bem parecer errado...

No fundo, andas toda uma vida à procura da felicidade, sendo que atualmente é coisa rara, uns têm outros não, tudo dependendo da representação social, mais uma vez, reitera-se o prognóstico de Margaret Mead e Clifford Geertz e dos antropólogos em geral, a felicidade é qualquer coisa de social (em nós)...

O homem em função e seguro do seu destino é o homem feliz, como o índio, bem depois dos colonizadores canossianos, ou seja, há na manutenção de uma certa reiteração do costume uma forma de preservar um estado de coisas mais ou menos mentais, ou seja, ser-se feliz com pouco porque, afinal se tem tudo, mesmo que a racionalidade subvertora se disfarce de irracionalidade, entre sonhos e humidificações do peito, entre letras e exalações...

O mundo, então, como doença mental, ou seja, uma coisa a ser levado com cuidado (porque há o Outro e respeitando és respeitado: *handle with care*, dizem os ingleses no aeroporto.

3. A LEGITIMAÇÃO SIMBÓLICA

Muitos são conduzidos por um certo espírito da vida, enquanto o filósofo se articula entre um discurso da morte e da vida, como nas pequenas mortes, por isso pouco atreito ao que é avesso e direito, leva a sua em diante como Arthur Conan Doyle... Muitos têm um certo espírito do desejo que eu próprio, o grande teórico do desejo inacabado, chego mesmo a admirar. Todo o homem quer ser herói, pelo direito ou pelo avesso, ou seja, herói civilizador...quem não sonhou ter todas as mulheres de uma cidade só para si? Primeiro, teria de ter conquistado a cidade e quando chegas a conquistar a cidade, sendo rei ou peão, acabas por perder a virilidade, mas esse é o sortilégio da vida na cidade, diferente na da aldeia, onde é mais fácil acertar, o bom é ser-se bom na cidade, isso traz-te todo o prestígio da aldeia e da cidade juntas. E um montão de inimigos, mas ainda bem, mais vale tê-lo na terra do que no céu.

De certo modo, aquilo a que chamo de "legitimação simbólica" está mais próxima do Outro, da felicidade, pois esta advém certamente de uma certa abdicação de algo, de um bem, ainda que material. Na verdade, a verdadeira felicidade está não na própria felicidade, i.e., no poder, mas na felicidade do Outro. Por isso os religiosos, na sua grande parte, são tão felizes, eles vivem, como anjos, para fazer felizes os outros e foi isso que sempre me atraiu na vida religiosa, onde fui verdadeiramente feliz, apesar de a minha sexualidade estar explodindo por essa altura...

4. ESCRAVOS DO *TERROIR*

Porquê uma apologia da viagem? Porquê uma escravidão do *terroir*, supondo que todos querem "viajar"?

Pois, reconheço que há uma certa liberdade na manutenção dos costumes, na metafísica desses costumes, mas é a viagem," liberdade livre" (Ramos Rosa), que cria os costumes.

Depois, a mulher, que raramente acedeu ao poder (nos contextos histórico-políticos, etnográficos), disseminou o seu desejo, não mais o pretende unificar, concentrar num só homem, ela tem como que uma extensão do desejo fora-de-si, adstrita à menta, ou

seja, deseja aquele homem apenas porque o pode manipular enquanto *réseau* de poder, ou seja, na verdade o poder é da mulher e não do homem, sempre o fio ao longo da história, um poder subterrâneo como as suas entranhas, limpas ou lavadas...E é o homem que vai ligar essa extensão à ficha, iluminá-la, então, de forma a que o conjunto, o *ensemble*, funcione bem, socialmente, reproduzindo o padrão social da união dos corpos e mentes...

Criou-se a ideia de que "ninguém vai ligar, que ninguém vai dar importância", mesmo após a nossa morte, por isso podemos fazer o que quisermos. Isto é notório entre os jovens, mas esse mito foram os pais dos anos oitenta que os criaram, quase sem valores, numa religiosidade demasiado piegas ou mimosa, pouco comprometida com o Bem Social, pouco crítica. Por isso, se me lembro de Braga, lembro-me também dos livros de Nietzsche que comprei na Feira do Livro do Porto. Já então...

5. BRAD PITT

Norma e desvio, o que seguir, a voz do sangue, da descendência, da antropologia, o apelo da viagem, do mundo através do qual se podem fazer irmãos, da aventure de se descobrir além do outro, no comércio, nos carris que se perdem de vista? Ficar ou ir, mesmo que Nova Iorque seja difícil de compreender para a mente de um português da beira? És feliz quando combinas a intenção com a progressão, ou seja, quando és sábio e ao mesmo tempo velho e carcomido, usado, quando és criança velha e ao mesmo tempo recém-nascido, como Benjamin Boton, com Brad Pitt...E, então, chegam as saudades de ler e voltas a folhear Moilère, Boris Vian, Michel Serres... Depois, descobres que és sempre um estrangeiro, de aldeia para aldeia, de nação para nação e nem tudo depende da língua falada ou articulada, depende da tua mente, sendo que quando tens dores de cabeça mais vale tomar um banho de água fria e desfumar um cigarro...

O que a América quer é sobretudo, perder o seu poder. Aí, serão enviados eremitas e monges para Nova Iorque e muitas mulheres passarão muito tempo sem sexo, mais santas, mais felizes, eis o desvio, eis o guilho da mente que a suicida.

O seu sucesso, o da América é a prova da especulação, assim, palco para os mais derradeiros filósofos e esboços filosóficos sobre coisa nenhuma, ou seja, sobre um item de um cabelo desviado, encontrado, de Marylin Monroe ou Elvis Presley... Bradd Pitt é o exemplo dessa prova, ou seja, do Cristo que não é somente sobrenatural, é um Deus que se pode concretizar enquanto Homem, género humano, donde provém, aliás, ou seja, por isso é Deus, o verdadeiro Deus, como Maomé e Krihsna, ou seja ainda, o desejo, por mais selvagem que seja, pode materializar-se, ou seja, é isso que assusta o homem, pois no seu afã de felicidade ele vive na espera, por isso também o português é feliz, diferentemente, em termos etnográficos, do francês e, embora em menos grau, do espanhol e, em maior
grau, do brasileiro e do americano...

6. UMA GESTÃO DO DESEJO

Como já provei há alguns anos, na aldeia, a gestão da economia libidinal conduz ao êxito no grupo, mas também além dele, enquanto aceitação e salvo-conduto, ou seja, é por seres reconhecido na gestão do teu dinheiro que és considerado apto a casares com uma moça da terra. E isso, além do boato, ainda toma forma num contexto lisboeta. Pode-se dizer, então, que Lisboa ainda é uma aldeia? De certo modo é, regulada pelos media, como o país o é e ainda que muitos turistas venham pelo sol e boa comida, ficam sem perceber verdadeiramente, como nos regemos, porque vêm de fora para dentro, ao invés de nós, que vemos de dentro para fora. Mas isso acontece com todos os povos e etnias, ninguém consegue facilmente deitar fora os preceitos culturais herdades, nem é muito saudável, do ponto de vista psicológico e de bem-estar, que o faça. Assim, a felicidade, uma certa forma de felicidade, advém da retenção, da negação (de um estado de felicidade, até), não sendo masoquista, de uma reiteração do" lugar-aqui", em vez do "lugar ali", como diria Heidegger. Mas, de entre os turistas, os franceses compreenderão, pois estão habituados ao garrafão de vinho e ao presunto, bem lá no meio da cidade de Paris...

Assim, a arqueologia continua a apaixonar-nos e a par dela a antropologia social, a britânica e a francesa, ou seja, elas são um punção no tempo, uma no tempo efectivamente histórico, pelas ruínas e escavações, outra pelo tempo presente sobre sociedade que, de alguma maneira, pararam no tempo.

Portanto, voltando um pouco o filme atrás, tanto o padre, a Igreja, quanto o debochado, têm a sua razão. Se procuras o desejo ele não te encontra, ou seja, não te encontras tu com ele, porque o desejo não é planear, mas ser surpreendido, é tão bom estar sem sexo do que estar com ela a todo o tempo, sendo que ambas as posições acabam por fartar a quem não é estúpido e procura uma coisa verdadeiramente magnânima na vida, na sua existência, no seu caminho, de cá para lá, de lá para lá, repetindo os mesmos movimentos a todo o tempo, sem desvio, sem normal, como um *r itornello*, como numa Medina, em que o tempo tudo trará, e quando a felicidade é bem raro e deve ser construída e assim que o seja favoravelmente, logo se irá embora bater a outra porta, eis o sortilégio do Ser, mais, do Ser humano...

7. UMA ECONOMIA DA EXALTAÇÃO

Por isso, os machos alfa e *big-men* estão fora de modo, porque procuram uma certa forma de compromisso que é virtualmente impossível, diria até etnograficamente impossível, ou seja, a vertente do compromisso exige que a mulher se entregue, não que seja o homem a procurá-la e a insistir, sob certas condições. Mas isso é apanágio daquele...como tinha razão Claude Lévi-Strauss, poucos ousam dar razão ao seu

pensamento, mas enfim, a sociedade vive sob uma certa forma de engano que perpetua, de certo modo, o esforço de clarificação e desenvolvimento de muitos antropólogos e sociólogos, de geógrafos, filósofos, escritores, como a mais recente Prémio Nobel...

Talvez o certo esteja na exata noção de encontrar um amor romântico, mesmo que *queer* ou LGBT, ou seja, o par ideal, a alma gémea. Enquanto isso, vais fazendo e oscilando entre um economia do desejo e outra economia, uma da exaltação... E muitos se tornarão teus inimigos por tentares, por ousares conseguir...Por isso se lê que nem todo o romancista talentoso é o mais conhecido, ou seja, muita transpiração acaba por cair em desuso, quando há uma bajulação do Outro, em vez de respeito por ele mesmo, ou seja, uma tentativa de ser o Outro e não ele mesmo, em todas as suas manifestações e exaltações…

8. À TOA

Assim, o filósofo anda à toa, sem saber o que está certo e o que está errado e nem por isso se dá bem com o cientista social, que sabe tudo mas é infeliz, porque o mundo pouco feliz o insatisfaz, pois procura respostas imediatas que advêm do seu saber e nada mais quer saber, quando, na realidade, elas gostam é dos astronautas e dos actores, mais ou menos suicidas como são porque não têm tino, tendo e acham que a provação do mundo é directamente proporcional ao desejo de fama e realização mais ou menos sexual. Mas...isto não é como na tropa, parcos são aqueles que trabalham insistindo no que é certo, muitos vão, a vários ritmos e ocasiões, pelo errado, o desvio, seja porque lhes dá prazer seja para ridicularizar aqueles que são atinados...

Então, neste sentido, o que pode substituir, mesmo em termos psicanalíticos, o desejo de respeitabilidade? A *jouissance*? O desejo de desvio, de divertimento, seja porque querem castigar nossos pais e dar-mos a mensagem de que não fizeram *bem* o seu trabalho? Ou será porque estamos em crise e o mundo (nós, no mundo) se está a alterar e (estamos, sentados ou a correr) num mundo que cada vez mais nos finta, que cada vez mais toma a honestidade como algo mediático, partilhável, quando o seu carácter expansivo não deveria advir da imagem, dos bits, mas da mensagem em si mesma, ou seja, a solidariedade e o bem são contagiantes quando, em certa medida, não se favorece os eu contágio, ou seja, o Bem esgota-se a si mesmo ali e aqui, cumpre-se a si mesmo e, não sabemos como, propaga-se sem percebermos, sem nos apercebermos... Assim, andamos à toa, respirando ao menos e fazendo sentido, como uma história de bons costumes...

9. A BORLA

Assim, há mais um sentido do momento, do que um sentido do currículo, da honestidade. Ou a honestidade tem outra forma, aquela que o Tic-Toc lhe dá...Por isso chama autistas a certas pessoas... Enquanto uns pensam que Eros tem razão, a razão das suas lágrimas, diria Bataille, outros pensam que tudo isto, o que acontece (Husserl) tem a ver com uma certa manifestação das consequência sociais do capitalismo, *at large*, da sociedade liberal e da liberdade num sentido lado, segundo Marcuse ou Lyotard ou Freud até. Ou seja, estamos todos mais ou menos mal iluminados por uma certa ideia de América que, no fundo, é feita pelos programadores de televisão, de resto, como em Portugal. E quem são essas pessoas? Pessoas próximas do poder, económico, laico, profano, simbólico, mundano e, por mais estranho que nos possa parecer, a Igreja venera-os, porque simplesmente não é espaço de liberdade antes de mais sexual...

Assim, o bom filósofo deixa de ser um autoreferenciador aos autores, a grande parte homens, machistas e patriarcais e abre-se todo o um campo para as mulheres filósofas, ou seja, para a gestão que elas fazem dos seus amores e sobretudo do ser mãe. O momento é o mais importante, diria Pedro Abrunhosa, porque é nele que se finca a eternidade, ou seja, os autores passam a ser apoio para novas teorias, para novas formas de Ser e ver a realidade, sem que o sujeito se funda em tudo isso, a partir disso, admitindo uma boa filosofia checa ou húngara, ao lado da finlandesa e da norueguesa, sem esquecer de resto já aquela que é filosofia porque é antropologia social e cultural, a africana...

Assim, o filósofo tem um cérebro repartido em dois, dois sentidos, duas formas de pensar, os psicólogos e psiquiatras dizem que é dupla personalidade, como me diz o meu irmão, a vida e a continuidade, ou seja, a defesa da vida, está numa guerra de palavras e não de actos, aliás, como na tourada, é aí que o homem aprende a ser pacífico e a domar os seus demónios, coisa que os miúdos do PAN ainda não perceberam...

Eis, então, a ditadura das minorias, como acontece nos Estados Unidos, ou seja, defender os direitos humanos com a máxima violência e proteccionismo, na Iberia faz-se bem melhor, por isso os ingleses e os noruegueses nos compreendem tão bem...

Há pessoas (serão pessoas?) que andam toda uma vida com os mesmos sistemas, maneiras de pensar...isso não agrada a Deus, Ele gosta que tenhamos prazer e o sexo é belo, bonito, é coisa que dá entusiasmo fazer, talvez a única coisa que faz a vida, a biografia, a existência (no sentido de Sartre e Virgílio Ferreira), valer a pena, ter sentido, o sentido que lhe dá a união dos actos, a união, pois, dos factos de sentirmos desejo um pelo outro, não advindo nada de poder a propósito disso, ou senão, quanto baste, uma outra forma de poder, talvez mais transcendente, carnal, divino porque imanente. Acredito que Jesus passaria cartão a estas minhas palavras pouco científicas...

Aí, a certo ponto, percebi que este ator social tinha inteligência a mais, por isso não verbalizava facilmente o seu desejo, o seu pensamento. Por isso lhe chamavam de autista, de esquizofrénico, de deficiente. Mas o pensamento continuava lá, a genialidade, não pensar o momento, mas desviar como Derrida havia feito, ou seja, fazer um *twist* da obsessão para a progressividade, deixar de ser grego e passar a ser português por admiração da América, não deixando de ser francês. Muitos haviam de fazer isto e ganhar alguma coisa com isto, nem que fosse saúdo, porque este bem-estar e felicidade se ganham com muitos anos de experiência, muitas tentativas e muitos falhanços, como a seleção...

Portanto, voltamos à questão de Ricoeur, em A *Crítica e a Convicção*, nada é sagrado senão o teu coração, como diria Simone Weil em *A Metáfora do Coração...* Portanto, a meu ver, sonho há longo tempo por construir pontes entra a antropologia social, logo a sociologia, e a filosofia e creio que já, em sonhos, tenha feito algumas, e não sou engenheiro. Corremos para chegar à barriga da mãe, mesmo dando umas quantas voltas e ziguezagues, eis como jogamos à bola e corremos, no mínimo jogging e assim se define a nossa vida, entre futebol e uma cerveja nacional Super-Bock...

Conclusão

Então, há uma narrativa recorrente da heterogeneidade que é ortodoxia, ou seja, que construi pontes e conduz comboios, na medida em que reitera uma lógica que tem a ver com a produção e reprodução do semelhante, na figura dos filhos, o que torna o mundo definitivamente um lugar mais chato e cinzento. È a diferença que lhe traz luz e cor, ou seja, é tão meritório ser celibatário e não ter filhos quanto ter uma rebanhada deles, só para porfiar em termos social, quando aí o corpo se desagrega da alma no estertor, quando eu vejo mais filhos e beleza ao olhar apenas para o meu gatinho em todas as suas aventuras num espaço definitivamente mais ínfimo e peculiar do que aquele jardim americano das crianças brincando...

Mens Sana: de como a moral cristã separou o desejo da mente

Resumo

O que é a mente são, em transição ou definitivamente? Terá a moral cristão, se ainda se fala disso, separado a mente do corpo, para melhor a analisar, para melhor o analisar? É a mente corpo? Quem manda na mente? O corpo? E quem manda no corpo, o corpo? E qual a ação do tempo neste binómio? Serão este binómios que tentaremos aqui e agora analisar.

Desenvolvimento

1. A MORAL CRISTÃ

Terá sido, aventamos como hipótese, a moral cristão que separou a mente ocidental do corpo ocidental? Porque fomos influenciados pelo Oriente? E porque, ainda assim, a mente ocidental continua sendo quase exclusivamente utilitária? Porque tem tanto sucesso o capitalismo, em todas as suas variantes? Gostamos certamente de dar porrada no saco da moral cristão, é mister, quase politicamente correto, mas esta possui em si, no seu âmago ou crisol, a solução para uma forma de vida mais ou menos feliz, delirante até, o que é bastante satisfatório, estranhamente até +ara o corpo, pois ela o disciplinou em favor da ordem social mais ou manos conveniente aos fins da raça…

Somos atraídos por esse espírito, mas também pelos prazeres do corpo, então como conciliar uma e outra, como articular mente e corpo em função da mente e do corpo social, da inteligência do social?

2. QUANDO NA MISSA, DE JOELHOS

O que acontece quando entramos na Igreja? Entramos certamente em transe e apercebemo-nos do descuido, do desvio, é preciso recorreres ao Cristo para voltares à coisa certa, ao caminho conveniente de ti mesmo, porque conveniente para o teu grupo e a tua sociedade, em detrimento de uma visão mais ou menos conspirativa do mundo e sua ação sobre a mente… Sim, no interior da Igreja estamos em transe, porque há uma ideia superior a nós, que paira sobre a nossa mente e que, na consistência da sua imagem, não mente…

Felizmente aprendemos a ser revolucionários, procurando uma ou outra forma de inspiração, mais ou menos filosófica. Por isso tenho como projeto de pós doutoramento uma análise filoantropológica de uma publicação história entre nós, o Guarda-Rios, para analisar esse confronto entre uma certa primitividade, o tradicional, rural, vão, e o utilitário e citadino, entre os prédios… Por isso continuo a ouvir Penguin Café…

3. THE BODY SPIRIT-O CORPO ESPIRITUAL

A ideia muito cristã do corpo como templo…como pôde conviver ao longo dos últimos séculos com a ideia profana de exploração do homem pelo homem, de um socialismo científico, do laicismo? Um dos poucos a fazer bem este ponto, foi, de um modo absolutamente pervasivo e socialmente influente, Mário Soares. Assistimos, então, a um *clash* dos critérios, a muitas perdas, para a sanidade pública e pessoal de muito boa gente. Terá sido, então, permitido isso, em nome da liberdade individual, de um liberalismo definitivamente da disposição do corpo no espaço público, o que Nélia Dias disse ser uma sociedade de autópsia mútua, embora num contexto de museologia etnográfica? O *clash* é civilizacional, defendo, é o corpo Ser pessoal tripartido, ou seja, a parte de cima do corpo tripartida em mente-espírito-cérebro, quando nos esquecemos da alma, do valor de troca, da alma mais ou menos pobre do Ser, do fazer, do ***estar-aí*** heideggeriano, do Ser em função de qualquer coisa de absoluto. Daí a Igreja e o medo cerimonial…

4. O SUJEITO ALOJADO NA MENTE

O sujeito está, assim, na loja, ou seja, alojado ora numa categoria da mente, seja espírito seja alma, sendo que o corpo é veículo, peça de transmissão por onde para o combustível (de combustão, acendimento) para a própria acção da locomoção e do desenvolvimento das coisas do espírito. A vida social, é por isso, a paixão de muitos, cilício de algo que ferve, queima, mas que dá vida, prolifera no íntimo e se propaga no íntimo social, além da crítica, da condescendência e da respectiva inveja dos emigrantes que foram para França trabalhar…

Este alojamento tem que ver com uma certa habituação da mente, do costume, do continuar a correr quando se está completamente estourado mas se escolheu uma profissão pública, onde o dar é dar até mais não e o receber é apenas em termos de um parco estipêndio para continuar a trabalhar para os outros. Daí o liberalismo americano, o capitalismo da mente, na mente… Essa reserva face ao que acontece do outro lado do mar atlântico, porque, de alguma maneira, a América não morreu, aos poucos ou de uma vez, continua viva, uma certa ideia de Ser, feliz e consentâneo consigo mesmo e os outros…. Se existe uma antropologia social por lá, não sei, mas sei que a antropologia é distinta na Europa, mais social, mais de esquerda, mais inamovível, veja-se isso, por exemplo, em termos dos elementos como os ventos de furação, de uma sociedade que tanto tem a casa às costas, quanto a tem em movimento, feita quase exclusivamente de madeira…

5. A CASA, LUGAR DE RESPIRAÇÃO INTERIOR

Na verdade, foi a casa. A domesticação do pensamento selvagem (Goody), permitiu consertar, recolocar na origem, esse pensamento muito protestante da separação da alma do corpo, sendo que o homem, nos mais diversos contextos, continuo sendo constituído e afirmando-se socialmente como dualidade, mente-corpo, pois este obedecia aos ditâmes dela, racionalista, desde logo com Descartes... Assim, o amor citadina é instituído como o mais excitante de todos, um lugar de subida, de status, de olhares mútuas por referência face ao que deve e pode ser feito, à manifestação da explosão exterior, exteriorizada, em vez da interior, quando o ser está em combustão mútua...

Por isso, a posse do corpo do outro é ímanes, mas pode ser posse de uma alma sem lhe tocar, como o mostrou João da Cruz e Teresa de Ávila, entre tanto outros que eu tentei em jovem introduzir nas aulas de Antropologia do ISCTE nos idos anos oitenta-noventa, quando a nossa seleção jovem foi campeã do mundo...

6. ABRIR OS OLHOS

Quanto a mim, apenas abri os olhos, como dizia a minha avó materna, ou seja, percebi que passe o que passe dentro de casa, intramuros, há um mundo lá fora, duro, por vezes cruel, mas que vale a pena ser vivido, se tens a consciência limpa e tranquila. Se todos podem ser bons, eis outra questão, mas creio que o pior dos homens pode, pelo menos por um instante de uma lágrima disfarçada, ser bom, logo feliz. Ser Bom/Feliz, ser a completude do ser no espaço mínimo da casa e no volume limitado de um corpo, gerindo de uma maneira e de outra o *ensemble* que é a junção da alma com o corpo, espírito puro bemfazejo, respeito por si próprio, ânsia e ansiedade, caminho...

Sim, há uma tática para se ser bem sucedido, respeitarmo-nos a nós mesmos mais do que os nossos inimigos, esse é o segredo que as televisões tardam em mostrar, ou seja, algo do âmbito de uma psicologia da antropologia social...Porque, antes de mais, o vão é a diferença, a separação, entre alma e corpo, claro que foi para efeitos de análise dessa relação que se fundou essa separação, como se o homem pudesse tudo pela mente, pudesse prescindir da reiteração e do regresso contínuo e contíguo à imanência...

7. O COSTUME FUNDA A CULTURA

Quantas vezes cais, tantas quantas te levantas, é esse o destino de todo o bom, bom, nem de todos, mas é esse o registo e é isso o que importa, fazer, desfazer, refazer, tecendo, moldando o barro para criar novos homem, num registo mais ou menos evolucionário, revolucionário… Sabes viver a vida, aprecias a vida simples, como David Lynch no seu mais recente filme, ***Uma História Simples***; não exageras, tens ânsia de te libertarem, mas podes ficar escravo de uma liberdade livre e perdes assim a noção dos outros, do grande Outro, o Big Brother…

Assim, vai de grau em degrau, procurando fazer sentido dessa divisão entre, desde já, corpo e alma e, no âmbito do superior, do impensado pensado, prensado, da divisão entre alma, espírito, mente, cérebro, tudo isso que faz um homem ter dupla personalidade, enquanto a rarefação de talento faz os outros misturarem-se uns com os outros, comerem-se, porque por si só não chegam lá…

É nesse adestramento Eu e de suas volições, que o sujeito vence a batalha do status, lévi-straussiana, que só existe porque existem as fêmeas, mas afinal elas pouco ligam a isso, apenas querem ver o mundo destruído à pala da sua beleza e concupiscência. Se o poder é delas? Tem sido, só que a narrativa principal tende a dar ao homem a supremacia, inclusivé do espaço privado do espaço público, político…

8. ENQUANTO UNS CHEGAM NA CARREIRA, OUTROS PARTEM

Sendo assim, a vida, a biografia, a existencialidade enquanto viagem, é assim percebida pela mente calculista, que prevê o seu conforto e realização. A mente desarmada é a mais rica, enquanto muitos andam por ver andar os outros, escusam-se e escudam-se na religião para ter e obter, por necessidade intrínseca do seu magma existencial, pensamento de ordem que lhe dêem sentido à vida mesquinha que levam e conduzem socialmente…Eis os pederastas, chulos, pedófilos, lavram no erro e não se sabem corrigir, nascem tortos e nunca se endireito, mas que se endireita tem mais mérito do que quem sempre esteve certo, direito e, afinal, nunca deu conta disso, porque preenchia, na sua conduta e discurso, os ditames da voz do sangue, do costume. Por isso as prisões estão cheias, todos querem ser espetadores de um mundo em colisão, em coligação cósmica, *coalition*, como dizem os americanos. O certo é que há muitos nessa vida e não chegam a fazer nenhum filme educacional ou o que quer que seja, refere-te aos fenótipos e serás feliz, em vez de tentares salvar o bebé de ir pelo ralo abaixo na baixa da banheira. Assim, o homem feliz é, concordando com o meu irmão, o homem do costume, ou seja não é fácil sê-lo, mais vale viajar, parecendo que é difícil, é bem fácil ir embora e esquecer ou mudar-se de casa em casa cada seis meses…

9. A DEMOCRACIA DO CONFORTO EXISTENCIÁRIO

Assim, ora te vais poupando, ora vais jogando as coisas para um arquivo, que alguém há-de pegar nisso e porque não podes dar tudo como exposto, para benefício público, quando na verdade ainda procuras um certo reconhecimento, aquele mesmo que a tua aldeia não te deu, por isso tentas na cidade, pela cidade, através das veredas cimentadas de Alfama, entre vozes de coros e fadas, mais ou menos afamados, do Parque Mayer às Portas de Santo Antão...

Então, a questão persiste: é mais fácil atentar contra a democracia vivendo nela, pensando nela, através dela, porque todo o homem tende para o excesso que o poder, moral, material ou espiritual, político, lhe dá. Por isso o Papa é tão espirituoso. Que eu saiba, não é formado em antropologia, apenas quer mais e mais cristãos nas suas fileiras, quando o ponto não está aí, na conversão, sendo que a religião católica é, vista aos olhos de quase todos, mais uma fação, diria até, mais um partido, que tende, como os outros, a absolutizar-se, a discursar em termos de exclusividade moral, espiritual. O respeito pelo corpo é pouco, ou seja, o corpo católico não deseja o Outro, mas deseja o Cristo em comunhão magnânima e extática. Eu compreendo e pratico, para mim até é a facção mais correta que existe. Mas, ainda assim, falta vir Cristo, sendo que para os Judeus, Ele nunca cá esteve... É dos excessos do corpo, da democracia, que se aproveitam os fundamentalistas, sejam islâmicos sejam protestantes, porque o católico, historicamente sucedâneo do judeu, está sempre na mira dos inimigos e, não possuindo armas, não pode disparar, por isso é alvo fácil. A não ser que se fortaleça pela fé...o que já não é pouco...

10. SAUDADES DO RIO

O católico vai atrás, atrasado, porque não se quer queimar e julga que está certo, mas este Papa não teve ainda a coragem de instituir o sacerdócio para as mulheres e o casamento para os padres, como acontece já alguns decénios nas igrejas protestantes. De resto, não é por isso que eu luto, nem vou dar a mão a seara alheia, ou seja, enquanto cristão católico, não vou dinamitar aqui em que acredito, mas como antigo membro da esquerda radical, tenho princípios de um lado e do outro recolhidos, ou seja, há vantagens enormes em perceber os dois lados enquanto antropólogo, ainda que não te dê beneficio pessoa, todos te chamam mais ou menos chulo e parasita, talvez porque acredites numa sociedade utópica que muitos teimam em adiar, em odiar, seja porque estão no poder, lá está, da democracia exclusiva, disfarçada de liberalidade dos costumes, ou seja porque são passarinhos e não têm coragem para

mudar as coisa, o que mostra, desde já o maior dos desrespeitos pelas gerações vindouras, ou seja, mantenho-me na minha de macho alfa pois acho que isso está certo, pelo menos para mim, o que já é bastante e vou andando assim, porque na realidade todos são mais ou menos assim. Enquanto outros, que eu nem conheço, perdem inúmeros direitos…

11. PROJECTO

Na verdade, neste binómio carne-espírito, como manter a felicidade sem um estímulo interior? Ou exterior, não sei. Como manter a felicidade, que parece coisa gratuita, mesmo à luz da religião e se muito trabalhamos para ela sempre provamos um certo sabor agridoce. O homem liberal anda todo o tempo em filmes e realizações, de um lado para o outro, quase seco, como diz a canção dos Xutos…mas, ao menos, por mais irónico que possa parecer, não é no egoísmo, mais ou menos liberal, que nos sentimos felizes, mas na solidariedade, seja das classes altas, seja das baixas…daí a paixão e pulsão pelo ***status***, ou seja, a conquista das mulher, porque elas precisam antes de mais de casa, de um abrigo para se sentirem seguras, de um projeto devida, devido, de vida…

12. FADO FADADO

Muitos, actores sociais ou mais ou menos intelectuais, não querem saber do seu destino, de como vão morrer, partir deste mundo e andam assim à toa, mesmo que haja uma canção, agora universal, que lhe diga que tal vai acontecer, mais ou menos proximamente e que podem ser felizes com isso, por isso se aproveitam da carne que têm e seu espírito fica baixo, fraco, *lheno* de lassidão…

Ora, vejamos a seguinte questão: se o corpo é corpo, parte inferior da *existenz*, não se divide em mais nada, é visto como um todo, porque é que a "parte superior" se divide, antes de mais em alma, espírito, mente, cérebro? É porque a realidade social é da ordem de uma inteligência ordenadora, de um demiurgo, de uma ordem, reguladora da acção e do comportamento social dos sujeitos, ou seja, da sua produção de discurso enquanto hoemns simbólico, o que pode ser exaltante ou degradante, sob o ponto de vista da filosofia moral. Mas, em tudo isto, quando cruzamos a antropologia com a filosofia, nomeadamente sob a égide do social, obtemos mais respostas. Por isso falo do retorno ao corpo enquanto sentido, enquanto registo da imanência que nos liga à terra e aos elementos. Então, será o espírito que conduz o corpo? Isso é demasiado cansativo e esgota o homem, torna-o seco, na ânsia de chegar Á Verdade sobre Si-Mesmo…

Portanto, é tão bom saber o nosso destino quanto o terreno que pisamos e não temos de ser especialmente bons, mas bons em função de algo rudimentar, simples, acessório e ao mesmo tempo funcional, fundamental, ou seja, ser corpo e ser espírito, alma peregrina no trânsito encadeado da cidade, projetado o homem além de si, num espaço natura, ouvindo as cigarras, os cigarros a arder junto ao ouvido da mente, o regato que sempre correu por lá e tem laivos de eternidade, por isso vai continuando no seu caminho, como nós, aliás, de um momento para o outro felizes e alegres e depois tristes e *melancómicos*, para usar a expressão de um dos nossos autores da praça, depressivos, sendo que esta forma de Ser e Estar nos traz também benefícios em termos de saúde, ou seja, não podemos estar todo o tempo, todo o santo dia, bem disposto, ou seja porque não é anatomicamente, organicamente, possível, seja porque a natureza das coisas é feita assim mesmo, do vão, das coisas altas e baixas, da verticalidade do jogo de um Ronaldinho Gaúcho...

CONCLUSÃO

Assim, concluímos: será a lógica formal, reiterada pela menta, assim tão diferente da lógica instrumental, que identificamos com o corpo? Eis a velha máxima que nos diz que "é o corpo que pensa", ou seja, a imanência dita as leis, bem como a mulher, na guerra dos sexos, dita as leis, sempre foi assim. Andarão muitos homens em busca de fama, provento, proveito, como Alexandre Magno, Gengis Cão ou Afonso de Albuquerque, tentando ficar na memória da história e assim se tornarem imortais, ou seja, dignos de memória, quando outros procuram e preferem estar na retaguarda, uns se estudando outros se estugando... é esse o desígnio, o fado, o homem fazendo história, montado a cavalo ou do cavalos do carro, com mais ou menos potência ou arranque.

Essa mesma história nos dirá se essa separação ocidental entre mente e corpo (de resto, já analisada na filosofia bastamente sob a designação de "Problema Mente-Cérebro") se restringe ao nosso modo de vida, se a história e o costume do homem pode ser lido em termos da humilhação por pensar, do tempo que leva nesse vagar, entre um corpo quase em desuso, do qual se aproveitou bastante, e uma mente que se des-faz, *fade out*, em alma, espírito que vai partir um dia, mas não já...

Um foco de Luz sobre o autor: inspiração e transpiração, entre ciência e literatura

Resumo

O que orienta, na verdade, o espírito do escritor, uma consciência no adestramento do seu sentido de humanidade e desumanidade dos outros, ou apenas entretém os leitores que vêem a vida como desinteressante, como uma "coisa" que não mereça ser vivida senão pelo lado jocoso e cabotino das coisas e das pessoas? Sim, o que comanda a consciência do autor? O Id, o Ego? Deus? Ele aceita uma Voz, que ainda que o incomodando, lhe dá conselhos de graça, dispensando o psiquiatra e então verte, semeia mais e mais além a sua verve, agradável ou desagradável como a bílis de muitos media? O que o incomoda e comanda é a turba, a turba desordenada de corpos e vozes, de toques e insultos, a delinquência, a injustiça face a quem defende válidos ideais….Como diz a canção dos Depeche Mode, "suffer well…"

Desenvolvimento

1. A ARMA COMO ARGUMENTO

A ideia de que escrever é uma espécie de atividade criminosa, o escritor, o autor, pode ser um homem em apuros, com muito ou pouco de filosófico, que se vem queixar dos outros ao papel em branco… Mas pode ser algo mais, um ser que busca reflexão sobre as coisas literárias, sobre a vida, sobre a humana condição. Ele aguenta, aguenta, porque também é filósofo, ou seja, gosta da vida e de tudo o que ela lhe pode proporcionar e acaba por se ver enredado num lodaçal de seres definitivamente inferiores, que não têm medo da morte, que usam armas e cordas como argumento… talvez porque não saibam esperar, desesperar, e não estejam bem consigo próprio na sua curta e pequena lógica, talvez queiram apenas sobreviver, vingar-se, fazer a "sua" justiça. Outra questão que nos podemos pôr e que não é de somenos importância ´, qual o regime mais certo, mais indicado para um certa ideia de sociedade, ou seja, dever-se-á defender o sujeito, o individuo, actor social, ou o conjunto da sociedade. É uma questão clássica da sociologia…mas também a da antropologia e filosofia, para além de uma questão central da psiquiatria…

Na verdade, a solução para a nossa questão está nos alvores da tradição judaico cristã: Jesus Cristo. Foi Ele quem baralhou os dados e deus aos homens do seu tempo uma concepção de Tempo e Devir, de circunstância face ao desagrado da vida, que acabaram por moldar ocidente, oriente, África, Oceania. Isso, poucos cientistas sociais sabem reconhecer, entre nós, pelo menos. A maior parte é cética ou ateia porque provêem de boas famílias, os pais já andaram a fazer o que eles fazem, nada há por eles feito de raiz.

Mas lá fora não é melhor, especialmente no Norte da Europa. A filosofia é diletante, esfumada, não tem carne…A sociologia é interesseira, carreirista e convive de perto com o poder, enquanto a antropologia é ainda mais diletante, digo até que muitos antropólogos se escondem, têm medo de políticas, de políticos, de padres…

Por outro lado, a criminologia está contaminada pela ideia de autor, de culpado de qualquer coisa, nem que seja de falar, de se manifestar, ainda para mais em democracia, sobretudo em democracia. Os jovens estão habituados a ter opinião sobre tudo e mais qualquer coisa, ou seja, a sociedade portuguesa é tudo menos pró…Não admira que os professores sejam o parente pobre do sistema, ou seja, este sistema não existe, já não há sistema, ele foi engolido pelas pessoas, que agora cacarejam e o vomitam a toda a hora…

2. QUEM LHE VESTE A PELE: O A-PARECER

Então, para onde vai a alcateia? Andam por aí e vestem de azul. São eles que garantem a manutenção do estado de coisas, vão apagar os fogos, sossegar muitas mentes atormentadas com o seu futuro, mais, com o que vão comer na hora seguinte. Perdeu-se o sentido de solidariedade em Portugal. Basta andar de metro, ninguém fala com ninguém, parece que é proibido sequer perguntar as horas a alguém, mas isso deve-se em parte, a meu ver, de uma falsa percepção do que é a América e no que ela nos influencia. Mais tarde, aparece sempre um russo a dizer "eu bem vos disse para não se meterem mar adentro, estavam tão bem em terra…"

Porque muitos falam em canais acerca de futebol, de política, a coisa não sai daí, sempre o mesmo ram-ram, quando há outras pessoas, um pequeno número, sem dúvida, que pensa e trabalha em favor da sociedade, admitindo e corrigindo os erros dos outros, em sociedades desenvolvidas ou em desenvolvimento, ou seja, são legiões de sociólogos e antropólogos, para não falar de alguns geógrafos, de alguns filósofos, que querem uma sociedade (mundial) melhor e fazem por isso, investindo o seu tempo em estudos que quase ninguém lê. O cenário é dramático e vai piorar se continuarmos a vencer sobre os erros dos outros. Muitos dizem que têm razão e se mantêm no poder, com mais ou menos dinheiro ("Ah! Eu tenho razão!"- diria Schopenhauer). Toda a acção tem uma consequência, quer queiremos quer não. O mais difícil, em tudo isto, é como seres razoável em momento de injustiça, ou seja, como seres justo (Ricoeur) num contexto de injustiça, num contexto em que a palavra dita tem, em dupla hélice, sentido ou não (sentido)…

2. O GATO QUE QUERIA VOAR

Então? Quem controla quem? Esta noção é bastante democrática ou muito pouco democrática, como uma anarquia ordenada, "ordenhada"...

Na verdade, o que mais incomoda o homem ocidental é que ele tem nostalgia da viagem, principalmente para Oriente, ou seja, para um cenário social radicalmente oposto ao seu e essas dores fazem-te crescer, meu jovem...

O que mais espanta o filósofo é a lassidão de uns em tempos de paz, ou seja, muitos povos estão desleixados e com eles estão os indivíduos. A guerra pode estalar a todo o momento num mundo interdependente, ou seja, aqueles que estão com o capital andam nervosos e cheios de doenças psiquiátricas (o lado negro dos EUA e do Norte da Europa, o que explica como a felicidade é coisa relativamente relativa...), os do sul e países em vias de desenvolvimento, ainda constroem infraestruturas, portanto, como mostra o cinema, o mundo é, antes de mais, uma aventura individual, no início, como o bom herói americano e uma aventura social, como o bom português civilizador...

Eis, portanto, o conflito essencial, primordial, do homem ocidental: ele não pode pensar, pois é um homem de acção, de viagem, de arremetimento, nunca de arrebatamento, o seu desígnio está virado para a praticidade, a concreção, a praxis, em sentido clássico, a não ser que admita, que assuma, ser um homem de reflexão, de análise, de pendor...

3. PENSAR É UM LUXO

Sim, estamos sob o reinado da prova, prova para a existência de Deus, do Cristo, do Homem. O homem duvida de si mesmo e de suas capacidades e tende a ver esta estadia terrena como algo que é um palco para se negar a si mesmo, tornando-se violento, a maior parte das vezes para agrado e impressão das mulheres, daí o capital, o poder, a confusão dos corpos e dos líquidos seminais e outros que tais, que levam a uma confusão digna de um anatomista patológico dos melhores... Tem-se a ideia arreigada que o pensador, filósofo, não tem necessidades vitais, sexuais, que o seu cérebro persiste despejado do resto do corpo....nada mais errado. Todo o filósofo tende a sublimar o sexo, a relação carnal, enquanto muitas mulheres não entendem isso, ou bem que o privam do convívio do seu corpo, ou bem que se entregam a outro, dir-se-ia mais dotado, mais engraçado...

Mas a questão não é apenas pensar, refletir, seja isso um luxo ou não, a questão é seres discriminado em quase todo o lugar e te tolerarem como toleram agora Cristiano Ronaldo em qualquer equipa onde vá...A questão é verem-te como o sujeito não sexual, que não precisa de amor para pensar, quando é da afetividade que nasce e provém o pensamento mais prolífico e brilhante...bemfazejo e altruísta.

É neste sentido que tenho defendido que não é o espaço nem o homem enquanto ser espiritual que são a última fronteira, mas o corpo, este é a última fronteira e sua ínclita união com a alma, mais do que com a mente ou o espírito. Se a psiquiatria analisa a mente, a filosofia o espírito, o padre a alma, é porque a parte superior, da cabeça, do homem, ficou tripartida, ou seja, uma parte acredita em Deus, a outra não acredita em nada e a outra acredita intermitentemente em Si, sendo que a psicanálise acabou por dar uma boa explicação deste contexto "mental", para os filósofos...

4. UMA FORÇA QUE SE ESVAI

Esse regime de abertura deleuziana ao mundo bem pode ser o início do fim da vigilância exercida pela política, ou seja, o início do fim da prisão democrática e forje de um novo regime de exercício do poder, algo que ainda não foi inventado, mas está em vias de o ser, ou seja, um certo liberalismo de esquerda, uma anarquia ordenada que saiba fazer conviver as aspirações legais do sujeito com as suas ambições sociais, onde não haja embate de interesses e valores, mais ou menos antagónicos, porque na maior parte das vezes, o sujeito rejeita modelos de políticas que lhe são mais ou menos impostos a toda a hora, pela TV, pela Internet e cansa-se de ser polícia dele mesmo e dos seus a toda a hora...

Essa força, que por hora de esvai, acaba por desaguar noutros tempo, novos tempos em que os mais jovens aceitem o conhecimento dos mais velhos, em que a maioria vai fazendo com que lhes seja útil.

Ou seja, enquanto uns são lascivos e vêm no desejo e sua realização, a perpetuação do sentimento de inferioridade face aos outros, o jogo, o *divertissment* face à finitude-já-que-não-acredito-n'Ele, outro vêem no sexo uma forma de contacto e ligação com o mundo, o mundo do Outro, aquele que está para além de mim numa imensa pradaria deserta em que estou sem pernas e só vejo a casa para onde regressar, ao menos tenho lá mantimentos e livros, esses sim, mantêm a minha ligação ao mundo bastante viva, vívida, activa. Assim, o nosso pensamento, como o nosso riso, sai às prestações e não de enxurrada, como as coisas que temos feito em vida, muitas delas em favor dos outros, quando o dinheiro para a comida mal chega...

Assim também, a descoberta da nossa sexualidade tem que ver com identificar qualquer coisa que nos marca não só intimamente mas socialmente, ou seja, uma intimidade social que não é apenas sexual, mas identitária no mais pleno sentido filosófico do termo, porque a filosofia dos medos também é a filosofia das coisas que estão fora do armário, com que nos temos de comprometer em termos sociais, em termos de imagem social, em termos de representação social "todos os dias" (Goffman).

5. DE HERÓI A PÁRIA: AS DESVENTURAS DE UM ANTROPÓLOGO EM APUROS

A falha é um momento anterior ao sucesso, ao êxito. Aprendi isso pela minha experiência de antropólogo e pelos meus dias passados até agora em Moscat. No início, eu era uma sensação e julgo que até meio do tempo nem me apercebi da minha influência naquela vila. Depois, como se não conseguisse fazer amizade com as mulheres, fui perdendo o sentido e foram-me começando a ofender, a rejeitar. Inicialmente, fui-me bastante abaixo, ponderei mudar de novo de casa, mas, depois, não sei bem porquê, talvez por ter um *feeling* que as coisas acabariam bem, resolvi ficar, ficar e lutar, pela minha habitação, pela vila e pela cidade, pois era já então um cidadão exemplar, ainda que celibatário, ou seja, o que não passou de um estudo revelou-se, talvez, na minha estada até ao fim dos meus dias. No princípio, as pessoas não diziam nada, depois começaram a mandar bocas, na rua, no supermercado. Sinceramente, ser antropólogo não me ajudou em nada, tornou a minha vida num inferno e eu resistia às vozes, talvez por saber que as pessoas em geral, não somente estas de cá, gostam de criados, quem lhes faça as coisas e quando alguém não se enquadra nesse comportamento, a coisa fica feia, só que não é somente para o nosso lado, mas para o dos outros também, de tal é a importância metodológica e até teoria do que por aqui se vai passando…

6. DO ÉTER AO MOSTO: ÉBRIO COM CAUSA DEVIDA

Depois, procurei ver nos autores alguma identificação do que eu estava passando, que não queria passar por, porque antes de mais este era um ensaio filosófico, não antropológico. Mas por isso mesmo metade da vila falava de mim, talvez por eu não me ter dado logo de início às autoridades locais e querer, ainda assim, ficar, em princípio para sempre, naquele ambiente verdadeiramente hostil, crítico a toda a hora, sem a mínima simpatia por mim. Mas, em casa, eu sentia-me bem e ia equacionado estas coisas…

A ilegalidade rodeava-me por todo o lado, a minha casa parecia isolada no meio dos prédios de quatro andares, era só fios soltos para dentro das habitações, ligações clandestinas, até a minha estava sendo pirateada e eu pagava uma pequena fortuna por mês à operadora… Ainda assim, progredia, mesmo dentro de casa, no âmbito dos meus pensamentos, precisava de falar com alguém qualificado, de uma forma ou de outra e isto já deixara há muito tempo de ser filosofia ou começaria a sê-lo a partir dali, a partir do momento em que a animosidade para com a minha pessoa era declarada, todos os dias, dia após dia. Mas, ainda assim, tinha amigos. Muito mais do que aqueles que suspeitava e fazia novos, todos os dias…

O que fazia, então, deste texto, um ensaio filosófico? Talvez a categoria do Outro, em causa a todo o momento, enquanto me abstraía do que se passava lá fora e deixava de ir ao Aeroporto, à Baixa, ao interior da vila, a via principal onde não recolhia senão admiração pela minha resistência, em vez de simpatia, num povo que estava sempre mal-disposto. Depois, recorri à noção de inconsciente coletivo e à sexualidade. Muitos metiam o bedelho sobre a minha e questionavam-me a toda a hora sobre isso, estava se tornando um inferno, eu ouvia-os falar logo de manhã, do meu quarto e do atelier, o talhante e os tipos que andaram na guerra. Mas, mais uma vez...não podiam fazer nada, porque também estava enterrados e eu, ainda que sozinho e de não ter diatribe e, de resto, aguentava-me bastante bem...

A pouco e pouco ia percebendo os hábitos sexuais daquela vila, ou seja, muitas pessoas viviam só para a aparência, para o parecer e muitos, essencialmente jovens, andava sempre à cata de motivo para postar nas redes sociais, enquanto a manicure da indiana estava sempre cheia de gente, mais ou menos velha, a qualquer hora do dia...

7. O AINDA AUTOR: SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS

Eu estava, nesses dias, provando na pela, no espírito, o que é ser antropólogo, é andar de um lado para o outro com a casa e as memórias às costas, é nunca ter povo que nos receba de braços abertos, porque nunca somos realmente domésticos, nem nunca somos realmente estranhos, há um espécie de universalidade em tudo isso, estranhar o familiar, familiarizar o estranho....triste sina! Interrogo-me até: Para quê tudo isto? É uma legítima interrogação filosófica, sobre o ser sobre o parecer e o pertencer, itens que adiantei na minha tese de doutoramento e que tardava em ter discussão pública e aprovação...

O meu maior inimigo, por estranho que pudesse parecer, era o meu vizinho da frente. Sabe-se lá o que dizia de mim, nos cafés, na aldeia afora, o certo é que não fazia nada de jeito, era um corrupio de mulheres para a sua casa a toda a horas, o tipo não fazia mais nada e com setenta anos....Sim, o mundo estava louco e os são estava no Júlio de Matos, pelo menos tinham a coragem de se entregarem a tratamento e terapias as mais diversas... Ainda assim, neste *twist*, era autor e respondia por isso, não autor de um crime, mas de inúmeras palavras que encadeava com mais ou menos genialidade, respondia por certas questões filosóficas e dados antropológicos e estava disposto a ficar, pois se havia vivido momentos maus, tomando Quietiapina a meio da noite para poder dormir, também havia passado bons momentos, só ou acompanhando...

CONCLUSÃO

Então, podemos perguntar-nos, o que é ciência, ciência social? O que será literatura? A literatura pode ser ciência? Nesse sentido, talvez seja útil indagarmos que tudo pode ser ciência, até a especulação o pode, segundo certas ideias de Husserl... Ou seja, por outras palavras, o pensamento filosófico está armadilhado? Porque fica o autor só, com ele mesmo, sempre só, tirando coelhos da cartola, disparando para todo o lado indiscriminadamente (figurativamente falando, é óbvio), sem o afago de uma mulher? Será que o seu pensamento é machista? Patriarcal, como a dos maiores pensadores da Igreja? Quem tem razão? A Esquerda? A Direita? Como é noutros contextos?

O filósofo não pára, tem uma margem de progressão ainda aparentemente enorme e é isso o que ele quer, ter terreno para poder especular, porque o bater batente das teclas dá-lhe gozo, mais, dá-lhe vida, faz o seu sangue circular por todo o corpo, sentir-se vivo e não pede, na verdade, muito mais do que isso, a não ser ser lido e comentado, construtivamente, como é natural.

Então, como será o futuro daquele que escreve, entre inspiração oscilada com transpiração, o autor, a quem o ator deve a raiz do seu sentimento e gesto, gesta? A imortalidade...e a que preço? Não mais vale ser vão, estar no vão de todas as coisas, refugiado, protegido, anónimo? De certo modo, o autor tem essa cortina face ao mundo, ele vê sombras descerem sobre o seu espírito, sombras humanas, animais, vegetais, minerais, astrofísicas, que acaba por traduzir em palavras, ele prevê o futuro e oscila ora entre o desvelo, o sarcasmo, a esperança e o brilho e, mais adiante, a desgraça, o horror e a morte, muito shakespeariana é esta sentença...

Um autor, pois, que acaba deitando sangue da ponta dos dedos enquanto o seu coração bate por aquela que ainda não chegou, por isso, em necessidade e angústia, seja mais desesperado do que o cientista social, que sabe tudo, tudo prevê e na verdade não faz mais do que literatura profilática, não se interessando sequer em saber o que a populaça pensa, em ir à TV para ilustração de seus contemporâneos mais ou menos ignotos...

E Pluribus Unum: o que é preciso defender na sociedade

Resumo

''Um por todos, todos por um'', é o lema de um clube português. Também era o lema dos mosqueteiros franceses do século XVIII. Mas...o que mudou na sociedade? O que é a sociedade ideal? Poderá ela alguma vez concretizar-se? Será um truísmo pensar que ela gira em todo da relação do sujeito com o grupo? Estará aí a solução para a felicidade, para a qualidade de vida, entre o individualismo capitalista e a solidariedade cristã, católica e o marxismo seráfico? Aqui se superam certas formulações de Zizek e Sloterdjick.

Desenvolvimento

1. FOUCAULT E A LÁGRIMA DE GATO

Enquanto um, sociólogo, diz que é preciso salvar, manter, a sociedade, ou seja, mesmo prescindindo da existência social e vital de alguns indivíduos, ou seja, eliminá-los ou torná-los inimputáveis, tudo em favor da sociedade, que é o grupo predominante, um homem esgueira-se e refugia-se no deserto, noutra sociedade e noutra cultura e ao mesmo tempo torna-se bode expiatório dela mesma, a sociedade do deserto dos tuaregues. Então, uma sociedade, uma certa ideia de sociedade, enquanto Lévi-Strauss procura o comum das estruturas mentais do que é humano, não com o mesmo fim que Foucault, que se achava perseguido pela sociedade por ser gay...Por isso foi tão sábio, as suas aulas eram rápidas, esquemáticas, parecia ele mesmo um personagem esquizofrénico com pressa de se afirma...perante a sociedade. Não se lhe conhecem poemas, como ao nosso Al Berto...

E porque há perigo? Porque nos querem fazer mal, a nós, aos indivíduos? Decerto são outros indivíduos ou, no limite, toda a sociedade...nas redes sociais se passar de herói a pária em uma fracção de segundos, numa luta aparentemente eterna entre Bem e Mal...

2. FOUCAULD, AS AREIAS E OS NÓDULOS

Estamos, então, diante de vários sistemas de organização social, o socialismo, o anarquismo, o fascismo, a religião, que é uma forma de organização social, a meu ver a mais perfeita, pois se baseia numa ideia de Bem e reciprocidade, enquanto o homem continuar a lutar pela manutenção do bem, *au-de lá* de certas antropologias, o mundo será, cada vez mais, um lugar aprazível para se viver. Por isso, Charles Foucauld escolheu o deserto, farto dos ambientes de Paris, como os de Londres em *Oliver Twist*.

Estou como o outro, faço o meu trabalho e a mais não sou obrigado, sendo que não me rendo diante de nada e sou fã, antes demais, do meu irmão, que continua a correr tal como o Aldegalega. Tenho a impressão de que já escrevi isto há dias, mas continuo, talvez no fim encontre mais uma teoria, após ouvir *Detour*, de Hans-Joachim Roedelius…isso me fará sentido da relação entre o sujeito e a sociedade, ou o grupo, pois essa massa amorfa, como dizia o meu tetravô, é o substituto de Deus nos tempos difíceis, como em *Gente de Dublin*…

O deserto é, então, o lugar de implantação de uma nova sociedade, o seu eco na mente do eremita, cartuxo ou trapista. Eis os fundamentos de uma nova sociedade, de uma nova sociabilidade, assente no respeito do outro, enquanto alguns, talvez a maioria, continua a brincar, à deriva, sem se preocuparem pelo sentido da Vida. O que procura então Charles Foucauld no deserto? Paz, habitação e habituação do espírito a novas esferas existenciais, além de Heidegger, que sempre esteve sentado na sua cátedra… assim é fácil… .

3. HORIZONTES DE CONCATENAÇÃO

Esta problemática daria para um livro sem fim, explanar a relação entre indivíduo e sociedade, afinal parece estar aqui o segredo da compreensão dos mecanismos da sociedade, ou seja, como ela se concatena nos seus elementos e componentes. Então, qual o caminho da filosofia, quando a antropologia e sociologia já fizeram inúmeras descobertas, tendo-se autonomizado como ciências? Será por isto que a filosofia não é uma ciência? Então…é uma arte? Uma tarefa, um "trabalho", uma atividade? E, podemos visualizar a concatenação dos elementos da sociedade, ela é um organismo vivo? Como pode o analista ver de fora esse organismo se ele mesmo pertence a ele, pertence-lhe? Se o indivíduo está perturbado psicologicamente, também a sociedade, por arrasto, também estará? Devemos pôr ênfase, nos termos da psiquiatria ou na sociedade, o ser que está desintegrado deve ser curado, integrado, na sociedade? Porquê esta necessidade de integração, de autoconservação? E porquê há vários modelos de sociedade que o analista, a posterior, acaba por deslindar, talvez para fins profiláticos? Toda a patologia é uma falta de algo, carinho, afeto, talvez, e não entra nas contas matemáticas do sociólogo, mas alguns abusam, ou seja, têm afecto a mais, se se pode dizer. Mas o porno pode ser considerado afeto? Nada tem que ver com o amor de mãe, digamos assim. É vício, falta de manifestação de afeto, tal como a droga ("Droga é Merda" -diria um estudioso desse campo).

Somos falíveis, limitados, imperfeitos, mas é a nossa busca por perfeição, por imortalidade, que nos faz diferentes, diria perfeitos, porque ora queremos explicar tudo ora queremos explicar tudo. Há, pois, um lado da mente que trava, o outro que vai em frente e quer como que se soltar das amarras do corpo: daí a parapsicologia, a bruxaria, a astrologia, formas de explicação que têm o seu sentido para todo e qualquer

antropólogo, porque versam sobre a relação não somente do sujeito com a sociedade, mas com o mundo, o cosmos.

4. ESPECTROS EXISTENCIAIS

Na verdade, a sociedade não existe, é uma ficção, um espectro. Daí a nossa explicação de Deus, durkheimiana, Deus é uma criação do Homem, o que não invalida um sem número de explicações teológicas, teleológicas, porque não se entra no campo da teologia e, antes demais, em todas as explicações tomistas. Se a sociedade não existe e já existiu, pode muito bem voltar a existir. Existe sim, uma sociedade mundial, a que a globalização iniciada pelos portugueses deu lugar, a sociedade virtual, enquanto uns simplesmente surfam, outros têm de controlar, como as formigas, as ovelhas, as mónadas leibnizianas…daí a etologia e a sociobiologia como caminhos auxiliares a uma antropologia total do homem total, o homem, de novo, do Vitrúvio…

O homem é uma sombra de si mesmo, anda atormentado, ansioso, ora cansado ora eufórico, porque ora tudo lhe desperta atenção, num excesso de excitação, ora o cansa, numa falta de sentido, porque não sabe se há-de fazer sentido, compreender, se largar, desligar-se das amarras que o prendem ao real…

O homem, pois, escarafuncha na sua mente, procurando um sentimento, uma remissão, um motivo forte para estar vivo, para alimentar alguma esperança que tenha, mas está farto de lutar, de estar só e não quer confessar fraqueza alguma pois isso o retiraria do jogo do social, do palco onde tudo acontece, dia após dia, com desvios e concatenações. Está, então, diante de um impasse primordial: não quer dar parte fraca, mas as suas forças vão escasseando porque está cada vez mais fraco e cada vez mais só. Aí entre Deus, para suavizar a sua patologia mental dos dias de hoje, dias de fartura de tudo e mais alguma coisa, antes do mais fartura de coisa nenhuma…a visão camponesa do mundo, em contato com a natureza, os elementos, os animais, vai-se perdendo ou recuperando, por outra via, aqui e ali…

5. O MITO DA NATUREZA

Queres ser feliz? Torna a tua vida interessante. Mas algumas vezes não tem interesse nenhum, é plena de doença e perturbação, mesmo assim, vale a pena ser feliz, por isso insiste, trabalha a tua mente, mesmo no defeito, na falta, pois um dia, como sujeito, actor social, hás-de ser preenchido, portanto, a felicidade é bem-estar e a qualidade de vida é dignidade, daí o interesse do trabalho, um trabalho que sabes e gostas de fazer…

Som, regressa à natureza, ao vão da existência, à visão de estar debaixo da escada, desse vão, no meio da onda, dentro dela, entre arrasto do Ser e concatenação com o teu grupo, é possível que o cientista social sinta isso mesmo, o mesmo que os outros, o seu brilho profissional obriga-o portanto a ser moderado, como diria Séneca. Junto da

natureza está a tua redenção, por isso quiseste um gatinho para viver contigo, que logo que te deitas vai ter, como amigo, aos teus braços e o envolves, como se fosse um filho recém nascido. A natureza é, também, o caminho da aldeia que sonhas preencher quando estiveres na reforma, quando fores velho e precisares de estar mais contigo mesmo, mesmo enquanto acompanhado. Por agora, estás só, não estás acompanhado, mas estás ao mesmo tempo acompanhando de muita gente. Repara...a TV está ligada ("acesa", como uma vela...) e não é por acaso, não é por acaso que está nos desenhos animados, de algum modo o homem precisa de ligações ao exterior a si, isso o antropólogo faz muito bem, enquanto o filósofo se restringe aos exercícios e à condição solipsista da sua mente, a grande parte deles, dando ao sujeito o primordial preceito de ser individual e universal ao mesmo tempo... como Dominique Bauby em "O Escafandro e a Borboleta"...

Precisas a todo o momento de estar a salvo, de te salvares, por ti mesmo e pelos outros, enquanto Tu Mesmo e ao Mesmo tempo, Outro, estranhando e entranhando, o que parece bastante sinistro, mas isso terá que ver com uma certa falta e uma in-certeza de uma certa forma de finitude.

6. A OPINIÃO DE QUEM SABE

Se não sabes, pergunta, como diz o Outro, ou seja, se estás farto de ser filósofo, sê um pouco antropólogo ou sociólogo, mete-te no meio da gente, se é isso que te incomoda, essa timidez mais ou menos fatal e doentia que se entranha na tua mente e coage o teu corpo a espaços mínimos de rendição existencial...

Daqui a nada deixarás de existir, portanto não dês tanto peso aos pensamentos, eles vêm e vão e mesmo que tu calques a tua consciência, um dia o teu espírito se há-de abrir, rasgar em dois, em três, em vinte e, de certo modo, acordarás do outro lado, porque de certa maneira tens andado a dormir, não estás devidamente desperto. Não é uma questão de coragem, apenas, em certas ocasiões, é também uma questão de paciência, de cálculo e aprendizagem, o que arrasta muita frustração e medo, mas é disso mesmo que são feitos os heróis. Portanto, se estás em ti mesmo e isso, essa solidão é a origem de todas as doenças, porque a doença é um isolamento patológico do mundo, procura o outro, entrega-te deixa o teu orgulho para trás e entra na mente e no corpo de alguém, daí a espiritualidade, a psicologia, a parapsicologia. Isto é um conselho de antropólogo, nenhuma obra ou vontade de obra vale a tua saúde, muito menos a tua vida. Mas não sejas bobo, sê ciente de ti mesmo e do teu esforço, da tua sabedoria, do teu trabalho, dos teus!...

7. CHEGAR ONDE CHEGAS

Não te interessa chegar onde os outros chegaram ou ir mais além dos outros, ainda que a competição seja saudável e uma forma de entretém para coisas do espírito pouco úteis, certos vícios do pensamento. Interessa-te chegar, assim, onde mais ninguém chegou fazendo o teu próprio caminho. E isso envolve bastante dor e incómodo, vergonha, medo, muitos sentimentos desagradáveis que tens de superar. No fim, estarás sempre sozinho, como estiveste no início de ti mesmo. Ou, por outra via, estarás sempre acompanhado, pois nunca se está realmente só, em circunstâncias normais, evidentemente. A doença do social instala-se a pouco e pouco, como um ser misterioso e até bemfazejo, depois tarda em sair, porque na realidade tu queres estar doente para que te visitem, porque ninguém te liga nenhuma. Eis o vão da existência humana do social: a fatalidade de ter de lutar contra o esquecimento do social, a morte social, que é a pior morte que pode haver. Olha, Paul Connerton apenas escreveu dois livros. Isso não o impediu de ser considerado entre os melhores sociólogos. Foi por isso que o gatinho verteu uma lágrima, junto á janela, no final da tarde: é uma dor de mundo...

8. FALAR DEMAIS

És assim, estás assim, podias estar de outro modo, alienado, não querer descobri os segredos do viver social, como Pierre Bourdieu ou Anthony Giddens, não dar conta da armadura cultural e simbólico como deu Bateson ou Victor Turner e tantos outros. Eles tinham razão, têm razão e, de alguma forma, também tu tens razão, portanto precisas de dar tempo, essa é a tua profissão, foi essa que escolheste no cardápio das atividades profissionais humanas... Pelo menos, ainda que no incómodo e na dúvida, és tu mesmo, não estás alienada, como dizem para aí, nem és um tarado, ou seja, a tua solidão está cravejada de razão, sendo que muitos outros pensam como tu, são como tu, portanto constrói, reconstrói a tua identidade alterada pelos media e torna-te forte, valente, grande, herói, torna-te no que és, pois foi para isso que vieste ao mundo, ser um herói, um cientista do apostolado, como diz o Papa...devia estar calado, fala demais, como o Presidente Marcelo. E quem fala demais, dá a opinião a toda a hora, não deixa lugar ao outro, à existência e persistência do Outro, nem que seja em nós mesmos...

9. PENSAR DEMAIS

Por isso, é dito que o filósofo pensa demais e depois não tem tempo para os amores e os sentimentos, é essa a minha experiência da filosofia, nunca percebi como nem porquê, talvez pelos professores de Filosofia que fui tendo ao longo do meu percurso escolar e académico, ou seja, havia uma separação entre filosofia e desejo, entre falar-pensando

e fazer amor, quando o fazer amor é talvez a melhor maneira de pensar até mesmo com uma certa brejeirice, como dizia o meu amigo já ido, ou seja é no entretém (no entretanto das coisas importantes), que o homem sonha e se suspende, porque se suspende a articula a vontade para com a transcendência. Esta questão é deveras interessante, ou seja, articular o desejo carnal, o imanentismo, com uma certa transcendência, diria até ascetismo. Talvez esteja aí a chave para muitas das humanas coisas. Assim, a filosofia aproxima-se bastante da religião, da teologia e até se mistura, a dada altura...

Procuras destacar-te do presente, do momento presente que te é incómodo e precisas de ir para o futuro, para outro lugar, para perceberes como és feliz no Agora, como já formulei no meu Método Taigen (de medição, de vida de vida e do mundo, de realização do sujeito), só que ninguém faz isto se não tu, ou outros sob outras formulações, por isso mesmo é que o tens de fazer tu, porque ninguém mais o faz... Deixa de pensar e ouve o silencia, não é apenas o silêncio das tua teclas ou do gato ronronando, é o ar que te preenche o corpo, faz dele veículo de amor, mesmo que não estejas apaixonado por ninguém em particular, vê a tua falta, usa o teu chão, o teu ***vão*** e percebe como é bom estar vivo, melhor do que um bom Porto, uma boa refeição no chinês... Por isso, deixa de pensar, não precisas de agir já, fá-lo quando tiver de ser, naturalmente, fora do teu juízo, apenas fazendo, aceitando que o mundo e as pessoas estão em permanente mudança, embora tenham de passar mais ou menos tempo nesse ***vão*** da existência...

10. NATAL

Vê...observa. Não há nada de mais erótico do que um homem só, dias e dias, procurando agradar a alguém e julgarem-no um sem-abrigo, um incapaz, só porque não tem bens, carro, enfim, mulher. Nada de mais erótico do que isso, calma, nem uma orgia superar isso. Por é assim a sociedade ocidental, feita de picos, altos e baixos, euforias e depressões, por isso está doente, por causa do dinheiro, por causa de tudo e o mais espantoso é que, com tanto sábio, ninguém sabe a solução para uma sociedade melhor, com menos violência e estupro, nem tão pouco os cientistas sociais, esses estão reservados aos focos da academia... onde de gera e gere o exibicionismo próprio daqueles que pouco sabem. São esses os doutores, os dignos de nota, só porque têm nota...

É Natal, exibem-se as crianças, exibem-se os adultos. Não é Natal quando um homem quiser... .ou é? Para mim, enquanto sujeito, já deixou de ser, não senti nada em especial, apenas um sentimento de apego à minha mãe, aos meus, a admiração pelos feitos atléticos do meu irmão, o reconhecimento da ajuda da minha irmã na minha recuperação psiquiátrica, para fazer diretamente teoria social, para vosso proveito, mas temos de dar tempo ao tempo, poucos homens se atreveriam a abdicar de tanto, talvez em nome de coisa nenhuma que alguma vez existiu...

11. PENSAR POR SI

O mundo tornou-se num lugar estranho e violento, depois do que chamaria de uma *luta pela familiariedade*, ou seja, conhecemo-nos uns aos outros, mesmo fora de fronteiras, como nunca, mas nunca como agora nos odiamos tanto. É uma nova Inquisição, tudo se faz pelo segredo, o Mal, sobretudo, mas também ainda algum Bem e ainda bem, exploram-se os direitos humanos e tudo tem de ser dado conta, em conta, tudo tem de ser publicitado, como se as pessoas não tivessem já os seus princípios religiosos, tudo corre ao lado do mendigo romeno de mão estendida e é o cientista social que lhe dá cinquenta cêntimos, justamente aquele que mais precisa no seu empreendimento microcósmico...

CONCLUSÃO

Na verdade, como dizia no ensaio anterior, porque escrevemos? Porque escreve o autor? Porque temos de fazer relacionar o popular com o erudito, i.e., as culturas primitivas com o classissimo europeu, põe exemplo? Poderão algum dia os antropólogos escrever bem, mesmo sob os cânones da erudição europeia, ou seja, realizar o que está implícito na obra de James Clifford, "The Anthropologist as an author"? Por outra via, perguntamo-nos, alguma vez será o antropólogo um autor, não será apenas e tão somente, tão maravilhosamente, um tradutor? Porque na escrita se concede e concisa o mundo, o mundo do autor, os mundos que aqui e ali estiveram antes dele, os mundos que ele semeia pela palavra e pela sua presença, nervosas, lhena de nervuras sociais, mesmo em trelação às crianças, como se estivesse junto, como um anjo, ao cendenado no corredor da morte? ("Last Man Standing")... Portanto, somos todos um pouco como Saulo, ou Paulo de Tarso, desafiamos o Deus mesmo que Ele se manifeste das mais variadas maneiras, até pela palavra, a Sua e a Nossa, num lugar mais inaudito, que cabe ao homem preservar, acolher e desenvolver, não impedindo Deus (nunca!) de o Homem fazer o que ele bem quer e entende, só que lhe dá o benefício da dúvida, porque todo o homem quer, em certo sentido ser Deus, um deus, Ele, sem no entanto se deixarem humilhar como Ele e pregar-Se numa cruz, sofrendo até à morte por ti, por mim, por todos nós. Se é facciosa a Igreja? Se há outras religiões? Claro que cá, mas esta é aquela que vai estando por cá, dentro de mim e de Ti, por isso somos irmãos...

A Norma e o Desvio: Distintas Formas do Ser

Resumo

A norma é a minha norma, o desvio é do Outro, o outro está sempre enganado, ou seja, a norma também pode ser a norma e o desvio do Outro, enquanto acho sempre que estou certo. O problema é eu ter sempre razão (Schopenhauer), ou seja, se Cristo teve razão eu também posso ter, baseado n'Ele ou fundando uma nova religião, uma nova Igreja, como já fizeram muitos. E para que propósito? Não será, antes de mais, para garantir mulheres, descendência, memória? E se acredito no outro mundo, logo esses items levi-straussianos serão teoricamente dispensáveis... E, no final de tudo isto, não serão norma e desvio distintas formas de Ser?...

Desenvolvimento

1. MAL OU BEM...

O mundo está cheio de pessoas que te dizem como deves viver e só te apercebes que estás sendo feliz quando te habituas a pensar por ti mesmo, não dependente da opinião dos outros. Então, o que é a felicidade? Coisa de pessoas ingénuas? Coisa do poder? É muito relativo, enquanto uns vêm na norma a sua afirmação pessoal, outros a vêem no desvio. Mas, na verdade, o que é a norma? A norma moral? É coisa moral? O Direito? O Bom-Senso? O prestígio, status e afirmação. Portanto, o Bem é relativo ao Mal, ou seja, só é Bem porque o outro é Mal, Mau? Da mesma forma, se a Norma é entendida como Bem, o desvio é entendido como Mal...eis uma perspetiva verdadeiramente antropológica, isenta de preceitos morais, que vamos desenvolver neste ensaio.

Depois, o horizontal e o vertical, ou seja, não é só no futebol que há verticalidade nas jogadas, podemos ter uma relação com Deus em termos verticais, ignorando os irmãos, "twitando" projeções para o alto, que a maior parte das vezes é o vazio e podemos ter uma perspetiva horizontal da vida e dos irmãos, da religião, de Deus, ou seja, Ele disse, "Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos..." Porque quando estamos encostados uns aos outros, tudo parece simultaneamente mais fácil e mais difícil e tem a sua devida eficácia, concerteza... Portanto, acabando este item, a fé em Deus é quase sempre fé no Homem, numa certa ideia de homem, logo ideal, logo numa certa filosofia de vida...

2. O SER DISTINTIVO, DIFERENCIADOR

Então, porque é que o comportamento sexual é uma bitola do social? Porque tendemos a moralizar tudo o que nos acontece, que acontece aos outros? A norma é o pensamento religioso, o pensamento militar, correto, por relação a outrem? O que é afinal a norma? Não é uma certa forma de coerência intuitiva sobre o si-mesmo, o mesmo? E o que é a norma? O Direito? Não vai o pensamento religioso além disso, instituindo o ascetismo como dever de parangona em relação ao Outro? Porquê regular o social, num regime de etic, como falam os antropólogos? O homem, procurando resolver o que se passa dentro de si…

O Estar aqui, aquém, o Estar aqui, além o estar além são modalidades do ser, como o desvio o é, como a norma o é, mais adiante um e outra se encontro, não se sabe bem a que propósito, com que intenção. Muitas vezes, por seres antropólogo, viram-te sofrer, mesmo nas instituições psiquiátricas e nada te disseram, nem uma palavra de alento e coragem, raramente tiveste nessas instituições psicólogo, tinhas o teu psiquiatra a quem pagavas barras de ouro e assim continuaste, as pessoas nunca estão satisfeitas, costuma-se dizer que Cristo, que foi Cristo, não agradou a toda a gente e ainda que o teu ascendente zodíaco dite a vontade de agradar a gregos e a troianos, acabas por sofrer mais e mais nesse processo de construção social, de identificação das variáveis do relacionamento humano. Por isso, estás cheio de feridas, quase silenciado…até um dia em que te virás libertar de tudo isso, por ti mesmo, sem meios nem ajudas de ninguém, como um semi-deus que até gosta de uma boa brejeirice, porque aqueles que estão no poder, sabe-se lá Deus como serão…

3. PODER E BREJEIRICE

Ora, a ciência social é neutra, não há mal nem há bem, mas a agressão é moral, logo eivada de conteúdo, ou seja, quando insulto alguém ele fica-se detido na sua honra, face ao que faz, ao que fez, algo de mais ou menos digno ou heróico, logo digno de nota para o outro. Para isso há medalhas, há reconhecimento social. De um momento para o outro, uma chamada telefónica feita com uma certa brejeirice acaba por custar a reputação do funcionário público, do político, do senhor do banco, porque há sempre alguém que gosta de condenar e que vê o argueiro na vida do outro mas não vê a trave na sua. Esta é a lei religiosa, depois há a civil. E há as boas maneiras, o bom senso. Muitas vezes essas pessoas têm falta de afeto, talvez porque nunca o conseguiram demonstrar…

O humano, em geral, segundo a biologia do comportamento, quando está em baixo, culpa sempre o outro, isso é certo e sabido, raramente se culpa a ele mesmo. Ou então culpa Deus, que é o mesmo que sacudir a água do capote, como diz o meu irmão, habituado às lides da gestão. A culpa vem com a modernidade, um pouco mais ou menos entre as duas grandes guerras. O homem sente-se culpado no horizonte do

desenvolvimento alcançado, porque não encontra Deus no final do caminho, como esperava, encontra-se consigo mesmo e com todos os seus fantasmas, ou seja, ele quer ser Deus mas não tem arcabouço para tal... Aí começa a brejeirice e as mulheres, quando não os homens, por entre ficar adstrito à sua individualidade e o suicídio moral, ele prefere a turba, misturar-se, como o Carnaval brasileiro, ou seja, depois da privação a abundância, o *potlatch*.

4. SENSIBILIDADE E BOM-SENSO

Mas, por outro lado, a questão também é a seguinte: deves alguma coisa a alguém que não te dá valor, nem sequer os bons dias? Isso não é direito nem propriedade intelectual, é o mais comum do bom-senso...Porque as pessoas nunca estão comumente satisfeitas, ou seja, na cidade, os consensos são mais complicados, numa andrajosa forma de caminhar que roça o policiamento a ver se tudo corre bem... E não vale a pena insistir, é mesmo assim, onde se concentram muitos humanos acaba por haver sempre confusão, mais tarde ou mais cedo, com o uso ou desuso da linguagem. E, ainda assim, a internet está ligada, está a correr, está acesa nesta democracia global que não conhece descanso, por isso as pessoas quebra e abandonam a cidade, por motivos de saúde psíquica e até financeira, ou seja, tanto investiram que o retorno foi meramente simbólico...apenas toleram a tua presença, de tão habituados estão de sacar sentido de tudo e de mais alguma coisa. Aí, tu conheces uma forma de resistência e até vitória, na perseverança que trazes do norte, bem lá do norte, onde há muitas boas qualidades de carácter...antes de mais um forte e claro sentido de justiça...

Depois, a instalação não é de arte, mas de vizinhança, que não existe nem se promove senão no âmbito da compra do jornal ou do tabaco, ninguém se muda para a Lapa, se a coisa é assim tão importante, deixam-se estar, com as paredes a rachas e a água a infiltrar-se pela placa, ou seja, estamos a definhar, a padecer, a sofrer, mais ainda assim há tempo para desconfiar do vizinho que se desloca na sua casa, a cinco metros de distância...ou seja, sou animal, mas não tanto, ou ainda mais animal que tu!....Eis aqui um bom tratado de etologia, sociobiologia, ou biologia do comportamento, aliás, Konrad Lorenz ficaria supreendido com o que se passa por aqui, cuspidelas no chão, merda de cães por todo o lado, grande cidade, ah! Lisboa, sai de dentro para fora e não volta a entrar, cidade lassiva, lascívia, onde tudo é permitido desde que não se confrontem uns com os outros, desde que não se saiba quem tu és... Costumes?!...Então porque condenadas a cidade nos eu geral e não no particular, uma pessoa ou outra? Porque eu tenho um sentido agudo das minhas limitações e, sobretudo, porque não tenho advogado...

5. CONVIVENDO COM A LOUCURA

O que interessa, de resto, em contextos urbanos, não é a sinceridade nem o esforço, mas a oportunidade, o olho para o lucro, o tiro, o furo, nem que seja jornalístico, como se tanto se amassem uns aos outros como quisesse verem-se mortos uns aos outros... Depois, passas a não te desgastares demasiado com a opinião dos outros, sobretudo daqueles que não te falam, não te dizem os bons dias, não te desejam Bom Natal, Boas Festas, se calhar até nisso têm mais coração os miúdos chineses da loja da rua acima de ti... O tempo causa sedimentação da memória, mas também dos sentimentos, por isso é tão notável viajar, porque vemos sempre pessoas diferentes e, na verdade, o mundo anda à deriva desde há alguns anos e tudo começou com Mega Ferreira, com a EXPO98, aí, graças a esse notável homem de letras, o mundo até então conhecido tornou-se desconhecido, ou seja, há sempre qualquer coisa a descobrir, nos países, nas gentes, nos costumes, por isso o Português não fica muito tempo na sua pátria, na sua terra, porque ela é, antes de mais telúrica, outras há concerteza com esta, mas esta é particular, pois contém em si uma semente de universalidade jamais vista, original, tolerante, andante, viajante, porque, afinal o que interessa são as pessoas, em suas lamúrias e regaços, em sua deliciosa brejeirice e a forma como saltam desse registo para um ascetismo digno de António de Lisboa, porque sim, o mundo anda em trânsito, humanos andam em trânsito e eu mesmo tenho pena de não ter viajado mais, quando no fundo sou apenas mais um francês espanholado numa terra que ainda não me impediu, mal ou bem, de escrever...

6. O LASTRO DA MEMÓRIA

Todo o ano tem um sentido de diligência em si mesmo, seja por si, por sua "limitude" (a expressão é minha), seja por outros, por estar subordinado, por relações de trabalho ou de afetividade, aos outros, por meio de um contrato social, no caso casamento, ou por um contrato laboral, este mais estreito quanto às obrigações morais. Mas...dizem-nos os antropólogos, o que é moral, é económico, pois equaciona, *virtualiza* (torna a dispor, torna e retorna ao dispor, ou seja, instala mais adiante em termos de disposição), no mundo real, um senso de uso, uma razão de uso. Anselm Jappe analisou muito bem esta questão economico-filosófica em ***A Teoria do Valor***. Ou seja, eis mais uma vez o ***dasein*** no espaço público, ou seja, como diz Tolentino de Mendonça, tudo está ao dispor e se disponibiliza, quando estamos enfronhados nas máquinas virtuais e não sabemos conversar uns com os outros, sendo que é tolo aquele que vai contra a corrente, ou seja, está fora do tempo e do momento presente. Porque o tempo é momento e não adiante andar para trás, por isso deixamo-nos afixar num registo de velocidade (Paul Virilio, A Velocidade da Libertação). Mesmo o sexo é feito à pressa,

ante as considerações dos vizinhos, não há tempo para romance, para espera e desespero que dá valor ao encontro de dois seres, é preciso mais, sempre mais, como a carreira de Cristiano Ronaldo, que não se sabe onde e como irá parar, pois ele procura isso mesmo, um ritmo de velocidade que roça o impossível, logo, a conquista do espaço (este e aquele) por meio do que é humano. Assim, o ser escravo dos outros é o ser que agrada aos outros, que faz parte da tribo, do grupo, do bairro, da nacionalidade. Sendo assim, defendo que não vivemos em democracia, mas numa espécie muito particular e mais ou menos refinada de ditadura, a ditadura da imagem e da opinião, ou seja, todos procuram a boa representação social, que represente o que eles são face aos outros, mas os outros já estão noutra, ou seja, tanto acabam por denegrir os outros quanto acabam por se meter eles próprios em sarilhos, digo mais ou menos legais, porque há uma distinta consciência dos limites e que está sempre a puxar para cima, para novos valores e novos ideais. Eis, então o valoroso papel da memória, se és injustiçado, ninguém te incomoda, para bem e para mal, a sociedade há-de dar-te algum tipo de recompensa, nem que seja a paz de andar no Centro Comercial como se nada fosse, seres um cidadão útil e respeitado, respeitador...

7. BEM E MAL ENQUANTO DESVIO

Sou, então, apologista do desvio, do descuido, se quiseres, da infração da norma como afirmação e vontade libertadora de sermos melhores. Agora, depende da forma, depende da infração. Há direitos básicos, mas também necessidades básicas, até para os sem-abrigo. O homem, sem dúvida e pragmaticamente, aprende com o desvio, com a infração, mesmo no ambiente escolar é assim, como referia nas aulas de Antropologia Social Raúl Iturra. E aquele que infringe é, na verdade, mais cioso do direito dos outros, veja-se o espírito de grupo que certos reclusos mantêm e desenvolvem depois das suas penas, desejando sinceramente integrar-se na sociedade, levando uma vida pacata e sem problemas demais. Eis-nos chegados a um ponto importante, ou seja, há que escolher entre a maldade do desvio e a arrogância e hipocrisia do Bem, ou seja, é nesta relação mais ou menos volátil que se regista e desenvolve o que é genuinamente humano, na articulação do sujeito com o grupo (que começa com o ambiente familiar), primeiro e o conjunto da sociedade, depois. São esses os níveis (societais), que o sujeito tem de cumprir, entre avanços e recuos, de forma integrar o seu corpo na sociedade. E é aqui, neste ponto fulcral, que eu discordo de Michel Foucault: a sociedade não é punitiva, não é uma órbita de esferas de poder, nem mesmo Hegel tem razão na sua lógica do senhor e do escravo, pois esta é apresentada como estática e ela é, determinando o contexto, dinâmica, ou seja o poder pode ser ridicularizado, posto em jogo, em equação, pela brejeirice, justamente. Como já disse a alguém, a vida, mesmo a biografia, não é estanque, nem é uma linha reta a negrito, ou seja, é qualquer coisa que

mete também itálico, sublinhado e às curvas e contracurvas. Não é, em última instância, a linguagem...

8. PORQUE PERTENCEMOS

Porque temos de provar unas aos outros que pertencemos, e isso, o pertencer, essa sensação de estarmos em grupo, fazer parte, dá-nos uma sensação mútua de liberdade e pertença, ou seja, de identidade relacional que tem que ver com os nossos maiores e mais primitivos instintos de grupo e sociabilidades, anteriores mesmo às formulações de um Aristóteles. Talvez o segredo, para o cientista social, esteja resumido num pequeno texto de Max Weber, "A Libido do Cientista", coisa que já Pierre Bourdieu falava ao "falar" dos desejos "murmuriantes" dos académicos transportado do cenário dos corredores, entre quatro paredes, para o campo, o desenho e o desejo societal, pois o cientista social é um pouco como o padre, retém o desejo para o desdobrar e se desdobrar a si mesmo uma dimensão societal, estética...

Foi um pouco este o ambiente que apanhei no ISCTE e devo dizer que não me bastam as saudades que tenho, devo dizer que, naqueles anos, Portugal cresceu às golfadas como um golfinho em mar aberto, ou seja, muita coisa de boa foi feita nessas primeira década de ISCTE. Jamais poderei sacudir do meu ser as experiências que lá vivi e me permitem ser um iscteco, embora esquecido, o meu coração está lá, nesses anos oitenta, quando oiço Gene Loves Gezebel e a rádio M80, mas também está cá, por cá, em ***dasein***, ainda projetado para o espaço social do aqui e do agora...

Também as Letras me fizeram bem, foram anos de muita tensão criativa, entre literatura e teoria social, filosofia e alguma poesia, como o foi na Nova, durante quase vinte anos.

9. UMA MESCLA DE CONHECIMENTOS

Ainda guardo, por isso, a minha camisola de caloiro, com um original desenho de um jovem a irromper com sua voz através de uma parede. A minha voz ainda não se calou e talvez nunca se calará, diante da injustiça, diante daquilo que considero ser ou poder ser uma sociedade melhor... Porque o cientista social é aquele que fala quando todos os outros se calam, estão calados seja por interesse seja por delicadeza e polidez. Mas a sua voz não vai a destempo, vai oportuna, pois é preciso não perder a marcha da sociedade e percebê-la, perceber os mecanismos de como é que elas evoluem num sentido, enquanto outras evoluem noutro, é o homem no fundo a desenhar o seu destino, a consertar-se a ele mesmo. Tal tarefa é por vezes árdua, pois muitas vezes te podem cuspir na cara ou ao passarem por ti, como se fossem um legionário, um cristão renegado, como se não tivesses coração. Mas, em todas as atividades e profissões há senão e este é apenas um deles, ou seja, não ser imediatamente compreendido. Os

filósofos têm outros desafios, alguns deles já os abordámos em "A Função Social do Filósofo" e talvez abordaremos de novo mais adiante, noutros ensaios. A norma, portanto, pode ser o desvio sob outras formas e vice-versa, ou seja, os juristas entendem isto muito bem, melhor do que, mas eu dou uma ideia antropológica de como o costume se insere na vida prática e ora condiciona a volição e representação do sujeito, ora o arrastam para circunstâncias bem mais nefastas, independentemente do dilema "virtudes públicas/vícios privados"...

CONCLUSÃO

Sim, a certo ponto e em certa medida, sentes-te farto, farto de tentar, farto de não ser retribuído, farto de promessas vãs e ninguém que se assuma, por ti e por ela mesa. Assim, vais pensando em te vingar dessa cidade que não percebes, dessas pessoas que não te dão os bons dias, que têm quezília contigo e com os teus pais, o teu pai, principalmente, muitos deles são racistas e queriam ficar nesta ocidental praia lusitana para sempre, em regime de exclusividade, quando na verdade precisam dos outros, dos espanhóis e dos franceses, dos italianos e dos gregos, para lhes darem valor, porque a sua auto-estima, o seu modo de fazer as coisas, é demasiado solipsista, demasiado triste no seu fado... Eis, o tipo de Lisboa: plano de fervor, inchado, promíscuo, tipo macho alfa de Alfama. Não o combato, tolero-o. Até o compreendo, em certa medida, equacionando se alguma vez deixarei de ser nortenho, parisiense e se continuarem a adaptar a esse tipo como um preservativo se adapta para melhor protecção... Depois, constato que ele é assim, mas constato também que a maioria é pobre e isso chama uma certa chama ao coração, coração mole como eu tenho e até o ajudo a erguer-se, porque tudo isto são **(m)odos** do Ser Odos, em grego, refere-se a "caminho", ou seja, no grado, caminhos do Ser, maneiras de ver, se ser, de conceber a vida e os outros, na verdade, na praia ninguém dá muita importância a ninguém...

É a cidade. E tu concebes isso, uma cidade do sul, onde ninguém quer saber e acham que Deus lhes patrocina e salganhada que fazem entre as pessoas, com as pessoas, mas isto até que não vai mal, ou seja, em terra de mouros não é fácil ser-se cristão, e se já levou mais de trinta anos, não levará muitos mais até se manifestar uma certa forma de afirmação, mais ou menos política, mais ou menos simbólica, isto em termos do metro desenha-se de uma forma que a solidão não dure para sempre e tu possas fazer história e até te casares, aderires ao contrato social, depois de tanto tento de tempo, intento e tentativas.

Ainda o direito à privacidade, como se não soubesses que, se queres ser famoso, tens de aturar os outros, mesmo aquele do pobre canal de futebol que só dá jogos da distrital, ao lado do outro que tem dois ou três jornalistas e não sabe que fazer senão debitar jogos da liga alemã ou francesa. Assim andam os media em Portugal, em roda viva, transmitindo novelas e trivialidades de que todos se alimenta, enquanto os cientistas sociais, ciosos da sua profissão, se escudam e escusam de ir à TV falar de suas descobertas, porque, aliás, os jornalistas não fizeram ciência social…sociologia, geografia humana, história, antropologia, psicologia social…estamos atritos a um país anquilosado e adiando, a vários títulos, lheno de injustiças e incoerência.

A perda do critério: ensaio sobre o devaneio patológico do não-ser e não saber-ser

Resumo

Em busca do critério perdido anda o homem de hoje, melhor, o género humano, tanto neste como noutro contexto etnográfico. Muito há a fazer para um etnografia filosófica, tirar dos dados quantitativos ilações mais ou menos lógicas, tentar perceber se o homem está perdido, ou seja, desorientado, sem referências, ou se o sinal de todo este desvario pós-moderno, ultra-moderno e supersónico é sinal de que ele vai além de si mesmo, no fio do tempo e da velocidade-luz, daqui e dali para um espaço posterior infinito, que trai as permanências e premências da Coisa-Terra.

Desenvolvimento

1. O Homem Desvairado

O homem de hoje está desvairado. É o que se diz. Perdeu o critério. Mesmo os EUA, ainda a nação mais próspera da terra, tem inúmeros problemas sociais, mentais, a população paga um preço caro com a liberdade em democracia. Não estará o índice de desenvolvimento em correlação com as mais diversas patologias psiquiátricas? Como se o homem, quanto mais rico for, mais aumenta sua preocupação, isso ao lado do pode, político e na esfera pública.

Estamos falando desde o nosso ponto de vista, ou seja, uma TV na sala de estar, com canais internacionais, a maior parte deles americanos, outra TV no quarto, que tem apenas os canais da Televisão Digital Terrestre e depois o rádio, ao acordar e ao levantar, a Rádio Maria ou M80, por vezes a rádio Estádio e a Comercial e ainda a RFM, pela além da Rádio África. É o fio da escrita que nos conduz até aqui, gostaríamos de nos divertirmos mais um pouco, falar com este e aquela, mas ficamos assim, mais ou menos aconchegados com o peso da teoria, tentando dar índice e critério a este ensaio. O não ser tem que ver com a capacidade de alienação que o ser humano pode suster, mas nunca é total alienação (ou seja, tornar-se Outro, desmentindo a sua identidade), porque o homem se aliena principalmente em função de um sonho, nem que seja de vingança face a uma honradez perdida. O não-saber tem que ver com a insatisfação face à realidade, uma realidade que se esvai por entre os dedos numa praia de paz e concórdia à primeira vida, mas cujos subterrâneos estão sujos de ratazanas e animais moribundos que andam de um lado para o outro comendo-se uns aos outros. Dante pôr isto muito bem, entre outros, talvez Conrad, Twist...

Pouco tempo depois, a partir deste contexto etnográfico que tem sido Lisboa, quanto mais solidariedade existe, mais eles se comem uns aos outros, ou seja, quanto mais próximo estão, acabam em autofagia, mas também não há grande sentido de comunidade, o que é que se vai fazer? Talvez deixar andar, adaptarmo-nos e resistir À tentação de cair num lugar melhor, porque por outro lado é bem pior e o sujeito não pode estar toda a vida a tentar adaptar-se…

Fala-se de uma filosofia da suspeita. Mas há também uma antropologia, da suspeita, da suspeição, da conspiração: o modo conspira para seres feliz e não descansas enquanto não conseguires, porque apesar de pareceres a-subjetivo, ou seja, um tipo sem carinho, demasiado alheado dos problemas concretos, és um tipo que dá atenção a tudo, um sujeito a quem tudo interessa e isso é pouco vulgar nos dias que correm, pessoas que se interessem pelo andamento do mundo, que saem de casa única e exclusivamente para comprar o jornal, que têm uma perspetiva poética, da vida, do mundo, da existência, que respirar em céu aberto como sorvem o seu cigarro ao pé do gato…

2. A Pulsão Essencial

A terra é pulsional como a mente, o homem perde a razão, anda de explicação em explicação, para se sentir convencido e quando lê Osho acaba desvairado, como se estivesse estado errado todo o tempo do passado e da sua existência mais ou menos verificada. Sim, o homem ocidental, sobretudo o americano, tem sede de verificação, as patologias desenvolvem-se e uns tantos ou quanto que haviam sido motivo de chacota, acabam por se curar, porque a doença é mental, passou por eles como se nada fosse, como se tivessem, afinal, com a experiência da doença, ganho mais alguns neurónio que a medicação não foi capaz de domar. Têm esse sentido de sobrevivência, uma paz, como se parecessem subservientes, mas não o são, na verdade, porque a sede de verdade atravessa o seu espírito, conjunto a uma sede de coerência face a um certo projeto de vida…

Sim, o medo instala-se, atravessa paredes e tentamos disfarçar com a TV ligada, entrando num qualquer registo coletivo ou lamuriando a merda que os cães deixam no chão, fazendo ver que ou as pessoas se respeitam ou não respeitam, há maneiras de ser que nunca se vão alterar e muitos do norte tomaram ser como nós, que vemos boa coisa na coisas de um dejeto no passeio em frente à porta de casa, esmagado por um transeunte incauto.

_Quando não dizes nada, pareces antipático, aproximamo-nos de uma sociedade muda de tão grande é a cacofonia fenomenológica dos dias de hoje, ou seja diz tudo ou não se diz nada, pois, quando não dizes nada és cobarde, rato, quando dizes alguma coisa és ouriço e ingénuo, não sei bem qual das duas…

3. HONESTA INDIFERENÇA

Não vês honestidade na maior parte das pessoas, apenas surpresa e aquilo a que poderíamos chamar de "honesta indiferença", ou seja, de um modo de tolerância que advém do contexto e que vinca transformações societais e modos de ver, de fazer, de comentar. Hoje em dia tudo tem uma opinião sobre algumas coisas e fazem-se teses sobre os assuntos mais ridículos que se podem ajudar, só para ajudar a promover carreiras, das bolsas a desbaratos a miúdos e miúdas que nunca fizeram trabalho manual. Mas, há muito que não conseguem sair dele porque nunca arriscaram, por exemplo, um seminário, uma formação clássica. É destas coisas que falo. É a noção de ***vinco*** no seu melhor, associado a estoutra de ***marca***, ou seja, enquanto uns ***vão*** ao de leve, outros querem deixar uma marca neste mundo, ou seja, deixar vincado um ponto de vista sobre a vida, os outros, o mundo, si-mesmo, de certa maneira. Como se costuma dizer, "já passaste das marcas"...

Mas...será essa indiferença, que se patenteia mais no metro do que noutras formas de transporte público, verdadeiramente honesta? Cada qual vai metido consigo mesmo, ou seja, com o *ifone*, o *ipad*, o *tablet*, pouco importa aquele que vai a meu lado e não se fala com estranhos, pode parecer até ofensivo ser-se bom, falador, ingénuo, ter bom coração, e porquê, não há sentido, há uma perda de critério, ou seja, de norte, sendo que o desnorte é total, talvez pelos ajustes que o cosmopolitismo tem de fazer, de uma maneira ou de outra, ou seja, enquanto muitos têm muito (dinheiro, valor, status), outros têm nada ou quase nada, sendo que a arma destes é mais poderosa e escatológica, ou seja, Deus... Ele impede-nos de ir ao reino do não-ser durante vários dias e orgulha-Se de sermos como somos, assim, dessa maneira, honestos connosco e com Ele...mesmo com dores de cabeça, procurando sobreviver honestamente, ainda que seja com a ajuda daqueles que devem e podem ajudar, ou seja, a família. Mas também é essa "anonimidade" do metro uma forma de não-saber, pois nem todos se interessam pelas coisas sociais, pela coisa pública e a deixam ao critério dos políticos, que têm caminho livre para roubar e mais roubar, a torto e a direito, em linha reta ou aos ziguezagues.

4. IMAGENS QUE SE SORVEM

Assim, giram em torno e por cima de nós "imagens que se sorvem", ou seja, se o cérebro comanda os nossos dias, os nossos pensamentos, as ideias, imagens, princípios, são comida para nós, mais do que aquela que metemos pelo esófago dentro com direção ao estômago. Ainda assim, há aqueles que não "sentem" essas imagens que não se apercebem delas, que até não lhes dão valor algum, de tanto que andam à toa. Mas há aqueles que lhe dão excessivo falar e esses talvez sejam uma espécie de *artistas patológicos*, são os que mais sofrem, talvez em nome daqueles que não querem saber.

Mas a biografia, a existência, altera-se ao longo da vida e podemos experimentar essas modalidades do sentir psíquico de várias maneiras e várias vezes, sucessivamente ou não, ao longo da nossa vida...

6. LIVRE- ARBÍTRIO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Pretendes, então, deixar um vinco no vão da existência, uma marca na vida coletiva, estás convencido de quem aceder ao inconsciente coletivo acaba por se tornar Rei, o Chefe-Mandão disto tudo, o Big-Men. É o que tentam fazer certos políticos, Putin, por exemplo, mas também o líder chinês, a antropologia, que parece a mais inocente das ciências e a filosofia, a mais plácida forma de existir, revelam-se auxiliares do poder económico, incluindo até casos de espionagem, sob vária ordem, grande poderes materiais a que elas estavam de início vocacionadas a servir. Mas, sempre foi assim, na verdade, por isso o antropólogo tem o prestígio que tem e não aparece, e o filósofo só quando lhe apetece. Têm consigo o poder da palavra e maior forma de poder não pode jamais haver, pois é algo implícito desde o fundo dos tempos ao homem. A mensagem que se passa, ganha direito a existir, o resto é o imaginário social que o faz...

O cinema norte-americano mostrou isso muito bem, ou seja, é preciso sofrer para ganhar e, mesmo na nossa sociedade, há o receio, o tabu, de ser pobre, ***ideia-coisa*** que atravessa toda a sociedade ocidental, talvez porque se tenha perdido um certo traço cristão na nossa vida colectiva e a Igreja não seja tanto centro quanto escape, ainda por cima sem sexo... portanto, como pode haver liberdade de expressão numa democracia, como a nossa, se a mensagem, a linguagem, é um vírus que perpassa todas as falas, todas as ideias, são sinais dos tempos, podemos dizer... Será que livre-arbítrio e liberdade de expressão são uma e a mesma coisa? Eu posso julgar, ou não julgar, posso reagir ou não reagir, virtudes públicas/vícios privados, ou seja, há sempre qualquer coisa que nos queima nos pés, por mais alto que subamos, repare-se o que aconteceu recentemente com Ximenes-Belo. Terão sido necessários programas como Big-Brother, as redes sociais, para percebermos que essas redes são virtuais e não reais, ou seja, não são redes sociais, mas redes virtuais?!...

7. A SOLIDÃO DO HERÓI

O herói vai onde outros não vão, veja-se Pélé, Cristiano Ronaldo, ou outros, desde a banca à cultura. É como conquistar território novo, que não pertencia a ninguém, no pensamento não há índios ou maoris, é terreno amplo e muita gente não quer deixar a segurança da sua vida ou, por outro lado, fazem mais do mesmo com suas vidas, são como as ovelhas, juntam-se a outros, talvez pelo receio permanentemente trémulo da finitude, pois querem aproveitar as coisas boas da vida, sendo que essas coisas estão dentro da tua cabeça...

É essa "nevrosidade" do saber mental que eu procuro, ou seja, o índice mais próximo da verdade sem realmente a ferir, sendo que a maior parte das feridas que tenho são da mentira e inveja de um dom que se tem e se vai afinando ao longo da vida, não sem com muitos problemas polvilhada.

Talvez estar só seja o derradeiro privilégio do homem de hoje, que se arremete para a multidão, para se misturar, por culpa de não ser tão associativo quanto os outros, ou seja, por receio de não procriar ou minimamente ter intercurso social e sexual...

Na verdade, a solidão é, a meu ver, uma questão moral, católica desde já, capitalista noutro sentido. Se Deus está contigo, não estás só, estejas ou não só fisicamente, na tua casa, ou fora disso, na rua. Estava habituado a ver as coisas, os problemas da vida, com mais frontalidade, de frente, sem ziguezagues, de certa maneira não perdi isso, pois tem algumas vantagens, antes de mais para a escrita que vou fazendo ao longo deste últimos dez anos, talvez vinte. Mas percebi, em Lisboa, que há muitas voltas a dar antes de ser-se reconhecido, pelo menos por aqui, em português. E cá vou andando, nos meus ziguezagues e reviengas, esperando algum dia esse reconhecimento, mas se ele não vier, vou aperfeiçoando a obra, porque como nos monges e frades do convento, eu tenho todo o tempo deste mundo, se não me acontecer alguma surpresa e for atropelado à porta de casa...

Ao lado da luta pelo status, devidamente animal e ecológica, há a necessidade de relaxar, destressar, como naquela discoteca, a *Stressless*...os hindus não precisam de relaxar porque não stressam, mas vão aprendendo a fazê-lo dada a crescente proeminência em cergos públicos e políticos. Sou a favor...

8. OMELETES SEM OVOS

Diz o povo que "não se fazem omeletes sem ovos", mas o povo não é sábio para todas as coisas, especialmente o momento, aí entre o artista, o poeta, o criativo, como um Fernando Pessoa, no seu tempo. Na verdade, o artista, plástico ou escultor, o poeta, todo ele é emoção e grito vindo do fundo do Ser, outros, que fazem umas grafitadas, apenas se aproximam desse bem-estar e realização do verdadeiro artista ante a sua obra e a ansiosa pressa de serem conhecidos. Em serem reconhecidos. O artista faz, então, omoletes sem ovos, alguns até fazem ovos com ovos, o que é bem mais surpreendente e digno de nota...

Em tudo isto, os pensamentos dos fundilhos arrastam a sua mente para pequenas perceções, coisas que aprende a evitar mas que não destacam da sua cabeça talvez aí esteja a sua estranha forma de ver, de viver, estranha forma de pensar, como se saltasse uma mola de todas as protuberâncias execrais e dessa resultado a uma bela prova, para ser apreciava em saraus de vinho, passas e amendoins...

Portanto, tens sempre no teu ouvido uma voz que te diz "esse gajo é doido" e tens de prosseguir, pois, segundo Schopenhauer, esse tipo não tem razão, está mais

preocupado com o Outro do que com ele mesmo, ou seja, se te preocupas contigo mesmo em demasia és egoísta, se te preocupas demasiado com os outros és bombeiro, que é o mesmo que dizer, altruísta. Sabes como o mundo funciona, fatalmente, como repará-lo de todos os seus males, mas fatalmente ou não, não sabes como funciona o teu mundo pessoal, mormente a tua área afetiva. Portanto, ficas à espera, fazes o que sempre fizeste para sobreviver, mais do que isso, para viver além (do mais) uma vida plena e frutífera, divertida e bem humorada, até. Essa voz persiste, não te deixa em paz, tomaram conta de ti, entraram na tua cabeça mas não te conseguiram iludir muito mais vezes, susténs a respiração da tua consciência por mais e mais tempo e descobres uma maneira de sobreviver, duas, três, muitas mais maneiras de sobreviver, pois se não estivesses aqui, não estarias ali, poderia dizer Heidegger ou Deleuze…

Portanto, o boato tem essa dupla face, como a moeda tem cara e coroa, mas cuidado, há um friso que a faz rolar, senão ela se estatelaria no chão ou na palma da mão. Uma moeda não se arrasta, ou seja, não muda de sítio por um pontapé que lhe dêmos, mas vai em pé, por meio do friso. Assim vai o boato, entra em pantufas e sai de caneleiras.

9. A NÉVOA QUE CHEGOU

Podes dar importância ao que os outros pensam, mas podes também não dar importância nenhuma. As duas posições estão erradas se tiveres critério, ou seja, se souberes ser fazer, saber, se souberes articular devidamente as mais diversas categorias da natureza e do entendimento dos humanos que és.

Um dia conheci um velhote alentejano que dava por nome Touro Sentado, ele escrevia poemas com os de António Aleixo e deram-lhe esse nome porque estava sempre sentado, a meio da tarde, no meu lugar, na praça principal de Penedos, a sua aldeia. Um dia resolvi lá ir, para o ver, saber da sua obra. Ele disse-me: "Sabe porque estou sentado no mesmo sitio à mesma hora?", "Não sei, meu caro autor", "Um dia um sábio que encontrei nos meus vinte anos, disse-me: faz obra e senta-te nela" "Eu aqui estou, a esta mesma hora, estou aqui sentado sobre uma filha de livros que vou vendendo a quem passa, não pus nada ainda na internet e nas livrarias, sou eu que vendo os meus livros". Na verdade, fui ver, ele era um autor conhecido dos meios literários e até cinéfilos e estavam, sim, muitas obras suas na internet, mas não para vender nem para fazer download. Quem quisesse ter uma obra do Touro Sentado de Penedos, em plano Alentejo, teria de se dirigir ao seu próprio autor e ah! Que aventura! Que privilégio conhecê-lo!"

Era, na verdade, como uma névoa social que havia desaparecido do mata e se instalara no sobrolho daquele homem e o obrigara a ser cego, isto para ver melhor, pois também diz o povo que "em terra de cegos quem tem olho é rei"… Na verdade, os cegos, há que distinguir os de nascença e os "adquiridos" tem uma forma de saber bem especial,

talvez mais conceptual do que a maioria do vulgo e tal tem que ver com a forma como pensam e encadeiam os seus pensamentos, mais sobre uma base conceptual do que propriamente gráfica, tendo em conta os tipos da tipografia.

CONCLUSÃO

A contrário do que a maioria dos filósofos apregoa, o Ser tem que ver com economia, logo, poder, com lógicas de distribuição de pessoas no espaço e com a forma como são adstritas ao seu património, antropologicamente, a sua casa. É esta noção de casa que me vem ocupando desde há alguns anos os pensamentos, as elucubrações, os sistemas sensoriais e afetivos. Por vezes temos de regressar à nossa zona de conforto para não estarmos sempre aflitos, expostos, com o coração nas mãos, seja porque a fama mata seja porque a discrição não faz mal a ninguém, sobre tempo para meditar e descansar a meio da tarde, assim fazia Agostinho da Silva e assim lhe pareciam os dias seres a dobrar. De modo que iludes a mente, que tende a olhar sempre em frente, como um burro com palas, e acabar por a tornear, dar-lhe a forte e fazer-lhe uma surpresa, aparecer do outro lado, face com face…

Assim, o ter e o Ser relacionam-se sobretudo através da economia libidinal, o não- Ser é, em certa medida, não-Ter. Mas…ter o quê e ser o quê, podemos perguntar-nos? Ser uma profissão, Ter dinheiro, logo poder? E que forma é essa de poder de quem tem tanto dinheiro, como Isabel dos Santos? Porque tudo isto hierarquiza pessoas, tal como num sistema de castas na Índia, não é somente uma questão metafísica, ou seja, se vou ou não morrer, e quando, se tenho de provar mais nesta vida para (não) merecer a outra, ou seja, se tenho de ser servo humilde para conquistar a vitória final, ou seja, a outra vida, o meu espaço do além, o meu lugar ao sol? Mais uma vez, o povo diz (inclusive nos Almanaques Populares) que "quem tem boca vai a Roma" e, ainda, "nunca santos da casa fizeram milagres". Mas poderíamos juntar mais dois: "nunca digas desta água não beberei" e "Roma e Pavia não fizeram num dia"…

Entre Corpo e Moralidade Reiterativa: aspetos de uma relação reiterativa e viciada

Resumo

O espírito diz "não faças", o corpo diz "faz, faz", eis como se desencadeia uma lógica que bem pode ser entendida como patológica e que espelha a dificuldade da sociedade atual em o homem (e a mulher, obviamente, e derivados) em se encontrar consigo mesmo encontrando-se com o Outro. Esta relação pode parecer patológica, o homem, quando chega à cidade, procura um par, mas não encontra, logo, acaba por se refugiar na pornografia enquanto entretém, só que nem todo o homem tem a compostura para aguentar a desordem dos corpos, que se acaba por refletir na vida real...

Argumento

1. A CIDADE ERRADA

Há um certa forma de política no nosso país que vem desde as universidades para o mundo real e está arreigada na mente de maior parte das pessoas, que é a lei de desenrasque, a falta de solidariedade para com o amigos e inimigos, obviamente e que no norte encontra outra configuração e quando falo do norte falo da França, obviamente. A civilização entrou em *clash* total, civilizacional, o homem passou a ter a felicidade ao seu dispor, contudo não sabe o que ela é, tem acesso a tudo, menos à felicidade, no entanto vive uma qualidade de vida que lhe permite dizer que é feliz. Só essa ideia, "ser feliz", o incomoda, o homem quer ser bem sucedido, por isso o seu comportamento é tão ostentatório. A cultura é uma tortura, talvez para memória futura, talvez pelo momento, por isso, desde as artes às técnicas, o homem repete-se sem fim, num ***ritornello*** que assim o faz ilusoriamente feliz. Aqueles que estão nos conventos julgam ter a felicidade, ou seja, possuir a felicidade. Só que o ter não faz falta da felicidade, é um estado de espírito. Por outra via, aqueles que têm iates e mansões julgam ser felizes, quando essa felicidade, de mostrar aos outros o quanto são bons, magnanimamente e até artisticamente, é ilusória, mais uma vez, passageira, logo se vai. Devemos então, considerar que o homem de hoje não é feliz, vai sendo feliz, vai apanhando uma migalha aqui e ali, um ponto aqui e ali e fingindo, fingindo que é para o outro ter inveja e eu sinto-me bem com a inveja dos outros, porque isso me faz sentir superior, mais "Chico-esperto".

2. OUSAR O IMPOSSÍVEL

Assim, como conciliar antropologia e filosofia, conhecimento popular e saber erudito? Como conciliar sexo com religião? Talvez pensando que o sexo é importante, pois nos faz sentir vivos, há um olhar esganado de uns e desinteressado de outros, digamos que ao sexo nada é indiferente, tudo se aproveita e, nesse sentido, ele é fulcral na vida humana, desde os primórdios da civilização, pois está na base de tudo, desde a procriação àquilo que chamei de *jouissance*. Desde Marcuse a Bataille, de Deleuze a Baudrillard, o sexo passou a ser visto como algo de democrático, de acesso livre a todos, ou seja, palco de legitimação de um desejo primordial, o desejo de possuir. Talvez por isso, ao lado disso, se tenha incrementado a vida religiosa, negando o sexo, vivendo por oposição, no êxtase da negação do corpo. A Igreja esteve na frente de tudo isto e o seu poder é eunuco, digamos assim, sendo que há padres que dizem uma coisa e fazem outra...Padres sem filhos, abusadores...amantes da comida e endinheirados, enfim, modos de vida que se perpetuam nos nossos tempos.

Então, temos na nossa mesa, de um lado, o dilema carne-espírito, que se planteia em termos de sexo-religião e do outro a figura do homem bem sucedido, maquinal, máquina de fazer dinheiro e sucesso, no magma da turba anódina... Sim, perdeu-se o critério e aqueles que têm razão estão escondidos, à espera que a bolha rebente, que alguém atire um tiro para o ar, para que algo acontece, uma revolução, uma revogação, nos termos marcusianos, do que é ser-se Homem...

Assim, as categorias de sujo/limpo percorrem toda a sociedade, todas as sociedades, ao longo da história, o seja, o preto e o cigano eram sujos, impuros, isso em termos de uma hegemonia branca, pura, como a luminosidade dos astros, e que eles não mereciam, como os índios, ser considerados espécie humana, humanos *tout-court*....

3. MELHOR O IMPOSSÍVEL

Por isso, em termos societais, convive o possível e o impossível, a felicidade e a infelicidade, ou seja, duas modalidades do Ser, que a antropologia dá como não morais, ou seja, neutrais em termos do julgamento subjetivo do analista e morais em termos do juízo do teólogo, porque este visa em seu escopo escatológico construir a sociedade, reformulá-la, enquanto o filósofo apenas a questiona. Aqui julgo haver uma grande diferença entre antropologia e filosofia, na sua essência fundamental e até metodológica, enquanto o filósofo não sai de si, ou seja, a sua mente é o laboratório de uma qualquer indagação científica, o antropólogo quer mudar o mundo, construir, com seus ou meios alheios, resolver problemas humanos que têm que ver com relações sociais e seu intermédio com o ambiente, a natureza, até a ideia de Deus...

São assim dois extremos que se unem nas festividade, como no Natal, na Páscoa, na Passagem de ano e nas festividades de verão, pelas aldeias, pela raia, pela terra de saloios e mesmo no centro de Lisboa, desde o Corpo de Deus ao Santo António, em Lisboa e ao São João no Porto, e ao São Pedro em Braga, o país fica atravessado

literalmente por uma onda de positivismo, muitos batem na estrada e até se matam e de alguma maneira se encontra o dito de Foucault de que "é preciso mudar (vulgo "defender") a sociedade". Porque é na falta, no vão, na necessidade, que te encontras melhor com Deus e ainda que o teu espírito esteja desordenado e oscilante, prossegues, como numa corrida, a corrida que fizeste desde logo cedo para chegar ao âmago do ventre da tua mãe, ou seja, cada um por si e um por todos. Os antropólogos mostraram, desde cedo, que são os alquimistas da sociedade moderna, atual e até futura. Por isso devem colaborar com os homens da interrogação, os filósofos, tal como colaboram desde já com os historiadores, os geógrafos, os economistas e, claro, os sociólogos. As ciências sociais são um campo fascinante para mudança e melhoramento da vida social e é disso que estamos falando, vida social, societal, como se queira, a articulação entre espaço público e espaço privado, as classes e estratificações, a moralidade (veja-se Viktor Frankl, em especial), os costumes, e aqui entra o Direito e a Jurisprudência, sem esquecer, claro, a psicologia...

4. **HEGEL E HUSSERL**

Depois, a lógica do senhor e do escrevo e os fundamentos da religião, quando os teólogos defendem a sete chaves o que acontece no reino do espírito. O corpo, de resto, é como o jogo e bem que está mal considerado como veículo da lama, do espírito e da mente enquanto adequação a este mundo. Sim, somos todos extraterrestres em processo de identificação de um mundo que não pára de nos surpreender, o problema é que somos nós que temos isso dentro, a inteligência e o saber, a manifestação de um espírito que não fica *a la mano*, como dizia Heidegger, mas vai mais além, digo eu mesmo, a propósito de vários pretextos...porque a filosofia te dá satisfação e consciência de que estás vivos, como aliás também a antropologia.

Porque, no país onde os antropólogos e filósofos são de capelinha, ou seja, de tribo e trilha, fazer filosofia e antropologia por fora, correndo na linha 8, não é fácil, mas talvez sejam precisos estes heróis solitários para dar sentido àquilo que os "integrados" fazem, ou seja, são os apocalípticos que conferem legitimação aos integrados. Então, estamos num regime nocturno do conflito entre *empowerment* e ***humillitas***, ou seja, para teres o reino dos céus, precisas de ser humilde, de te humilhares perante o teu senhor, mas para seres reconhecido e seguir as leis da natureza e do instinto, precisas de se *empowered*... Faca de dois gumes, sacudir a água do capote...

Neste sentido, vale a pena revisitar a lógica do argumento senhor-escravo adiantado por Hegel no prefácio à fenomenologia do Espírito, creio que nenhum filósofo pôr as coisas de maneira tão clara,e vidente e gratuita, talvez mesmo até nem sequer o próprio Marx com a sua luta de classes. O senhor é o Senhor dos católicos? Porque será problemático fazermos essa aliteração, esse confronto, essa conjunção? Husserl viu isto muito mais fundo ao falar de uma fenomenologia da perceção quotidiana, e depois veio Merleau-Ponty e acabou com o resto. Na verdade, a nossa mente é uma floresta de

símbolos, não só a floresta equatorial ou congolesa, se uns têm uma outros têm outra. Nós temos o Lince Ibérico.

5. TREMOR MIM-ÉTICO

Desde que li Michel Serres, em várias obras, a minha percepção da realidade aumentou, melhorou, como se tivesse uma sobreexcitação face ao que acontece, à fenomenologia da perceção. Tudo me parece estranho e ao mesmo tempo familiar, tudo faz sentido e o homem precisa dessa zona de vão, como sugeri, para não fazer sentido, para se direcionar a essa zona escura de dúvida e incerteza que o ajuda a ser ele mesmo herói, como numa corrida São Silvestre na Amadora ou em Elvas, só para dar um exemplo…

Porque, ao sucedendo no espectro da vida social, vais fazendo a tua vida, tomando vários papéis e ainda que muitos escritores o sejam só porque estão na zona de conforto e nem sequer curso algum tiraram, continuam a perpetuar-se em lógicas lascivas quando tu permaneces agarrado ao osso. Porque escritor é qualquer um, antropólogo nem todos e filósofo qualquer um[4]

6. ARDOR E ASCESE[5]

Então, porque motivo, antropológico ou outro, o sexo aparece separado da religião, pelo menos do nosso ponto de vista? O cientista tem de explicar tudo, enquanto permanece só e sem dama, quanto todo o Deus tem a sua Chica…não é isto injusto? Precisamente aquele que garante o funcionamento do sistema é o mais desprezado, pelo escol dos doutores, por todos aqueles que pensam que podem comprar pessoas por dinheiro…

Se, portanto, temos uma "cambada" de cientistas sociais e filósofos nas universidades e alguns soltos pela opinião pública, independentes, porque o mundo não há-de ser um

4 Lembro-me do livro de Peter Singer "Como Havemos de Viver" e do outro de Marc Augé "Porque Vivemos?". Quando quis, ser padre e intelectual, procurei por isso, sofri a bom sofrer pelo que haveria de ser e de certa maneira consegui, tenho a minha independência de espírito, o meu sentido crítico, a minha boa-disposição, o meu ardor de pensamento. A muitos, tudo lhes é dado, depois não apreciam as coisas boas e simples da vida, e mais adiante acabam por fazer porcaria…

5 No meu tempo de estudante, que ainda sou, de certa maneira, só era preciso ser-se licenciado para se ser professor, chamava-se nesse tempo de assistente. Hoje é preciso o doutoramento, para tudo e mais alguma coisa. Mas o doutoramento não é de pensamento livre, é preciso um orientador, além do mais, é preciso pagar propinas, frequentar, tudo o mais. Isto está na origem de uma certa ascese…Tenho feito ciência social e filosofia com apoio familiar, portanto, não do estado, e não tolero que nenhum cientista social ou filósofo fale comigo do alto, portanto, mereceria ter a tese aprovada e um lugar de professor convidado em qualquer universidade portuguesa…De certa maneira, a sociedade portuguesa não estava preparada para o que se fez nos anos noventa em termos de ciências sociais em Portugal, fundamentalmente no ISCTE. Claro que o CES, com Boaventura Sousa Santos, teve um papel charneira, ainda o tem hoje, julgo. Mas eles concentravam-se demasiado numa ala marxista, estritamente sociológica que, a meu ver, estava demasiado próxima do poder, os sociólogos sempre foram os teóricos da sociedade, aqueles que iriam mudar alguma coisa depois de analisar. Mas os antropólogos iam mais longe e, coisa boa e feliz, nunca interferiam no andar da sociedade. Por isso mesmo, o seu trabalho era bem mais sibilino, ainda que a maioria fosse uma cambada de preguiçosos e vaidosos, sem arriscarem nunca uma tirada subjetiva ou literária. Faziam ciência, mas aquilo não era sempre ciência, era embuste, tal como aquilo que os sociólogos faziam…

lugar melhor, mais feliz? É esta interrogação que deixo, para alguma reflexão, para a contestação de que a sociedade pode ser vista sob o ponto de vista científico, sem que isso signifique amoralidade ou imoralidade. É apenas um ponto de vista, ao lado dos outros, sendo que aquele do senso-comum é que fornece a matéria-prima para a teoria, sem a qual não podem laborar os académicos... Irónico, hã?

7. O PROFESSOR PARDAL

Perdeu-se a teoria, entre a floresta de enganos do meu espírito, vou andando, em vésperas de ano novo, prosseguindo nas minhas mais ou menos elucubrações sociológicas, ou seja, frontalmente, em meu nome e da sociedade em que existo, em que me afirmo e permaneço. Na realidade, a sociologia, além da antropologia, parece-me um embuste. Começa a pensar como um engenheiro ou arquitecto, mais ou menos paisagista. Aliás, a filosofia académica é toda ela um embuste, em nome da verborreia que por lá vai, pessoas que passam o tempo de suas vidas defendendo o seu modo de vida, que é convencer os outros que há uma razão metafísica para todo e qualquer fenómeno que aconteça, que seja a violação de uma rapariga nos Jardins do Campo Grande ou um jovem estudante de engenharia que se arma em terrorista. Mas...não dês mais, se não te aproveitaste, como os outros (da mama) não é agora que vai acontecer, diz o filósofo...

E em que medida entra aqui o professor Pardal? Como são as suas calças? Têm alças? São azuis ou brancas? Rui Zink talvez dissesse alguma coisa a este respeito ou mesmo o professor Caeiro, que até já faz teatro no CCB, vejam lá...Lily dizia-me que "os homens altos são estúpidos", nunca percebi porque, sempre achei que os rechonchudos eram mafiosos sem emenda...Enfim, tudo vale em nome da escrita e do leitor[6]...

Depois, a melhor lição de filosofia que fui ouvindo nestes tempos que faço ciência social à minha custa, foi Os Cromos de Portugal, podem ver no Youtube, grandes lições fui aprendendo deste povo simples e trabalhador, mas pleno de sentido de oportunidade quanto ao que ao divertimento diz respeito. Nisto, são muito diferentes dos franceses.

8. SALADA RUSSA

É dito, por alguns autores, que o filósofo é um funcionário da humanidade (Scruton, entre outros). E o antropólogo? Funcionário do povo? Da natureza das coisas? De uma idiossincrasia que só ele sabe escrever, descrever, ainda que não tenha os suficientes recursos estilísticos? Também o filósofo tem a sua idiossincrasia. Mas ambos nada têm do autor de literatura. Ou poderemos cruzar tudo e mais alguma coisa, fazer uma salada russa, como diz o outro?

Por outro lado, não será o sexo a pior forma de agressão, pois realiza ou simula um acto primordial de reprodução, social e existencial? Nestas sociedade ocidentais, há uns

6 Seja como for, segues concentrado em ti mesmo e perdes o passar da paisagem. Como em ***Curvas Apertadas,*** o meu primeiro livro de ficção. Ou devia dizer não-ficção?

caracteres que tenho apreciado e tenho vários em meu redor neste preciso momento em que escrevo. São o que eu chamo os tipos psiques, ou os "tipos de Lisboa", que odeiam madridistas e parisienses, porque lhe têm inveja, é uma coisa de território, não sei bem, nunca explorei bem essa temática, até porque nunca senti medo deles, mesmo fisicamente ou até psiquicamente, sendo que todo o medo é antes de mais psíquico, diz Lorenz e várias obras e Vigotski também.

Aí, também na cidade, o mais primitivo da animalidade, se manifesta, ou seja, o macho que fornica mas não quer que mais ninguém fornique ao seu redor, ou seja, são questões primitivas, do âmbito da etologia, da biologia do comportamento, da antropologia, que eu sempre fui estudando nos meus cantos e recantos teóricos, com ou sem êxito, com ou sem popularidade...

Desviei-me entretanto do assunto. O corpo, portanto, está dividido da mente pela moral cristã, que pretende defender a ascese do espírito antes do tempo, ou seja, no tempo do trabalho, do hodierno interesse, no tempo de vida, antes de morrer, sendo que depois de morrer não se sabe realmente o que acontecerá, porque, na verdade, estamos do lado de cá da vida, sendo que a vida se confunde com a morte, como o sagrado se confunde com o profano...

9. VITA HIPOCRITA

Hipócrates fundou a medicina. Mas, hoje em dia, como antes, dantes, Dantès, há outra forma de hipocrisia, a cultural, ou seja, eu vou reiterando uma relação corpo-espírito que está em mim mais ou menos viciada e tudo corre pelo melhor, é tácito, é cultural, ninguém morre. O problema é que morre. E ninguém se preocupa com isso, nem o Marcelo nem o Bombeiro Léo. Portanto, há grande hipocrisia na academia e na TV, são sempre os mesmo, no governo também há, são sempre os mesmos e há tipos a lutar contra tudo isto, como eu mesmo, como outros que andam por aí perdidos, sem ter onde desencantar ou despejar a sua teoria, no ICS não é de certeza. "Porta-te bem, menino, para não teres problemas", ou seja, favorece os outros, não a ti mesmo, porque somos todos capitalistas mas somos muito solidários, sobretudo para com o irmão religioso que precisa de rezar para ter comida ao fim do dia e dormir com os anjos...

_Porque as pessoas estão insatisfeitas, frustradas, eu sinto isso, vejo e oiço isso, já desistiram de lutar por um governo que lhes faz todas as vontades, ou seja, retira-lhes a capacidade e a vontade de lutar, por elas mesmas e pela sociedade. E isto é a pior coisa que se pode fazer, um político que vem e que diz que resolve todos os problemas, que retira ao concidadão, ao concidadão, o condão de lutar pelo seu destino. Implanta--se, então, a ideia de que não vale mais a penas, por isso, na divisão ou na ligação entre carne e espírito, uns vão para a Igreja outro vão para a casa da putaria. E é o regabofe geral. Quem, por outro lado, pode educar estes miúdos? Que valores poderá a escola neles

instilar? Quando há uma cultura do facilitismo, do *deixa-andar*, da ofenda do próximo por um cisco insignificante no olho?

10. CORPO CORRUPTO

Portanto, temos o plano societal. A sociedade é o corpo, orgânico e mecânico. O corpo é o corpo, o espírito é o corpo. Tudo é corpo, tudo se traça e assimila, tudo se ofende, até as crianças, como a CMTV nos mostra pelas casas adentro todos os dias…

Na verdade, o que é o santo senão uma representação social (Goffman) da sociedade, mais, a ver, uma representação subjectiva do que é o social? Portanto, o corpo é santo, é um templo, diz a Igreja, portanto, deve ser usado "devidamente" em favor da sociedade, mas de quem? E quem é a sociedade? Sou eu e tu, e o outro e aqueloutro, mas a sociedade não somos todos nós e todos nós não somos Deus? Eis o erros de muitas pessoas, entre as quais muitos cientistas sociais e teólogos, para não falar de muitos filósofos, que se perpetuam em suas inúteis carreiras e não dizem a verdade ao povo, talvez porque não a sintam, de resto há também os programadores da televisão, que destinam aos olhos do espetador as coisa mais banais e estapafúrdias da vida quotidiana, de casais com miminhos, de gays afirmativos e ligados à moda, enfim, de gente que não interessa nem ao menino Jesus e que nunca há-de dar a volta…

Então, mais uma vez: porque vivemos? Uns procuram com afinco essa linha de investigação, apoiando-se nos mais diversos autores, outros são autores mas tão modestamente que ficam dependentes dos autores ingleses, americanos e franceses, para já não falar dos alemães, como o treinador de futebol do SLB…Sim, há uma cultura da condescendência em Portugal. Adoram-se os turistas, mas ninguém ousa falar com eles…na sua língua!…

E o que é feito da indústria? Há alguma indústria de cultura em Portugal? Tens o exemplo da Catalunha, mesmo aqui ao lado, um pouco acima…há alguma direcção neste país? EU, enquanto antropólogo, sinceramente, não vejo, nem no sentido moral nem no sentido social, apesar das estafas de palavreado de verborreia do Presidente…

CONCLUSÃO

A masturbação como argumento ontológico, eis a raiz da relação entre corpo e mente no contexto da religião, entre desejo e transcendência, ascetismos, ou seja, vocês têm os cargos, públicos, políticos, académicos e servem-se das mulheres, vossas discípulas (e ainda se fala em direitos das mulheres), mas não querem que os outros façam o mesmo, ou não querem que os outros façam diferente, que é uma vida honesta, livre, simples e trabalhadora, porque de algum modo isso desafia e ameaça o vosso (corrupto) modo de vida? De quem falo? Das pessoas que fui encontrando no meu caminho, daquelas que leio no jornal e vejo na TV todos os dias. E oxalá eu nunca seja assim, mesmo que pague com mais solidão...

A técnica como recurso do filósofo não-binário

Resumo

Como há e haverá para sempre um dilema, ou uma relação entre Bem e Mal, também haverá entre conhecimento popular e erudito. Relacionar um e outro é uma aventura que está ao alcance do antropólogo e do filósofo, presos e libertos numa nomenclatura mais ou menos redundante mas que resulta em teoria e conhecimento científico para os mais novos.

Desenvolvimento

1. NEGAÇÃO DO MUNDO

Degradação e dignidade, eis o princípio ou não da coerência do sujeito consigo mesmo, em que o homem digno é aquele que é menos popular, num regime de relação entre público e privado. O conhecimento técnico, do que não é dito, não é escrito, tem que ver como sentido de superação do herói civilizador, como se pode ler na música do grupo britânico *The Mission*...Como se o branco, após anos a descobrir Cristo, tivesse necessidade de o partilhar a quem está longe, além-mar. E tudo começou com os português. Mas Zizek quer reescrever tudo isto ("Palácio de Cristal") e muitos europeus do Leste nos acham esclavagistas quando a maioria deles não deu um passo até Espanha ou até cá para compreender o fenómeno de um povo que passava fome, ainda que com fé e que com parcos recursos foi pontificar a sua fé e maneira de Ser a Oriente ale do mais a Ocidente. Assegura-me fácil, mesmo a Sloterdjick reescrever negativamente os Descobrimento ou pedir desculpa pela nossa história quando ***simplesmente aconteceu*** , e não há grandes parangonas literárias quanto a isso. Há por aí uma corrente de filósofos jovens e ecologistas que acabam por negar o ser adstrito ao teu e à técnica, à maneira de ser, sim, para pedir desculpa, mas quanto te imersas no que foi o colonialismo português, percebes que ele foi inicial e ainda assim mais brando do que outros.

2. ADORAÇÃO DO MUNDO

Quando percebes que vale a pena viver, dás tua consciência à psicologia e ao Deus que te salvou dos apuros, começas a considerar, a reconsiderar para desconsiderar, não que haja tempo ao delito, oportunidade para ele, mas porque acabar por entabular no teu espírito, um certo sentido de missão (que o políticas tem em sim jurado, como o militar, em outra dimensão, mais pontual, digamos assim) e ter uma missão dá sentido à tua vida porque é altruísta...

Por isso defendi na minha tese de doutoramento, ainda não aprovada, uma relação mais forte e estreita entre a antropologia e a sociologia, talvez não por elas mesmas, que têm campos moderadamente pouco definidos, mas estas em nada ficam a dever à filosofia, não apenas pela lógica mas sobretudo pela metodologia, mais uma vez), ou seja, pelo inquérito de opinião e pela observação participante, de modo a produzir ou acrescentar algo a uma teoria sobre o homem ou a espécie humana. Mais uma vez, somos nós mesmos a olhar para nós, como no sonho, sobre nós, nas várias geografias do sentido...

Portanto, ganhas uma, duas, várias hipóteses, se superares a adolescência, de te separares de uma doença doentia por si mesma e que não te tira de ti mesmo e acabas por preferir o mundo do social, ainda que o tenhas em casa pela TV e redes sociais. Há sempre uma saída, tudo tem conserto, disse-me uma dia minha irmã quanto tudo aconteceu...

Portanto, o que queremos evitar é uma certa verborreia abstracta a que muitas vezes está associada a uma certa perspectiva ou noção da filosofia. Muitas vezes, o homem do senso comum não tem sentido abstracto, mas Pierre Bourdieu provou que o sentido do ***abstractto*** ver de uma ou várias referências ao real, o mundo da concreção (Nuno Nabais e Raul Iturra), ou seja, há que conquiste um campo e permaneça nele e há quem conquiste e acabe por deitar a perder, muitas vezes para quem não agradece sequer o Bem que se lhes fez.

3. RACISMO E COMUNISMO

Depois de várias constatações naquilo que ainda é o meu campo etnográfico, fui percebendo que o racismo vem dos dois lados, que ainda, apesar dos gabinetes, se cospe para o chão e se deixa o animal doméstico fazer o "trabalhinho" fora do penico... "Ele é doido", dizem, talvez o seja porque não te faz a vontade, porque não pensa como tu...

Daqui provém todo o racismo, é uma coisa mental, de tabu, de ignorância, lembre-se a este propósito Wierviorka e Henry-Lévi, em várias das suas obras, mas também Le-Clézio e Ernaux, recentemente galardoada por um prémio Nobel. Depois várias inações, sirgiu-me uma outra personagem, a do "aproveitador", o "oportunista", que poderia merecer várias análises de antropologia moral. Quando és antropólogo, pensam que não tens moral, que és um alienado, a essas pessoas falta-lhe contexto. Ou estão apenas desiludidas com elas próprias.

Porque, geralmente, aquele que sabe, não alardeia a todo o custo o pensamento, guarda-o para sim e assim vai da sua sexualidade, não precisa de a expor, de a tornar espetáculo. O lucro, a ânsia de poder e liberdade, gerou todo isto, quando a maior liberdade está escondida no canto, numa dimensão, numa casa, entre quatro paredes. Os neerlandeses perceberam isso muito bem, veja-se o interior das suas casas...

E aqui entra a teologia, como narrativa que faz bem ao homem. Cristo não se referiu abertamente à sexualidade, nem era preciso, é coisa do íntimo e ao mesmo tempo universal, do local e do regional, das regiões erógenas moribundas do espírito... É coisa tanto de patologia quanto de libertação e o homem europeu é tão louco que se permite mais e mais libertação, enquanto o negro é como o português neste aspecto, dêem-lhe confiança e não pára, vai em frente. É por isso que o racismo pode ter uma linha de argumentação e é bom que se reflicta nisso, no mal que foi feito, mas também no bem, e há várias formas de racismo, não tem que ver só com a negritude, ou seja, a diferença psicológica pode ser racismo, é uma atitude, diria, modal... E, quanto ao comunismo, é tão perfeito teoricamente como o catolicismo, muitos fogem dele a sete pés e outros permanecem, porque não querem limitar a liberdade de alguns, portanto, a tua liberdade é sempre pertencente e dependente do sacrifício de alguém, por isso disse em tempos que a realidade é relacional...

4. DEVORANDO O MUNDO

Sim, a felicidade enquanto estado de espírito e constructo da mente, como manifestação de um certo equilibro entre mente e corpo, dualidade que me tem ocupado vários anos de trabalho e reflexão, entre promiscuidade sem uma relação fixa e regresso à Igreja, porque gosto de meditar, situar-me no mundo com cidadão de espírito positivo. Portanto, no âmbito familiar, o jovem mecânico desenvolve um conhecimento técnico que o safa no mundo e do mundo, ou seja, construindo prestígio na aldeia ou na cidade, entre teoria e prática, ou seja, ele próprio tira as suas ilações no café (Pais de Brito) e acaba por o desenvolver num regime de maior ou menos solidariedade, por isso me referi ao comunismo.

O género humano tem destas coisa, quando se lhe dá valor acaba por se engalfar todo, pensando-se um herói sem par. O que, de resto, teria acontecido se não se tivessem dado os Descobrimentos (ou Achamentos)? Teríamos ficado sem uns e outros, no encontro de cultura, anquilosados eles e nós. Por isso, não temos de pedir desculpa, pois isso é uma posição indefensável, mesmo do ponto de vista filosófico. Aliás, a antropologia estuda isso mesmo, até do ponto de vista moral e até moralizante... Sim, devorámos o mundo, mas não havia já antes contactos culturais, forças de sentido para ambos os lados, com o mais violência, com o mais morte? Não é a inquisição contemporânea dos descobrimentos? Hoje andamos em guerra e, na verdade, pouco aprendemos com outras guerras e de outros tempos, acusa-se o português por dá-cá-aquela-palha sem conhecimento de causa, sem a força de sentido da experiência, sem a fome respetiva...

5. A CASA E O MUNDO

O domínio da técnica é esse mesmo, o reino do Chico espero (no bom sentido), daquele que faz das associações técnicas, matemáticas e físicas, e prossegue, mesmo que não tenha grande sucesso, na sua aprendizagem…porque sabe que há outros a quem transmitir qualquer coisa, quanto mais não seja um *puto* que quer andar nas obras, como carpinteiro, electricista ou canalizador… Sim, aprendo a admirar, com o distanciamento de um parisiense, os indianos que fazem sucesso no governo português , britânico, ou simplesmente no meu bairro os nepaleses e bangladeshianos…

Mais uma vez, para não ser violento, o Ser humano refugia-se no século, no sexo, porque essa é a última fronteira do *Conquistador*. Mas, porém, ele torna-se mais violento e esse facto, até desculpável, torna a violência mais passível, de certo modo, evitando uma violência maior…

Neste âmbito, talvez a religião tenha o seu papel, que não acho fora de cabimento na sociedade actual, hipermoderna (Lipovetski), porque antes de mais, percebe as necessidades do homem enquanto ser espiritual, além do século, a sua sede de Deus e de alimento para a sua alma torturada pelo casamento desfeito, pela falta de êxito, pela dependência, moral ou psicológica dos seres humanos…

6. A TÉCNICA COMO DILÚVIO

Portanto, é típico do português deitar tudo a perder e ainda por cima tirar conclusões sobre isso, ou seja, deixa tudo para a "última da hora", porque a sua técnica é, poderia dizer, transcendente, ou seja, vem do grego e do nórdico (fenícios, visigodos). Portanto, ele deixa tudo para o fim porque a divindade se inclui e instaura no derradeiro momento, antes do fim, antes do Dilúvio. É essa a minha teoria sob um traço da "personalidade" do que é ser-se português, referenciado também Benedict (***Patters of Culture***).

A aventura humana é um processo físico, de domínio e sobredomínio, pró vezes de submissão, mas também uma aventura psíquica, poética, de pensamento e emoção, onde a técnica reitera uma mensagem do passado para ser usada num momento posterior a que chamamos de futuro. Preocupa-te não teres êxito com as mulheres, a mim também me preocupa, mas a religião ajuda, é ela que ajuda a transmitir certos preceitos que ajudam à compreensão do mundo, ao tateamento da emoção. A técnica refere-se antes de mais, não ao tamanho, mas à dureza e proporção do sentido que queiras dar a uma certa forma de Ser, de Parecer, de Pertencer, ou seja, diz-me que o tamanho não importa, mas por estas bandas do capitalismo ele importa mas ao fim e ao cabo morre numa esquina logo ali, sem destino, como desperdício, é portanto vão e sem sentido. Costuma-se dizer, à boca fechada que "small is beautifull" e é bem verdade. Portanto, o trabalho do antropólogo vai além do do psicólogo, em certo sentido o substitui porque encara o homem do costume, contumaz, moral e anónimo, que vai pela rua acenando até a quem nunca via antes, ou seja num regime moral das similitudes

e contingências, dotando sentido mesmo a um passeio sujo, fazendo significado sobra qualquer coisa que vai *a la mano*...

7. A TÉCNICA COMO DESCARTE PSÍQUICO

Em certo sentido, a técnica resolve a falta de teoria, o homem gaba-se pela técnica, a técnica que diz respeito ao aspeto e desempenho sexual, a técnica de desmontar motores dos carros e os tornar a montar, a técnica da construção de casas, os desenhos interiores e exteriores perfeito pelo arquiteto de interiores ou pelo paisagista. A técnica resolve, assim, a falta de teoria, de abstrato, sendo que o abstrato também é ele mesmo "animal" em potência, ou seja, capacitação de sedução sob o ponto de vista estilístico do desempenho a vários níveis, antes de mais na dominação de uma natureza selvagem, dentro ou fora do homem...

Por isso, na carreira médica, o aparelho digestivo é a parte mais difícil, subhumano, precisamente do cheiro, por isso a França é o país do bom cheiro, enquanto outros são do maus cheiro, considerações morais à parte, cada um tem o cheiro que quer e bem entende, mas o dinheiro desperta a ideia de poder no homem, ou seja, da concretização ilimitada dos seus mais íntimos desejos, por isso digo que o capitalismo não é o sistema perfeito, pelo menos em termos teórico-técnicos, porque associa, desde já, a moeda à necessidade, quando ela é o complemento, a cereja (ou cerveja) no topo do bolo, ou seja, se o motor da dinamização e andamento social é o dinheiro, a porcaria é o seu alimento, nem que seja a porcaria visual, o anátema, denodado em termos mais o menos poéticos e/ou conceituais, por isso todo o filósofo é um ser masturbatório, não tem o sentido territorial e político do sociólogo e do antropólogo, "tout-court" falando. Na verdade, a mente pensa com o corpo, como o corpo, pois assim se locomove e o comanda a seu bel-prazer, em regimes distintos de sentido, dos sentidos.

8. A TÉCNICA COMO POLÍTICA DO DEVANEIO

Portanto, também a arte pode ser combinada com a técnica, para grande parte dos pintores, aquela é a arte por definição, ou seja, *ora et labora*, dizem os beneditinos, "90 por centro de transpiração e dez por cento de inspiração", diz Einstein. Além do mais, porque quase toda a arte é devaneio, há quem diga que a engenharia é uma arte, como a construção civil, mas também considero de resto e, desde logo, que a arquitetura o seja, pelo menos conceitualmente, pois ela partilha ideias inatas com aquelas que são construídas num regime de partilha de ideias e de uma técnica que alia física á Matemática, com o auxílio da geografia e da toponímia...

Portanto, como se pode ver pela arqueologia da teoria (Foucault), é pela técnica que serás lembrado, não pelo tamanho da ponte, ou seja, há algumas mulheres que não toleram os brancos e escolhem um preto, não sei por que razão, talvez o branco seja mais chato, talvez seja uma questão de tamanho, porque gostam do sarrafo, como diz o

Domingas, ou seja, ou talvez são apenas pobres de espírito, pois é raro ver mulheres negras com homens brancos pouco endinheirados…

Isto tudo revela um pouca o inveja do intelectual branco do Harlem que tem pouca sorte, pouco proveito e apenas um quinhão de dólares para fazer o seu dia, mas basta-lhe abrir a porta para a rua para o ele ser diferente, novo em tudo como as diferentes cores e odores de um mundo em transformação, por isso somos fruto e "conceptores" da técnica (Hobsbawm), pensadores e construtores da mudança, daquilo a que o filósofo chamava ser a característica essencial do Mundo da Vida, ou seja, a mudança, nas suas palavras, o Devir.

Portanto, é pelo sonho que o homem vai, "o sonho comanda a vida", estava escrito na casa de putas, o jornal diz que "Há quarenta anos que se descriminalizou a homossexualidade e o transsexualimo", eu não ia mais longe, privatizava também a bissexualidade, para acabar com o trabalho, ou seja, a técnica como sedução…

9. ASSIM VAIS NO VENTO

A técnica não é pop? Ou seja, o trabalho compensa? Como se vê nos filmes americanos, a técnica do mal gera indivíduos ora preocupados com o psíquico ora com o espiritual e o físico, quero dizer, a mente desmembrou-se, como o corpo se desmembrou, numa desencantação de falsa autonomia do Ser, quando o filósofo é sempre pessimista, pois o seu ***dasein*** tende para o conceptual, enquanto o religioso se vai ficando pela obediência ao Senhor, nem que seja o patrão que lhe dá o ordenado todos os meses, ainda que não seja sequer o Estado, político, económico, social. Mas, contrapondo a Heidegger há, a meu ver, qualquer coisa, neste âmbito, de mais do que o Ser, ou o mero dasein ou a la mano, há o Pertencer, porque muitas vezes mais vale ficar em casa do que entabular conversa com quem não está em sintonia e não capta o seu ambiente, não é solidário, mas enfim, como diz o Presidente, "não desistamos do que depende de nós: Eis, portanto, a semana do natal e do Ano Novo, o mês em que (se diz, nas redes sociais), morreu Phil Collins, Pelé e o Papa Emérito. Semana também de eleições no Brasil, esse grande país onde o desenvolvimento intelectual tem na nata mental de certos académicos, bastante valor, em certo sentido mais amplo do que o dos nossos, aqui neste canto da Europa, mas onde falta muito por onde fazer, falta técnica e saber e este e esta vem sempre de fora, ainda que resulte na maior parte das vezes de uma relação entre interior e exterior, ou seja, entre reflexão (técnica) e adequação ao real…

Portanto, há tanto técnica no jogo, no futebol em sim, não me acusem de ser "bolocêntrico", mas na verdade até o admito, até porque há outros desportos com bola, que eu apreciou em definitivo e todos eles têm os seus heróis, como se a bola fosse o mundo, como sugeri nalguns escritos literários meus. Quando estava em psiquiatria, notei um pormenor, no fundo dos meus pensamentos mais ou menos desordenados, mais ou menos punitivos ou imemorizáveis: a TV esta ligada, estava sempre ligada… talvez por eu não estivesse fazendo nada de mal e ainda que isso me desculpa do mal que

não fiz, deixa-me um certo amargo de boca, pois poderia, desde o início, ter feito muito mais…

Embora a ele demos bastante valor, com ou sem negação, o sexo não é o ponto. Nem sequer a religião. É a fruição do mundo, uma associação que eu sugiro entre Ser e Pertencer, de modo a aceder ao Ser do Bem-Comum e verificar as categorias que fundámos em séculos de turbulência e injustiça. Porque o sexo pode não ter penetração, porque o capitalismo tem origem na dominação, na conquista, se quisermos, na penetração, ou seja, quando andamos de um lado para o outro e nada conseguimos nesta estafada vida da cidade, ficamos desalentados, uns têm paciência e até se conformam, outros revoltam-se, mas em pouco tempo percebi como o povo português suporta e tolera a dor, talvez não apenas em seu nome, devo dizer…

Porque o sucesso (e o sexo) pode não passar de ilusão, de alusão ao Outro…

CONCLUSÃO

O que o tempo trouxe, por outro lado, foi o apuramento da técnica em vários sentido, tanto na arte como na engenharia, na antropologia e na arquitectura, como na filosofia. Ou seja, o mundo com fenómeno, como arte, domínio (do Mundo) da Vida (Hermínio Martins, ***Theatrum Philosophicum***, uma obra rara que é bastante difícil encontrar, infelizmente). Também a antropologia é qualquer coisa que precisa de ser desvelada, re-descoberta, re-utilizada, pois ela se dirige e manifesta, antes de mais, à técnica do pensar (a uma maneira de ver e de pensar, como sugeria Lévi-Strauss[7] a propósito do mitos e o jornal *Le Monde Diplomatique* em sucessivos artigos da coleção *Manière de Voir)*. Depois, o mito do contexto na era da técnica, esta mesmo de fazer dinheiro e produzir riqueza, de acumular para esbanjar, quando há monjas na Cartuxa que apenas querem um pouco para levar a sua vida (que lhes é Vida de Deus) e um sem fim de pobres e i-limitados pelas ruas, entregues aos seus vícios e desconsiderações várias da parte dos seus concidadão, num mundo que deveria ser mais solidário que a própria manifestação do sexo, que é coisa que vem da alma…

7 *Antropologia Estrutural*, *A Oleira Ciumenta*, desde logo, *Tristes Trópicos*, somo se o sexo gerasse tristeza, o que se pode ver também em *Bataille*, na sua Lágrimas de Eros.

A Fénix que se debate: entre sociologia e et(i)ologia humana

Resumo

Determinar as causas de um determinado fenómeno, combater a desconfiança na sociedade, que se alastra como um vírus, a sociologia é viral, tal como a antropologia, para não falar da filosofia, muitos alimentam-se do próprio veneno que os criou e assim continuam vivos, embora doentes

Desenvolvimento

1. ESTÉTICA TRANSCENDENTAL SEM KANT

Olhemos a Fénix, sim, o mito, depois de quase morta reganha energias que advêm diretamente do seu carácter transcendente, enquanto o humano, debatendo-se com a culpa sobretudo de não ser Deus, esquece o fenómeno do aparecimento de e-ternidade e se refugia na política, no Direito, como se tudo pudesse ser assim tão pouco formal quando interessante. È disso que enferma a sociedade: formalidade. O conteúdo esvaiu-se para dentro dos vulcões que hão-de explodir, mar acima...

Por outro lado, a internet e as redes virtuais têm demasiado conteúdo, passou de moda a ideia de que a internet é vazia de sentido, superficial, hoje em dia é recurso para toda a gente, veja-se que os professores do segundo ciclo postam os seus exames no site da escola, ou do ministério, e logo acabam por fugir à lógica algo anquilosada do professor-aluno, uma lógica que foi de submissão durante muito tempo como em relação às mulheres, às minorias étnicas e sexuais... Portanto, creio que o mundo precisa de um dilúvio de sentido, até o Brasil, em toda a sua riqueza natural e humana, precisa, a África não tanto, apesar de ainda se morrer de fome, começam a aparecer os sinais de grandes potências eco-nómicas, sociais e políticas a sul, sim, em África, como no Oriente, árabe ou muçulmano, enquanto o leste da Europa se debate ainda com uma guerra fratricida, a União Soviética ameaça reaparecer mas a Ucrânia tem mais simpatia por este lado do mundo. Mulheres bonitas...mas pobres procuram um rajá ocidental, um marido pé-de-meia para reconstruir uma vida, enquanto as portuguesas pedem dinheiro por sexo, não só pela aventura mais ou menos literária, mas para alimentar o lixo mental que têm iludido e iludindo (n)o cérebro, copiando a América no seu pior...

Sim, o mundo está polarizado e para mim é neste aspeto uma polarização entre política e futebol, aumenta o espetáculo e tudo se perde na névoa do tempo nos idos e heróicos anos 80. Pelo menos tempo a rádio para nos fazer adormecer e entrar no regime da Fénix... Diria Soeiro Pereira Gomes e Cesário Verde, para não falar de Gil Vicente...

2. OCUPAS

Assim, a Fénix, em sua aventura, levanta-se não por si mesma mas por todos os mortos e pelo Cristo que há-de vir, num regime misto de nocturno/diurno, que visa amenizar as diferenças sócias e étnicas da consentaneidade teoria de algo mais irrisório do que ao recurso a drogas para se produzir uma boa obra, ganhar com isso a eternidade, porque a Fénix ama, antes de mais o mundo, que é feito de imanência e outrossim de transcendência. Nele está tudo contido, até o tempo, esse senhora que viaja peço espaço como uma cápsula (do Tempo, obviamente), como um antibiótico que o corpo humano absorve na via (vida) digestiva. Assim, o cérebro está descendo e há cada vez menos pessoas que pensam, cada vez mais Fénix e cada vez menos com pensamento débil e pensamento autónomo (Vattimo, a propósito de Nietzsche e Kant, a vários termos). Quando compramos uma casa, na cidade, melhor, um apartamento, compramos como que o ar que vai dentro, ou seja, não compramos senão a face interior das paredes, ou seja, a pintura. Daí a estética…

Estamos, assim, do lado de cá, habitando o Tempo que decorre da instância da sua voracidade, do estar aqui e já estar, num instante, dali a pouco, ali, ou seja, o homem contemporâneo realiza o sonho do ***dasein*** de Heidegger na perfeição, mesmo não o sabendo, mesmo não tendo estudado filosofia, o sonho também de Sartre quando escreve *As Moscas* e *A Náusea*. Por isso alguns atores vomitam em cima da câmara, para não dizer pior. E ainda assim, isso é cinema, melhor que Bergman, para alguns… O homem de hoje precisa de tanta admiração e referência (para não dizer deferência) que está dependente da opinião dos outros para fazer alguma coisa. Entrou deitado no convento e saiu a voar. Como Dédalo?

Assim, esta ordem de sentido, somos todos mais ou menos ocupas, sem-casa, sem-abrigo, lidamos com a aventura mas procuramos refúgio, domesticar o nosso espaço para fundamentalmente estarmos perco de Deus, perto de nós e dos Outros. Por isso, Fernão de Magellan partir, como Vasco da Gama, porque mesmo junto ao mar, sente-se Timor por debaixo do chão, atravessando o interior da Terra e o abalo sísmico e marinho a "clashar" (o *écart*) a todo o momento, daí a licenciosidade, o porto de partida e de entrada, ou seja, de passagem, para uma outra margem, para um outro mundo…

3. A LIBERDADE É UMA PRISÃO?

Assim, o homem fica, mais do que a Fénix, que esvoaça como uma águia pelos mares do céu, refém da sua contingência, mas aí descobre liberdade, nas pequenas coisas (Arundhati Roy), como ao ator social, a sua performance, nos eu ziguezague, vê-se apertado pelo deseje e não sendo territorial (Valverde, *verde*), o que há-de fazer? Complexificar? Isso atrofia um pouco as partes inferiores do pensamento. Fazer como a aranha faz, construir uma teia? Fazer como a mosca? Ou fazer como a formiga? Talvez seja este último caso o mais conveniente, *au-delá* dos vedetismos da corrente política actual (estará Costa cansado?, pelo menos fez bom trabalho, cumpriu muita coisa), não

que a sociedade seja equivalente a um exército se rumo, sem cabeça (do latim ***capita***, capital, ali ao lado do Kremlin nos anos 80-90...)...

Mas será a liberdade uma prisão? Na verdade, só nos sentimos livres quando desejamos a liberdade, não tanto adstritos à sua realização, ou seja, há uma conjura e uma obsessão pela prova, pelo acto, na sociedade ocidental e isso torna as coisas mais ou menos cardíacas e impróprias para os petizes... Que há a fazer? Imitar a liberdade livre, como dizia Ramos Rosa num dos seus livros de poemas, ou inventar a liberdade, fazer o que não foi feito, como diz a canção de Pedro Abrunhosa, imitar ou criar? Esse é o desafio e o dilema de qualquer artista, pictoral e até escultórico, ou seja, dosear o tato sem o ato, e quanto a mim, o autor deste artigo, compreendo os jovens, mesmo quando se riem de coisas sérias, porque também eu me ri um dia, porque também fui jovem e pequeno e o tamanho de facto não importa...

4. O HOMEM PERFEITO

Sonhámos, nós, homens, todos um dia ser perfeitos, para que de uma maneira ou de outra nos encaixássemos no mundo de uma mulher, obviamente num espaço doméstico, mas também no domínio da aventura, do inesperado, da ocasião. Por isso, o homem deambula e não estamos tentando desculpá-lo de coisa nenhum, nem sequer o julgamos, não é nossa função nem afinidade condenar, arremeter contra a integridade de alguém, mesmo que tenha feito mal, pois não há ditadura maior do que a judicial, das leis, que correspondem a um pensamento formal e nisso tem muita culpa certa tradição filosófica, adstrita demasiado ao Direito e à Jurisprudência, deitando a antropologia e a sociologia para o caixote do lixo[8]...

O homem perfeito é, então, não tanto o marido da Barbie, mas o homem do esapço, mesmo que seja um voo rasante de limpa-chaminés, o homem conquistador, que deseja a sua arte de sedução no corpo da mulher tatuada, marcada pelo ardor do sangue quente e inundada pela semente de longínquas e inóspitas paragens, há que vá pela linha e à quem invente a estrada, os da rua nãos e diferenciam assim tanto do que os da academia, onde é mais fácil suceder, conseguir...daí a ***tecné***[9] que falava em anterior artigo.

Suplantar-se a si próprio, vencer-se a si mesmo nos limites da razão, entre normalidade e psiquismo desequilibrado, na manifestação de um génio do mundo, ao serviço do mundo, pelo mundo (fora). Porque, o homem que corre não está, aparentemente em luta consigo próprio, está em paz consigo ao deslizar na estrada como na neve, mas em linha reta, não em *slalon* sobre o gelo...

8 Mas a culpa também é de certa filosofia, de certos filósofos, que se atêm à academia e estão, de facto, por outra via, dentro da Caverna... Podia nomear alguns, mas não o faço por coerência académica.
9 Veja-se a este propósito, alguma música da banda Kraftwerk.

5. CIVES CARDIAC

Eis o destino do Ocidente, para quem não vê o céu azul, ou ver, o mar verde ou azul: vício, sabotagem, crime violento, drogas. Eis o resultado de tanta luta pela liberdade, numa luta eterne entre Bem e Mal, mas nãos era antes porque certas pessoas, por vários motivos ou razão, não sabem fazer o Bem? O viralata jamais tomou *gourmet* e se tomou não tem saudades, porque está habituado à rua e sabe que aí goza de liberdade, liberdade na irresponsabilidade, daí certos estudos de comportamento, certas temáticas, como o hip-hop, a cultura graffiti, que eu respeito, mas que revelam tudo antes de se guardarem, ou seja, é fácil ser-se revolucionário enquanto jovem, basta gritar, nem que seja contra uma parece. Mais velho é mais difícil, e mais valho ainda é mais difícil ainda... Porque o que está em causa, talvez seja apenas uma questão de filosofia do Dinheiro, mais, de antropologia do Direito... Ou antropologia do dinheiro...

Porque elas gostam deles revolucionários, tristes, vagabundos, a perder-se de dinheiro por elas, quando, como dizia o meu ido amigo, "elas têm a faca e o queijo na mão", quando mais não seja, o poder da sedução, se decidir o *clash* ou o encaixe de dois mundos...

Portanto, a nossa cultura é a dos sanguíneos, como o ex-primeiro ministro José Sócrates, luto se leva ao extremo do estertor e a sociedade espaça ao algume do sociólogo, ou seja, quanto ao filósofo, ele pouco se importa com a fonte, enquanto o antropólogo não quer deixar o sarro do vício das drogas...

6. DESÍGNIOS SENTI-MENTAIS

Porque, se concordas com toda a gente todos te dão razão porque querem que concordes com o que eles pensam. Isso é ditadura, não é democracia. Mais, é fascismo, e ele ainda está enraizado. Por isso é que Costa está zangado, cansado e Guterres foi para fora, não sem alguma vaidade de engenheiro. Como aqueles miúdos das ciências exatas que fazer filosofia, diz-se...

Porque o aluno de filosofia pode ser brilhante, mas não evitou a lógica, assim como cientista social não evitou a componente quantitativa da sua ciência, ou seja, nem tudo o que é teórico é necessariamente "pouco matemático[10]".

Por isso, o verdadeiro herói, permitam-me dizê-lo em nome de um falso consenso mais ou menos cultural, erudito, o Dom Quixote ou o Casanova, nem tão pouco o intelectual cujo pensamento se esvai no éter. É o *working class hero*, porque faz o que o sociólogo não faz, dá mentira à verdade e dissimula a verdade desta mesma no sentido do estertor que podemos ver em vários *tweets*, ou *twists*, de uma memória hipermoderna distorcida, retorcida (Lipovestski, a vários títulos)... Mas, É porquê?, perguntais vós. Porque um vai pelo desejo, o outro pelo sonho e dilaceração da mente, e

10 Veja-se a este propósito a obra de Henry Michaud, bem como de Fernando Pessoa, no seu apego e dedicação à astrologia, talvez estivesse descobrindo o que aconteceu entre as duas grandes guerras mundiais, i.e, a antropologia...

o terceiro vai pelo processo em si, pela performance, por isso o mundo de hoje é do aliamento e/ou alheamento da cultura corpo-mente, cujo equilíbrio é tão complicado manter, fará o equilíbrio societal... Neste sentido, Cristo fica um pouco para trás, como o principezinho de Saint-Exupéry, mas estas são obras, opera magna, que se recuperam facilmente porque aprenderam a viver no tempo, de certo modo garantiram a imortalidade do nome do autor, talvez até a sua sobrevivência física, em regime de ***dasein***[11], noutro lugar, no meio da **natura naturans** que faz vive, faz e vive, viverás se fizeres, não como uma planta ou animal, mas como tu mesmo, como és e como serás, antes do tempo, além do vento...

7. ACONTECIMENTO

Tenho várias vezes dirigido esta crítica, sobretudo aos clássicos de filosofia, que são tanto abertos e universais, que acabam por esconder por detrás de um nome, uma morada, uma data, um acontecimento (Badiou, Husserl e o próprio Heidegger)[12].

E, nesta ordem de ideias podemos perguntar-nos: O que é o Acontecimento? É a verdade, em termos científicos, mas é algo mais, do ponto de vista estritamente filosóficos, não vale a pena facilitar, é o impacto do mundo ante o sujeito, muitas vezes no seu rosto esburacado pelas balas, cicatrizado como uma tatuagem, na sua forma de Ser, de Estar, de *dasein*...de manifestação, Epifania, logo de Desejo, logo de Acontecimento (Event). AO mesmo tempo, julgando que estás perto de algo, estás mais longe, seja do momento inicial, seja de ti mesmo, e quando pesas que estás longe de ti e das pessoas, está mais perto do que nunca tiveste, numa plena cultura de proximidade de coração...

8. EXPERIÊNCIA DO TEMPO

Assim, enquanto a cultura do não-saber é marcação do tempo, a cultura erudita vai até aos céus, baixa o céu, como disse algures numa outra obra de ficção mais ou menos etnográfica, é uma marcação noutra realidade, aquela que se busca, que há-de vir, ou seja, no futuro e, logo, num regime de deslocação da alma do corpo com o fito da **eternidade** de ambos, num certo sentido indiano agradecendo a forma como viemos ao mundo, ou seja, a foram que temos, gordos ou magros, bonitos ou feios, grandes ou pequenos.

11 Dai a significância da obra *Todos os Nome*s, de Saramago.

12 Na verdade, quando o jornalista vive de fontes, o filósofo não revela a fonte, daí a teoria de conspiração e o idioma da inveja inserto em muita da filosofia que se vai fazendo neste país, mas também em França, Inglaterra, nos EUA, ou seja, a remissão a diversos autores fulcrais, quanto os antropólogos fizeram bem melhor a propósito de bem melhores propósitos...

Porque, na verdade, o herói que cumpre a sua missão é o homem descansado, em tarefa de repouso, ainda pronto para dar à fêmea o que ele quer, a semente ou só um beijinho de boas noites e adormecer para o lado, num ***dasein*** que se repete mais ou menos todos os dias, ou seja, encaro-te de frente na fronte e viro-me de costas respeitando o teu lugar, o teu espaço, o teu status em mim... Muitos fazem de ti um saco de porrada, para te tentar desmoralizar, para ver se entra, a ver, como diz o povo, "se emprenhas pelos ouvidos". Não te desguies, segue em frente, mesmo que saibas que terás de fazer algumas curvas e até subidas, sem o carinho de uma mulher, mesmo no fim...

Mas os seres humanos não são todos iguais, há aqueles que serão sempre maus e sempre bons, o mérito é *do working class hero*, que aprendeu com os erros e pode dar testemunho da sua vivência, da sua experiência pelo tempo, porque conviveu de perto com a eternidade, provavelmente com a sua finitude, nem regime de **do ut des** nos termos de uma economia político do signo, já desenhada por Baudrillard há algumas décadas atrás.

9. IR A FICAR

Ou seja, estamos a ponto de poder afirmar psicológica e filosoficamente que tanto custa (a vida, o reino), a quem vai quanto a quem fica, não temos todos de ser viajantes, por vezes estamos fugindo de alguma coisa, talvez seja nada mais nada menos do que a palavra que se diz no teatro antes de entrar em cena, na reiteração de um sentido explosivo, pois somos vulcões prestes a entrar em erupção em qualquer momento de nossas vidas...

Portanto, não há tanto nesta ordem de ideias, uma bipartição entre os que partem e os que ficam, os que morrem e os que permanecem vivos, os que viajam (mesmos em drogas) e aqueles que ficam na habit(u)ação da casa.. E então, será Ronaldo pior jogador do que Messi? EM potência talvez não seja, mas em desenvolvimento da potência, sim, porque é um atleta, preparou-se, cultivou o diamante do seu espírito e vontade de ganhar, tudo é relativo, daí o relativo sucesso da filosofia na nossa sociedade, mesmos em ser relativista em alguns autores...

Eis então, o desejo pérfido perpetrado por alguns artistas (Picasso, só para dar um exemplo), pelo que nos podemos interrogar se a genialidade não é um mero produto social, popular, emanando da sociedade como algo natural, sem precisão de ópio ou mesmo com a ajuda dele? Verlaine, Voltaire, Rimbaud, todos esses autores usaram drogas e estão entre os melhores, mas há muitos mais que se calam e não ousam ser visto porque querem continuar os eu trabalho de abelha ou formiguinha pelo proveito e satisfação, como terapia, que esse trabalho árduo de escrita lhes traz à sua vida...veja-se Annie Ernaux. Porque, antes de mais, o bom escritor, como o bom pastos, o bom selvagem, acredita nas coisas simples, mais ou menos ligada à natura, e sem dúvida à natureza das coisas, por isso é adverso a um certo cinema, a telenovelas, e a tricas que

nada mais passam de lixo psicológico, eivado de chantagem, malícia, mania e manipulação…ou seja, Mal!… Porque o filósofo não compreende o mundo, quer compreender, tem dele uma ligeira intuição, por vezes e uma pancada forte na nuca, uma tesoura nas pernas, ou um soco seco no estômago, eis o preço que tem, a moeda de troca que tem, de ser funcionário da humanidade, todos pensam que nada fazes, até te associares, cumprindo leis da antropologia social, submergindo-se num grupo, mesmo com risco de ficares lá por pouco tempo, porque para a maioria dos peixes, o ar é mais respirável quando se tem o espírito submergido no âmago do sentido que o Outro dá a certas circunstâncias circunstanciais[13] do estar aqui e ao mesmo tempo do ir, do ficar e do voltar, sempre todo o verão e por vezes no Natal e na Páscoa…

40. MOEDA AO AR

Assim, se pensas em te suicidar, tens uma solução, vai para árbitro de futebol e serás sempre feliz, porque escolher uma facção é, ainda que próprio do Homem, também digno quanto apitar para o princípio e o final do jogo, de um jogo (da Vida, do Mundo), que acaba por ser um jogo sem fim, um caminho sem fim que percorrer, além da tua ansiedade e sobreexcitação, porque aprendes com a passagem e os ritos (Van Gennep), aprendes mais contigo mesmo do que os outros, sem que no entanto te devas retrair a uma episódica falta de sentido, como se as luzes falhassem, falassem, e o caminho estivesse armadilhado, como em África…

CONCLUSÃO

A Fénix quebra, entre sociologia e et(i)ologia humana, ou seja, procura uma prova para se manter viva ante o outro, no estertor da desigualdade a da injustiça que se apossou da sua pessoa, da sua identidade. Mata-se várias vezes e não consegue morrer… porque será, porque além vela por ela, nem que seja pelas suas cinzas, para a imitar (porque tem a mesma natureza) ou a elevar enquanto deusa (como nas canções de Russell Watson, nomeadamente o tema *Nella Fantasia*)…

Pressa de acabar todos temos, a consciência o que levanta o ser teimoso e decadente, porque aqueles que mais falam são aqueles que menos fazem, numa cultura do saber, onde, por outro lado, se promovem a doutores muitos que não têm-saber, trabalho e experiência, seja na filosofia, seja na antropologia, seja, por fim, na sociedade com um Todo. Por isso é tão fácil ir à TV, a experiência de estar na TV, "olha, fui à televisão, viram?", sou famoso, é típico de certo regime de pensamento anglo-saxónico, ser famoso, ser uma estrela, entre génese do tempo e vontade trabalhar em prol de uma imagem, de uma representação social…

13 Somos todos, nos não-lugares (Augé), ***mentes circunstanciais***, como adiantei noutro registo.

Devir Protésico:
de como o saber te silencia

Resumo

O saber silencia, ou seja, o sábio não propaga alarvemente a quatro ventos o seu saber, têm de haver canais e ventos favoráveis, adequados. Para isso há a academia, as Igrejas e outras associações. O saber é como uma prótese, qualquer coisa que se pôs, mecanicamente, depois de amputar, por exemplo, uma perna. Ele está e não está, não ocupa lugar mas é preciso, necessário, indispensável, porque advém de muitas fontes, a saber, a experiência, o estudo, a reflexão, o trabalho, a convivência em sociedade.

Desenvolvimento

1.

Aquele que sabe não vai semear a quatro ventos aquilo que pode saber do seu saber, aquilo que pode ser nocivo para a humanidade. Mas...o saber é nocivo? Não precisa o homem de saber, saber o que faz, o que pensa, o resultado das suas acções? Sim, mas de certo modo ele está condicionado pelo que sabe. È aqui que entra o antropólogo, o seu saber não é de todo revolucionário nem tão pouco permissivo, ele é de certo modo ecológico (Guattari, Pina-Cabral). A sua casa é o mundo e ele procura soluções técnicas para algo de social. E quanto à arte, há um saber artístico enquanto herança cultural? De certo modo, sim. Ou não?

2. Gilles Lipovetski diz que, no futuro, iremos ter "tranquilas maiorias" e "minorias perigosas". E o papel da religião em tudo isto, o que será? Por isso, somos o que produzimos, mas também o que consumimos, ou seja, nas sociedades industrializadas, como refere o Secretário-Geral da ONU, "desperdiça-se um terço do que se produz, um apelo ao consumo sem paralelo". Este homem tem vindo a alertar o mundo de que é preciso mudar o rumo, talvez abrandar como dizem alguns filósofos, começar a desejar outras coisas, para si e para a casa comum, a causa comum, ou seja, orientar o desejo. Canalizá-lo para coisas boas e nem sempre abstratas do modo como nos organizamos no espaço, porque produzimos "habituação à habitação", como tenho dito, eis o modo como nos definimos enquanto homens, mulheres, seres em geral.

3.

Seja como for, lutamos contra um sentimento de sujidade, culpa, em relação a nós mesmo e aos outros e por mais que nos lavemos, por mais que o espaço em redor esteja sujo, ou nunca está limpo o suficiente ou só vemos nele sujidade, nem que esteja limpinho, ou seja, a neurose obsessiva apoderou-se do homem rico, gasta para se sentir integrado e está, na verdade, sempre nós, por isso há um regresso às origens por parte

dos jovens, cada vez mais esclarecidos. Mas, de facto, em termos de geografia humana, a estupidez varia de bairro para bairro, de contexto para contexto. Mas…o que é na verdade o contexto? Não é a pessoa? Não é ela uma mónada? A meu ver, eis a chave do desenvolvimento do progresso humano, a relação do individual com o social, sendo que o individual passa a ser o social e este esvazia-se de sentido sociológico e toma a sua vez, o seu tempo, no desenrolar do forro do cenário os seres, mentes circunstanciais, se movimentam…

4.

O homem está, então, perdido, como na série *Lost*, está à procura de alguma coisa, nem que seja um ponto mais adiante, quem sabe para trás de si mesmo, onde se perca, onde se encontre, onde se torne o Homem que nunca foi, porque o tempo passa, ele é Devir, transformação, mudança nas mais variadas vertentes da existência. Numa viagem a França, bastante atribulada, aconteceu-me isto. Perdi-me, na terra onde nascia, em vários momentos, exasperada, não ouvia as pessoas devidamente, fartei-me de falar e exaurida acabei num hospital, quase morto. São Francisco chamou por mim do outro lado, mas eu não fui, ele disse-me para ficar, porque tinha uma missão mais importante a anunciar na terra, dizer de seu bem e de Deus na terra, manter-me vivo, manter os outros vivos do acampamento, dar-lhes esperança com o meu exemplo, não tornar a vida mais degredo do que aquilo que já é. Eis-me portanto, passados mais de dez anos, ainda em Lisboa…

5.

A reformulação do desejo só se faz pela reflexão, pela inspiração e pelo diálogo, não há, mesmo filosoficamente, outra maneira, alterar o Ser, as maneiras do Ser em boas maneiras de Ser, de Estar, de fazer Parte, coisa a que eu chamo de Dialética do Ser e do Pertencer… Muitas vezes vê-se o ser como coisa isolada do social, outra como um todo, a própria consciência coletiva. Não é uma coisa nem outra, é algo mais, como que uma hiperconsciência da realidade atribuída ao Homem…

6.

Na realidade, podemos encarar o estudo da sociedade pela relação do sujeito, indivíduo, ator social, com ela mesma, no geral ou em grupos e associações de indivíduos em particular. Quando a família nuclear se funde nela mesma pode haver vantagem, mas ela precisa de associações do exterior para sobreviver, para se replicar e ao seu modelo no espaço societal, é portanto ampliando-se que sobrevive no tecido social…

7.

Adianto aqui a noção de falta psíquica, ou seja, é sob o regime da falta, no extremo religioso, do pecado, que nos sentimos comprometido com o mundo em redor, o mundo dos outros. Se não tivéssemos noção da separação entre o limpo e o sujo decerto que não teríamos fronteiras, bandeiras, entre as mais diversas formas de comportamento, seria tudo liberal, livre, num âmbito de "liberdade livre". Por isso, há um ***friso*** entre a noção de indivíduo e a noção de sociedade, ou seja, um cisco, uma perceção mínima de que nem tudo está claro. Neste âmbito se desenrola a acção social (Roche). Como nas auto estradas de qualquer caminho para algo, há uma separação entre duas ou mais vias, seja ela amarela ou branca... Como nos documentários de Jean Rouch...

8.

Depois, o mito de que o homem não chora, que não tem medo, o que é exatamente o oposto da realidade, social, psíquica. Na verdade, as mulheres são bem mais destemidas, pois atrevem-se a pensa, mal ou menor, correto ou incorreto e é isso que lhes faz governar o mundo, com os homens à cabeça, com o peso do mundo sobre eles, pelo mito do músculo, da força física, do patriarcado. Na Igreja, esta tradição continua, será uma forma apenas de ver o mundo ou será a forma como exatamente o mundo se constitui ou deverá constituir? Para que a aventura humana prossiga...

9.

Esta *civilização da imagem* e, por outro lado, de uma "hiperintelectualização" da percepção da realidade social, tem qualquer coisa de pouco melancólico, porque baseado no comentário jocoso do Outro, tudo enfim depende do contexto e mesmo numa grande cidade (bem, relativamente grande) como Lisboa, há invejas e tricas que nos fazem sentir mal uns com os outros, e isso explica-se? "Ah! É a natureza Humana"... Não era, antes de mais, a estupidez humana? Lembro que a ignorância nos faz falar mais, enquanto a sabedoria nos faz calar e sermos ora espetadores, hora ouvintes atentos e participativos. Portugal é o país da Europa com menos taxa de alfabetização... isto quer dizer alguma coisa...Muitas das vezes associada à rusticidade do carácter do povo português...

10.

Eis, pois, o signo genésico, a voz de Deus, a voz do pai, a voz do sangue e tal determina muito do percurso biográfico do ator social, porque o referência a uma comunidade de origem anterior mesmo à sua existência e isto verifica-se, mesmo, em grandes cidades como Nova Iorque, onde a densidade populacional é devidamente proporcional à de Lisboa, cidade de embarque, de passagem, de travessia...

11.

O que há de distinto entre o ator social e o ator propriamente dito é que um mete para dentro (os seus papéis, o seu *roleplay*) e outro deita para fora e é nesse regime de alternância entre interioridade e exterioridade, desdobramento, que se joga o todo do jogo social.

12.

De uma maneira ou de Outra, entre futebol e Igreja, o mundo depende todo, mais ou menos, do mediatismo, daquilo a que poderíamos de chamar de *mediaticidade dos fenómenos*, ou seja, o meio através do qual percebemos certos fenómenos, como a Igreja, o futebol, a política, o interesse…

13.

Andamos, assim, pouco a pouco, passo após passo, afazendo uma teoria da sociedade, do modo em que é composta na sua diversidade, na forma e no conteúdo das suas trocas comunicacionais, onde o saber é, na maior parte das vezes, demasiado exposto, colaborativo, sendo que a academia nem sempre publica para a internet, pois na maior parte dos casos, que eu conheça, a universidade é sinal não de divertimento, mas de intriga e inveja, essa inveja própria do português e ser professor universitário talvez seja mais importante do que ser político, por exemplo…Isto é sintomático de que algo vai mal, enquanto outros não conseguem entrar na academia, depois de lá terem estado mais de metade da sua vida, a independente e a católica, a estatal e a liberal…

14.

Mas..o saber silencia? Não há lugar aos direitos humanos, aos direitos cívicos, mais ou menos adquiridos, não estamos nós a entrar num eterno regímen de teoria, ou seja aquele que faz diz que faz por fazer, quando todos querem parecer sinceros, é essa a ideia que parece prevalecer que trabalha à frente e atrás das câmaras, ou seja, mais uma vez a ideia-conceito de "vícios privados, virtudes públicas"…

15.

Veja-se de resto, as sondagens que indicam o site Pornhub como o mais visitado em todo o mundo. De facto, a antropocena parece estar a cumprir-se ou seja, a fama daqueles que são famosos por serem o que são, como diria o radialista Alvim, relaciona-se com a ideia de que no sexo se concentram todas as energias do mundo, união de contrários, união de semelhantes, ou seja, a multiplicação dos pães no seu melhor…

16.

A este meu ver, junta-se a ideia das alterações climáticas: para quem estudou e ensinou geografia, a física e a humana, é fácil compreender uma via de compreensão do mundo, sem ser zoologia, filosofia, etologia ou sociologia, mas que se aproxima de certo modo a antropologia, ou seja, a forma como o homem se relaciona com o meio e o desequilibra, porque, justamente, está desequilibrado, está desenquadrado de um ponto de mira que não sabe o antecede e o justifica, mas ele continua negando a sua própria natureza, que é ser Bom, consentâneo com o mundo em redor, laqueando o mal e travando o avanço dos vícios e de tudo aquilo que é nocivo, destruindo lares e tornando o homem num ser demasiado esperto para se manter vivo por muito tempo...

17.

E estaremos, de certo, numa era de declínio do individualismo, de certas formas de individualismo, como sugere Maffesolli? A que individualismo ele se refere? Sim, entenderei a sua mensagem como a promoção do grupo, algo que está de intermédio entre a sociedade e o sujeito. O sujeito filosófico, aquele que habita o seu redutor de felicidade sem ser redutor, sendo criativo, ainda que cavernosos e algo viciado...na sua própria felicidade e bem estar, porque isso ainda não é proibido, regulamentado...

18.

Assim, o homem empurra o problema com a própria barriga, esgueira-se ante o infinito e até o vislumbra, ou seja, o seu futuro, mas logo vira a cara e volta à sua rotineira forma de in-felicidadade...

19.

Assim, a multiplicação do pães de hoje dá-se pela via do espírito, quando até o Papa tem dificuldade em controlar a irrupção da natureza humana sobre a forma de individualidade orgânicas, ou seja, continua a haver uma grande luta entre criacionistas e católicos, entre evolucionistas ateus e transcendentes cristãos, ou seja, o homem está não já dividido ao meio, mas em várias partes, o homem do Vitrúvio, o Cristo das artes renascentistas de Da Vinci...

CONCLUSÃO

O saber não ocupa lugar, porém, saber é poder e quem ocupa e usa de poder (sobre os outros, sobre si mesmo enquanto sujeito mais ou menos filosófico) tem os seus amuletos, os seus talismãs, porque em todo o homem reside um desejo secreto de interesse ou então arbitrário para modificar qualquer coisa da natureza do homem, nele ou nos outros. Porém, o verdadeiro saber é silêncio, eis o que defendemos e até o não-saber, a ele equivalente, se propaga mais na falta de ruído do que na buzina dos carros, no seio de um homem que não pára de se transformar em máquina de função, de resolução, de eficiência e...por fim, morte, dele mesmo e dos outros que hão-de vir, eis então a biografia como forma de arte, como em Hollywood ou Bollywood, dentro de casa ou na rua que os caos acabam por sujar, à revelia daqueles a quem chamam de donos...

O filósofo ingénuo: entre troça, discriminação e admiração

Resumo
O filósofo é o bode expiatório dos tempos hiper modernos, está roto e sem dinheiro e ainda assim o perseguem como que buscando nele a razão, a explicação de tudo e mais alguma coisa. Enquanto uns se espraiam nas academias no saber dos autores, outros andam na rua, em busca de uma razão última que faça o povo viver, lhe dê esperança, enquanto a maior parte dos políticos são corruptos.

Desenvolvimento

1.

Buscamos nos superheróis o herói que há em nós. É fácil ancorarmo-nos neles e conduzirmos a nossa ação pela deles, pelos seus ditos e trejeitos. Mais difícil é levarmos uma vida por nós mesmos, pela nossa crítica e racionalização, mas aí à soberba vai um passo. O mundo dos cavaleiros mudou-se para a realidade virtual e aquilo que é virtual é real, porque tem existência na mente das pessoas, ou seja, corresponde a qualquer coisa que se legitima por si só na mente do leitor, do espetador. O filósofo é, por sua vez, um homem preocupado, ora com umas coisas ora com outras, ora com o fundamental ora com o acessório, convive com a morte, num cigarro, num capo de vinho e ainda assim safa-se, fica vivo, livre de todos os constrangimentos sociais para se dedicar à filosofia, o que quer que isso seja...

Mas, porque é o filósofo tão admirado e ao mesmo tempo alvo de troça? Porque ele ocupa uma zona do cérebro diferente da dos outros, ele procura explicações e admiração em tudo, como Fernando Pessoa. De alguma maneira ele capacita-se noutro tempo, a sua alma não é deste tempo, do momento, em cima do joelho...

2.

Ele alcança uma fuga para a frente para a terra de ninguém, um lugar inóspito onde não encontra senão a sua consciência, ou seja, é território do Outro, assim ele é um invasor, um herói-civilizador de uma certa forma de sentido. Tem de consertar tudo e mais alguma coisa que está fora do lugar na Terra, ainda assim é ou não é da Terra, move-se portanto por caminhos que nunca foram traçados, ao mesmo tempo que procura cimentar cada conquista na sua subida, na sua escalada, para o caso de os braços e pernas fraquejarem e acabar por cair em direcção ao chão...

3.

Eis o filósofo com seu interesse pela vida social, ele não se entrega, resiste e apesar de ter vozes de holofote em cima dele, insiste em levar a sua vida social, em interessar-se pelos assuntos mais ou menos comunitários, num regime de valentia e resistência, por

isso é algo mais do que um imbróglio humano, é um bicho de viver, bicho de pensamento, entre a acção e a razão e-volutiva, e-volitiva, entre real e virtual, entre pensamento e acção.

4.

A sua cabeça é um grande novelo de lã, plena de personagens, como as de um grande escritor, mas o estertor que o acompanha é cada vez mais frutífero, mortífero e ele acaba por estar mentalmente só, ou seja, ele próprio é o agente de sabotagem da sua filosofia, mais do que a CIA ou SIS...

5.

Depois, o conflito moral, semelhante ao do teólogo, do do antropólogo sendo que uns são sagrados, o outro profano, ou seja, deambulam entre um registo da carne e outro do espírito, como aliás, noutro nível, qualquer leigo, qualquer pessoa humana, que não se deixa assim tanto prender pelo ascetismo que descarna o Ser nem entregar-se às paixões a todo o momento. Assim, o espírito é refém da carne e a sua sentença é ter de se adequar ao mundo a todo o momento, sufocando o espírito que olha para cima, que tende a se evaporar...

6.

O puro espírito procura assim o puro pensamento e o filósofo de hoje arrasta-se pelas franjas da sociedade, desviado do centro, em deviância, derivação, deriva, produzindo com arrotos a sua teoria, num mundo onde o sentido se perdeu numa rua escura, num passeio borrado pelos cães, em lojas de chineses que têm tudo e mais alguma coisa. Há uma divisão entre a casa e a rua, mas ele sente-se na rua em casa e em casa na rua, quando se destapa o topo dos seus pensamentos volantes, no entendimento modesto do mundo, das coisas, da relação entre elas e da razão do viver, do fundamento...

7.

Quanto mais sabe, menos sabe, o seu Ser está coartado pela certeza, porque aprendeu ciências sociais e sabe como a sociedade funciona, ou seja, sabe mas não quer intervir, não é ético, de sua parte, por isso deixa que o mundo viva sem ele, sem se revoltar, como se fosse uma planta que vegeta diante de Si-Mesmo e à consciência regressa quando se lhe pede, quando o mundo que recebe a sua semente lhe está mais ou menos solícito...

8.

A carne sustém o seu espírito nos dias deste mundo, mas o espírito quer mais, quer o que não quer a carne e, logo, o seu corpo está dividido no corpo social como vítima sacrificial, o dilema persiste e há-de durar toda a vida, enquanto o seu espírito for (sendo) carne...

9.

Há, assim, qualquer coisa de errado no humano, ou seja, qualquer coisa que não bate certo, será sua cabeça? O filósofo questiona-se portanto como é que um corpo de carne e ossos, de vasos e nervos, poderá compreende rum espírito que dele salta a todo o momento como um salmão na queda de água, ou seja, se a mente se pretende desligar do corpo, o que será do corpo, mais, o que será da mente? Como resolver este dilema?

10.

Na verdade, chegamos de facto a uma conclusão. A solução para o enigma não está na cabeça do homem, do filósofo, está algures fora dele. A solução é uma mulher, a mulher, sobretudo nos dias de hoje, quando se unem dois seres em chama de amor, qualquer coisa deixa de ter o seu brilho passado pouco tempo, dá a ideia que todos querem encontros mais ou menos imediatos e não se querem comprometer. Assim, o homem precisa de encontrar uma mulher para fundar em Si o equilíbrio entre mente e corpo, entre carne e espírito. Por isso indaga e procura um sentido da vida nessa indagação, nessa especulação sobre o outro que qualquer um como Kant faria...

11.

De modo que o homem, para estar sempre a provar que é homem, tem de andar com esta e aquela, no exagero, até encontrar aquela que é certa, para uma parcela de tempo e logo que a encontra, ela foge, pois há algo de desajustado nessa procura, a não ser que a prenda, que faça uma amarração, ou seja, que firme contrato social pelo casamento, em nome de uma imagem de representação social daquilo que ele pensa que a sociedade dele quer...

12.

Portanto, o filósofo, entre indagações e abominações do social, mesmo que seja também cientista social, procura no corpo de Outrem a entrega que não faz à vida social e comunitária, ou seja, pelo amor, regressar ao crisol de felicidade de si mesmo, nem que seja por pouco tempo, porque se outrora a filosofia era prestigiante, hoje em dia não o é mais, ou pelo menos não o é tanto, pois num país de dez milhões haverá cerca de cinquenta mil advogados, enquanto filósofos, serão uns dez mil, se tanto, enquanto os antropólogos andam em torno dos dois mil...então, por aqui se vê o peso do filósofo no jogo social...

13.

Depois, a solidão enferma o filósofo, não lhe bastam as críticas acintosas da mulher do peixe, a peixeira, e do homem do talho, o talhante, ambos trabalham matérias que se podem comer, logo, têm voto na matéria dos assuntos práticos, da praticidade do devir quotidiano. Mas isso não quer dizer nada, há sempre qualquer coisa a especular e ainda bem que há quem o faça, porque a partir de notícias é fácil fazê-lo, mas difícil é gerar teoria em torno das grandes ideias...

14.

Portanto, muito se espera do filósofo, a ele se dá a autoridade que nãos e dá ao político, a das causas últimas, o que de certo modo é paralelo à tarefa da Igreja e ao lugar da oração na vida do homem do quotidiano do senso-comum, ou seja, muitos são os dispositivos para sermos felizes, mas então porque não o somos? Porque há esse dilema, que não só está presente na mente do filósofo, mas sim na do homem do senso-comum, ou seja, toda a civilização ocidental está aqui bem presente na sua enfermidade civilizacional, ou seja, na condenação pública do sexo, ou ao menos sua tolerância e na produção de cérebros mais ou menos espirituais, enquanto alguns sabem ver a coisa por outro lado e se tornam espirituosos...

15.

Por isso, agora se começa a falar de saúde mental nos media, porque a opinião pública reconhece que o assunto é importante e que é preciso lutar contra o tabu das doenças mentais, que sempre gerou celeuma e isolamento nas pessoas. Terá sido por falta de Deus? Por falta de fé? Talvez, em parte talvez sim, mas a raiz da questão é bem mais funda, ou seja, o homem moderno está em crise, a sua mente está um puzzle, e na verdade, em termos práticos, comezinhos, só é feliz quem tem dinheiro e poder, porque se convencionou, no âmbito de um capitalismo sôfrego, que todos têm de ser sucedido e que para que tal aconteça, tenham dinheiro, prestígio, poder. Os novos media andam em torno desta ideia, ou seja, o BigBrother, **eu vejo(te) e tu-(me)-vês** e todos sabemos uns dos outros, quando não há lugar ao segredo, à discrição, à contenção, à oração...

16.

Assim, embrulha-se no mesmo pacote Espinosa e Hobbes, Sade e o Don Juan, porque o mundo pede isso, a mente, o mundo dá, a mente dá, ela produz cada vez mais pensamentos desde a raiz do capitalismo, da vida urbana, do estertor das explicação que o homem precisa sobre tudo, para poder continuar, daí a psicanálise, a psicologia, todo é legal, legítimo, em democracia, somente não pela coisa em si, mas para evitar

males piores, ou seja, é preciso destapar a panela de quando em vez para que ela não expluda, para que a comida possa ser bem confeccionada.

17.

Mas, nesta ordem de ideias, quem estará certo? O homem do momento, do Jet7? O filósofo? Quanto mais se fala menos se sabe, quanto mais bonito é o invólucro, pior o conteúdo, sendo que o conteúdo está nos conventos, nas universidades, nas bibliotecas públicas. Então, ler para quê? Ajuda a combater a solidão, confere uma ideia de projecto à nossa vida, de utilidade, de sentido, enquanto a vida social se vai repartindo entre festas e "catering", porque de alguma maneira as pessoas, na sua grande parte, perderam o sentido, pelo menos o sentido do que havia antes de...

18.

Tudo começa pelos dezoito anos, porque antes não percebemos grande coisa do que estamos a fazer neste estaminé a que chamamos de vida social, este palco que retrata as nossas glórias e misérias, dores e condescendência. Muitos acham que vai durar para sempre o prazer, outros escudam-me, como vítimas sacrificiais, na dor existencial do existir vagabundo. O amor romântico acontece por volta dessa altura e continua a manifestar-se, seguindo um pouco Kierkegaard, até aos 25, só aí o homem começa a implantar o seu sistema de vida, ética ou pouco ética, para além do juízo de valor que possa aparecer, parecer. Se não vivemos um grande amor por essa altura, talvez nunca mais o possamos viver, porque ora não se proporciona ora estamos fugindo dele a toda a hora, seja também porque a mulher perfeita para o contrato social, não aparece, talvez porque a nossa relação com os outros, a sociedade, não é das melhores...

19.

E o filósofo repete-se e volta a repetir, num ritornello incessante que cansa mas ao mesmo tempo lhe dá sentido do que vai fazendo, reiterando formas de pensar e de sentir, porque talvez fiel ao seu Deus e àqueles que lhe são caros e instala-se enquanto "writist", escritor artista, em inglês *writer artist* e a sua vida, a biografia, passa a ser um exercício de estilo, ele não confronta os grandes dogmas, seja da fé seja do sentimento, vai entre eles, como entre os pingos da chuva, exarando forma de satisfação mais ou menos psíquicas umas, mais ou menos físicas outras, de modo a obter a afirmação da entidade com que se relaciona, de modo a firmar um identidade que é tudo menos coerente com certos princípios instituídos da sociedade. E quem lhe manda ser assim, dizer assim? Não se sabe bem ao certo, talvez a sua ânsia de explicação, explicações e mais explicações, para ele e para os outros, de forma a poder respeitar entre as friestas do Ser, do Ser social...

20.

O seu terreno, se mesmo lhe pertence, é instável, cheio da dúvida, das dúvidas a propósito de tudo e de todo e se uma vez se ergue seu orgulho, logo depois se abate ante o estertor da consciência em forma de solidão, mais do que física, psíquica e então ele precisa de facto e mais factos para satisfazer a sua mente, a sua verve, a sua condição e continua a procurar, a demandar, explicações e mais explicações, a razão está entupida de questões, mas ele continua, talvez sob a promessa de um Cristo que se há-de revelar mais uma vez, numa segunda vida que a Ele lhe é atribuída e que o filósofo pensa também poder vir a viver em plena manifestação de sentido...

21.

Depois, o sindroma de Nietzsche, ou seja, o sindroma de que o êxito não é tudo, não traz tudo e que por vezes a felicidade é estar triste, melancólico, neste fado do arfar, ou seja, a melancolia é uma forma de vida e nem todos temos de ser heróis, mesmo que custe muito menos do que às vezes parece...

22.

Não, o segredo de uma vida feliz não está somente no corpo, na carne, nem somente no espírito, ainda que a Igreja diga que si, está antes numa certa forma de equilíbrio face ao exagero altímetro de nossas vidas, ou seja, a moderação da tendência para exagerar, para baixo como para cima, ou seja, o português está mudando, devido a muitas trocas comunicacionais e evidentemente também comerciais, a nossa maneira de ser está mais próxima da inteligência artificial. Deixaremos, então de ter sentimentos? Que papel está reservado à emoção nas nossas vidas no futuro? Como a combinar com razão, com fé e desalento? Porque tem tudo de ser binário? Assim como procuramos um mundo que não seja a preto e branco, qual *film noir*, procuramos também um mundo de odores e aquela dor de cabeça insistente, aquelas imagens que massacram repetidamente a nossa mente, poderão não ter sido senão dores de crescimento...

23.

Portanto, gostaríamos, em jeito de proposta, de inserir a noção das mónadas de Leibniz para as ciências sociais, ou seja, para o entendimento da sociedade como um todo e dos grupos em particular, bem como algumas ideias de Robert Owen. O homem não é desprovido de sentimentos, como o filósofo não é, como o cientista social não o é e na verdade, cada vez mais acreditamos que o filósofo não é nem nunca será um cientista social, por mais que o empurrem para isso e por mais que digam que o cientista social tudo percebe da sociedade, porque há sempre qualquer coisa que nos escapa e que só se pode agarrar com o instrumento da fé...

Dividir para Reinar:
autonomia na mente ocidental

Resumo

Será que o Sujeito desapareceu do discurso filosófico da pós-modernidade, imerso num mar de referências e de saturação do Eu? Não vivemos num mundo de fabricação de expectativa que leva a uma gestão dessa mesma expectativa, ou seja, a consequência de qualquer coisa que se procura, que se provoca, há-de ser a frustração de se ter ganho, ou seja, já nada chega ao homem de hoje, nem sequer o sortilégio de se ter tornado Deus, um deus…

Desenvolvimento

1.

Dividir para reinar. Desde cedo o homem ocidental percebeu que, para analisar os fenómenos da natureza, através da ciência, teria de decompor os seus elementos, ou seja, separar os componentes de um dado fenómeno e analisá-los separadamente, ou seja, mesmo com os problemas da mente e da filosofia, foi isso que aconteceu, desde Galileu a Copérnico, Tico Brahe e Newton… Até mais tarde, Einstein não perdeu a mania… Estamos, pois, sob o reino do homem dividido, sob o signo da autonomia da razão e da separação das ciências. Mas há interdisciplinariedade, qualquer coisa para fazer…

2.

Os dogmas passam a ser acessórios, o homem é o realizador do próprio filme que é a sua vida. Se a mente ocidental quis ficar autónoma de uma tradição, até mesmo da sua componente corporal, cultural, para onde se dirige, então?

3.

Onde mora, então, a integralidade do homem? O espiritual não é concebível com o sexual? Porquê a distopia das crenças e volições? Que é feito desse homem desagregado que tenta se recompor, pela viagem, encontrar um Outro nele mesmo? Não será porque ele é já, à partida, o outro, um outro em si mesmo? Enquanto uns se dedicam à vida social e vêm nesse magma a felicidade que julgar ter pela posse e comando dos outros, outros vivem só e são assim felizes, como o Velho Sábio e a Águia… Outros são como que misantropos e evitam o contacto, talvez porque tenham para si e para os outros, outros planos, bem mais dignos e meritórios, mais notáveis e importantes…

4.

Muitos não têm tino ou capacidade para o contrato social, por causa da responsabilidade ou algo de parecido. Outros embarcam em compromissos que não cumprem. Os outros, pois então, outros esperam pela altura certa para dar o passo, ainda que ele se dê tardiamente e a realização pela como casal como que tem de ser feita à pressa, já depois do mais importante ter acontecido. São opções, a vida é tão multíplice e diversa que não dá devidamente para entender porque fazemos ou não fazemos certas coisas, porque damos um passo adiante ou um passo para trás. Nessa medida, há sempre lugar à reflexão, á consideração, enquanto uns pensam demais, porque gostam de pensar, sendo que o cérebro é o melhor órgão erótico, outros vivem sob o signo do corpo, das duas cabeças…

5.

Sim, a vida do corpo, enquanto ele dura, ou seja, a sociabilidade está devidamente associada à exuberância sexual, isto nos mostra o mundo do espetáculo, seja em Hollywood seja no Bairro Alto, à sociabilidade e logo é uma aproximação de certos ritos canibais, logo profanos, onde o fervente do magma humano vem ao de cima e logo nascem ilhas e continentes… Jean Duvignaud fala a propósito disto nos seus vários livros, escritos nos anos 80 do século passado…

6.

Por isso defendo que a vida, a existência biográfica, mesmo em termos carnais, é uma vela e não uma lâmpada, para uns é as duas coisas sobrepostas, para outros os filamentos da lâmpada são demasiado frágeis e logo se quebram, fazendo com que a pessoa entre na escuridão. E porque é que digo que é uma vela? Porque somos lírios ao vento, uma bafurada de ar mal-disposto pode trazer a escuridão e mesmo a eletricidade pode ser cortada de um momento para o outro. Os dois regimes são de imensa fragilidade, por isso sobre-nos tempo para sermos conservadores e apreciar o mundo, a natureza, os outros, enquanto é tempo, enquanto ainda é tempo…

7.

Quando se perde o amigo, um ente querido, qualquer coisa fica a falta em nós, algo que partiu para outra dimensão, como se alguém tivesse desaparecido da nossa presença. O indivíduo não é apenas ele mesmo, mas também os seus, os que os rodeiam, ele influencia e é influenciado, ou seja, a vida social, não se presta a grandes singularidades, basta ir comprar o jornal e já estás a socializar, mas alguns autores insistem na era do individualismo, no seu fim e no seu princípio, não sei bem a que propósito. Para mim, isso não é um dado, o ser individual não é mónada, é pedaços de outros, protensão para com o seu semelhante, mistura, Terceiro Instruído, como diria Michel Serres, Filosofia Mestiça…

8.

Há no viver pós-moderno uma gestão da expectativa emocional, ou seja, é bem mais interessante o que acontece antes do sexo, mesmo que ele não aconteça, do que durante e depois, depois lá teremos de repetir uma e outra vez, somo todos mais ou menos adolescentes, época em que nada acontece e vamos sublimando, dia após dia e o contrato social do casamento aparece como a forma mais segura e socialmente aceite de canalizar a maior das energias, a sexual e se alguém se nos atravessa no caminho, bem podemos sair feridos dessa intromissão. Para a vida, para o resto da nossa existência...

9.

Sim, a vida é espera, espera atenta, é passar o tempo, pelo tempo, sem que nada aconteça demais, de mais, ou seja, mesmo os tratados anti-envelhecimento apenas retardam, não é fácil termos de enfrentar a morte, quando vivemos rodeados por ela, a todo o momento, senão na nossa casa com as mortes pequenas, ao sair de casa e quanto mais vemos as coisas do mundo, mais morte se estatela no chão sujo dos cães para nos encher a paciência e, por isso, optamos por esquecer, por viver por nós mesmos uma existência errante, metafísica, sendo que na verdade todos fazemos filosofia, estamos imerso no reino de símbolos e sinais de índole quase escatológica. Cristo consertou muita coisa, mas também obstaculizou muita coisa, a liberdade e responsabilidade do homem ser ele mesmo, capacitado, Deus. A eterna luta do homem com o seu senhor, na dicotomia que o joga para a escravidão, quando não é isso que ele quer, mas também não é valente suficiente para afirmar a sua transcendência em potência, por isso vai-se deixando andar, com a cabeça entre as orelhas...

10.

Portanto, a mente ocidental é um espaço aberto, arbitrário, anárquico, por mais que se tenta implantar a democracia ela tem sempre fugas e na verdade, todo o homem quer mandar, essa é a suprema liberdade, mandar, ter o poder material e só Cristo esteve no deserto, com o rol de santos, como Charles de Foucauld, tentando viver a terra em vez da terra, em abandono, na contemplação do que a natureza lhe dá. Como conciliar então, na mente ocidental, a herança grega com a herança, já documentada, de outras culturas, iletradas a grande parte delas, desde África ao Amazonas? Porque na mente do ocidental convivem também o orientalismo, porque o homem ocidental está em trânsito, em constante e contínua viagem, porque ele deixou de ser quem é em nome de uma certa idade de humano...

11.

Sim, este homem procura o link perdido, na época onde ainda não havia telemóveis, em que os computadores ainda não tinham internet, por meio das canções de *The Verve* e *This Mortal Coil*, na adoração de Elisabeth Fraser, tentando manter-se à tona, ainda que à toa, enquanto autor, quando a literatura vai já longe e espera conseguir alguma coisa com o ensaio destes ensaios, extirpar da menta qualquer coisa que está oprimido, comprimido como um ficheiro ZIP…

12.

Então, porque é que o filósofo não tem intercurso? Deseja assim tanto evitar os contactos, sexuais, sociais? Não, o humano é seu objeto de estudo e ele vai com cuidado, pois para além de ser filósofo é cientista social, por isso vai de mansinho, para não fazer estragos, porque é um vulcão sexual em potência, uma flor abstrata que tarde em manifestar-se, quando quase todos vão pela facilidade, trocando de parceiro, quando para ele a sua mulher é a humanidade, quisera fazer um contrato social e já esteve mais longe de o fazer, veja-se a este propósito alguns escritos de Ferdinand Tönnies, Max Weber e Anthony Giddens, *A Transformação da Intimidade,* especialmente.

13.

Enquanto uns se afiambram ao poder, mesmo sabendo que não poderão estar no poleiro durante muito tempo e mesmo que a sua transparência lhe dê lucro e aproveitamento quase insano, obsceno, face à condição da maioria da população, outro preferem ser ratazanas. Ou, ao invés, as ratazanas estão no poder, ou seja, tecem formas de agredir o outro em sua integralidade física e psíquica, por meio de droga, corrupção e outras coisas, fazendo crer ao Zé-Povinho que o crime e o roubo compensam, pior, gerando nele, sobretudo quando não tem formação, a ideia de que o trabalho intelectual é, mais do que inútil, desnecessário e muito para isso contribui a indústria de Hollywood que, neste canto do mundo, é proeminente em audiências, para falar da Televisão e das redes sociais.

14.

Depois, o filósofo desiste de tudo, entra em si mesmo e leva uma vida de eremita urbano, cultivando as coisas do espírito, farto de pessoas lúbricas e desequilibradas, más, mal intencionadas, sem formação. Assim, a sua sabedoria não está mais ao alcance e ao dispor da cidade, porque, de certo modo, acabou-se a resistência e a boa vontade foi traída. É mais difícil ficar só, mas é o único caminho na exploração deste planeta, sem grandes ligações, sem grandes compromissos. E isso também o afasta da vida pública e política, do aparecer, da luta pelo status, porque está cansado e saturado de que haja sempre um link, uma relação entre algo, dois ou mais termos, sendo que se depara com

o estertor da sociedade moderno-capitalista, sob o signo da conquista, em vez de ser presa, passa a ser caçador…

15.

Mas ele mantém o ambiente de sedução na sua vida, porque o seu coração é bom como o bom selvagem de Rousseau, afinal ele é o ***Victor***, de Aragon e de François Truffaud, por isso vai mais além, o seu terreno favorito é ainda a cidade, que ele palmilha a pé e que conhece como ninguém, vai a uma ou outra discoteca e não tem grande sucesso com as mulheres, no local onde vive, num bairro de Lisboa, é visto um pouco como incómodo, um emplastro alegre, mas ele gosta de ser assim, sair de manhã para comprar o jornal a ver o que vai fazer nesse dia e prevê que tudo isso, todas essas hesitações e medos, são coisas da mente que, como as coisas do mundo, devem ser vistas ao longe ou até de olhos fechados…

16.

Sim, a mente é a câmara, o olho é a câmara, ou seja, vivemos sob um regime de predominância do visual, em detrimento dos outros sentido, como o olfacto, mais forte numa civilização indiana, do tacto, sentimos todos demasiado uns e outros, uns dos outros, sentimos em demasia, em vez de levar a coisa pelo meio termo, cabeça fria, império romano…

17.

E, porque estamos dependentes uns dos outros, sentimos, não podemos deixar de sentir, sob pena de ficarmos isolados para sempre uns dos outros. Então, há uma compleição para Pertencer, como já disse algures nos meus escritos, uma compulsão para fazer parte, aumentar o magma do sentir humano nas grandes e pequenas geografias, na nossa casa, para sempre ou no tempo da nossa vida, num dia ou noutro, de uma forma ou de outra, ou seja, nem razão nem intuição, mas sentimento, eis o verbo que melhor define esta nossa época e à luz desse sentimento muitas coisas de errado se fazem, quando o exagero toma conta do agente. Mas…calcular, refletir, para quê? A que propósito? Não sabemos que amamos quando de facto amamos? Porque fugir então a esse sentimento, sendo que o filósofo o sente, o vê com os olhos da alma, ou seja, ele é o contrabalanço da estrutura social, ou seja, o antropólogo é não só o bode expiatório mas o maior agente social de sua comunidade, tendo deixado a observação-participante para tomar as rédeas de um poder que as sociedades e os grupos ainda não conhecia, que é o do sábio…sapiens!

18.

Em desespero, no estertor de si mesmo e do seu Ego, o sujeito dobra-se sobre si mesmo e contempla o seu fundo, um fundo sujo: eis a humanidade, eis o umbigo do mundo cravado em si mesmo e a mente deixa de ser ela mesma, deixa de mentir e revela a percepção da natureza humana na sua condição de não-ter-obrigatoriamente casa, ou seja, quando tens casa de alguma forma deixas que o mundo não seja a tua casa, pois estás numa caixa de fósforos, fixa, porque a móvel é o carro com que te diriges aos teus afazeres quotidianos...

19.

A dobra, então, que tu vias diante de ti e que imaginavas na parte de trás, é agora a dobre sobre ti mesmo enquanto corpo, corpúsculo, ou seja, estás dobrado mas não quebrado, pois acabas por te erguer mais dali a pouco, distanciado de Ti-Mesmo, no espaço em redor, em termos radiais, no mais além do que aquilo que a tua vista alcance, projetal, objetal, como já disse numa outra ocasião.

20.

Mas o conflito mantém-se: acreditar n'Ele mas Ele nada te diz sobre o teu corpo, entrega-te o d'Ele na missa e pouco mais, quando sabes que ele te trespassa por todos os poros, não queres é dar a reconhecer. O sexo? É qualquer coisa que não é qualquer coisa, é bom, e a seu tempo virá, porque sabes que tens feito para tal, tens estado mais ou menos disponível, apesar das orelhas moucas e tens um projeto e isso poucos têm, vão andando ao sabor do vento no rebentar das nozes no verão, sem ter a oportunidade de refletir devidamente, de pensar in-devidamente...

21.

E o filósofo descansa. Nem tudo é assim tão interessante ou tem traços de brilhantismo, ou seja, mesmo o sexo não é assim tão interessante, mesmo quando feito com emoção, portanto, nem tão filósofo nem tão sexual, tudo a seu tempo, tudo em certa medida, enquanto muitos estão lá longe escrevendo as suas obras e biografia, o filósofo cá-de-casa vai pernoitando com o fiel Farp, aspirando a outras vidas, a outros pensamentos, talvez ignoto de muitos, mas com a consciência de que podia e poderá fazer melhor, bem melhor, basta, afinal de contas, ter uma certa paciência, ainda que na maior parte das vezes passe por chato, porque afinal, a sua patologia, não sendo grave, dá-lhe bastante trabalho e os estados de ânimo replicam-se a si mesmos ao longo do dia, que mais parece uma vida, uma via do século ante a dominância de um sentimento vagamente religioso, místico.

22.

Essa imagem, da dobra deleuziana, traz medo com ela. E a visão instila-te esse medo do acontecer, do receio de ganhar porque é responsabilidade social, por isso te habituas a perder...até um dia, ao dia em que virá tudo de arrasto, de enxurrada e a tua vida fará de novo sentido socialmente e não serás mais um nado-morto social, de quem ninguém tem noção ou não quer sequer saber.

23.

Porque te habituaste a perder, não queres saber. Mas, como estás habituado a tentar, vai andando, sempre andando para a frente, no teu punção da mente, porque sabes que há frente, como com os outros, há sempre qualquer coisa, há sempre mar e areia, nem que seja escorrendo entre os dedos de uma mão...

24.

Porque o conhecimento, a ciência, é sempre furo de qualquer coisa, como quem tira uma catarata do olho, ou seja, é esse rompimento que causa dor e até solidão, o maior abandono, quando ao mesmo tempo é frutífera, ou seja, tem que vez com um avanço, uma doença de crescimento, qualquer coisa que leva o homem adiante, e assim o mundo pula e avança, como diz a canção...

Sob o Signo de Fausto:
como vender a alma ao Diabo não chega

Argumento

O génio literário é pagão? Terá o que chamamos de génio de vender a alma ao Diabo para se perceber como é dotado, ou seja, apto a resolver os mais intrincados enigmas e segredos da existência humana? A Santidade não será uma forma de genialidade? Uma forma, mais de heroicidade, ante o acontecimento, à revelia da opinião do mundo?

Desenvolvimento

1.

Citemos, antes, uma noção adiantada por Marc Augé, *Le Génie du Paganisme*, ou seja, o génio do paganismo, não tanto nos termos da colocação em ação da figura do génio literário, esse individual, ou seja, tudo isto se liga à noção de mão invisível na economia e de Deus, na religião, ou seja, a ideia de que faça o que fizer, o homem tem sempre a ajuda de "Alguém" que, digamos, trabalha, concorre, para uma certa ordem do mundo.

2.

O génio destaca-se da opinião do mundo, da voragem discursiva do quotidiano, e isola-se porque sabe que qualquer coisa, qualquer comentário, lhe pode ser fatal, cortar a via respiratória da inspiração de um momento para o outro. Por outro lado, há o génio buliçoso, intriguista, que apropria da voz do mundo para lhe da um cunho pessoa, manipulando-a a seu bel prazer...

3.

O instinto leva-te a um determinado lugar, mas quando és dotado de capacidade reflexiva, podes ir a outro lugar, mais, podes estar num lugar estando realmente noutro. Eis o que nos distingue dos animais, eis o que distingue o homem vão normal de todos os dias, que apenas procura amealhar para comer, do artista, do grande artista que quer por aqui deixar a sua marca. O artista tem uma maneira fina e requintada de existir no mundo, enquanto o homem do senso-comum grita e vocifera não sabe bem porquê, porque, antes de mais não tem consciência própria, reflexiva, sobre os seus atos, age instintivamente, como o animal. E eis que o génio é um inadaptado, e descobre mais além, por mor da sua obra, que não vale a pena ser tanto assim, exigir de si mesmo muita coisa, muita ideia, por isso se modera, o que lhe custa bastante, pois está habituado a frequentar os limites psicológicos da inspiração.

4.

A voz interior, feita de muitas vozes, substitui a voz exterior até à sufocação quando ele desliga a TV ou simplesmente lhe tira o som, porque está intoxicado das vozes do mundo, da histriónica fartura de factos sociais, quando ele quer outros, que o projetem além de si mesmo e que ele, no ar, possa agarrar, como se fosse uma experiência religiosa. Mas mesmo essa é tributária da imanência, da contingência.

5.

Depois, percebes que são ínfimas as pessoas que chegaram ao 12º ano, terceiro ciclo, entre as pessoas com quem vives, em termos de proximidade física. Isso explica porque não encontrar filosofia ou antropologia nos seus curricula e daí a falta de atenção com que te têm no dia a dia. É lógico e fácil perceber isto. A maior parte delas entrou numa secundária e desistiu pouco meses depois, não passaram pelo oitavo ano, onde tudo é mais difícil...

6.

Assim, muitos são os que admiraram a antropologia e a filosofia, a sociologia, mas por outro lado não se apercebem do caminho social que o cientista social e o filósofo têm de empreender para chegar a certas conclusões, a certos princípios? Deverá entregar-se a Deus? Vender a alma ao Diabo?

7.

Há um divórcio entre a filosofia e a sociedade, entre a realidade e a religião, ambas são na maior parte dos casos motivo de troça, uma "fraqueza recorrente", que se despreza mas às quais se volta quando tudo o resto falha.

8.

A isto perpassa a solidão e daí não se pode tirar grande coisa, o génio como que deixou-se apagar, a lâmpada da inspiração acabou por deixar de iluminar os seus dias inspiradores, a sua fraseologia, o seu pensamento. Aquilo que outrora era brilhante e quase ofuscante, o seu génio, acabou por perder o brilho, fenecer. Então, ele anda em volta, procurando reatar a chama, e viver dela, dessa inspiração que torna a vida interessante.

9.

O espectador de TV não se apercebe, deixa andar, nem se dá conta de como os mais diversos canais acabam por gozar com a sua pessoa. Aquele que leva a vida a sério é tido como tolo, maluco, desintegrado. Só porque não faz parte da rebanhada geral, só porque pensa por si próprio. Mas não é esse quem um dia vencerá? Não sei bem como nem o quê, mas vencerá.

10.

Portanto, aquilo que chamamos de génio tem em si uma certa dose de loucura, ou seja, desajustamento social, transcendência, sendo que esta, a maior parte das vezes, é integradora. De certa forma, o génio, seja da literatura seja das ciências exatas, acaba por não fazer parte da sociedade, do senso-comum popular da populaça. Só que nem um nem outro duram muito tempo, seja, uma vida, porque o sentido de extasiamento do génio em produção é, de certa maneira, equivalente ao extasiamento de pertencer a uma certa ordem social, ter carro, filhos, um bom emprego, perspectivas e qualidade de vida.

11.

Então, ensaiando uma caracterização etiológica do génio, podemos dizer que ele é sempre um desintegrado, a maior parte das vezes um excluído, a nãos er que seja contratado para um show televisivo onde a ciência serve de pretexto para rir, de "moquerie", ele é, para usar a imagem de Eco, um "apocalíptico integrado". Portanto, o olho social está nele, tudo o que faz é tentar viver uma vida normal, quando a normalidade já nem sequer existe, a sociedade, mesmo na perspectiva integradora, é uma cacofonia da selva urbana, ou seja, enquanto uns calam a voz em nome de uma certa concepção de sociedade, de soci-cidade, outros fazem tudo o que lhe apetece, ou seja, desrespeitando regras básicas da convivência em grupos.

12.

Depois, o silêncio dos cientistas sociais, porque se ouve mais a Deus do que a um homem esclarecido, porque certas pessoas não acreditam que o mundo pode ficar melhor e, de certa maneira, isso está nas mãos dos cientistas sociais, entre outros. Por isso eles não aparecem na TV, pelo menos nos últimos tempos, na nacional e raramente aparecem, mesmo em tempos de conflito. A que se deve esse apagamento, essa ausência? Talvez porque a mensagem dos cientistas sociais, como a do filósofo, não é agradável, consentânea, exige esforço levá-la à prática e, antes de mais, como nos anos 40 americanos, o público quer distração, entretenimento, ilusão...

13.

Mas, por mais estranho que possa parecer, a criação exige um determinado ambiente, uma atmosfera, o homem enquanto criar, seja no atelier de um artista, seja nos *grafittis* de VHILS, em Lisboa, ou na Guerra da Ucrânia, precisa não tanto de uma atmosfera, digamos, romântica, mas mais de um certo número de variáveis que se vão concretizando na mente e, por isso, a criação é também, neste sentido, um facto social.

14.

Portanto, em certa medida, o criador, inventor, faz as vezes de Deus a propósito da Sua criação e descansa quando tem de descansar, mas enquanto alguns preferem politizar a sua criação, ou seja, inseri-la nos termos da mudança e intercâmbio sociais, outro preocupam-se apenas em trabalhar, pintar, escrever, fazer cinema, porque o que lhe dá mais gozo não é a consequência desse facto social, mas o seu processo. O autor é, por isso, um médium de forças naturais e ao mesmo tempo sobrenaturais, o seu corpo, a sua mente, são instrumento de uma determinada missão, pagã, no caso da escrita, sacral, no acaso da arte sacra.

15.

Portanto, a questão inicial permanece em aberto: é a criação artística do domínio do profano, do pagão? Ou é como que o resultado do Sopro de Yavé? Digamos que, a nosso ver, o autor, dependendo do teor da peça, é como o *Cândido* de Voltaire, o *Mustang*, que vai apanhando porrada de um lado e do outro e que sobrevive até ao fim tendo como testemunho do seu caminho a sua obra. Porque a vida social é cheia de humores variados, reentrâncias sociais, não é somente tragédia nem somente euforia. E, como é, então? O autor precisa de provar alguma coisa? Não pode apenas rebater os autores que o precederam e está feito? Um artigo científico é, de alguma forma, uma obra de arte? O que é que, em verdade, caracteriza a arte? O que é que ela tem que os outros registos da realidade não têm? Antes de mais, ela procura elevar-se acima do senso-comum, do popular, mas muitos escritos reflectem isso mesmo, o conhecimento do senso-comum levado à exaustão. Por outra via, o artista ou autor procura dar uma visão sintética de uma cosmologia pessoal ou social, isso é certo. Se encontra eco no momento ou apenas no passar do tempo, isso já é outra questão...

16.

Que voz é essa a do autor, a quem não é feita justiça em vida, ou seja, os intercambiáveis caminhos da sal mente e da relação com o social, não contemplar ser admirado enquanto produz, porque, antes do mais, a criação advém da falta de amor, do sofrimento e da angústia, parte de um ponto que não se compreende, não compreende o comum dos mortais e chega a um ponto de existência e exuberância que a permiti destacar da grande parte dos objectos de uso, eis o livro, o quadro, a peça de multimédia...

17.

Quando atinge a dimensão da sua sociedade, ou seja, o espectro linguístico e semiológico da sua língua, ele acaba por desistir, por dar por finda a sua obra e procura novas linguagens que não saturem a sua mente. Eis, portanto, o caminho de itinerância do artista, enquanto tipo-ideal, ou seja, enquanto criador.

18.

Depois, a qualidade de vida. Nem todo o artista produz na abundância, eis a nossa tese, ele produz em necessidade e não é para se fazer de vítima, é porque quer, de algum modo, sair dessa situação, seja psíquica seja material. Obviamente, muitos deixariam de criar quando tivessem uma vida familiar estável, sem discussões nem quezílias, eivada de boa comida e amigos, bom vinho para rir e um pouco de cannabis. A questão põe-se também nos termos que a pôr Bergson, a propósito do *Riso*: a criação, também a humorística, é um deslocamento da realidade, a realidade social de todos os dias, psicanalítica, junguiana, por pouco ou mais tempo e é essa deslocação que puxa a sociedade, digamos, para a frente e para cima, dependendo ou não da elevação da coisa...

19.

Se vais na rua e pregas o sentido da vida, alguns poder-se-ão rir, por isso o artista quer de alguma forma, vingar os seus antepassados e descendentes fazendo uma obra sobre a qual será lembrado o seu génio e, logo, ele mesmo enquanto pessoa sagaz, inteligente, na captação do mundo exterior e na descoberta de si-mesmo. Esta questão do riso tem muito que se lhe diga e explorá-la-emos noutro instante, num outro dos nossos ensaios. Portanto, voltando ao tema que aqui nos traz, o autor procura a imortalidade através da obra de arte Grieg, *What Price Immortality*?), enquanto outro preferem ser esquecidos no Convento enquanto nunca são verdadeiramente esquecidos de Deus... Ser esquecido, ser lembrado, eis o dilema da sociedade actual, pós-moderna, pós-filosófica, entre a antropocena e as alterações climáticas. Sim, o autor escreve para ser lembrado, para ser importante para alguém, por referência a alguma coisa, alguma ideia, conceito ou uma simples maçã podre...

20.

Mas, a criação de arte, seja ela escrita ou escultórica, obedece a alguma metodologia? É certo que o artista tem uma rotina, que na maior parte das vezes, parece querer influir ou defluir o fluxo criativo do autor. Não há verdadeiramente uma metodologia, senão estar ligado ao mundo, não desligar a ficha, não deixar cair a ficha, ou seja, ser resistente o suficiente ao ponto de fazer o que o comando ou o fuzileiro não fazem, uma ***deviance*** à autoridade e um certo desrespeito pelas regras no âmbito de uma visão brejeira da vida e da existência.

21.

Portanto, a própria obra de arte, parece viver dessa transgressão primordial face ao que é radical e sagrado, como se o génio do artista fosse qualquer coisa de revolucionário e subversivo, aí se explicando a sua vida errante, de contato com a bebida, as drogas, como se o ***homo oficialis***, ou seja, o homem perfeito, perfeitamente social, fosse qualquer coisa difícil de conseguir, ainda assim todos querem ser bem parecidos e bem posicionados na escala social, com mais ou menos tensão, mais ou menos nervosismo.

22.

Portanto, o artista difere do autor ou é também um autor? Se tantos escritor analisam a sua obra, porque não analisar os seus dejectos enquanto matéria criativa, ou seja, o célebre caso da "Merda di artista", de Piero Manzoni?, ou seja, porque não olhar para o seu lado humano, visceral, já que ele é tão célebre porque não seria célebre também a sua merda? Ao mesmo tempo, esta sua intervenção é vista como arte conceptual, na verdade faz lembrar que o estômago também pensa e o quão difícil é produzir uma obra de arte de estômago vazio... Portanto, o que se esconde, revela-se de outra forma, numa outra instância da vida social e dos media, sob roupagens distintas que poderão satisfazer o âmago de realização do artista.

23.

De resto, a obra de arte, o texto literário, imitam o amor e cada vez mais a relação sexual, o coito, seja ele reprodutivo ou recreativo. Essa é a fuga para o corpo que o homem enceta, a fuga para si mesmo e para o corpo do outro que inflete e repete constantemente, num *ritornello* externo, perpétuo que pretende fazer com que essa reiteração reafirme constantemente a vida do sujeito, como nas tatuagens...

24.

Como o filósofo, enquanto uns admiram o autor, mais, o escritor, no seu papel social, outros odeiam-no porque ele pôs o dedo na ferida e arriscou a sua reputação, pôr a carne no assador, arriscou o seu prestígio social que podia ter enquanto assumisse outra profissão. Portanto, a sua vida, como a do antropólogo, faz parte da vida social, do boato, das flexões do idioma da inveja, porque toda a gente quer, afinal melhorar, só que nem todos têm o mesmo jeito para a verdadeira crítica. E que crítica é essa? A de arte? A de literatura? A de ciência não pode ser, pois um texto científico não é arte. Mas tem uma certa arte. A crítica faz parte, mas nem todo o artista gosta dela, seja porque tem consciência do que fez, da sua representatividade no campo da arte, seja porque não a tenha, portanto a ideia de aceitar a crítica para melhorar a sua arte é válida? Faz sentido no mundo actual? Porque a crítica não cessa de aparecer, quando o sujeito procura também aparecer enquanto sujeito de arte...

25.

Por outro lado, onde está a fronteira entre arte, ciência e técnica? A arte não exige uma técnica, não é uma técnica? Por isso, vivemos não na época dos robôs, porque eles já não são novidade, nem dos memes, porque outras coisas virão, outras formas de encher de sentido conteúdos virtuais, mas vivemos na era da técnica, o tamanho importa mas a técnica importa mais, importa que quanto menos, maior, mais significativo, mais impactante, mais tecnológico...

26.

A técnica, pois, então, no futebol, na culinária, que advém da mecânica, das obras de construção, públicas ou privadas, do assentamento do tijolo e do enchimento da placa. O homem é o presente e muitas vezes o jornalismo não percebe, não sabe captar a essência do homem, do actor social, do sujeito condicionado a condições várias, porque o homem é momento, para muitos, enquanto que para outros é história, interessante história, e para outros mais é essência, contemplação.

27.

Na verdade, o que faz o artista enquanto cria? Sim, o que há num homem, um calceteiro, que bate a pedra? Não haverá algo de poético em tudo isso? Não é o tempo o motor de toda esta poesia do mundo que se nos escapa se não a procurarmos? Por vez ele escapa-se-nos mesmo que a procuremos, e aí já temos poesia em nós, já somos poesia, através dos conflitos interpessoais que envolvem, na maior parte dos casos, a luta pelo status, a luta pela admiração das mulheres, quando alguns as tentam controlar só para dizerem que são casados, exogâmicos, homens empreendedores, quando nem sequer "merda de artista" fazem...

–

28.

Absorto na sua inspiração, tenso, quase a quebrar mental e fisicamente, o artista está a acabar o seu último quadro. Não pintará mais, vai dedicar-se à botânica e à etologia, mas por enquanto tem de se concentrar, acabar esta "Última Obra", esse será o seu título, será essa a foram de prestar uma derradeira homenagem ao mundo que o viu passar, como se fosse o fantasma de Giordano Bruno...

29.

A ciência seria então, num mundo perfeito, meramente explicativa, demonstrativa, profilática? E a arte um devaneio, exalação dos momentos que merecem ser recordados, como na fotografia...

30.

A arte, câmara ou olho, é trabalho, como o trabalho filosófico, como as obras públicas, é desenvolvimento, crescimento, riqueza, até. Porém, no nosso país é motivo de troça, talvez porque seja demasiado patente e menos estratégica...Talvez porque, afinal, não haja bons artistas e a arte, mesmo a literária, se tenha banalizado a rodos e entrado na esfera do social, doméstico, virtual, onde é troçada e vilipendiada como nunca o foi...

.

"Social don't matter" : Uma nova perspectiva para a antropologia social

Argumento

O social é o vínculo essencial das ciências humanas em termos argumentativos, como da antropologia social. Mas, o que é social? Ele importa assim tanto nos dias de hoje? Porque, ao analisarmos tantas relações, acaba a ciência por se saturar e nada dizer. Como encarar de novo o social, as redes sociais, que se deveriam de chamar antes, redes virtuais?

Desenvolvimento

1.

O homem é um ser eminentemente social, já dizia Aristóteles. Mas...mas hoje há outras variáveis, muitas até. Por esse motivo, devemos agregá-las ao item "social" ou dispensar este na nossa análise, ou seja, uma perspectiva integradora ou apenas sistémica, na análise dos dados sociais, do homem social?

2.

"O social não interessa". Esta é uma conclusão a que chego após anos de investigação, há pessoas que não se preocupam com a sua imagem, outra sim, outrossim procuram viver a sua vida, individual, em função da sua imagem social. Portanto, a antropologia social tem de se ajustar. Redimensionar o objeto e, talvez, largar mão do que a caracteriza, porque, antes de mais, quando ela analisa o homem enquanto ser social, sociável, mais variáveis aparecem no sentido contrário, ou seja, o homem é tudo menos social. Mas não é essa a nossa perspetiva. Achamos que o social, na verdade, existe, digamos, é a grelha de análise desta ciência e concorre para que ela tenha prestígio e pertinência.

3.

Vejamos a seguinte situação, o seguinte problema: é possível fazer uma antropologia de Hollywood? Na tela, os atores desempenham certos papéis sociais, adstritos ou não a uma tradição, pouco atreitos ao que a antropologia social diz e pensa. Digamos de outra maneira, se a antropologia (como a sociologia) vive de laços, da sua identificação e sabe que o homem constrói laços, esta forma de entendimento das relações sociais mudou desde Marcel Maus, com o seu fenómeno social total e Malinowksi, com a sua original noção de trabalho de campo enquanto metodologia.

4.

Portanto, o cientista social progride no seu trabalho, descobrindo que o social não interessa, que o mundo das relações se desmoronou, mas ele não consegue esquecer do que o aguenta, ou seja, a tendência que o homem tem, real ou virtualmente, de fazer laços, mesmo apenas com o corpo, porque em certo sentido a alma sempre resolve o problema, dos laços excessivos e da falta deles, seja a minha seja a sua.

5.

Como então ler o mundo, seja subjetivamente, através da sua experiência enquanto corpo, corpo que controla e representa a mente no espaço social, e objetivamente, enquanto cientista social. Na realidade, o debate arcaico de se a antropologia é uma arte se uma ciência, mantém-se. Se admitirmos que o antropólogo é um artista, logo, a antropologia é uma arte e nada tem de científico, apesar e sobretudo pelo trabalho de campo, ou seja, porque analisa o homem, não pode ter a pretensão de ser uma ciência exata, mesmo do humano e de suas relações.

6.

E se a antropologia é uma arte, devemos todos, nós, antropólogos, ser artistas? Na minha opinião, à arte o que é da arte, se a antropologia fosse considerada uma arte, perderia toda a sua credibilidade, mesmo com respeito às artes, que tenho. Portanto, eu vou mais no sentido do *Cândido* de Voltaire, o cientista social não é artista, ele procura leis mesmo onde não as há, ou seja, procura sistematizar leis das relações sociais de vária ordem nos mais variados contextos.

7.

O trabalho do antropólogo vale por isso, não precisa de ciências auxiliares, pode andar anos em trabalho de campo na mesma comunidade e nunca obter reconhecimento, nem ter o carinho de um outro ser consigo, seja homem seja mulher. Por isso precisa de acreditar, em si a até nos outros que o insultam, duvidando da utilidade do seu trabalho, como se costuma fazer ao filósofo. Pode até ter deixado de contatar com os seus colegas, a su academia, mas não deixa de ser o que é, um antropólogo, aquele que procura ***linhas*** na realidade dos homens, ligações, links, utilidade. Portanto, a realidade não é óbvia e ele procura ir muito além do óbvio sem poder parecer estúpido ou mesquinho, erro em que grande parte da arte incorre. Mas o trabalho do antropólogo, por outro lado, também é arte, uma arte, uma forma de arte, porque envolve improviso e desprendimento da realidade, para depois voltar[14].

14 Uma pomba voa do lugar de onde estou. Entre os habitantes de Moscta, continuo sozinho, sem grandes amigos, ainda analisando o homem, o homem que sou e o que outros são. Neste dia acordei particularmente cansado, depois da entrega da tese em Filosofia, escrevi 14 livros de 180 páginas e uns quanto artigos científicos, digo, científicos, este é o trigésimo sexto. É natural que esteja cansado.

8.

Reparas, depois, que a maior parte das pessoas tende, procurar seu o que não é. Será isto uma questão antropofilosófica por excelência, ou seja, eu guardo o meu eu para mim e na esfera pública procuro ser quem não sou, por estratégia, por jogo, mas quando me apercebo da finitude, da ideia de que posso não estar aqui ou em nenhum lugar logo amanhã, eu adopto outra estratégia, ser sincero, ser feliz, simpático, empático. Mas essa estratégia não resulta e eu volto à vida enquanto jogo, estratégia, desígnio eminentemente profano, quando mais não seja para não mais ser ferido. E então ando errante até um dia, até começar a mudar, a amadurecer, além dos papéis sociais e da sentença que me é ditada ao nascer, viver, viver muito e bem.

9.

Além do mais, descobres riqueza na mensagem da religião para ti, que ela, para uns é definidora da cultura, enquanto para outros é apenas um traço da cultura, seja como for, precisas de refúgio, de te sentires bem e que mal há em estar na zona de conforto quando não fizeste mal algum a ninguém?

10.

Se virmos, por outro lado, a divisão, separação, entre antropologia contemplativa e antropologia activa, tudo nos parecerá mais claro. A primeira aproxima-se do homem e faz a união entre filosofia e antropologia. Mas também a aquela pode usufruir do trabalho de campo etnográfico para construir a sua teoria, como indiquei na minha tese. À antropologia interessam as práticas e os discursos. À filosofia também. Portanto, temos uma nova antropologia e uma nova filosofia, uma usando da reflexão filosófica para se fortalecer teoricamente, outra observando alguns dados a fim de se tornar mais científica.

11.

Recentemente, uma antropóloga americana disse-me que já não se nomeava "o Homem" na literatura antropológica, mas o género humano, talvez por influência daquilo que a antropologia defende actualmente, os LGBT, as minorias, os direitos humanos, os direitos das mulheres. Fiquei pensando e percebi que na filosofia ainda se usava a expressão. Será porque a filosofia é patriarcal, tem a ver com a dominância/abstrativa do masculino face ao feminino? É, então, uma união de contrários aquilo que ensaio, enquanto que uma se foca nos direitos dos mais pequenos e mais pobres, daqueles que não têm voa, a outra é a voz dos poderosos, de certa maneira, um luxo a que pouco têm direito...

12.

Mas…será mesmo assim?

Filosofia é a argumentação sem argumento, ou seja, o método sem metodologia, no assentimento de certas verdades eternas, aí se aproxima mais da Teologia. Mas esta sempre conviveu com a antropologia, quanto mais não fosse através dos missionários, sobretudo no tempo das Descobertas. Enquanto a filosofia é do Estar, a Antropologia é do ir, do pertencer, da procura de uma nova pertença para o jovem antropólogo. A teologia, ao invés, é do olhar, pertencer a uma dimensão escatológica que tem de ser reforçada pela oração, pela liturgia, porque nos escapa no ritmo buliçoso do quotidiano…

13.

Quando não és tu próprio, aumenta a antipatia e a má-educação da tua parte, embora as pessoas prefiram que seja Outro, só para lhes fazeres as vontade, de tão caprichosas que são, bem, nem todas, algumas. Onde o amor é confundido com sexo, a má-criação e má-educação aumentam, porque as pessoas não procuram ilustração, mas circo e é desse circo que se ocupa a personagem do antropólogo, mais uma entre as dezenas de papéis sociais que podemos encontrar na sociedade moderna ou, então, nas sociedades tradicionais, que estão, elas mesmas, atravessando terríficas mudanças, não sei se para bem se para mal. E tudo isto faz com que a alegria seja escassa, as igrejas estejam vazias, tudo concorre para se degradar o ambiente social, como por exemplo no aspecto do lixo, a câmara tem de vir de vez em quando fazer uma desinfestação, tal é a quantidade de lixo e moscas que se acumula em certas artérias da vila.

14.

Portanto, a noção clássica de trabalho de campo em antropologia também se alterou. Hoje em dia, eu posso fazer campo pelo visionamento da televisão, pouco mais e chega o bastante que as emissoras debitam para retirar daí as mais diversas considerações filosóficas, antropológicas.

15.

Portanto, quando dizemos, como nos disseram, que o social não importa é porque o social deve ser outra coisa do que foi sendo na antropologia, nas ciências sociais, devemos poder convocar para o corpo da antropologia sociais outros saberes que não os clássicos, outras formas de abordagem do real e da condição humana, como por exemplo, a psicologia, a geografia humana, a filosofia. Por isso é que eu defendo uma ligação direta entre antropologia e filosofia, para que ambas se enriqueçam mutuamente e quando falo de antropologia, falo de antropologia social, logo de relações sociais.

16.

Portanto, quando dizemos que o social não existe é porque a realidade, a social e a outra, a restante, a totalidade, é um ficção na mente do antropólogo, um instrumento para pensar a realidade e, porventura, a alterar, enquanto o filósofo se fica pela reflexão, não admite dados etnográfico, envolto numa retórica por vezes para lamentar…

17.

Quem se importa? Enquanto os antropólogos (nem todos) se preocupam em analisar a natureza das coisas, das pessoas, e da relação entre eles, alguns quantos homenzinhos decidem o seu destino milionário em negócios sem princípios, os mais diversos, lenocínio, pederastia, tráfico de seres humanos e de droga. Nunca o mundo esteve tão aberto e nunca as pessoas foram tão sós. Mas eu descubro na filosofia uma forma de ser feliz, ainda que sem corpo, sobretudo sem corpo, na religião procuro um certo conforto para os sentidos atribulados e confusos. E em mim mesmo procuro paz com Deus, esse Deus que nunca me abandonou e que eu não culpo por nada do que me tem acontecido…

18.

Depois, a antropologia física, a social enquanto sucedâneo daquela, ou seja, pela complexificação das relações humanas, pela mudança do mundo, muitas das vezes ***ab contrario***, foi necessário criar uma ciência, antes de mais nascida do colonialismo ocidental e assente na ideia de contexto cultural, cidade, bairro, vila, aldeia. Face a isto, o aumento da criminalidade e o concurso da psiquiatria para responder a problemas sociais cada vez mais evidentes, mas a antropologia vive das águas profundas, não do que está à superfície, enquanto a filosofia, vive de um espaço árido, inabitado, seco, onde se conclui que nem sempre o homem está só, perdão, o género humano, que por vezes há laços indestrutíveis, que vão e se prolongam muito além da morte, a nossa e a dos outros, porque esse magma das relações tudo leva à frente umas vezes, e outras se desdobra gentilmente no âmbito da imaginação, lembrando Bachelard.

19.

Assim sendo, talvez estejamos no terreno próprio do que hoje se chama de antropologia radical, ou seja, tudo na realidade se constitui como objecto, ou seja, o que está dentro do homem e de suas memórias e o que está fora, na realidade psíquica e psíquica percebida pelos sentidos. Assim como há um segundo cérebro alojado nas paredes do estômago, há uma nova forma de perceber a interioridade face ao corpo e à percepção face à realidade, ou seja, o domínio da exterioridade face ao corpo. Porque o corpo é a bitola com que aferimos a nossa relação da realidade total e desta a realidade social.

20.

Sim, talvez o objecto da antropologia seja apenas o Tempo, como o é da filosofia (*Time and the Other*, Johannes Fabian), ou seja, ao relacionar-me com o outro eu faço accionar um determinado ponto da realidade cosmofísica, faço uma ignição no sentido recíproco de comunicação, não apenas do observador, mas do actor social em si.

21.

Tempo e relações sociais, eis portanto um novo ponto para uma nova antropologia, que saiba dialogar com a abertura que a filosofia tem, porque enquanto uma é não-ocidental por natureza, outro é pró-ocidental. Mas ambas admitem excepções porque são, digamos, "ciências abertas". E é nesse sentido que queremos argumentar, dizer que a realidade do sujeito se estilhaçou mas por outra via, agregando elementos exterior, se constituiu doutra forma, ou seja, o sujeito de hoje, o actor social, possui muito mais escolhas que reiterem ou construam a sua realidade, muito mais do que há duas décadas atrás, a velocidade da libertação do real é, mais do que local, cosmogónica, novos mitos se constituem e não falta material de estudo para os antropólogos de hoje, como nos estudos de performance, por exemplo.

22.

Uma outra questão, que levantei num meu outro escrito é a questão da ética do antropólogo (*Será Possível ser Eticamente Imparcial?*), pois, mas o antropólogo não julga, ele deixa acontecer e faz o registo, para que, de uma maneira ou de outra, alguém se possa servir do seu testemunho, dos seus escritos, para memória futura ou para intervir no imediato, como por exemplo os assistentes sociais, que cada vez mais vão conquistando terreno que a antropologia conquistou em décadas do século passado.

23.

Depois, as instituições. Muitos se atêm a instituições, antropólogos ou não e vivem sob a alçada delas e nem sei se é por influência de Pierre Bourdieu que as exploram, não fazendo nada de autónomo porque é mais arriscado correr por fora, sem ter o guarda-chuva da instituição...Cabe a este propósito lembrar o seminal livro de Mary Douglas, "Como Pensam as Instituições" e até "Eu, Pièrre Rivière..." de Michel Foucault, para além do seu "É Preciso defender a Sociedade". Tudo obras que equacionam a relação do sujeito com o mundo social, a forma como ele encadeia a sua acção por princípios que ora estão cheio de normalidade ora anormalmente fogem desses princípios.

24.

Portanto, eis a sociedade de auto consumo, o olho vítreo do sujeito que olha os outros olhos que para ele olham, eis a sociedade de autópsia mútua, como lembrava Nélia Dias num dos seus primeiros escritos enquanto docente do ISCTE de Lisboa e a musealização da vida social, ao abrigo da Polícia, do estado, da Igreja. Tudo é observável, até a trampa, porque sai do corpo, como saem as suas obras do seu espírito, boas ou más, nefastas ou caridosas, mas sempre contagiantes ao nível do que é a extensão da realidade do sujeito, objetal, no mundo que tem diante de si enquanto câmara que tudo filma, ora grava, ora apaga, ora leva para diante ora para trás, conservando o que é preciso para um certo sentido de missão, uma missão individual ante o que é sujeito a estar enquanto social...

25.

A sociedade e suas leis funcionam por substituição, de indivíduos, chamados de mónadas por Leibniz, que se encontram umas com outras e se embatem umas às outras, na demanda de saber quem irá perdurar mais, sendo que todas (todos) têm o destino traçado, mais tarde ou mais cedo, que é desaparecer. Enquanto uns acham que esta estada nesta vida (assim concluímos pela reflexão) determina outra possível vida, outras acham que esta vida não se vai repetir, isto de forma alguma. Não fazemos juízo algum. Estamos aqui para registar fenomenologicamente o que se passa, o que vai acontecendo, com nós mesmos e com os outros... Por isso dizemos o que dizemos, produzimos os textos que produzimos... A bem da autoconsciência, a nossa e a de alguns mais, pois não queremos alterar a maneira de pensar de uma maioria que não se questiona porque via vivendo assim, na auto perpetuação de si mesmo e de um mestre, seja ele académico, científico ou religioso, por que poucos são aqueles que arriscam quando têm muito a perder...

26.

Porque o sujeito vive de memórias, inconsciente ou conscientemente, ou seja, o imaginário da antropologia é o imaginário do sujeito e vice-versa, não há volta a dar (Joël Candau, *Anthropologie de la Mémoire*), o sujeito produz teoria para a antropologia e ela só tem de o ouvir, porque é o sujeito que ele ouve, o seu discurso, percebe o seu comportamento, não é a sociedade como um todo, mas apenas o sujeito enquanto sintoma da sociedade.

27.

O actor social é o sujeito que treme, empático, porque vê a sua vida sendo observada (*Observers Observed*, Stocking), ele reconhece a alguém e lhe entrega a possibilidade da sua vida ser documentada, é assim nas história de vida, é assim em todo o lado, a antropologia está por todo o lado, ninguém ousa dizê-lo, mas todos o sabem, assim com a filosofia e as duas poderão funcionar em conjunto para a construção de uma nova teoria da sociedade, de uma sociedade mais plena, inclusiva, dinâmica e pura...

28.

Portanto, os veios e cabelos que assentam sobre o edifício teórico de ambas as disciplinas poderão fazer suspender o item social, mas ele voltará, sempre que é preciso, para que se defender um modo de vida, uma forma de estar e o actor social em todas as suas dimensões de exterioridade...

You can think, but you can't think: de como te impedem de chegares à verdade sobre ti-mesmo

Argumento

Uma expressão diz tudo sobre a psicologia. Um médico que consultei em tempos fez-me o teste de Roschard. Diante as imagens, eu comecei a fantasiar, a ver figuras animais nos diversos rabiscos, mais ou menos incoerentes. Vim mais tarde a saber que tinha uma personalidade mitómana, fabulosa. Podia ter negado e dito "são apenas gatafunhos", livrava-me da psicologia e da acusação de não estar bem psicologicamente...

Desenvolvimento

1.

A realidade é uma fraude, quanto mais honesto tu és, mais fraco de sentes sob o peso da verdade, com ou sem religião. Uma coisa é fazer as coisas do quotidiano, mecanicamente, sem pensar, outra é pensar em tudo e mais alguma coisa e ficar paralisado ante o mundo. Porém, é grande o peso que carrega o antropólogo, entre a devoção religiosa e as coisas do Mundo. Só as coisas de Deus o poderão salvar, ou seja, tornar-se ele mesmo missionário incumbido de uma missão propriamente dita.

2.

Uma das nossas teorias, adiantadas em anteriores escritos nossos defende que o homem se torna bom quando se vê confrontado com a morte. Mas isso pode não parecer representativo da população nem sequer do cinema de Hollywood tão pouco, há pessoas que se tornam ainda piores quando confrontadas com a morte e a finitude. Mas há aqueles que se tornam bons, melhores e é nessa bitola que devemos concentrar a nossa atenção.

3.

Como deve a vida ser vivida? Vale a pena viver? Será o objetivo do homem a felicidade, sendo que por vezes é coisa mais tonta do que o riso, quando a maioria das pessoas não reflete? Algumas pessoas entregam-se nas mãos de Deus, sofrem, fazem sacrifícios e tornam-se pouco ou, por outro lado, demasiado atentas às coisas do mundo. Vale a pena atentar a isto, porque se passamos muito tempo embrenhados em notícias, perdemos o foco, deixamos de viver uma vida que deve ser vivida e nem é preciso que seja vívida.

2.

Sim, é uma luta fazer sentido, requer esforço, cedências, por vezes humilhações daquele que menos esperávamos. Depois, os velhotes, quem trata deles quando o filhos, no seu afã de realização, estão longe no coração e da geografia?

3.

Sim, perguntam-nos, que autoridade moral tem o autor? Este autor? A mesma autoridade que qualquer ser humano, talvez a autoridade de estar sendo esquecido, ignoto nas margens da sociedade, tolerado, até, quando na realidade ninguém mais o pode ferir…

4.

Depois, as críticas que te ferem o ego, porque não só há pessoas que não gostam de ti mas também porque certas pessoas não vêm o que há de bom em ti. Mas habituas-te, ou arranjas um refletor, em vez de entrar no jogo do Outros, que dizem que não tens conserto, porque não tens carro, um bom emprego, uma boa mulher. Entre o senso-comum e a filosofia especulativa lá avanças tu, procurando esquecer certos resquícios do mundo que não cedem face à sua tentativa de interpretação. São as pequenas percepções (José Gil, *A Imagem Nua e as Pequenas Perceções*), "pormenores sem a mínima importância", diz a canção.

5.

O ritual, portanto, gera uma fissura entre o sujeito e o mundo, um mundo desmultiplicado onde o sujeito se enreda, o sujeito contemporâneo, logo agora que tem tanta oferta de felicidade, instantânea e perene. Mas, mesmo assim, não se sente feliz, não sabendo nem desconfiando que a falta é que o fazia feliz outrora. Com pouco esforço, temos direito a uma visão barata do mundo, à conceção muito norte-europeia de que tudo é fácil na nossa vida, ou seja, apenas com esforço alguma coisa se consegue, ou seja, o mundo está patente ao nosso olhar, à nossa análise, basta caminharmos na direção certa e nisto, neste conceção, muita culpa há também de uma certa psicologia ou até de uma certa religião, que se apresentam como uma panaceia para os problemas humanos com seus modelos teóricos sobre bem estar, qualidade de vida e personalidade. Mas não é também a antropologia que vai ajuda, Deus me livre…

6.

O que permanece, então, na mente subjetiva e no inconsciente coletivo? O mito americano do herói, o mito grego do homem Olímpico, o mito romano do gladiador (veja-se o filme do mesmo nome, onde o herói é denominado de O Hispano), o mito do descobridor português e espanhol nas Américas…Os brasileiros têm ainda saudade disso e será talvez por isso que voltam sempre a Portugal, à terra das suas raízes.

7.

Num contexto de estado-nação, quais são, então os limites à liberdade de expressão? Ou não há limites? Será o Outro? E se o outro me hostiliza, o que faço? Calo-me e saio a rosnar com o rabo entalado nas pernas? Na verdade, também o protesto se tornou, não só legítimo, mas regulador da vida social, neste contexto português. Mas, na verdade, a haver, quais os limites da liberdade de expressão? E haverá, interrogo-me, diferentes limites, segundo os vários tipos de actor social? São tudo questões que vou pensando, mas acredito que enquanto noutros países não há limites à criação, incentivando uma certa forma "aberta" de ver a vida e o papel do artista, como nos EUA, no Canadá e em certa medida no Brasil, enquanto noutros o artista tem de dar conta a toda a ocasião do que diz e faz, do que produz como obra artística...

8.

Por vezes, o analista dá-se conta que há uma cultura da lassidão, ou seja, quanto mais se faz, pior é, enquanto uns se preocupam, outros nem tão pouco estão aí, como se costuma dizer. Portanto, tudo depende da educação e da forma como cada ser vê o mundo, alguns estão cheios de conflitos, outros estão nas nuvens, sendo que as ditaduras aumentam esta possibilidade de ser socialmente. Não é ao acaso que os índices de felicidade apontam para o norte da Europa, enquanto a América vai do 8 ao 80, bem como Portugal...

9.

Portanto, a sociedade vive sob o signo da polaridade, é uma sociedade binária, onde se reitera pelos mass media a ideia de opostos que se atraem e não são admitidas outras cores, outros matizes. Deveríamos juntar à proposta de Margaret Mead das sociedades apolíneas e dionisíacas, uma outra ideia, suscitada pelas nossas mais recentes investigações, ou seja, as sociedades narcísicas. Na verdade, nunca como hoje se faz tanto culto do Eu, mesmo que o Outro desfaleça diante de si. Mesmo uma certa prática religiosa pare oca e sem sentido, ou seja, é para inglês ver, como diz o povo, status e prestígio social. Nunca como hoje houve tanta opinião, tanto comentador, a propósito de tudo e todos, enquanto os antropólogos não são chamados à TV a propósito de coisa nenhuma, nisso se aproximam dos frades e monges dos conventos...

10.

Diante de Egos narcísicos, como se comportará o grupo. Eis certas revoltas sociais e populares, o pequeno crime aumentou, o grande também, a sociedade é cada vez mais violenta e a falta de senso de certos jornalistas ou memo a exploração quase pornográfica de certos casos, pessoas, sentidos, sentimentos e situações, lá se faz sentir quase diariamente. É um desalento a pobreza conceptual de certo programas, de certos

jornalistas que se eternizam nos seus cargos, só porque o país é pequeno e ninguém faz nada". Daí os totalitarismos como resposta, o Chega, e o desenvolvimento de uma imensa e longa discussão sobre racismo, sobre o que se deve ou não fazer, construir o aeroporto aqui ou ali, enquanto uns não querem sequer ouvir nada a esse respeito outros dizem que já devia ter feito nos anos60 do século passado...

11.

Por mais estranho do que possa parecer, prevalece o cálculo do que a boa vontade e a generosidade, nunca como antes o sujeito esteve diante de tantas pressões sobre si, nunca as sociedades estiveram tão pressionadas a serem boas, mediante a igual repartição da riqueza, onde a lei funciona como panaceia de um arbitrário e caótico sentir. Realizou-se o que a antropologia e de resto Fernando Pessoa profetizara na sua expressão "Primeiro estranha-se, depois entranha-se", ou seja quase todos se julgam antropólogos sem o saberem, porque fazem do familiar estranho e do estranho familiar, como em "Alien" e a contaminação alienígena da protagonista, Sigourney Weaver.

12.

A doutrina do macho hegemónico processa-se por repetição, reiteração da sua masculinidade, mediante a figura do chefe, do patrão, mesmo que não tenha feito sequer o 9ºano, que é onde todos costumam claudicar. Por isso, o antropólogo está desalentado e o seu saber é exclusivo, não sensacionalista, por isso não aparece, pois a direcção de programas está cheia de pedido, também eles reiterativos, de programas mais populares, mais divertidos, séries, mais e mais, ***ad nauseam***, deixando quase invisíveis os LGBT e tornando a mesma TV como palco da afirmação de uma certa masculinidade dominante, que geralmente está no imaginário sentimental de quase todas as mulheres iletradas.

13.

Ele vive esse instante, a fímbria do instante, porque sabe que pode tudo acabar de um momento para o outro. E, nessa selva de sentidos e símbolos, ensaia sobreviver, continuar alguma coisa que tinha começado antes, voltar a ter interesse pelo mundo, recomeçar, quando outros estão já a acabar, correr, fumar menos, estar menos sedentário, mesmo que não haja dinheiro para o passe por uns dias.

14.

Enquanto que para uns o que importa é o saber letrado, no contexto da sociedade ocidental, para outros é o saber popular, aquele que manuseia e que se confunde com a técnica, uma técnica do mundo. Enquanto o filósofo vê essa distinção, o antropólogo não tanto, estado do lado da gente iletrada, portanto, do lado de um não-saber, pois que o iletrado é percebido como alguém ligado ao poder ou às finanças. No fundo é a questão heideggeriana do "à mão", sob as suas mais variadas disposições metafísicas em "Ser e Tempo".

15.

Por isso mesmo, a interdisciplinaridade realiza-se apenas por espetáculo, por exclusivo, por prestígio ou dinheiro, poucos se interessam pelas ideias enquanto ideias, o seu interesse é, antes de mais político, ou seja, tem que ver com certas situações de interesse face ao saber, que ora convêm ora não convêm e, desde que se está dentro da academia pode-se dizer o que se queira sobre o mundo, pois se tem a autoridade de pertencer a uma instituição que ninguém censura, mesmo que haja mesquinha competição interna, vai-se dizendo mal do mundo e da sociedade, vai-se subindo, estando à vontade, dentro da caixa, no caminho entre a casa e a faculdade, porque se pertence a uma tribo e nada mais importa que viver sob essa concha, esse guarda-chuva. Daí que pouco importe o mundo "lá fora", pois quem se quer afastar deles e de suas críticas amargas, vai para o convento e assume a voz de autoridade de uma outra instituição, a Igreja...

16.

Portanto, o que dizer da liberdade de expressão? Deve ter limites? Ou se deve configurar como uma ***liberdade livre***? Assim como na liberdade, na saúde, quando eu descubro que não há cura para a minha doença é quando eu começo realmente a fazer alguma coisa...Pois reconheço-me insignificante neste universo, enquanto outros, por mais que gritem, não deixarão de o ser, insignificantes no sentido cósmico, cómico...

17.

Pois, o veneno é a cura, o antídoto sai do mesmo animal que mordeu, no caso uma cobra. Portanto, não há muito por onde fugir, entre uma sociabilidade mínima e outra global, que resvala para a ciência política e o Direito. Entre ter razão e não ter, o filósofo pretende tornear o obstáculo em vez de o derrubar, porque reconhece a sua existência epistemológica ante o todo que é o cenário das relações humanas, com avanços e recuos, traições e fidelidades, sendo que umas e outras têm também que vez com a moralidade da coisa, logo, a religião que, se não tem propostas sobre a sexualidade

como a psicologia tem, puxa para cima a procura de sentido da existência coletiva e do âmbito conceptual, mormente através de uma explicação, mais ou menos cabal e sistematizada sobre a finitude, a morte, o suicídio.

18.

Portanto, o bom filósofo não se contextualiza nem contenta com básicas explicações sobre a vida além da morte. Será que a vida, a vida do sujeito actor social, se prolonga por outros meios? O corpo reincarna noutro espírito ou simplesmente ressuscita, como o de Cristo? O que é certo é que muitos leigos negam Deus como negam a vida, por isso fazem tanta porcaria. Os católicos? Apenas cochicham um pouco de mais. Mas, ao menos, possuem uma explicação além da ***dureée*** (Bergson), ou seja, uma explicação escato-lógica sobre o futuro e destino do homem. Por isso, ele deve ser bom, ter boa conduta, ainda que goste demasiado de sexo, sendo que isso lhe ocupa grande parte do seu dia, para não falar da noite. Pensamentos, só pensamentos…

19.

São este, em resumo, os mistérios da vida, as oscilações deambulatórias de Cândido ou Narciso, pelo seu interior visceral, pela superfície da sua pele e dos sentimentos, dos pensamentos…que cor têm os pensamentos? E cheiram a alguma coisa? Como se pode definir fisicamente um pensamento, um conceito, um conjunto de ideias?

20.

"Melhor é Impossível", dizia o filme, o autor têm de provar o Bem pelo mal, tem de sofrer no seu corpo e na sua psique o karma de ter palavras para escrever, descrever, a realidade, os sujeitos, o mundo, o cosmos, os planetas e a solidão no meio e através deles. Portanto, se isto é uma patologia, o que dizer das outras? Pensamentos obsessivos, repetitivos, reiterativos, que precisam de se repetir a si mesmos para pedirem licença e irem embora da mente. E, afinal, a forma do pensamento não é apenas, a forma da mente, os montões de neurónios, o tecido cerebral? Aquele que pensa radica, mesmo filosofando, o seu pensamento em algo de material, concreto, imanente? É o problema mente-corpo, sim, porque que pensa, a nossa ver, é o corpo, o espírito parte de si mas não olha para dentro, mas para fora, como uma câmara de filmar…

21.

Quanto menos parece, só Deus, o Cristo crucificado, pode salvar o antropólogo, envolto numa miríade emaranhada de papeis sobre as culturas, só Ele lhe pode dar um pouco de oxigénio, nem que seja após mais um cigarro. O Deus que ele sempre negou, ora porque fosse ateu, ora porque era burguês e gostava de curiosidades exóticas presentes noutras culturas, ora fazia as coisas da antropologia apenas por desporto,

porque se dava ao luxo de o fazer, de duvidar d'Ele e Ele, que é mais do que a voz da consciência, a voz (do sangue) do eu, mesmo ele não sabendo, estava ali à sua espera, à sua escuta, mesmo nas horas de maior agonia e quando dois pares de passos caminhavam lado a lado na areia da praia, perguntou-se porque a certo dado momento, só havia um par de passos, era quando Ele o pegou ao colo...

22.

Por isso, a felicidade, como a verdade, não é algo facilmente discernível, tanto pode estar presente numa cena sexual como num arrebatamento religioso e místico. Para outros, a felicidade é apenas ter dinheiro, nada mais e a alma vende-se, assim, ao Diabo. Para o escritor, é ter uma prole de leitores que aumentem a sua vaidade e vacuidade teórica. Muitos há que acabam por só conhecer a fama depois de terem ido desta vida embora, mesmo sem baterem com a porta com estrondo. O grande medo dos tempos actuais é na verdade, a meu ver, a solidão e o que fazer com ela. Sempre foi. A pessoa que nunca a sentia, mesmo em criança, apercebe-se mais cedo ou mais tarde, que perdeu qualquer coisa, ou seja, ser feliz é estar em estado de in-felicidade, ou seja, dentro da felicidade, dentro da caixa, porque quando estamos em felicidade é por antonomásia a um estado de vacuidade da alma anterior...

23.

Talvez na doença consigas ter uma ideia clara do mundo e suas constâncias. Talvez quando estejas feliz, o que dura pouco, percebas também o movimento do mundo (Jackson Browne). Talvez precises até de fazer mais trabalho de campo e bem longe, para que compreendas algumas coisas, reentrâncias sartreanas, coisas do mundo, breves iluminações, pois o sol do dia te cega para a rotina que reiteras porque essa é a única forma de seres feliz, repetindo, repetindo, sempre a mesma canção, sempre a mesma canção, como um Bolero de Ravel...

24.

E o tempo flui, já não o procuras explicar, sabes que chegue dele. Procuras viver uma certa qualidade de vida e ainda ler o mundo, enquanto filósofo, enquanto antropólogo, se isto serve para alguém, para que alguém se sinta, no mínimo, mais feliz, reconfortado da sua dor, das suas lágrimas e penas, de algum modo, a razão última das coisas está nisso mesmo, saber que se está só e saber que não se está, quando, na realidade, como disse antes, nunca se está realmente só...

Sábios e Pragmáticos: De como uma certa filosofia está estragada

Tese

Será possível combinar uma vida de milionário com a de um sábio ou artista? Ou seja, a necessidade aguça o engenho e vale mais um *carpe diem* do que fazer poesia? A nosso ver, é possível ter o melhor de dois mundos, como iremos demonstrar neste ensaio.

Desenvolvimento

1.

O sofrimento, *pathos*, do artista, é fútil e desnecessário? Tem cabimento na sociedade de hoje, uma sociedade (ocidental) da busca do prazer***, au-delá*** de qualquer princípio ético, do estupro e da violência nas ruas? Quando nada faz sentido, por quem fazer sentido e fazer sentido para quê? Esta é a tarefa da filosofia, que vai ajuizando, ao invés da antropologia, que vai comparando sem julgar.

Costuma dizer-se que "o bom é inimigo do ótimo", logo, não temos uma cultura de liberdade e superação, basta que façamos o estritamente necessário para obter um lugar ao sol, à sombra da bananeira. Um dos autores que conseguiu conciliar uma vida de escrita com a *dolce vita* foi Hemingway, mas não suportava mais e matou-se. Entre outros. Temos, então, de fazer uma escolha clara entre os dois registo? Quanto mais não seja para não andarmos aos ziguezagues? Como deve a vida, a existência, ser vivida? Quando chegas ao zénite da fama, qualquer coisa de trágico pode acontecer, como aconteceu com alguns músicos, ou seja, parece que andas a desafiar as leis da sociedade e arriscas-te a ser riscado por ela…

2.

Faremos, então, uma crítica da filosofia? Também o senso comum, o reino do popular, pode funcionar pela reiteração do mesmo, pode-se propagar em todo o amplo sistema de relações sociais como uma praga, entre bem e mal, mas a maior parte das vezes é pelo Mal, pois as notícias más correm melhor do que as outras, as boas, e isto diz muito do estado anímico da população em geral, que vem para a rua dizer mal do que lhe apetece e em casa são santinhos, ou o contrário, santinhos e senhores doutores na rua e violões por baterem na mulher em casa…

3.

A inveja do pénis é o motor, não só da feminilidade, mas da sociedade inteira, sobretudo dos adultos, pois os pequenos têm outro tipo de imaginário, a não ser que sejam abusados por padres. E, assim, a vida normal está fugindo, como se manter nos dois registos? Afinal, não há nada de muito interessante nisto nem na vida, que tanto pode ser extraordinária como trágica.

4.

Se me considerar antropólogo, tenho duas hipóteses, sair desta cidade, ou permanecer, mesmo enquanto antropólogo, levantar hipóteses e desenvolvê-las, sendo que este terreno pode ser para uma vida até ao momento em que me esquecer do que sou, em que esquecer, no mesmo lugar, tudo o que a antropologia me ensinou e virar-me não tanto para uma filosofia contemporânea mas para uma nova forma de a fazer, mais ao meu jeito.

5.

O modo como somos percebidos socialmente influi no nosso comportamento, na nossa conduta e no nosso discurso. Depois, apercebes-te de que há algo que não está a correr bem porque elas não querem saber de ti... E do que mais sentes falta não é do dia a dia, mas quando te levantas e sentes que não há ninguém a teu lado. Depois, começas a fazer *theories pop up*...

6.

Recebes, então, críticas de todo o lado, vozes de um lado e do outro, quando estás em casa, na rua, nos centros comerciais, como se tivesses ocupado o lugar de outros a quem chamavam de pastelão, emplastro, figura pública popular. Ou seja, quando manifestas os teus sentimentos, na cidade, arriscas-te a ser mal sucedido e corre a fama de que não és capaz em algumas áreas porque te expuseste demasiado. Isso, na cidade, como na aldeia, pode ser uma grande armadilha. Faço estas reflexões também enquanto actor social que o antropólogo não deixa nunca se ser também, entre outras coisas.

7.

Então, o que define a vida, a existência circunstante? É a verdade? A ilusão? Não gostamos nós de ser enganados por falsos mecanismos da verdade, enquanto a receita do sucesso de Hollywood demonstra isso mesmo? Porque vai de encontro ao que a opinião pública pensa e gera-se um ciclo vicioso do qual é difícil sair. Por outro lado, ser diferente exige uma boa dose de coragem e loucura...por isso mesmo, dizem que estamos loucos, à luz da lógica capitalista junguiana do prazer e sua eterna reprodução ao âmbito do planeta.

8.

Nem sempre queres dar uma resposta ao mundo, por vezes odeias toda a gente e só te apetece desaparecer e o mundo de hoje está cheio de gente desaparecida, que se refugia num ideário, num espaço físico longe daquele que o vir ao mundo. E andas perdido na mente, porque puseste muita coisa em causa, quando muitos têm as certezas e agarram-

se a elas porque às tantas é disso que é o mundo feito, da reiteração das essências e existências (Lévinas, *De l' existence à l'existant*).

9.

Portanto, o sujeito vai-se adaptando ao longo da linha do tempo, como uma camaleão, pois não pode ser sempre super-homem, daí a univocidade da proposta nietzscheana, o homem não é sempre, ao longo da existência, uma certa personagem, embora sinta que, por coerência ao corpo social, deva ser sempre uma e outra coisa.

10.

Torna-se então peregrino do errante, pois não é uma cassete gasta, porque ao fazer filosofia se viu despojado de muitos princípios, da soberba e da vida religiosa, iluminado por alguns autores, privado até dos mais simples dos prazeres, que é ter uma mulher, porque uma certa filosofia estragada lhe fez perceber que a vida não tem sendo nem sentido, tal como leite estragado fora do frigorífico.

11.

Sabias ao que vinhas, um certo saber não licenciado é o que predomina no teu bairro, na tua nação, na realidade todo e qualquer humanos foge de alguma coisa, de alguma ideia ou pensamento, de si mesmo. É como corso fugindo do leão ou da espingarda do caçador num bosque do Canadá...

12.

Depois, sentes um cansaço da vida social, embrenhado que estás nas suas respectivas relações, não sabes se ainda estás fazendo filosofia ou já uma forma derivada de sociológica, por via de Simmel. Mas persistes, abres uma cerveja, a última do dia e acendes um cigarro, andas de um lado para o outro da casa, sabendo que não poderás, mesmo nesse Sábado, ir ao Lux para te divertires, ou à Fábrica da Pólvora. E deixas estar, deixas-te estar, inquieto mesmo depois de teres dormido uma sesta e perceberes, mais uma vez que, mais do que uma vez, estás só. Mas...nunca realmente se está só, tens os teus pensamentos e se estiveste bem há pouco tempo, poderás voltar a estar daqui a pouco (tempo).

13.

Por mais que te esforces, um cheiro, um simples cheiro, pode deitar tudo a perder, a tua vontade de não morrer nunca faz-te descuidado e na verdade não vives para as aparências, mas para uma forma de vida que tem pouco de digno, perto dos turistas, misturados com eles dali a pouco, até te pareceres um deles para certos locais, pois o teu cabelo grisalho vai além do louro...

14.

"Assim voam as pombas da crueldade", como disse recentemente Vítor Oliveira Jorge, andamos todos mais ou menos alienados e outros ensimesmados, traídos uns pela confiança no mundo do social, o investimento numa vida pública e outros pela desconfiança, pois há uma imagem a gerir e, de certo modo, isso é, para essas pessoas, mais importante do que a Igreja, a religião.

15.

Portanto, quando não tens mais talento para seres inteligente, usas outro tipo de estratégia, a da força e vais insistindo, fazendo força, batendo à porta à espera que alguém dentro dessa casa ta abra.

16.

E o que dizem de Sócrates? Que se pôs a jeito, porque há sempre uma parte da população que conspira contra ti, os teus pensamentos, que obstaculiza a tua entrada em certos domínios mental e territoriais, que não se importa contigo nem dia o bom dia, ainda por cima ainda te mandam bocas como por exemplo "vai levar no c..."

17.

Na realidade, já Ortega y Gasset descrevia as turbas, as massas, como tendo uma forma própria, desordenada, ora com vista a um fim ora anarquicamente, deitando abaixo tudo o que se proporciona no seu caminho. Fazer uma análise de uma turba em movimento, como a dos adeptos ou manifestante LGBT, dos polícias, etc, pode parecer uma tarefa inglória. Os próprios polícias são bons filósofos, alguns, aqueles que não se drogam, pois são confrontados com as mais diversas das situações, agressivas ou passivas, nomeadamente de violência doméstica e dos acidentes na estrada.

18.

Nessa tarde, resolvi pela primeira vez, na hora desse dia, puxar a culatra atrás, ou seja, rever a minha própria concepção de sociedade e da articulação entre sujeito e ela mesma como algo mecânico. Deveria, supunha eu, haver algo de mais dinâmico, menos imanente nessa relação. Foi, portanto isso que fiz. Dei um tempo, meia hora, antes de começar, melhor, continuar, de outra forma, a escrever este artigo, que se destinava para um público vasto que eu nem sequer conhecia, não tinha a certeza de alguns que só escrevem para um público restrito e especializado. Estaria dando um tiro no escuro?

19.

Depois, percebi. O homem está em constante luta com a sociedade, quer pela fama, quer pelo desejo de status, todos querem subir na escala do social, mais eis lá chegados, poucos sabem lidar com o poder e tornam-se autênticas crianças de chucha na boa, como o atual Putin. "Um lutador", diriam os russos. Um ditador, dizem os ocidentais.

E como se processa essa luta? Por avanços e recuos, mas o sujeito não desiste, quer ser aceite, quer demonstrar que é capaz e isto, esta perspetiva e ótica, tem uma papel importante na distribuição e redistribuição das mulheres que mesmo com os direitos adquiridos, permanecem imbuídas da velha lógica da dona de casa, do marido para toda a vida, essencialmente, como já disse anteriormente, porque a Igreja não sabe lidar com sentimentos de ordem sexual, que considera pecaminosos e fúteis.

20.

Entre futebol e Igreja levas os teus dias. Acreditas no poder redentor de uma coisa e de outra e as reminiscências da tua juventude no convento estão envoltas num trapo de porcaria pousado no teu cérebro e impedem-te de ver, de vislumbrar, o que houve de bom, aquilo que aconteceu, o que estava para acontecer se não tivesse acontecido alguma coisa daquilo que aconteceu. O filósofo do jornal O Tempo, no caminho para a Faculdade. As sandálias molhadas. O desejo que irrompia pelo teu corpo de adolescente, quando nem uma namorada havias tido. Terás tido muitas dali a pouco, é só um instante, era só um instante até estares fora dali, de um sonho que não teve continuidade. Mas ainda hoje sonhas. Com isso ou outras coisas. Fazem-te estar vivo e consciente do que aconteceu, numa certa fenomenologia do devir, diante de ti enquanto câmara de filmar e de julgar, e os outros.

21.

Haverá sempre isso, essa dualidade entre sujeito e sociedade, por intermédio do trabalho e da família, dos amigos e da casa, dos animais domésticos que, não nos apercebemos, hão-de ser os nossos herdeiros quando nos matarmos uns aos outros.

22.

De entre várias críticas, aquela que, com mais ratice, maior estrago causou em mim e logo vinda dos padres da religião que professo: "Interessa-se por tudo mas não se compromete com nada". Na verdade, antes de mais, há várias formas de comprometimento e, na escala social, só vamos até onde nos deixarem ir, a não ser que insistamos e continuemos a insistir até ao óbvio, até ao enjoo. Depois, talvez julgo se esse mesmo o papel da antropologia, interessar-se por tudo e não se comprometer com nada, embora isso aconteça quando se faz trabalho de campo. Essas críticas chovem de todo o lado e trespassam o meu ser que nem setas. Não posso ficar indiferente, começo a

ter pouca inspiração para continuar qualquer coisa de social... Terá Nietzsche sofrido mais do que eu? E Giordano Bruno?

23.

Na verdade, certos homens, no seu afã de vitória, não se apercebem de certas coisas, certos pormenores, como este de que "desistir nem sempre é perder, é estabelecer outras prioridades"... Mas não, há uma sede de conquista, nem todos lêem livros, nem todos fazem *rappel* ou *tuning*, nem todos querem fazer corrida todos os dias ou provas de estrada, nem todos, mas há crítica e sempre haverá, porque ela envolve a moral, um juízo de valor face ao outro, uma não-aceitação do Outro, ou seja, quando a crítica é destrutiva.

24.

Sim, a sociedade de hoje vive sob o evento, a performance, uma fenomenologia do acontecer e não se preocupa com outras hipóteses, com o não-acontecer, a não ser que se trate de uma crime de polícia... Enquanto uns analisam a cena do crime, outros já estão noutra dimensão da sua psicose coletiva.

25.

Estes dois últimos anos pareceram uma eternidade. Passaram devagar, talvez devido ao sofrimento que travámos. Primeiro foi o COVID-19, depois a falta de trabalho, de namorada, de dinheiro, de carro. Mas mesmo assim continuámos a fazer a viagem essencial, entre Riachos e Lisboa e fomos produzindo, mais, muito mais do que esperado, construindo novas teorias sociais, psicológicas, filosóficas. A este respeito não tiro nenhuma conclusão, seja de que ordem for, porque ainda estou sentido os seus efeitos, ainda não estou suficientemente lúcido para tirar conclusões a este respeito.

26.

Sou um fascinado pela atividade física em geral e pelo registo do militar em particular, porque vai no sentido da perfeição física e intelectual do ser humano, do cumprir uma missão, da relação do individual, o sujeito soldado e o grupo, em favor da sociedade onde muitos são preguiçosos. Portanto, haja quem desafie os seus sentidos e o seu corpo e seja reconhecido por isso. Mas...faz sentido proteger o território nacional? Nunca como agora fez tanto sentido. Ameaças? Droga, tráfico de mulheres, é só dizer...

É neste sentido que vejo uma filosofia demasiado relaxada, estragada. Enquanto alguns passam fome pelas ideias até nos seus respeitáveis 52 anos, outros comem banquetes de verborreias que nunca mais acabam. Mas é sabido que o poder não é para sempre... A rádio de hoje promove isso, esse relaxamento dos casais que precisam de ter filhinhos para se realizarem socialmente, num mar de carinho e conforto, enquanto lá longe, em toda a África, se passa fome. Não passam fome, porque há o Banco Alimentar,

mas batem nas mulheres porque esse padrão se transmitiu de geração em geração até hoje.

27.

Em certo sentido, a liberdade tem um preço, tens de abdicar de qualquer coisa de que gostes, para chegar lá. E lá chegando, tens de lutar por ela todos os dias, para manter o teu modo de vida. É assim com o soldado, deveria ser assim com o intelectual, em vez de andar no Bairro Alto a exibir um armário de autores numa vida de excessos. E, em democracia, até onde vai a nossa tolerância a respeito dos mais diversos modelos de vida? Devemos fechar as vistas a tudo e mais alguma coisa, num ambiente de terror e criminalidade? Os autores clássicos sociológicos toleraram a remanescência de crimes nas sociedades, os do norte da Europa baniram a criminalidade e nós, que fazemos? Andamos de metro e ainda por cima somos simpáticos com os turistas, como se fossem seres superiores que vêm gozar do nosso sol, da nossa comida e das nossas mulheres, num ambiente de laxismo que mete nervos ao mais sensível, patriota e instruído...

28.

Depois, o acaso e a necessidade. "Curiosity kill the cat", dizem como adagio cinéfilo. Na verdade, precisamos dessa aferição constante do mundo, face ao mundo e a filosofia, certa filosofia estragada, não contempla essa modalidade do saber, ou seja, o existe somente o sujeito e a reminiscência. A antropologia faz essa aferição.
-"Olha este aqui", dizia a menina do *shopping*. Quem sabe, faz o seu trabalho e nãos e pavoneia, porque o afã de chegar a ser o melhor na sua modalidade é superior à vontade de responder a todas as críticas, que têm, diga-se, sempre uma explicação. Então, e a sociedade no seu todo tem explicação? Uma explicação sociológica terá de certo, mas filosofia? Sim, também terá e já trouxemos umas luzes para aumentar o foco sobre esta questão, a questão da identidade nacional, na nação, da raça, seja como for.

29.

Por isso o amor, que afaga e dilui a negatividade que nos querem pôr em cima, quer pela ferida direta quer pelo esquecimento, mesmo diante de um contexto etnográfico tão pequeno e recente como este que é a cidade de Lisboa. Muitas invejas desperta o nosso trabalho e não temos tido consolação nem palmadinhas nas costas, continuamos o nosso trabalho mesmo até com dias de fome e mau dormir. Mas continuamos.

30.

Na verdade, qualquer antropólogo, por mais perfeito que seja, tem sempre um óbice. Eu não vou sozinho à luta, tenho comigo o meu irmão, que é meu modelo de conduta e pensamento, mesmo na vida social, e a minha irmã, a minha mãe e o meu pai. A eles

dedico ensaio, escrito sem chuva e sem sol numa tarde em que continuam os russos e destruir a Ucrânia.

Entre o obsceno e o ridículo: o romântico enquanto solução de felicidade

PROPOSTA

Haverá, no extremo, alguma relação entre obsceno e místico? É esta a nossa hipótese, que pretendemos explorar através de uma pequena metodologia que atravessa o quotidiano de um antropólogo que gosta de ligar as coisas, mesmo as mais abstrusas, embora por vezes seja perigoso, pois podia ficar-se pelo estruturalismo, sistematismo e truísmo que a realidade lhe oferece. O romântico é solução de felicidade e existência.

DESENVOLVIMENTO

1.

Poderíamos, desde já, atribuir um certo carácter objectivo ao obsceno, aquilo que está para além da cena, debaixo da cena, em termos etimológicos. Na verdade, como diz a canção, são "coisas do mundo/que se devem ver ao longe", pois prejudica o romantismo de certo modo maquinal que tem que ver com o casamento, o contrato social que diferentes indivíduos praticam entre si para se enlaçarem na teia do social. Mas o obsceno, não evitemos a palavra, a fim de descortinar a verdade sobre esta relação, tem qualquer coisa de perverso, de contemplação, de imaginação, de brejeirice, no sentido popular, tradicional português, que delicia e satisfaz a alma e, em certo sentido, mantém o interesse numa vida que está sendo vivida. O obsceno não exige compromisso mas compromete o homem enquanto ser social, pois nem tanto ao mar nem tanto à terra.

2.

Então, o que leva o sujeito, mesmo enquanto antropologista, a perceber o sentido que há na relação entre obsceno e misticismo? Não deveria estar viajando, para conhecer culturas, fazer trabalho de campo numa aldeia de Burma ou Indochina? Na verdade, a ligação que há entre um e outros registos (do real), é o corpo, o corpo em exagero de um lado e o corpo em suspensão do corpo, quase desaparecendo, mas que garante ainda uma certa imanência, para que não saia ele deste muito, em termos de experiência mística. Porque, um e outro fazem ligações, o primeiro com os copos (dos irmãos) que estão ao redor), os outros com a divindade e até também com os irmãos...

3.

Não será também ele um reflexo fantasmagórico da realidade, a social e a imaginária, de todo o corpo social em sentido lado e do sujeito em sentido restrito? Ou seja, não será aquele pó que se deita para debaixo do tapete? Ele está lá, nós sabemos e esquecemos, mas quando fazemos uma limpeza à casa (à alma), lá voltamos nós, para conferir que a

coisa (a casa), não fica assim tão suja... Portanto, o que vemos em obsceno é a malícia a funcionar, a natureza humana das coisa, do humano, demasiado humano, que Nietzsche entreviu, mesmo que a brejeirice seja um prazer pobre, podre, que ninguém defende mas ao qual todos recorrem, com mais ou menos exercícios espirituais...

4.

Onfray, Bataille, Baudrillard, Marcuse, entre outros, autores que temos seguido neste último anos de estudo da filosofia, em certo sentido, definindo obsceno, ele é uma dupla realidade, um duplo da realidade, se quisermos, lócus onde o homem se entende e se arrepende, porque talvez seja melhor o misticismo da coisa, mas depois há sempre o corpo e o corpo tem suas tensões, meditações, manias e perversões. É ilustrativo disso tudo o facto que a Igreja não ter noção da sexualidade dos humanos, seus crentes, a quem deveria ilustrar, fugindo este crisol de sentido desgarrado, corporal, seminal e pleno de pequenas perceções, para o campo da psicologia, da psicanálise, que protege a masturbação e o desvio sexual. Mas, esta recusa e escondimento por parte da Igreja tem que ver precisamente com esse desvio e, além disso, com o mito do homem-máquina, o homem engenheiro construtor de pontes ou simplesmente da técnica das coisas, levado e eivado pelo sentimento de propagar a fé cristão ao lado do capitalismo e da livre iniciativa individual...

5.

Eis-nos chegados a outro tema ainda mais importante e que formulamos pela seguinte questão: pode o sujeito sobreviver à conturbada confusão de vozes e floresta de símbolos do mundo de hoje. O Que terá de fazer para tal acontecer? Armar-se em ditador, sob o signo do macho dominante, que as mulheres sempre terão na sua cabeça, ou adaptar-se, camuflar-se, disfarçar-se? Os psicólogos não respondem a isto porque não admitem grandes descobertas da antropologia que, noutro sentido, também ignora a religião, pois é grande para dela, de teor marxista...

6.

Mas o obsceno não é somente o sexual, o pornográfico, por mais que tenhamos esse conceito colado ao nosso imaginário. É aquilo que causa dor, mesmo em jovem, ou até criança, é o desespero, a angústia e a crueldade dos seres humanos uns para com os outros, é a guerra, o estupro, a violência do homem para com a sua mulher numa mentalidade onde o pai é promovido a senhor de uma escrava que é sua mulher, resultado de um contrato social que se quebra a todo o momento, porque anda com esta ou aquela mais. Por isso, os solteiros e celibatários são vistos como extravagâncias ou artistas de circo como um espetáculo no quotidiano, o desenvolvimento dessa maldade e desvelo no interior de si mesmo só para o gabarem de homem bem sucedido

socialmente, porque casou, tem carro, bens, imóveis, enfim, é um senhor. Quando, na realidade é um tolo e bem pode ser um escroque de um aproveitador comilão.

7.

Ensaiei uma abordagem da noção de pecado, em tempos de estudante, presente na Divina Comédia, lá se mostram todas as misérias daquele tempo da Idade Média, de que foram produto os Descobrimentos. Daí ao misticismo vai um passo, o misticismo da viagem, da voragem da fé, da dilatação, no fundo, do cristianismo e do Império Romano. Nascem os primeiros antropólogos, como o Pe. Redinha e, em certo sentido, António Vieira, Las Casas, Anchieta.

8.

Diria até que leva uma vida inteira a ser-se cristão, como a ser-se filósofo, enquanto de certa maneira se nasce antropólogo e sociólogo, pela curiosidade eivada de sentido de lógica de um mundo que tanto pode ser cruel quanto doce e amigos. Já lá dizia Francisco de Assim, *Irmão Cão*, *Irmã Árvore*. Não radica o ecologismo em tudo isto, no franciscanismo? Não radica a nossa visão do mundo na Igreja, no misticismo, de certa maneira a segurança e liberdade de que gozamos? Então porquê essa visão laica da Igreja como se fosse algo limitado, delimitado no tempo, quando ela se estende, com sua acção, além do Tempo, mesmo no espaço da Terra?

9.

Sim, talvez o segredo esteja na domesticação do corpo, como diria Goody, na "domesticação do pensamento selvagem", do árido ser que há em nos, misturado com lágrimas e o Corpo do Cristo que se entregou naquele tempo para nos dar testemunho d'Ele mesmo e até de nós no tempo actual. Enquanto a Igreja sacraliza o corpo, dizendo que este é um Templo, que tem mais que ver com a vida divina, transcendental, da experiência humana, outros profanam-no e outras ainda o vão conhecendo, a pouco e pouco, à medida que se esvai no Tempo, se desvanece na memória...

10.

Será então, a Igreja ingénua, ou quer apenas "salvar a pele"? Não é isso o que consta dos santos e mártires, eles não queria salvar a pele, em certa medida o seu mundo não era este, o do momento no *Sabadão*, programa de entretenimento da SIC, o seu corpo era corpo de transvase, andava de um lado e para o outro baloiçando-se no Tempo, procurando adaptar-se a um espaço agreste, porque já à nascença conhecia bastante incómodo em ser santo...

11.

Um ponto importante no rol dos santos cristãos é o desprendimento da carne e dos bens materiais. Todos eles têm virtudes heróicas, pelo que disseram, pelo que fizeram, negando a carne talvez porque ela marca a sua presença neste mundo, mas Deus fez-se carne e devemos, por isso, jogar o homem na vala comum da obscenidade? Nem tanto nem tão pouco, há muitos santos leigos que têm filhos e uma vida sexual activa, saudável. É o corpo (do espírito) que se manifesta...

12.

Ainda há no inconsciente coletivo a ideia feita de que quem vai para padre é porque não sabe nem quer fazer mais nada. A influência da Igreja no mundo de hoje mostra o contrário, o ascetismo e o misticismo bem pode salvar vidas, digamos assim, ser uma solução de sentido num mundo confuso e conturbado, cheio de guerras, desentendimentos e egoísmos os mais diversos. Se está ultrapassada, ou seja, que seja retrógrada, como dizia o Bispo de Leiria recentemente, pouco importa. Tem soluções e talvez as mais cabais para os mistérios do Homem, o mistério do Homem...

13.

A Igreja é o olhar de Deus sobre os homens. Mesmo em termos nietzscheanos, o super homem podia perfeitamente ser Jesus Cristo ("Assim fala Zaratustra")...

Mas...seria Jesus um louco, um psicótico, que curava os outros e ainda se deixou crucificar? Seria Ele, ou terá sido, o primeiro cientista social, capaz de formular uma teoria da salvação através de Si mesmo, do seu exemplo de conduta e pela sua palavra? Muitos crêem que si, e descredibilizam a Igreja por ter defeitos, porque Cristo não teve defeitos. Ou será que teve?...

Temos que ver o mito, à luz da antropologia, o mito que se fez carne e regressou aos céus, ao mito eterno através de mitemas diversos.

14.

Há cinema e cinema. E os filmes pornográficos são os mais vistos, outrora estavam nas prateleiras do videoclube, em VHS, hoje estão sob a forma de Videoclube na TV por cabo e na internet, espalhados um pouco por todo o mundo. É a loucura total. Global. Agora, o homem pode realizar todas as suas fantasias, mesmo empobrecendo de espírito. Então, há o mito que o sexo, em excesso, degrada. E o mito que o ascetismo nos desloca, descola, do mundo. Como conciliar estes dois registos? Será o corpo um templo?

15.

Então, há alguma relação com o obsceno, o pecaminoso e o ascetismo, a aparente "falta de corpo"? O homem ocidental é ensinado a ter uma só mulher, mas isso, por estranho que possa parecer, essa condição, acaba por gerar mais relacionamento além dos casos, que é, digamos, tanto para inglês ver, como verbo de encher...Nada de novo...

16.

O sujeito que vive na aldeia, mesmo tendo vindo de um contexto citadino, cosmopolita, tem de sair da terra, pois não aguenta a tensão da adolescência, não sabe o que fazer e vira-se para a vida religiosa, sublimando o problema. Ingénuo como nunca foi, jura viver uma vida religiosa, longe da herança e da vida buliçosa da aldeia, onde há críticas, onde sofre de uma doença parecida com o autismo. Está por lá, longe de cãs, mas volta um dia e só lhe dificultam a vida, pois como lhe dissera a mãe, "não devias ter nascido". Não é grave, não leva a peito e continua a lutar, sobretudo por teorias como esta, da libido e da sublimação, da perdição e do encantamento...

17.

Depois, o mundo das mulheres, cheio de pequenas e mesquinhas espertices e ratices, a forma como controlam o homem, casado ou não e na verdade, pergunto-me, quando não tenho uma coisa (pelo sentimento de posse), posso dizer bem dela? Só direi bem quando a possuir, quando ela fizer parte da minha intimidade no dia a dia. Ou não será assim? Até lá, vou continuar a procura, enquanto outros gostam de se comprometer com a fealdade, como pressa de cumprir qualquer coisa, porque não aguenta a reflexão, a meditação, a espera e o cálculo...

18.

Como defendi na minha tese de doutoramento, tudo se resume ao corpo, ele é simultaneamente fonte de imanência e de transcendência, ou seja, tomáramos nós levar este corpo e as experiências deste mundo para o além, seria sinal de que continuaríamos vivos e atuais. Mas...não foi isso que Cristo fez e nos prometeu? Decerto que foi, não há que enganar. Então e os outros profetas? Qual o fascínio de não se ser deste mundo? Tem a ver com alienígenas? Com bebés proveta e gravidez medicamente assistida? Que dizer sobre a eutanásia, neste âmbito? Portanto, ensaiemos um retorno ao corpo enquanto sentido, se ele não se está já a processar, neste contexto etnográfico que é para mim a cidade de Lisboa e com o pressentimento que se processa um pouco por todo o mundo desde há alguns anos para cá.

19.

Qual é, então, a forma, a fórmula do Mal? Se fosse um objeto, qual seria? Porque tem o autor de se interessar pelo obsceno quando isso já passou de modo? Será? Hoje, nem todos são religioso, mas aquele que o são, são-no mais fervorosos. O obsceno é o Mal e a Verdade? E o misticismo, o ascetismo, em função da sua inadequação à realidade, será o Bem? É isto que nos perguntamos.

20.

Vivemos numa sociedade binária, estruturada ainda assim entre Bem e Mal, onde os seus matizes são escondidos para debaixo do tapete para que ela fosse, visivelmente, funcionar, no âmbito da luz clara do dia. Mas a noite é cada vez mais escura, a noite do pecado, da falta e da ausência de reparação, as relações entre as pessoas degradam-se e aquilo que constitui o homem é cada vez mais complexo, sendo que de um lado aumenta a complexidade da constituição do Eu em certo sentido, e do outra aumentam as pessoas simples, básicas, primárias. São elas que contagiam e desiludem os ascetas e os místicos, bem como os intelectuais que procuram explicar o sentido da vida, porque aqui estamos, o que fazemos neste planeta.

21.

Assim, há em certas práticas sexuais a exploração do desvio, do imperfeito, pelo nojo, quando o ascetismo é a perfeição e simplicidade do pensamento. Um tem corpo a mais, outro deseja desprender-se dele, não sabendo que é o corpo que pensa e que, uma vez alojada nesse embrulho, nessa embalagem, o espírito bamboleia de um lado para o outro ora entrando ora saindo dele, manifestando-se das mais diversas formas segundo a parapsicologia, o sincretismo, o espiritismo, etc, abundam as teorias mistas sobre a alma e o destino do homem, bem como a assumpção de uma forma não binária de encarar o homem, na história e no tempo da sua realização espiritual.

22.

A alam faz, então, esforço para sair de si, esforço para se integrar o corpo e o culturismo, o jogging, o ginásio, é índice de tudo isso, tudo se resume ao corpo, o corpo que embate com outro corpo na MMA, se enrola e enrosca com o outro em diversos sentido e com várias opções, sendo uma panaceia para o desalento civilizacional, enquanto o ascetismo para uns parece parvoíce e tontice, para outros é a única via para uma vida são, afinal para um corpo são, porque o que mais importa é o espírito e não a carne, sendo que um se relaciona com o outro e um comanda o outro na manifestação do seu interesse ante as coisas do mundo.

23.

Assim, chegamos a outro ponto: é a vontade do Outro e não a minha que impera e eu, para não ficar só, porque não aguento e é de certo modo anátema de toda a sociedade, faço o que o Outro quer, ou seja, aí radica todo o sentido da alienação dos tempos de hoje, quer seja em termos da relação a dois, que no conjunto da sociedade, na vida de todos os dias, sendo que o que importa é a minha representação social, quando a representação social é subsumida por alguns como sendo Deus...

24.

O comportamento sexual e social equivalem-se na forma como se desempenham no espaço, descartam-se de um momento para o outro para que o sujeito se possa servir mais ou menos convenientemente desses itens, alienar-se, no fundo, oferecer a sua vontade de viver ao Outro, que quando a tem nas mãos entra em pânico e é só ambulâncias a correr para trás e diante, num processo de substituição da vida perfeitamente desconjuntado. Neste sentido, não deveria ser a felicidade o sentimento de empatia para com o outro, como mostrou Francisco e Clara de Assis? Enquanto uns estão no registo da populaça, outros são jogados para fora e haverá mais malícia nisso do que o obsceno, ou seja, por outra via, há certos comportamento que são obscenos, para se acotovelarem e aparecer diante das câmaras, ser falado, ser conhecido, enquanto outros nem disso querem saber.

25.

E que papel tem o dinheiro em tudo isto? Enquanto uns ganham obscenidades e têm fortunas pornográficas, outros têm pouco ou nada, Portugal é um país desigual, do outro e do oitenta e seria pior se não tivesse aparecido a burguesia no século XVIII. E, mesmo a sexualidade, não tem grande mistério, a não ser que seja ela mesma ascética, as mulheres são como bonecas nas mãos de homens que apenas querem satisfazer os seus sentidos mais baixos, a sua animalidade, basta que ela não desenvolva muito as frases e diga sim ou não, não há lugar direito para um talvez, para um pensamento próprio, porque enquanto alguns fogem à rebanhada outros gostam de ir na chusma de vozes e odores dessa mesmo registo, é assim, onde há trampa normalmente há muito dinheiro...

26.

Porque quando és rico não te apercebes, nem sequer pensas ou escreves, vais gozando enquanto podes, sem grande alarido ou confusão e quando te vês sem recursos começas a estrebuchar e a gritas, a abanar as pernas de impaciência, tal é o silício da coisa. Porque, para muitos, não fazer nada, não agira, é uma forma de vida, deixam-se estar

no café todo o dia, dizendo mal de tudo e mais alguma coisa, destruir é mais fácil do que construir, seja, casas sejam edifícios teóricos filosóficos...

27.

O analista, portanto, enquanto escritor, também tem medo da morte, medo de a dose de obsceno ser exagerada e a de ascetismo ser insuficiente porque, como toda a gente, procura o equilíbrio, pois todos sofrem, entre o asceta e o pervertido sexual, e talvez o teórico seja o que mais sofre, mentalmente, a falta de sistematismo de certos discursos ou comportamentos, quando vê a porcaria das ruas, vê gente da cidade ser mais porca do que gente da aldeia, embora com menos recursos e vê, logo que sai da porta de casa, um tipo a cuspir para o chão e a jogar um papel fora, para o passeio, tudo comportamento que revela que os portugueses, na sua maioria, estão deprimidos, cheios de manias ou doenças psíquicas, quando poucos, enclausurados nas suas ordens profissionais, sistematizam isso, esse Mal que se instalou e instilou na sociedade portuguesa.

28.

Portanto, já não chega ser sincero para sobreviver, se for esse o termo, a questão, tens de ser ardiloso, perceber psicologicamente certas coisas, quando muitos apenas se ficam na sua idiossincrasia, seja porque querem ser os maiores de qualquer coisa, seja porque estão apenas bêbados ou drogados, querem aparecer, chegar-se à frente, outros não, escondem-se nos conventos e fazem juras a um Deus que dizem que vêem todos os dias mas que eu ainda não encontrei...

29.

Por vezes, percebes certas coisas mais na solidão do que noutro estado de espírito. Estás contigo mesmo, talvez Deus esteja contigo, preocupado contigo, tu que tens falta de respostas, recebe uma palavra, só mais uma para juntar às balelas que tens ouvido e que de certo modo te conduziram a essa condição. "Não compres livros" -diz a minha mãe quando lhe digo que vou receber, acabo por entrar numa outra forma narrativa, enquanto ainda estou só, nesta casa não entra ninguém senão eu á quase um ano...Que devo pensar? Ou não pensar, deixar escorrer o tempo, estar e permanecer quieto no meu canto?

30.

Sim, a vida nestes termos de Lisboa é onde andou Fernando Pessoa, um Desassossego, com a canção do jovem que andou nas obras em França. Entre o Salto e o Cacimbo anda o português, sorvendo o tempo, encostando-se aqui e ali, sistematizando umas vezes e outras ficando-se pela explicação simples. Acreditar, precisamos de acreditar em qualquer coisa e é sempre mais válido acreditar pela fé no Deus do que pelo ardor do

Diabo, voltamos ao binómio de sempre, o Bem e o Mal, o obsceno e o puro, ingénuo, como quando fomos crianças e vimos pela primeira vez mulheres nuas na revista Gina, fumando cigarros sem filtro Paris ou Provisórios e definitivos e quando havia filtro, fumávamos o Ritz...

31

Sim, porque para nós não era obsceno, era a descoberta da vida adulta, que se foi fazendo, entre dificuldades e algumas vitórias, "umas vezes forte e outras fraco", como diz a canção do Pedro Abrunhosa.

32.

Portanto, também a filosofia te pode salvar. Eu sou salvo todos os dias por ela, mas pela religião também. Que importa que me ofendam e criticam, coisas que nunca mais acabam, desde chulo a tarado, a pedófilo e gay, nunca mais acaba, vais saber. Mas persisto e tenho um refletor de crítica, um invento meu, que é Cristo, afinal, ele me ajuda sempre a sentir-me melhor, acima de toda a injustiça e de todo o Mal, afinal. Por vezes é preciso dizer tolices para teres amigos, adaptares-te, não pensares tanto por ti mesmo e apenas pela tua cabeça, porque tens de te adaptar, olha os bichinhos, como eles fazem, evoluem à lei da força, como os ucranianos que depois da crise que grassou o seu país nos anos dois mil ainda têm uma guerra...

33.

Não percas o sentido da realidade, seja ela social seja íntima e se perderes, procura rápido reencontrá-lo. A vida tem altos e baixos, picos e vão de existência. Não é linear, não é binária, tem muitos matizes, como tu tens nas curvas e reviengas do teu skate, da tua bola, do teu jogo de xadrez, se for caso disso...

A Meta que Foge: uma re-interpretação do voluntarismo

Argumento

O sexo, a sedução, é um *não querer-querendo*, por relação ao mundo, quando és frontal e dizes o que desejas, em contexto cosmopolita, urbano, acabas por deitar tudo a perder. Daí o voluntarismo e a ausência dele, na confluência das várias culturas em contexto citadino. É preciso criar um precedente, uma forma de agir, uma imagem, um lugar ao sol.

Desenvolvimento

1.

Isto porque alguns, a maioria, está mais preocupado com a impressão de que pode causar, do que realmente em si e isso tudo depende da deformidade dos media, ou seja, o que és para um pode não ser para outro, sendo que os media são laicos, obscenos, políticos e ocupam o lugar que Deus ocuparia noutros tempos. Por isso, o sujeito se cansa do voluntarismo e já que tudo isto é um circo, vamos então fazer circo. Em Lisboa.

2.

Assim, o homem está sempre procurando a meta no seu afã e arfar de realidade, mas esta vai sempre avançando, à medida que ele mesmo avança e é nessa fatalidade que vive a vida. Até um dia...

3.

Voluntarismo está ligado a solidariedade e certamente a uma herança cristã, diria até judaico-cristã. Porque uma atitude laica está ligada à implantação e legitimação das ciências sociais, que vêem a religião como mais um traço da cultura, ao lado de outros, a economia, a política. Está essa atitude, uma herança recente, desde o século XIX para cá ligada ao planeamento, a uma visão científica da cultura. Mas isto está a mudar, por parte da Igreja há também essa ideia de planeamento e explicação do homem como ser social e isso em nada retira à sua face sobrenatural, mística.

4.

Portanto, como deve a vida ser vivida? Por hedonismo ou por puro ascetismo, nas nuvens ou em terra? Mesmo o filósofo agarra-se à imanência quando se sente aflito, o mundo é a sua cãs e ele não quer morre, por mais agruras que experimente na sua existência, ao contrário de outros, que se fartam bem depressa.

5.

Deve-se ficar à espera, na espera dos dias e gerir o capital ou correr para a vitória desalmadamente, com ganas e fervor' A questão é tão velha quanto a humanidade, ou seja, enquanto uns são preguiçosos outros fazem demais e gozam de menos...

6.

Portanto, o homem oscila entre a honestidade e a desonestidade, entre o Bem e o Mal, numa visão maniqueísta implantada desde há séculos na sua mente e que condiciona o seu discurso e o seu comportamento. E essa conceção binária estende-se à sexualidade, está arreigada no mais íntimo do ser, enquanto há machos alfa generosos, voluntariosos, esse atributo parece pertencer aos "diferentes", àqueles que mais sofrem na pele a discriminação...

7.

Seguimos de perto três livros: *Elogio da Sede*, de Tolentino de Mendonça, *A Era das Revoluções* , de Eric Hobsbawm e *Ciência e Filosofia*, de R. Collingwood. O que é que estas obras têm em comum entre si? Teologia, História e Filosofia. O que nos conduzia até aqui? A marginalidade e a injustiça, a discriminação e o ostracismo. Mesmo assim, continuamos, os portugueses nunca gostaram de franceses nem de espanhóis, por nisso nada há que admirar, tudo estava planeado à partida.

8.

Na verdade, aquele que ofende o outro tem baixa auto-estima. Porque se precisa de apoiar no Outro para se afirmar.

9. "Sou etnóloga de mim-mesma" -dizia o prémio Nobel de Literatura deste ano.

10.

Na verdade, o que é a verdade? É a fama, o êxito, sucesso, o desfloramento do social, o êxito individual? E a solidariedade, como fica? Fica apenas para as circunstâncias iguais? Não pode ser um princípio orientador da acção? Tudo parece sem sentido neste mundo, mas tu és especialista em procurar sentido, em fazer remontadas, por isso persistes, vais adiante, muito mais além do que iria um ponta ou indo ao seu encontro mais além, à esquerda, à direita, tanto faz...

11.

O mundo, o teu mundo, deu um salto ao longe do pouco mais um ano. Tua apercebeste-te disso, porque estiveste atento, observaste, tiraste conclusões, falaste com as pessoas. Está no mesmo lugar e, no entanto, como mudou o mundo, entre a TV e a rua, apenas numa cidade? Como seria em Nova Iorque? Em Pequim ou Dili?

12.

A vida, filosoficamente falando, é essencialmente movimento, uns dizem devir, outros leêm Bergson, o que não quer dizer que não haja vida na contemplação, às tantas mais concentrado no espaço, mais nervosa e fervilhante... Entre um e outra vai o movimentos nos dias do jovem que trabalha por conta de outrem, porque é sempre complicado alguém fundar uma empresa quando se é jovem, por isso adquire alguma experiência e junta-se a um mestre, a quem sabe mais das coisas do mundo, para ganhar dinheiro, porque afinal, tudo se resumo a isso, à subsistência neste mundo agreste e complicado. Mas nem tanto, a receita é simples, é preciso é cabeça par ganhar dinheiro e a maioria tem ou não tem, por outro lado, adquire e outros como eu acabam por viver com pouco, ainda que felizes, desejando fazer muita coisa e apenas meditando naquilo que fizerem, de bom e mau, tendo também em conta os matizes intermédios entre branco e negro.

13.

Então, como interpretar a vida? Ela é surpresa, novidade a todo o momento, quando julgávamos entender a vida social, segundo modelos ora herdados ora apreendidos e aprendidos, tudo se desfaz e reconstrói de um momento para o outro, como no filme Rocky II...

14.

O que se nota em certos fenómenos sociais é que, ao mesmo tempo pode haver uma antropomorfização fenomenológica dos seres enquanto entidades supremamente ativas, atuantes e uma animalização mais ou menos subliminar, ou seja, se nos concentrarmos no homem percebemos que tanto se adapta ao meio ambiente quanto o domina...E isto é recorrente em contextos citadinos, sendo que em sociedades simples, tradicionais, também acontece inclusive muitos humanos tomarem o espírito do animal com quem convivem, seja turbulento seja doce e "amável". Gaston Bachelard tem uma aproximação fabulosa a esta questão na sua "Psicanálise do Fogo".

15.

Então, pensando ainda em filosofia e antropologia, será que estas ci~encias protegem os maus e não os bons, já que estão do lado das minorias, primariamente a primeira? Não, para além da questão do livre arbítrio, há o direito, a lei, a religião, estas ciências não podem ser uns fura minas do conhecimento, por vezes adiantando teorias totalmente desfasadas da realidade. E lembro-me também da filosofia e da geografia humana. São ciência ***nomoéticas*** (em vez de nomotéticas), atuam para além de qualquer verificação de culpabilidade ou juízo...

Mas, então, a quem servem as ciências sociais e a filosofia? Servem à literatura das coisas, ao enlevo diante do momento, entre problema equacionado de certa forma e solução equacionada de outra forma...

16.

Porque o Bem alimenta o Bem e a certo ponto (do Bem) somos egoístas, eis a natureza humana, mas antes isso do que estar sempre a insistir no Mal como se ele fosse produtivo, válido, legítimo...

17.

Por isso te digo, com veemência, não guardes a antropologia para ti e também não guardes a filosofia para ti, como se fosse um alimento intelectual que te torna num ser estranho (que se entranha) anónimo, cruel, ainda que sejas doce para com aos cães que sujam as ruas, ainda que sejas simpático, porque afinal tens bom coração, porque se não tivesses talvez não tivesses investido na religião em jovem, quando poucos o fizeram, mas tu só querias ter uma educação intelectual e tiveste-a, portanto, estás também além da América, para onde já devias ter ido, dado o volume e a qualidade do que escreves, inclusive do ponto de vista não somente literário, mas filosófico, ias ter com a Susan Sontag e a Laurie Anderson para trocar umas ideias na New School for Social Research.

18.

O voluntarismo, então, será uma espécie de religião, onde eu dou não para que dês, como sugerir o anti-utilitarismo de Marcel Mauss (Vide *Revue du Mauss*, na internet, uma pérola que explica muitas lógicas da sociedade actual, a primitiva e a moderna, em termos da troca simbólica e efectiva de bens entre indivíduos de grupos diferentes e do mesmo grupo), mas dou para que não dê a mim mas a outro... Estranha sentinela esta do capitalismo moderno face ao tradicionalismo das sociedades de solidariedade mecânica, mais atreitas a acreditar em Deus, quando em NYC só se acredita n'Ele depois de uma grande período de stress, assim dizem os filmes que recebo na minha "cable TV"...

19.

A ética da normatividade...por isso as ciências *nomoéticas*, não apenas subdisciplinas, mas grandes ciências, como a filosofia e a antropologia, mas também a geografia humana e a sociologia que põem o dedo na ferida quanto ao que é preciso fazer acerca do homem, além do Direito, alem da Economia e das Finanças, porque o homem não é um número, é um Ser e isto não assume nenhuma atitude mais ou menos transcendental, é qualquer coisa do âmbito do que temos dito neste ensaio e em outros anteriores...

20.

A via existencial não deixa de ser coisa especulativa, quando estás só, não deixas de pensar em mil e uma coisa e na morte, também, na tua como na dos outros e sabes, que mais cedo ou mais tarde, esse registo que és tu irá acabar, por isso optas por ser bom de coração, como sempre foste, ou seja, continuar a ser bom, mais e mais, cada vez mais, mas apercebes-te que os outros não te acompanham e que a maioria são ratos de esgoto... Que fazes, nessa situação? Tornas-te num deles? Não, manténs a tua conduto porque, ao menos, os jovens te vêem como exemplo e isso vale muito mais do que o exemplo de certos pais...

21.

É que a arte, verdadeiramente, não existe, é apenas um simulacro da mente objectivado no real, se quisermos, na realidade social que vai ser vista por todos os outros como obra de arte da autoria deste ou daquele e artista. O que existe é a crença em Deus, o ímpeto do voluntarismo para anunciar ao outro que Cristo é vivo e faz bem à saúde do mundo, ou seja, o ímpeto colonizador era também um ímpeto religioso, teogónico, como diria Paulo Borges...

22.

Mas... o que é afinal o Bem? Fazer o que os outros esperam de nós? Ser íntegro em nome daqueles que amamos? E o Mal? O que é o Mal? Matar e roubar é mal, sempre me ensinaram e há muita coisa de mal a ser feita se te entregares ao trabalho de o fazer, sendo que o mais difícil é fazer o bem e continuamente, ao longo de uma vida, de setenta, oitenta anos...

23.

Nesse registo continuas, analisando as coisas do mundo, enquanto as coisas do céu te esperar intermitentemente para se manifestarem à tua mente, porque afinal que terá razão, António Damásio ou Tolentino de Mendonça? Sim, a neuropsiquiatria ou a poesia de Deus? Já disse tudo, prefiro a poesia, se vier de Deus tudo bem, entendo-me bem com isso, porque, afinal, não tenho nenhuma *vendetta* em dia e apenas quero não sobreviver, mas viver, no pleno e teológico sentido da palavra...

24.

Depois, pensas na tua obra não como cálculo mas como oferta de generosidade em relação ao mundo, um mundo que te deu pouco, sempre tiveste de subir a pulso ao longo da vida para ter uma boa formação intelectual e maior parte das vezes sem afecto algum de ninguém, sempre exigiram demais de ti e pouco te deram, mesmo em Lisboa. Por isso continuas à espera, ainda lutando, ainda fazendo alguma filosofia e antropologia, sem subsídio ou bolsa alguma, a tuas custas, às custas dos teus irmãos,

diga-se em abono da verdade, a verdade existencial de ti mesmo, diria Virgílio Ferreira e porque estás em campo aberto continuas, isto é ser-se honesto, até ao fim, mesmo que só num apartamento apenas com a companhia do Silvestre, melhor, Farp…

25.

Enquanto muitos filósofos elaboram teoria e nunca se desviaram da filosofia, eu cá vou andando, tentando acreditar que a ciência social é também uma forma de filosofia, que a filosofia é também uma forma de antropologia, ou seja, temos basicamente várias opções no nosso destino existencial, isto a meu ver: ou somo etnólogo de nós mesmos, como foi a autora francesa, ou somo etnólogos tradicionais, seja dos outros, e essa é sempre a música através da qual tem de oscilar a nossa existencial, ou Eu ou o Outro…

26.

Na verdade, um e outra dá trabalho, a filosofia como a antropologia, não se extraem apotegmas do cérebro de uma momento para o outro, é preciso o crivo da experiência, os data, os dados, a experiência, e isso é mesmo antropologia, ouvia a opinião dos outros, a voz do mundo, mesmo que seja um eco direccionado ao infinito, tu tiras sempre alguma conclusão a partir da tua relativa pequenez enquanto observador-participante…

27.

Assim, escolhe uma vida sem vícios, sem tabaco nem álcool, mesmo que te achem chato, o mais importante é estar vivo, é o contrário de estar morto, diz o povo e tu adorar estar deste lado, mesmo chateando na revienga algumas almas que te foram entregues à consignação. São assim as relações sociais, custa dar, como diz o cantor David Fonseca, mas é dando que se recebe, D***o ut Des***, e lembra-te da dádiva, sê generoso, ao menos ficas em paz contigo mesmo, voluntarioso, pois então…

28.

Depois, tens de aprender um pouco de economia, ou seja, aprenderem a governar a casa como se fosse mordomo dela própria, ou seja, instilar no teu espírito uma ideia de eficiência e, além disso, de eficácia, para que não fiques a olhar para trás todos o todo e, afinal, ficar para trás no tempo. Portanto, são várias as variáveis que tens de controlar, desde o ecumenismo á economia…

29.

Eis, portanto, o instinto de sobrevivência a toda a prova depois de ver filmes americanos, enquanto o Ahmed da loja ao fundo da rua vai vendo Bollywood, pois todos precisamos de algum romantismo nas nossas vidas, nem que seja o romantismo das viagens, do deixar tudo para trás e ir para fora e daqui de onde estás, podes ir a muito

lugar e com certeza que não te vão receber mal em todos os lado, lembra-te, a viagem é longa, como diz a canção, mas já dizia Voltaire, vai até ao fim, nem que leves alguma pancada pelo caminho, pois afinal podias ter ido para a Legião estrangeira…

30.

Luta, luta sempre por atravessar essa névoa de leite que está diante da tua fronte, dos teus olhos, como se fosse um grande obstáculo, lavar ou secar, afinal sai leite em pó para dar aos meninos da escola. Resiste, dá resposta, aguenta, No Pain, No Pain!

31.

Pensa assim, remotamente, por muitas dificuldades passaste, mas agora estás livre, ainda por cima estás só, não sozinho, pois nunca ninguém está realmente só, diz a sociologia em particular e as ciências sociais em geral, podes fazer o que quiseres e nem precisas de muito dinheiro para te divertires, olha para a metafísica e a fenomenologia do vento, da chuva que te bate na cara e no pescoço, que te enerva de tão fria que é, porque não trouxeste o guarda-chuva da aldeia… Nem tudo é uma sessão de psicanálise, as coisas são simples, por isso aprecia as coisas simples, um bom prato de alheira ou mesmo um bitoque ou até um bom hambúrguer no MacDonalds acompanhado de uma pequena cerveja, que é o que estou a beber a esta hora…

32.

Escolheste a escrita e, no meio de tanta sorte, frustração e desilusão, até tens sorte, digamos, a tua arte aperfeiçoa-se com o tempo, por isso vai, persiste, esqueçe, nomeadamente a casa e deixa o gatito cuidar dela por umas horas e entre nesse metro que te leva até ao Cais do Sodré e vai até Cascais, pode ser que encontrar por lá alguém para conversas, e como diz a canção de Bobo Dylan, "não és velho, assenta, encontra uma miúda, podes casas se quiseres, olha para mim, sou velho mas sou feliz"…

33.

Por isso, não desistas de ser professor de Filosofia, é isso que quero dizer, come em ti o pulso do tempo, do momento quanto da estrutura, vai adiante, mesmo que andes aos ziguezagues, progride sempre um bocadinho, mesmo que estejas distraído e se errares mais além, não te cubra o pecado de vergonha e vai um pouco à missa, ou simplesmente à Igreja para te reconciliares com Ele, aquele que te deu vida pois é da tua cepa, portanto há qualquer coisa de sanguíneo nisto tudo, de identidade, de coração e firmeza, pois é, é a necessidade de ser um justo ao lado de outros, para de certa maneira os aguentar também um poucos do lado da justiça…

34.

E, apesar de tudo, tens uma patologia psiquiátrica, além de todos estes pensamentos que tens tido no âmbito das ciências sociais e da filosofia, até da psicologia, darias um bom psicólogo, quanto darias um bom sociólogo, mas não és, és antropólogo praticamente de nascença e filósofo por adoção ás várias universidades de Lisboa, a que alguns chamam de faculdades, onde existe o ensino de Filosofia e, afinal de contas, a Católica ensina ciências sociais pela tua *démarche* de ter vindo da teologia para a antropologia social, muitos se aproveitam disso para terem conveniência e brilho académico…mas isso são contas de outro rosários, qualquer dia ainda vais ajustar contas com quem se aproveitou do dinheiro do teu pai enquanto lá estiveste e violentou o teu corpo enquanto lá (não) estiveste…

35.

Tudo desemboca na psiquiatria, quem quer saber da religião, só as almas simples, ingénuas, que estão começando a sua ligação com o mundo…será mesmo assim? Nunca vi tão bom livro como A Essência do Cristianismo, de Ludwig Fuerbach, podia ter sido escrito hoje e hoje está mesmo actual, actualíssimo. Poucos se lembram disto. Ou não querem mesmo lembrar-se porque não lhe convém. Enquanto isso, Anselmo Borges fica na gaveta, ultrapassado por um tipo que estudou antropologia social e não creio que o Tolentino seja melhor escritor do que ele, que nem sequer é padre…

36.

De resto, de tanto saber, não sabes como andar. Destrinçaste um mundo, entre Eliade e Lévi-Bruhul, entre Beckett e Henry-Lévi, que também gostava da obra *Os Cús de Judas* , do Lobo Antunes, que vai doar todos os seus livros à biblioteca de Benfica, a nova. É assim a vida, enquanto alguns autores sortudos dão aulas, outros viajam a expensas de uma editora para encher o olhar dos seus leitores de província que nem se atrevem a aproximar-se de Lisboa porque temem o Novo Mundo…

37.

Vivemos numa sociedade que está atrasa em tudo menos no turismo e no vinho. A doença mental é tabu, tanto vês gente triste, imensamente deprimida, quezilenta, quanto alegre, eufórica, como se tivesse duma rave de mais de três noites e três dias seguidos. Não costumo cuspir no prato em que como, mas há certas coisa que não tolero ver. A injustiça face ao esforço e ao talento. Porque são sempre os mesmos. Depois, a sexualidade. Todo o tipo quer arranjar uma honesta para dar as suas cavacadas por fora. E dizem que é o espírito de Lisboa. *The Lisbon State of Mind*, como alguém gravou numa camisola branca e andou anunciando Lisboa fora e adentro… E é nestas tristes circunstâncias que acabamos este ensaio…